

Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ
Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde

RACHEL DE ALMEIDA VIANA

**ENCONTROS ETNOGRÁFICOS E ANTROPOLOGIA EM REDE: A FAVELA DO
JACAREZINHO E A PESQUISA DE ANTHONY E ELIZABETH LEEDS NA DÉCADA DE
1960.**

Rio de Janeiro
2019

RACHEL DE ALMEIDA VIANA

**ENCONTROS ETNOGRÁFICOS E ANTROPOLOGIA EM REDE: A FAVELA DO
JACAREZINHO E A PESQUISA DE ANTHONY E ELIZABETH LEEDS NA DÉCADA DE
1960.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de concentração: História das Ciências.

Orientadora: Profa. Dra. Nísia Trindade Lima.

Rio de Janeiro
2019.

**ENCONTROS ETNOGRÁFICOS E ANTROPOLOGIA EM REDE: A FAVELA DO
JACAREZINHO E A PESQUISA DE ANTHONY E ELIZABTH LEEDS NA DÉCADA DE 1960.**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor. Área de concentração: História das Ciências.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Nísia Trindade Lima (orientadora)
(PPGHCS/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz)

Profa. Dra. Mariana Cavalcanti
(IESP/UERJ)

Profa. Dra. Cecília da Silva Azevedo
(Departamento de História - UFF)

Profa. Dra. Tânia Maria Fernandes
(PPGHCS/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz)

Profa. Dra. Luciana Quillet Heymann
(PPGPAT/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz)

Suplentes:

Prof. Dr. Lucas Correia Carvalho
(Departamento de Sociologia e Metodologia em Ciências Sociais/UFF)

Prof. Dr. Rômulo de Paula Andrade
(PPGHCS/Casa de Oswaldo Cruz/Fiocruz)

Rio de Janeiro

2019

Ficha Catalográfica

V614e Viana, Rachel de Almeida.

Encontros etnográficos e antropologia em rede : a favela do Jacarezinho e a pesquisa de Anthony e Elizabeth Leeds na década de 1960 / Rachel de Almeida Viana. – Rio de Janeiro : s.n., 2019.
353 f.

Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Fundação Oswaldo Cruz. Casa de Oswaldo Cruz, 2019.
Bibliografia: 320-332f.

1. Antropologia Cultural. 2. Áreas de Pobreza. 3. História do Século XX.
4. Brasil.

CDD 307.3364

Para minhas bisavós, D. Eugênia e a Véia Rachel.

Para as minhas avós Amélia, Otacília e Daria.

Para minha mãe, Jandira, e meu pai, Edvand.

Refazenda toda a guariroba

Só a sombra da lembrança já dá gastura. De doutorado, foram quatro anos e uns quebrados correndo contra o tempo, deixando a vida pra escanteio. Fora os anos de mestrado. Nesse ínterim, muita coisa aconteceu enquanto eu permanecia enclausurada, pensando e repensando, escrevendo e reescrevendo, fazendo e refazendo a tese. Sozinha, eu não teria suportado todas as tranqueiras e enfezamentos, no sentido mais etimológico do termo, típicos desse trabalho de constantes refazimentos.

Em primeiríssimo lugar, agradeço à Nísia por ter aceitado me orientar no mestrado e no doutorado. Ela acompanhou todas as etapas dessa gestação, desde 2010, sendo também a parteira desta tese. Também agradeço pela sua produção intelectual e pela gestão (Eleita!!!) da Fiocruz nesse momento sombrio que atravessamos. Sua inteligência e elegância ao lidar com as situações mais adversas; seu forte pendor e apreço pelo trabalho coletivo, cooperativo e democrático foram fontes de intenso aprendizado e inspiração para a minha vida, não só para o trabalho intelectual. Isso me dá esperança por dias melhores. Obrigada, Nísia! *Tamo junta!*

Pude contar sempre com a colaboração de Eneida Guerra. Incansável e impecável. À ela devo, além dos agradecimentos, algumas caixas de cerveja bem gelada.

Tânia Fernandes e Marcos Chor acompanharam todo o processo desde o mestrado. Robert Wegner, Marcos Cueto, Simone Kropf e Gilberto Hochman, meus eternos professores. Ana Venâncio e Maria Rachel, que me avaliaram na disciplina Seminários de Pesquisa. Agradeço imensamente o apoio, incentivo, acolhimento, críticas, interlocução, tudo!

Agradeço à Fiocruz, que me concedeu a bolsa de estudos, fundamental para o custeio da pesquisa, e à toda a equipe da COC, cujo trabalho e seriedade viabilizam as pesquisas do PPGHCS.

Anthony Leeds apareceu na minha vida graças ao projeto da Nísia, que por sua vez, só foi possível graças à doação do acervo por Liz Leeds e à intermediação de Lícia Valladares. À elas, não há *muito obrigada* que dê conta do apoio que me deram. Este não foi somente o acolhimento, a solicitude e disponibilidade de interlocução, mas o legado intelectual e o conjunto de toda a obra que deixaram para as futuras gerações de pesquisadores.

Eu não teria conhecido Tony sem a intermediação de Ana Luce Girão Soares de Lima e de Danielle Cristina dos Santos Barreto. Amigas, irmãs, parceiras, pura magia, sons, luzes e cores!! Nesse bolo onírico, também estão Aline Lacerda, Regina Marques, Roberto Jesus Oscar, Vinícius Pequeno, Maria Inês Fernandes (Nenê Canivete), Marquito, Bruno Ventura, Lelena e toda a equipe da exposição “O Rio que se queria negar”. Todo o processo foi um aprendizado valiosíssimo para mim. Também agradeço à

Beth Abel, do Museu da República. Beth foi quem me disse, na adolescência, que eu gostava de História, mas não sabia. Minha história me mostrou que Beth tinha razão, mais uma vez.

À Professora Yolanda Lima Lobo que me incentivou a dar continuidade à pesquisa no doutorado. Muito Obrigada!

Luiz Antônio Machado da Silva segue sendo, firme e forte, a luz inspiradora de novas gerações de pesquisadores. À ele agradeço a entrevista concedida à mim e à Nísia, a disponibilidade de interlocução, além de todo o conjunto de sua obra.

Agradeço imensamente à Mariana Cavalcanti pela interlocução, solicitude e força nos momentos de fragilidade. Eu a conheci na preparação da exposição e do seminário em 2015. Desde então, faço consultorias à sua sagacidade, inteligência e bom humor. Suas sonoras gargalhadas tem o poder de salvar qualquer doutorando dos enfezamentos. Suas observações e críticas, o poder de fortalecer qualquer tese. Obrigada por tudo, Mari!!

Agradeço ao grupo de orientação coletiva da Casa IESP, cujas sugestões e observações foram valiosíssimas para a finalização de um dos capítulos da tese. Também agradeço a Rafael Soares, Mauro Amoroso e Mário Brum pela interlocução em congressos, seminários e defesas de tese.

Agradeço aos meus colegas da COC, em especial Bené e Maria Gabriela que conheci no doutorado; Dênis Jogas, Luciano Caldas, André Luiz Lima, Eliza Vianna, Gabriel Anaya e Ana Rocha, desde o mestrado; Daniele Fialho, desde a graduação.

Agradeço à James Wygand pela entrevista concedida e à família Tavares Meira por me abrigarem e cederem o espaço da casa deles para a realização desta. À Sérgio, meu primo e irmão mais velho, agradeço sempre.

Maluca cisma demais. Eu cismeiei com o 37 ICA. Passei noites em claro por causa dos trabalhos completos que não encontrava. Pedi ajuda aos bibliotecários, que prontamente me atenderam. Agradeço à equipe da Biblioteca da COC e da Biblioteca do Museu do Índio, que lamentavelmente está fechado ao público. Também agradeço à equipe da Biblioteca do IESP e do Museu Nacional, também fechado. É revoltante ver pesquisas, museus e bibliotecas esvaindo-se no fogo das mediocridades. Como escrever tese com cinzas? Você que me lê e entende o recado, abrace-o. Se não, seremos só trevas e cinzas. Meus agradecimentos à Jane Vitória Guzmán, que me abraçou nessa busca insana. Através dela, acionamos Eugenia Bianchi, bibliotecária do Instituto Gino Germani, a quem também agradeço. Nessa cisma, também me abraçou, mais uma vez, Paulo Ignacio Correia Villaça, meu irmão, o grande lance. Pura sorte, saúde e iogurte nessa jornada! Obrigada, π!!

Agradeço aos amigos/companheiros de vida da Jornada Permanente, das Virgulinas e da Curriola. Julia Benjamin, Isabela Zyro, Aline Marinho, Glória Rodrigues, Lucília Aguiar, Camila Félix e Alex Cortes nunca me esqueceram, apesar do meu sumiço. Aline Torres e Ellen Vogas, como sempre, foram o apoio emocional e intelectual para eu começar, continuar e terminar a tese. Elas *sacam dos paranauê tudo*. Muito obrigada, sempre!!

Agradeço, mais uma vez, à Celina Guimarães, que cuida da minha saúde mental. Tarefa árdua...

Agradeço aos meus estudantes do C. E. Compositor Luiz Carlos da Vila, cuja dificuldade para cursar o ensino médio é maior do que a minha em terminar um doutorado. Sigamos refazendo a luta pelo direito à vida e pela educação democrática, pública, gratuita e de qualidade. Nunca foi tão necessário ter jovens conscientes de que letramento e exercício do direito à vida e à educação constituem, hoje, atos de rebeldia. *Tamo junto e misturado! É nós* na refazenda e *os pleiba* no latifúndio!

Aos meus pais, Jandira e Edvand, busco palavras para conseguir agradecer a força e a confiança depositada em mim. Enquanto eu duvidava que conseguiria concluir, eles insistiam em botar a certeza nua e crua diante dos meus olhos. Como é que a gente agradece mãe e pai devida e justamente? *Muito obrigada* não traduz tudo. É tanto amor, que mareia os olhos e faz a gente se afogar nas lembranças, afetos, gestos e em todo o intraduzível. Não dá pra escrever. Aos meus irmãos Cacá (*in memorian*) e Luís Clemens, também agradeço, apesar de todos os nossos pesados pesares. À Nutella e Biriguiño, meus filhos caninos, agradeço a companhia nas duras horas de escrita e a interrupção forçada para me lembrar da existência do sol e da luz do dia. À Clara, minha afilhotinha, e seu irmão Pedro, agradeço por me mostrar a alegria de viver, brincar e sonhar.

Luis Mario chegou na minha vida, no seu Marola Prateado, em setembro de 2013. *Na humildade e sem caô*, diz dele. Estava eu no mestrado quando nos conhecemos, em greve e acampados na escadaria da ALERJ. Desde então, vivenciamos de mãos dadas greves, sprays de pimenta, bombas de lacrimogêneo, balas de borracha, as “medidas administrativas” das gestões estaduais do RJ, as aulas planejadas mas brochantes, as não planejadas mas excitantes, o final do mestrado, todo o processo do doutorado, cinco anos sem reajuste, atrasos de pagamento, tiroteios em escolas, entre outras quilometragens rodadas. Realizamos alguns sonhos, projetamos outros. Tivemos inúmeras perdas e alegrias. Como é que agradece tanta história compartilhada, tanto aprendizado? Volto a ser afogada pelo oceano dos olhos, pelo intraduzível, pelo inenarrável. Ao Luis devo as cores, as dores e as delícias de construir e compartilhar toda a poesia, as refazendas e as caminhadas do dia a dia.

Sigamos todes refazendo tudo, refazenda toda a guariroba.

RESUMO

Esta tese apresenta as pesquisas realizadas na favela do Jacarezinho – Rio de Janeiro – pela rede de pesquisadores reunida em torno de Anthony e Elizabeth Leeds durante a década de 1960. Sendo a primeira etnografia realizada nas favelas do Rio de Janeiro, a pesquisa resultou em uma das principais obras de referência nos estudos urbanos dedicados aos *squatter settlements* – assentamentos não controlados – habitados pela população de baixa renda na América Latina: *A sociologia do Brasil urbano* (LEEDS e LEEDS, 2015 [1978]). A tese procura analisar as condições para a construção de um estudo etnográfico nas favelas do RJ nesse período, contribuindo para a análise das relações entre antropólogos estadunidenses, programas de cooperação internacional e a constituição dos estudos urbanos no Brasil. Contribui também para uma melhor contextualização da atuação dos voluntários do PC nessas pesquisas.

Favorecida pelo intenso uso das fontes reunidas no arquivo pessoal privado do antropólogo Anthony Leeds, a reconstituição dessa etnografia embasou-se nas notas de campo elaboradas por estes pesquisadores, relatórios de trabalho dos voluntários do Peace Corps, relatórios de visita da ACB, cartas, jornais, informativos, textos, entre outros documentos componentes do acervo, custodiado na COC e no NAA/SI. Também contou com os depoimentos orais de Elizabeth Leeds, Luiz Antônio Machado da Silva e James Wygand, além de texto autobiográfico não publicado de Anthony Leeds.

A tese discute os principais debates levantados pela antropologia do período, influenciados pelo contexto da Guerra Fria e das ditaduras militares estabelecidas na América Latina; a atuação das agências internacionais de cooperação técnica dos EUA no âmbito das políticas públicas destinadas à população residente nas favelas do Rio de Janeiro; a transformação dos voluntários da paz em pesquisadores das favelas; os principais personagens, eventos políticos e disputas ocorridas na favela do Jacarezinho; e a colaboração de Flávio Romano, morador do Jacarezinho, nesta rede de pesquisadores. Demonstra que esta rede de pesquisadores construiu a base empírica para fazer um contraponto às teorias da cultura da pobreza e da marginalidade urbana, por vezes usadas como justificativa para as políticas remocionistas do período.

ABSTRACT

This thesis introduces the Jacarezinho favela researches, in Rio de Janeiro, by a researchers web formed around Anthony and Elizabeth Leeds during the 1960 decade. This researches was the first ethnography done in Rio de Janeiro favelas, that had bring about the one of the most important reference in urban studies dedicated to the urban squatter settlements in Latin America. It was the book *A sociologia do Brasil urbano* (LEEDS e LEEDS, 2015 [1978]). The thesis analyses the construction of this ethnographic research and give its contribution to a better knowledge to the following items: the relationship between USA anthropologists and favelas dwellers, the international cooperation programs, the urban studies consolidation in Brazil, and the Peace Corps Volunteers performance in this researches.

By using the Anthony Leeds personal archive documents, the thesis have been based in a such peculiar documents accumulated by this anthropologist: the researchers' fieldnotes, the PC relatories, the ACB ones, letters, newspapers, and many other types of documents. That personal archive is kepted in custody in two different institutions: the Casa de Oswaldo Cruz - Oswaldo Cruz Foundation, in Brazil, and the National Anthropological Archives – Smithsonian Institute, in USA. In addition to these documents, the Elizabeth Leeds, Luiz Antônio Machado da Silva and James Wygand oral testimony had been used as a reference for the thesis. The Anthony Leeds autobiographic text, not published yet, was a such significant document too.

The thesis discuss the most important themes for the anthropology discipline in that period, that had been suffered the Cold War and the Military Dictatorship regime in Latin American influence; the USA international agencies for technical cooperation performance in the Rio de Janeiro favelas; the Peace Corps Volunteers developing into favelas researchers; the most relevant persons, political happenings and wrangling occurred in Jacarezinho favela; the collaboration of a favela dweller, Flavio Romano, acting as a research partner of that researchers web. The thesis shows the empiric basis construction by these researches whose results was worked for the poverty culture theory and marginality overcoming, used to serve as an excuse for the removing politics during the 1960 decade.

LISTA DE SIGLAS

37 ICA – 37 International Congress of Americanists – Congresso Internacional de Americanistas

AAA – American Anthropology Association

AAAS – American Association for the Advance of Science

ABESS – Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social

ACLU – American Civil Liberties Union

ACB – Ação Comunitária do Brasil

AI-5 – Ato Institucional número 5.

AID – Agency for International Development

APP – Aliança Para o Progresso

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

ARPA – Anthropologists for Radical Political Action

BEMDOC – Brasil Estados Unidos Movimento de Desenvolvimento e Organização de Comunidade

BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento

BNH – Banco Nacional de Habitação

CBAR – Comissão Brasileiro Americana de Educação para Populações Rurais

CBAI – Comissão Brasileiro Americana de Educação Industrial

CEE – Comissão Estadual de Energia

CENPHA – Centro de Pesquisas Habitacionais

CETEL – Companhia Estadual de Telefones da Guanabara

CIA – Central Intelligence Agency

CLAPCS – Centro Latino Americano de Pesquisas em Ciências Sociais

CNER – Comissão Brasileiro Americana de Educação Rural

CTF – Centro de Trabalhadores Favelados

COC – Casa de Oswaldo Cruz

COHAB – Companhia de Habitação Popular do Estado da Guanabara

COPEG – Companhia para o Progresso do Estado da Guanabara

CODESCO – Companhia de Desenvolvimento de Comunidades

DAD/COC – Departamento de Arquivo e Documentação da Casa de Oswaldo Cruz

DOC – Desenvolvimento e Organização de Comunidade

DRF ou CRF – Departamento de Recuperação de Favelas. Segundo Leeds e Leeds (2015: 316), o

termo “departamento” era abreviado “C” no Estado da Guanabara no período.

ECOSOC- UN – Economic and Social Council/ United Nations

FAFEG – Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara

FMI – Fundo Monetário Internacional

IBM – International Business Machines Corporation

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais

IPES – Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais

MDB – Movimento Democrático Brasileiro

NAA/SI – National Anthropological Archives/Smithsonian Institute

NACLA – North American Congress on Latin America

NSF – National Science Foundation

NTM – Bloco Carnavalesco Não Tem Mosquito

OSS – Office of Strategic Services

OEA – Organização dos Estados Americanos

PAU – Pan American Union

PC – Peace Corps ou Peace Corps Volunteers

PDS – Partido Democrático Social

PFL – Partido da Frente Liberal

PSD – Partido Social Democrático

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

RA – Região Administrativa

SAGMACS – Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas às Ciências Sociais

SERFHA – Serviço Especial de Recuperação de Favelas e Habitações Anti-Higiênicas

SSR – Serviço Social Rural

SSS – Secretaria de Serviços Sociais

SURSAN – Superintendência de Urbanização e Saneamento

UDN – União Democrática Nacional

UN / ONU – United Nations / Organização das Nações Unidas

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UJ – Grêmio Recreativo de Escola de Samba Unidos do Jacaré

USAID – United States Agency for International Development

UTF – União dos Trabalhadores Favelados

OBS.: A indicação de autoria das notas de campo analisadas na tese foi feita com as iniciais de seus respectivos autores. São eles:

AL – Anthony Leeds;

EL – Elizabeth Leeds;

PR – Peggy Rockefeller;

DM – David Morocco;

PS – Paul Silberstein;

KE – Ken Erickson;

JP – Janice Perlman

SUMÁRIO

Introdução	pg 1		
As fontes desta pesquisa – contexto de produção e abordagem	pg 10; A etnografia como prática científica – reflexões e perspectivas pg 26; Apresentação dos capítulos pg 39		
Capítulo 1 – A antropologia na e da Guerra Fria: os debates e as redes científica e institucional de Anthony Leeds na década de 1960	pg 43		
1.1 – Os debates das ciências sociais sobre pobreza na década de 1960	pg 50		
1.2 – A antropologia dos EUA e seus debates na Guerra Fria	pg 56		
1.3 – Favelas e agências internacionais: as ciências sociais na agenda do desenvolvimento	pg 72		
Capítulo 2 – De voluntários a pesquisadores: os jovens do Peace Corps e a construção de uma rede de pesquisa em torno de Anthony Leeds	pg 98		
2.1 – Os voluntários do Peace Corps e a rede de pesquisa	pg 104		
2.2 – Anthony Leeds e suas notas de campo: o lugar das interlocuções e interações na construção do saber científico	pg 128		
2.3 – A elaboração das notas de campo: atando os nós de uma rede científica e cruzando as redes do campo.	pg 137		
<i>A colaboração de Elizabeth Leeds</i>	pg 137; <i>A colaboração de Peggy Dulany Rockefeller e David Morocco</i>	pg 143; <i>As contribuições de Ken Erickson, Paul Silberstein e Janice Perlman</i>	pg 150
2.4 – A fofoca no campo	pg 151		
<i>O registro da fofoca – entre a descrição e a indiscricção</i>	pg 155; <i>A fofoca entre os moradores – redes em interação</i>	pg 157; <i>O antropólogo como alvo da fofoca – criação e manutenção de vínculos ou interação entre as redes</i>	pg 161
Capítulo 3 – A etnografia, suas redes e o campo: notas sobre encontro e interlocução com os moradores do Jacarezinho.	pg 164		
3.1 – Empreendimento e trabalho	pg 172		
3.2 – Vida social	pg 186		
3.3 – Atuação política e Ditadura Militar no Jacarezinho	pg 203		
3.4 – A política da vida material e a materialidade da vida política	pg 212		

As panelinhas e suas dinâmicas pg 213; *Água e luz* pg 221; *A tensão política dos moradores na eleição para a associação de moradores do Jacarezinho em 1967*.... pg 236; *O que pensam, o que dizem: a política nas representações dos moradores* .. pg 242; *O Bloco e a Escola de Samba* .. pg 244; *As favelas na Teoria de Classes Sociais* pg 247

Capítulo 4 – Flávio Romano: um interlocutor e observador privilegiado na colaboração científica

.....	pg 250
4.1 – Colaboração com os pesquisadores e a condição de observador privilegiado	pg 259
4.2 – O jogo etnográfico e outros jogos	pg 267
4.3 – Muito além do jogo etnográfico: laços e gestos na interação com os pesquisadores	pg 273
4.4 – As observações de Romano sobre as agências internacionais e seus profissionais	pg 275
4.5 – As observações de Romano sobre a política na favela	pg 281
4.6 – Gozação e ironia: Romano e suas circunstâncias	pg 289
Conclusões	pg 293
Anexos.....	pg 306
Bibliografia.....	pg 320
Fontes Primárias.....	pg 333
Fontes Orais	pg 338

INTRODUÇÃO

A década de 1960, marcada por guerras, ditaduras, movimentos de contestação, entre outros processos, também foi envolvida por grandes debates dentro da antropologia, cujo cerne acompanhava estes acontecimentos históricos. No contexto da Guerra Fria, o conflito ideológico entre comunistas e capitalistas caminhou ao lado de debates no âmbito das ciências sociais sobre desenvolvimentismo, modernização e suas contrapartes – o subdesenvolvimento, a formação do chamado terceiro mundo e os meios para acelerar a escalada deste em direção ao que se supunha ser o ideal de desenvolvimento. No que concerne ao Brasil, a mudança da capital federal para Brasília impulsionou a discussão já existente e que eram consideradas exemplos de manifestações do subdesenvolvimento em plena capital federal: o êxodo rural de massas de pessoas para as cidades, acompanhado das aglomerações urbanas de casas de baixa renda. As favelas, tema presente nas artes (LIMA e VIANA, 2018), ganhavam espaço cada vez maior dentro desse debate iniciado no final do governo JK, motivado justamente pelos gastos com a mudança da capital, enquanto era mais emergencial “solucionar o problema” do Rio de Janeiro (LIMA, 1989; MELO et al, 2012). Diante de tal demanda política emanada por atores que seriam posteriormente protagonistas do golpe militar de 1964, as favelas se destacaram com maior vigor aos olhos de cientistas sociais brasileiros.

Na década de 1960, as favelas já estavam em evidência na produção literária, teatral, cinematográfica e jornalística. Ainda em 1911, o Morro de Santo Antônio foi mostrado por João do Rio no conto *Os livres acampamentos da miséria*, integrante do livro *Vida Vertiginosa*. Ao acompanhar um grupo de seresteiros que subia o morro, saindo do Largo da Carioca, descreve suas ruas sinuosas, casas de tábuas e caixas de madeira, os estabelecimentos e pessoas pobres, associando favela e pobreza e a ideia de que era uma cidade dentro da cidade. Uma vila de miséria indolente (RIO, 1911). Na década de 1960 a favela será mostrada na literatura pela narrativa de uma moradora, Carolina Maria de Jesus, em *Quarto de Despejo* (1960) na qual a autora associava a favela à fome e à pobreza (LIMA e VIANA, 2018: 784).

No cinema, sua imagem remota ao ano de 1935 no longa metragem *Favela dos meus amores*, de Humberto Mauro¹. Filmado no Morro da Providência, o filme conta a estória de dois parisienses que chegam ao Rio de Janeiro e montam um cabaré no morro (SANTA HELENA, 2015: 1). Nas décadas de 1950 e 1960, o cinema deu outro impulso à veiculação da imagem da favela com as obras *Rio 40 graus*

1 Conforme a pesquisa de Santa Helena (2015), todas as cópias do filme foram perdidas devido ao incêndio ocorrido nos estúdios da produtora Brasil Vita Filmes, ou devido à ação do tempo.

(1955) e *Rio Zona Norte* (1957), de Nelson Pereira dos Santos; *Orfeu do Carnaval* (1959), de Marcel Camus; *Cinco vezes favela* (1962) de Cacá Diegues, Marcos Farias, Miguel Borges, Joaquim Pedro de Andrade e Leon Hirzman; *Fábula (ou meu lar é Copacabana)* (1962), de Arne Sucksdorff (LIMA e VIANA, 2018; SANTA HELENA, 2015).

Nas artes cênicas, a peça *Eles não usam black tie* confere grande visibilidade às favelas (LIMA e VIANA, 2018: 784). Apesar do tempo passado entre 1911 e a década de 1960, houve continuidade na associação entre favela e pobreza nas expressões artísticas que a retrataram (LIMA e VIANA, 2018: 784). Por outro lado, a presença de moradores de favelas nas artes cênicas tornou-se mais intensa na década de 1950 com a inauguração do Teatro Experimental do Negro, projeto elaborado por Abdias do Nascimento após a sua experiência no Teatro do Sentenciado (SILVA, 2013: 52, 54; NASCIMENTO, 2002).

Na produção das ciências sociais, os principais estudos de referência sobre as favelas tomam força a partir da década de 1960 após o estudo da Sociedade de Análises Gráficas e Mecanográficas Aplicadas às Ciências Sociais – SAGMACS *Aspectos Humanos da Favela Carioca*, na qual o Jacarezinho figura entre as favelas selecionadas para a coleta de dados (LOPES, 2018: 190, nota 539). Logo, na década de 1960 a favela já era visitada por pessoas de fora e já era alvo de atenção de diversos profissionais da arte. Seus moradores, portanto, já conviviam com pessoas que lá iam na intenção de produzir suas obras ou estudos. A presença de pesquisadores das ciências sociais, incluindo aí os profissionais do serviço social, também não era novidade, tendo em vista os estudos de Vitor Tavares de Moura, da SAGMACS, de Carlos Alberto de Medina, além dos já citados assistentes sociais (LIMA e VIANA, 2018; LEEDS e LEEDS, 2015). A partir de 1965, portanto, a novidade para estes moradores era o compartilhamento do local de moradia e das condições materiais de vida com pesquisadores, sobretudo com estrangeiros. Afinal, foi neste ano que as pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds impulsionaram diversos pesquisadores a residirem nas favelas para a realização da observação participante, o que não era comum entre os cientistas sociais brasileiros.

Sendo ainda hoje um estudo referência nas ciências sociais brasileiras, *Aspectos Humanos das Favelas* foi realizado em 1960 pela SAGMACS por encomenda do jornal *O Estado de São Paulo*, chefiado por Júlio de Mesquita Filho, a pedido do jornalista Carlos Lacerda, notadamente contrário à transferência da capital federal para Brasília (MELLO et al, 2012; LIMA, 1989). Mesmo sendo o primeiro estudo de fôlego, a observação participante dos pesquisadores envolvidos não previa a moradia destes nas favelas. Desde então, a favela tem sido estudada mais sistematicamente pelas

ciências sociais, ao mesmo tempo em que também vinha sendo alvo de diversas políticas que acompanham os estigmas a elas atribuídos historicamente – enclaves rurais na cidade, símbolos de atraso, antros de doenças, vícios, marginais, entre outros (VALLADARES, 2005; LIMA e VIANA, 2018). Apesar de ser um estudo basilar para a compreensão das favelas, muitos pesquisadores da atualidade tomaram conhecimento deste estudo a partir da obra *A Sociologia do Brasil Urbano*, de Anthony e Elizabeth Leeds. *Aspectos Humanos das Favelas* é referenciado pelos Leeds da seguinte maneira: *O estudo da SAGMACS é ainda hoje o melhor e mais precioso relatório publicado sobre favelas no Rio. Nele nos baseamos em muito para certos aspectos da história administrativa, uma vez que seu material factual parece digno de confiança* (LEEDS e LEEDS, 2015: 303).

Paralelamente, a antropologia estadunidense desse período acompanhou ora as demandas políticas de seu país e suas agências governamentais, ora o espírito de contestação e crítica (SOLOVEY, 2010; FIGUEIREDO, 2009; STOCKING JR, 2010). Sendo uma disciplina cujos profissionais vinham de longa data buscando mostrar sua utilidade prática e captar credibilidade pública, a antropologia passou a ser valorizada pelo governo Kennedy durante a Guerra Fria. Junto com as discussões acerca do desenvolvimento, do anticomunismo e da contrainsurgência, havia a discussão crítica ao conservadorismo destes estudos, bem como à tentativa de aplicação prática da disciplina (SOLOVEY, 2010; LOPES, 2018). Entre os antropólogos norte americanos, estavam em disputa o conceito de desenvolvimento (ANDRADE, 2015; FRANK, 1968; LEEDS, 1967; STAVENHAGEN, 1965) e a aplicação da antropologia aos programas de desenvolvimento. Estas disputas foram travadas pelos técnicos dos programas realizados em países envolvidos na política de boa vizinhança estadunidense. Nesse período, agências internacionais como a USAID e a APP investem boas somas de capital financeiro e humano em projetos e programas de cooperação técnica para a promoção do desenvolvimento de áreas empobrecidas, usando a *expertise* de profissionais da antropologia em seus quadros. No caso do Brasil, as favelas figuram entre estes locais de atuação de algumas destas agências, mais precisamente, o projeto Brasil Estados Unidos Movimento de Desenvolvimento e Organização de Comunidade – BEMDOC e o Peace Corps – PC.

É nesse contexto que as favelas serão objeto de estudo de uma rede de pesquisadores estadunidenses e brasileiros que se encontrarão na prática do trabalho de campo (VALLADARES, 2005). Reunidos em torno da pesquisa empreendida nas favelas pelo antropólogo estadunidense Anthony Leeds a partir de 1965, estes pesquisadores também encontrarão as redes tecidas no âmago da própria localidade, onde as disputas, alianças, afetos, gestos, falas, lembranças, modos de pensar,

representar, significar e viver constituem o saber científico. As grandes questões que moviam Anthony e Elizabeth Leeds eram, além da formação de uma análise de classes que superasse as dificuldades da dualidade marxista, a sua contrariedade aos mitos da ruralidade urbana, da teoria da cultura da pobreza e a teoria da marginalidade. Nesse sentido, os Leeds esforçavam-se para mostrar a vida pulsante das favelas naquele período e seus inesgotáveis capitais em suas mais variadas formas.

Diante da complexidade social e política apresentada nas favelas, devidamente registrada em seus diários de campo, os pesquisadores contribuíram para forjar um grupo dentro das ciências sociais que aprofundou as críticas à teoria da marginalidade e da cultura da pobreza. Se até aquele momento, as críticas feitas não tinham ainda uma demonstração empírica suficiente para desmistificá-las (KATZ, 1989), dali por diante, esta rede científica que se formou em torno da pesquisa de Anthony e Elizabeth Leeds passou a ter os dados e a vivência necessária para fazer o contraponto empírico à teoria da cultura da pobreza e trazer mais elementos para o debate em torno da teoria da marginalidade e do desenvolvimento.

Desde o primeiro contato com os documentos do Fundo Anthony Leeds em 2010, dos quais fiz a identificação preliminar, foi possível verificar as redes de relações construídas naquele contexto histórico específico. Na medida em que aqueles pesquisadores dedicados às favelas, naquele momento, tinham como fontes os moradores, eu, na condição de pesquisadora da História da Ciência, me apropriava das fontes produzidas pela interação daqueles sujeitos do conhecimento – as notas de campo e demais registros resultantes desta interação. Estava lidando com um tipo de documentação que apresentava diversas formas de escrita e que espelhava as interações das diversas subjetividades, emoções e vivências que resultavam numa outra perspectiva de entendimento daquele contexto histórico. Eram fontes reveladoras das redes de interlocutores envolvidos na produção do conhecimento sobre as favelas – os moradores e os pesquisadores. A análise deveria evidenciar as diversas percepções destes sobre os moradores e a interação destes sujeitos, ambos produtores de conhecimento. Parte significativa dessas percepções e interações estavam inscritas naqueles pedaços de papel cuja inteligibilidade seria feita pelo entrecruzamento de todos os outros tipos de registros do campo, além das notas.

O que busco fazer na tese é reconstituir parcialmente essa vivência etnográfica através da análise dos documentos produzidos no campo, com destaque para as notas de campo, por esta rede científica e pelos moradores, que por sua vez conformavam outras redes da favela do Jacarezinho. Partindo do Fundo Anthony Leeds depositado na Casa de Oswaldo Cruz, faço a análise desse conjunto

de documentos resultantes do trabalho de campo nesta localidade. A pesquisa realizada por essa rede científica pode ser considerada a primeira pesquisa etnográfica empreendida nas favelas envolvendo a residência dos pesquisadores no local de estudo. O estudo da SAGMACS, mesmo adotando observação participante, não previu a moradia dos pesquisadores nas favelas. Do mesmo modo, não há evidências de que a observação participante realizada por Medina, cujo estudo fora publicado em 1964², tenha incluído a sua moradia nas favelas. Nos depoimentos de Licia Valladares ao Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, fica evidente que apesar de Medina tê-la orientado na sua observação participante, não sugeriu a residência na favela. Esta orientação não partira de Medina, mas dos moradores da Rocinha³ (VALLADARES, 2013).

Tendo como objetivo resgatar os aspectos que constituem o saber antropológico e a prática etnográfica, esta tese busca recompor o contexto de produção etnográfica das pesquisas empreendidas por Leeds, cujo caráter coletivo impresso em sua realização resultou numa série de estudos sobre as favelas ainda hoje de referência, que argumentavam contrariamente aos diversos mitos relativos a estes *squatter settlements*. Entre estes, a associação entre favelas e pobreza, a presunção da imaturidade política e incipiência organizativa dos seus moradores. As percepções do antropólogo e dessa rede científica captavam algo que as autoridades oficiais, a mídia e alguns cientistas sociais negavam: a vida pulsante das favelas, sobretudo em seus aspectos políticos e econômicos. Este novo entendimento valorizava o trabalho, a circulação de capital e a elaboração de estratégias de vida para driblar os problemas materiais e sociais impostos aos seus moradores. Também tirava dessas localidades a pecha de 'problema' para vê-las como solução, perspectiva anteriormente elaborada por urbanistas como William Mangin e John F. Turner e pelo dominicano Lucien Parisse. Tal argumento era relevante, sobretudo quando se considera o período das políticas de remoção amplamente fundamentadas naqueles mitos que, mesmo cientificamente desvelados como um discurso insustentável, justificavam uma política habitacional tão dramática e reforçavam a teoria da cultura da pobreza e da marginalidade.

Este trabalho se propõe a fazer uma análise da etnografia empreendida pelos Leeds na década de 1960 na favela do Jacarezinho. Busco responder às seguintes questões: como foi construído o processo de conhecimento sobre a favela estudada? Quais interlocutores das favelas colaboraram na construção do conhecimento? Parto da hipótese de que esta colaboração, que se dera dentro e fora do campo da pesquisa, consolidada pelos seminários informais promovidos por Leeds visando a troca de

2 Medina, C. A. de. *A favela e o demagogo*. São Paulo, Martins Editora, 1964.

3 Lícia Valladares também menciona este episódio em seu depoimento audiovisual produzido pelo CPDOC/FGV, realizado em 4/4/2013 no CPDOC, entre os minutos 38:35 ao 39:50.

experiências, foi um dos fatores que contribuíram para uma visão mais complexa das favelas. Trata-se da construção de um saber que envolveu diretamente os moradores na produção do conhecimento e a recolocação de jovens voluntários do Peace Corps como pesquisadores (VALLADARES, 2005; SANJEK, 1994). Afinal, a perspectiva comparativa proposta por Leeds só seria viável e exequível com esta rede de colaboradores com os quais pôde contar desde a sua primeira etapa da pesquisa, em 1965, quando a maior parte destes colaboradores eram voluntários do Peace Corps, além dos intelectuais com quem Leeds trocava e que o influenciava teórica e empiricamente no estudo dos *squatter settlements*. Estes jovens voluntários foram, portanto, um caminho de entrada para Leeds nas favelas, onde realizavam atividades voltadas para programas de saúde e para a organização de comunidade (AZEVEDO, 2007). Esta prática científica de cunho dialógico e colaborativo foi um dos aportes trazidos pelos Leeds nas ciências sociais brasileiras dedicadas ao urbano e às favelas. Como consequência desta troca, identifica-se outro aporte para a prática científica da antropologia e da etnografia trazida pelos Leeds: a análise constante das notas de campo de seus colaboradores para consolidar a perspectiva comparativa.

A resposta às questões de pesquisa da tese envolveu a reconstrução do contexto histórico e intelectual da produção destas notas, requerendo portanto a análise de outros tipos de documentos, tais como relatórios de pesquisa, relatórios de visita, cartas, textos, recibos de pagamento, panfletos, entre outros registros inerentes ao trabalho de campo etnográfico e à análise antropológica. Desse modo, foi possível verificar os novos aportes trazidos por Anthony e Elizabeth Leeds para a nova disciplina que estava se constituindo no Brasil, qual seja, a antropologia urbana e as favelas, bem como no modo de se realizar o trabalho de campo e a etnografia.

Parto do princípio de que o trabalho de campo realizado pelos Leeds e pelos outros pesquisadores, que estavam começando a estudar as favelas e que interagiam com o casal dentro e fora do campo, levava-os a se inserirem não só na rede científica formada por estes atores, como também os inseria nas redes do campo, ou nas diversas redes das quais os moradores eram seus atores. A interação entre a rede científica e as redes do campo serão iluminadas nesta tese. É através desta interação que verifico os novos aportes trazidos por Leeds para a antropologia e para o estudo das favelas, de forma articulada com o contexto histórico e científico da disciplina nos EUA e no Brasil.

Essa formulação das duas redes em interação veio do entendimento da categoria Rede, de Bruno Latour (1997; 2000). A conformação da rede científica, conforme Latour, se daria pela interação dos atores, dadas por trocas formais e informais entre aqueles que compartilham um mesmo objeto de

estudo (LATOUR, 1997: 31, 36, 47; LATOUR, 2000: 295, 297). Essa rede científica estabelece significados para seu objeto de estudo, criando associações, chamadas pelo autor de sócio-lógicas (LATOUR, 2000: 331, 333, 334). Da mesma maneira, os interlocutores dessa rede científica, isto é, os moradores das favelas, também criam estas sócio-lógicas e dão significados ao mesmo objeto de estudo dos pesquisadores, as favelas. Considerando essa linha de raciocínio, pressuponho haver, portanto, uma rede científica e as redes do campo em constante interação no processo de construção do conhecimento.

Sendo uma análise dos documentos que foram fontes para as obras posteriormente resultantes dessa pesquisa nas favelas, os artigos dos Leeds que se relacionam com o corpus documental utilizado na tese são: *Poder local em relação com instituições de poder supralocal*; *Carreiras brasileiras e estrutura social: um estudo de caso e um modelo*; *O Brasil e o mito da ruralidade urbana: experiência urbana, trabalho e valores nas 'áreas invadidas' do Rio de Janeiro e de Lima*; *Tipos de moradia, arranjos de vida, proletarianização e a estrutura social da cidade*; *Favelas e comunidade política: a continuidade da estrutura de controle social*. As obras de Machado da Silva (1967; 1969; 1971) usadas foram: *O significado do botequim*, *Política na favela* e *Mercados metropolitanos de trabalho manual e marginalidade*. De Paul Silberstein (1969), *Favela living: personal solution to larger problems*.

Esta tese discute o papel das pesquisas realizadas num momento relevante para a história das ciências sociais e da antropologia no Brasil, bem como do pensamento em favelas. As pesquisas empreendidas por Anthony Leeds e sua rede de colaboradores e de interlocutores, dos quais Elizabeth Leeds figura como a principal, conformaram a antropologia urbana na década seguinte no Brasil, principalmente se considerarmos que foi Anthony Leeds quem regeu o primeiro curso em antropologia urbana em nível de pós graduação no Brasil. No Museu Nacional, no ano de 1969, formou pesquisadores destacados como Gilberto Velho e Yvonne Maggie.

Cabe aqui dar precisão a uma consideração importante tomada nesta tese. Apesar de Anthony Leeds ser o pesquisador mais experiente, além de motivador e incentivador da rede que se formara em seu entorno, a etnografia e os artigos por ele publicados contaram com forte colaboração de Elizabeth Leeds em diversas etapas de suas pesquisas nas favelas. Isso justifica tratar nesta tese o trabalho de ambos de modo conjunto, ou ainda, ressaltar a colaboração científica mútua do casal desde esse período, cuja continuidade se verifica nas pesquisas realizadas nas décadas seguintes.

Outra contribuição importante trazida por essas pesquisas foi a fundamentação empírica para a construção da crítica à teoria da cultura da pobreza e da marginalidade, que ganhou adeptos na década de 1960 entre os cientistas, administradores e gestores públicos, no Brasil e nos EUA, que traçavam as

políticas públicas destinadas às populações de baixa renda. Mais especificamente, aos moradores dos *squatter settlements*, termo usado para nomear o fenômeno dos assentamentos não controlados, cuja indefinição da posse é a característica principal. Podem apresentar-se de diversas maneiras, tais como favelas, *calejones*, *tugurios*, *barriadas*, *bidonvilles*, *slums*, *vencidades*, entre outras formas de moradia de baixa renda existentes no mundo todo.

Nesse período, a cultura da pobreza afirmava que a pobreza, no contexto do capitalismo, gerava uma cultura própria caracterizada pela falta de organização familiar, política, pela falta de integração às instituições e, principalmente, pela apatia e desinteresse político. Alguns críticos apontaram o equívoco desta teoria em supor que a pobreza tinha o mesmo significado em diversas partes do mundo. Zaluar, em sua crítica à teoria da cultura da pobreza, argumenta que a pobreza seria também um conceito comparativo, cujo cerne seria a ideia de desigualdade social, algo não considerado pelos adeptos da teoria da cultura da pobreza (ZALUAR, 2000 [1985]: 41).

No que tange ao Serviço Social no Brasil, foi nesse momento que a ideia de desenvolvimento e organização de comunidade estava tomando forma mais definida, seja como técnica de promoção de mudança social, seja como ideologia. Afinal, antes da proposta de desenvolvimento e organização de comunidade, que fora colocada em 1957, havia o desenvolvimento de comunidade, a organização social de comunidade e a ação comunitária como propostas e perspectivas distintas dentro da metodologia, técnica e prática do serviço social (AMMAN, 2009). Este aspecto torna-se importante de ser considerado uma vez que alguns atores dessa rede científica, inclusive Leeds, atuaram de alguma forma nas agências internacionais de cooperação técnica que promoviam o Desenvolvimento e Organização de Comunidade como técnica e metodologia para o melhoramento das condições de vida dos moradores das favelas.

Do ponto de vista epistemológico para a antropologia, a realização destas pesquisas significou o treinamento e o início da construção de uma prática do trabalho de campo no contexto urbano para os cientistas sociais brasileiros e estadunidenses daquela rede que futuramente levariam para suas carreiras. Do ponto de vista etnográfico, estas pesquisas apresentam uma mudança na abordagem da relação entre o antropólogo e o interlocutor. Até então, este era tratado como informante, colocando-o numa condição de passividade na construção do conhecimento. Estas pesquisas trazem o início da mudança neste tratamento. O tratamento como interlocutor e a inserção de alguns destes como participantes ou colaboradores da pesquisa, enseja uma relação menos assimétrica, bem como os tira da condição de passividade, colocando-os como sujeitos ativos no processo de construção do

conhecimento. Essa mudança estava nesse momento se desenhando, fato ilustrado por este conjunto de pesquisas. É dessa perspectiva iniciada nesse período que posteriormente, na década de 1980, tomaria força a discussão sobre a autoridade etnográfica na antropologia, bem como a etnografia multi-situada (CLIFFORD, 2011; MARCUS, 1995; MARCUS, 2011; CAVALCANTI, 2018: 844). A primeira trouxe para a discussão a inserção dos interlocutores do antropólogo na autoria de seus trabalhos. A segunda enfatiza o caráter transnacional do objeto de pesquisa, de modo que o pesquisador segue a circulação de atores, objetos e discursos por múltiplos pontos do globo. Também guarda um caráter coletivista, na qual a colaboração com diversos interlocutores constitui um de seus aspectos definidores (MARCUS, 1995; CESARINO, 2014; OLIVEIRA e CAVEDON, 2017).

Do ponto de vista das favelas, a análise deste conjunto de pesquisas apresenta uma contribuição à proposta de Cavalcanti (2009; 2013) de construir a genealogia da consolidação das favelas, ou ainda, de reforçar a sua historicidade. Cavalcanti (2009) propõe fazer uma genealogia do presente, cujo objetivo é mostrar as transformações ocorridas no mundo social das favelas. Seu trabalho constrói uma definição do termo favela consolidada, normalmente usado para distinguir favelas com infra estrutura bem estabelecida daquelas mais recentes. Para a autora, pensar a favela consolidada significa considerar a historicidade da favela como forma social e espacial, assim como destacar o processo espaço temporal no qual se inserem as relações de poder que se reproduzem em diversas escalas (CAVALCANTI, 2009: 70, 71).

Destacando a informalidade como modo de vida na consolidação das favelas e as alterações vistas nas favelas com a territorialização pelo tráfico de drogas, Cavalcanti sustenta que a infra estrutura afeta as práticas diárias, estruturas de poder e territorialização das relações sociais. Nesse contexto, descortina a disputa de lideranças, sua profissionalização e a mudança no papel das associações de moradores antes e depois do tráfico (CAVALCANTI, 2013: 194, 195, 218, 219, 220).

As pesquisas realizadas por estes colaboradores, analisadas nesta tese, mostram justamente o momento anterior que vai preparar o terreno para esse cenário analisado por Cavalcanti. Logo, este trabalho vem contribuir para trazer novos elementos para pensar essa genealogia do presente, bem como a historicidade da consolidação das favelas. Nesse sentido, as pesquisas realizadas por Leeds e seus colaboradores, ao demonstrar a complexidade da organização dos moradores no atendimento às suas mais variadas demandas materiais, sempre imbricadas com as demandas políticas, traz os elementos necessários para melhor desenvolver os estudos sobre a infra estrutura nas favelas e a sua influência nas relações de poder destas localidades.

Esta tese traz uma contribuição para a história das ciências sociais uma vez que analisa a etnografia dos Leeds e as redes formadas em torno deles. Logo, a análise da construção da etnografia através das redes, isto é, das relações dos Leeds com os Peace Corps e com os moradores, traz uma reflexão histórica sobre a construção de uma pesquisa que se tornou uma referência importante nos estudos urbanos no Brasil. Tal como o trabalho de Lucas Carvalho (2015), que analisou o *Projeto Nordeste*, realizado por pesquisadores do Museu Nacional na década de 1970, esta tese também constitui uma reflexão histórica sobre um conjunto de pesquisas nas favelas na década de 1960, realizada pelos Leeds e pela rede de pesquisadores formada em torno deles.

As fontes da pesquisa – contexto de produção e abordagem

O arquivo pessoal do antropólogo Anthony Leeds têm centralidade na construção desta tese. Sendo este o titular, seus documentos possuem algumas especificidades que valem a pena serem colocadas. A primeira observação é em relação aos arquivos pessoais e aos cuidados que o pesquisador deve ter ao lidar com este tipo de documentação. Heymann (2009, 1997, 2004) aponta alguns equívocos recorrentes no tratamento dos arquivos pessoais privados, destacando que o arquivo pessoal não reflete necessariamente a trajetória de seu titular; que não significa ser a memória em estado bruto do titular, pelo fato de ser constituído por um processo que envolve outras pessoas; e a possibilidade de uma biografia considerada menos relevante originar um acervo mais importante que a própria biografia do titular (HEYMANN, 2005: 46, 47; HEYMANN, 1997: 44; HEYMANN, 2009: 71, 72).

Considerando os arquivos como uma prática social, Heymann destaca o caráter coletivo de um arquivo pessoal tendo em vista as subjetividades que se sobrepõem desde o momento da doação até o arranjo final e a disponibilização ao público pela instituição de guarda. Neste processo, destaca as transformações sofridas pelo arquivo ao longo de sua trajetória. Logo, constata não haver neutralidade em um arquivo pessoal privado, uma vez que operam na trajetória deste tipo de arquivo diversas subjetividades intermediárias entre o titular do arquivo e o pesquisador, desde os seus herdeiros e doadores até o documentalista que escolhe termos de indexação e que define critérios para a montagem do arranjo e dos dossiês (HEYMANN, 2005: 48; HEYMANN, 2009: 17, 26, 37; HEYMANN, 1997: 49, 50). O próprio processo de acumulação e guarda pode refletir a construção de uma ilusão biográfica, como ilustra os casos dos arquivos de Gustavo Capanema e de Eitácio Pessoa, pensado ora pelo titular, ora por seus herdeiros, de forma a dar sentido à atuação de seus titulares e a dar a ilusão de coerência e totalidade (HEYMANN, 1997: 44, 47, 48).

A ingerência destas subjetividades intermediárias por meio de seus critérios de escolha e de descartes acabam por produzir o que a autora chama de Lixo Histórico – documentos aparentemente desvalorizados, resultantes da delimitação do que seria e/ou não seria uma memória historicizável. Como exemplo, aponta os convites, cartões de natal e felicitações que, apesar de serem assim tratados, compõem elementos para traçar as redes de relações tecidas pelos seus titulares (HEYMANN, 1997: 51, 52). Esta ingerência de natureza social a qual se submetem os arquivos pessoais privados acabam por deflagrar disputas narrativas de diferentes visões de mundo (HEYMANN, 1997: 52).

O lugar privilegiado dos arquivos pessoais como documentos para a escrita da história e como fontes importantes para acessar as motivações dos indivíduos, suas visões de mundo, suas sensibilidades, representações e experiências (HEYMANN, 2009: 66, 67) é reforçado nesta tese. Neste trabalho, o arquivo pessoal de Anthony Leeds permite acessar outras subjetividades além da subjetividade do titular. Uma vez que a natureza do trabalho antropológico remete à interação de subjetividades, o arquivo pessoal deste antropólogo nos remete às interações de subjetividades produzidas no âmbito de seu trabalho de campo. É possível que o arquivo pessoal de um antropólogo permita o acesso a uma história e memória coletivas, além da individual. Esta possibilidade de ultrapassar os limites da subjetividade individual ao lidar com os arquivos pessoais só é possível na medida em que se busca a linha de reflexão crítica apontada por Heymann (2009). Qual seja, o investimento não só no conteúdo das fontes, mas nas condições de produção, nos padrões e regras de apresentação de si (HEYMANN, 2009: 69). A atenção a esta observação, no caso do arquivo pessoal de um antropólogo, nos leva a um cuidado que deve ser tomado por quem lida com esta documentação. É preciso considerar que estas subjetividades foram intermediadas pela observação do antropólogo e pela própria interação. Os documentos oriundos da etnografia põem o pesquisador em contato com outras visões de mundo, mas estas são filtradas pelas observações do antropólogo que podem, por sua vez, passar por modificações nos vários tipos de escrita etnográfica. Este encontro e suas nuances são inerentes à própria natureza dialógica da antropologia, devendo ser, portanto, consideradas ao lidarmos com os arquivos pessoais dos antropólogos, seja como pesquisadores, seja como documentalistas.

Assumindo a condição dialógica como inerente ao trabalho antropológico e ao contexto de produção do conjunto documental de um antropólogo, é possível considerar a pesquisa neste tipo de arquivo como uma etnografia. Este entendimento reforça um outro uso para fundos arquivísticos desta natureza, apontado desde 2005 por um conjunto de pesquisadores dedicados à análise desta

documentação específica⁴. É possível portanto fazer uso destes arquivos ora como informante privilegiado, ora como campo (HEYMANN, 2005: 54; CUNHA, 2004). Conforme Cunha (2004), o uso do arquivo como campo esbarra em algumas tensões, uma vez que pode ser entendido por alguns como a antítese do trabalho de campo, tendo em vista a posição desprivilegiada dos arquivos entre os locais de produção do conhecimento antropológico, que prioriza o campo propriamente dito (CUNHA, 2004: 293). Segundo a autora, a transformação do arquivo em campo se dá quando o objeto de análise do pesquisador é o contexto social e simbólico da produção das interpretações feitas pelos sujeitos estudados pelos antropólogos; ou ainda quando o pesquisador se propõe a compreender como foram construídas as narrativas profissionais e o diálogo entre a imaginação e a autoridade intelectual. Desse modo, o uso dos arquivos etnográficos ou de antropólogos pode resultar na construção de uma etno-história elaborada por historiadores ou antropólogos (CUNHA, 2004: 293, 296, 298).

Sendo resultado da análise feita do Fundo Anthony Leeds desde a fase de identificação preliminar do conjunto documental, esta tese foi construída com base nesta documentação, tanto da parte custodiada na COC, quanto da parte custodiada no NAA. Originalmente, o arquivo veio da casa de veraneio do casal em Randolph, no estado de Vermont (VALLADARES, LACERDA e GIRÃO, 2018). Através da intermediação de Tim Sieber, Elizabeth Leeds destinou uma parte deste acervo para o NAA e, através da intermediação de Lícia Valladares e Nísia Lima, destinou outra parte à Casa de Oswaldo Cruz⁵. A divisão da totalidade do Fundo Anthony Leeds em duas entidades custodiadoras distintas deveu-se a uma escolha de sua viúva e doadora, Elizabeth Leeds. Esta destinou à COC somente a parte do acervo referente à pesquisa nas favelas, ficando a outra parte de seu acervo, isto é, referente à sua vida pessoal, atividade docente, formação acadêmica, atividades científicas, atividades artísticas, alocados no NAA- SI. A totalidade do arquivo Anthony Leeds, portanto apresenta duas características apontadas por Heymann (2009, 1997): o papel preponderante da esposa do titular na constituição e organização prévia à doação deste arquivo e a dispersão do material acumulado em mais de uma instituição de guarda (HEYMANN, 2009: 186; HEYMANN, 1997: 49).

Apesar de Heymann considerar que a dispersão leva ao fracionamento do fundo e acarreta problemas para o pesquisador (HEYMANN, 1997: 49), é possível considerar que, por outro lado, faz a memória do titular circular em locais diversos. Ao obrigar o pesquisador a circular nos locais de guarda em busca pela totalidade dos documentos, este estabelece outras redes de contato, ampliando-as, tal

4 Vide o seminário *Quando o campo é o arquivo*, realizado no CPDOC/FGV em 2005, coordenado por Celso Castro e Olívia Cunha. O evento resultou na publicação intitulada *Antropologia e Arquivo*, número temático da revista *Estudos Históricos*.

5 Esta informação me foi dada em conversas informais com Elizabeth Leeds em novembro de 2017, quando a entrevistei.

como a memória do titular. Assim como é possível pensar em dispersão e fracionamento de uma totalidade, também é possível pensar em termos de circulação e ampliação da memória do produtor e das redes do pesquisador. Bem como também se coloca uma outra questão: é possível a totalidade arquivística em se tratando de um arquivo pessoal?

Tendo em vista que os cientistas de um modo geral circulam, sobretudo antropólogos, é possível senão desmistificar, ao menos problematizar a ideia de totalidade de um arquivo pessoal como uma categoria sacralizada dentro da arquivística. Como exemplo, cito os trabalhos completos do simpósio coordenado por Leeds no 37 ICA, incluindo o do próprio Leeds, não encontrados em nenhuma instituição arquivística, nem no acervo pessoal do antropólogo. Cabe observar que ainda há mais documentos a serem doados por Elizabeth Leeds, ainda alocados na residência do casal em Vermont, aguardando o processo de análise e escolha da doadora. Assim, nenhuma das duas instituições arquivísticas podem reivindicar deter a maior parte do que seria a totalidade do Fundo Anthony Leeds, pois mesmo após as doações, o fundo continua sendo abrigado em diversos locais, configurando ora dispersão, ora abrangência de locais de acesso à memória do titular.

É possível verificar no Fundo Anthony Leeds um valor de uso (HEYMANN, 2005: 49) multifacetado, tal como os interlocutores mais próximos se referem à personalidade do titular (SIEBER, 1994; SANJEK, 1994; DONAHUE, 2018). Para o próprio titular, o valor de uso de seu arquivo se voltava tanto para sua atividade docente quanto para as suas pesquisas, sobretudo as fotografias, usadas de modo complementar às notas de campo e configurando a adoção do que Sieber chamou de Múltiplas Epistemologias em seus trabalhos de campo (VALLADARES, LACERDA e GIRÃO, 2018: 1036, 1039). Após a sua morte e posterior doação a duas instituições de guarda, alguns documentos ainda aguardam uma destinação. Como já indica Heymann (1997), este processo de estabelecimento de critérios de escolha e descarte para a posterior doação pode envolver inúmeras motivações de cunho pessoal ou mesmo profissional.

Após a fase de identificação preliminar do conjunto documental do Fundo Anthony Leeds guardado na COC, foi adotada a metodologia funcional para o quadro de arranjo, pensada para ser aplicada aos arquivos de cientistas (VALLADARES, LACERDA e GIRÃO, 2018: 1034). Notoriamente, a metodologia foi elaborada considerando a natureza do trabalho dos cientistas naturais como físicos, químicos, médicos, biólogos, entre outros. Os grupos e subgrupos do quadro de arranjo aplicado aos vários fundos abrigados no Departamento de Arquivo e Documentação da COC são definidos conforme os postos ocupados e as funções exercidas pelos cientistas ao longo de suas

trajetórias⁶. Trata-se portanto de uma metodologia que presume ser o arquivo pessoal um espelho da trajetória do titular e haver uma similaridade entre as trajetórias dos mais diversos cientistas. Ainda assim, houve, por parte da equipe da COC, sensibilidade no tratamento de documentos que não se encaixavam nesta lógica de organização, tais como as pastas vazias contendo inscrições, indicando a possibilidade de uso pelo titular. A equipe técnica teve o entendimento de que estas também registram um método de trabalho, ou mesmo interesses projetados para o futuro, sinalizando processos de escolha e seleção do titular (VALLADAES, LACERDA e GIRÃO, 2018: 1033).

A metodologia de arranjo dado pela COC aos arquivos de cientistas segue uma tendência apontada por Heymann no tratamento dos arquivos pessoais, qual seja a caracterização dos titulares dos fundos de modo vinculado à sua atividade profissional e o predomínio da perspectiva generalizante de que a origem dos documentos estão nas funções ou atividades exercidas pelo titular, resumindo o tratamento dos documentos à identificação destas atividades e funções (HEYMANN, 2009: 44, 47). A reflexão da autora dirigida a este tipo de raciocínio adotado na elaboração da metodologia funcional aponta para a falta de clareza sobre a identificação dos contextos em que são criados os documentos e para a existência de documentos que não se encaixam nessa abordagem funcional, alguns remetendo às dimensões da vida fora desse enquadramento (HEYMANN, 2009: 48, 55). A autora cita a crítica tecida à metodologia adotada pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas que, não adotando o critério funcional, diziam estar mais pautada pelos interesses de pesquisa do que pelos preceitos da arquivística (HEYMANN, 2009: 50).

Uma vez tendo acompanhado a discussão sobre o quadro de arranjo a ser aplicado ao Fundo Anthony Leeds, tenho acordo no que tange à dificuldade de aplicação da metodologia funcional no tratamento de determinados documentos e, no caso de Leeds, do próprio fundo. Afinal, a maior parte dos documentos deste fundo tinham como contexto de produção a elaboração das pesquisas em favelas. Uma pequena parte refletia cargos ou funções exercidas pelo titular, estando a maior parte destes documentos mais “funcionais” custodiados no NAA.

A natureza do trabalho de um antropólogo dedicado à etnografia gera dificuldades para a aplicação da metodologia funcional, principalmente quando esta foi pensada para atender às singularidades das atividades dos cientistas naturais. A aplicação sacralizada desses preceitos podem levar à obliteração das experiências de vida impressas na organização original dos arquivos dada pelos

6 DAD/COC/Fiocruz, Manual de Organização de Arquivos Pessoais. Rio de Janeiro, 2015: 26. O historiador Paulo R. Elian dos Santos discute a gênese documental de um laboratório de ciências biomédicas da Fiocruz. Ver: SANTOS, P. R. E. *A arquivística no laboratório: história, teoria e métodos de uma disciplina*. Tese apresentada ao PPGHS da USP. Orientadora: Heloísa L. Belloto. São Paulo, 2008.

titulares, sobretudo quando são cientistas sociais. Para estes, a própria natureza da sua prática científica escapa aos limites das suas atividades e funções exercidas. No caso de antropólogos, para citarmos um exemplo, uma correspondência com um interlocutor do campo não é somente um dado da sua vida pessoal, mas da sua prática científica. Um simples bilhete de uma mãe para um filho na correria do cotidiano doméstico é, para cientistas sociais, um dado de pesquisa importante e revelador da rotina daquela unidade domiciliar, mesmo não tendo data, nem autoria. Aliás, até esta lacuna de informação pode ser um dado relevante para o cientista social. No entanto, pode ser considerado Lixo Histórico dependendo da metodologia usada ou da falta de cuidado nas conexões do documento com o seu contexto de produção e de guarda pelo titular.

Cabe portanto ao documentalista empreender uma pesquisa neste tipo de arquivo para que possa estabelecer as conexões entre os documentos componentes do arquivo, tal como aponta Heyman (2009: 55, 56). Muitas vezes, documentos que se encontram originalmente soltos ou aparentemente dispersos e fragmentados no arquivo, teve sua origem em algum dossiê previamente organizado pelo titular mas que, por alguma motivo, fora desconectado. Mais adiante tratarei de dois casos ilustrativos. Por hora, menciono o caso das letras de samba. Foram alocados em dossiê tipológico e que, mesmo estando no mesmo subgrupo do dossiê Localidades, acabaram ficando desconectados com estes documentos. Originalmente, estas letras estavam alocadas em diferentes dossiês temáticos referentes às localidades ou ao carnaval. Ou seja, a dispersão das letras foi solucionada por uma fragmentação com uma conexão frágil com o dossiê Localidades. Ao serem desconectadas das pastas originais, destinadas às localidades e ao carnaval, desconfigurou-se parcialmente a lógica de organização original, que já dava um lugar para as letras de samba junto com outros tipos de documentos conectados tematicamente pelo titular.

De fato, a documentação arquivística assume centralidade nesta tese pelo volume e pela variedade de documentos acionados, bem como pelo percurso da minha pesquisa, tomado desde o primeiro contato com este acervo. Nesse sentido é importante observar o duplo papel por mim exercido em relação a estes documentos durante toda a trajetória de trabalho com este conjunto documental, iniciada em 2010. De documentalista que fez a identificação preliminar do Fundo Anthony Leeds custodiado na COC passei a exercer a função de pesquisadora destes documentos. Não é possível precisar quando se deu esta transformação, pois à medida em que se dava o trabalho de identificação, eu também fazia minhas observações pessoais para subsidiar a elaboração de um relatório final do projeto, coordenado por Nísia Lima. Destas observações, conformou-se uma outra identificação: as possibilidades de pesquisas futuras naquele acervo.

A observação sistemática e rigorosa passou a ser feita a partir de 2012, no momento de ingresso no mestrado. Desse ponto em diante, houve mudança na percepção daqueles documentos, tendo em vista a escolha de um objeto específico a ser analisado na dissertação. O exercício destes dois papéis trouxe um melhor trânsito no acervo após a adoção do arranjo final. No entanto, se houve alguma diminuição na intervenção das subjetividades intermediárias entre a subjetividade da pesquisadora e a subjetividade do titular (HEYMANN, 1997: 49), esta não se deu por completo. Afinal, entre a identificação preliminar e o arranjo final, há uma série de intervenções arquivísticas dentro das quais estão envolvidas outras subjetividades intermediárias.

A maior parte dos documentos que embasam esta tese vieram do acervo da COC, mais especificamente, os documentos referentes ao trabalho de campo realizado no Jacarezinho. A escolha por esta localidade se deu pelo fato de ser este o conjunto que tem maior volume e variedade de tipos documentais, apresentando portanto mais elementos disponíveis para empreender a análise histórica da pesquisa em favelas realizada pelos Leeds na década de 1960. Além disto, foi nesta localidade que Anthony e Elizabeth Leeds moraram juntos e por mais tempo. No Tuiuti, localidade onde conheceram-se, ela permaneceu por um ano, correspondente ao período de serviço no Peace Corps. Ele, tendo chegado em agosto de 1965, ali permaneceu até o retorno seu e de sua colaboradora para os EUA. Ao voltarem ao Rio de Janeiro, nos verões de 1966 a 1968, para retomar as pesquisas, estabeleceram-se no Jacarezinho. Em 1969, com a presença de Jeremy, primeiro filho do casal ainda recém nascido, continuaram seus trabalhos de campo, mas residindo em Copacabana.

Compondo parte importante do conjunto de documentos analisados nesta tese, o dossiê Jacarezinho apresenta não somente as notas de campo referentes ao trabalho de campo nesta localidade. Há também a correspondência entre os moradores e Anthony Leeds, bem como os documentos produzidos por seu principal colaborador e interlocutor entre os moradores, Flávio Romano. Este personagem, assumindo papel maior do que o de simples interlocutor, mostrou-se uma figura importante para a análise histórica desta pesquisa de campo. Em suas cartas encaminhadas aos Leeds e a Peggy Rockefeller, é possível verificar sua destreza e habilidade política ao lidar com as estruturas de poder localizadas na favela, bem como com os próprios antropólogos. Também fizeram parte importante destes documentos analisados, os relatórios de visita de Flávio Romano nas favelas onde atuava como agente comunitário da ACB – Ação Comunitária do Brasil e os textos de sua autoria.

Além de Romano, também foram correspondentes os moradores Ernani, Lucy e Maria Schmidt Paiva, cujas cartas estão no dossiê referente ao Jacarezinho. Entre os correspondentes não moradores

estão Lawrence (Larry) Salmen, Patrick Crooke, Eric Wolf, Virginia Lamp, Sara Alensworth, R. J. Croocks, Dr. Smith, Theo Crevenna, Robert Murphy, Stephen Boggs, ambas alocadas nos dossiês BR RJ COC LE DP IC 01 e NAA/Anthony Leeds Papers /series 5/subseries general/box 30/Ethics. Além destas missivas a Leeds, também foram incluídas as seguintes cartas: de Paulo Ayres Filho do IPES para Joseph Blatchford da Action International; da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho para a CRF; do Padre Nelson para os moradores do Jacarezinho; de um morador não identificado para o diretor da Secretaria de Serviços Públicos da Guanabara. Estas estão alocadas nos dossiês referentes ao Jacarezinho e à ACB.

Outros dossiês compuseram o corpus documental analisado nesta tese, sobretudo os dossiês BR RJ COC LE DP IC 01 e BR RJ COC LE DP DR 01. Também foram importantes para esta tese os dossiês referentes à atuação da ACB (DP PP 39, DP PP 40, DP PP 16 e DP PP 35 v1) e do BEMDOC (RI 02). Em relação a esta, para ter uma visão mais ampla de sua atuação, foi necessário ver os relatórios feitos pelos técnicos da agência referentes às localidades onde atuaram e cuja documentação se encontra nos dossiês referentes às localidades Morro da Liberdade/Turano, Nova Brasília e Borel. O dossiê BR RJ COC LE DP RA 01 continha um documento com o programa de curso da ACB do qual participaram nomes como Josephina Albano e José Arthur Rios, além do próprio Leeds.

Constituindo-se como parte importante da documentação que fundamenta esta tese, foram feitas entrevistas com Elizabeth Leeds e Luiz Antônio Machado da Silva acerca da colaboração destes pesquisadores com Anthony Leeds e da pesquisa deles nas favelas. Foram realizadas, respectivamente, em 6 e 8 de novembro de 2017, em Brookline-MA, na residência da cientista política, e em 14 de agosto de 2017, no Rio de Janeiro, na residência do sociólogo. Também fiz uso das entrevistas de Elizabeth Leeds e Machado da Silva concedidas a Nísia Lima em 2011 e 2018, respectivamente. A entrevista de E. Leeds datada de 2011 constitui anexo ao relatório de pesquisa coordenado por Nísia Lima e que possibilitou a organização do Fundo Anthony Leeds na COC. Estas entrevistas foram posteriormente complementadas, editadas e deram origem às entrevistas integrantes do dossiê Leeds publicado em 2018 no volume 8, número 3 da revista *Sociologia e Antropologia*, elaborada pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ⁷.

As fotografias do Fundo Anthony Leeds aparecem na tese de modo ilustrativo, não compondo, portanto, o corpus documental da análise. As imagens foram doadas, numa segunda remessa, por Elizabeth Leeds no final de 2014, havendo cerca de 700 imagens, entre fotografias, diapositivos e

7 Disponível em: <http://www.sociologiaeantropologia.com.br/v-08-n-03/>

negativos. O uso feito pelo antropólogo ia desde a complementação das informações de suas notas de campo ao uso didático, em suas atividades docentes (VALLADARES, LACERDA e GIRÃO, 2018). A paixão pela fotografia, bem como por outras expressões artísticas como a música e a poesia, foi devidamente destacada em seu texto autobiográfico.

Após a busca por outros interlocutores desse período e contatos não retornados, em abril de 2019 tive a oportunidade de entrevistar um ex-voluntário do Peace Corps e que foi um dos participantes do simpósio do 37 ICA coordenado por Anthony Leeds. James Wygand, economista, residiu no Jacarezinho entre 1965 e 1967, tendo substituído David Morocco no Jacarezinho após o término de seu tempo de serviço no PC. Ainda durante o seu tempo de serviço, Wygand foi cedido para o convênio COPEG/USAID para realizar pesquisas nas favelas com a finalidade de encaminhar os projetos de urbanização destas. A entrevista foi feita na residência de meus familiares na cidade de São Paulo, onde Wygand reside atualmente.

Do conjunto documental custodiado no NAA, foram utilizados os documentos dos dossiês AID, *Ethics, Curriculum Vitae, Ford Foundation, Grant Applications, Draft Autobiography, Miscellaneous Papers with Biographical Content, The Whipoorwill, Brazil and Latin American Courses*. Destaca-se o uso do texto autobiográfico não publicado por Leeds, escrito em 1984, intitulado *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Este documento fora elaborado com a intenção de ser publicado numa coletânea de biografias de antropólogos estadunidenses, intitulada *Being an anthropologist*. As causas para a não publicação não foram elucidadas a contento, merecendo uma pesquisa mais atenta. De todo modo, constituiu uma fonte importante para elaboração dessa tese, na medida em que sanou algumas dúvidas em relação a datas e locais por onde Leeds viveu e trabalhou, bem como esclareceu melhor as suas redes de interlocutores no Brasil desde o seu primeiro trabalho de campo em 1951/1953 na cidade de Uruçuca, Zona do Cacau baiana. Além disso, a narrativa autobiográfica trouxe informações importantes sobre seus interesses pessoais, emotividades, reflexões sobre a antropologia, sobre o trabalho de campo, além da própria história de vida.

Como primeira observação sobre a análise das notas de campo dos pesquisadores estadunidenses, guardadas pelos Leeds, além das notas do próprio antropólogo e de sua principal colaboradora, Elizabeth Leeds, cabe explicar que as notas de Anthony e Elizabeth Leeds foram analisadas separadamente por duas razões: pelo entendimento de que eram subjetividades diferentes e pelo fato de Elizabeth Leeds estar em busca de seus interesses de pesquisa, de modo independente da

pesquisa de Anthony Leeds. Apesar de estar recém formada quando chegou no Brasil, buscou um objeto de pesquisa ao integrar a rede de colaboradores formada por outros voluntários da agência em torno da pesquisa de Anthony Leeds. Em sua avaliação, a canalização do trabalho para a prática científica deu um sentido à presença de alguns voluntários que, por falta de definição institucional, viam esvaziar a utilidade de cooperação técnica em seus trabalhos voluntários para a agência⁸.

É precisamente nessa busca pelo objeto de pesquisa e por um sentido ao trabalho feito para a agência que entra a influência de Anthony Leeds entre os voluntários. Como Elizabeth Leeds relata, o sentido do trabalho no PC era indefinido, esvaziando-se mais ainda na própria prática cotidiana. Afinal, o que a agência denominava “desenvolvimento de comunidade” carecia de fundamentos teóricos e, sobretudo, de definições práticas coerentes com o que viria a ser este objetivo⁹ (AZEVEDO, 2007; VALLADARES, 2005).

Antes da entrada de Anthony Leeds nas favelas, junto com esses jovens voluntários do PC, os voluntários se restringiam a executar as tarefas previamente definidas pelo acordo entre a agência e a Secretaria de Assistência Social do Estado da Guanabara, elaboradas e justificadas como DOC – Desenvolvimento e Organização de Comunidade, mas sem um sentido teórico e prático. Aliás, foi a própria contradição ou esvaziamento do que viria a ser este DOC, bem como a percepção do cenário político brasileiro que fez com que Elizabeth Plotkin¹⁰ questionasse a atuação do PC e o chamado DOC. A partir daí, ela e seus colegas da agência passaram a buscar e consolidar seus objetos de pesquisa, semanalmente debatidos nos seminários informais organizados por Anthony Leeds, nos quais puderam trocar suas experiências práticas nas favelas, bem como suas reflexões sobre um tema até então pouco explorado pelas ciências sociais, tanto nos EUA quanto no Brasil (VALLADARES, 2005; LIMA, 2011). Logo, pelo fato de estarem em busca de seus próprios objetos e interesses de pesquisa, ainda que em colaboração com as pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds, as notas serão analisadas em seções separadas.

Por outro lado, cabe considerar que, ainda que o local da pesquisa fosse o mesmo, ou ainda que as favelas pesquisadas fossem as mesmas para os Leeds e para os outros pesquisadores estadunidenses que estudavam as favelas no período, estes diversos cientistas, na medida em que estavam formando seus interesses de pesquisa, iam a campo com outras questões além daquelas elaboradas pelos Leeds.

8 Depoimento oral de Elizabeth Leeds concedido à Nísia Lima em 2011. Anexo do relatório de pesquisa enviado à FAPERJ.

9 Depoimento oral de Elizabeth Leeds concedido à Nísia Lima em 2011. Anexo do relatório de pesquisa enviado à FAPERJ.

10 Elizabeth Rachel Plotkin é o nome de solteira de Elizabeth Rachel Leeds.

Se o campo se define pelas relações e interação que produzem o conhecimento, e se o conhecimento é feito de perguntas, dúvidas e questões, o campo não necessariamente era o mesmo para cada um destes pesquisadores, ainda que fosse o mesmo local. As questões e perguntas feitas ao campo eram distintas, eram imbuídas de suas subjetividades que imprimiam a sua marca e singularidade às suas notas e reflexões (LARCOM, 1983).

No que tange à diversidade destas observações e subjetividades de colaboradores que atuaram junto com Leeds nas favelas, no período de 1965 a 1969, vemos a presença constante de Peggy Rockefeller e David Morocco, que trabalharam durante todo este período nas favelas cujas notas de campo se apresentam em maior volume: Nova Brasília, Tuiuti e Jacarezinho. Há também a presença de pesquisadores que se inseriram em um determinado momento da pesquisa, tais como Ina Dutra, mais presente no ano de 1966 e na favela Nova Brasília; Luiz Antônio Machado da Silva em 1966 e 1967¹¹, em Nova Brasília, uma das localidades onde o BEMDOC atuava; Anthony Knopp em 1968, no contexto da pesquisa para o Projeto Cenpha-Columbia (VIANA, 2014), atuando na favela Ruth Ferreira; Janice Perlman e Christina Schroeder em 1969, atuando nas favelas do Jacarezinho, Nova Brasília, Tuiuti e Vigário Geral. E com poucas anotações de campo presentes no arquivo, estão Paul Silberstein, no Tuiuti e no Jacarezinho, e Ken Erickson no Jacarezinho. Também há anotações conjuntas, tais como as de Peggy e David, Peggy e Janice, como também há situações em que mais de dois antropólogos entrevistavam um morador, como foi o caso das anotações sobre a entrevista a um morador de Nova Brasília, em que os pesquisadores eram Peggy Dulany Rockefeller, Ina Dutra, Flávio Romano, morador do Jacarezinho, e Luiz Antônio Machado da Silva.

É importante observar também que há um grande volume de anotações de campo de autoria não identificada e sem data, bem como a presença de relatórios de voluntários do PC que, mesmo tendo apresentado resultados de pesquisa em eventos científicos, não tem notas de campo no acervo. Este é o caso de Judith Hoenack, que apresentou trabalho no 37 Congresso Internacional de Americanistas, no simpósio organizado por Leeds, mas não tem notas de campo guardadas no arquivo Leeds, somente um relatório na condição de voluntária do PC. Talvez algumas destas notas sem autoria possam ser de um destes voluntários, mas se não há como certificar-se da autoria ou mesmo da data correta, torna-se mais difícil o seu uso tendo em vista a necessidade de mobilizar outros documentos para recompor a integralidade destas notas. Em todo caso, o fato de ter em seu arquivo estes relatórios de voluntários do

11 Data provável, tendo em vista que as notas de sua autoria não tem o ano, somente dia e mês. O período de produção é entre os anos de 1966 a 1969. Mas a maior parte do conjunto de notas referentes à esta localidade se concentra nos anos de 1966 e 1967.

PC, ainda que não tenham sido parceiros constantes de pesquisa, aponta que, se não foram interlocutores próximos, ao menos suas observações sobre a favela foram consideradas e cuidadosamente lidas, como sugerem as anotações de Leeds no relatório do voluntário David Jones, feito em 1965 sobre a favela Roquete Pinto. Logo, estes relatórios também foram analisados nesta tese, mais precisamente no segundo capítulo. Estes relatórios trazem não apenas a observação das favelas sob o ponto de vista institucional, mas mostram o esforço intelectual para entender o local onde estavam inseridos, empreendido por estes jovens durante a sua estadia nas favelas.

A apresentação dos trabalhos no 37 ICA, realizado em 1966 em Mar del Plata na Argentina, resultou dos seminários informais e do incentivo de Leeds para que estes jovens participassem deste evento científico levando o resultado de suas observações e vivências. Estes trabalhos, tal como os relatórios destinados ao PC, referem-se às favelas do Rio de Janeiro, no qual estes voluntários estavam inseridos. Apesar deste congresso ser internacionalmente conhecido, nem todos os trabalhos apresentados são acessíveis. Mesmo sendo relativamente recente, não foi possível encontrar os trabalhos completos apresentados no simpósio *Social Anthropology in Americas*, coordenado por Anthony Leeds. Além dos trabalhos realizados por voluntários, com trabalhos referentes às favelas do Rio de Janeiro, o simpósio contou com mais dois outros trabalhos referentes à Guatemala. Apesar da publicação *XXXVII Congreso Internacional de Americanistas. Actas y Memorias* ser relativamente acessível, esta publicação não contém todos os trabalhos completos, somente os resumos¹².

Tendo em vista a diversidade de perspectivas sobre as favelas presentes no acervo, ao menos no que tange ao olhar antropológico, coube observá-los primeiro em sua singularidade, para depois entender o conjunto das observações de campo que construíram o escopo de suas pesquisas e de seus resultados publicados. Obras escritas a duas ou quatro mãos, mas construída por muitas vozes e subjetividades.

Como primeira observação das anotações de campo de autoria de Anthony Leeds presentes em seu acervo custodiado na COC, cabe informar que não há aqui um diário ou caderneta de campo propriamente dito, isto é, encadernado e ordenado cronologicamente. Não há o objeto fetichizado no qual se guardam os segredos ou a intimidade do antropólogo em ação. O que há são os tão comuns papéis brancos ou, às vezes, pedaços de papel manuscritos, naquela letra quase indecifrável, típico de quem anota algo apressadamente para não perder a informação. De tamanhos, cores e formas variadas,

12 Há indicação de que os trabalhos completos estejam depositados no Museu de Ciências Naturais de La Plata. No entanto, não estão registrados em sua base digital. Em conversas com bibliotecários e outros profissionais da ciência da informação acionados para a localização destes trabalhos, ambos foram categóricos ao afirmar a pouca atenção dada à guarda e registro deste tipo de documento.

alguns destes papéis são evidentemente originários de um bloco de anotações, sobretudo “*os folclóricos papeizinhos amarelos do Tony*”, como disse seu colaborador em diversas pesquisas, Luiz Antônio Machado da Silva (MACHADO da SILVA, 2015: 23). Outros papéis são menores, medindo mais ou menos 10 x 7 cm, escritos em uma letra tão minúscula, de tal forma que preenchiam linhas e mais linhas da frente e do verso de inúmeras dessas folhas, algumas delas apresentando-se em sequências numeradas e datadas.

Mais curiosas são as anotações feitas em cartazes, panfletos e outros documentos “produzidos pelo campo”. São registros tão válidos de suas observações em campo quanto se estivessem escritos numa caderneta, porém, em folhas nada convencionais, ou ainda, fora do estereótipo do que se poderia chamar de um diário de campo propriamente dito. Nesse sentido, cabe observar que, numa olhada desatenta, ou sem um entendimento do que caracteriza os registros do campo, este conjunto de papéis talvez não pudesse ser considerado como diário de campo; por não se apresentar fisicamente como um caderno ou diário propriamente dito, mas como um conjunto de diferentes papéis, sem nenhum atrativo estético, por vezes sem data ou sem ordenação.

Ainda que se descobrisse posteriormente um diário de campo propriamente dito, não seria possível apreender ou remontar na sua integralidade todos os passos, harmonizações, conflitos e interações que aconteceram neste encontro etnográfico de Anthony e Elizabeth Leeds com as favelas, seus moradores e suas redes. E justamente por termos notas fragmentadas, escritas espontaneamente, bem como notas mais organizadas, escritas de maneira mais sistematizada, foram priorizadas as notas manuscritas sistematizadas para a elaboração desta tese. A principal razão desta escolha foi a melhor legibilidade e inteligibilidade de seu conteúdo. As notas produzidas de maneira mais imediata à observação foram vistas no mestrado e, nesta experiência, foi possível constatar a dificuldade de se apreender algo desta escrita, dada a sua ilegibilidade. No entanto, estas também foram utilizadas como recurso de pesquisa para certificar determinadas informações não muito evidentes nas notas sistematizadas.

Nesse sentido, cabe aqui esclarecer que nem sempre a ilegibilidade de um trecho da nota levou a sua ininteligibilidade. Afinal, entender a anotação de campo requer muito mais do que decifrar e traduzir palavra por palavra. Requer remontar seu contexto de produção e, para tanto, requer que se conecte a informações que não estão na nota, mas em outros documentos que compõem o conjunto de informações relativas à localidade, ou melhor, ao campo – recortes de jornal, atas de reuniões, bilhetes, cartas, ofícios, recibos, etc. Logo, ainda que a nota de campo possa parecer ilegível em algumas partes,

isto nem sempre compromete a sua inteligibilidade.

Nos trabalhos publicados de Anthony e Elizabeth Leeds no Brasil e no arquivo pessoal de A. Leeds destacam-se o seu trabalho de campo nas favelas do Rio de Janeiro, especialmente no Jacarezinho; e o envolvimento direto de outras subjetividades além daquelas pertencentes à rede científica da qual faziam parte, isto é, pertencentes às redes do campo onde o casal e o grupo de pesquisadores que se formou em torno deles atuaram. Incluem-se neste conjunto de atores que produzem o conhecimento, o grupo de pesquisadores que se formou em torno de Anthony e Elizabeth Leeds e os moradores das favelas, interagindo no momento da interlocução, da entrevista, da coleta de informações propriamente dita e em outras interações espontâneas, voltadas para a produção científica. São trocas de cartas, convivências, compartilhamento de momentos de lazer, de trabalho, entre outras situações que extrapolam os limites da coleta de dados exclusivamente.

Seguindo essa linha de raciocínio, o procedimento para lidar com as notas de campo envolveu uma outra classificação dentro deste conjunto. Numa análise mais apurada deste, foi constatada uma diferença entre as notas de campo de Anthony Leeds, Elizabeth Leeds e outros pesquisadores. Ainda que houvesse uma orientação comum quanto à ênfase dada aos aspectos a serem observados, tais como o processo de eleições para a associação de moradores do Jacarezinho, ou ainda as diversas dinâmicas da vida política e econômica local, a forma de se registrar não era a mesma. Enquanto os outros pesquisadores faziam em sua maioria observações diretas e entrevistas, Anthony e Elizabeth Leeds produziram listagens e mapas de relações, desenhos que indicavam as diversas redes de relações do campo onde estavam inseridos, além de desenhos do espaço propriamente dito.

Por outro lado, viu-se a necessidade de tratar de outro tipo de fonte que se destacava dentro deste grande conjunto denominado “notas de campo” - os documentos do campo, isto é, documentos produzidos pelas diversas organizações dos moradores, ou ainda, produtos dos acontecimentos do campo, ou das subjetividades de seus moradores, agora não mais meros moradores, mas atores que constroem o espaço e também o campo, de onde o antropólogo, por sua vez, constrói seu saber científico. Desse modo, foram analisados não só atas de reuniões de moradores, mas talões de pagamentos de luz, recibos de mensalidades, orçamentos familiares e, principalmente, as cartas enviadas destes moradores para o antropólogo. Em alguns documentos do campo, percebem-se anotações dos antropólogos da equipe de pesquisa, bem como pequenas mensagens para estes, ampliando-se a interação entre os diversos atores e subjetividades na construção da pesquisa. Os Leeds e este grupo de pesquisadores que se enveredaram pelas favelas, entre 1965 e 1969, fizeram seus

trabalhos de campo em diversas localidades. No entanto, as que apresentam maior quantidade de anotações de campo em seu arquivo são Tuiuti, Jacarezinho e Nova Brasília. O dossiê Jacarezinho é o mais completo no sentido de ter maior diversidade e volume de documentos.

Em 1965, há quatro notas manuscritas, todas não sistematizadas e escritas entre os meses de novembro e dezembro¹³, isto é, a partir do mês seguinte ao primeiro contato, momento em que Anthony Leeds e Elizabeth Plotkin residiam em casas separadas no Tuiuti. Não por acaso, é nesta localidade que se encontram anotações datadas de 1965 em maior número. As notas manuscritas datadas de 1966 em diante podem ser divididas em dois grupos: as sistematizadas e organizadas, geralmente escritas em folhas pautadas, contendo data e nomes de pessoas com quem falou; e as notas não sistematizadas, cuja escrita se apresenta sem uma linearidade e, às vezes, sem uma data. No ano seguinte, 1966, é possível ver notas mais sistematizadas e em maior número, bem como um volume considerável de mapas do espaço, localizando ruas, comércio, casas e moradores junto a algumas notas. Algumas vezes, mesclam-se na mesma folha de papel as observações e os mapas. Neste ano, há o maior volume de notas de campo em mais outras duas localidades: Tuiuti e Nova Brasília. Acompanhando um ano da etnografia de Leeds no Jacarezinho, é possível apreender a forma como descrevia as informações, a forma como estruturava as narrativas de seus interlocutores, as falas que o pesquisador privilegiava como dignos de nota e sua inserção nas redes do campo.

Se compararmos as anotações do ano de 1965 com aquelas do ano de 1966, vemos uma complexidade maior de assuntos nas anotações, uma abordagem mais aprofundada na forma como escreve as notas, bem como vemos que as notas são instrumentos para Anthony Leeds construir seus mapas de relações políticas. Boa parte de suas notas sistematizadas se concentram na política interna das favelas, bem como na articulação entre a política interna e externa da favela, nas formas como seus moradores se inserem nestas e na influência mútua entre a política e as condições de vida material nas favelas. Nesse sentido é interessante a articulação, mostrada no seu mapa de relações, das organizações de luz e água com as organizações recreativas, tais como as agremiações carnavalescas.

Durante o ano de 1967, no qual os Leeds teriam feito seus trabalhos de campo nas favelas durante os meses do verão do hemisfério norte¹⁴, há somente um registro sistematizado de A. Leeds e nenhuma nota não sistematizada datada de 1967, referente ao Jacarezinho. No entanto, é volumosa a quantidade de anotações de campo dos outros pesquisadores – David Morocco e Peggy Dulany Rockefeller – durante esse ano nesta localidade, a maior parte voltada para o processo eleitoral. Há

13 As datas são: 10/11/65, 17/11/65, 9/12/65 e 15/12/65.

14 Junho, julho e agosto.

ainda um volume considerável de notas de campo de Anthony Leeds nos anos entre 1965 e 1969 referentes ao Tuiuti, Borel, Alto Solar, Cachoeirinha, Ruth Ferreira, Turano e Nova Brasília. Peggy, junto com Ina Dutra, tem notas de campo referentes a Nova Brasília, nos anos de 1966 e 1967.

Há uma passagem da obra *A Sociologia do Brasil urbano*, na qual Leeds sugere ter feito pesquisa no Tuiuti no verão deste ano (LEEDS e LEEDS, 2015: 142). Ao rever as datas das notas de campo produzidas na favela do Tuiuti, e comparando também com outras favelas, constata-se um volume grande de anotações sem registro de data em meio àquelas datadas de 1967 nesta localidade, reforçando a informação colocada no livro. Esta ocorrência também se repete em Nova Brasília, onde há evidências de que fizeram um trabalho de campo intenso na localidade e, no entanto, há poucas notas feitas por Leeds registradas no ano de 1967. Logo, é muito provável que algumas destas notas sem data referentes ao Jacarezinho podem ter sido produzidas em 1967, tendo em vista a intensidade de acontecimentos políticos ocorridos na localidade neste ano. Por outro lado, também se vê um grande volume de anotações de campo de seus assistentes de pesquisa datadas de 1967 no Tuiuti e em Nova Brasília, destacando-se entre estes assistentes, as anotações de Peggy Rockefeller e David Morocco. Comparando as datas e locais, constata-se a intensa atividade da equipe, que se dividia e se revezava entre Jacarezinho, Tuiuti e Nova Brasília; e o destaque à atuação de Peggy e David que, além de se revezarem nestas localidades, também atuavam juntos no Jacarezinho.

Nesta única nota de campo, a data registrada logo no início da anotação é somente 31 de agosto. A certeza de que se tratava do ano de 1967 veio da leitura do contexto da anotação de campo: tratava-se do registro do processo eleitoral e da disputa entre as chapas candidatas à direção da Associação de Moradores, reativada no ano anterior. Somando um total de quatro páginas em duas folhas pautadas, esta anotação se divide pelos seus interlocutores, cujos registros são de diferentes datas em sequência não cronológica e no mesmo papel, e pelas observações e tentativas de conclusão do antropólogo.

No ano de 1968, Anthony e Elizabeth Leeds se dedicaram à execução do *Projeto Cenpha-Columbia* sobre formação de capital, o que inclui a preparação de questionários, a revisão dos dados já tabulados dos questionários anteriormente aplicados, os testes, entre outras tarefas inerentes a realização de uma pesquisa de grande porte (VIANA, 2014: 118 a 135). Esta, apesar de ter sido projetada para priorizar os dados quantitativos, também previa dados qualitativos. Neste ano, Leeds tinha um considerável acúmulo de dados e, sobretudo, de experiência de vida e de convívio nas favelas e com seus moradores. No entanto, encontram-se em seu acervo poucas anotações de campo, e em

poucas favelas, mais especificamente naquelas em que foi possível fazer a pesquisa projetada – Alto Solar, Jacarezinho e Ruth Ferreira. Curiosamente, não foram encontradas anotações de campo referentes à Barreira do Vasco, localidade incluída nesta pesquisa após sua reformulação. No Jacarezinho, há somente duas notas feitas por Leeds, cujas datas estão devidamente indicadas. Estas também não apresentam uma sistematização tão elaborada quanto às dos anos anteriores. Neste ano, o único assistente de pesquisa cujas notas estão no acervo é Anthony Knopp, contratado para o *Projeto Cenpha-Columbia*. As notas de Knopp referem-se a favela Ruth Ferreira.

Em 1969, além da continuação da pesquisa, Leeds se dedicava também à atividade docente no Museu Nacional, durante o segundo semestre. Percebe-se em seu acervo a diminuição do volume de notas de campo nesse ano, em comparação com os demais anos, cujo ápice de produção de anotações de observação foi, sem dúvida, nos anos de 1966 e 1967, em todas as localidades onde os Leeds e essa rede científica pesquisaram. No ano de 1969, há duas notas de campo sistematizadas referentes ao Jacarezinho.

Nem todas os documentos e/ou notas de campo foram diretamente incorporadas em *A sociologia do Brasil urbano*. Na ausência de um relatório de pesquisa referente a estas pesquisas nas favelas, não foi possível identificar quais notas de campo de fato entraram na obra. No entanto, alguns artigos desta coletânea, sendo trabalhos de época, também foram fontes para esta tese. Afinal, estas análises antropológicas escritas posteriormente ao trabalho de campo foram embasadas neste material. Desse modo, os artigos já citados anteriormente foram inseridos no corpus documental da tese para mostrar como as discussões presentes nas notas apareciam nestes textos.

Não menos importante, cabe dizer que as notas de campo e demais documentos transcritos na tese, originalmente escritos em língua inglesa, não foram traduzidos para a língua portuguesa. Foram mantidos também a forma como cada autor dos documentos os escreveu, mesmo contendo erros ortográficos ou mistura de idiomas.

A etnografia como prática científica – reflexões e perspectivas

Torna-se importante fazer algumas considerações relativas ao referencial teórico que norteia e fundamenta esta pesquisa. Será visto o entendimento de algumas categorias acionadas na tese, tais como o que se entende por campo, encontro etnográfico e redes do campo, bem como a compreensão dos diários e notas de campo. As observações abaixo sobre as notas de campo e os escritos resultantes da etnografia fundamentaram o tratamento dado a estes documentos. O entendimento dos significados

destes documentos é importante para não fetichizá-los nem tomá-los como expressões fiéis dos eventos observados pelos pesquisadores no campo. Por outro lado, sendo componentes da prática etnográfica, os documentos fazem parte da experiência vivida em campo.

Em reflexão sobre o que vem a ser a etnografia como uma prática científica que sustenta a antropologia, Oliveira (2000) e Agier (2015) propõem como linha mestra desse entendimento sobre a etnografia, a relação estabelecida, ou ainda, o processo de construção dessa relação, e não exatamente o resultado final desse encontro, isto é, os dados, a escrita do produto científico. Em ambas as análises, busca-se o entendimento de igualdade entre aqueles que se encontram – o pesquisador e o pesquisado. Nas reflexões destes antropólogos, não se trata mais de vê-los como pesquisadores e informantes, denotando uma relação desigual, retirando desta relação a interação. Trata-se de ver interlocutores criando diálogos e interações nos quais se põem em pé de igualdade. No entendimento de Oliveira, nesta relação de conhecimento, antropólogos e seus interlocutores seriam sujeitos cognoscentes e cognoscíveis ao mesmo tempo, uma vez que neste processo da pesquisa, o antropólogo conhece não só ao outro mas a si próprio e vice-versa, ocorrendo o que denomina de *fusão de horizontes*, no qual um incorpora o horizonte do outro, dando à pesquisa um sentido dialógico (OLIVEIRA, 2000: 67, 68).

Em perspectiva semelhante ao analisar o encontro etnográfico, sobretudo ao considerar que ambas as partes compartilham um mesmo momento histórico, Agier (2015: 15) destaca que no decorrer da pesquisa, a princípio guiada pela busca da diferença, ocorre o prazer da descoberta da semelhança entre as partes, encontrada no seio desta diferença, uma vez que o pesquisador está imerso e em plena interação com outra cultura, outro modo de vida, outro cotidiano, em suma, outro universo. No argumento de Agier (2015: 16), é neste momento de troca, de mútua inteligibilidade, que se inicia a compreensão e o amadurecimento das reflexões. Se o conhecimento é relacional, fruto de uma relação estabelecida, logo, o que se vê na pesquisa é a fusão de duas subjetividades: a subjetividade daquele que pesquisa com a subjetividade do pesquisado (AGIER, 2015: 34). O autor considera natural o envolvimento emocional do antropólogo, pois a especificidade do seu saber está justamente no fato de ser construído pelas relações forjadas no campo (AGIER, 2015: 35). Por essas razões, julga ser vaga e ambígua a ideia de observação participante, propondo falar de presença participativa, participação observante, ou ainda, relação etnográfica para denominar a atuação do antropólogo em campo no momento da pesquisa (AGIER, 2015: 39).

Estas elaborações acerca do campo e do encontro etnográfico foram apropriadas nesta tese visando o entendimento do encontro entre a rede de pesquisadores e os moradores do Jacarezinho. No

entanto, na década de 1960, os antropólogos viam esta interlocução de outro modo. Em primeiro lugar, estes interlocutores eram tratados como informantes, dando um caráter mais assimétrico entre as partes, de modo a assumir somente o antropólogo como protagonista da produção de conhecimento. Apesar disso, ainda na década de 1940, Foote Whyte já estava repensando o lugar do informante na pesquisa antropológica, de modo que assumia que algumas interpretações presentes em seu estudo eram mais de seu informante do que dele (FOOTE WHYTE, 2005 [1943]: 302).

Cicourel (1969), antes mesmo de revisar a literatura sobre a pesquisa de campo, parte da assunção de centralidade do pesquisador na obtenção de dados na pesquisa de campo. Dentre os autores revisados por Cicourel, Schwartz e Schwartz e Raymond Gold percebem as nuances existentes na categoria observação participante, de modo que seria possível as variações desta observação. Assim, Schwartz e Schwartz distinguem os observadores participantes entre ativos e passivos, enquanto Gold destaca gradações entre a participação total e a observação total. O pesquisador poderia, conforme a situação da pesquisa, escolher ser participante, participante como observador, observador como participante e, por fim, somente observador (CICOUREL, 1969). Em ambas abordagens, o pesquisador continua sendo o protagonista do processo de produção do conhecimento.

Sob a perspectiva interacionista, Berreman assume a relação entre etnógrafos e sujeitos da pesquisa como uma interação social. A tarefa de compreender e interpretar os modos de vida do grupo estudado, como uma interação social, envolveria também o controle e a interpretação de impressões mútuas entre antropólogos e seus sujeitos. O controle dessas impressões assumem portanto centralidade na pesquisa etnográfica pois são estas que determinariam o tipo e a validade dos dados acessados. A interação entre etnógrafos e sujeitos seria pautada pela dinâmica da coleta de informações por parte do primeiro e da proteção de segredos por parte do segundo (BERREMAN, 1962).

Bohanan (1966) privilegia a visão estereoscópica, através da qual a antropologia permitiria, através do conhecimento do outro, o auto conhecimento. O antropólogo, visto como um tradutor, estaria constantemente passando por um processo de auto conhecimento ao investigar o outro. Esta tarefa de tradução não poderia, por outro lado, ser feita com base na própria cultura do antropólogo, para não haver deturpação dos significados do contexto cultural estudado (BOHANAN, 1966). Ao afirmar ser dever do antropólogo discutir seus resultados com as pessoas do grupo estudado, Bohanan caminha em direção da consideração do sujeito da pesquisa como alguém não completamente passivo, tendo o poder de referendar e conferir o trabalho do antropólogo.

Para a análise da pesquisa e do trabalho de campo envolvidos na produção da obra *A sociologia*

do Brasil urbano, é importante a reflexão sobre o que aqui se torna uma categoria importante pra entender o conjunto de notas de campo: o campo. Agier (2015), em meio à discussão sobre o encontro etnográfico, traz uma reflexão bastante esclarecedora e coerente com sua perspectiva de entendimento sobre o que vem a ser o encontro etnográfico. Para este antropólogo, existe uma diferença entre espaço e campo, sendo este último entendido como o conjunto de relações pessoais através do qual se constrói o conhecimento (AGIER, 2015: 34).

Na inserção do antropólogo no campo, diferencia-se a orientação no espaço e a orientação no campo (AGIER, 2015: 21). Dito de outro modo, uma coisa é saber localizar-se e situar-se espacialmente, outra coisa é situar-se socialmente nas relações tecidas no campo. Acrescenta que para ambos os casos, é necessário o compartilhamento do ato reflexivo com os atores do campo, tal como já apontado, e principalmente os momentos de contemplação, passeios, conversas casuais para a construção da empatia com o lugar e com o campo, bem como o reconhecimento e o desenho do mapa do lugar e suas regiões morais (AGIER, 2015: 21, 22).

Resulta dessa discussão o seu entendimento do mapa do espaço desenhado pelo pesquisador como um produto de sua subjetividade, um instrumento de pesquisa que é também um inscriitor de sua memória. Nesta, a subjetividade do pesquisador está nas suas indicações e referências dadas pela sua percepção, além do próprio desenho em si. Da mesma forma, também se identificam e se mapeiam as regiões morais, formadas por estereótipos, símbolos e rumores do cotidiano (AGIER, 2015: 27). Dito de outra maneira, estas regiões se formam das relações entre os atores do campo e é a subjetividade do antropólogo no campo que diz onde e o que são estas regiões. É com base nesse entendimento sobre a categoria *campo* que me refiro à este termo e ao termo *redes do campo* nesta tese. Foi com base nessa discussão que pude analisar os documentos que integram esta tese.

Sendo as notas de campo uma parte considerável do conjunto de fontes da tese, cabe apresentar a discussão sobre os diários de campo, ou ainda, sobre as formas de escrita produzidas no campo, sejam estas anotações dispersas, sem qualquer tipo de intermediação ou seleção do pesquisador, notas sistematizadas ou mesmo diários. Enfim, são tipos de “escritas para si” com a finalidade de produzir conhecimento sobre o campo e que guardam significados que lhes conferem complexidade na condição de documentos antropológicos e históricos.

Em artigo sobre a censura aos diários de campo, escrito devido à censura feita pela própria autora a trechos de seu próprio diário de campo, Florence Weber (2009) parte do princípio de que o diário não é um apanágio exclusivo da antropologia e que não cabe a diferença feita entre etnólogos e

antropólogos como o fazem seus conterrâneos franceses. Critica, portanto, a fetichização da etnografia como uma elitização da pesquisa etnográfica à dignidade do campo e a classificação das anotações em úteis e inúteis baseada no que é ou não é de foro íntimo do pesquisador (WEBER, 2009: 158, 164, 165).

Weber, ainda que considere o diário de campo uma ferramenta científica, cuja nomeação como diário considera falsa, também o vê como uma modalidade de diário autobiográfico. Outros atributos são dados aos diários de campo pela autora, tais como: um conjunto de materiais e de dados anunciados por outros; como um estoque de materiais utilizáveis; o elo entre as hipóteses do pesquisador e o momento em que estas são reformuladas; instrumento de autoanálise do pesquisador; conjunto de tentativas de classificação e ordenação do pensamento. Tais reflexões a respeito dos significados de um diário de campo são coerentes com o que considera ser a figura do etnógrafo: um sujeito não unificado, compilador de dados anunciados por outros, pesquisador que tateia seu objeto partindo de princípios explicativos de tradições letradas e filosóficas próprias; personagem social de diversos universos de referências; por último, um observador profissional que pratica uma determinada técnica de observação e de autoanálise (WEBER, 2009: 162, 168).

Ainda que as reflexões da autora sejam importantes para se pensar este tipo de fonte, ou como considerá-las no momento de uma análise, Weber usa sua subjetividade para pensar os diários de campo, pois pensa a partir da experiência individual dela como pesquisadora. No entanto, nem sempre sua consideração do diário como uma modalidade de escrita autobiográfica se aplica a outros diários produzidos por outros antropólogos e pesquisadores. Nem sempre o diário de campo é íntimo ou reflete uma escrita de si.

É possível afirmar que o diário de campo, de um modo geral, é uma escrita subjetiva, uma escrita para si, mas não necessariamente uma escrita de si. Nesse sentido, este tipo de documento não é íntimo. Pode ser subjetivo, com dados que foram escolhidos pela subjetividade do autor do diário, com as peculiaridades e idiossincrasias da escrita e da personalidade do autor impressa em suas palavras e expressões, mas não necessariamente íntimo, visto que apresenta o modo como o pesquisador apreende os dados que se mostram para ele no campo. Pode haver registros de foro íntimo, tratando da emotividade do autor em relação ao que se passa ou ao que pensa durante o processo de pesquisa, mas o conjunto da escrita não é íntimo. É subjetivo.

Outra observação feita por Weber a respeito da análise dos diários de campo, é a falta de uma análise adequada ao que se julga como íntimo, cujo risco é inutilizar materiais ricos para a pesquisa.

Em seu argumento, a classificação como foro íntimo se dá pela incompletude de uma autoanálise. Desse modo, conclui pela possibilidade de analisar o íntimo sem publicar as escritas íntimas impressas no diário de pesquisa. Há ainda uma advertência sobre a análise deste tipo de fonte. Trata-se da necessidade de encarar o diário como um conjunto de materiais, e não como um texto pronto e acabado, cujo risco é tomar uma postura literária em vez de uma postura científica diante do diário. Nesse sentido, a autora atenta para o risco de se construir um sujeito romanesco ou um narrador quando se classifica as anotações sob uma lógica exclusivamente cronológica, uma vez que essa classificação pode ocultar a construção das várias lógicas de interpretação e conhecimento, muitas vezes impressas em notas sem datas ou desordenadas dentro do conjunto (WEBER, 2009: 167, 168).

Oliveira (2000), ao se debruçar sobre a escrita etnográfica, cujo resultado final constitui um modo de escrita completamente diferente da escrita contida nos diários e cadernetas de campo, tece críticas ao que denomina monografias experimentais. Em seu argumento, estas monografias desprezam o controle dos dados etnográficos ao mesmo tempo em que tomam um tom intimista, impondo ao leitor a presença constante do autor no texto (OLIVEIRA, 2000: 29). Para o autor, a escrita na primeira pessoa do singular não deve significar necessariamente a intimidade, mas o abandono da assunção do papel do observador impessoal e onipresente. Para tanto, sugere o uso do “Nós” sem que este seja o padrão de retórica do texto, uma vez que se reconhece a pluralidade de vozes na pesquisa etnográfica (OLIVEIRA, 2000: 30).

Para Oliveira, o discurso do autor não pode ficar obscurecido ou substituído pelas transcrições do que lhe diz os entrevistados. Nesse sentido, destaca que a atenção à intersubjetividade epistêmica entre os membros da disciplina torna o antropólogo moderno menos ingênuo. Este é o ponto no qual o diário de campo é considerado fundamental, pois carrega dados que ganham inteligibilidade quando rememorados pelo autor. Isto é, trata o diário de campo como instrumentos da memória do pesquisador, podendo este presentificar o passado para o pesquisador no momento da escrita monográfica. Seguindo essa linha, considera a memória o elemento principal na redação de um texto (OLIVEIRA, 2000: 30, 31, 34).

Latour e Woolgar, por sua vez, usam a noção de Inscrição Literária como princípio organizador do pesquisador no campo, no caso deles, seu campo era o laboratório que pesquisava o TRF – Thyrotropin Releasing Factor. Tomam emprestado de Derrida a noção de Inscrição, designando uma operação anterior à escrita – tarefas, pontos, gráficos, entre outros registros que organizam o raciocínio do pesquisador e auxiliam a compreensão do campo (LATOUR e WOOLGAR, 1997: 37). Ainda que

Latour esteja se referindo ao laboratório escolhido por ele como campo, é possível deduzir de suas observações o modo como trata as diferentes escritas que resultam na escrita final de um trabalho científico. Afinal, estes atores sendo observados estão fazendo ciência, tal como o antropólogo que o observa. Usam dos mesmos expedientes de escrita desordenada antes da escrita publicada em artigos, conferencias, livros, entre outros.

Assim como estes cientistas produzem escritas externas ao laboratório e documentos produzidos no interior do laboratório (LATOURE e WOOLGAR, 1997: 38), os antropólogos também o fazem. E o diário de campo é justamente esta escrita produzida no interior do seu laboratório, o campo. Os diários e as notas de campo, por mais desordenadas e caóticas que sejam, constituem um sistema de inscrição literária produzida no campo, tal como os cientistas observados por Latour produzem as suas inscrições literárias (LATOURE e WOOLGAR, 1997: 45, 46). E como observa os autores, dessa massa onipresente de inscrição literária, apenas uma pequena parte estará numa publicação (LATOURE e WOOLGAR, 1997: 47).

Em texto sobre a etnografia de Marcel Griaule, James Clifford (2011) traz questões pertinentes que foram nesta tese consideradas ao analisar a interação entre pesquisadores e interlocutores e a escrita etnográfica em seu conteúdo e contexto de produção. Pensando em termos de verdade etnográfica, e sendo fruto de uma negociação entre o pesquisador e seus interlocutores no campo, o autor questiona quais seriam as relações tecidas no campo que negociaram esta verdade etnográfica; e em que condições dialógicas se construiu esta verdade etnográfica (CLIFFORD, 2011: 165 a 168). Ainda que esta tese não se proponha a tratar da verdade etnográfica, mas do encontro etnográfico, as questões levantadas por Clifford adequam-se aos propósitos desta tese, na medida em que se entende a centralidade das relações tecidas dentro e fora do campo, e a influência destas relações na construção das pesquisas de A. Leeds que originaram os artigos, alguns em colaboração com Elizabeth Leeds, publicados na coletânea *A sociologia do Brasil urbano*.

Verificando o que já foi dito sobre a escrita dos diários de campo, percebe-se algumas similaridades com o tipo de escrita das cartas, tratadas na historiografia recente como uma escrita de si. No entanto, há que se considerar que as notas e diários de campo configuram-se como escrita para si, na medida em que se constituem como instrumentos de pesquisa, ou ainda instrumentos de memórias da experiência vivida em campo, registros de reflexões sobre a construção de hipóteses e a comparação destas com a realidade vista no campo. E também contém, misturadas com os registros mais específicos, os pensamentos íntimos dos pesquisadores. É o que se vê nos diários de campo de Boas

(COLE, 1983), Malinowski (MALINOWSKI, 1967) e o relato de Weber ao analisar a censura aos diários de campo (WEBER, 2009). Nesse sentido, cabe ressaltar a advertência da autora sobre a necessidade de uma autoanálise adequada sobre o que se considera íntimo. Ou ainda, sobre a necessidade de repensar esta censura ao diário para que não se inutilizem materiais valiosos.

Considerando que o foro íntimo faz parte da escrita do diário e das notas de campo, constituindo-se em escritas para si e em escritas de si; e que, dada a natureza e especificidade do trabalho de campo, no qual o pesquisador tece relações diversas, com diversos atores, e passa a analisar a sua própria cultura e, naturalmente, a si próprio, cabe levantar as considerações sobre a escrita de si. Na perspectiva de Gomes (2004), o que interessa para o historiador na análise deste tipo de fonte que retrata a escrita de si, não seria a verdade dos fatos, uma vez que não é essa a perspectiva do registro. Para a autora, o que interessa é a ótica assumida pelo registro e como o autor a expressa. O documento, portanto, diz o que o autor viu, sentiu e experimentou em relação a um determinado acontecimento (GOMES, 2004: 15).

O diário íntimo é colocado pela autora como uma outra prática da escrita de si (GOMES, 2004: 18) e, no caso específico dos diários de campo, trata-se de registrar, além dos dados da pesquisa, os sentimentos e sensações experimentadas pelo investigador no seu processo de pesquisa, isto é, no bojo das interações e relações que constituem o campo onde o seu conhecimento é produzido. Uma vez que os dois tipos de diários, guardadas as devidas proporções, apresentam semelhanças como escrita de si e escrita para si, cabe a este tipo de fonte a colocação de questões semelhantes. Entre estas questões apontadas pela autora estão as condições e locais em que foram escritas; os seus objetivos; suas características como objeto material; quais assuntos envolvem; como são explorados em termos de vocabulário e linguagem; e, principalmente, qual questão o pesquisador irá discutir através dos documentos dessa natureza (GOMES, 2004: 21, 22).

Ainda que os diários e notas de campo não possuam um outro destinatário além de si próprio, constituindo-se em uma escrita para si, isso não retira desse tipo de escrita e de registro histórico a dimensão da interação e da interlocução. Afinal, esses registros são frutos de diversas interações realizadas no momento da pesquisa. Por outro lado, se a carta expressa distanciamentos no tempo, no espaço, entre o autor e os acontecimentos e personagens narrados (GOMES, 2004: 20), o diário pode assumir também o caráter de carta, não só apresentando a escrita de si, como também sendo destinada a algum leitor específico. Se não para o próprio produtor do texto, para outra pessoa fora do campo.

É sob este olhar que podemos entender e analisar, por exemplo, as passagens do diário de Boas,

analisado por Cole (1983). Ainda que o autor tenha focado seu texto no percurso da pesquisa de Boas, suas dificuldades, seus novos descobrimentos e no dia a dia vivido pelo antropólogo nas Ilhas Baffin no Pólo Norte, ressalta nos trechos publicados do diário, ou melhor, nos trechos legíveis do documento, a natureza íntima deste. Como relata Cole (1983), a principal motivação para a elaboração do diário de Boas foi a vontade de se comunicar com Marie Krackowizer enquanto estava pesquisando, num lugar cuja distância não seria fácil de reduzir. Tendo, pouco antes da viagem, consolidado o seu noivado com Marie, Boas se ateu à preocupação de escrever cartas a sua noiva em forma de diário, pois sabia que suas cartas jamais chegariam ao seu destino, dada as dificuldades ambientais, a carência de serviços e principalmente a inacessibilidade do local onde foi estudar. Ou seja, as cartas eram o diário e vice versa (COLE, 1983).

Também desta maneira escreveu Darcy Ribeiro o seu diário de campo sobre a pesquisa entre os Urubu-Kaapor, nos anos de 1949 a 1951, durante duas expedições nesta aldeia da parte amazônica do estado do Maranhão. Em *Diários Índios*, obra em que publica seus diários, Darcy Ribeiro inicia o documento em forma de carta a Berta Gleizer Ribeiro, sua esposa e também antropóloga que o acompanhou em outros trabalhos de campo.

Na nota de agradecimento, Darcy diz: *você deve este diário a mim e a João Carvalho, meu intérprete; a Berta Ribeiro, que me inspirou a escrevê-lo em forma de carta para ela e o transcreveu dos manuscritos para um belo texto datilografado (...)* (RIBEIRO, 1996: 7). No prefácio, reafirma: *(...) não estranhe, sobretudo, que eu me refira a você, que me lê, em algumas páginas dos diários. Eles foram escritos como uma carta a minha mulher, Berta, que era minha amada. Será a carta de amor mais longa que jamais se escreveu.* (RIBEIRO, 1996: 10). E assim inicia seu diário:

20/nov./1949 – Berta, abro este diário com seu nome. Dia a dia escreverei o que me suceder, sentindo que falo com você. Ponha sua mão na minha mão e venha comigo. Vamos percorrer mil quilômetros de picadas pela floresta, visitando as aldeias que nos esperam, para conviver com eles, vê-los viver, aprender com eles. DR. (RIBEIRO, 1996: 17).

Ainda que não seja exatamente este o caso das notas de campo aqui analisadas, é possível apreender dessas considerações novas formas de se abordar e analisar este tipo de fonte. Uma vez que se entende o campo de pesquisa como fruto das interações, o documento que se produz a partir disto reflete estas interações, e se torna, por isto mesmo, não só um instrumento de memória do pesquisador, como também um importante instrumento de reflexão sobre suas abordagens teórica e metodológicas. Tal fato fora apontado por Weber em seu artigo sobre a censura do diário de campo, como também por

Homer Barnett, ao relatar como identificou as dificuldades e incoerências das orientações teóricas dadas por Julian Stewart¹⁵ no seio da pesquisa de campo (BARNETT, 1983).

Segundo Weber, o diário registra os ajustes das hipóteses ou mesmo comprovações destas no campo (WEBER, 2009). Barnett (1983), por sua vez, relata que a sua entrada em campo, rigorosamente orientada por Julien Stewart nos povos indígenas em Oregon -EUA previa o cálculo matemático do coeficiente de similaridade entre os traços culturais destes povos, bem como a descrição dos clãs, categoria fundamental na sua orientação teórico-metodológica difusionista. No entanto, seu diário demonstrou a ausência de uma ideia de clã ou de algo similar entre os grupos indígenas de Oregon, a não aplicabilidade desta categoria, e da formulação matemática dos traços culturais comuns. No argumento de Barnett, a aplicação desta fórmula não captava nem traduzia os gestos e palavras apreendidos pela vivência no campo, impressa nos seus registros (BARNETT, 1983: 156 a 159). Conforme seu relato, foi somente depois de se doutorar e, portanto, com sua própria orientação teórico-metodológica, é que teve uma real imersão entre os Ullimang das Ilhas Palau (BARNETT, 1983: 161 em diante).

Em obra na qual aborda a prática da etnografia entre os antropólogos, Peirano (1995) tece algumas considerações que iluminaram a análise das notas de campo em busca da interação entre esta rede de antropólogos estadunidenses e os moradores do Jacarezinho na segunda metade dos 1960. Primeiramente, constata não haver na antropologia fato social, mas fato etnográfico, pois nesta operam seletividade e interpretação do fato na escrita etnográfica. Nesse caso, o observador é parte integrante do processo de conhecimento. As observações não são feitas para acumular ou descrever o peculiar ou exótico, tampouco para acumular depoimentos e informações, mas para refinar problemas e conceitos de modo a tornar estes fatos etnográficos algo universal. Para a autora, a experiência de campo depende da biografia do pesquisador, das opções teóricas da disciplina, do contexto sócio histórico e das situações entre pesquisador e pesquisado (PEIRANO, 1995: 17 a 22). É possível ver esta relação entre notas de campo e biografia do autor em algumas notas de Anthony Leeds, devidamente abordado ao longo da tese.

Partindo do diálogo com Nicolas Thomas em texto no qual se posiciona contra a etnografia, Peirano defende a relação entre etnografia e pesquisa de campo. Uma das colocações de Thomas, resgatadas por Peirano, e que se somam à minha visão sobre a escrita das notas campo é aquela que

15 Julian Stewart foi também professor de Anthony Leeds na Universidade de Columbia, sendo uma referência intelectual importante para o antropólogo, sobretudo em relação a abordagem neoevolucionista, da qual era adepto, junto com seu colega de turma, Marvin Harris (Viana, 2014).

considera a escrita etnográfica e a pesquisa de campo como práticas discursivas políticas tornando questionável portanto a fabricação da alteridade, a homogeneização do outro e a negação do significado das culturas migrantes dentro do ocidente (PEIRANO, 1995: 34). Nesse ponto, Clifford também evoca nos aspectos políticos da elaboração das notas de campo, o fato do inscridor deter o controle daquilo que está sendo incorporado nas notas de campo, além de considerar que toda percepção e inscrição de um evento tem implicações políticas (CLIFFORD, 1990: 55, 56).

A meu ver, esta consideração é mais um risco do que um fato consolidado. Nem sempre a prática discursiva realizada na pesquisa de campo é completamente assimétrica. Afinal, essa assimetria pode ou não se constituir totalmente, dependendo da postura assumida pelo pesquisador na interação com seus interlocutores e no seu processo de registro e escrita das notas de campo, no qual o tratamento dado à matéria bruta, as notas de campo rascunhadas, são cruciais. Ou seja, nesse momento, a fidelidade às evidências etnográficas evocadas por Malinowski (PEIRANO, 1995: 37) tornam-se elemento chave. Se desde o primeiro registro de observação mostra-se enviesado, isso reflete o próprio olhar do pesquisador. No momento em que as notas refletem mais o olhar do pesquisador e não do interlocutor, todo o restante de seu trabalho terá reproduzido uma relação politicamente e completamente assimétrica.

Outra questão que se coloca dentro dessa perspectiva política sobre a relação entre pesquisador e interlocutor é a coautoria. Para Peirano, esse ponto, apesar de ser debatido antes mesmo dos pós-modernos, não ocorre empírica e concretamente, mas teoricamente na produção etnográfica (PEIRANO, 1995: 37). A meu ver, quando ocorre, também não se dá de forma simétrica. Poucos são os casos em que a autoria é dada ao produtor da informação e não ao cientista. O único caso que tenho conhecimento no Brasil é o de Berta Gleizer Ribeiro com Umusñ Pãrõkumu (ou Firmiano Arantes Lana) e Tõrãmu Kêhíri (ou Luiz Gomes Lana), pertencentes à etnia Desana do Noroeste Amazônico, cuja autoria foi dada ao livro resultante da coleta dos mitos do grupo, *Antes o mundo não existia* (PÃRÕKUMU e KÊHÍRI, 1980).

Essa assimetria, penso eu, resulta da forma como cientistas sociais, de um modo geral, e antropólogos, em especial, lidam com ou interpretam o significado da interlocução. De fato, se a interlocução se materializa em documentos, muitas vezes perde-se de vista o fato de que essa materialidade dos dados extrapola a informação ali inscrita. Quando se esvaziam os sentidos contidos naqueles registros, tende-se a ver os dados ali inscritos ou aqueles pedaços de papel como meros instrumentos mnemônicos. Ao se esvaziar toda a complexidade envolvida, ou ainda, quando se perde

do horizonte que aquilo ali resulta de uma vivência, esvazia-se também o significado de todos os interlocutores com os quais o cientista construiu o conhecimento. Desse modo, perde-se também esta percepção. O significado atribuído à materialidade resultante daquela vivência pelo cientista deve ser pensado e considerado em todos os momentos do processo de construção do conhecimento. Por esta razão, as notas de campo tornam-se fontes mais complexas, e a sua discussão, necessária para o entendimento do contexto de produção de muitas pesquisas realizadas no âmbito das ciências sociais.

A complexidade da escrita etnográfica se dá também pela variedade de formas como as notas se apresentam ou pelas etapas de elaboração pela qual passam até se tornarem alvo de análise antropológica. Este foi um ponto importante no tratamento e na análise das notas de campo e outros documentos do campo que compõem o corpus documental desta tese. Logo no texto de prefácio de obra dedicada às notas de campo, Sanjek marca a diferença entre etnografia e nota de campo. O texto resultante da vivência no campo, tem como sua base os documentos registrados nesse período. Ou seja, a etnografia é um resultado final do trabalho de campo, o texto elaborado, sistematizado e fonte para análises mais amplas. Notas de campo constituem o conjunto de documentos produzidos durante o trabalho de campo, podendo diferenciar-se conforme o tipo de escrita e o contexto de produção da escrita (SANJEK, 1990: xi, xii).

As diferenças entre os tipos de notas de campo são demarcadas por Clifford (1990) e Sanjek (1990b, 1990c), cuja forma de registro se dá ora no momento da evento discursivo, tratando-se de um instrumento mnemônico, ora em momentos posteriores, através do qual o observador organiza melhor o registro e incorpora todo o complexo histórico, emocional, social, político e subjetivo que constitui o trabalho de campo (CLIFFORD, 1990: 51, 52; JACKSON, 1990: 10, 11). Desse modo, os tipos de notas de campo acompanhariam os três momentos de sua constituição. A *scracth note* corresponderia ao momento da inscrição, quando o pesquisador anota rapidamente uma palavra ou frase para lembrar-se posteriormente (CLIFFORD, 1990: 51; SANJEK, 1990b: 96; OTTEMBERG, 1990: 148); as notas de campo correspondente ao segundo momento da elaboração da escrita, a transcrição, se daria quando o pesquisador faz uma pergunta específica e anota a resposta tal como fora dita (CLIFFORD, 1990: 51, 66); finalmente, a descrição corresponde ao terceiro momento de escrita, elaborada solitariamente e fora da interação imediata, tratando-se de uma representação da realidade observada (CLIFFORD, 1990: 51, 66). A divergência entre os autores se dá quando Sanjek nomeia como transcrição a terceira etapa da escrita (SANJEK, 1990: 96), o que Clifford indica ser a segunda (CLIFFORD, 1990: 51, 66). Seguindo essa lógica, as notas de campo datilografadas, sendo consideradas uma escrita reordenada e

sistemizada (CLIFFORD, 1990: 64), poderiam ser um exemplo de uma descrição. Lederman, tal como Clifford, também considera as notas datilografadas como um tipo de escrita mais orientadora e formal (LEDERMAN, 1990: 80).

Lederman, apresenta uma discussão sobre as notas de campo mais pautada pelos significados que atribui a este tipo de documento. Em sua análise, este tipo de documento aparece como subversor da etnografia, ou contraditório à voz antropológica, ou ainda como vozes dos objetos de pesquisa do antropólogo (LEDERMAN, 1990: 73, 74). Sua contribuição ao debate se dá ao discutir os diários de campo de modo a diferenciá-los das notas de campo. Considera o diário um registro das elaborações pessoais do pesquisador, seus contratempos e de sua subjetividade, por vezes contendo mais informações ocultadas das outras formas de registro (LEDERMAN, 1990: 76, 77). Logo, este tipo de escrita e registro falaria mais do próprio antropólogo do que do campo. É possível deduzir pela existência de uma complementariedade entre os diferentes tipos de escrita e de registro da vivência do campo. Esta dedução pautou o tratamento e análise dos documentos desta tese.

A análise das notas de campo pode apontar para diversas direções, tanto para a abordagem antropológica, quanto para a histórica. Na medida em que esta tese teve como fio condutor a combinação das duas abordagens, foi importante considerar a discussão sobre as possibilidades de apropriação analítica destas fontes. Segundo Peirano, a reanálise é a construção de uma nova configuração interpretativa ou ainda a imposição de questões novas aos mesmos dados coletados. Logo, a possibilidade de reanalisar um material etnográfico indica a abundância etnográfica ou a incompletude. Por outro lado, a reanálise é a prova da adequação e qualidade da etnografia (PEIRANO, 1995: 51 e 52). Nesse ponto, somente o volume de notas de campo de Leeds, incluindo as notas de seus colaboradores, enseja essa possibilidade de reanálise, seja pelo volume, seja pela qualidade das inscrições, descrições e transcrições feitas pelos pesquisadores, seja pela diversidade de temas e situações observadas no campo. Sendo as notas de campo um *patchwork* de perspectivas reinterpretáveis (LEDERMAN, 1990: 90), o uso das notas numa reanálise permitiria a construção de uma nova sensibilidade por parte daquele que estaria lidando com essa fonte documental.

Diante destas considerações, percebe-se que o diário ou as anotações de campo muitas vezes ultrapassam seu propósito inicial de registros dos encontros e interações. Mais do que ferramentas do trabalho científico, ou da memória do pesquisador no campo, mais do que escritas de si e para si, o diário de campo apresenta diferentes subjetividades, visões e possíveis usos e apropriações além daquela de quem o escreveu. Estas considerações norteiam as análises feitas das notas de campo e dos

outros tipos de documentos acionados para a elaboração desta tese. Afinal, entender os sentidos atribuídos a estas fontes é fundamental para não reproduzir equívocos e para visualizar as possíveis perspectivas de interpretação e análise. Nesta tese, as fontes de escrita etnográfica se combinam com outros tipos de documentos, cujo contexto de produção remete à prática da antropologia. Esta, por sua vez, compartilha com as favelas o enfoque histórico apresentado na tese.

Apresentação dos capítulos

De um modo geral, verifica-se nesta tese a interlocução com os moradores como elemento central na construção das pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds. Buscando fazer uma análise da prática de trabalho de campo, de modo articulado com o contexto histórico e científico, esta tese apresenta-se em quatro capítulos. Em todos estes capítulos, o texto autobiográfico não publicado de Leeds é uma fonte importante para pensar a sua prática científica nas favelas em seus mais diversos sentidos e significados. Em suas palavras:

What I wish to convey as autobiography is not “... and then, ... and then...” but rather, multidimensional patterns of a life; their origins, continuities, changes, resurreces in refurbished forms; the interplay of pasts in presents, presents in pasts as one continuously lives shaping one's world (or trying to) according to some not yet present being; themes running through all this, holding it all together; and how all of this shapes an anthropologist, this peculiar anthropologist, Anthony Leeds. (Leeds, 1984. *Through selfethnography to human nature. Conitnuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. Pg1. NAA/Anthony Leeds Papers/series 6/subseries biographical materials/box 33/draft autobiography).

O primeiro capítulo remonta ao contexto histórico da Guerra Fria e suas conexões com a antropologia, partindo da discussão sobre a ética profissional levada por estes profissionais nos EUA. Considerando os usos estratégicos feitos dessa disciplina nas guerras empreendidas e nos programas de contrainsurgência empreendidos por este país, o debate abrangia o papel do profissional em si e a utilidade prática das ciências sociais que vinham desde a Segunda Guerra Mundial buscando essa legitimidade frente à opinião pública. A discussão também envolvia o papel das agências nacionais e internacionais, órgãos públicos e privados envolvidos nesses esforços e na política de relações internacionais de um modo geral (FIGUEIREDO, 2009; LOPES, 2018; MAIO e LIMA, 2009).

Nesse sentido, as agências internacionais surgidas sob a égide do desenvolvimento, após a criação da Aliança Para o Progresso, assumem papel importante. São estas que vão empregar parte dos profissionais dessa disciplina em seus projetos e programas, bem como irão atuar levando cooperação técnica no campo da saúde e do Desenvolvimento e Organização de Comunidade nas áreas rurais e urbanas da América Latina. Entre estes locais de atuação urbana, estavam as favelas e outros tipos de *squatter settlements*. Entre as agências cuja atuação será analisada neste capítulo estão o Brasil-Estados Unidos Movimento e Organização de Comunidade – BEMDOC, programa da USAID, e a Ação Comunitária do Brasil – ACB, filiada à *Action International*, com sede em Nova York, uma iniciativa do setor privado.

Anthony Leeds participou dos debates acerca da discussão ética entre seus pares no âmbito da AAA desde a deflagração do Projeto Camelot, em 1964, até 1969, quando o Comitê de Ética em Pesquisa dessa entidade divulgou os primeiros resultados de seus debates e resoluções quanto aos princípios éticos de seus profissionais. Paralelamente à sua atividade acadêmica e docente na Universidade do Texas, também atuou em algumas destas agências internacionais de cooperação técnica, tais como o Peace Corps Volunteers, o BEMDOC, como consultor e, mais periféricamente, na ACB, lecionando em um dos cursos de formação da agência.

O segundo capítulo apresenta o encontro etnográfico entre Anthony Leeds e a sua rede de pesquisadores e colaboradores, incluindo Elizabeth Leeds, então voluntária do Peace Corps. Nesta rede estavam inseridos voluntários da agência internacional criada em 1961 por John F. Kennedy, o Peace Corps Volunteers, que moravam nas favelas. Após a análise da atuação desta agência diante da complexidade das relações sociais, econômicas e políticas encontradas nas favelas do Rio de Janeiro, o encontro com Leeds será explanado. Posteriormente, o encontro etnográfico entre esta rede e os moradores, traduzidos nas notas de campo produzidas por estes, será analisado tendo como norte a condução da pesquisa, o modo de abordagem ao morador, os objetos de estudo, o tipo de narrativa construída nas notas, entre outros aspectos técnicos na construção deste instrumento de pesquisa.

A transformação dos voluntários em pesquisadores precede a análise de relatórios de voluntários do Peace Corps que estão depositados no Fundo Anthony Leeds, de modo a evidenciar o esforço e potencial intelectual destes jovens, impresso nestes documentos destinados ao uso institucional da agência. A partir disto, é possível verificar mais claramente o quanto estes jovens contribuíram para a pesquisa de Leeds no sentido de facilitar a sua entrada nas favelas onde moravam, bem como ao oferecer outras observações a respeito das favelas, favorecendo a perspectiva comparativa e holística,

caras à opção metodológica de Leeds em sua prática científica. Nesse ponto, foram muito importantes as entrevistas com os ex-voluntários Elizabeth Leeds e James Wygand para dar mais dinamismo aos documentos escritos e para elucidar melhor a natureza do trabalho voluntário e dos sentidos que atribuíram a este trabalho, à atuação da agência e, principalmente, à vivência nas favelas do Rio de Janeiro na década de 1960.

Neste capítulo e no seguinte foram analisadas as notas de Anthony Leeds, Elizabeth Leeds, Peggy Rockefeller, David Morocco, a nota de Peggy Rockefeller e Janice Perlman e as notas de Paul Silberstein e de Ken Erickson. A autoria das notas de campo analisadas está indicada com as iniciais de cada pesquisador: Anthony Leeds = AL; Elizabeth Leeds = EL; Peggy Rockefeller = PR e assim sucessivamente. Os colchetes vazios - [] - indicam uma palavra ilegível da nota de campo.

O terceiro capítulo trará a análise do conjunto de notas de campo referentes à favela do Jacarezinho de modo a evidenciar o que era este campo naquele período e quais conflitos, disputas, interações e inter-relações se traçavam. Tratará de remontar as redes dos moradores através da narrativa resultante da observação destes pesquisadores. As notas de campo foram analisadas tematicamente e mostram a complexidade das relações entre moradores, administradores, políticos, entre outras autoridades representantes do Estado. Em cada seção temática apresentam-se situações vividas no campo e que conformaram as obras elaboradas por Anthony Leeds e seus colaboradores. Serão apresentadas as análises contidas nas obras publicadas às quais se referem as notas de campo analisadas na sequência. Aqui as obras publicadas serão tratadas como fontes, uma vez que constituem análises de época e que resultam da observação compartilhada por esta rede de pesquisadores e interlocutores comuns, cujas relações foram construídas na vida cotidiana da localidade.

Mais uma vez, as entrevistas realizadas com Elizabeth Leeds e Luiz Antônio Machado da Silva puderam iluminar, além da rica vivência no dia a dia das favelas, as nuances técnicas e metodológicas presentes nos trabalhos de campo realizados por esta rede científica. Assim, puderam também dar maior visibilidade aos seminários informais como uma técnica de pesquisa, de modo que permitia aos interlocutores trocarem experiências e abrirem as possibilidades de questões de pesquisa a serem levadas ao campo.

No quarto capítulo, analisaremos a participação e a colaboração de Flávio Romano, o morador mais presente na construção das pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds. Se na década de 1990 a inclusão dos interlocutores como participantes na pesquisa poderia soar como uma novidade (LEDERMAN, 1990: 81; SANJEK, 1990b: 107), fica evidente nesse capítulo a inserção dos

interlocutores nas pesquisas, já na década de 1960. Aqui verifica-se, além da participação direta de Romano nas pesquisas dos Leeds, o seu esforço e produção intelectual para a ACB, na qual trabalhou como agente comunitário, visitando favelas onde a agência pudesse atuar e produzindo relatórios de visita. Além destes relatórios, Romano produziu textos de sua autoria nos quais analisava a situação das favelas, bem como fora, dentre os moradores do Jacarezinho, o correspondente mais ativo com os Leeds. Sem dúvida, é possível afirmar que Romano se tornara uma referência importante para Anthony e Elizabeth Leeds, pois ao menos em dois textos introdutórios¹⁶ o antropólogo reconhece e agradece a contribuição de seu interlocutor para as suas análises.

A interação com os moradores do Jacarezinho também será brevemente explicitada nas cartas encaminhadas por outros moradores para os Leeds. Os moradores do Jacarezinho correspondentes de Anthony e Elizabeth Leeds são Ernani, Lucy Schmidt e Maria Schmidt. Nestas, as referências à rede se evidenciam de modo a dar outro significado ao encontro etnográfico e a elucidar o entrelaçamento entre a rede científica e as redes do campo. Mais precisamente, elucidam a interação dos moradores com os jovens voluntários dos Peace Corps que integravam essa rede científica e com os Leeds.

As fontes analisadas neste capítulo foram o que estou aqui denominando como documentos do campo, e que Sanjek (1990b: 107) denominou de *fieldnote records*, isto é, o conjunto de materiais do campo que não são notas de campo: informações sociológicas, estatísticas, panfletos, cartas, jornais, revistas e questionários quantitativos. Mais especificamente, as cartas enviadas aos Leeds e a Peggy Rockefeller, seus relatórios de visita, nota de campo referente à Nova Brasília e textos de sua autoria. Nestes, ressalta-se a percepção do morador sobre a prática do trabalho de campo, as agências internacionais e seus profissionais nas favelas, as trocas entre moradores e pesquisadores, bem como os laços afetivos que se criam ao longo da convivência. Para fazer um contraponto à visão de Romano sobre a ACB e sua própria atuação na agência, também foi analisada a correspondência de Virginia Lamp, socióloga integrante dos quadros técnicos da ACB, para os Leeds.

16 Leeds e Leeds, 2015: 58, 59. Leeds, A. sd: 8. Process, structure, and differentiation in cities and society BR RJ COC LE DP DR 01

Capítulo 1- Antropologia na e da Guerra Fria: os debates e as redes científica e institucional de Anthony Leeds na década de 1960.

Desde 2010, quando iniciei meu contato com o Fundo Anthony Leeds e com a obra do antropólogo estadunidense, pude perceber, de parte de meus interlocutores, com quem comentava as descobertas diárias do meu trabalho, não exatamente um total e completo desconhecimento. Afinal, *A sociologia do Brasil urbano* não era uma obra totalmente desconhecida daqueles que lidavam com os estudos urbanos. Experimentei uma sensação que, num primeiro momento, pude interpretar como resultado dos efeitos da Guerra Fria e do antiamericanismo, por sua vez decorrente das políticas externas levadas a cabo pelos EUA ao longo das décadas, desde a Segunda Guerra Mundial. De alguns que conheciam a referida obra de Leeds no Brasil, não era raro ouvir alegações de que o antropólogo era espião, agente da CIA, ou ainda, na melhor das hipóteses, que havia “dado uma guinada à esquerda”.

Ainda que muitas vezes tais alegações fossem ditas de modo informal e jocosamente, a desconstrução dessas impressões por vezes tornava-se tarefa embaraçosa pela obrigatoriedade de não poder ser reducionista, tal como eram essas representações, nem superficial, uma vez que minha posição de pesquisadora requeria a comprovação e a problematização de questões mais amplas envolvendo a prática da antropologia nos EUA e, principalmente, a biografia e a produção intelectual do antropólogo, a quem poucos tinham acesso e de quem poucos possuíam um conhecimento aprofundado. A provocação, sendo dirigida a quem ao longo do tempo foi se dedicando à obra e à pesquisa do antropólogo, tornava-se difícil de ser respondida dado o conjunto de informações disponíveis, mas que, numa conversa informal, não podia ser acionado e mostrado de maneira sistematizada. Em outras palavras, e para usar uma linguagem condizente com o período em questão, eu me via desarmada, num território supostamente neutro, mas em disputa, mesmo tendo todo o arsenal disponível. Mesmo não sendo esta disputa narrativa nem tanto guerra, nem tanto fria, ela carecia de respostas articuladas à complexidade daqueles tempos, à produção, à vida profissional e ao pensamento do antropólogo como um ator histórico.

Cabe acrescentar de imediato que a vinda dos antropólogos para a América Latina era estimulada desde a Segunda Guerra, quando se pôs em curso a antropologia da boa vizinhança (FIGUEIREDO, 2009; LOPES, 2018; LIMA e MAIO, 2009). Logo, cabia frisar aos meus interlocutores que o momento em que Leeds atuou nas favelas foi marcado pela polarização da Guerra

Fria e pelas demandas advindas não só da política internacional traçada pelo país natal do antropólogo, mas também dos próprios profissionais da antropologia. Nem todos eram unânimes quanto aos usos estratégicos da disciplina, ainda que estes se somassem ao esforço pela legitimação da disciplina perante a opinião pública, abrindo as possibilidades de pesquisa e os espaços de participação desses profissionais na política científica do país.

Este capítulo tem, portanto, duas tarefas. A primeira e mais importante é situar o contexto científico, histórico e político das pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds nas favelas durante a década de 1960, de modo a apresentar ao leitor alguns temas discutidos dentro das ciências sociais, tais como desenvolvimento e mudança social. Neste sentido, caberá situar o pensamento do antropólogo diante destes debates e diante das agências internacionais que atuavam nas favelas durante o período. De algum modo, estas ligaram as favelas aos interesses tanto acadêmicos quanto políticos do país natal do antropólogo. Para que ocorresse esta ligação, as ciências sociais, vistas como ferramentas de tradução valorizadas nesse período (MAIO e LIMA, 2009), e seus profissionais assumiram papel importante. De tal modo que podemos ver uma série de especializações da antropologia em disputa, tais como a *applied anthropology*, a *action anthropology*, o *development anthropology* e a *anthropology of development* (MITCHEL, 1970; TAX, 1988, ANDRADE, 2015; ALMEIDA, 2018), bem como a disputa em torno do conceito de desenvolvimento (ANDRADE, 2015; LOPES, 2018: 165).

A segunda tarefa é elucidar a posição do antropólogo diante da Guerra Fria, da Ditadura Militar no Brasil e das visões e narrativas sobre o desenvolvimento que se encontravam em disputa. Mais do que uma resposta minimamente satisfatória à curiosidade dos interlocutores pouco familiarizados com a obra e o pensamento do antropólogo, pretendo trazer as questões que se faziam entre os antropólogos estadunidenses na década de 1960, pertinentes à sua prática profissional no contexto da Guerra Fria e das ditaduras instaladas na América Latina. Incluem-se neste capítulo a inserção das agências internacionais, principalmente as que atuavam nas favelas, como pretensamente promotoras do desenvolvimento em suas mais variadas versões conceituais, metodológicas e técnicas. Afinal, era esta a justificativa oficial de boa parte dos esforços da Guerra Fria e da penetração dos EUA nos países menos desenvolvidos ou, no mesmo tom da época, mais propensos a ceder ao comunismo.

Além do desenvolvimento, a ética profissional é também um dos temas discutidos na antropologia estadunidense e ambos vão abrir outras questões por vezes imbricadas, tais como contrainsurgência, espionagem, antiamericanismo, financiamento de pesquisas, entre outros. No bojo destas discussões, é possível perceber as implicações de ser antropólogo *na* Guerra Fria e/ou *da* Guerra

Fria. Se a postura ética profissional era o ponto crucial nos dois tipos de atuação profissional, em ambas a noção de desenvolvimento, por mais diversa que fosse, era o ponto comum. É nesse contexto de disputas, seja de natureza geopolítica, narrativa ou profissional, que pretendo situar o antropólogo Anthony Leeds e suas pesquisas nas favelas, cujo início se dera em plena reascensão da questão ética profissional entre os antropólogos nos EUA, isto é, em plena deflagração do Projeto Camelot. Este projeto de contrainsurgência era, a rigor, uma pesquisa que seria realizada no Chile em 1964. Mais adiante, trataremos deste projeto.

Tendo nascido em 1925 neste país da América do Norte, mas de família de origem européia, Anthony Leeds passou parte de sua infância na Europa. Vindo de uma família intelectualizada e envolvida com movimentos artísticos e políticos, o jovem Leeds trouxe de seu convívio familiar uma série de heranças que, em seu texto autobiográfico, aparecem como elementos basilares para a sua antropologia. Da experiência profissional da mãe como tradutora e psicanalista, pôde captar um interesse pela linguagem, pelos idiomas, bem como pela própria psicanálise. Como expõe em sua autobiografia, a psicanálise fora um conhecimento amplamente apropriado pelos antropólogos de sua geração, tendo alguns destes, bem como ele próprio, praticado a psicanálise com o intuito de melhor entender as outras culturas. O envolvimento de sua família, incluindo seu padrasto, com a prática musical trouxe a ele não só o interesse em aprender música (tocava violoncelo e cantava, tendo presidido o conjunto vocal *Cantata Singers*), bem como o interesse em estudar a história da música e a colecionar registros musicais de gêneros diversos, desde a música erudita até as manifestações musicais dos povos entre os quais fez seus trabalhos de campo. O envolvimento do pai na ACLU – American Civil Liberties Union¹⁷ e de sua família materna no partido comunista deu a ele uma formação política bem como o interesse pelo marxismo, fortalecido pelas figuras de seu padrasto, Edmond Weil, e de seus interlocutores nos anos de formação na Universidade de Columbia, entre 1947 e 1957.

Não menos importante, sua estadia na Europa durante parte de sua infância permitiu que falasse alemão fluentemente, bem como tivesse uma visão mais crítica em relação à cultura e à vida política de seu país natal. Nesse mesmo texto, o antropólogo registra os momentos em que se percebera ser mais europeu do que estadunidense, a primeira vez na viagem à Europa com sua primeira esposa, a atriz Jo Alice Lowrey, à Rússia no ano de 1964 e, finalmente, quando viaja com sua segunda esposa e colaboradora, a cientista política Elizabeth Leeds, já no início dos anos 1970, entre a sua saída da

¹⁷ ACLU é uma organização da sociedade civil estadunidense formada logo após a primeira guerra mundial, motivada pelas prisões arbitrárias justificadas pelo anticomunismo. <https://www.aclu.org/about/aclu-history> Acesso em 2 de maio de 2019.

Universidade do Texas e seu ingresso na Universidade de Boston¹⁸ (DONAHUE, 2018; SIEBER, 1994; SANJEK, 1994).

O período entre o final de sua infância e toda a adolescência é marcado pela vivência na zona rural do estado de Nova York, onde sua mãe se tornara proprietária de uma fazenda desde a implementação das políticas do New Deal. Esta experiência, conforme registra em seu texto autobiográfico, fora fundamental para o entendimento da cultura americana, incluindo aí momentos de inserção e de estranhamento, principalmente ao que denominou, em português, como “american rural machismo” dos garotos¹⁹, bem como fora importante para o aprendizado de outros saberes e de outras formas de vida não citadinas. Conforme seu relato, essa vivência foi importante para consolidar sua adesão à abordagem ecológica da antropologia, adquirida posteriormente em sua formação universitária e marcante em diversos de seus trabalhos, entre os quais, os estudos sobre a economia de porcos na Melanésia e a organização do livro publicado, em parceria com Andrew Vayda, intitulado *Man, culture and animals*²⁰ (LEEDS e VAYDA, 1967 [1965]).

Em 1942, a sua declarada contrariedade à Segunda Guerra Mundial (um *conscious objector*), somada à sua posição pró-Japão, trouxe à sua vida, além da alcunha de *yellow bellie*²¹, a obrigatoriedade do serviço militar no território de seu país natal. Suas atividades, entre fevereiro de 1945 a outubro de 1946, foram o serviço no Civilian Conservation Camp com o plantio de árvores em Big Flats, NY e o atendimento a pacientes egressos da guerra com transtornos mentais no Pennhust State School, do Civilian Public Service, em Spring City, na Pensilvânia. Dessa vivência, cujos horrores vistos foram posteriormente denunciados pela imprensa estadunidense, pôde extrair o que identificou como uma habilidade para a observação participante, ainda que não consciente²². Pouco depois da conclusão deste serviço, ingressou na Universidade de Columbia, onde permaneceu de 1947

18 Leeds, 1984. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para integrar série *Being an anthropologist*. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 6/subseries biographical materials/ box 33/ Draft Autobiography.

19 Leeds, 1984: 31. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para integrar série *Being an anthropologist*. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 6/subseries biographical materials/ box 33/ Draft Autobiography.

20 Leeds, 1984: 33, 34. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para integrar série *Being an anthropologist*. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 6/subseries biographical materials/ box 33/ Draft Autobiography.

21 Leeds, A. Texto sem título, sem data. NAA/ Anthnony Leeds Papers/series 6/subseries biographical materials/box 33/miscellaneous with biographical content. Leeds, 1984: 37. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para integrar série *Being an anthropologist*. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 6/subseries biographical materials/ box 33/ Draft Autobiography.

22 Leeds, 1984: 36, 37. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para integrar série *Being an anthropologist*. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 6/subseries biographical materials/ box 33/ Draft Autobiography.

até o final de seu doutoramento em 1957. Seu interesse pela antropologia veio após assistir a uma aula de introdução à antropologia com o prof. Charles Wagley a convite de seu colega John Lowenthal na primavera de 1947²³.

Na época, a formação em antropologia nos EUA abrangia arqueologia, antropologia física, etnologia e linguística, áreas que requeriam formação em disciplinas como biologia humana, psicologia, artes, entre outros saberes correlatos (VIANA, 2014; BOAS, 2004; STOCKING JR, 1992). Em sua formação, identifica-se esta abrangência de saberes incluídos na formação básica, tal como preconizava Franz Boas ao traçar a proposta curricular para o ensino de antropologia na universidade de Columbia (VIANA, 2014). Além desta formação abrangente, Leeds participou de um dos dois grupos de estudos marxistas que havia em Columbia no período de sua formação. Um deles era formado por Stanley Diamond, Sidney Mintz, Morton Fried, John Murra, Elman Service e Erick Wolf. O outro era formado por Anne Chapman, A. K. Nazmul Karim e Anthony Leeds²⁴. Nesse sentido, é possível verificar que a própria formação universitária em antropologia no período ensejava o acionamento de saberes que Leeds havia acumulado em sua vivência anterior. Não por acaso, se os múltiplos interesses do jovem Leeds o fizeram produzir ensaios em arqueologia, posteriormente, estes interesses convergiram na prática de sua antropologia e seriam acionados em seus trabalhos de campo. Tal como mostram suas notas de campo, analisadas mais adiante nesta tese, suas observações contemplam muitos desses interesses, ainda que não tenham sido alvo de uma análise sistemática, como por exemplo, as gírias, as linguagens, a música, as danças, a vida afetiva e sexual.

Nesse mesmo período de formação, outros interesses fora do âmbito acadêmico foram igualmente destacados em outros documentos autobiográficos. É o que mostra um texto seu, provavelmente escrito no final da década de 1980, em que relata sua participação na campanha de Henry Wallace para a presidência da república no ano de 1948, fazendo teatro de rua²⁵. Cabe observar que nesse mesmo ano, Leeds casou-se com a atriz Jo Alice Lowrey, daí talvez se explique sua atuação nas artes cênicas somada ao histórico familiar de sua mãe e sua tia Anitta Block, também praticantes destas artes²⁶. Há neste texto, dois aspectos dignos de nota. O primeiro, o fato de Henry Wallace ter

23 Leeds, 1984: 39. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para integrar série *Being an anthropologist*. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 6/subseries biographical materials/ box 33/ Draft Autobiography.

24 Leeds, 1984: 52, 53. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para integrar série *Being an anthropologist*. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 6/subseries biographical materials/ box 33/ Draft Autobiography.

25 Leeds, A. Texto sem título, sem data. NAA/ Anthnony Leeds Papers/series 6/subseries biographical materials/box 33/miscellaneous with biographical content

26 Leeds, 1984: 11, 14, 42, 43. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories*

sido uma figura pública identificada como um político liberal de esquerda e que se posicionava contrário à Guerra Fria, propondo uma saída pacífica através de um acordo entre os dois países beligerantes²⁷. O segundo mostra-se pelo próprio encadeamento do texto, cuja sequência enfatiza a sua inserção em movimentos sociais, tais como a sua participação no Lebanon Emergency Committee, criado em 1982, e o Massachusetts Food and Agriculture Coalition voltado para o reavivamento da agricultura neste estado²⁸. Essa sequência montada pelo autor expõe o seu posicionamento político de modo a mostrar a coerência ao longo dos anos. Desse modo, ressalta não ter sido um intelectual alheio à vida política de seu país, tampouco adepto de posições consensuais, sobretudo em relação às guerras que vivenciou, destacando-se a sua contrariedade à Segunda Guerra, na qual boa parte dos antropólogos de seu país se viram diretamente envolvidos, sobretudo os boasianos da Universidade de Columbia, onde se formou (STOCKING JR, 1992; MATTOS, 2008).

Entre o final de sua formação, marcado pelo seu doutoramento em 1957 e o início de seus estudos nas favelas do Rio de Janeiro, o antropólogo fez seu trabalho de campo voltado para o estudo da horticultura do povo Yaruro da Venezuela, bem como passou pelo departamento de estudos urbanos da OEA, acumulando atividade docente no Hofstra e no NY College. (SIEBER, 1994; VIANA, 2014; DONAHUE, 2018). Sua atuação na OEA permitiu a ele realizar viagens pela América Latina onde a agência pretendia incentivar programas de pós-graduação em estudos urbanos. Estas viagens tinham como objetivo mapear os institutos, universidades e centros de pesquisa que pudessem ter cooperação técnica da OEA, como o pagamento de professores e pesquisadores, para a realização de estudos urbanos, bem como consolidar contatos com intelectuais latino americanos (VIANA, 2014).

Em sua segunda passagem pelo Brasil, em 1962, sendo um profissional técnico da OEA, Leeds realizou seu estudo sobre carreiras brasileiras após o término do seminário realizado em parceria com o CLAPCS, intitulado *Social Structure, Stratification and Mobility*, além de ter realizado o *Four Cities Studies* e ter tido seu primeiro contato com as favelas, por intermédio de Anísio Teixeira²⁹ (LEEDS, 1967). No CLAPCS, estabeleceu contatos com um dos intelectuais que seria referência importante para seus estudos posteriores nas favelas, o sociólogo José Arthur Rios. Por esse centro de pesquisas

to unity. Escrito para integrar a série *Being an anthropologist*. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 6/subseries biographical materials/ box 33/ Draft Autobiography.

27 <https://www.history.com/this-day-in-history/henry-wallace-criticizes-trumans-cold-war-policies>.
<https://www2.gwu.edu/~erpapers/teaching/glossary/wallace-henry.cfm>

<https://digitalcommons.unl.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=3812&context=greatplainsquarterly> acesso em 26/1/2019.

28 NAA/ Anthnony Leeds Papers/series 6/subseries biographical materials/box 33/miscellaneous with biographical content

29 Leeds, 1984: 56, 57, 58. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para integrar a série *Being an anthropologist*. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 6/subseries biographical materials/ box 33/ Draft Autobiography.

também passaram Luis de Aguiar da Costa Pinto, um de seus orientadores durante seu trabalho de campo na zona do cacau baiana, junto com Thales de Azevedo e Anísio Teixeira, bem como outros pesquisadores dedicados às favelas como Carlos Alberto de Medina e Licia do Prado Valladares, então estudante de ciências sociais da PUC (VIANA, 2014; LIMA e VIANA, 2018; VALLADARES, 2018; VALLADARES, 2013: 6, 10).

Ao desvincular-se da OEA, em 1963, Leeds passou a integrar os quadros do Departamento de Antropologia da Universidade do Texas onde lecionou diversos cursos sobre o Brasil, incluindo um curso preparatório para os voluntários da então recém inaugurada agência de cooperação internacional, o Peace Corps Volunteers, para a qual prestava consultoria. Foi através do financiamento desta universidade e sendo pesquisador e professor desta, que iniciou seus estudos sistemáticos nas favelas a partir de agosto de 1965, quando estabeleceu residência no Tuiuti. Nesta mesma favela moravam outros voluntários da paz que ali foram prestar serviços através de um convênio entre a agência e o Estado da Guanabara, firmado em 1963 (AZEVEDO, 2007: 195). Entre estes voluntários que residiam no Tuiuti estava a cientista política recém formada, Elizabeth R. Plotkin, que seria desde então sua principal colaboradora e com quem, dois anos depois, casou-se. Em 1966, o casal estabelece residência no Jacarezinho, onde concentraram, junto com o Tuiuti, a maior parte de suas observações de campo.

De agosto de 1965 a dezembro de 1969, Anthony Leeds, junto com Elizabeth Leeds e outros pesquisadores, fizeram trabalho de campo em diversas favelas, além de Tuiuti e Jacarezinho. Prezando a perspectiva comparativa e atento ao fenômeno dos *squatter settlements* na América Latina, também empreenderam trabalhos de campo em Lima, Bogotá, Caracas, San José, entre outras cidades latino-americanas (LEEDS e LEEDS, 2015). Se os tipos de moradia de baixa renda eram objetos de estudo de alguns cientistas sociais de seu tempo, a literatura então produzida encontrava-se embebida de uma perspectiva com a qual dialogou, mas discordou, qual seja a cultura da pobreza e a teoria da marginalidade. Junto com outros interlocutores também dedicados a estas formas de habitação, tais como Lucien Parisse, William Mangin, John F. Turner e José Mattos Mar, pôde abordar os *squatter settlements* sob outra perspectiva. Se, até então, eram vistos como espaços isolados, marginalizados e associados à pobreza, os estudos levados a cabo por esta rede de pesquisadores viam os *squatter settlements* como soluções encontradas pela população de baixa renda, cuja adaptação urbana e integração com a cidade foram abordadas sob os aspectos econômicos, sociais e políticos. Mais do que desmistificar os estigmas construídos pelo senso comum, puderam apontar o caráter etnocêntrico e empiricamente pouco aprofundado daqueles estudos (LEEDS e LEEDS, 2015; VIANA, 2014; LIMA e

VIANA, 2018; VALLADARES, 2005). Nesse período, desenvolvimento, modernização e mudança social eram temas correntes nas ciências sociais, ganhando a atenção de seus profissionais tanto nos EUA quanto no Brasil.

1.1 Os debates das ciências sociais sobre pobreza na década de 1960.

No início da década de 1960, a literatura tratando da pobreza não era novidade nos EUA. Alvo de diversas controvérsias políticas, o centro das discussões sobre o tema girava em torno da assistência pública a ser dada àqueles que a mereciam ou não. Nos EUA, desde as primeiras políticas públicas para lidar com a pobreza, foi dado um tratamento e um viés individualizante ao fenômeno, de modo a estabelecer uma distinção da pobreza conforme o esforço dos indivíduos que se encontravam nesta condição (KATZ, 1989). Na década de 1960, a obra de Oscar Lewis pode ser vista como mais um documento que reforçou esse tratamento e análise individualizante da pobreza. Apesar de toda a onda de críticas feitas entre seus pares nos anos posteriores (KATZ, 1989; LEEDS e LEEDS, 2015; SORÁ, 2008), esse viés individualizante, determinista e condenatório da pobreza não deixou de ser um instrumento para a elaboração de políticas públicas de assistência nos EUA.

Segundo Katz (1989), entre as formas pelas quais os intelectuais americanos enfraqueceram a cultura da pobreza estão a exposição política, a refutação empírica e a crítica teórica (KATZ, 1989: 37). Considerando esta perspectiva, é possível afirmar que os Leeds e seus colaboradores que estavam nas favelas na década de 1960 são exemplos de refutação empírica e crítica teórica em relação à cultura da pobreza. Afinal, as notas de campo que aqui serão analisadas demonstram esse esforço empírico, materializado nestes registros. Através destes se mostra que, no cotidiano daqueles moradores, as suas atitudes e comportamentos nada tinham a ver com a apatia e desorganização social, entre outras classificações de cunho moral pregadas por essa teoria. Por outro lado, ainda que a exposição política não fosse um objetivo primordial desses pesquisadores, é possível afirmar que, considerando o peso da adesão que teve a cultura da pobreza sobre diversos intelectuais e formuladores de políticas públicas nos EUA, a refutação teórica poderia assumir conotações políticas na medida em que era a teoria da cultura da pobreza que justificava diversas ações políticas tais como a Guerra Contra a Pobreza, iniciada em 1964, e a política externa dos EUA durante a Guerra Fria.

Se a teoria da cultura da pobreza na década de 1960 se tornava uma explicação de viés individualizante para o entendimento da pobreza como um fenômeno social, outros conjuntos de teóricos se somaram para dar, senão uma solução à pobreza, ao menos um sentido mais social e

econômico. São estes a teoria da marginalidade, a teoria da dependência, a teoria da modernização, a teoria do desenvolvimento e subdesenvolvimento. Pobreza, integração social e econômica são elementos que se mostram correlacionados nestas teorias, elaboradas a partir de contextos nacionais, regionais e internacionais.

Sendo um dos intelectuais brasileiros que criticaram empiricamente a teoria da cultura da pobreza e a teoria da marginalidade, Machado da Silva (1971; 1983) observa que ambas as teorias tinham em comum a ideia de assimilação incompleta do estilo de vida urbano, da não integração de pessoas e locais, bem como a apresentação de um dualismo que persistiu até a chegada de trabalhos com base mais empírica a partir da década de 1960. Sendo um campo teórico contendo proposições sobre a pobreza, sobretudo urbana (MACHADO da SILVA, 1983), a teoria da marginalidade tem como ponto em comum com a teoria da cultura da pobreza justamente a atribuição de características sócio psicológicas, tais como a apatia e a incapacidade organizativa; a ideia do círculo vicioso e da perpetuação da condição de vida através das gerações; e a ideia de desajustamento cultural aos padrões modernos .

Segundo seu estudo, as teorias da marginalidade urbana apresentariam três modelos: o primeiro investigava a marginalidade pela via do modo de produção e suas repercussões sobre a estrutura de classe, no qual as fases monopolista e competitiva do capitalismo seriam os polos de uma dualidade. O segundo, cuja análise se dava pela organização técnica da produção, apresentava os setores econômicos secundário /indústria e terciário/serviços, como pares do dualismo, identificando o primeiro com o moderno e o segundo com o tradicional. O terceiro modelo, também abordando o processo de modernização, teria seu foco nos aspectos sócio culturais, que por sua vez exerceriam influência sobre os aspectos econômicos. Assim, os estudos sobre favelas acabaram por adotar o terceiro modelo de teoria da marginalidade, segundo o qual o descompasso entre a cidade e o campo, gerado pelas migrações, dificultaria a assimilação do estilo de vida urbano (MACHADO da SILVA, 1971: 113 a 116). Ainda que este modelo se diferenciasse da perspectiva linear e evolucionista dos outros dois modelos da teoria da marginalidade, Machado aponta para duas novas considerações analíticas: que o caso das favelas leva à imbricação dos modelos; e que há um acordo entre os dois primeiros modelos, uma vez que enfatizam a disfuncionalidade destes grupos marginais, advogam a necessidade de mudanças no sistema e se apresentam como perspectivas evolucionistas e unilineares (MACHADO da SILVA, 1971: 118 a 121).

Este trabalho de Machado da Silva pode ser considerado dentro do conjunto de outras

pesquisas, incluindo a dos Leeds nas favelas, onde houve um esforço empírico para revelar o quanto essas teorias refletiam um total desconhecimento das condições de vida desses setores ditos marginalizados, bem como uma visão econômica, social e cultural bastante restrita e etnocêntrica em relação a esses grupos. Neste sentido é importante ter em vista a contribuição dos estudos com abordagem marxista nesse campo teórico, principalmente Num e Quijano (MACHADO, 1983). Ao inserirem os processos de acumulação capitalista na América Latina como um elemento de análise, isto é, ao colocarem a marginalidade nas relações de produção, davam um lugar a esses grupos “marginais” dentro do e no sistema (seja como exército industrial de reserva no setor competitivo, seja como massa marginal no setor monopolístico). Logo, já apontavam para uma relativização do entendimento de marginalidade, uma vez que perceberam que havia algum nível de integração desses grupos dentro do sistema como um todo.

Outra importante crítica à cultura da pobreza foi feita por Zaluar (2000 [1985]). Zaluar se soma a outros críticos da cultura da pobreza, apontando o equívoco de supor que a pobreza tenha o mesmo significado em outras partes do mundo e o quanto resulta de processos culturais distintos. De modo adicional a esta crítica, também observa o caráter comparativo do conceito de pobreza, em torno do qual a desigualdade social adquire centralidade. Logo, para a autora, pobreza e desigualdade social não seriam resultados de uma cultura, mas de políticas públicas que impõem privações materiais e exclusão ocupacional, educacional e política (ZALUAR, 2000 [1985]: 41).

Em relação aos críticos brasileiros da cultura da pobreza, que entendem haver um relativo isolamento cultural dos pobres e o explicam pelas relações de cunho pessoal e informal da sociedade brasileira, Zaluar aponta alguns problemas. O primeiro seria a desconsideração da possibilidade de enxergar as estratégias de canalização de recursos dentro de um quadro institucional ao focalizar a dinâmica cultural brasileira do paternalismo, personalismo e individualismo. O segundo seria a insuficiência dessa perspectiva em elucidar a natureza e as instituições do poder e do estado, as formas de propriedade e os modos de exploração do trabalho. No entendimento de Zaluar, essa perspectiva baseada nas relações patriarcais acaba anulando outra – a do conflito, da reação à dependência e da manifestação de autonomia das classes populares (2000 [1985]: 42, 43).

Essa mesma ideia identificada como integracionista por Zaluar (2000 [1985]: 43) também se aplicaria à crítica feita ao mito da marginalidade por Perlman (1977). Para Zaluar, assumir a natureza una e indivisível da cultura brasileira para denunciar a estigmatização de pobres resultava na desconsideração de tensões e conflitos internos, relativos à sociedade brasileira como um todo e aos

pobres urbanos. Para Zaluar, resultava no mesmo erro da crítica à cultura da pobreza: desconsiderar a possibilidade de formas autônomas de organização e pensamento dos pobres (ZALUAR, 2000 [1985]: 43, 44).

Na avaliação de Alves e Escorel (2012), as abordagens sobre a marginalidade até os anos 1970, principalmente a linha marxista, mantinham a associação pobreza e capitalismo, e a oposição centro-periferia. Pichler (1980) ressalta o fato de que a teoria da marginalidade, ainda que fosse vista pelo ponto de vista do indivíduo e de maneira isolada, ao enfatizar os padrões de conduta e valores, gerava a oposição marginal *versus* integrado. Por outro lado, aponta para outros teóricos que viam a persistência do tradicional ao lado do moderno, bem como a marginalidade dentro de um mesmo grupo (PICHLER, 1980).

Considerando as pesquisas feitas pelos Leeds nas favelas, é possível verificar que já apontavam para uma nova perspectiva na abordagem da marginalidade, da pobreza e do desenvolvimento. No caso de Anthony Leeds, desde as suas pesquisas na Zona do Cacau, chamava a atenção para o equívoco de abordagens isolacionistas. Uma vez que a própria economia de mercado integrava as diversas localidades e pessoas, sua perspectiva em torno da marginalidade não poderia ser outra que não desmontasse a pressuposição básica desta teoria: a não integração num sistema maior. Esta nova perspectiva de análise nos estudos sobre marginalidade só fora de fato inserida a partir da metade dos anos 1970 (PICHLER, 1980).

Do mesmo modo em que as favelas não eram identificadas como localidades marginalizadas, uma vez que estavam inseridas na economia de mercado, também não eram identificadas com as características propagadas pela teoria da cultura da pobreza. Nesse sentido, as pesquisas dos Leeds nas favelas também trazem novos aportes. Onde os teóricos anteriores viam pobreza, exclusão e marginalidade, Anthony e Elizabeth Leeds viam integração e farta circulação de capital, trabalho, participação na economia da cidade e inserção econômica e política dos moradores das favelas. As seções do terceiro capítulo desta tese mostram justamente essa mobilização de diversos capitais por parte dos moradores, bem como o seu ímpeto produtivo, empreendedor e político, condição *sine qua non* para tornar possível a própria existência das favelas.

Em relação ao debate sobre desenvolvimento, tendo em vista que alguns teóricos apontavam para um protagonismo ora das elites, ora das classes médias como veículos de mudança e desenvolvimento (PERROUX, 1962; HOSELITZ, 1963), Anthony Leeds parecia se coadunar com uma reflexão alternativa a esta. Se Stavenhagen (1965) desmistificou tanto o protagonismo da classe media

quanto a união das classes baixas, Leeds em suas pesquisas mostrou a capacidade produtiva das classes baixas principalmente no que tange à mobilização política, para o trabalho e para a circulação de capital propriamente dito. Todo esse potencial produtivo e que atendia aos critérios da definição de desenvolvimento, mesmo na visão dos teóricos mais conservadores, estão nas suas notas de campo. Onde muitos viam pobreza, atraso, falta de iniciativa e imaturidade política, Leeds via as estratégias e ações dos moradores para driblar os efeitos das severas condições sociais e econômicas impostas e revertê-los em produção de, senão riqueza, ao menos melhorias significativas para as condições de vida, ou ainda, algum desenvolvimento para as localidades. Não por acaso, a perspectiva de enquadrar favelas mais ou menos desenvolvidas conforme critérios como qualidade das casas, do comércio, da vida política (LEEDS, 2018) estava nos trabalhos resultantes de suas pesquisas de campo.

Na esteira das concepções de pobreza e marginalidade, outros debates foram se conformando no período, mas assumindo um dos pares de oposição colocados pelas teorias da marginalidade – a teoria da modernização, alinhada com a oposição tradicional vs moderno; e as teorias do desenvolvimento e da dependência, refletindo a oposição centro vs periferia. Se dependência, marginalidade e informalidade são campos articulados pelo uso de categorias analíticas como massa marginal e exército industrial de reserva (BURNETT, 2014), modernização e desenvolvimento também se articulam no contexto latino americano por outras categorias como “marginalidade estrutural”, de Costa Pinto; “dilema social brasileiro”, de Florestan Fernandes, e “paradoxo argentino”, de Gino Germani (VILLAS BOAS, 2005; BRASIL JR, 2013; CORTÉS, 2012).

Segundo Brasil Jr (2013), o pressuposto básico da teoria da modernização consiste na produção dos mesmos efeitos sociais gerados pela expansão da sociedade moderna, mesmo em ritmos, trajetórias e contingências históricas diferentes. A ideia de modernização percebida como um efeito do desenvolvimento, aparece atrelada a este e à mudança social. No entanto, a forma como se atrelava modernização e desenvolvimento aparecia de maneiras diferentes em alguns intelectuais.

Costa Pinto, por exemplo, frisava a diferença entre modernização e desenvolvimento. A primeira, sendo fruto de uma mudança espontânea, não implicava mudanças na estrutura social. Consistiria numa adoção de hábitos, costumes e ideias de sociedades mais avançadas, não sendo necessariamente um efeito da mudança provocada, ou desenvolvimento. A mudança na estrutura social, sendo uma mudança provocada racional e calculadamente, seria, portanto, o desenvolvimento (VILLAS BOAS, 2005). Gino Germani e Florestan Fernandes, por sua vez, destacam a diferença no processo de mudança social na região, não seguindo uma linearidade, mas uma trajetória tortuosa e

peculiar aos seus contextos sociais e históricos, completamente diferente dos países centrais (BRASIL JR, 2013). Enquanto Gino Germani concebia que o dualismo estrutural consistia na coexistência de diferentes formas sociais de diferentes épocas (CORTÉS, 2012), Costa Pinto formulava a contemporaneidade do não coetâneo, isto é, a convivência de padrões sociais antigos e de relações impessoais e modernas (VILLAS BOAS, 2005).

Por outra via, isto é, pela oposição entre centro e periferia, os teóricos da dependência se posicionaram criticamente à teoria cepalina do desenvolvimento, formulada no final de década de 1940 por Raul Prebisch. Cardoso e Falleto pensaram a relação centro e periferia como uma questão posicional ou funcional em relação à Divisão Internacional do Trabalho. Para estes, a dependência seria uma negociação, e não necessariamente uma submissão ou um obstáculo ao desenvolvimento, sendo, portanto, uma situação cambiável. Na perspectiva de Vekemans, a relação centro e periferia estava presente dentro das próprias sociedades. Apesar da dependência ser em alguns casos um possível fator de agravamento da marginalidade e vice versa, uma não era a causa ou efeito da outra (CORTÉS, 2012). Logo, para estes intelectuais, a dependência, o desenvolvimento e a marginalidade não eram pensadas numa relação de causa e efeito, mas como elementos relativamente independentes, pois em alguma medida poderiam influenciar uns aos outros. Por outro lado, se a dependência é uma negociação entre centro e periferia, há que considerar que nem toda negociação envolve partes iguais ou relações de poder igualitárias.

Entre alguns teóricos do desenvolvimento na década de 1960, é possível verificar determinadas tendências em relação à forma como concebem a possibilidade de viabilizar o desenvolvimento e, conseqüentemente, a modernização, identificados respectivamente como sinônimos de industrialização e incorporação de novos valores. Há teóricos como Perroux (1962) e Hoselitz (1963) que colocam as elites como protagonistas do processo de desenvolvimento por entenderem serem estes atores os mais inclinados a desenvolver determinados valores, tais como interesses utilitários, liberdade, justiça e comportamento inovador. Se as elites, em Perroux (1962), assumem papel determinante, as camadas proletarizadas, por sua vez, são vistas como incapazes de construir uma nova cultura e sociedade industriais.

Hoselitz (1962), ao pensar o desenvolvimento na América Latina, considera a mentalidade do lucro e a opção por adquirir riquezas como valores tipicamente coloniais, identificando uma mudança nesse padrão cultural a partir do século XX, quando uma nova classe média passa a ter na industrialização o seu objetivo econômico. Apesar de distinguir as classes médias conforme seus

objetivos econômicos, não vê, em nenhuma delas, a nova ou a velha classe média, o ímpeto considerado mais desejável para o desenvolvimento: a opção por poupar e inverter os lucros ou explorar as oportunidades oferecidas pelas inovações.

Igualmente vislumbrando uma transição contínua de uma sociedade tradicional para uma moderna, Hagen (1957) põe como fatores geradores do desenvolvimento o dinamismo e o empreendedorismo. Estes ímpetos produtivos, por sua vez, são vistos como resultados de um sentimento de insubordinação e de desejo de realização pessoal e de liberdade que devem se manifestar como revolta e como empreendimentos econômicos, considerados como atividades não tradicionais. Lambert (1960), por sua vez, ainda que vislumbre o dualismo nas sociedades, apresenta um outro entendimento deste. Para o autor, o dualismo seria um modo de busca pelo desenvolvimento e não resultado deste. Se a difusão do progresso técnico e de novos traços culturais são fatores que levam ao desenvolvimento, nos locais onde estes encontravam dificuldades de penetração criava-se uma diferença entre áreas mais ou menos desenvolvidas. Logo, não haveria nações subdesenvolvidas, mas desigualmente desenvolvidas.

1.2 - A antropologia dos EUA e seus debates na Guerra Fria

Enquanto isso, a década de 1960 nos EUA anunciava uma movimentação que reverberaria para todos os seus cientistas sociais. Este período viu o fortalecimento dos movimentos sociais no país, tais como o movimento pelos direitos civis, o fortalecimento dos movimentos indígena e negro, a entrada dos direitos humanos na agenda política interna do país, os movimentos estudantis de esquerda nas universidades, os movimentos contrários à Guerra do Vietnã, a derrota do país na guerra contra a pobreza e a contrariedade da imprensa e de parte da população ao apoio dos EUA às ditaduras implantadas na América Latina (JOFFILY, 2018; TAX, 1988; STOCKING JR, 2010; KATZ, 1989). Neste contexto de intensa movimentação política e social no país, Anthony e Elizabeth Leeds fazem suas pesquisas no Brasil, onde a ditadura militar implantada desde abril de 1964 estava presente em suas pesquisas por diversas razões. Sendo mais um elemento dentro do contexto da Guerra Fria, ambos os eventos reverberaram em suas pesquisas. Se a Guerra Fria trouxe a cruzada anticomunista e, a reboque, a Guerra do Vietnã como agenda política dos EUA, também no Brasil se fazia presente o anticomunismo, a desconfiança e o antiamericanismo de alguns brasileiros e latino americanos, sobretudo após a explosão do projeto Camelot, cujo epicentro fora o Chile, e a invasão dos EUA à República Dominicana.

Em relação à antropologia dos EUA, podemos ver dois movimentos que se complementam. São estes: a questão da ética em pesquisa em plena Guerra Fria e as várias antropologias que se apresentavam no espaço profissional, cujas linhas fronteiriças por vezes mostravam-se embaraçadas. Em todo caso, o ponto crucial destas fronteiras e da questão ética levantada pelos antropólogos eram justamente as propostas destas antropologias e em que medida atendiam à demanda oficial da política externa de cooperação técnica – a promoção do desenvolvimento. A partir dos trechos da correspondência entre Eric Wolf e Anthony Leeds transcrita abaixo, é possível traçar esse percurso que liga a antropologia praticada nos Estados Unidos à disputa pela narrativa do desenvolvimento e à atuação das agências internacionais nas favelas:

(...) There are some immediate threats to anthropology and we ought to get together in sept. 18th when you'll be in town to talk about them and see how the issues may be aired at the Denver meetings. There has been Project Camelot. There has been a conference on the montagnards of Viet Nam at Princeton to which people were invited without being told that the \$ came from Defense (Conklin, to his glory, walked out). There are now offers by defense dept to pay for field work in New Guinea, the funds to be "fumigated" through passage via Natl. Acad. Scie. (the word is Murdock's). There is a recent directive by LBJ to the effect that the State Dept. is to review all foreign area research grants. I think the time has to come to create a scandal at the AAA meeting. (...). (carta de Eric Wolf para Anthony Leeds. 10/9/65. NAA/Anthony Leeds Papers/ series 5 / subseries general/ box 30, ethics)

(...) Camelot, as you know brot very bad reaction in Latin America, and is still reverberating around here with a certain hostility altho it was never the issue here (in this neo-fascist, militaristic semi-dictatorship in league with the US) that it was in Argentina and Chile. I would ask you in my name to create such a scandal most strongly at our national meeting; to warn all anthropologists against these blandishments, and to expose them and their dangers wherever possible. I was approached by SORO to give analyzed info on insurgency in Brasil – this was before April 1964 – but I refused on the grounds that their assumption was the insurgency was from the "left" where I was convinced it would come from the "right" and they did not allow for this in their questions. In other words anthropologists getting involved in this sort of thing are forced into moulds, out of free inquiry, are used for political ends, are mizzled by restrictions on publishing, classification, or other pressures, have their vision distorted by what amount to sizeable bribes. They must make explicit an ethical code as scientists and as humans with respect to the use of science and its abuses and misuses. I think there should be monumental protest at state department review of foreign area grants (I take it you mean from government sources – or do you mean also from private sources – if so there should be an immediate constitutional test of that). I think that the whole business should be accompanied - perhaps even a paper prepared for – by an analysis of the role of the military in policy making, policy-publishing, and research in American society today, and raising the question of legality of all this in view of supposed civilian prominence. Incidentally, I just heard that our colouquy at Tex (now a permanent group) is having a tech-in on US military intervention in Lat. Am. with special ref to Santo D., the congress recent incredible statement (devastatingly received throughtout all L.A.). the CIA and things like Camelot. Anything I haven't written I think you can fill in for me. Give the bastards hell. (carta de Anthony Leeds para Eric Wolf, 7/10/65. NAA/Series 5/Subseries General/Box 30/Ethics).

Em abril de 1965, isto é, meses antes de Anhtony Leeds chegar no Tuiuti e em plena atividade do Peace Corps Volunteers nas favelas do Rio de Janeiro, deflagrou-se a descoberta do Projeto Camelot

no Chile. Programado para ser um extenso estudo sociológico de ponta, cujas altas somas destinadas somente para iniciar o projeto seriam de 6 milhões de dólares (SOLOVEY, 2001: 171; BOZZA, 2014), o Camelot foi interpretado por alguns autores como um dos projetos secretos de contrainsurgência pautado pelos estudos de mudança cultural e social, no qual se cooptaram elites científicas para ganhar informações úteis em programas desta natureza (GIL, 2012: 55; LÓPEZ Y RIVA, 2013, BOZZA, 2014) e por outros como o maior projeto de ciências sociais na história dos EUA (SOLOVEY, 2001: 171).

Enquanto Solovey (2001: 179) coloca a declaração de Kruschew e da China de apoio a movimentos revolucionários como motivação para a construção do programa pelos EUA, Bozza (2014:100) explica a motivação do programa pela movimentação em torno da campanha de Allende no Chile. Apesar dessa diferença de interpretação, os autores convergem em relação ao patrocínio da pesquisa pelo departamento de defesa dos EUA e pelo SORO – Special Operation Research Office, com a participação da CIA e da Fundação Ford para fazer o recrutamento de seus profissionais nas universidades dos EUA (SOLOVEY, 2001: 180, BOZZA, 2014: 101, 102, 115). Entre estes, estavam sociólogos latino-americanos, como o argentino Gino Germani e o chileno Hugo Nuttini, além do americano, de ascendência porto-riquenha, Frank Bonilla, entre outros de nacionalidades distintas e inseridos nas universidades deste país³⁰ (SOLOVEY, 2001: 181, 198, 199).

Os objetivos declarados do projeto eram: criar procedimentos para avaliar potencial de guerra interna; identificar níveis de confiança de ações que um governo deveria tomar para reduzir condições de uma potencial guerra interna; avaliar possibilidade de prescrever características de um sistema para obter e usar informação necessária para realizar os pontos 1 e 2. Apesar da grandiosidade da pesquisa e da busca pela qualidade técnica presumida pelo desenho da pesquisa, pela precisão analítica e pela excelência dos profissionais envolvidos (SOLOVEY, 2001: 180, 181; BOZZA, 2014: 115), o projeto Camelot foi cancelado tão logo descobriu-se a fonte financiadora e proponente do estudo e tão logo foi colocado no debate público em todo o continente americano (SOLOVEY, 2001: 185, 192; FERES JR, 2004: 33; BOZZA, 2014: 106 a 109). A descoberta do financiamento militar do projeto se deu na Universidade do Chile, onde Hugo Nuttini apresentou o projeto com a finalidade de recrutar profissionais. A suspeita em relação ao projeto por parte de Alvaro Bunster, secretário geral da universidade, se deu justamente pelo fato de seu título configurar um código-nome, algo típico de operações militares. Ao ler o projeto, convenceu-se de sua natureza política e contrainsurgente (SOLOVEY, 2001: 185). Após a repercussão negativa em relação à natureza estratégica do projeto e

30 A lista de consultores do Projeto Camelot encontra-se em Solovey, 2001: 198, 199 (Appendix).

sua posterior suspensão, junto com o Projeto Simpático realizado na Colômbia, o Projeto Camelot foi vendido para a *ABT Associates*, que vende assessoria ao Departamento de Defesa e outros órgãos de segurança dos EUA, e transformado em um jogo de simulação que reproduz os episódios do Golpe Militar no Chile ocorrido em 1973 (BOZZA, 2014: 109, 113).

Entre as diversas interpretações do Projeto Camelot e seu legado para as ciências sociais dos EUA, Feres Jr. (2004) representa o projeto como exemplo da cooperação entre o estado e a academia, bem como a sua inserção na lógica da teoria da estabilização (FERES JR, 2004: 33). Gunder Frank (1969) o vê como apenas mais uma parte do grande projeto imperialista levado a cabo pelo “mundo livre” (FRANK, 1969: 247). Solovey (2001: 172,181, 194), além de destacar a qualidade técnica do projeto e a excelência dos profissionais envolvidos, destaca que o projeto iluminou a conexão entre política-financiamento-ciências sociais; trouxe uma revisão epistemológica, na qual a neutralidade e objetividade das ciências sociais e de seus praticantes foram colocadas em xeque; e impôs a reconsideração do peso do patrocínio, suas funções e interesses sobre as ciências sociais. Nessa mesma linha, Gil (2012: 56) observa as mudanças nas ciências sociais em relação à Guerra Fria, ao patrocínio militar e à sua posição epistemológica. Para Bozza (2014: 102, 110, 111, 115), além do projeto refletir o interesse do exército em saber onde poderiam intervir, e de evidenciar a colaboração entre agências de inteligência, fundações privadas, *think tanks* privadas, acadêmicos e universidades, também evidenciou os procedimentos sistemáticos e recorrentes em várias regiões durante a Guerra Fria, permitindo afirmar a continuidade do projeto no Chile, mesmo após o seu encerramento, através de outras iniciativas, entre estas, o Peace Corps.

A despeito da complexidade do Projeto Camelot e de sua deflagração, o que nos interessa neste trabalho é justamente o que o episódio trouxe para a antropologia dos EUA nesse momento. Quais questões foram evidenciadas e impostas aos profissionais da antropologia e das ciências sociais num momento em que as demandas da Guerra Fria colocavam-se de diversas maneiras, seja através de projetos de contrainsurgência, como o Camelot, seja através de outros estudos, sobretudo os de área. Também nesse momento, na década de 1960, as ciências sociais nos EUA viviam um período de valorização após décadas de desvalorização. Se, até então, as ciências naturais eram predominantes nos espaços institucionais, as ciências sociais buscavam essa inserção e valorização perante a opinião pública e institucional. Como observa Solovey, a elevação do status das ciências se deu justamente com a inserção das ciências sociais no complexo acadêmico-industrial-militar da administração de Eisenhower, reforçando-se na administração de Kennedy, cujo gosto pelos intelectuais de ação também

explica essa elevação de status, refletido no próprio Projeto Camelot (SOLOVEY, 2001: 173, 174, 178). Adiciona-se a isto, o grande volume de pesquisas de área realizadas pelos antropólogos em locais visados pela política externa estadunidense (FIGUEIREDO, 2009; ANDRADE, 2015; MAIO, 1997).

O que vale resgatar aqui são as principais questões trazidas nesse momento em que a disciplina passava por uma exposição ao escrutínio público, bem como a posição de Leeds diante destas. Entre as questões imediatas colocadas no âmbito da AAA, estão a clandestinidade da pesquisa, a espionagem feita pelos antropólogos, a ética profissional, o segredo dos resultados, a não sujeição à livre publicação, a suspeição e má reputação atribuída aos antropólogos em futuras pesquisas e o uso, pelos governos, da informação coletada para controlar os grupos estudados de países periféricos (HILL, 1987). Apesar do Projeto Camelot e do Caso Thai, deflagrado em 1970, terem imposto à AAA o debate ético e a formação de uma comissão de ética profissional entre 1965 e 1971 (SCHROEDER, 2007; HILL, 1987; GIL, 2012; SOLOVEY, 2001), não era a primeira vez que a antropologia protagonizava o debate sobre o seu envolvimento nos esforços militares. Afinal, desde a Primeira Guerra Mundial, o envolvimento destes profissionais em atividades de espionagem era posto em evidência dentro da própria AAA, como mostra o episódio, ocorrido em 1919, em que Boas é censurado pela entidade por ter denunciado, através de texto publicado no jornal *The Nation*, o envolvimento, naquelas atividades, de alguns de seus integrantes (STOCKING JR 1992; MATTOS, 2008; FRANK, 1969; HILL, 1987).

Alguns autores mostram a continuidade desta articulação entre a antropologia e os interesses do estado desde a Segunda Guerra, estendendo-se à Guerra Fria (BOZZA, 2014; FRANK, 1969), enquanto outros mostram a atualidade desta conexão em projetos como o *Human Terrain Sistem*, desenvolvido nos EUA em 2006 por uma antropóloga deste país com a finalidade de ser praticado na Guerra do Iraque (LÓPEZ y RIVA, 2013; SAHLINS, 2013; ALMEIDA, 2018), ou a produção de laudos técnicos favoráveis a empreendimentos privados causadores de impactos ambientais e sociais em populações nativas e tradicionais em outros países, como a construção de Belo Monte no Brasil e a exploração mineral na Austrália (PAULA, 2010; ALMEIDA, 2018; BAINES, 1993).

O que cabe destacar para os fins desta tese é que o posicionamento dos antropólogos em relação ao debate ético durante a década de 1960 não foi consensual. Ainda que a AAA, a NAS e outros antropólogos como Charles Wagley e Roy Hansen tenham ora o envolvimento com a Guerra do Vietnã, ora o posicionamento favorável ao uso estratégico da antropologia para a defesa dos interesses dos EUA (FRANK, 1969: 247, 248, 251; ALMEIDA, 2018: 18; BOZZA, 2014: 101, 102), a movimentação dos antropólogos em torno do debate ético e da construção de um código e/ou regulamentação da

atuação profissional, como mostra a correspondência entre Wolf e Leeds, já evidencia este conflito profissional. Assim como não era consensual nos EUA o uso estratégico e militar da antropologia às demandas da Guerra Fria, também a contrariedade ao projeto imperialista moveu diversos intelectuais deste país. Como exemplos, temos a formação da ARPA – Anthropologists For Radical Political Action, grupo de antropólogos contra a Guerra do Vietnã, e a atuação de antropólogos como Wright Mills, Sol Tax, Louis Irving Horowitz, além dos próprios antropólogos diretamente envolvidos no debate ético deflagrado pelo Camelot no AAA, como Eric Wolf, Stephen Boggs e Ralph Beals (FIGUEIREDO, 2009; SILVA, 2003: 11; BOZZA, 2014: 90, 91).

Entre os profissionais que se envolveram em projetos de natureza contrainsurgente, acionava-se ora o argumento de que seria possível consertar as agências a partir da atuação dentro destas, ora a justificava-se o envolvimento pela discurso da estabilidade política a ser buscada por estas pesquisas (HILL, 1987; SOLOVEY, 2001: 87, 188; GIL, 2012: 62). Segundo Solovey, alguns cientistas envolvidos não perceberam o viés conservador porque vinham de uma tradição objetivista, neutra, apolítica e idealizada, advinda das ciências naturais (SOLOVEY, 2001: 188). De outra parte, entre os cientistas não alinhados, ou minimamente críticos aos projetos de contrainsurgência, ora propuseram a inversão do estudos, isto é, definir como objetivo de pesquisa a identificação dos meios de estimular a insurgência e minar o controle da elite; ora situaram o viés político e conservador da contrainsurgência; ora situaram a pesquisa feita em solo americano como parte de uma indústria que vivia sua fase imperialista, qualificando a sua atuação como um estupro da dignidade nacional (SOLOVEY, 2001: 188). Não menos importante, cabe destacar que o apoio de intelectuais encerrou uma espécie de batalha cultural, em que EUA e Rússia empreenderam iniciativas tais como o incentivo a publicações em periódicos de circulação internacional (BOZZA, 2014: 89, 90), ou a publicação de obras de intelectuais estadunidenses em outros países, a exemplo de Oscar Lewis e sua publicação no México sob edição do Fondo Cultural Economico (SORÁ, 2008).

Nesse sentido, é importante destacar a posição de Leeds no debate. Tal como evidencia em sua carta a Wolf, Leeds fazia parte do grupo de intelectuais contrário ao uso estratégico da disciplina, bem como destacou outra questão colocada na época por outros intelectuais, além dele: a autonomia científica e a publicização da pesquisa. Se em sua carta descreve como problema o esforço empreendido pelo SORO e outras agências em moldar os cientistas e suas pesquisas aos resultados impostos por estes, também evidencia outra questão além da autonomia: a censura aos intelectuais contrários a estes maus usos da antropologia. De fato, se a autonomia científica foi crucialmente

levantada em torno do debate ético, esta trouxe a reboque a imposição de uma agenda científica, a subordinação à entidade financiadora e a censura àqueles intelectuais não alinhados aos interesses políticos envolvidos em pesquisas de natureza semelhante ao Camelot.

A autonomia científica já se impunha como questão profissional antes mesmo da deflagração do Camelot. Ainda no alvorecer do Ponto IV de Truman³¹, que colocava na agenda de pesquisa da antropologia a promoção do desenvolvimento de países periféricos via cooperação técnica, a autonomia na escolha de temas para investigação já havia sido levantada por pesquisadores do ISA (FIGUEIREDO, 2009: 91). Do mesmo modo, a pressão para servir às demandas do estado encontrou também resistência de profissionais que defendiam a autonomia científica (FIGUEIREDO, 2009: 107). No episódio Camelot, as novas regulações como a imposição de sigilo para as pesquisas empreendidas pelas forças armadas foram vistas como obstáculos à preservação da independência das ciências sociais não aplicadas, resultando na subordinação das ciências sociais às autoridades não acadêmicas (SOLOVEY, 2001: 191).

Por outro lado, também não era novidade no país as ligações da disciplina e das universidades com as forças armadas, as empresas e o governo (BOZZA, 2014: 92). Não por acaso, o financiamento foi outro fator importante para a discussão em torno da ética em pesquisa, uma vez que seus resultados eram aproveitados pelas agências de inteligência, defesa e repressão (FRANK, 1969: 243), quando não eram solicitados por estas com uma orientação tecnocrática previamente imposta (SOLOVEY, 2001: 177, 192). Desse modo, as conexões entre a antropologia e as forças armadas, o governo e as empresas são bem anteriores à década de 1960 (MATTOS, 2008; STOCKING JR, 1992; FERES JR, 2004: 26, 27). Se antes do Camelot os profissionais acreditavam que o financiamento das forças armadas não tirava a objetividade da pesquisa nem a neutralidade científica (SOLOVEY, 2001: 173), após o Camelot essa relação de patronagem passou a ser esmiuçada. Assim como as forças armadas e as agências de inteligência, as fundações privadas também tiveram um papel importante nessa conexão entre as ciências sociais e os interesses políticos dos EUA, uma vez que faziam essa intermediação seja recrutando acadêmicos nas universidades para as pesquisas solicitadas pelas forças armadas e agências de inteligência, seja financiando estes projetos, alguns de contrainsurgência e espionagem (LOPES y RIVA, 2013; GIL, 2012: 60, 64; BOZZA, 2014: 89, 94, 97, 102). Há, inclusive, exemplos de intercâmbios profissionais que saíram de fundações para integrar quadros de agências de inteligência

31 Em 1949, Henry Truman, então presidente dos EUA, anunciou em discurso as diretrizes de seu governo. O quarto ponto estabelecia a cooperação técnica internacional com os países da América Latina, abrangendo áreas como saúde, educação, administração, energia nuclear, entre outros. Fonte: <http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/ponto-iv>. Acesso em 16 de agosto de 2019. Ver também AZEVEDO, 2007; FIGUEIREDO, 2009.

(BOZZA, 2014: 91, 93, 95, 111), bem como casos de acadêmicos que saíram das universidades e ocuparam postos no governo (FERES JR, 2004: 30; BOZZA, 2014: 91, nota 6).

Nesse aspecto do financiamento de pesquisas, é importante lembrar que nos EUA é feito por entidades privadas e governamentais (STOCKING JR, 1992: 130, STOCKING JR, 1992: 180). Como mostra a troca de correspondência entre Leeds e possíveis financiadores, os pesquisadores enviam suas propostas a estas fundações privadas. No caso de Leeds, seus principais financiadores durante a década de 1960 nos EUA foram a Universidade do Texas, a Fundação Wenner-Gren, Fundação Ford e a Fundação Fullbright³². No Brasil, foram o INEP e o CLAPCS, este último enaltecido em carta a Allan H. Smith do NSF como uma entidade politicamente inviolável. Considerando a data desta carta, 14/12/64³³, é possível deduzir que a preocupação com os usos políticos da antropologia já era alvo de discussão e consideração por parte do pesquisador antes mesmo do escândalo do Camelot.

Apesar de haver autores que apontam a Fundação Ford como intermediadora entre as agências de inteligência, as forças armadas e os pesquisadores, além de apontar as fundações privadas como exportadoras da ideologia da classe dirigente estadunidense (LÓPEZ y RIVA, 2013; GIL, 2012: 60, 64; BOZZA, 2014: 89, 94), não é razoável generalizar essa vinculação a todas as pesquisas realizadas por cientistas dos EUA. Afinal, boa parte das pesquisas são propostas pelos próprios pesquisadores e que posteriormente obtêm o aceite da entidade financiadora. Também não é auto evidente que toda e qualquer pesquisa seja aproveitada para fins estratégicos ou que carreguem determinados valores pelo fato de terem sido financiados por esta ou aquela fundação. Por outro lado, também não é auto evidente que a pesquisa não seja futuramente apropriada ou aproveitada para fins estratégicos com o aval do pesquisador, pois a publicização dos resultados de uma pesquisa torna o acesso e uso desta algo que foge ao controle do cientista.

Em todo caso, cabe esclarecer que a Fundação Wenner-Gren, anteriormente nomeada Viking Fund, e a Fullbright, que carregam os nomes de seus benfeitores, não foram mencionadas na literatura sobre as ligações entre as fundações e os esforços da Guerra Fria. Enquanto o senador Fullbright é reconhecido como um político opositor ao uso da antropologia para a espionagem durante a repercussão do Camelot no congresso americano (SOLOVEY, 2001: 187, 188), o empresário sueco Axel Wennergren teve seu nome envolvido numa trama durante a Segunda Guerra que o acusou de ser

32 Anthony Leeds: Vita. Fall, 1983. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 6/Subseries biographical materials/ Box 33/Curriculum Vitae; Ver também: NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 5/Subseries General/ Box 30/ Grant Applications

33 Carta de A. Leeds a Dr. Smith do National Science Foundation, 14/12/1964. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 5/subseries general/ Box 30/ Grant Applications.

agente do nazismo (LUCIAK, 2016). O desenrolar desse episódio mostra que a acusação feita pelo governo estadunidense tinha como motivação a influência do magnata no governo do México, onde havia investido milhões de dólares e onde os EUA tinha interesse em influenciar também. Aliás, o próprio Wennergren teve uma de suas expedições espionadas por um antropólogo financiado pela Fundação Rockefeller em 1941, a serviço do governo estadunidense (LUCIAK, 2016: 312; 317).

Ao mesmo tempo que havia intelectuais envolvidos com o governo e condescendentes com os imperativos da Guerra Fria, também havia a repressão e censura aos intelectuais não alinhados com os interesses de seus benfeitores. Assim, a dependência financeira das universidades em relação ao governo e às empresas, bem como o controle das atividades acadêmicas pelos administradores das universidades através das regulações ao trabalho de campo, fizeram da academia um espaço para perseguição política (FERES JR, 2004: 28; WAX, 1987; GIL, 2012: 60). Como observa Solovey, esse controle sobre intelectuais também não era novidade na década de 1960, sendo estes, inclusive, alvo de investigação das agências de inteligência (SOLOVEY, 2001: 175).

O ano de 1968 na trajetória científica de Anthony Leeds foi emblemático nesse sentido do não alinhamento e do controle político sobre os pesquisadores. Enquanto coletava dados para a pesquisa Cenpha/Columbia, a Guerra do Vietnã e a ditadura militar no Brasil foram eventos que influenciaram o andamento desta. Em primeiro lugar, a guerra trouxe, além da tensão política no país, envolvendo o assassinato de Luther King e as revoltas estudantis, também as greves. Estas impossibilitaram o contato com outros pesquisadores envolvidos no projeto, como Lawrence Salmen e Chester Rapkin, atrasando alguns procedimentos administrativos, como pagamento, comunicação, etc³⁴. Mais ainda, a guerra impôs restrições orçamentárias aos cientistas que tiveram que adaptar a metodologia de pesquisa ao enxugamento de recursos³⁵. Em relação à ditadura militar no Brasil, esta trouxe por sua vez a necessidade de moderar as críticas em relação às políticas para as favelas, sobretudo a remoção, para que não jogassem fora o projeto de pesquisa³⁶. O tenso clima político no Brasil nas ruas, mesmo antes da publicação do AI-5, também parecia justificar para Leeds a cautela de qualquer estadunidense enviado para o Brasil para o projeto³⁷.

O não alinhamento de Anthony Leeds à política externa e interna de seu país natal – mencionando o North American Congress on Latin America, a revolta estudantil no México e acontecimentos como os distúrbios ocorridos em Chicago em 1968 após o assassinato de Martin Luther

34 Carta Larry Salmen para Anthony Leeds, 10/6/68. BR RJ COC LE DP IC 01.

35 Carta de Anthony Leeds para Larry Salmen, 30/3/1969 BR RJ COC LE DP IC 01.

36 Carta de Larry Salmen para Anthony Leeds. 16/2/68. BR RJ COC LE DP IC 01.

37 Carta de Anthony Leeds para Larry Salmen, 27/6/68. BR RJ COC LE DP IC 01.

King Jr. e o lançamento do nome do democrata Hubert H. Humphrey Jr para concorrer às eleições presidenciais – e de seu país anfitrião – manifestando a insatisfação diante da ditadura militar e da presença ostensiva das forças armadas na rua – podem ser conferidos nos trechos abaixo:

The US is more unbearable than ever. We just don't seem to be getting back into it. We spent a day in Nuevo Laredo and felt marvellously relaxed. John and little Anne went with us and it was very family and humanizing. But this fucking inhumanized and inhumanizing machine is worse nationally and locally than ever. The NACLA people think that Mexico disturbances are engineered by US to back a rightist coup there – Lincoln Gordon went for a visit there in August. Also perhaps behind the Peruvian coup for the same reason and attached to rightist swing with Nixon. Jolly? Lot of overall fascist type movement – more police, more repression, all leadership more or less in jail (of Negro movement for example), but more movement raging itself for the next round. Chicago has left a bad taste in everyone's mouth. Humphrey leaves a bad taste in everyone's mouth and return. Wallace getting [] and still more right by the 1000's. (carta de Anthony Leeds para Larry Salmen. 8/10/68. pg1. BR RJ COC LE DP IC 01)

In my soul of souls, too, I'm rather fed up with Brasil (sic) – it is presently a sick place, moving deeper into its own [featernests] and gradually preparing a huge explosion. It is no longer the pleasant place to be (unless you isolate yourself from most of the mainstream of Brazilian life) that I used to know. Just the fact that down-town Rio, all summer, was like an armed camp with the army scattered all over the place, is part of it. Another reason for wanting other views. (carta de Anthony Leeds para Theo Crevenna, 2/10/68, pg 2. BR RJ COC LE DP IC 01)

Como mostra a pesquisa de Joffily (2018), a política externa e o apoio às ditaduras na América Latina pelo governo dos EUA não eram bem vistos pelos cidadãos americanos, nem pela imprensa, que pressionavam o congresso para que o governo retirasse esse apoio. Embora Leeds tenha prestado consultoria à AID para avaliação do BEMDOC, que atuava nas favelas, isso não significa necessariamente um alinhamento. É importante frisar que Leeds era reconhecido nos EUA como um especialista em Brasil, América Latina e em estudos urbanos, bem como estava no Brasil em 1968 fazendo pesquisa de campo para si e também para o projeto Cenpha/Columbia. Provavelmente, seu nome tenha sido aventado para esta tarefa por estas razões. Se a consultoria para a AID foi tratada como sigilosa, cujos dados eram propriedade da agência, a pesquisa resultante do trabalho de campo realizado nesse período fora publicado em artigos posteriormente, como mostra a coletânea *A Sociologia do Brasil Urbano*. Logo, a maior parte de seu trabalho foi direcionada para o debate acadêmico, e não para outro tipo de apropriação.

Há que se considerar nesse debate a apropriação, uso e controle dos resultados das pesquisas científicas. Como aponta Jorgensen (1972 [1969]), antropólogo que integrou o comitê de ética da AAA (GIL, 2012: 62), as agências de quaisquer naturezas buscavam informações dos antropólogos. Como exemplo dessa apropriação, podemos citar a solicitação da Office of Strategic Services – OSS à antiga

Viking Fund, em 1942, de um catálogo de acadêmicos residentes nos EUA que tivessem executado trabalho de campo fora da América do Norte para ser entregue às agências de inteligência das forças armadas do país (LUCIAK, 2016: 312). Somado a esta consideração, Bozza (2014) afirma que, nesse período, as teses e pesquisas não ligadas diretamente à CIA foram integradas em seus arquivos, além da solicitação de informações a estudantes e militares que tivessem feito intercâmbio nos EUA (BOZZA, 2014: 112, 113).

Logo, é possível considerar que independentemente do envolvimento direto ou indireto, consciente ou inconsciente, com os interesses estratégicos ou militares dos EUA, na medida em que os resultados de uma pesquisa são públicos, toda e qualquer entidade pode se apropriar destes. Desse modo, nem sempre o cientista desse país terá o controle absoluto de quem ou como se apropriou de seus resultados. Como exemplo dessa perda parcial de controle sobre os usos da pesquisa, podemos citar a consultoria prestada por Leeds à AID, agência de cooperação técnica da Guerra Fria, em 1966, para avaliar o BEMDOC – Brasil Estados Unidos Desenvolvimento e Organização de Comunidade. No contrato de trabalho, uma das cláusulas diz que o relatório final e quaisquer outros dados seriam propriedade da USAID, não podendo, portanto, serem publicados pelo pesquisador, nem serem utilizados pelo governo anfitrião, no caso o Brasil. Todos os dados deveriam ser tratados como confidenciais. Além disso, o profissional não poderia exercer outra ocupação além da consultoria³⁸.

O tratamento dado a essas questões que contornavam o debate sobre a ética profissional entre os antropólogos nos EUA se deu ao longo da segunda metade da década de 1960. Foi nesse mesmo período que Anthony e Elizabeth Leeds fizeram suas pesquisas nas favelas brasileiras e nas outras formas de *squatter settlements* na América Latina. Logo, o acompanhamento dado por Anthony Leeds foi feito no ir e vir do trabalho de campo, isto é, de alguma maneira, nem tão diretamente, e no âmbito da sua relação institucional com a AAA, como mostra a correspondência entre ele e os antropólogos incumbidos da tarefa de levar adiante o comitê de ética em pesquisa da entidade profissional³⁹. Nesse ínterim, o comitê, preocupado com a liberdade e autonomia científica, teve a iniciativa de fazer uma pesquisa entre os profissionais enviando questões, cujas respostas seriam confidenciais, para servirem como guia para a formação de uma política interna. A questão básica a ser respondida era: *To what extent is the freedom of our research, our ability to work under hospitable conditions, threatened by the activities and attitudes of US and host government agencies, or other groups, or by the activities of*

38 Contract between the USA and Anthony Leeds. 4/4/66, pg 3 de 6. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 5 /subseries General/ Box 30/ AID.

39 Correspondência A.Leeds/Eric Wolf, 10/9/65 e 7/10/65; Carta Robert Murphy para A. Leeds 28/4/66; carta de Stephen Boggs para A. Leeds, 12/7/66. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5/Subseries General /Box 30/Ethics

*researchers themselves?*⁴⁰.

Em 1969, após intensa atividade, o comitê interino de ética instituído na AAA trouxe para o debate um texto resultante do encontro que deveria planejar a natureza do comitê de ética, a proposta de seu código de ética, incluindo tarefas, escopo, autoridade, as recomendações, entre outras atribuições. O texto levantou controvérsias, entre as quais, uma resposta de Anthony Leeds em junho de 69, publicado em *Newsletter*, periódico desta entidade (HILL, 1987; LEEDS, 1969). Ainda que destaque, logo no início do texto, a sua participação nos trabalhos realizados por este comitê interino, se posiciona contrário ao texto final.

(...) The report builds in as assumption an absolutistic and unitary value system, on one hand, and the conception that there is an intrinsic connection between the science of anthropology and a particular value position - (...). There's no clear evidence that there is a definable logical connection between this particular value system and the thought structure of anthropology. (...).

First, they propose to set forth *an* ethical system as *the* ethical system. Second, they propose to codify *in detail* ethical standards. Third, they propose to set up a registration system for research projects as a way to create *bonae fides* of legitimacy of the researcher and his project, on one hand, and deny the same, i. e. exert pressure against, those they judge to be illegitimate. Fourth, they propose to apply sanctions.

In other words, what is happening here is the definition of a community of the elect, the designation of a Right Ideology, the delimitation of Right Behavior, and specification of sanctions (p.5, col.2, parag.5).

In effect, it is attempting to legislate a socio-ideological system. (...). It is analogous to the attempts in the US in recent years to register subversives and legislatively to define areas of subversion; to define Right Ideology for Americans and to exclude others as aliens, alienateds, subversives, aberrants and so on; to force conformity by direct and indirect sanctions (...).

The report of the Committee – to me as citizen and person, to me as one-time Conscientious Objector and member of the American Civil Liberties Union – is a striking and pernicious failure, especially coming from anthropologists. They have produced a document which is highly ethnocentric, completely swept up in the temper of the times, a product of the same sort of forces that they purpose to be fighting by setting up the procedures advocated. It is authoritarian and sets forth the right of one body – even if it is a majority of the profession – to impose its values on the rest. (...). (Leeds, A. Ethics Report Criticized. *Newsletter*, vol 10. n 6. AAA, June, 1969, p3, 4. Grifos no original).

Se para Leeds a ameaça com a qual o comitê tentava lidar também o atingia, causando principalmente a hostilidade dos grupos estudados, era igualmente ameaçador à livre inquirição científica a imposição de uma regulação codificada em detrimento do uso da persuasão e da razão para lidar com as questões éticas (LEEDS, 1969: 4). A questão ética entre os antropólogos na década de 1960 foi empreendida como uma resposta a uma imposição ostensiva da disciplina a uma política de estado. Este processo também correspondia a uma variação dentro do próprio campo do saber, de modo a comportar diversas propostas científicas conforme os objetivos políticos das pesquisas demandadas pelas forças sociais atuantes no período.

40 Carta de Robert Murphy para A. Leeds. 28/4/66. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5/Subseries General /Box 30/Ethics

O Ponto IV, ao integrar a antropologia à agenda da cooperação técnica, cujo objetivo declarado era a promoção do desenvolvimento e a mudança social (FIGUEIREDO, 2009), foi um marco para a invenção do conceito de desenvolvimento e subdesenvolvimento (ANDRADE, 2015: 54); e para a diferenciação entre as diversas antropologias não acadêmicas que buscavam legitimação dentro e fora da academia e que entrariam em disputa por essa mesma agenda, tais como as antropologias do desenvolvimento – *Development Anthropology* e *Anthopology of Development* (ANDRADE, 2015: 54), a *Action Anthropology* proposta por Sol Tax (TAX, 1988; MITCHELL, 1970) e a Antropologia Aplicada (MITCHELL, 1970; SCHROEDER, 1997; ALMEIDA, 2018; GIL, 2012). Afinal, o atendimento às demandas do desenvolvimento tornou-se, desde o Ponto IV, a condição para a obtenção de recursos para a pesquisa (FIGUEIREDO, 2009: 104). Ainda que com menor visibilidade, havia também a proposta de antropologia da libertação, cuja perspectiva anti colonial foi proposta pelo economista André Gunder Frank (FRANK, 1969). Assim como todas reivindicaram a dependência da ciência aplicada em relação à ciência pura, todas têm uma proposta política, seja a promoção do desenvolvimento, da mudança social e da intervenção social, seja a autodeterminação de povos e grupos, seja a libertação e/ou independência econômica, social, política, cultural e científica dos povos de países periféricos e de seus cientistas. Seja alinhada a uma política de estado e governamental, seja alinhada a uma política não governamental, civil e autônoma.

De um modo geral, a antropologia aplicada, surgida após a Segunda Guerra, foi vista por alguns autores como contraparte à *Action Anthropology*, proposta no final da década de 1940 por Sol Tax (ALMEIDA, 2018: 12; MITCHELL, 1970: 41). De um lado, a antropologia aplicada foi identificada ora como dependente do governo ou como instrumento a serviço do estado; veículo de desenvolvimento de comunidade, e não mais da guerra, sendo seus profissionais agentes do desenvolvimento, ou ainda mediadores e capacitadores de comunidades (ALMEIDA, 2018: 12, 14, 15, 16). Também foi vista como um campo da antropologia social que seria preditiva, fazendo uso do método, e não do resultado da pesquisa, através da qual seus profissionais impunham aos grupos estudados as suas decisões e dos administradores (MITCHELL, 1970: 40, 41, 44). Houve, ainda, quem identificasse a antropologia aplicada como um dos campos da antropologia do desenvolvimento, junto com a *Action Anthropology* e a *Policy Anthropology* já no final da década de 1980 (SCHROEDER, 1997: 92). De outro, a antropologia de ação foi identificada como uma antropologia clínica, que atua nos problemas identificados pelos grupos, autônoma em relação aos governos; como intervencionista, propositiva de ruptura com o colonialismo, com ênfase na auto determinação dos povos (ALMEIDA,

2018: 12; MITCHELL, 1970: 42 a 44).

É importante frisar que a proposta da Antropologia-Ação foi pensada como uma contraposição à afirmação corrente no final da década de 1940 de que a assimilação e a aculturação dos nativos norte americanos seriam inevitáveis (TAX, 1948: 8 a 12). Logo, se era contraposta a uma antropologia aplicada, seria àquela que atuava dentro do território do país e não fora. Esta proposta se insere originalmente menos na política externa dos EUA e mais nas políticas indigenistas deste país, como uma contraposição à teoria do *Melting Pot*, que justificava iniciativas governamentais de 'integração' dos indígenas através da remoção destes para as grandes cidades (TAX, 1988: 8 a 12).

Outro aspecto a ser lembrado é a junção entre a antropologia e a ideia de ação proposta pelo antropólogo estadunidense Clyde Kluckhohn⁴¹ em 1949, mas com sentido distinto daquele cunhado por Tax um ano antes (ALMEIDA, 2018: 13). Segundo este, os “antropólogos *em ação*” estariam a serviço do estado (ALMEIDA, 2018: 14), configurando a aplicação prática da disciplina para as demandas políticas, exteriores à pessoa do antropólogo, e não a autonomia política do pesquisador, ou a sua mobilização rumo à autodeterminação dos povos estudados, como propôs Tax. Além disso, o trabalho destes antropólogos a serviço do Estado foi por vezes associado à abordagem evolucionista e ao conceito de aculturação, tais como as pesquisas dos antropólogos vinculados a Charles Wagley no projeto UNESCO⁴², bem como foram por vezes ressaltadas as semelhanças entre os estudos deste e de Tax no que tange ao enfoque no aspecto econômico em suas análises (ALMEIDA, 2018: 14, 15). Entre estes antropólogos a serviço do estado ou de organizações internacionais, seu papel de tradutores ou intérpretes das populações estudadas foi ressaltado na medida em que era visto como um meio para promover a mudança social necessária ao desenvolvimento (MAIO, 1997; MAIO e LIMA, 2009).

Também as noções de *Development Anthropology* e de *Anthropology of Development* receberam abordagens distintas e levantaram discussões acerca de sua natureza, objetivos e usos, bem como reforçaram as críticas acerca da própria noção de desenvolvimento (ANDRADE, 2015; SCHROEDER, 1997). Em primeiro lugar, o próprio nome já apresenta alguma dose de ambiguidade, quase uma semelhança. Conforme nos apresenta Andrade, os termos surgiram como contrapartes, sendo o segundo cunhado por Arturo Escobar para indicar sua filiação à academia e seu objetivo de estudar o desenvolvimento como um processo político, social e econômico, enquanto o primeiro designaria o engajamento na implementação de projetos de desenvolvimento (ANDRADE, 2015: 54).

41 Clyde Kluckhohn foi professor de Anthony Leeds enquanto integrou os quadros do departamento de antropologia da Universidade de Columbia.

42 Cabe esclarecer que o Projeto Unesco envolvia outros pesquisadores além de Charles Wagley, tais como Alfred Metraux e Arthr Ramos. Ver Maio, 1997.

Em outra perspectiva, e sem traçar uma diferença clara entre as duas abordagens, Schroeder situa o surgimento de ambos os termos na década de 1970, embora localize a tarefa da antropologia do desenvolvimento desde a década de 40 e a estabeleça como sendo a análise dos impactos dos programas de desenvolvimento, bem como a participação direta nestes (SCHROEDER, 1997: 89, 90). Apesar de apontar a insuficiência das definições disponíveis sobre a antropologia do desenvolvimento para tratá-la como uma subdisciplina, justamente por não apresentar um paradigma e um objeto de estudo definidos (SCHROEDER, 1997: 92, 93, 94), identifica algumas características desta: o cunho evolucionista e o enfoque nas teorias da mudança social e da dependência (SCHROEDER, 1997: 94).

Igualmente em diálogo com a teoria da dependência e da mudança social, mas movendo-se na contracorrente das propostas de antropologia do desenvolvimento ou do *Development Anthropology*, o economista e sociólogo alemão, formado nos EUA, André Gunder Frank apresentou a sua proposta de uma antropologia da libertação. Em um claro debate com os antropólogos dos EUA e dos países periféricos, sua proposta, ao assumir uma perspectiva anticolonial, dialoga também com outras visões do desenvolvimento e da teoria da dependência, campo no qual se inseriu efetivamente junto com outros teóricos no mesmo período, tais como Vânia Bambilra, Ruy Mauro Marini e Theotônio dos Santos em um contraponto crítico à Fernando Henrique Cardoso e Enzo Falleto (SANTOS, 1998).

Em seu argumento, os antropólogos deveriam usar seu conhecimento para substituir o sistema capitalista e promover as mudanças em vez de somente estudá-las. Na medida em que estabilidade e modernização seriam problemas de pesquisa dos antropólogos dos países periféricos, estes deveriam respaldar as insurgências populares. Afinal, tanto a insurgência quanto a contrainsurgência eram resultados da estrutura colonial e de classes (FRANK, 1969: 246, 253). No Brasil da década de 1970, é possível identificar uma perspectiva parecida em Darcy Ribeiro que, ao discutir o papel do Museu Nacional para a antropologia do país, reivindica uma antropologia construída com base em teóricos do país e da América Latina, sob a perspectiva dos países periféricos (RIBEIRO, 1979).

Sua proposta tem como mérito apresentar os elos entre as visões de desenvolvimento e as visões da antropologia, bem como os modos como uma influenciava a outra. Isto é, na medida em que a visão do desenvolvimento era laudatória, ou o desenvolvimento propalado pelas agências e pelos economistas do *mainstream* era adotado como a solução redentora dos males dos países periféricos, a antropologia adotada deveria estar de acordo com esta, atuando como seu veículo. De outra forma, se o desenvolvimento era visto como algo criticável, relativizável histórica e culturalmente, ou mesmo assumisse uma perspectiva autóctone e autônoma, a antropologia e seus profissionais assumiriam outro

papel, no sentido de promover esta autonomia dos povos destes países. Outro mérito é justamente apontar que a visão de desenvolvimento e do papel do antropólogo engajado nas políticas desenvolvimentistas não era consensual. Uma vez que, em ambos os casos, a mudança social era o objetivo final, por outro lado, esta poderia se dar tanto de modo conformista, no sentido de que seria promovida em conformidade com um planejamento institucional, da ordem vigente, quanto de modo conflitivo, no sentido de que seria resultante de um processo insurgente. Aliás, este foi um dos pontos levantados no calor do debate acerca do Projeto Camelot por alguns antropólogos americanos. Afinal, seu caráter conservador se dava pela contenção da insurgência, o que significava também conter uma mudança social, mesmo que disruptiva.

Independentemente dos nomes dados à imbricação entre a antropologia enquanto prática científica e à antropologia enquanto veículo de desenvolvimento; e dos objetivos e paradigmas possíveis de serem identificados para a definição de mais um ramo da antropologia, essa discussão nos impõe outra: a própria concepção de desenvolvimento, cuja narrativa encontrava-se em disputa, a julgar pelas considerações feitas pelos cientistas sociais no período, sejam estas apologéticas, laudatórias ou críticas. No contexto da Guerra Fria, o desenvolvimento foi a justificativa para a disputa de áreas de influência por parte dos países do bloco capitalista e, tal como ocorreu com a antropologia, teve como marco original a declaração do Ponto IV (ANDRADE, 2015: 54). No caso dos EUA em relação aos países da América Latina, isso se traduziu no investimento em trocas comerciais, ajuda externa e políticas de saúde por parte do primeiro para com estes últimos. Logo, as agências estadunidenses e organismos multilaterais receitavam modelos de desenvolvimento baseados na racionalização da agricultura, saúde, educação, saneamento inspirados nos pressupostos comunitaristas de auto-organização das populações locais (ANDRADE, 2015; FIGUEIREDO, 2009; MAIO e LIMA, 2009; LOPES, 2018: 177). O desenvolvimento foi visto como uma justificativa para a intervenção política nos países periféricos e traduzido como a incorporação desta população ao capitalismo e aos padrões de consumo e de vida considerados civilizados (MAIO e LIMA, 2009: 542; ANDRADE, 2015: 55). Nessa lógica, a contenção da influência comunista se daria por políticas de eliminação da pobreza, a melhoria das condições rurais e o controle dos movimentos nacionalistas. Somado a isto, a promoção do desenvolvimento seguiria um padrão: a definição dos problemas da população-alvo e a identificação de anormalidades como casos de analfabetismo e desnutrição (ANDRADE, 2015: 55, 56, 58).

Analisando o pensamento de Arturo Escobar, Andrade aponta que o conceito de desenvolvimento nas ciências sociais passou por três orientações teóricas: a teoria da modernização

entre 1950 e 60; a teoria da dependência entre 1960 e 70; e as críticas ao desenvolvimento entre 1980 e 1990. Ainda que essa classificação faça sentido temporalmente, há que se considerar a existência de uma diversidade na conceituação do desenvolvimento (ANDRADE, 2015: 56, 60) e que as críticas à ideia hegemônica de desenvolvimento já se encaminhavam na década de 1960. Embora a imposição de valores, conceitos e padrões dos países ricos aos pobres tenham sido elementos críticos para os *Post Development Studies* (ANDRADE, 2015: 57), estes já vinham sendo levantados anteriormente. É o caso de autores como Rodolfo Stavenhagen (STAVENHAGEN, 1965) e do próprio Anthony Leeds (LEEDS, 1967). Este, ao analisar as favelas, já apontava o caráter etnocêntrico de determinados cientistas sociais dedicados à pobreza urbana e que tinham como parâmetro os padrões de vida da classe média americana (LEEDS e LEEDS, 2015).

1.3 - Favelas e agências internacionais: as Ciências Sociais na agenda do desenvolvimento

Na medida em que a antropologia dos EUA entre as décadas de 1940 e 1960 vinculou-se às políticas desenvolvimentistas ligadas ao Ponto IV (FIGUEIREDO, 2009: 104), estas por sua vez pautaram as atuações das agências voltadas para a promoção do desenvolvimento e da mudança social que abrigavam profissionais das ciências sociais, principalmente na América Latina. O eixo de atuação destas agências foi o Desenvolvimento de Comunidade ou Desenvolvimento e Organização de Comunidade ou ainda Ação Comunitária. Ainda que sejam abordagens distintas dentro do campo do Serviço Social (AMMAN, 2009: 26), é possível verificar que as fronteiras entre estas não eram bem demarcadas na prática cotidiana destas agências. Tampouco o entrelaçamento com as ciências sociais era efetivo, como era recomendado pelos intelectuais que se dedicaram ao debate destas metodologias. No Brasil, é possível verificar o histórico destas abordagens desde sua entrada na década de 1940 até a década de 1960, período tratado nesta tese. Com esta referência, é possível avaliar as linhas gerais que orientavam estas abordagens e o que de fato se concretizou na atuação destas agências internacionais nas favelas.

Apesar de ter evidências de seu aparecimento ainda na década de 1930 (LOPES, 2018: 186), o Desenvolvimento de Comunidade foi instituído pela ONU na Guerra Fria, no início da década de 1940, como um método de promoção do desenvolvimento, em conformidade com o ideal da social democracia (AMMAN, 2009: 9, 29). Nos anos 1950 o Desenvolvimento de Comunidade é divulgado pela ONU como medida de integração dos esforços da população aos planos nacionais e regionais de desenvolvimento econômico e social, sendo o seu uso em larga escala, desde 1957, recomendado pelo

seu Conselho Econômico e Social – ECOSOC. A OEA atende a esta recomendação e torna o Desenvolvimento de Comunidade a base para sua política de assistência técnica nas Américas (AMMAN, 2009: 32, 33). Tendo em seu ideal de modernização um caráter economicista, o Desenvolvimento de Comunidade também era desse modo visto, configurando-se também numa estratégia de superação do subdesenvolvimento, tendo alcance global (AMMAN, 2009: 33; LOPES, 2018: 178, 186).

No Brasil, o Desenvolvimento de Comunidade chegou na década de 1940 através de convênios firmados com os EUA para implementar programas comunitários nas áreas rurais. Como exemplos, há a Comissão Brasileiro-Americana de Educação para Populações Rurais – CBAR, convênio firmado em 1945 (AMMAN, 2009: 30, LOPES, 2018: 178) entre o Inter American Educational Foundation e o Ministério da Agricultura, voltado para a educação rural; no mesmo ano, o convênio entre aquele e o Ministério da Educação para a educação industrial, originando o CBAI – Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial (AMMAN, 2009: 30, 31). Nos anos 1950, o Desenvolvimento de Comunidade pôde ser visto na missão rural de Itaperuna, na Campanha Nacional de Educação Rural – CNER, no Serviço Social Rural – SSR criado em 1955, além de ser tema de debate nos seminários dos profissionais de serviço social (AMMAN, 2008: 34, 35, 36).

Em 1960, o Desenvolvimento de Comunidade incorporou as demandas vindas dos movimentos sociais progressistas, sobretudo da igreja católica. Nesse momento, os profissionais do serviço social passaram a reivindicar mais incisivamente a participação popular, visando a sua conscientização e politização (AMMAN, 2008: 67, 70, 71). Nesse sentido, destaca-se a posição de Josephina Albano, uma das interlocutoras de Leeds no Brasil durante os anos 1960, no reforço a esta concepção de Desenvolvimento de Comunidade que, vista como um processo de mudança social dirigida, enfatizava a participação de líderes comunitários (AMMAN, 2008: 70). Alguns especialistas propunham um caráter mais disruptivo ao termo ao apontarem o caráter conservador da autoajuda, uma vez que esta, ao amenizar contradições e insuficiência, ao aceitar a estrutura, acabava por reforçá-la (AMMAN, 2008: 90).

Segundo Amman, o conceito de Desenvolvimento de Comunidade teria sido assimilado no Brasil sem nenhum rigor semântico. Aponta que havia no serviço social três abordagens distintas no trabalho comunitário: a Organização de Comunidade – processo de provocar e manter um ajustamento entre os recursos e as necessidades de bem estar; a Ação Comunitária, resultante dos esforços cooperativos de uma comunidade consciente de seus problemas e que se organiza para resolvê-los com

seus próprios recursos, prevendo colaboração de outras entidades; e o Desenvolvimento de Comunidade, processo pelo qual o próprio povo participa do planejamento e da realização de programas que se destinam a elevar o padrão de suas vidas, prevendo colaboração entre população e governo (AMMAN, 2008: 26).

Conforme a autora, a ideia de Desenvolvimento e Organização de Comunidade – DOC teria surgido em 1957 no seminário de educação de adultos para o Desenvolvimento de Comunidade, promovido pela união católica e pela UNESCO. Tratando-se da incorporação de elementos do Desenvolvimento de Comunidade à Organização de Comunidade (AMMAN, 2009: 36), o DOC tinha como base a criação de centros cívicos, centros sociais, centros comunitários, de modo que os membros da comunidade seriam chamados a participar de todo o processo de desenvolvimento (AMMAN, 2009: 76). No entanto, em sua concepção ortodoxa, tal como o Desenvolvimento de Comunidade, pressupunha a comunidade como uma unidade, caracterizada pela integração, na qual a participação teria um caráter funcional, visando a estabilidade e o consenso (AMMAN, 2009: 84, 85). Em 1962 e 1963, respectivamente, o DOC será objeto de discussão na XI Conferência Internacional de Serviço Social e no Seminário de Desenvolvimento e Organização de Comunidade promovido pela ABESS – Associação Brasileira de Escolas de Serviço Social (AMMAN, 2009: 78 e 79). Nas favelas, o DOC apresentou-se na formação de centros sociais e em projetos de erradicação ou de urbanização, canalizando-se em atividades de melhoria ou criação de infraestrutura urbana pela ajuda mútua (AMMAN, 2009: 86, 87, 88).

Ainda em 1955, Benjamin Paul (1955) mostra no conjunto da obra por ele editada⁴³, as várias experiências de implantação de projetos de saúde comunitária em diversos locais do mundo. As experiências, ocorridas entre as décadas de 1940 e 1950, mostram a necessidade de entrelaçamento entre os projetos comunitários e as pesquisas sociológicas e antropológicas como recomendação para o seu sucesso. O cerne das discussões apresentadas nos estudos dos 16 casos é justamente a necessidade de entendimento da cultura de uma comunidade antes do planejamento de qualquer projeto de caráter comunitário. Isto significa que na década de 1960 as agências internacionais que tratavam de projetos de cunho comunitário já tinham conhecimento das dificuldades enfrentadas anteriormente, quando não se apropriavam do conhecimento sociológico e antropológico, e que a imposição de modelos de organização vindos de outros contextos culturais levaria os projetos ao fracasso.

43 Entre os casos apresentados, está o de Richard N. Adams, relatando o programa nutricional realizado na Guatemala em 1951. Adams também foi um dos expositores do simpósio *Social Anthropology in the Americas*, coordenado por Anthony Leeds no 37 ICA, realizado em 1966 em Mar del Plata.

Entre os casos observados na obra de Benjamin Paul (1955) está o programa de serviços combinados de Chonin de Cima, um experimento realizado em 1951 e analisado por Kalervo Oberg e José Arthur Rios. Este projeto previa a aplicação da técnica de Desenvolvimento de Comunidade, com a participação dos moradores na solução de seus problemas, baseados no princípio da autoajuda e que atuaria em áreas como saúde e educação rural. Apesar de atribuírem o malogro do projeto a disputas internas da comunidade na condução do projeto, a organização social da comunidade e à sua relação com o projeto (OBERG e RIOS, 1955), verifica-se na condução desse projeto algo não apontado pelos autores. Trata-se da complexa máquina administrativa do próprio projeto colocada num patamar de burocracia dirigente, obliterando ou mesmo impedindo uma participação mais efetiva do morador no planejamento e na execução do projeto. Afinal, havia toda uma linha hierárquica no processo de tomada de decisão em cujos patamares mais altos e com maior poder de decisão não havia um morador. Estes integravam comissões locais com pouco ou nenhum poder de decisão. Este aspecto e seus impactos na condução dos trabalhos ficarão mais visíveis ao analisarmos outros programas de cunho comunitário nas favelas do Rio de Janeiro na década seguinte.

A atuação de José Arthur Rios na discussão e prática do Desenvolvimento de Comunidade é reconhecida e sua obra, *A Educação dos Grupos*, publicada em 1957, é ainda hoje referência sobre o tema (MAIO e LIMA, 2009; LOPES, 2018; AMMAN, 2009). Entendendo a Organização de Comunidade como o estímulo à participação comunitária e à mobilização de recursos locais para programas de ação, Rios defendia a utilização dessa técnica pelas assistentes sociais. Desse modo, a técnica envolveria os moradores na criação de conselhos locais, juntas, grupos de trabalho e de estudo. Essa proposta foi aplicada também na sua atuação nas favelas (LOPES, 2018: 175, 176). Partindo de sua experiência nas áreas rurais, Rios admitia a aplicabilidade da técnica da organização de comunidade às favelas, por considerar estes moradores “párias rurais” e por admitir ali a existência de uma solidariedade vicinal (LOPES, 2018: 193, 194). Também em seu trabalho para a SAGMACS, publicado no ano de 1960, recomendava o estímulo à auto-organização comunitária, coerente com a sua adesão à Organização de Comunidade. Em seu trabalho posteriormente realizado na gestão de Carlos Lacerda no governo da Guanabara, na função de Coordenador de Serviços Sociais, o estímulo à criação de associações de moradores também se coadunava com essa perspectiva comunitária característica de sua vida profissional (LOPES, 2018: 194, 195).

Uma vez que os *squatter settlements* eram considerados uma prioridade para a UN, também foram alvos de ação de outras agências, como o PC, o BEMDOC e a ACB, cujas noções de

desenvolvimento e cujas propostas de promoção de desenvolvimento e organização de comunidade nas favelas poderemos observar a seguir. Traçando uma comparação entre os projetos pilotos da ACB, do BEMDOC/USAID, da United Nations e do relatórios do BEMDOC no Borel, Turano/Liberdade e em Nova Brasília, onde a agência atuou, além da análise das cartas entre Anthony Leeds e Patrick Crooke, pesquisador do Centro para Habitação, Construção e Planejamento das Nações Unidas, e Chester Rapkin, pesquisador do Instituto de Ambiente Urbano da Universidade de Columbia, é possível verificar em linhas gerais o que seria, na visão destas agências, o ideal de desenvolvimento voltado para as favelas, bem como o que queriam saber sobre estas localidades e formas de moradia.

A Ação Comunitária do Brasil era uma entidade sem fins lucrativos que surgiu da colaboração de 16 empresários brasileiros em 1966 e, já em 1969, contava com 120 colaboradores. Seu início no Brasil se deu pela mobilização de Paulo Ayres Filho, presidente do IPES, em articulação com a *Action International*, que por sua vez tinha entre seus objetivos promover programas de ação comunitária de iniciativa privada nas Américas⁴⁴. Conforme publicação institucional, tratava-se de um órgão de ação social destinado a inquirir, ordenar e sistematizar o “problema” nos moldes da iniciativa privada de mobilizar os recursos existentes nas comunidades⁴⁵. O Brasil Estados Unidos Movimento, Desenvolvimento e Organização de Comunidade – BEMDOC era um projeto de cooperação técnica da *Agency for International Development*, financiada pelo governo americano, voltada para a promoção da metodologia da ação comunitária em parceria com os governos conveniados e que solicitassem a ajuda técnica⁴⁶. O volume de capital financeiro investido em ambos lhes permitia custear diversos materiais de propaganda e panfletos educativos direcionados aos moradores das favelas. Além disso, também custeava a manutenção de numeroso pessoal técnico e administrativo envolvido nos projetos, a formação e treinamento de pessoal, a confecção de relatórios e informativos internos e a infraestrutura para o funcionamento dos programas, como aluguel de salas, material de escritório, entre outros. Enquanto a ACB se mantinha com apoio financeiro privado, o BEMDOC era mantido pela USAID⁴⁷.

Em primeiro lugar, é importante ressaltar que a visão da favela como um problema é algo comum à ACB e à United Nations. Para a ACB a favela não é só um problema, mas um palco para a

44 Suplemento JB 19/6/1969. p2, 4. BR RJ COC LE DP PP 40. Carta de Paulo Ayres Filho para Joseph Blatchford, presidente da Action International. 28/2/1966. BR RJ COC LE DP IC 01.

45 Suplemento JB, 19/6/1969. p2. BR RJ COC LE DP PP 40.

46 Projeto Piloto BEMDOC; Plano de Trabalho do Departamento de Estudos Científicos do BEMDOC, pgs. 7, 8 e 9. BR RJ COC LE RI 02.

47 Para avaliar o volume de capital investido, ver no Fundo Anthony Leeds os dossiês BR RJ COC LE DP PP 16, referente à ACB, e BR RJ COC LE RI 02, referente ao BEMDOC. BR RJ COC LE DP PP 16; DP PP 35V1; DP PP 39; DP PP 40; RI 02.

realização de um empreendimento, qual seja, a assistência aos moradores e a “solução” do “problema”. Afinal, a ACB, assim como a *Acción en Venezuela*, era um braço da *Action International*, entidade privada originada em Nova York em junho de 1965⁴⁸ e que atuava de modo semelhante em todo o continente americano, isto é, levando assistência social a áreas empobrecidas⁴⁹. Somado ao fato de a favela em si ser um problema, também entendem como “problema” um conjunto de aspectos que deveriam ser atacados⁵⁰.

Para a United Nations, que pretendia organizar um seminário para treinar coordenadores de projetos a serem futuramente realizados nas favelas, estas seriam um problema que criava outros. A prioridade dada ao “problema” era tal que havia dois documentos internos, as Resoluções 1168 e 1224 da ECOSOC – UN, cujo teor central era o mesmo: a prioridade dada ao problema social da moradia e do desenvolvimento urbano pelos governos e agências internacionais, levando-os a solicitar estudos sobre experiências de países que tivessem realizados programas nesse campo⁵¹. Ainda que o relatório do BEMDOC não mencione a favela como um problema em si, é significativo o fato de que sua atuação se voltasse para a identificação de problemas nas localidades⁵², o que indica um entendimento de que a favela seria um aglomerado de problemas a serem resolvidos pelos moradores, mas por intermédio das agências. Daí decorre toda a visão construída por estas agências do que seria o desenvolvimento, ao menos para as favelas, já que o objetivo parecia ser a solução de problemas destas localidades ou uma solução para estas.

Diametralmente contrário a este entendimento, Anthony e Elizabeth Leeds viam as favelas como soluções, apontando, portanto, para outra direção e perspectiva o tratamento dado aos *squatter settlements*. Esta perspectiva já havia sido apontada por outros pesquisadores do fenômeno urbano como Lucien Parisse, William Mangin e John Turner. Para os Leeds, a moradia na favela significaria uma melhoria nas condições e padrões de vida, tendo em vista as diversas formas de moradia mais precárias, como *slums*, cortiços, *callejones*, favelas de quintal, casas de cômodo, entre outras⁵³ (LEEDS

48 Suplemento JB pg 4 19/6/69. BR RJ COC LE DP PP 40.

49 Suplemento JB 19/6/69. BR RJ COC LE DP PP 40. Veja também os boletins da ACB em BR RJ COC LE DP PP 39.

50 Projeto ACB. Pgs 1 e 2. 25/3/1966, cujo anexo é uma carta de Paulo Ayres Filho do IPES para Joseph Blatchford, de 28/2/66. BR RJ COC LE DP IC 01.

51 Aide Memoire, 5/10/1967, Pg 2, itens 6, 7 e 8. pg 3. BR RJ COC LE DP DR 01. Leeds se refere a este texto na carta enviada a Patrick Crooke, da United Nations, no dia 27/11/1967, alocada no dossiê BR RJ COC LE DP IC 01. Logo, o texto Aide Memoire, apesar de estar alocado no dossiê DR – Divulgação de Resultados, não é de autoria de Anthony Leeds, mas da United Nations.

52 Trabalho da IV Equipe de Campo [BEMDOC] – Morro do Borel. Pg 1. Sem data [Data provável: 1966]. BR RJ COC LE DP PP 03 V1.

53 Carta de Leeds para Patrick Crooke, 16/10/1968, pg1, BR RJ COC LE DP IC 01. Avaliação do Bemdoc por Anthony Leeds, abril/maio de 1966, pg3, BR RJ COC LE RI 02.

e LEEDS, 2015: 195 a 242; LEEDS, 2018 [1968]: 833; CAVALCANTI, 2018: 840, 841). Considerando que os *squatter settlements* seriam efeitos de causas como a política salarial, a falta de incentivos produtivos, de planos de produtividade da posse da terra, a redistribuição de taxa, a absorção de lucros pelas firmas estrangeiras, as leis de aluguel, entre outras condições políticas e econômicas a nível nacional e internacional⁵⁴, A. Leeds aponta para outras ações, não voltadas para as habitações em si, mas para a produtividade dos *squatter settlements*. Desse modo, propõe dar maior atenção a instituições centrais na administração nacional, de modo que os programas das agências internacionais investissem em ações que levassem ao aumento de renda real dos moradores, isto é, em ações que permitissem investimentos dos moradores, investimento externo e do estado em urbanização e pequenos negócios e fábricas⁵⁵. O trecho a seguir é bastante elucidativo da perspectiva mais ampliada dada aos *squatter settlements* por Anthony Leeds.

Brief comments on the pilot program for low income settlement. On the whole – and I took this position at the Chop conference in Dec. 1967 – I think squatter settlements should be left alone with the exception of creating links for the residents to credit systems and legal information. What is needed also are systems of credit which go beyond the usual ones especially those allowed by the big agencies like BID, IFM, etc. Who are essentially uninterested and incomprehensive of how such “unfinancial” systems of credit could work for much more rapid and essentially more democratic betterment than their system of financing which essentially fill the pockets of the big construction industry boys. Unless this problem of now credit forms is resolved all programs dealing with housing will go awry and will not solve the problem because the construction is done from outside in one way or another. Programs which deal with infra structure alone, also, make sense – sewers, water, light, streets. (Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/68, p1, BR RJ COC LE DP IC 01).

Desta perspectiva, a melhoria local seria igualmente um efeito de uma ação a nível nacional e internacional. O incentivo à produtividade assume centralidade na perspectiva de Anthony Leeds em relação aos *squatter settlements*, uma vez que os considera soluções produtivas a despeito de todos os problemas impostos a estas formas de moradia, sobretudo em relação às favelas. Nesse sentido, as melhorias das condições de vida seriam impulsionadas pelo aumento da produtividade já apresentada nestes locais.

Ainda que os fatores de mudança social considerados pela ACB e BEMDOC não fiquem explícitos nos seus documentos, ao menos para a UN, estes são os acessos aos serviços sociais básicos

54 Carta de Anthony Leeds para Patrick Crooke, 16/10/1968, p2. Carta de Leeds para R. J. Crooks, diretor do Centre for Housing, Building and Planning da United Nations em Nova York, 27/11/1967, BR RJ COC LE DP IC 01. Avaliação do BEMDOC feito por Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg 2, BR RJ COC RI 02.

55 Carta de Anthony Leeds para Patrick Crooke, 16/10/1968, pg 1; carta de Anthony Leeds para R. J. Crooks, 27/11/1967 BR RJ COC LE DP IC 01. Avaliação do BEMDOC feito por Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg 18, item 6c, BR RJ COC RI 02.

e à moradia⁵⁶. Isso explica a inserção dos moradores no mercado habitacional como sendo um dos objetivos da UN no que tange à sua proposta de futura atuação nas favelas, embora não explique o outro objetivo: a remediação das condições físicas das favelas⁵⁷. Nesse sentido, é sintomático que a perspectiva da mudança social não esteja evidente nos documentos das outras agências, ainda que seja possível deduzi-las pelos objetivos declarados. De um lado, a ACB tinha por objetivo criar centros cívicos para a ação comunitária da própria agência, bem como a criação de comunidades (no sentido dado por eles mesmos e que veremos adiante), o desenvolvimento de lideranças e organizações representativas capazes de resolver seus problemas e conduzir as classes sociais mais influentes a participarem na solução dos problemas dos moradores das favelas⁵⁸. Do outro lado, o BEMDOC se direcionava a inserir os moradores no mercado de trabalho, ao oferecimento de ajuda técnica para a resolução dos problemas apontados pelos próprios moradores⁵⁹, a preparar lideranças para que através destas tivessem influência indireta na organização política da favela em todos os seus detalhes⁶⁰, a unificação da comunidade através da conscientização de seus problemas⁶¹, além da promoção do que chamavam de Desenvolvimento e Organização de Comunidade⁶². Quanto a este objetivo, cabe citar o entendimento que o órgão dava ao termo:

BEMDOC is committed to the basic assumptions of the community development and organization philosophy, that is: that the community itself is the greatest resource available for the promotion of its own improvement, that community problems meet a satisfactory solution through the voluntary and responsible participation of each member of the community, that the raising of social standards must be based on a recognition of the individual worth of each member and the conscious effort to arouse and develop his individual potentialities, that integration of the community with the larger community of which it is a part, is the task of responsible local government, as well as society as a whole, through its institutions. (Fact Sheet [BEMDOC] – Morro da Liberdade, p6, nov 65, BR RJ COC LE DP PP 03 V11)

Neste trecho, percebe-se que a ideia de comunidade associa-se à de integração, algo que será mencionado também em outros documentos desta agência e da ACB, cuja discussão será apresentada adiante. Afinal, integração e vida comunitária estão também imbricadas com outras categorias como isolamento e ruralidade, presentes como causa explicativa das favelas, de seus problemas e das relações

56 Aide Memoire, pg2 e 5, 5/10/1967. BR RJ COC LE DP DR 01.

57 Aide Memoire, pg 3, 5/10/1967. BR RJ COC LE DP DR 01.

58 Carta de Paulo Ayres Filho para Joseph Blatchford, 28/2/1966, anexo ao projeto ACB, de 25/3/1966, BR RJ COC LE DP IC 01. Suplemento JB 19/6/69, pg 2, BR RJ COC LE DP PP 40.

59 Trabalho da IV equipe de campo [BEMDOC] – Morro do Borel. Sem data [data provável: 1966]. BR RJ COC LE DP PP 03 V1. Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, maio de 1966, pg 11, BR RJ COC LE DP RI 02.

60 Plano Piloto BEMDOC – Plano Geral de Ação, novembro de 1965, pg 5, BR RJ COC LE RI 02.

61 Trabalho da III equipe de campo [BEMDOC] – Turano/Liberdade. Nov 65, pg 5, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

62 Fact Sheet [BEMDOC] – Morro da Liberdade, pg 6, novembro de 1965, BR RJ COC LE DP PP V11.

estabelecidas entre as agências e os moradores. Por hora, cabe retermos que essa ideia de comunidade, figurando entre os objetivos declarados da agência, implicava determinadas assunções e ações nas favelas, tais como o descarte do conflito como parte integrante da vida comunitária e a presunção de que todos os moradores poderiam seguir a lógica organizativa da agência e se envolver nos grupos organizados por esta.

Por outro lado, na posição de quem vê o desenvolvimento comunitário partindo da perspectiva científica, Anthony Leeds entendia o desenvolvimento comunitário em consonância com a visão de que as favelas eram soluções e que a ideia de desenvolvimento comunitário deveria se basear no relativismo cultural, estando, portanto, a serviço do outro. Como primeira observação, considera que o desenvolvimento comunitário deveria se direcionar não ao problema local, mas efetuar mudanças administrativas e políticas nos níveis estadual e nacional. Somado a isto, a ideia de desenvolvimento comunitário consistia em deixar as favelas se organizarem para melhorar os seus padrões de vida, ao mesmo tempo em que deveria deixar os moradores se integrarem na sociedade de novas maneiras, criando mudança autogerada⁶³.

Cada uma destas agências também deixou registro de quais seriam as suas funções. A ACB, conforme sua visão de que a favela era um local para a realização de um grande empreendimento tinha como função a assistência social em rede, conforme a proposta da *Action International*⁶⁴. Logo, problema e solução articulavam-se de modo a justificar a razão de ser desta agência privada e a sua visão empresarial. Assim, a visão da favela como problema era interdependente da visão empresarial da assistência social realizada pela ACB, pois este serviço era a especialidade oferecida por esta rede de agências especializadas em ação social da qual a ACB fazia parte. De fato, o BEMDOC não via a sua atuação como um empreendimento, tampouco advogou uma lógica privada a esta. No entanto, era visível a complexidade burocrática de sua organização interna, a ponto de ser reproduzida na organização comunitária nas favelas, vide os setores da agência – serviços sociais, recreação, educação e saúde – e o estímulo dado aos moradores para que criassem comissões e subcomissões de moradores dedicadas a estes setores específicos e nos mesmos moldes da organização e lógica burocrática interna da agência⁶⁵.

63 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 2, 3, 17. BR RJ COC LE RI 02

64 Carta de Paulo Ayres Filho a Joseph Blatchford, 28/2/1966, anexo ao projeto ACB de 25/3/1966. BR RJ COC LE DP IC 01.

65 Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, maio de 1966, BR RJ COC LE RI 02. Exposição sobre “Nova Brasília” [BEMDOC], sem data [data provável: 1966], p11, BR RJ COC LE DP PP 03 V6. Trabalho da IV equipe de campo [BEMDOC] – Morro do Borel, sem data [data provável: 1966], pg 2, BR RJ COC LE DP PP 03 V1.

A UN e o BEMDOC, sendo agências vinculadas a setores governamentais, entendiam seus papéis e funções de modo menos intervencionista, embora propusessem atuar dentro das localidades. Enquanto a UN se propunha a prestar consultoria a governos anfitriões na preparação de seus programas, além de oferecer pessoal técnico, informações e avaliação de métodos e resultados⁶⁶, o BEMDOC se resumia a oferecer ajuda técnica e, quando pudesse, o material necessário à realização de algumas obras, como caixa de água, manilhamento de esgoto ou vias de acesso⁶⁷. Quanto ao que viria a ser a ajuda técnica, ainda que seja comum entre ambas, percebe-se que a melhor definição se encontra na proposta de seminário da UN, já que, conforme a organização do trabalho do BEMDOC, esta poderia variar conforme os problemas apontados pelos moradores⁶⁸. Ou seja, estava atrelada à própria forma de organização do trabalho dentro da localidade e se tornava uma categoria tão fluida quanto o entendimento do que seria o desenvolvimento.

Apesar de nenhuma destas agências manifestarem efetivamente as suas definições de desenvolvimento, o conjunto de ações que caracterizaria a promoção do desenvolvimento, registrados em seus documentos, nos dá pistas sobre a forma como construíam suas noções acerca desta categoria. O que nos leva a deduzir que desenvolvimento era, portanto, uma categoria em construção no seio da atuação destas agências e que, sendo constante e ambientada em diversos contextos, poderia assumir formas igualmente diversas conforme o contexto social e político nos locais onde estivessem atuando. Como ponto comum às três agências, as condições físicas das favelas figuram como prioridade⁶⁹ e como promotora do desenvolvimento⁷⁰. Note-se que por vezes o que se entendia como condições físicas também englobava as condições sanitárias e a implantação de equipamentos voltados para o esgoto, construção de fossas e abastecimento de água⁷¹, além de outras ações correlatas como a colocação de incineradores de lixo, o escoamento das águas da chuva e a remediação dos estragos causados por estas⁷².

Outros aspectos surgem nesse conjunto caracterizante do desenvolvimento voltado para as

66 Carta de Patrick Crooke para A. Leeds, 7/8/68, pg 4 e 5, BR RJ COC LE DP IC 01.

67 Trabalho da IV equipe de campo [BEMDOC] – Morro do Borel, p2, sd [data provável out/65 a 1966], BR RJ COC LE DP PP 03 V1. Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, pg 19 a 21, maio de 1966, BR RJ COC LE RI 02.

68 Projeto Piloto BEMDOC, p4, nov 65, BR RJ COC LE RI 02.

69 Projeto ACB, p1, BR RJ COC LE DP IC 01. Suplemento JB, 19/6/69, p 5 e 6, BR RJ COC LE DP PP 40.

70 Trabalho da IV equipe de campo [BEMDOC] – Morro do Borel, p3, BR RJ COC LE DP PP 03 V1.

71 Trabalho da III equipe de campo [BEMDOC], Turano/Liberdade, nov 65, p7, BR RJ COC LE DP PP 03 V11; Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, Maio de 1966, pg 21, BR RJ COC LE RI 02. Nota de campo de Peggy Rockefeller, Nova Brasília, 8/7/?, DP PP 03 V6. Carta de Patrick Croocke [UN] para A. Leeds, 7/8/68, p3, BR RJ COC LE DP IC 01; Aide Memoire [UN], 5/10/67, p2, BR RJ COC LE DP DR 01.

72 Trabalho da III equipe de campo [BEMDOC] – Morro do Borel, nov 65, p1 e 2, BR RJ COC LE DP PP 03 V1.

Trabalho da III equipe de campo [BEMDOC] – Turano/Liberdade, nov 65, p3, BR RJ COC LE DP PP 03 V11. Nota de campo de Peggy e Ina, Nova Brasília, de 5/8/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

favelas, tais como a legalidade do uso do solo e das moradias⁷³ e a melhoria das condições sociais como a construção de escolas, a oferta de alfabetização, do ensino primário e a melhoria do padrão de vida⁷⁴, apesar de não deixarem explícito qual referência tomam por padrão de vida ideal. Além das atividades educativas, o BEMDOC também realizou atividades recreativas, tais como projeção de filmes, realização de festas e excursões, a ponto de formarem comissões recreativas em Nova Brasília e no Morro da Liberdade⁷⁵. A ACB também registra ações nesse campo, como cursos de alfabetização, corte e costura, cuidados com a criança, bem como a realização de atividades recreativas como teatro infantil e projeção de filmes⁷⁶.

Nesse sentido dos aspectos sociais e culturais e do padrão de vida que as agências tomam por referência, chama atenção na proposta de programa piloto da ACB que, apesar de não proporem nenhuma ação concreta nesse campo, externam suas visões e discursos, notadamente discriminatórios, sobre os moradores das favelas, bem como já apontam a migração como causa do que chamam de “problema”, como é possível verificar no trecho abaixo.

The Problem. Brazil, like most countries of the hemisphere, suffers from the phenomenon of rural people leaving the land or rural towns to come to the city. The city is unable to incorporate them, and the people, unaccustomed to city life, improvise with miserable shacks of wood and tin. The resulting settlements are called favelas and the favelas of Rio are world famous. They have become famous for their size, for the abject poverty in which the people live – and for the lovely view that many of the favelados enjoy of beautiful Guanabara Bay. (Grifos no original. Projeto ACB, 25/3/1966, p2, BR RJ COC LE DP IC 01.).

Nesse mesmo trecho articulam-se como pressupostos, além da reprodução da teoria da cultura da pobreza de Oscar Lewis (1960), o julgamento da pobreza como algo abjeto, a indicação da migração como causa, o suposto isolamento das favelas em relação à cidade e a incapacidade adaptativa dos moradores em relação à vida urbana. São justamente estes os elementos criticados por Anthony e Elizabeth Leeds em sua produção intelectual sobre as favelas com a base empírica construída por suas pesquisas na década de 1960 (LEEDS e LEEDS, 2015). Por outro lado, o trecho chama atenção justamente por indicar o padrão de vida como um elemento chave na visão do que supõem ser o desenvolvimento sem que necessariamente apontem ações culturais como propostas promotoras do

73 Aide Memoire [UN], 5/10/67, p1 e 3, item 10, BR RJ COC LE DP DR 01. Trabalho da IV equipe de campo [BEMDOC] – Morro do Borel, sem data [data provável: 1966], p1, BR RJ COC LE DP PP 03 V1. Suplemento JB, 19/6/69, p8, BR RJ COC LE DP PP 40.

74 Aide Memoire [UN], 5/10/67, p2 e 3, BR RJ COC LE DP DR 01. Trabalho da IV equipe de campo [BEMDOC] – Morro do Borel, p1 e 2, BR RJ COC LE DP PP 03 V1.

75 Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, maio de 66, p18, BR RJ COC LE RI 02. Trabalho da III equipe de campo [BEMDOC] – Turano/Liberdade, nov 65, pg 4, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

76 Suplemento JB, 19/6/69, pg 5, BR RJ COC LE DP PP 40.

desenvolvimento no seu projeto piloto. Uma vez apontada como causa do “problema favela” para a ACB e para a UN⁷⁷, a migração justificava as seguintes ações por parte da primeira: o investimento em capitais e assistência técnica na agropecuária e na cana de açúcar na região Norte Fluminense do estado do RJ⁷⁸. Por sua vez, o BEMDOC, ainda que não explicita a migração como causa direta das favelas, tinha como campo de atuação a área rural, como mostra o sumário de seu programa piloto, especificamente no ES, PE e SC⁷⁹.

Dessa assunção da origem rural dos moradores, decorre outra interpretação da ACB e do BEMDOC, qual seja, a assimilação do estilo de vida urbana por parte destes migrantes. No caso do BEMDOC, os traços culturais dos mais pobres eram “*dos mais primitivos que se pode esperar numa comunidade urbana*”⁸⁰. Tal representação tem por base uma outra:

(...) Because they come from less developed areas of the country with high illiteracy rates, and because many have little contacts with the city outside the favela, they have tended to preserve the cultural traits of the state from which they came, sometimes even passing these on to their descendants born in favela. Religious practices, folk dances, and unusual clothing are some of the more obvious signs of traces of the old culture. (Fact Sheet [BEMDOC] – Morro da Liberdade, nov 65, pg 2 – BR RJ COC LE DP PP 03 V11).

Para o BEMDOC, esses traços culturais, ao serem apresentados como histórico das localidades onde atuavam, também eram justificativas para as ações empreendidas pela agência. Na mesma linha, a ACB por sua vez acrescentava à incapacidade técnica em relação aos serviços urbanos, a possibilidade do morador de origem rural assimilar os modos de vida citadina e capacitar-se para o trabalho urbano através de seu programa educativo⁸¹.

Se a migração explicaria em parte a ruralidade das favelas em seus aspectos sociais e culturais, o suposto isolamento das populações em relação às suas comunidades ocorreria no ambiente rural ou urbano, conforme a UN. É nesse contexto que a inserção dos moradores no mercado habitacional configura-se também como um dos objetivos desta agência, bem como a aceleração dessa assimilação, entendida como um processo que se daria em etapas, tal como entendiam os tipos de migração rural/urbano, cada etapa apresentando os seus problemas específicos⁸².

77 Projeto ACB, 25/3/1966, p2, BR RJ COC LE DP IC 01. Suplemento JB, 19/6/1969, p2 e 6, BR RJ COC LE DP PP 40. Aide Memoire [UN], 5/10/1967, p1, BR RJ COC LE DP DR 01.

78 Suplemento JB, 19/6/1969, pg 2, BR RJ COC LE DP PP 40.

79 Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, 1 a 7 maio de 66, BR RJ COC LE RI 02.

80 Exposição sobre “Nova Brasília” [BEMDOC], sem data [data provável: 1966], p2, BR RJ COC LE DP PP 03 V6

81 Suplemento JB, 19/6/1969, pg6, BR RJ COC LE DP PP 40.

82 Pilot Programmes in Low Income Settlement, de julho de 1968, pg1 e 2, anexo à carta de Patrick Crooke encaminhada a A. Leeds em 7/8/1968, BR RJ COC LE DP IC 01.

Para a ACB, a noção de isolamento tinha a ver com a indiferença entre os moradores em relação à vida cotidiana deles mesmos. Isto é, o fato dos moradores não se conhecerem, não fazerem outras atividades coletivas além do futebol e o pouco interesse pela vida dos vizinhos configurava isolamento para esta agência⁸³. A manchete da página 9 intitulada “Ação comunitária mostra a vida em cinco ex favelas”, mostra a mudança na vida daquelas localidades onde atuaram. A junção da manchete com as imagens possibilita deduzir que aqueles locais eram favela antes da chegada da agência, ou antes de levarem o seu ideal de vida associativa. Dá a entender que, para a agência, deixar de ser uma favela significava seguir esse padrão de vida associativa e não necessariamente mudar o aspecto físico da localidade ou garantir o direito a posse e uso do solo.

Em seu extremo oposto, a integração é colocada pelo BEMDOC para explicar o que interpretavam como isolamento, identificado por suas equipes de campo no interior das localidades. No Turano, a presunção de isolamento por parte do BEMDOC se evidencia pela própria tentativa de integrar a localidade com a classe média tijuca através de ações comunitárias como a oferta de doações e de mão de obra⁸⁴. Por outro lado, a integração dos moradores de toda a favela só seria possível pela vida associativa, traduzida como a participação dos moradores nos diversos grupos organizados e comissões criadas pela agência⁸⁵. Em Nova Brasília, a equipe explicava a pouca adesão dos moradores às ações comunitárias pelo conflito entre os grupos, bem como o isolacionismo era visto como a não união entre os grupos ou a não interação entre os grupos existentes⁸⁶.

Enquanto para a ACB, a ideia de isolamento se configurava pela indiferença entre os moradores, para o BEMDOC, se dava pelo conflito. Isso sugere que a visão de comunidade para esta última era construída pelo descarte do conflito nas relações entre moradores e grupos organizados de moradores, conformando, portanto, uma visão homogeneizante de comunidade. Por outro lado, esta integração com o bairro do entorno da localidade está coerente com a definição de DOC apresentada anteriormente, na qual se propõe a integração da comunidade com o entorno. Somada à assunção de que a integração se daria pela participação de cada membro de toda a comunidade, estas duas categorias passam a ser interdependentes nessa representação. Logo, não haveria comunidade se partes desta não participassem das ações coletivas e nem se apresentasse conflito ou divisão entre os seus grupos organizados.

83 Suplemento JB, 19/6/1969, pgs 2 e 7, BR RJ COC LE DP PP 40.

84 Fact Sheet [BEMDOC] – Morro da Liberdade, nov 65, p7, item7 BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

85 Trabalho da III equipe de campo – Turano/Liberdade, nov 65, p4, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

86 Exposição sobre “Nova Brasília” [BEMDOC], sem data [data provável: 1966], p 6, 7, 8, 10, BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

Anthony e Elizabeth Leeds, ao considerarem falsas assunções o mito da ruralidade e migração, colocam duas questões cruciais. A primeira, que o mito da ruralidade e migração não problematizava a natureza do ponto original da migração. Este, mesmo sendo considerado 'rural', poderia ser sociologicamente urbano, isto é, ter atividades urbanas, voltadas para o mercado⁸⁷ (LEEDS e LEEDS, 2015: 133-194). Logo, os moradores assimilavam e eram assimilados pela comunidade urbana, bem como mostrariam boas adaptações urbanas e ainda podiam negociar seus interesses com o meio urbano⁸⁸. Ainda que não colocasse a migração como causa dos *squatter settlements*, mas o sistema de classes opressivo e a política salarial⁸⁹, considerava importante haver uma política de controle da migração de modo a absorver e transformar os mercados de trabalho a nível nacional, expandindo a urbanização e atentando para o desenvolvimento desigual pelo país. A resposta para a migração seria a expansão planejada da cidade⁹⁰.

Do outro lado da explicação das favelas pela ruralidade, a urbanização do espaço físico e do comportamento de seus moradores figurava como mais um elemento que complementava estas categorias anteriores, de modo que é possível verificar a oposição entre as associações migração/ruralidade-isolamento versus urbanização-integração. A urbanização não era uma preocupação somente da UN, mas também dos moradores das favelas diante da ameaça de sua remoção para pontos longínquos da cidade, de difícil acesso aos transportes públicos. Enquanto a UN, evidenciando um lapso sobre a existência desse debate no Brasil da década de 1960, não colocou a urbanização nos termos de uma contraposição à remoção, a ACB, ao contrário, colocou o debate em seu projeto, apontando a solução deste fora do governo, visto como paternalista e afirmando ser a remoção benéfica somente para a classe alta. Para esta agência, o serviço de transporte público seria mais importante do que os banheiros nas casas dos moradores⁹¹.

O caráter paternalista da remoção, segundo o supervisor do trabalho de campo da ACB-GB, Elói D. Carneiro, se dá pelo fato do morador receber a moradia sem precisar lutar por esta ou mesmo estar preparado para recebê-la. Por este motivo, defendiam a remoção desde que houvesse uma preparação do morador para a remoção, com a finalidade de não reproduzir os mesmos comportamentos no novo local, e desde que houvesse um levantamento prévio a fim de constatar se a área teria condições de receber o morador removido, de modo que pudesse atender às necessidades do

87 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 3, 7. BR RJ COC LE RI 02

88 Carta de A. Leeds para Patrick Crooke 16/10/68, p1, BR RJ COC LE DP IC 01.

89 Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/68, p1, BR RJ COC LE DP IC 01.

90 Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/68, p2, BR RJ COC LE DP IC 01.

91 Projeto ACB, 25/3/1966, p2 e 3, BR RJ COC LE DP IC 01.

moradores e garantir acesso ao trabalho. De outro modo, se a favela fosse considerada urbanizável ou semi urbanizável, não defendiam a remoção⁹². Coerente com a intenção de extinção e a condenação da favela⁹³, a remoção era apontada como solução parcial desde que feita sob determinadas condições. No entanto, mesmo entre os colaboradores da ACB, esta “solução” para o “problema” não era consensual, nem a responsabilidade governamental pela erradicação das favelas, como é possível verificar nas notas abaixo, publicadas na página 8 do suplemento da ACB no JB em 19/6/69⁹⁴.

Apenas nos regimes socialistas tarefas como a extinção das favelas devem ficar exclusivamente a cargo do estado. Nos regimes capitalistas, a ação deve ser de toda a coletividade: o governo, as empresas, os técnicos e os próprios favelados. (Jorge Melo Flores, empresário, diretor do Banco Lar Brasileiro e de três empresas do Grupo de Seguros Sul América. Suplemento JB, 19/6/69, p8, BR RJ COC LE DP PP 40).

O advogado José Tomás Nabuco acha ser imprescindível para a solução do problema das favelas que o governo assegure aos favelados a propriedade das áreas que ocupam. (...) Disse que nenhum favelado tem o título de propriedade, e estão ameaçados de serem removidos de um momento para o outro. - Como, então, procurar construir casas melhores, calçar os caminhos, fazer esgotos, se, de um momento para o outro, podem ser desalojados. Nessas condições, é melhor aplicar as suas economias em rádios, geladeiras, televisões e outras coisas que sejam facilmente transportáveis, se tiverem que partir, para que não estejam semeando e cultivando, em terra alheia por pura perda. Por esta razão, o advogado pensa que, somente com a posse do terreno onde vivem, os favelados poderão lutar para melhorar de vida. (Suplemento JB, 19/6/69, p8, BR RJ COC LE DP PP 40).

O presidente da Câmara de Comércio Americana no Brasil, Sr. Robert Harmon, acha que as favelas são, 'de um certo modo, uma solução que surgiu para a necessidade de casa e proximidade do local de trabalho, que foi improvisada por aqueles que não dispunham de outro meio para resolver seus casos'. Afirmou o empresário norte-americano que a solução para o problema é, em alguns casos, a erradicação e, em outros, a urbanização. Para ele, 'o oferecimento de melhores condições de moradia acessíveis é a questão principal' (Suplemento JB, 19/6/69, p8, BR RJ COC LE DP PP 40).

Mais do que a associação entre a responsabilidade pela política da remoção e os argumentos acionados para justificar a Guerra Fria, chama atenção o fato destes colaboradores estarem cientes da influência da legalidade do espaço como fator explicativo para a configuração física das favelas, e o pendor do último autor em ver a favela como solução, e não como problema, como afirmava a agência. Embora ambas as colocações toquem na questão da remoção como solução para o que era visto como problema, cada autor a aborda sob uma perspectiva não tão condizente com a perspectiva da agência. Afinal, para esta, sua responsabilidade se restringiria à preparação da população a ser removida, bem como não se dispunham a atuar no sentido de dar legalidade à terra ocupada pelas favelas, tampouco viam as favelas como soluções. De todo modo, a política da remoção se justificava no discurso

92 Suplemento JB, 19/6/1966, pg 6, BR RJ COC LE DP PP 40.

93 Suplemento JB, 19/6/1969, pg 8, 9 e 10, BR RJ COC LE DP PP 40.

94 BR RJ COC LE DP PP 40.

institucional, apesar das condições consideradas inicialmente pela agência em seu projeto piloto, quatro anos antes.

Quanto à posição tomada por Anthony Leeds, a questão da legalidade e regularização do uso do solo ou a posse da terra mostra-se como uma demanda dos moradores a ser respondida, seja pelas agências internacionais, seja pela Fundação Leão XIII. Nesse sentido, o atendimento a essa demanda envolveria o trabalho de um advogado para fornecer dados legais para os moradores, bem como requereria a atuação conjunta de todos os órgãos e entidades que atuassem nas favelas⁹⁵. Logo, o atendimento a esta demanda seria fruto de uma mobilização conjunta com os moradores.

Não sendo considerado explicitamente em seus documentos, nem sendo explicitada uma posição institucional, o debate remoção *versus* urbanização das favelas influenciou o trabalho do BEMDOC, ao menos no Borel. Segundo o relatório referente a esta localidade, a desconfiança dos moradores em relação a eles dava-se por pensarem ser os agentes do BEMDOC promotores da remoção⁹⁶. A ausência do debate nos documentos do órgão talvez se explique pelo fato de que um dos critérios de escolha das localidades era estar fora do plano de remoção do governo⁹⁷. A UN, se não negligenciou completamente o debate, ao menos colocou-se de modo que, ao apontar para ações visando a melhoria das favelas existentes e das futuras⁹⁸, tornava possível deduzir que a remoção não era vislumbrada no seu horizonte institucional.

Coerente com o seu entendimento de que as favelas eram soluções, Anthony Leeds punha a remoção à luz da sua economia, em contraste com a economia das favelas, em termos de capitais envolvidos no investimento desta forma de moradia.

“(…) I have made an estimate of value of capital invested in Rio 's favelas alone to be on the order of \$600,000,000 (I think this is quite modest, and more so with each passing year) including inventories and infra-structure. This at a cost of about 1/3-1/3 sq meter what it costs government or private contractos to build, not including infra-structural costs, the later administrative overlordship they insist on continuing indefinitely as in the Vilas – or, simply to eradicate and replace in Rio alone would cost at least \$1,200,000,000. The state budget for Rio is about \$400,000,000/year. Replacing the favelas, pop. perhaps 1,000,000 now, would leave untouched the perhaps 500,000 living in the incredible rooming houses in Rio (and perhaps 2,000,000 or so in São Paulo) and the million or so in other forms of standard housing including old and decayed or poorly conceived housing schemes, old decayed buildings, favelas of backyards, temporary government housing.” (Carta de A. Leeds para Patrick Croke, 16/10/68, p4, BR RJ COC LE DP IC 01)

95 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 18, 20, 21. BR RJ COC LE RI 02.

96 Trabalho da IV equipe de campo [BEMDOC] – Morro do Borel, sem data [data provável: 1966], p1, BR RJ COC LE DP PP 03 V1.

97 Exposição sobre “Nova Brasília” [BEMDOC], sem data [data provável: 1966], p 3, BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

98 Carta de Patrick Croke para A. Leeds, 7/8/68, pg3 BR RJ COC LE DP IC 01.

Esta mesma perspectiva encontra-se em seu texto “Quanto vale uma favela”, no qual atenta para o volume de capital acionado para a construção das favelas, bem como a diversidade de capitais, sobretudo a mão de obra (LEEDS, 2018; CAVALCANTI, 2018).

Como ponto comum nas abordagens destas três agências, componente do conjunto que conforma as suas visões de desenvolvimento, destaca-se a noção de autoajuda, que opera conjuntamente com as *felt needs* e/ou a identificação de problemas. Para a ACB, ainda que a autoajuda seja referenciada em seu projeto piloto apenas como um instrumento ou método para solucionar os problemas encontrados dentro da favela⁹⁹, somente ao final da década a autoajuda era colocada como um princípio filosófico da instituição cujo sentido fora definido institucionalmente. Segundo a agência, a autoajuda consistia em fazer o morador da favela utilizar os recursos disponíveis nas proximidades deles, a execução de serviços pelos moradores e para os moradores, de modo que o morador resolvesse os próprios problemas, evitando assim o paternalismo. À agência caberia orientar os moradores na identificação de seus problemas e das necessidades da comunidade¹⁰⁰. Para a ACB, tanto a remoção quanto a autoajuda estavam associados ao paternalismo, na medida em que a primeira era vista como se fosse uma benesse concedida aos moradores sem que estes precisassem realizar qualquer tipo de esforço para conquistar, e a segunda seria justamente o antídoto para acabar com o paternalismo¹⁰¹. Logo, se o paternalismo era visto como a doação/recepção de benefícios sem esforço, qualquer doação não estudada ou não planejada desestimularia o morador a tomar qualquer iniciativa individual, daí a importância da autoajuda na ruptura desse processo¹⁰². Além disso, a autoajuda operaria no sentido de mudar os padrões de pensamento e comportamento do morador tanto para realizar o ideal de comunidade da agência quanto para evitar que os conjuntos habitacionais para onde seriam removidos fossem favelizados¹⁰³ (BRUM, 2011: 134).

De modo semelhante, a autoajuda se apresenta nos documentos do BEMDOC como a organização dos moradores para a execução de trabalhos para a melhoria das condições físicas e para a oferta de serviços dentro da favela pelos próprios moradores, onde o mutirão se destaca como principal meio concreto de autoajuda¹⁰⁴. Também como a ACB, ao BEMDOC cabia orientar o morador na

99 Projeto ACB, 25/3/1966, p3 e 5, BR RJ COC LE DP IC 01.

100 Suplemento JB, 19/6/1969, pg2 e 6, BR RJ COC LE DP PP 40.

101 Suplemento JB, 19/6/1969, pgs 2 e 6. BR RJ COC LE DP PP 40.

102 Suplemento JB, 19/6/69, pg 6, BR RJ COC LE DP PP 40.

103 Suplemento JB, 19/6/69, pg 6, BR RJ COC LE DP PP 40.

104 Fact Sheet [BEMDOC] – Morro da Liberdade, nov 65, p6, item 2, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.; Trabalho da III equipe de campo [BEMDOC] – Turano/Liberdade, nov. 65, p3 e 5, BR RJ COC LE DP PP03 V11.

identificação das necessidades da favela e no planejamento da solução para os problemas selecionados¹⁰⁵. Conforme a agência: *A participação integral do morador no planejamento global desenvolve nele visão ampla de seus problemas e soluções, habilitando-o a futuras tomadas de iniciativa, definindo as suas responsabilidades e a do bemdoc*¹⁰⁶. Para o BEMDOC, a autoajuda era um modo dos moradores operarem a mesma lógica organizativa seguida pela agência, isto é, dividindo-se em comissões e subcomissões¹⁰⁷, além de ser vista como um veículo da noção de integração idealizada por estes.

Quanto à UN, a melhoria das condições de vida, das condições físicas, sociais e econômicas seria feita pela participação dos moradores e por organizações de auto melhoria. Esta noção se reforça no objetivo declarado, qual seja, promover ações usando a capacidade do povo para investir e trabalhar¹⁰⁸. As ações seriam escolhidas conforme aquilo que nomeavam de *Felt Needs*, cuja relevância se observa pelo entendimento de que nem toda e qualquer ação das agências governamentais deveria coincidir com as *Felt Needs* para o seu sucesso¹⁰⁹.

Na perspectiva de Anthony Leeds, a autoajuda já existia e era bem sucedida nas favelas, sendo portanto desnecessária a atuação de uma agência internacional para veiculá-la¹¹⁰. Em suas palavras: *P4. Neighborhood level. They have been doing this all along; not terribly much needs to be done here – they will do it more of the other levels [local e provincial, nacional e internacional] are resolved, without outside help or push*¹¹¹. Para ele, a auto ajuda que as agências poderiam reforçar seria estabelecer a colaboração real com os moradores, isto é, colocando-os para executarem tarefas como a elaboração de um jornal ou informativo, a participação nas pesquisas que embasavam as ações das agências, a consultoria constante ao morador de modo a envolvê-lo nos trabalhos das agências¹¹².

Curiosamente, são menos frequentes e nem sempre comum às três agências os elementos correlatos à vida econômica do morador das favelas. Ainda que a inserção dos moradores no mercado de trabalho seja algo por vezes atrelado às ações educativas, tais como a promoção de cursos técnicos e

105 Projeto Piloto BEMDOC, nov 65, pg4, BR RJ COC LE RI 02.

106 Projeto Piloto BEMDOC, nov 65, pg5, BR RJ COC LE RI 02.

107 Trabalho da III equipe de campo [BEMDOC] – Turano/Liberdade, nov. 65, nov 65, pg 5, BR RJ COC LE DP PP03 V11.

108 Aide Memoire [UN], 5/10/1967, p3, item10 BR RJ COC LE DP DR 01.

109 Carta de Patrick Crooke para A. Leeds, 7/8/68, pg. 6 BR RJ COC LE DP IC 01; Aide Memoire [UN], 5/10/67, p2 item 8, BR RJ COC LE DP DR 01

110 Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/68, p2, BR RJ COC LE DP IC 01 ; Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg 4. BR RJ COC LE RI 02.

111 Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/68, p2, BR RJ COC LE DP IC 01.

112 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 8, 14, 17. BR RJ COC LE RI 02.

o treinamento vocacional¹¹³, esta só figura como um objetivo declarado para o BEMDOC que, de fato, voltou-se para esta tarefa nas localidades onde atuou¹¹⁴. Em relação à ACB, a inserção no mercado de trabalho não figura entre os seus objetivos propostos em seu projeto, embora tenham promovido ações de treinamento técnico voltado para a qualificação profissional nas localidades onde atuou¹¹⁵ (BRUM, 2011: 133, 135). Outras propostas da UN e que não se encontram nos documentos das outras agências são a inserção dos moradores no mercado habitacional e a melhoria da eficiência da máquina administrativa. A relevância desta última era justificada por entenderem ser responsabilidade dos governos a provisão de assistência social. Esta assistência deveria coincidir com as *Felt Needs* e com os recursos locais, incluindo a força de trabalho local e a capacidade dos moradores em adequar a máquina técnico-administrativa para que o programa pudesse ser realizado¹¹⁶.

Também para Anthony Leeds, a inserção no mercado de trabalho era um ponto a ser observado, sobretudo no que tange ao trabalho das mulheres. Uma das críticas feitas ao BEMDOC em sua avaliação do programa tem como foco o treinamento profissional destinado às mulheres.

The social product with regard to women is to be questioned. Bemdoc perpetuates a 19th century victorian woman in a 20th century industrial proletarian society: sewing and cutting, cooking and mother's club. Favela women work in factories, business services. They need technical skill, like the men, but Bemdoc does not plan for this. Nor does Bemdoc deal with the political role of women, a contrasted with the active political and administrative role taken by women in Macedo Sobrinho's Departamento Feminino developed by the ESS (PUC) social workers. (Avaliação do BEMDOC, por Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg5, 6, BR RJ COC LE RI 02).

Para o antropólogo, tão importante quanto investir em um especialista em educação industrial para suprir a demanda de treinamento profissional entre os moradores, era a inserção das mulheres nesse treinamento e das crianças na escola, falhas apontadas por ele na avaliação da agência. Igualmente importante era integrar esse treinamento ao desenvolvimento comunitário mais amplo, de modo que o morador tivesse oportunidade de trabalhar e estudar dentro de sua favela e também em outras localidades¹¹⁷.

Não menos frequente, mas obliterada, é a discussão sobre a relação destas agências com os moradores, somente evidenciada nos documentos do BEMDOC. Nestes, verifica-se tanto a idealização

113 Trabalho da IV equipe de campo [BEMDOC] – Morro do Borel, sem data [data provável: 1966], p2, BR RJ COC LE DP PP 03 v1. Carta de Patrick Crooke para A. Leeds 7/8/68, p3, BR RJ COC LE DP IC 01.

114 Trabalho da IV equipe de campo – Morro do Borel, sem data [data provável: 1966], p2, BR RJ COC LE DP PP 03 v1; Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, maio de 1966, BR RJ COC LE RI 02.

115 Suplemento JB, 19/6/1969, pg5, BR RJ COC LE DP PP 40.

116 Aide Memoire [UN], 5/10/1967, p2 item 8 e p3 item 11, BR RJ COC LE DP DR 01.

117 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 10, 15 BR RJ COC LE RI 02.

desta relação por parte da agência, quanto o que de fato viram e vivenciaram. No programa piloto, verifica-se que a agência esperava a participação dos moradores em todas as fases e grupos organizados pelo projeto. Para o BEMDOC, o envolvimento dos moradores era uma estratégia para trazer os representantes dos grupos locais já existentes¹¹⁸. A relação com os moradores também pode ser observada na intenção de inserir, na montagem do planejamento global da entidade, a participação do morador. O objetivo do planejamento seria estudar e planejar junto com a equipe da entidade os problemas e soluções encontrados. Para a agência, esta colaboração neutralizaria os conflitos existentes e evitaria o envolvimento do BEMDOC nestes conflitos dos grupos locais¹¹⁹. Aliás, essa posição de neutralidade em relação aos conflitos já existentes nas favelas era algo que não agradava os moradores¹²⁰. Na medida em que as equipes se deparavam com grupos, interesses e conflitos já existentes, somado à conjuntura política da ditadura militar que impunha um retraimento da movimentação política dos moradores, as equipes depararam-se com conflitos de interesses dos moradores em relação ao próprio projeto.

O primeiro conflito remete à própria natureza do projeto. De um lado, havia a expectativa dos moradores em obter da agência a ajuda material para a execução de obras de melhorias físicas, o que nem sempre foi fornecido de modo compatível com as expectativas dos moradores. Do outro lado, o objetivo principal do BEMDOC era a formação de lideranças para a mobilização dos moradores em ações e projetos de autoajuda, além da capacitação de mão de obra. Conforme revelam os documentos da própria agência, os moradores a viam como executora e financiadora de obras¹²¹. No entanto, reconheciam que a situação resultava da própria interpretação que foi dada quando do lançamento do programa¹²².

No caso do Borel, apesar do BEMDOC manifestar interesse em viabilizar as obras identificadas pelos moradores como prioridade, não o fizeram por problemas jurídicos relativos ao terreno onde se localizava a favela. Tal recuo, somado ao fato de terem realizado o que julgavam ser importante ou exequível, resultou na desconfiança e pouca adesão dos moradores nas ações da agência, conforme o entendimento desta¹²³. O trecho abaixo revela ainda outras nuances dessa pouca adesão.

118 Projeto Piloto BEMDOC, pg4, pg5 item c, BR RJ COC LE RI 02.

119 Projeto Piloto BEMDOC, pg 5, BR RJ COC LE RI 02.

120 Exposição sobre “Nova Brasília” [BEMDOC], sem data [data provável: 1966], pg 7, BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

121 Trabalho da III equipe de campo – Turano/Liberdade, nov. 65, pg 5, BR RJ COC LE DP PP 03 v11; Projeto Piloto BEMDOC, nov. 65, pg1, BR RJ COC LE RI 02.

122 Projeto Piloto BEMDOC, nov 65, pg 1, BR RJ COC LE RI 02.

123 Trabalho da IV equipe de campo – Morro do Borel, sem data [data provável: 1966], pgs 1 e 2, BR RJ COC LE DP PP 03 V1.

No Borel, todo o trabalho se ressentia do clima vivido até então naquela comunidade. A equipe observou uma mudança com relação às características desta comunidade: - seus moradores se recolhem muito cedo, inclusive não se tem mais verificado reuniões na diretoria da UTF; há uma apatia geral expressada no desinteresse, indiferença, descrédito. Isto porque lhes é negado toda a possibilidade de iniciar obras de melhorias físicas naquele local, dados os problemas de ordem jurídica e de insegurança do solo. Apesar da comunidade ter concordado que o Bemdoc atue exclusivamente em programas de caráter sócio educativo, a aceitação dos programas vem sendo prejudicada pela insatisfação dos moradores diante do impasse que vem sendo criado pela situação do terreno. (Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, maio de 1966, pg 24, BR RJ COC LE RI 02)

No trecho acima, é perceptível que a diminuição da mobilização dos moradores não era somente em relação ao BEMDOC, mas em relação à política interna em geral e existente antes mesmo da entrada da agência. Ainda que expliquem o retraimento político às questões jurídicas em relação ao uso do solo, não é difícil imaginar que resultasse da ditadura militar.

Em Nova Brasília, tal como ocorrera no Borel, houve também o rechaço dos moradores em relação a toda e qualquer proposta que não fosse ajuda material¹²⁴. A explicação dada pela agência à pouca adesão dos moradores ao projeto colide com aquela dada pelo relato de uma moradora, escrito em uma ata documentando a história da construção da escola situada na parte denominada Alto Alvorada. Ainda que, no documento produzido pela e para a agência, os técnicos do BEMDOC tenham relatado o retraimento dos moradores pertencentes aos grupos já existentes e o bloqueio velado mas perceptível aos técnicos; e ainda que tenham dado como explicação a contrariedade dos interesses pessoais dos dirigentes desses grupos em relação aos interesses dos moradores e à política de ação do BEMDOC¹²⁵, o relatório oculta o que motivava o conflito entre estes grupos e a agência.

Conforme aponta o relato da moradora mencionada, os moradores queriam a escola para atender crianças prioritariamente. Colaboraram no arranjo do terreno em que seria construída a escola e na construção desta através de mutirões, contando, inclusive, com uma lista de presença documentando a participação destes moradores. No entanto, ao ser concluída a construção, a escola só atenderia adultos e no período noturno, tendo como professor um funcionário do BEMDOC, com quem os moradores mantinham uma relação de confiança. O relatório também não menciona o impasse em relação ao professor Carlos, movido para outra favela sem aviso aos moradores, mesmo com o pedido destes para que não saísse da escola¹²⁶.

124 Exposição sobre “Nova Brasília” [BEMDOC], sem data [data provável: 1966], pg 8, BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

125 Exposição sobre “Nova Brasília” [BEMDOC], sem data [data provável: 1966], pgs 6, 7, 8, 9, BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

126 “História de Nova Brasília, construção de uma escola no Alto da Alvorada”, feita por Heloisa, moradora de Nova Brasília, de 4 e 7/7/66, pgs 5, 6 e 7, BR RJ COC LE DP PP 03 v6.

Anthony Leeds, na posição de consultor da agência, cujo relatório fora feito com base em diversos documentos internos somados ao próprio trabalho de campo feito nas localidades onde o BEMDOC atuou, apontou a relação não aprofundada com os moradores como um dos problemas. Em sua avaliação, alguns moradores viam o BEMDOC como um trampolim para a carreira de alguns técnicos e como mais uma agência sem interesse real nas favelas. Para o antropólogo isso refletia a distância do BEMDOC em relação aos moradores¹²⁷. Em contrapartida, os moradores eram vistos como instrumentos e clientes, em vez de colaboradores; como pessoas desprovidas de inteligência, conhecimentos e instituições. Explica pela postura dos técnicos do BEMDOC, que se viam como detentores da verdade e do ideal a ser transmitido aos moradores, a falta de contato humano e consultivo com os moradores¹²⁸. A seu ver, a falta de colaboração real mútua era um dos maiores problemas para o sucesso da agência. Essa colaboração e contato se traduziriam em produzir determinados materiais da agência, como jornais e informativos, bem como participar de pesquisas e fornecer consultoria¹²⁹. Para o antropólogo, os técnicos deveriam em contrapartida fornecer informação legal para os moradores além de possibilitar elos entre as favelas com uma associação de favelas do BEMDOC de modo coordenado com a FAFEG¹³⁰.

Outro aspecto levantado por Leeds na relação entre o BEMDOC e os moradores é o caráter paternalista desta relação. Uma vez que os moradores não eram tratados como reais colaboradores, criava-se uma relação paternalista¹³¹. Essa atitude paternalista também aparecia sob outras formas, tais como o fato dos técnicos chamarem os moradores de ingratos, a não consultoria aos moradores; o fato do BEMDOC agir como provedor e arranizador dos moradores sem a colaboração dos moradores e de outros órgãos; a imposição do BEMDOC aos moradores; a tendência em dividir e regar os moradores conforme critérios da agência; o fato de se dizerem usados pelos moradores. A seu ver, esse paternalismo refletia o ethos de classe média da agência bem como perpetuava a separação de classe¹³².

Ambas as agências preocupavam-se em definir a sua metodologia de trabalho, na medida do possível, o mais próximo das ciências sociais para fundamentar e planejar seus planos de ação. O uso desses métodos e técnicas variava conforme a concepção construída por cada uma delas em relação às favelas ou *squatter settlements*. Ambas lançavam mão dos métodos e técnicas das ciências sociais

127 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg 8, BR RJ COC LE RI 02.

128 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 13, 14, 15, BR RJ COC LE RI 02.

129 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 14, 22, BR RJ COC LE RI 02.

130 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg 23, BR RJ COC LE RI 02.

131 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg 22, BR RJ COC LE RI 02.

132 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 6, 9, 14, 17, BR RJ COC LE RI 02.

como instrumento de pesquisa, por mais pontuais que fossem as informações coletadas, e de entrada nas favelas, ainda que não se preocupassem em enquadrar-se no campo da antropologia aplicada, da antropologia do desenvolvimento, do *development anthropology* ou da *action anthropology*. É possível questionar até que ponto se apropriavam da pesquisa pura para traçarem suas metodologias de trabalho, ou se tinham alguma preocupação teórico-metodológica.

Nesse sentido, é possível identificar uma preocupação mais evidente na UN e no BEMDOC, enquanto que a ACB parecia fazer um uso mais pontual e utilitário das técnicas das ciências sociais. Ainda que não tenhamos elementos para avaliar a atuação da UN nas favelas, a preocupação em buscar uma metodologia cientificamente mais adequada, reunindo especialistas para o treinamento de pessoal, antes mesmo de elaborar seus projetos e programas já evidencia essa preocupação. Somado a isto, o fato de terem pedido sugestões e críticas a Anthony Leeds, em reconhecimento à sua expertise nos *squatter settlements*¹³³, também evidencia essa preocupação prévia à elaboração de qualquer programa nos *squatter settlements*. Afinal, tal como Crooke aponta, a moradia de baixa renda era uma prioridade da agência a ponto de firmarem uma resolução tratando somente do tema.

Apesar da ACB ter declaradamente adotado os princípios e métodos da ação comunitária¹³⁴, estabelecendo também critérios de escolha para as localidades onde atuavam, o modo como adentravam nas favelas seguia um procedimento semelhante aos dos cientistas sociais, que era estabelecer uma porta de entrada antes de começarem a conviver no espaço. *A coordenadora Maria de Lourdes Araújo conta que, para convencer os favelados de suas intenções, os trabalhadores de campo da ação passaram a conviver o maior tempo possível com a comunidade, participando das festas, vivendo seus problemas e tentando uma aproximação inicial através das crianças*¹³⁵. O processo de convencimento dos moradores e a resistência dos moradores era desvencilhada pela colaboração de “pessoas-chave da favela”, como líderes religiosos, donos de biroscas, times de futebol, controladores de água, entre outros¹³⁶. No que tange à preocupação teórica, este treinamento era oferecido aos agentes comunitários que atuavam nas favelas, e realizado na Venezuela. Anthony Leeds, Josephina Albano e

133 Carta de Patrick Crooke para A. Leeds, 7/8/68 ; Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/68, BR RJ COC LE DP IC 01

134 Segundo a agência, ação comunitária consiste num método para resolver os problemas que um grupo tem em comum. Comunidade seria definida como qualquer grupo cujos membros se identificam conforme características comuns, bem como se baseia na residência comum dentro de uma área definível. O método seria motivar a comunidade a tomar iniciativa em resolver seus problemas e indicar recursos , mecanismos e canais disponíveis dentro e for a da comunidade. Establishment of a Center for training and research in urban community action, 27/3/67, pgs 10 e 11, BR RJ COC LE DP PP 35 V1

135 Suplemento JB, 19/6/69, pg 6, BR RJ COC LE DP PP 40.

136 Suplemento JB, 19/6/69, pg 6, BR RJ COC LE DP PP 40.

José Arthur Rios foram especialmente convidados a dar aulas no curso básico de ação comunal realizado pelo departamento de treinamento da ACB entre 24 de abril e 2 de junho de 1967. Entre os temas lecionados estão “Ação Comunitária”, a cargo de Albano; “Aspectos Gerais da Favela – história e migração” e “Favelas in relation to society”, a cargo de Leeds; “Urbanization – Future”, a cargo de Rios¹³⁷.

O ponto de semelhança entre a ACB e o BEMDOC era a preparação e os contratos prévios com a administração regional e as associações existentes antes da entrada na favela, bem como a preparação dos moradores a receberem as equipes de pesquisa¹³⁸. É possível verificar o esforço do BEMDOC em embasar a sua atuação nas favelas com estudos científicos promovidos pela própria equipe, a ponto de terem em sua estrutura organizativa um departamento de estudos científicos, dividido em três setores: sociologia, psicologia e estatística¹³⁹. No que tange especificamente ao setor de sociologia, cabe registrar: *Colaborando com o Professor Anthony Leeds, o setor está procurando levantar as vinculações da estrutura do poder nas favelas – associações, redes de água e luz, clubes, etc. - e com as instituições estaduais – assembléia legislativa, sindicatos, administração estadual, etc. - e com o mercado de trabalho*¹⁴⁰.

Também foi Leeds quem deu as bases para a elaboração do Plano de Trabalho do Departamento de Estudos Científicos que, além de estudar as favelas através da observação de campo, também aplicaria testes sociométricos para selecionar líderes, e testes para selecionar candidatos ao BEMDOC I¹⁴¹. Conforme o plano de trabalho do departamento, visavam implantar um centro permanente de documentação e pesquisa sobre favelas, cujas informações a serem coletadas seriam: condições de habitação, utilização das moradias, disponibilidade de serviços urbanos, situação ocupacional, renda, situação familiar, associatividade, atitudes, estratificação, recursos internos. A pesquisa serviria para formular programas de ação. Junto com a equipe do BEMDOC, estava prevista a colaboração dos voluntários do Peace Corps das localidades onde ambas as agências atuavam¹⁴².

No entendimento do antropólogo, toda a ação em desenvolvimento comunitário da agência

137 Curso Básico de Ação Comunal – Programa [ACB]. BR RJ COC LE DP RA 01.

138 Exposição sobre “Nova Brasília”, sem data, pg3, BR RJ COC LE DP PP 03 V6; Fact Sheet – Morro da Liberdade, nov 65, pg7, item6, BR RJ COC LE DP PP 03 V11; Trabalho da III equipe de campo – Turano/Liberdade, nov 65, pg1, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

139 Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, maio de 1966, BR RJ COC LE RI 02.

140 Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, maio de 1966, pg 22, BR RJ COC LE RI 02.

141 Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, maio de 1966, pg7, BR RJ COC LE RI 02.

142 Plano de Trabalho do Departamento de Estudos Científicos – fevereiro a dezembro de 1966. Sem data [data provável: dez/1965 a jan/1966]. BR RJ COC LE RI 02.

deveria ser embasada em estudos científicos, que teriam por finalidade oferecer base para a divulgação intra favela, para educação comunitária, para treinamento de assistentes sociais e para definir objetivos das assistentes sociais¹⁴³. Desse modo, a agência poderia coordenar treinamento técnico, serviço social e pesquisa numa abordagem unificada para as favelas. Em linhas gerais, os estudos qualitativos e quantitativos deveriam considerar o relativismo cultural e os sistemas sociais como um todo, assim como as ações para o desenvolvimento comunitário¹⁴⁴. A ênfase nos estudos qualitativos se explicaria pelo entendimento de que estes seriam pontos de partida para os estudos quantitativos e que permitiriam definir as inter-relações do local e a interação direta entre o pesquisador e o morador. Nesse sentido, a pesquisa etnográfica assumiria um papel central na medida em que tornava possível a participação consultiva do morador na realização das pesquisas. Afinal, conforme seu entendimento, os moradores sabiam mais de favela do que qualquer cientista¹⁴⁵. Ainda que não estivesse apresentado no seu plano de trabalho, a realização de pesquisas onde o BEMDOC não atuava com a finalidade de estabelecer casos controle é uma recomendação dada em sua avaliação¹⁴⁶.

Há, ainda, outras críticas direcionadas ao BEMDOC que constituem elementos importantes para pensarmos a atuação destas agências de cooperação técnica nas favelas e o que entendiam ser desenvolvimento ou como forjavam este entendimento. Entre os pontos cruciais levantados, a pouca relação interinstitucional, incluindo a cooperação com entidades brasileiras e dos moradores, como a COHAB e a FAFEG e o pouco entendimento de como opera a administração pública brasileira¹⁴⁷ são questões pontuais, mas relevantes. Somado a isto, o ponto mais frequente e, justamente por estar presente em outros pontos críticos, quiçá o mais relevante, é a impregnação dos valores da classe média e a conseqüente postura ingênua e arrogante, que exclui a colaboração dos moradores e reproduzi uma postura paternalista, imposta aos moradores¹⁴⁸. Nas palavras do antropólogo e consultor do BEMDOC: *Bemdoc personnel should come out of the rhetorical clouds and get down to realities*¹⁴⁹.

É possível deduzir pela natureza de suas considerações a respeito das propostas de atuação da United Nations e do BEMDOC que no seu entendimento, o problema real teria raízes mais profundas, como a visão de desenvolvimento adotada pelos órgãos internacionais, impregnados de valores da

143 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg 21, BR RJ COC LE RI 02.

144 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 3, 7, 17, BR RJ COC LE RI 02.

145 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 7, 17, 18, 21 BR RJ COC LE RI 02.

146 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg 21 BR RJ COC LE RI 02.

147 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 9 e 11. BR RJ COC LE RI 02.

148 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pgs 6, 9, 13, 14, 17, 22, 23. BR RJ COC LE RI 02.

149 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg 23. BR RJ COC LE RI 02.

classe média, bem como de uma presunção de desejo por ascensão social por parte dos moradores de favelas e *squatter settlements*¹⁵⁰. Por outro lado, a atuação que provocaria mudanças reais deveria partir de órgãos nacionais e internacionais com poder de reformulação das políticas monetárias e financeiras, como o FMI, o BID e o Banco Mundial¹⁵¹.

Como última observação, cabe ressaltar o esforço de Anthony Leeds ao traçar um plano de trabalho para o departamento de estudos do BEMDOC, ao mesmo tempo em que se propunha a atuar somente como consultor, e não como profissional técnico dos quadros da entidade. É possível verificar o esforço para dar uma sustentação metodológica de modo que toda e qualquer ação fosse embasada pela pesquisa pura, bem como o esforço de fazer com que o BEMDOC atuasse como um banco de dados científicos sobre as favelas de modo a ampliar sua serventia a outros órgãos eventualmente colaboradores. Num contexto em que havia poucos materiais sobre as favelas, é compreensível sua proposta de aproveitar a infraestrutura do órgão para produzir material científico rigoroso conforme a metodologia das ciências sociais. Também se destaca o esforço em incluir nessa equipe de produção científica a participação dos moradores como colaboradores do departamento de estudos, sobretudo a justificativa acionada para isso: *Expediting the needed ethnography, the instrument-building, and its early application is the researcher's direct interaction with favelados (who know much more about the favelas than do the scientists) to do the research*¹⁵².

Ainda que tenha sido pontual o seu envolvimento com estas agências que articulavam as ciências sociais com a promoção do desenvolvimento, Anthony Leeds deu como principal contribuição a estas o apontamento para uma perspectiva científica e política. Científica no sentido de que apontou uma perspectiva teórica e metodológica consistente para embasar as ações destas agências nas favelas ou *squatter settlements*. Política no sentido de que, ao apontar uma perspectiva diametralmente oposta àquela adotada pelos governos, qual seja, dos *squatter settlements* como problema, trouxe um ponto para, senão desmontar as justificativas políticas de uma maneira científica, ao menos apontar para as próprias agências as inconsistências de seus discursos e visões de desenvolvimento. De todo modo, era a ciência acadêmica e a ênfase na abordagem qualitativa que Leeds tinha a oferecer como contribuição tanto para o debate sobre o desenvolvimento, sobre a aplicação do desenvolvimento nos *squatter settlements*, quanto para os usos da antropologia.

150 Carta de A. Leeds para Sarah Allensworth, 29/10/68; Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/68, BR RJ COC LE DP IC 01.

151 Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/68; Carta de A. Leeds para R. J. Crooks, 27/11/68, BR RJ COC LE DP IC 01.

152 Avaliação do BEMDOC, de Anthony Leeds, abril-maio de 1966, pg 21. BR RJ COC LE RI 02.

Capítulo 2 – De voluntários a pesquisadores: os jovens do Peace Corps e a construção de uma rede de pesquisa em torno de Anthony Leeds.

Parte fundamental e peculiar ao trabalho do antropólogo e à antropologia, a escrita das notas de campo, o trabalho de campo e as interações produzidas nesse âmbito serão neste capítulo analisadas. Busco articular a apresentação dos pesquisadores que estavam interagindo no campo com as características de suas notas de campo. Dito de outro modo, busco nestes registros os olhares dos pesquisadores e o modo como trabalhavam e registravam as interações com os moradores. Dentre estes, detenho-me nos voluntários do Peace Corps que se transformaram em pesquisadores no decorrer da atuação institucional e através da interlocução com Anthony Leeds, bem como nos outros pesquisadores que não eram voluntários, mas que também estavam dialogando com o grupo de pesquisadores formado em torno do antropólogo. Ênfase, portanto, a etnografia realizada por estes jovens voluntários que se tornaram pesquisadores e sua interação com outros pesquisadores que, juntos, também conformaram uma rede científica.

Já abordado por diversos autores que se debruçaram sobre o que poderia ser considerado o “laboratório” dos antropólogos, o campo e o encontro etnográfico aqui discutidos refletem não só a massa de informações, mas também a massa de discussões, interações, conflitos e reflexões envolvidas por trás das pesquisas que deram origem aos artigos e publicações dos Leeds, incluindo os que integram a obra *A Sociologia do Brasil Urbano*. Muitas vezes restrita aos bastidores da produção científica dos antropólogos, esta prática tão cara à antropologia será aqui alvo de análises no que diz respeito às subjetividades dos atores diretamente inseridos nesta interação e que, de alguma forma, estão impressas no resultado final, isto é, na escrita sistematizada, selecionada, reorganizada e reordenada conforme os padrões de escrita acadêmica e científica. Se o trabalho de campo é condição essencial para a produção da escrita etnográfica, as notas de campo e os diversos tipos de registros resultantes do trabalho de campo (*scratch notes*, *headnotes*, diários de campo e arquivos do campo) assumem papel central na relação entre a produção científica, a escrita etnográfica e a experiência do campo.

Como primeira observação, cabe colocar a historicidade do trabalho de campo e das notas de campo, devidamente analisadas no trabalho de Sanjek (1990b). No período entre a década de 1920 até a de 1960 nos EUA, Sanjek identifica mudanças no trabalho de campo, tais como prioridade dada ao estudo do presente em detrimento da salvação do passado; a preocupação com o processo social em vez

do interesse nos costumes; a construção de uma relação com os interlocutores em vez de pagar pela obtenção das informações (SANJEK, 1990b: 228). O pouco treinamento oferecido pelas universidades americanas desde 1920 até o final da década de 1960 é outro aspecto ressaltado na reflexão do autor, cabendo aos estudantes aprender a fazer o trabalho de campo na prática, sem nenhum preparo anterior. Charles Wagley, orientador de Leeds em Columbia, pode ser visto como um exemplo dessa transição e dessa falta de treinamento prévio. Em seu relato sobre seu primeiro trabalho de campo, afirma ter ido somente com a leitura de Malinowski, bem como pagava pelo informante e pelo intérprete. Posteriormente, em seu trabalho de campo no Brasil, Wagley viu-se obrigado a mudar seu procedimento. Deparou-se com a impossibilidade de pagar informantes e intérpretes, forçando-o a aprender a língua e a dedicar-se às notas de campo inscricivas e descritivas (SANJEK, 1990b: 227, 230, 229). Assim como observa a historicidade da relação entre pesquisador e interlocutor, do trabalho de campo e das notas de campo no período de 1920 a 1960, também identifica correlação entre a produção de notas de campo e a opção teórica entre os 1960 e 1980. Em seu entendimento, os trabalhos orientados pela ecologia cultural tenderiam a produzir mais arquivos de campo do que notas de campo (SANJEK, 1990b: 236). Por outro lado, apesar de não se aprofundar no ensino universitário dos EUA, Lícia Valladares (2005b) ressalta a prática do trabalho de campo e nos estudos urbanos na Escola de Chicago como um diferencial na tradição da antropologia estadunidense (VALLADARES, 2005b).

Em relação ao treinamento prévio, é preciso considerar que muito provavelmente o primeiro trabalho de campo de Leeds na zona do cacau da Bahia tenha se dado sem esse treinamento anterior. Embora ele mesmo não identifique essa falta de treinamento em seu texto autobiográfico¹⁵³, cabe observar que o projeto do qual ele participou tinha o objetivo de treinar os estudantes de doutorado de Columbia. Logo, é possível deduzir que Leeds situa-se também entre aqueles que aprenderam o trabalho de campo na prática, ou que tiveram em seus colegas que já haviam retornado do campo uma fonte de orientações preliminares. Considerando seu próprio relato, é possível entender que, para Leeds, o seu preparo para a prática do campo se dera em sua própria vivência, sobretudo no serviço militar durante a guerra, antes de se graduar¹⁵⁴. Também cabe acrescentar o esforço empreendido por Leeds na condição de professor universitário e suas iniciativas para dar treinamento prático do trabalho

153 Leeds, 1984. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

154 Leeds, 1984: 36 a 38. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

de campo a seus estudantes ainda durante a graduação destes¹⁵⁵.

Em relação à pouca produção de notas de campo nos trabalhos orientados pela ecologia cultural, é preciso destacar que o caso de Leeds ilustra um contraponto a esta afirmação. Sua opção metodológica pela abordagem ecológica e pela teoria geral dos sistemas não diminuiu a quantidade de notas de campo em comparação com os arquivos do campo. Ao contrário, observa-se um grande volume de ambos materiais em seu arquivo. Ao menos no Jacarezinho, pôde acumular um volume de notas de campo compatível com o de arquivos do campo.

Peirano (1995), ao discutir a concepção de totalidade e o esforço comparativo na antropologia, considera que a totalidade proposta por Rivers era entendida como o resultado do impacto dos dados sobre o pesquisador, que se davam, por sua vez, de forma cosmológica, sociológica, ideológica, etc. (PEIRANO 1995: 35). Tal noção teria sido acatada por Evans Pritchard e Malinowski que, por entender ser indivisível o objeto etnográfico, afirmavam ser dever do pesquisador ir a campo sozinho (PEIRANO, 1995: 43). Sobre o esforço comparativo, Peirano observa que, na proposta de Evans Pritchard, a comparação era o que auxiliaria o etnógrafo a abordar uma segunda sociedade à luz da primeira. Nesse sentido, afirma que depois de Evans Pritchard, somente Geertz teria realizado esse esforço comparativo (PEIRANO, 1995: 41).

Na perspectiva de Sanjek, tratando essa busca pela totalidade pelo termo holismo, este é identificado no trabalho de Malinowski em contraposição ao de Mead, ainda que ambos apresentassem em suas notas de campo o que Sanjek chama de “discurso em ação” (SANJEK, 1990b: 218, 222). O autor também identifica diferenças nas concepções de holismo nos EUA e no Reino Unido no pós-Segunda Guerra. Se nos EUA o pesquisador ia a campo com uma questão e analisava o todo partindo desse ponto, no Reino Unido, o pesquisador deixava as questões emergirem do próprio campo (SANJEK, 1990b: 226, 233, 234).

Tomando a noção de totalidade e o esforço comparativo, vemos que as pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds constroem esta totalidade, ou holismo, justamente através de seus esforços comparativos. Vemos que o fato de terem coletado dados de várias favelas e de vários outros pesquisadores foram importantes não só para a comparação, mas também para o que se coloca como totalidade, ou, na concepção de pesquisa e de antropologia de Leeds, para o holismo. Suas comparações incluíram diversas favelas no Rio de Janeiro e em outras capitais, bem como incluíram

155 Leeds, 1984: 61. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.*
Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

outras formas de *squatter settlements* na América Latina, sendo essa comparação um elemento central naquilo que Leeds concebia como holismo. O holismo, para A. Leeds, se configurava na análise das mais diversas variáveis possíveis de serem observadas no campo. Por outro lado, a forma como construía esse aspecto holístico de suas pesquisas nas favelas se dava também pela captação da observação de outros pesquisadores inseridos no mesmo campo, contrariamente à prescrição metodológica de Evans Pritchard e Malinowski. E era justamente essa inserção de outros observadores, cujas interações se davam com outros interlocutores diferentes no mesmo campo, o que tornava possível fazer a comparação com outras favelas e *squatter settlements* e, simultaneamente, construir essa ideia de totalidade ou holismo.

A qualidade etnográfica de Anthony Leeds está na construção de um holismo, a meu ver, diferente daquele proposto por Evans Pritchard, Rivers e Malinowski. Considerando que o campo e o objeto são indivisíveis, Anthony Leeds conseguiu manter e reconfigurar essa totalidade agregando dados e olhares dos outros pesquisadores igualmente dedicados às favelas. Nesse sentido, os seminários informais, mesmo realizados fora das favelas, se concretizavam como mais uma ferramenta para construir esse holismo. Afinal, eram nesses encontros informais que os pesquisadores, junto com alguns moradores participantes, trocavam suas experiências, que podiam discutir novas variáveis a serem observadas e analisadas etnograficamente. Nesse sentido, a própria construção dessas variáveis constituiu-se numa novidade dada por Leeds ao trabalho de campo pelo fato de incluírem nesta rede científica e nesta elaboração os próprios moradores e por darem um novo sentido e uso aos questionários, a princípio, quantitativos. Como lembra Machado da Silva (2017), este grupo elaborou um questionário extenso, sem a finalidade de aplicá-lo, mas para visualizarem as variáveis possíveis de serem observadas no campo e analisadas posteriormente.

No que tange à relação entre holismo e definição de questões antes da chegada no campo, os documentos produzidos *in loco* (notas de campo e arquivo do campo) podem sugerir que Leeds não tinha uma questão específica antes de entrar em campo. No entanto, cabe considerar como dados relevantes o projeto de pesquisa enviado ao National Science Foundation para conseguir o financiamento de uma pesquisa em países da América Latina no período de 1965 a 1968¹⁵⁶, indicando como principal objetivo iluminar os aspectos sociais do processo de desenvolvimento em países subdesenvolvidos, mais precisamente a aceitação da inovação como fator de mudança social. Há também a informação apresentada em seu texto autobiográfico, de que fora Bertrand Hutchinson quem

156 Draft of a research proposal. Social change through the acceptance of innovation in undeveloped countries, Janeiro de 1965. NAA/Anthony Leeds Papers/ series 5/ subseries general/ Box30/ Grant Applications.

sugeriu a ele fazer um estudo semelhante ao das carreiras brasileiras mas entre o proletariado urbano, mais especificamente, nas favelas. Aliás, fora nesse mesmo período em que fez sua pesquisa de campo sobre as carreiras brasileiras, 1962, que visitou pela primeira vez uma favela, levado por Anísio Teixeira¹⁵⁷ (LIMA e VIANA, 2018).

Independentemente de Leeds visar alguma questão específica antes de entrar em campo, suas notas de campo apresentam uma diversidade de aspectos da vida social e cotidiana dos moradores, ainda que possamos ver uma predominância dos aspectos econômicos da vida dos moradores do Jacarezinho. O próprio volume de notas de campo, nas suas mais amplas variedades de tipos de escrita, organizadas conforme as falas dos moradores e seus nomes, nos dão pistas de quais questões emergiam do próprio campo, da própria fala do morador e da interdependência entre todos os aspectos da vida dos moradores, seja social, econômica, religiosa, amorosa, material, entre outros.

Atrelada à essa questão do holismo e/ou totalidade na antropologia e na etnografia, e à colocação do relativismo na década de 1960, está o debate sobre as abordagens científica e humanista na pesquisa antropológica e na etnografia (STOCKING JR, 1992: 339; JOHNSON e JOHNSON, 1990:162). Sendo o holismo uma questão cara à Anthony Leeds, também lhe era cara a elaboração de uma antropologia que desse lugar aos sentimentos humanos. Nesse sentido, tece a sua crítica à uma antropologia científica que, a seu ver, acabava por desumanizar os seres humanos ao objetivizá-los¹⁵⁸. O holismo entra nesse debate na medida em que se apresenta, para Johnson e Johnson (1990), como uma estratégia para tornar as notas de campo um instrumento de pesquisa que atendessem a determinados princípios científicos, tais como a aleatoriedade e o padrão da independência das observações (JOHNSON e JOHNSON, 1990: 162, 166). Se o desenho de pesquisa científica acaba por se apresentar como reducionista porque suas variáveis são determinadas pela teoria, espelhando os ideais da ciência de laboratório, e porque estuda um ponto em um tempo, de modo a obliterar a experiência de vida do interlocutor e suas conexões com outras pessoas (JOHNSON e JOHNSON, 1990: 163), o holismo, entendido como a integração de todas as partes componentes do universo cultural estudado, apresenta-se como uma estratégia por não isolar aspectos nem se reduzir a uma fração do todo (JOHNSON e JOHNSON, 1990: 167). Por outro lado, os autores consideram a abordagem comparativa um resultado

157 Leeds, A. 1984: 57. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.* Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

158 Leeds, A. 1984: 73. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.* Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

do abandono do holismo e do foco em um só aspecto (JOHNSON e JOHNSON, 1990: 168).

Para Sanjek (1990b), o debate entre científicos, tendo sua abordagem quantitativa, versus os humanistas e sua abordagem qualitativa e interpretativa, se direciona para as notas de campo e as possibilidades de sua utilização e análises. Segundo o autor, o erro das duas correntes em debate seria justamente a desvalorização das notas de campo, seja pela sua inutilização em favor dos arquivos do campo, seja pela pouca atenção dada aos modos como as notas de campo poderiam ser utilizadas. Ainda que considere as falhas da abordagem quantitativa em seu argumento - mais especificamente, as vezes em que as amostragens não atendiam ao critério de aleatoriedade e a dubiedade do teste estatístico – chama mais atenção do autor a desvalorização das funções das notas de campo (SANJEK, 1990b: 237 a 239).

Na perspectiva do próprio Leeds, o holismo ou, ainda, a visão sistêmica consiste no entendimento de que qualquer tema de investigação constitui um sistema cuja estrutura, ambiente e contexto devem ser entendidos nos mais diversos elementos, ou aspectos, ou variáveis. Logo, partindo da compreensão de que estas variáveis não estão isoladas e que interagem entre si, uma análise sistêmica e holística requer o estudo destas variáveis, seja de modo qualitativo, isto é, pela observação direta, seja de modo quantitativo. Ainda que nem todas as variáveis sejam empiricamente relevantes, é fundamental a observação destas e a sua consideração na análise, pois estão inseridas nessa teia de interrelações e agem sobre outras variáveis mais significativas. Esse tratamento evitaria a essencialização da análise científica, bem como permitiria uma complexidade e sofisticação à análise (LEEDS, 2015: 331 a 336; LEEDS, 1994: 114, 168; VALLADARES, 2005: 117).

Ao observar a prática científica de Anthony Leeds percebe-se a união entre holismo e comparação, de modo a torná-los interdependentes. Afinal, nas pesquisas de Leeds, o aspecto comparativo é fundamental para a observação e análise das diversas variáveis que se apresentam em suas notas de campo. O aspecto holístico de sua prática científica se encontra na quantidade, variedade e qualidade de dados presentes e também no fato de incluir, em suas análises e observações, os olhares de outros cientistas e/ou observadores. Logo, a comparação de dados e de variáveis, e a comparação com outros casos de *squatter settlements*, era parte integrante desse holismo que Leeds imprimiu ao seu trabalho de campo. A exemplo do trabalho de Leeds, é possível sustentar que holismo e abordagem comparativa não necessariamente se excluem. Ao contrário, a comparação pode ser uma outra forma de reforçar o holismo. Por outro lado, o fato de fazer uso de questionários objetivos concomitantemente à observação participante e escrita de notas de campo, também dava às suas pesquisas tanto o desenho

humanista quanto científico. Apesar da abordagem quantitativa não ter sido o seu forte¹⁵⁹, a complementaridade desta abordagem com a qualitativa no desenho de pesquisa de Anthony Leeds se apresentava como mais uma característica do holismo de suas pesquisas. Um exemplo desta característica é o plano de trabalho para o departamento de estudos do BEMDOC¹⁶⁰ na qual a coexistência das duas abordagens se faz de modo que as torna interdependentes. Porém, a prioridade é dada à abordagem qualitativa, pois esta fornece as variáveis principais para a montagem da abordagem quantitativa.

A comparação e a adição de outros olhares sobre o mesmo objeto podem ser exemplificadas pela incorporação das observações e vivências de outros pesquisadores que formaram ao redor de Leeds uma rede científica. Entre estes, estavam voluntários do Peace Corps e outros não voluntários que estavam pesquisando as favelas no mesmo período e trocando suas experiências nos seminários informais realizados nas residências dos Leeds.

2.1 – Os voluntários do Peace Corps e a rede de pesquisa

Sendo parte importante da política externa estadunidense da década de 1960 e fundado por Kennedy em 1961, o Peace Corps – PC é uma agência federal do governo dos EUA de cooperação técnica que leva jovens voluntários a prestarem serviços em países periféricos. Condizente com o reforço, desde a Segunda Guerra, do paradigma do desenvolvimento para a América Latina, o PC surgiu sob a égide da Aliança Para o Progresso e da promoção do desenvolvimento. Simbolizava os ideais do governo Kennedy, incluindo o missionarismo e a honra cívica, tendo como objetivo evitar a instabilidade política e conter revoluções na América Latina através da transferência de tecnologia e assistência financeira a estes países (AZEVEDO, 2007: 44, 59, 79, 90, 132; FIGUEIREDO, 2009: 79). Enquanto Azevedo (2007) expõe o objetivo de contenção anticomunista da agência, Valladares (2005: 111) observa que outros autores viam o papel do PC como uma abertura do governo Kennedy ao terceiro mundo. Há, ainda, autores que viram o Peace Corps Volunteers como mais um projeto de contrainsurgência (BOZZA, 2014).

Dentre estes, a descrição e análise mais detalhada é a de Azevedo (2007). Ao focar os projetos dos PC no Brasil, Azevedo (2007) apresenta o perfil geral dos jovens voluntários e as impressões de alguns deles sobre o seu tempo de serviço na agência. Nesse sentido, Azevedo aponta o que esta tese

159 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline-MA, novembro de 2017.

160 Plano de Trabalho – Departamento de Estudos [BEMDOC] – fevereiro a dezembro de 1966. Sem data [data provável: dez/65 a jan/66]. BR RJ COC LE RI 02.

mostrará: que a atuação dos voluntários não se limitava ao que a agência esperava deles. A tese também mostra o perfil destes colaboradores de Anthony Leeds, destacando o esforço e o ímpeto intelectual destes jovens que prestaram seus serviços à agência através dos registros destes jovens que atuavam nas favelas.

O início das atividades do Peace Corps no Brasil deu-se em 1961(AZEVEDO, 2007: 166). Deste ano até 1963, atuaram nas áreas rurais do Nordeste, em projetos de educação rural e assistência à saúde, em convênio com o SESP, e do Vale do São Francisco em projetos de desenvolvimento rural, em convênio com a Comissão Vale do São Francisco (AZEVEDO, 2007: 169, 170, 172, 184, 195). A partir de 1963, através de um convênio com o Estado da Guanabara, o Peace Corps passa a atuar nas favelas do estado, com seu programa de desenvolvimento comunitário, que duraria até o ano de 1967. Sua atuação voltava-se a programas de saúde e a atividades educativas, recreativas e sociais, como alfabetização, ensino de inglês, clubes de mães, entre outras (AZEVEDO, 2007: 195 a 197).

Em meio à efervescência política dos EUA dos anos 1960, marcada por movimentos de esquerda e pela luta pelos direitos civis, a agência ganhou a adesão de diversos jovens nascidos no pós guerra cuja crítica ao *american way of life* encontraram eco na sua proposta de desenvolvimento comunitário de ação social (AZEVEDO, 2007: 31, 40 a 43, 80; AZEVEDO, 1998: 2). A criação da agência poucos dias após a posse de Kennedy como presidente embasava-se na sua crítica ao despreparo das representações do governo estadunidense no exterior, mais evidenciado após a repercussão do romance *The Ugly American*, em 1959 (AZEVEDO, 1998: 5). Sendo mais que uma alternativa à condução da política exterior, Azevedo (1998) argumenta que a retórica de ativismo e missionarismo impresso no PC como marca do governo Kennedy são oriundos da ética puritana e da valorização de virtudes morais, ou mesmo da imbricação entre a moralidade religiosa e o senso cívico, a exemplo da comemoração do *thanksgiving* que celebra a primeira colheita dos colonos refugiados religiosos e a sobrevivência dos *pilgrims* (AZEVEDO, 1998: 7). Desse modo, observa a autora, o ideal de serviço e ação social vinculado à moralidade vinda da tradição puritana teria atraído jovens de diversas orientações religiosas e políticas, inclusive adeptos da *New Left* (AZEVEDO, 1998: 8)¹⁶¹.

Segundo Elizabeth Leeds, a morte de Kennedy, o episódio mais emblemático do período, influenciou na sua escolha pelo ingresso no PC, que captou muitos jovens daquela geração, sobretudo diante de um contexto de guerra e de convocação de jovens pelas forças armadas. Logo, o ingresso no PC era, para alguns destes jovens, uma outra opção, principalmente se considerarmos a sombra da Guerra do

161 Elizabeth Leeds, em depoimento dado a Nísia Lima em 2011, ressalta a influência da leitura do romance em sua juventude e na escolha pelo serviço no Peace Corps.

Vietnam, no caso dos rapazes, que intensificou o recrutamento de pessoas menos preparadas à medida em que a guerra recrudescia¹⁶².

Na perspectiva de outro ex-voluntário, James Wygand, o ingresso no Peace Corps era representado como algo nobre, reforçado pela frase de Kennedy que se tornou o slogan do programa: *não pergunte o que o seu país pode fazer por você mas o que você pode fazer por ele*, de modo que a agência captava jovens de diversas origens sociais, mas que tinham em comum uma insatisfação em relação às políticas sociais e à política externa dos EUA¹⁶³. Por outro lado, cabe lembrar que nos EUA havia um acúmulo das discussões sobre a pobreza urbana e a assistência aos pobres, culminando em 1964 com o programa governamental “Guerra contra a Pobreza”, cujas grandes frentes de atuação foram a delinquência juvenil, os direitos civis, o treinamento profissional e a educação (KATZ, 1989).

A influência da leitura de *Ugly American*¹⁶⁴ para a escolha pelo serviço no PC é reafirmada no relato de E. Leeds. Não por acaso, esta obra literária teve grande sucesso entre os norte-americanos no período, vendendo, somente na época de sua publicação, cerca de 5 milhões de cópias¹⁶⁵. Trata da atuação das embaixadas e órgãos governamentais americanos dedicados à chamada cooperação técnica dos EUA para com os países periféricos. A trama do livro é vivida num país fictício do Sudeste Asiático – Sarghan, uma área de disputa dos EUA contra a influência da China comunista.

Diante do fracasso da política externa do país nos países asiáticos, e em plena disputa da Guerra Fria, o mote principal colocado na obra pelos autores era saber as razões desse fracasso. Entre as explicações apontadas pelos autores¹⁶⁶, o etnocentrismo dos estadunidenses entre os povos nativos seria a principal, uma vez que os impedia de entender aquelas culturas, saber as necessidades daqueles povos, enxergar os limites da chamada cooperação técnica e, principalmente, aprender a tratar estes povos de modo respeitoso, igualitário e menos impositivo culturalmente. Além das trapalhadas e equívocos partindo das embaixadas americanas nestes países, o livro aborda o deslumbre dos

162 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana, pg 37. Brookeline – MA, novembro de 2017. Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

163 No relato de Wygand, os jovens voluntários do Peace Corps receberam a alcunha de *Juventude Supérflua dos EUA*, pois não era possível empregar, pela pouca experiência e talento, além de serem contestadores. Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

164 Romance de Eugene Burdick e William Lederer, publicado em 1958, tornou-se uma das obras de referência da literatura estadunidense. Em 1963, ganhou uma versão audiovisual dirigida por George Englund e estrelado por Marlon Brando. “Ugly american” tornou-se um termo pejorativo para se referir ao comportamento arrogante de estadunidenses quando estão fora de seu país. https://en.wikipedia.org/wiki/Ugly_American. Acesso em 22 de junho de 2017.

165 <https://www.nytimes.com/2009/07/12/books/review/Meyer-t.html>. Acesso em 31 de maio de 2018.

166 Eugene Burdick foi cientista político e serviu à marinha dos EUA durante a Segunda Guerra Mundial. (https://www.imdb.com/name/nm0120969/bio?ref=nm_ov_bio_sm Acesso em 30/8/2018). William Lederer foi escritor e capitão da marinha dos EUA, tendo servido durante a Segunda Guerra Mundial (<http://scua.library.umass.edu/ead/mums158> Acesso em 30/8/2018).

profissionais estadunidenses que trabalhavam nessas embaixadas com o próprio *american way of life*, de modo que só tratariam como iguais ou como confiáveis aqueles nativos que adotassem seus valores, aspirações e modos de vida, traduzidos em perfil de consumo da classe média.

Tendo em vista este contexto histórico e cultural dos EUA no início da década de 1960, interpretado por E. Leeds como um período idealista¹⁶⁷, sobretudo considerando o peso da Guerra Fria e do sentido missionário integrante do pensamento social deste país (AZEVEDO, 2007), é perfeitamente compreensível a escolha de boa parte dos jovens desta geração pelo ingresso num programa próximo a uma tendência mais progressista, coadunada com o que se representava do período Kennedy.

No caso específico da experiência pessoal da cientista política, as opções postas à época eram: seguir um mestrado ou ter uma experiência fora do país, para onde poucos iam¹⁶⁸. Voluntariando-se para algum país da América Latina e preparando-se na língua espanhola, recebeu como primeira proposta do programa atuar na Etiópia, e depois no Brasil. No caso de Wygand, cuja origem social remetia a locais menos urbanizados, a escolha pelo Brasil em detrimento de Serra Leoa se dava pela vontade de ir para uma grande cidade¹⁶⁹. O pouco preparo e pouco conhecimento sobre o país é um ponto comum entre os dois ex-voluntários. Segundo Elizabeth Leeds, *O que eu sabia do Brasil era Carmem Miranda*¹⁷⁰.

Segundo seu relato, nos meses de sua preparação, pouco fora dito sobre a ditadura militar, deflagrada pouco antes de seu ingresso, nos cursos oferecidos pela agência. Ainda que tivesse assistido uma comunicação de Vernon Walters, adido militar na embaixada do Brasil e amigo de Castelo Branco¹⁷¹, não houve qualquer menção sobre a situação política do país daquele momento¹⁷². A este total desconhecimento se somava a indefinição dos propósitos da agência, cujo objetivo declarado era promover o desenvolvimento de comunidade e a promoção da saúde, mas sem especificar os sentidos do termo ou quais ações implicava¹⁷³.

O desenvolvimento comunitário defendido pela agência era o incentivo aos líderes a estabelecerem as necessidades e objetivos da comunidade para que esta despertasse para a

167 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

168 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011: 34, 35. Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

169 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

170 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

171 http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/Jango/biografias/vernon_walters

172 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

173 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011: 35, 37, 38. Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

conscientização de seus direitos. Para alguns voluntários, a execução de programas de desenvolvimento comunitário significava levar o movimento pelos direitos civis a outros países (AZEVEDO, 2007: 79; AZEVEDO, 1998: 6, 7). Ainda que os sentidos dados ao desenvolvimento comunitário gerassem disputas internas dentro da agência, mostrando a centralidade deste princípio, o que ocorreu na prática foi um total desvirtuamento das atividades desses voluntários, que passaram a ter uma atuação coadjuvante como mostra a pesquisa de Azevedo (2007: 204 a 206, 209, 215). Em meio a aplicações de vacina, atendimento em postos de saúde, instruções de como tratar a água e alfabetização de adultos, os voluntários também eram escalados para lecionar língua inglesa, seja dentro da favela, como foi o caso de Wygand¹⁷⁴, seja fora da favela, como foi o caso de E. Leeds, na faculdade de engenharia da UFRJ¹⁷⁵.

Conforme o relato de E. Leeds, ainda que a agência tivesse entre seus propósitos a promoção do desenvolvimento de comunidade, mas sem um sentido concreto dado a isto, a única discussão da agência girava em torno do chamado *felt needs*, as demandas colocadas pela própria comunidade onde os voluntários atuavam e moravam¹⁷⁶. Em relação à organização do trabalho, havia reuniões entre os voluntários no escritório da agência destinadas a tratar das experiências de trabalho, mas sem qualquer discussão aprofundada sobre os objetivos do trabalho que estavam fazendo nas favelas¹⁷⁷. Somado a isso, não tinham a menor noção do que era a complexidade da vida urbana no país, menos ainda das favelas¹⁷⁸. A preparação para a entrada no Brasil, e para a atuação na condição de voluntários de uma agência internacional dos EUA, não dava a real dimensão dos desafios a serem enfrentados, sobretudo diante da situação política de uma ditadura militar, cujo contexto produzira uma desconfiança dos moradores mais politizados em relação aos norte-americanos (SANTOS, 2010; 2015).

A presença dos voluntários se deu em várias favelas do estado da Guanabara de modo simultâneo. Independente dos contornos dados ao trabalho destes jovens pela agência, era inegável a sua inserção nestas localidades. A chegada de Anthony Leeds entre os voluntários propiciou um redirecionamento das atividades entre eles e uma ressignificação de sua atuação e dos sentidos da própria agência. Afinal, A. Leeds tinha uma razão concreta para estar nas favelas, algo que, se não faltava entre os voluntários, estava ao menos obscurecido ora pela própria indefinição da agência, ora

174 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

175 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011: 35, 37, 39. Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

176 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011: 38.

177 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017. Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

178 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

pela ditadura militar¹⁷⁹. Segundo Elizabeth Leeds, o sentido à essa atuação na agência elaborava-se na medida em que passaram a frequentar as reuniões com A. Leeds, que era consultor do PC e do BEMDOC¹⁸⁰ (VIANA, 2014).

Ao mesmo tempo, a presença dos voluntários do PC em diversas localidades facilitava a entrada de Leeds e tornava possível adotar a perspectiva comparativa à sua pesquisa. Leeds via a disponibilidade de jovens minimamente qualificados, dispostos ao trabalho e, prestando serviços à agência governamental dos EUA, já tinham garantidos os seus salários. Não seria necessário ao antropólogo, portanto, dispender de mais recursos financeiros para custear a atividade destes jovens. Enquanto conduzia a sua pesquisa, incentivava os voluntários a buscarem os seus objetos de pesquisa e a se inserirem na prática de pesquisa através destes seminários e reuniões que realizava¹⁸¹ (VALLADARES, 2005a). Cabe lembrar que o vínculo de A. Leeds com o PC era anterior a sua chegada no Tuiuti. Antes, ele lecionava nos grupos de treinamento do PC que havia em algumas universidades, como a do Texas, onde Leeds trabalhava¹⁸². E. Leeds fez seu treinamento em uma entidade não universitária chamada *Experiment in International Living*¹⁸³, no estado de Vermont, norte dos EUA¹⁸⁴.

Os seminários informais realizados nas favelas com estes jovens fugiam do escopo dos treinamentos anteriores recebidos no PC, uma vez que não seguiam as linhas, os princípios e as finalidades das agências internacionais, mas voltavam-se para a elaboração de questões e ao entendimento daquela realidade, destinando-se a fins científicos. Anthony Leeds deu um caráter mais intelectualizado a atuação destes jovens através destas reuniões, além do incentivo ao entendimento de toda aquela complexidade que se apresentava à eles, postos ali sem uma preparação adequada. Estas interlocuções entre os voluntários e Anthony Leeds contribuíram para duas mudanças: a percepção da favela para estes jovens, que passou de um local de cooperação técnica, atendendo às finalidades de

179 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017. Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

180 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011: 45.

181 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011: 45.

182 Leeds, A. 1984: 60, 62. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography. Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

183 Fundada em 1932, o *Experiment in International Living* é um programa da instituição *World Learning* de imersão cultural que leva estudantes a fazerem vivências em vinte países. Desde 1961, fazem parceria com o PC, tendo fundado em 1964, como fruto dessa parceria, a *School for International Training – SIT*. Ver: <http://www.experiment.org/pn/about-the-experiment/history-and-mission/> ; <http://www.worldlearning.org/who-we-are/history/> . Acesso em 22 de junho de 2017.

184 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011: 44.

uma agência internacional da Guerra Fria, para o local de pesquisa, ou campo; e a mudança na autopercepção, de voluntários para pesquisadores.

A valorização das ciências sociais nesse período, em especial da antropologia, pelo governo Kennedy, principalmente no que tangia à transferência de tecnologia para a veiculação do desenvolvimento e modernização (AZEVEDO, 2007: 94; SOLOVEY, 2001:179; FIGUEIREDO, 2009: 98; FERES JR, 2004: 31), pode ser entendida como um resultado do esforço empreendido pelos antropólogos desde os anos 40 para mostrar a utilidade prática da disciplina (FIGUEIREDO, 2009: 88; SOLOVEY, 2001: 174, 175; LOPES, 2018). O volume do financiamento para os estudos em sociologia rural nos EUA ilustra bem essa crescente valorização das ciências sociais que vinha ocorrendo desde o *New Deal* (LOPES, 2018). Na visão de alguns autores, a APP expressava o atendimento ao interesse público pela antropologia, na medida em que esta atendia aos interesses dos EUA (FRANK, 1968: 247).

No entanto, também houve críticas desses profissionais em relação ao caráter etnocêntrico da Aliança Para o Progresso, sobretudo a sua visão de desenvolvimento e subdesenvolvimento tendo como referência os países centrais (AZEVEDO, 2007: 147, 148). Outra crítica levantada, ainda que de forma sutil, é o não aproveitamento do trabalho dos profissionais da antropologia nas atividades da agência, vista como um modo viável de reduzir os eventuais fracassos desta (MITCHELL, 1970: 45). A respeito desta última crítica, não é possível afirmar a completa inutilização destes profissionais uma vez que os treinamentos dos jovens eram feitos por profissionais da área de ciências sociais, a exemplo do próprio Anthony Leeds, professor do departamento de antropologia da Universidade do Texas e que ministrou alguns destes cursos para futuros voluntários. Também cabe considerar o fato da agência tê-lo contratado como consultor externo, em conformidade com as atividades ordinárias da agência.

A este respeito, é importante ressaltar a atuação de Leeds na agência, exercendo dois papéis: o de crítico da agência e o de interlocutor ativo dos voluntários no Brasil a partir de sua chegada em agosto de 1965 no Tuiuti, incentivando-os a desenvolverem suas próprias pesquisas nas favelas (VALLADARES, 2005: 111 a 115; AZEVEDO, 2007: 206; VIANA, 2014: 98 a 101). No estudo de Azevedo é relatada a atuação de Leeds numa conferência do Peace Corps em Friburgo no ano de 1965, onde o desenvolvimento comunitário estava sendo questionado diante da insatisfação de alguns voluntários em relação ao desvirtuamento de suas atividades, desde a realização de tarefas burocráticas e braçais, até o uso de seus serviços pelos moradores como mediadores para obtenção de recursos materiais (AZEVEDO, 2007: 204, 205, 206). No relato do ex voluntário James Wygand, a insatisfação

entre os voluntários dava-se pelo impedimento imposto pela ditadura militar à organização de comunidade, deixando-os desocupados¹⁸⁵. No argumento de Azevedo, a postura de Leeds influenciou na conferência, no sentido de referendarem o trabalho de desenvolvimento comunitário e de aventarem o rompimento com a Secretaria de Saúde da Guanabara (AZEVEDO, 2007: 206). Ainda segundo a historiadora, a atuação de Leeds na reunião dos voluntários em torno da pesquisa em favelas, nos seminários informais, levantou queixas de outros voluntários sobre o esnobismo intelectual, a pouca ação e o preconceito com o qual “os seguidores de Leeds” (sic) tratavam aqueles menos intelectualizados (AZEVEDO, 2007: 363). Além da reunião nestes seminários informais convocados por Leeds, os voluntários também se reuniam sozinhos nas próprias favelas, tendo como elo entre os grupos a figura de Leeds¹⁸⁶. Além desta atuação, cabe adicionar sua participação na mobilização bem sucedida, embora seguida de seu desligamento da agência, para a melhoria dos salários dos voluntários no Brasil, o mais baixo de toda a América Latina (AZEVEDO, 2007: 363). Segundo Wygand, um dos voluntários que também reivindicava melhorias salariais, o salário dos voluntários no Brasil era algo em torno de um salário mínimo e meio¹⁸⁷.

Licia Valladares (2005) ressalta a transformação dos voluntários em pesquisadores a partir dos seminários informais, nas quais puderam imprimir sentido à sua experiência nas favelas uma vez que não viam sentido na atuação no desenvolvimento comunitário praticado pelo convênio entre a agência e o estado da Guanabara (VALLADARES, 2005: 110, 111). Conforme a autora, se a valorização do estudo de diversos casos para possibilitar uma generalização estava no horizonte metodológico de Leeds, a presença destes voluntários como observadores espalhados em diversas favelas e com alguma formação universitária¹⁸⁸ era uma ferramenta importante para a captação das diversas variáveis no estudo das favelas (VALLADARES, 2005: 113-115). No relato do próprio Leeds em seu texto autobiográfico, o seminário ajudava a todos, sobretudo os voluntários, desprovidos de meios para entender a complexidade ao seu redor. A análise coletiva de dados de 15 favelas teria contribuído para a escrita dos artigos apresentados no 37 ICA realizado em Mar Del Plata na Argentina em 1966, bem como para que Anthony e Elizabeth Leeds conhecessem intensamente 8 destas 15 favelas¹⁸⁹.

185 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

186 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

187 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

188 Nem todos vinham das ciências sociais. David Morocco, por exemplo, era farmacêutico de formação. Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

189 Leeds, 1984: 61, 63. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 6/ subseries biographical materials /box 33/ Draft Autobiography.

É importante observar que além desses registros dos voluntários terem sido um subsídio para a pesquisa de Leeds, conformando a sua perspectiva holística, alguns destes puderam desenvolver o seu próprio projeto de pesquisa. Os seminários, constituindo-se em espaço de troca de experiências e de observações sobre as favelas, também possibilitaram que alguns encontrassem o seu objeto de estudo e suas opções metodológicas. Essa experiência, somada à elaboração de relatórios obrigatórios para a agência, pôde trazer aos voluntários um ímpeto para a pesquisa e para a observação no campo, orientada para uma questão. Como observou Luiz Antônio Machado da Silva em entrevista¹⁹⁰, os participantes do seminário não estavam, necessariamente, trabalhando para a pesquisa de Leeds ou voltando suas observações para as questões investigadas pelo antropólogo. Ainda que Leeds pudesse sugerir temas de pesquisa que fossem interessantes a sua própria pesquisa, como foi o caso do estudo da tecnologia das redes de água¹⁹¹, cada um poderia aceitar ou não a sugestão ou ainda enveredar para um tema de sua escolha. Afinal, como observa Machado da Silva (2015: 20, 21) e Sieber (1994), havia uma relação de horizontalidade na condução desses seminários.

Como uma das atividades institucionais obrigatórias desses voluntários, estava a elaboração de relatórios enviados para os coordenadores do programa. No arquivo de Anthony Leeds é possível verificar 7 destes relatórios, de autoria dos seguintes voluntários: Judith Hoenack – Borel, David W. Jones – Serfa/Roquette Pinto, Maryanne Fedo – Cruzada São Sebastião e Favela Parada de Lucas, Barry Nathan – Turano, Judy Williams – Turano, James Wygand – Jacarezinho e Robert L. Jones – Salgueiro. Nestes relatórios é possível avaliar as dificuldades enfrentadas pelos voluntários bem como as suas expectativas. O fato de Leeds ter guardado estes relatórios indica que as informações contidas tinham alguma relevância, embora tenha marcado pontos críticos, como é possível ver nas anotações manuscritas e rabiscos feitos pelo antropólogo no relatório de David W. Jones.

Cada um destes relatórios reflete a diversidade do perfil dos voluntários, a forma como viam o desenvolvimento comunitário e qual sentido estavam vendo na atuação de suas atividades nas favelas. No caso do relatório de David W. Jones, é possível verificar o seu esforço em direção à investigação e à uma compreensão que ultrapassasse a intuição ou a descrição de uma experiência vivida. Sua motivação em compreender o desdém do morador o levou a pensar a melhor maneira de ensinar o desenvolvimento comunitário e também o levou a propor um projeto de urbanização pela reconstrução de novas casas, pensadas de modo que atendessem às necessidades funcionais, aos usos dados aos cômodos das casas, e de modo que se adequassem ao perfil da família ou do morador e à sua rotina.

190 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro – RJ, agosto de 2017.

191 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

Azevedo (2007: 219) também cita este relatório como um esforço propositivo e como uma visão alternativa à veiculação do desenvolvimento comunitário proposto pelo voluntário.

De fato, para este, o envolvimento do morador na reconstrução de novas casas mais adequadas à sua vida ensinaria o desenvolvimento comunitário ao morador. Destaca-se neste relatório, além desse esforço propositivo e investigativo, a expressão contundente de sua contrariedade à remoção da favela “(...) *the favela, urbanized or not, ought to remain where it is.*”¹⁹² e o sentido que o voluntário dá ao desenvolvimento comunitário. Afinal, a narrativa do relatório evidencia que fora justamente o desdém do morador, descrito como atitude de futilidade, em relação ao desenvolvimento comunitário que o levou a se colocar contrário à remoção, pois desmotivava os moradores a buscarem melhorias nas condições físicas da favela. Para David W. Jones, a agência deveria dar respostas ao moradores diante da iminente remoção, para tornar real a veiculação do desenvolvimento comunitário. Na medida em que isto se concretizaria na reconstrução de novas casas e na urbanização, a agência deveria prover materiais e trabalho especializado. Por mais questionável que fosse o seu projeto de urbanização e construção de novas casas, o esforço do voluntário tem o mérito de apresentar uma nova perspectiva ao trabalho da agência.

Em alguns relatórios é perceptível a dependência que os voluntários da agência tinham em relação à associação dos moradores para executarem o desenvolvimento comunitário¹⁹³. Tendo em vista estes relatórios, na maior parte dos casos, a concretização de obras e melhorias físicas eram executadas pelos moradores, restando aos voluntários a participação ora na execução de serviços de saúde¹⁹⁴ ora no aconselhamento para o planejamento da ação propriamente dita¹⁹⁵. À este respeito, chama atenção a supervalorização desta atividade de aconselhamento pela voluntária, além do destaque dado à determinadas personalidades em vez da ação coletiva dos moradores¹⁹⁶. Este aspecto talvez seja o reflexo da orientação contida no manual dos voluntários, no qual se afirma a necessidade dos brasileiros aprenderem com estes jovens estadunidenses, visando o fim do paternalismo entre os primeiros (AZEVEDO, 2007: 205). O protagonismo dado ao voluntário em função da “necessidade” do morador em receber aconselhamento, a exemplo de Fedo (sem data) e Nathan (1965), denuncia a

192 *The favelas. Serfa and Roquete Pinto and reflections on their urbanization.* David W. Jones, Peace Corps Volunteer. 18/11/65. BR RJ COC LE DP PP 03 V9.

193 *Salgueiro*, Robert Jones PCV Guanabara, julho de 1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V9; *Cruzada São Sebastião. Favela de Parada de Lucas*, sem data, Marianne Fedo, BR RJ COC LE DP PP 03 V7; “*Favelado*” as community developer. Turano, 6/10/1965, Barry Nathan, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

194 *Cruzada São Sebastião. Favela de Parada de Lucas*, sem data, Marianne Fedo, BR RJ COC LE DP PP 03 V7

195 *Cruzada São Sebastião. Favela de Parada de Lucas* - Marianne Fedo – BR RJ COC LE DP PP 03 V7; *Salgueiro*, Robert Jones, PCV Guanabara, julho de 1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V9.

196 *Cruzada São Sebastião. Favela de Parada de Lucas*, sem data, Marianne Fedo, BR RJ COC LE DP PP 03 V7.

assunção dos estigmas então atribuídos aos moradores, reforçados pela teoria da cultura da pobreza. A categorização de moradores conforme o grau de participação na vida associativa (*indigenous/inner core group, sympathetic, aphantetic*, políticos)¹⁹⁷, além de evidenciar a dependência da agência em relação à associação de moradores, também demonstrava alguma sensibilidade de observação do voluntário sobre a vida e o pensamento dos moradores. Se nessa categorização a participação política é o principal critério, a explicação dada à apatia ultrapassa a resposta imediata e preconceituosa da preguiça, chegando às condições de vida e de trabalho dos moradores¹⁹⁸.

No relatório apresentado por James Wygand (1965), escrito em língua portuguesa, evidencia-se o reconhecimento de que o morador tem consciência do que ele precisa, de modo a questionar a presunção do protagonismo do voluntário na organização da comunidade e na identificação de seus problemas. Da mesma maneira, a necessidade de se estudar a favela e suas organizações políticas, bem como a valorização destes grupos organizados pelos próprios moradores é colocada como uma etapa anterior ao desenvolvimento e organização de comunidade propriamente dita¹⁹⁹. Até porque a realização deste ideal de organização de comunidade como meio de reivindicação de direitos era, senão impedida, ao menos dificultada pela vigilância e controle dos moradores da favela no contexto da ditadura militar²⁰⁰. Nesse sentido, cabe observar também a disparidade entre o que o voluntário concebia como organização de comunidade e o que os agentes da ordem concebiam. No relato deste voluntário, para o delegado²⁰¹ que o apresentou aos moradores num passeio à favela do Jacarezinho, os voluntários estavam ali para ensinar os moradores a trabalhar e para “acabar com a vagabundagem”. Para o voluntário, a organização de comunidade era percebida pelo próprio como “subversão”, pois daria mais instrumentos aos moradores para cobrarem seus direitos em plena ditadura²⁰². Posteriormente, pôde manifestar sua contrariedade à remoção e sua adesão à proposta de urbanização quando atuou no convênio COPEG/USAID, cuja função era, entre outras, avaliar quais favelas seriam urbanizadas.

O questionamento em relação à efetividade de atuação da agência, ou à sua razão de ser, entre os voluntários também é perceptível em dois outros relatórios, também escritos em língua portuguesa. Ambos os relatórios guardam pontos em comum com o de Jones no que tange à contrariedade à

197 “Favelado” as community developer. Turano, 6/10/1965, Barry Nathan, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

198 “Favelado” as community developer. Turano, 6/10/1965, Barry Nathan, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

199 *Favela – Jacarezinho*. Wygand, 8/6/1965, pg1, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

200 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

201 Trata-se de Sargento Sampaio.

202 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

remoção²⁰³; na ênfase sobre a capacidade produtiva e valorização do trabalho pelos moradores²⁰⁴; na identificação de um “senso de futilidade” (sic) do morador definido como um desprezo pela melhoria das condições de vida²⁰⁵.

O relatório de Judith Hoenack dá centralidade à estrutura política da favela uma vez que a identifica como um meio para utilização máxima dos recursos disponíveis e para a desenvoltura de um senso de responsabilidade, pré-requisito para a integração da localidade na sociedade. Como a localidade referida é o Borel, Hoenack tem como principal alvo de análise a UTF e não a associação de moradores, como os outros voluntários. Ainda que aponte diversas falhas na ação comunitária desta, destacando a falta de parceria com a agência, reconhece o peso político da organização. Nesse sentido, aponta a possibilidade da favela prescindir de ajuda alheia caso a UTF encampasse outros projetos²⁰⁶. Apesar do enviesamento na sua observação sobre a UTF, da pouca análise em relação ao papel da UTF e da pouca percepção do seu protagonismo naquele período histórico, sobretudo no que tange à resistência à política de remoções (LIMA, 1989; PESTANA, 2013), a centralidade dada à estrutura política de modo a indicar a prescindibilidade de ajuda externa, aponta para a complexidade das relações políticas e principalmente desta organização de moradores de favelas. Mesmo que Hoenack tenda a olhar para a UTF com as lentes institucionais do PC e do desenvolvimento comunitário, não questiona a legitimidade e a representatividade desta.

Williams, partindo do ponto de vista do morador para concluir pela impraticabilidade da remoção, assume uma atitude propositiva em seu relatório em direção à urbanização das favelas. Nesse sentido, reforça o aspecto altamente produtivo e a valorização do trabalho entre os moradores, destacando as melhorias já empreendidas por estes. É desse ponto que sentencia: *Os favelados não precisam de alguém de fora para os mandar trabalhar; mas eles precisam de orientação em engenharia e saneamento e claro, material com que trabalhar. (...). A resposta ao problema das favelas não está com os voluntários da paz; está com o próprio brasileiro. (...)*²⁰⁷. Mais adiante, após apresentar um programa de trabalho voluntário de jovens estudantes brasileiros, expõe o seu

203 Reflexões sobre urbanização das favelas e desenvolvimento de comunidade, agosto de 1965, Judy Williams, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

204 Morro do Borel, 1/9/65, Judith Hoenack, BR RJ COC LE DP PP 03 V7.

205 Morro do Borel, 1/9/65, Judith Hoenack, BR RJ COC LE DP PP 03 V7.

206 Cabe observar a considerável atuação de militantes comunistas no Borel e na UTF, conforme mostra a pesquisa de Lima (1989). Nesta, a autora destaca o apoio irrestrito do Partido Comunista às atividades da UTF, apesar da entidade defender o seu caráter apartidário (Lima, 1989: 55, 86, 87). Esta constatação havia sido feita pela SAGMACS no estudo *Aspectos Humanos da Favela Carioca* (Lima, 1989: 56).

207 Reflexões sobre urbanização das favelas e desenvolvimento de comunidade, agosto de 1965, Judy Williams, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

entendimento sobre o desenvolvimento comunitário:

Em desenvolvimento comunitário desse tipo, ou de qualquer tipo, a instrução profissional em métodos não é o essencial; melhor é alguma instrução teórica. Creio que a base teórica em desenvolvimento da comunidade é aprender a fazer perguntas e não dar ordens. (...). Ele [o estudante] deve se familiarizar com os problemas e necessidades, não fazendo reuniões, mas falando com as pessoas e os líderes. (Reflexões sobre urbanização das favelas e desenvolvimento de comunidade, agosto de 1965, Judy Williams, BR RJ COC LE DP PP 03 V11).

Nestes três últimos relatórios, é possível verificar um esforço de observação mais empática e mais questionadora sobre os propósitos institucionais da agência. Se eram diversas as possibilidades do que viria a ser o desenvolvimento comunitário, também eram múltiplas as possibilidades de inserção e de atuação dos voluntários junto aos moradores. Tal como apontou Azevedo (2007) em sua pesquisa, nem todos os voluntários se viam como instrumentos do anticomunismo da agência, tampouco conformavam-se com as tarefas burocráticas e com a passividade do papel atribuído aos voluntários na implantação do programa²⁰⁸ (AZEVEDO, 2007: 200, 204, 207). Por outro lado, estes relatórios apontam um esforço de compreensão fora das fronteiras institucionais, de modo a levar, inclusive, à confrontação com a necessidade real da ajuda estrangeira a moradores que já promoviam, à sua maneira, o seu desenvolvimento comunitário ou suas ações de melhorias nas condições de vida, contando com uma organização política da maior complexidade. Também revelam uma posição política na contrariedade à remoção, algo que fugia do escopo das atividades ordinárias dos voluntários.

A despeito de alguns equívocos na percepção e tratamento destes voluntários em relação aos moradores, é inegável a capacidade de observação e o ímpeto para a análise de um modo de vida completamente estranho àqueles jovens estadunidenses. Como exemplo, podemos citar o de Wygand que descobriu a forma como os moradores instalavam as redes de água na favela bem como pôde identificar estas diversas redes de água²⁰⁹. Tão logo este potencial produtivo e observador fora percebido por Leeds, condizente com sua experiência docente, buscou canalizá-los para a produção científica²¹⁰ (VALLADARES, 2005:113). Uma vez que procuravam algum propósito para estarem ali nas favelas, já que a finalidade da atuação da agência – o desenvolvimento e organização de comunidade – era dificultada pela própria ditadura, e que recebiam salário da agência²¹¹, a disponibilidade daqueles jovens com este potencial confluiu com os interesses acadêmicos e científicos

208 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017. Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

209 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

210 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

211 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

de Leeds. A observação e experiência direta e cotidiana no campo, somada à troca intelectual nos seminários informais, pôde oferecer a estes jovens uma reelaboração não só sobre a agência, mas sobre o lugar de cada um deles como sujeito, cujo potencial extrapolava o trabalho voluntário para uma agência internacional. Conforme Wygand, simultaneamente a esses seminários realizados por Leeds, os voluntários também se reuniam nas favelas com a mesma finalidade de troca de experiências e de pensar suas atuações dentro das favelas e no papel da agência²¹².

Destes voluntários cujos relatórios foram apresentados acima, apenas Judith Hoenack e James Wygand apresentaram trabalho no 37 ICA, junto com outros voluntários, no simpósio coordenado por Leeds, intitulado *Social Anthropology in the Americas*. Os trabalhos apresentados por voluntários e seus respectivos autores, são: *Water Networks: their technology and sociology in Rio favelas* – James Wygand; *Resources and sources: marketing, supply and their social ties in Rio favelas* – Judith Hoenack; *Eviction! Land tenure, law, power and the favela (Rio)* – Nancy Smith; *Problems of urbanization in Rio favelas* – Charles O'Neil²¹³; *Political complementary of favelas with the larger society of Rio de Janeiro* – Elizabeth Plotkin; *Carnaval groups. Maintainers and intensifiers of the favela phenomenon in Rio de Janeiro* – David Morocco (NUNES, 1968; LIMA e VIANA, 2018). Cabe considerar que a participação no ICA não é pouco significativa, uma vez que se trata de um evento científico internacional, realizado desde 1875, e que reúne especialistas do mundo inteiro voltados para os estudos etnográficos, linguísticos e históricos das Américas (NUNES, 1968; COMAS, 1974). Logo, não foi pequeno o passo dado por alguns destes jovens para que pudessem sair da condição de voluntários da paz para pesquisadores das favelas e para sujeitos mais críticos e mais conscientes de sua inserção política no PC e na favela.

Todos estes trabalhos apresentados no 37 ICA são referências para os artigos componentes da obra *A Sociologia do Brasil Urbano*, elaborados ao longo da década de 1960 e 1970. Apesar da indicação de que os trabalhos completos estariam depositados no arquivo do Museu de Ciências Naturais de La Plata, não foram localizados, tendo somente os resumos disponíveis. Destes resumos²¹⁴, é possível verificar o teor do trabalho destes voluntários, além de constatar seu envolvimento com os moradores a ponto de poderem elaborar reflexões acerca de temas tão complexos, como a ilegalidade da posse da terra, das redes de água e as fontes de recurso de poder na vida cotidiana destes moradores.

212 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

213 Azevedo (2007) em sua pesquisa menciona brevemente um relatório de Charles O'Neil referente à favela Guararapes.

Neste, o voluntário destaca o modo como os moradores viam os voluntários – mediadores para obtenção de recursos materiais (Azevedo, 2007: 206, 362 – nota 63) .

214 Ver anexo.

Estes objetos de estudo requeriam uma inserção nas redes do campo mais profundas do que a atuação institucional permitia. A descoberta da tecnologia das redes de água revela o quanto puderam ganhar a confiança e a credibilidade dos moradores, bem como o potencial que tinham para desenvolver pesquisa etnográfica e antropológica.

De todo modo, é importante frisar que esta rede formada em torno de Anthony Leeds compôs parte de sua rede científica que investigava as favelas naquele período. É possível afirmar que a apresentação de uma atividade alternativa ao serviço voluntário foi um empreendimento bem sucedido do ponto de vista acadêmico e, sobretudo, docente. Afinal, nem sempre o simples incentivo é capaz de levar um jovem recém formado a realizar uma pesquisa num país estrangeiro. É preciso dar também outras ferramentas de modo a conformar uma elaboração de questões a serem investigadas em campo. Nesse sentido, os seminários informais apresentaram-se como esta ferramenta, não só de troca intelectual, mas de definição de questões e possibilidades de pesquisa para possíveis novos cientistas e novos interlocutores.

Destes voluntários, Nancy Priscilla Smith Naro seguiu carreira acadêmica, tendo lecionado no Kings College – UK e publicado diversos artigos e livros sobre a escravidão no Brasil. James Wygand seguiu carreira na economia. Chegou a trabalhar num convênio firmado entre a USAID e a COPEG no período de 1965 a 1966 em um projeto para urbanização de favelas, tendo sido cedido do Peace Corps. Apesar de continuar recebendo o mesmo salário de voluntário e morando no Jacarezinho, sua atuação no convênio COPEG/USAID dava um sentido mais concreto à sua presença nas favelas, qual seja, a possibilidade de urbanização, não realizada até o final de seu tempo de serviço²¹⁵. Quanto à Charles O'Neil e a Judith Hoenack, não foram encontrados dados concretos sobre suas trajetórias profissionais até o final da confecção desta tese.

Dentre os participantes do 37 ICA os antigos voluntários Elizabeth Plotkin que, após o casamento, passara a se chamar Elizabeth Leeds, e David Morocco continuaram suas pesquisas nas favelas após o tempo de serviço no Peace Corps. Além destes, Paul Silberstein, outro ex voluntário, ainda que não tenha apresentado trabalho neste congresso, também empreendeu suas pesquisas nas favelas durante o período.

Elizabeth Leeds, principal colaboradora de Anthony Leeds desde 1965, atribui seu pendor pela ciência política ao próprio ambiente familiar, de origem judaica e polonesa. Segundo ela, a presença constante das questões sociais e políticas se dava em grande medida pela atuação profissional de seu

215 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

pai, o jornalista Abraham (Abe) Plotkin e de sua mãe, Minna Ann (Hurwitz) Plotkin²¹⁶, na área da saúde. Através deste convívio, teve a oportunidade de participar, aos 15 anos, da elaboração de uma matéria sobre delinquência juvenil, escrita por seu pai para publicação no jornal *The Boston Globe*, produzido nesta cidade, onde sua família residia. Relata, ainda, que o interesse pelas sociedades complexas e não pelas indígenas, objeto prioritário da antropologia da época, a levou a optar pela ciência política. Ao se tornar voluntária do PC, Elizabeth Plotkin, assim como seus colegas da agência, buscava o seu objeto de pesquisa na América Latina, posteriormente definido e aprofundado nos seus anos de mestrado na Universidade de Austin-Texas, entre 1967 e 1972²¹⁷. Sobre a sua experiência de vida anterior à entrada no PC, E. Leeds avalia a influência do rico ambiente intelectual dentro e fora de casa em sua formação. Boston, então a sede dos Kennedy, também abrigava universidades como o MIT, a Boston University e Harvard. Seu pai, sendo jornalista do *Boston Globe*²¹⁸, importante jornal local, tinha trânsito com personagens da política estadunidense que frequentavam a cidade²¹⁹.

Elizabeth Plotkin teve seu encontro com Anthony Leeds em 1965, no Tuiuti. Ela, então com 22 anos, era voluntária do Peace Corps Volunteers e ele, professor e pesquisador da Universidade do Texas, além de consultor da agência²²⁰. Além de sua formação em Ciência Política, concluída em 1964, pela Universidade de Boston, em cujo subúrbio – Winchester – residia com sua família, é importante destacar sua atividade acadêmica após o período de serviço voluntário no Peace Corps.

Segundo sua narrativa, sua percepção sobre as tensões da ditadura militar e a atuação do Partido Comunista nas favelas só foram sentidas depois de começar a pesquisar, e não no momento em que trabalhava como voluntária do PC²²¹. Na perspectiva da cientista, essa falta de percepção inicial dava-se por serem americanos e, justamente devido ao contexto, suspeitos na favela²²². Por carregarem a reputação de seu país em plena ditadura militar, cujas perseguições aos ditos subversivos ou comunistas ocorriam em todas as partes, inclusive nas favelas, aqueles moradores ligados a alguma atividade política que pudesse ser considerada subversiva se resguardavam da presença deles e, naturalmente, não revelavam todos os aspectos das suas vidas. Por outro lado, também contribuía o fato de estarem

216 <http://www.legacy.com/obituaries/bostonglobe/obituary.aspx?n=abraham-plotkin&pid=145328616&fhid=5587> Acesso em 16/10/2018.

217 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011.

218 http://archive.boston.com/bostonglobe/obituaries/articles/2010/09/21/abe_plotkin_at_96_globe_transportation_writer_for_decades/. <https://www.highbeam.com/doc/1P2-25906831.html>. Acesso em 22 de junho de 2017.

219 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011: 31 a 33.

220 Leeds, 1984: 60 a 63. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

221 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011: 41.

222 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

os voluntários restritos ao trabalho na agência e o fato de não atuarem em outras favelas, onde as tensões políticas seriam mais visíveis do que no Tuiuti, favela onde morou durante um ano e meio²²³.

Em 1967, já casada, Elizabeth Leeds ingressa no mestrado na Universidade do Texas e em 1968, vem ao Brasil fazer sua pesquisa de campo e colaborar para outra pesquisa de Anthony Leeds nas favelas. Ao mesmo tempo em que realizava a pesquisa sobre formação de capital em favelas – Projeto Cenpha-Columbia, também cuidava de seu primeiro filho, então recém-nascido, Jeremy. Seu trabalho de campo nas favelas ainda rendeu o texto “*The ideology of the Brazilian Military*”, apresentado em novembro de 1969 no encontro anual da AAAS – Associação Americana para o Avanço da Ciência, no simpósio *Ideologies*, organizado por J. Nash.

Nas pesquisas sobre os *squatter settlements*, Elizabeth Leeds também colaborou com a pesquisa do arquiteto inglês John F. C. Turner durante dois meses nas barriadas do Peru. Dos dados obtidos neste trabalho de campo, Elizabeth Leeds elaborou, junto com Anthony Leeds, o texto *O Brasil e o mito da ruralidade urbana: experiência urbana, trabalho e valores nas 'áreas invadidas' do Rio de Janeiro e de Lima*, quarto capítulo da obra *A sociologia do Brasil urbano*. Como a própria autora aponta em sua tese de mestrado defendida em 1972 na Universidade de Austin, intitulada *Forms of squatter political organization: the politics of control in Brazil*, esses trabalhos de campo desenvolvidos no Brasil e no Peru, entre janeiro de 1965 e dezembro de 1969 conformam suas principais fontes para seus trabalhos. Conforme indicado, suas entrevistas foram formais e casuais de cunho mais qualitativo. Em suas palavras: *It was the supplementary conversation occurring during the course of the survey interviews that proved far more valuable than the questions themselves* (LEEDS, 1972: 7).

Tendo em vista o relato de E. Leeds sobre sua trajetória antes da atuação no PC, é possível constatar: que seu interesse sobre criminalidade, segurança pública e direitos humanos, pesquisados por ela nos últimos 30 anos, já se manifestara na adolescência; que o ambiente familiar teria propiciado seu pendor pelos temas sob o viés da ciência política; que sua experiência nas favelas, aqui entendida como uma fase de formação posterior à sua graduação, reforçou este interesse, levando-a aos outros objetos de pesquisa sobre o Brasil. Se considerarmos que nos EUA, a formação em ciência política tinha uma perspectiva etnocêntrica, na medida em que era dividida entre *American Politics* e *Compared Politics*, a primeira dedicada ao país e a segunda ao restante do mundo²²⁴, a atuação na agência, para estes jovens, teve um sentido de quebrar este etnocentrismo enraizado na academia americana.

A despeito de todas as lacunas na preparação destes jovens, e da agência ser parte da política

223 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Nísia Lima, 2011: 41.

224 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

externa americana voltada para o controle político e econômico da Guerra Fria, o fato de propiciar a experiência de viver fora dos EUA naquele contexto trouxe o conhecimento sobre estes lugares e a crítica ao etnocentrismo estadunidense. Se o programa captou boa parte daquela geração de jovens recém formados, também reforçou o senso anti-etnocêntrico e uma autocrítica destes em relação ao próprio país e sua política externa. Elizabeth Leeds relata que diversos profissionais das ciências sociais, e que posteriormente assumiram postos em órgãos como a Fundação Ford ou a USAID, por exemplo, tinham passado pelo PC²²⁵. Esta vivência, portanto, foi importante para forjar uma visão, senão mais progressista, ao menos não etnocêntrica nestes locais de atuação destes profissionais dessa geração e, conseqüentemente, na política externa de alguns períodos da história norte americana.

Logo após sua tese sobre a política na favela, Elizabeth Leeds dedicou-se ao tema da imigração em Portugal. Enquanto ela pesquisava a imigração partindo da perspectiva dos órgãos oficiais do estado, Anthony Leeds pesquisava as estratégias de vida dos imigrantes, configurando pesquisas diferentes, embora complementares. A escolha por Portugal como campo foi motivada pelo endurecimento da ditadura no Brasil, para onde o casal queria retornar devido aos seus vínculos pessoais. Diante deste endurecimento, avaliaram que seria praticamente impossível fazer pesquisas nas favelas, menos ainda sobre a relação entre favela e estado, objeto central das pesquisas de Elizabeth Leeds²²⁶. Este trabalho, junto com a retomada do tema das carreiras brasileiras no fim dos 1980 por Anthony Leeds, encaminhou a sua trajetória de pesquisa para o estudo dos direitos humanos na década de 1990.

Posteriormente, durante a década de 1990, E. Leeds contribuiu para os estudos em segurança pública e criminalidade no Brasil, ao publicar um dos capítulos que integram a obra *Um século de favela* (ZALUAR e ALVITO, 1998), intitulado *Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: ameaças à democratização em nível local*. Este livro tornou-se uma referência importante sobre o tema nas ciências sociais no Brasil. Entre 1997 e 2003, Elizabeth Leeds trabalhou para o escritório da Fundação Ford no Brasil, no Ford Foundation Program Officer for Governance and Civil Society. Atualmente é pesquisadora associada do Center for International Studies do MIT - Massachusetts Institute of Technology, órgão do qual foi diretora executiva. Além disso, integra a equipe do WOLA – Washington Office for Latin America como Senior Fellow Adviser/conselheira membro sênior, especializada em *citizen security* e direitos humanos no Brasil. Fundado no contexto do golpe militar do Chile, em 1973, e tendo como principal preocupação a onda de ditaduras militares na

225 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

226 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

América Latina, e a participação dos EUA nestes governos, o WOLA é uma organização civil de pesquisa e defesa dos direitos humanos nas Américas, onde criam parcerias com outras organizações de defesa, acadêmicos, líderes religiosos, empresários, artistas e oficiais de governo.

Durante o seu trabalho no Centro de Estudos Internacionais no MIT, Elizabeth Leeds continuou voltando ao Brasil durante o verão do hemisfério Norte para dar prosseguimento às suas pesquisas sobre a relação entre favela-estado. Da constatação da mudança imposta pela intensificação do comércio da cocaína nas favelas é que pôde prestar mais atenção na questão da polícia no Brasil. Posteriormente, ao ingressar na Fundação Ford, considerado por ela como o ponto alto de sua carreira²²⁷, E. Leeds já possuía esse acúmulo de experiência que a levou a tomar a iniciativa de dar apoio a projetos voltados para a mudança e/ou reforma da polícia, bem como a democratização da polícia. Assim, na Fundação Ford, durante a década de 1990, pôde apoiar programas como o Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública – CRISP da Universidade Federal de Minas Gerais e os estudos em segurança pública realizados pelo Núcleo Fluminense de Estudos e Pesquisas – NUFEP, na UFF, coordenado por Roberto Kant de Lima. Em 2003, quando os programas de estudos voltados para a segurança pública já estavam consolidados no Brasil, numa conferência da ONG Conectas, Elizabeth Leeds junto com esses especialistas na área tiveram a iniciativa de agendar um encontro na Fundação Ford que pudesse pôr em diálogo acadêmicos e policiais de todo o Brasil. Dessa primeira reunião, que pôde contar com o apoio financeiro da Fundação Ford, surgiu o Fórum Brasileiro de Segurança Pública²²⁸.

Ao longo de seu percurso intelectual, a cientista política Elizabeth Leeds se firmou como uma referência nos estudos urbanos e também nos estudos sobre segurança pública, independente dos trabalhos em colaboração com Anthony Leeds, a ponto de ser presidente de honra do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, fundado em 2005 e do qual é co-fundadora²²⁹. Ainda que a colaboração com Leeds tenha sido importante para a consolidação do que veio a ser seus temas de pesquisa ao longo de sua vida, é importante demarcar que nenhuma colaboração é unilateral. Como aponta Machado da Silva (2015: 19), Elizabeth Leeds teve influência pessoal e intelectual sobre Anthony Leeds e sobre ele próprio. Portanto, para o trabalho de Anthony Leeds, a colaboração ativa de Elizabeth Leeds, com seus

227 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

228 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

229 Em 2014, o FBSP recebeu o Prêmio Direitos Humanos, concedido pela Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal, na categoria Segurança Pública e Direitos Humanos.

<http://www.sdh.gov.br/noticias/2014/novembro/divulgada-relacao-de-vencedores-do-premio-direitos-humanos-2014.-solenidade-de-entrega-sera-dia-10-de-dezembro>. Acesso em 16 de junho de 2017.

interesses de pesquisa, mesmo que em fase de consolidação, foram igualmente importantes. Tendo em vista o interesse pelas relações políticas entre a favela e o Estado, é possível verificar uma ênfase maior nessa variável, para usar as palavras dos colaboradores, nos trabalhos de Anthony Leeds. Logo, a influência de Elizabeth Leeds é extremamente relevante.

Considerando a rede de pesquisadores que se formou em torno das pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds, envolvendo participantes de diversas formações, é possível identificar pelos registros presentes no acervo de Leeds aqueles que atuaram mais diretamente nas pesquisas em favelas junto ao casal. Entre estes pesquisadores, e que também passou pelo Peace Corps, está David Morocco e Paul Silberstein.

Conforme relato de Elizabeth Leeds²³⁰, David Morocco era farmacêutico de formação antes de ser voluntário do Peace Corps. Ele teria chegado ao Brasil provavelmente em setembro de 1964 para o serviço no PC²³¹, tendo conhecido Anthony Leeds no período de treinamento em Milwaukee, em Wisconsin²³². Morando no Jacarezinho no quarto alugado do casal Maria Schmidt Paiva e Orestes, situado na Rua das Palmeiras, número 9, David Morocco introduziu os Leeds no Jacarezinho. O antropólogo foi oficialmente apresentado numa reunião de moradores junto com Elizabeth Leeds, quando ainda moravam no Tuiuti, em outubro de 1965. Após o serviço na agência, Morocco retornou aos EUA e, em 1966, ao Brasil e às favelas como aluno de pós-graduação em antropologia na Brandeis University²³³, tendo como objeto de pesquisa as agremiações de samba. Ainda que seu interesse pelo samba e pelo carnaval o tenha levado a se aprofundar no tema, retornou à sua profissão de origem após a conclusão do mestrado. David Morocco, ao menos até 2017, ainda exercia a farmacêutica²³⁴.

Em relação à atuação de Morocco no Peace Corps, Azevedo (2007: 219, 220, 367 nota 92) menciona o seu relatório, intitulado *Carnaval*, cuja ênfase recai nas agremiações carnavalescas, apontadas como veículo de desenvolvimento comunitário e como instrumento de controle político e social da comunidade. Também destaca a riqueza de detalhes no questionário aplicado aos moradores do Jacarezinho, localidade onde atuava como voluntário da agência. Nesse sentido é sintomático o fato de ter mantido o mesmo objeto de estudo durante todo o período, embora suas notas de campo tragam

230 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

231 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

232 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

233 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017. Há registro de que tenha realizado sua pós-graduação no Departamento de Antropologia da Universidade do Texas com a dissertação *Carnival Groups: maintainers and intensifiers of the favela phenomenon in Rio de Janeiro* (Perlman, 1976: 433), sem indicação de quem teria sido seu orientador, nem data de conclusão e com o mesmo título da sua apresentação no 37 ICA, em 1966.

234 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

outros elementos observados, como será visto adiante.

Paul Silberstein, também PC, foi a ponte entre Anthony Leeds e Luiz Antônio Machado da Silva, que conhecera Paul no Museu Nacional, onde este já estudava e onde posteriormente Machado da Silva fora estudar²³⁵. Escreveu em 1970 *Social aspects of odd jobbing in Rio de Janeiro*, referência citada por Leeds em *Sociologia do Brasil urbano*. Trata-se de uma monografia de conclusão de curso de antropologia urbana, provavelmente, do curso regido por Anthony Leeds ao longo de 1969. Ainda em 1970 há registros de que tenha escrito o texto *Urban marginalism in Brazil: theory and counter proposal*, sem indicação de publicação (PERLMAN, 1976). Antes disso, em 1969, publicou *Favela living: personal solution to larger problems*, na revista América Latina. Muito provavelmente, estes trabalhos de Silberstein foram feitos no contexto de sua pós-graduação no Museu Nacional²³⁶.

Além destes voluntários, esta rede científica formada em torno de Leeds contou com a participação de outros integrantes. Entre os participantes que produziram notas de campo referentes ao Jacarezinho estavam Peggy Dulany Rockefeller, Kenneth Erickson e Janice Perlman. Há ainda, outros participantes igualmente importantes, como Luiz Antônio Machado da Silva, Ina Dutra Savage, Cristina Schroeder, Anthony Knopp e Antônio Carlos dos Santos e que atuaram em Nova Brasília, Tuiuti, Ruth Ferreira e Vigário Geral. Lawrence Salmen foi outro interlocutor importante desta rede, mas pesquisava as áreas para onde os moradores de favelas foram removidos como Vila Kennedy, Cidade de Deus, Vila Aliança e Vila Esperança.

Margaret (Peggy) Dulany Rockefeller é oriunda de uma destacada família dos EUA, conhecida por sua fortuna, letramento e filantropia históricos²³⁷, filha do economista e banqueiro David Rockefeller. Assim como diversos jovens de sua geração, protestou contra a Guerra do Vietnã e questionou o sistema capitalista nos anos 1960 enquanto era estudante²³⁸. Conheceu Anthony Leeds por intermédio de Ina Dutra, que frequentava os seminários informais de Leeds com os pesquisadores das favelas e era amiga da família Klabin, em cuja casa Peggy se hospedara no Brasil quando aqui chegou pela primeira vez em 1965²³⁹, logo após terminar o correspondente ao ensino médio²⁴⁰. Foi através da participação no grupo de estudos de Anthony Leeds que decidiu pesquisar nas favelas e morar no

235 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro – RJ, agosto de 2017.

236 Não foi encontrado nenhum registro de sua dissertação de mestrado no Museu Nacional, não sendo possível afirmar se concluiu sua pós-graduação.

237 <https://news.uchicago.edu/story/david-rockefeller-university-trustee-and-descendent-uchicagos-philanthropic-founder-1915-2017> Acesso em 25/4/2019.

238 <https://www.forbes.com/forbes/1999/0503/6309086a.html#450691334001> Acesso em 25/4/2019.

239 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

240 http://www.terra.com.br/istoegente/143/reportagens/rockefeller_favela.htm Acesso em 22/4/2017.

Jacarezinho, passando desde então a se dedicar ao desenvolvimento social. Peggy alugou um dos quartos de D. Maria e Seu Orestes no Jacarezinho, onde se hospedavam os voluntários do Peace Corps²⁴¹, como David Morocco e James Wygand, além do próprio casal Leeds.

Sua participação na rede de pesquisadores formada em torno de Leeds foi importante, de modo que produziu observações de campo em Nova Brasília, Tuiuti, Praia do Pinto, além do Jacarezinho. Posteriormente, fez sua *senior thesis* em Educação para a Universidade de Harvard na década de 1970²⁴². Como resultado de sua experiência, em 1969 Peggy escreve a obra *Voluntary association and social evolution: a case study of brazilian favela associations*²⁴³. Após atuar em diversos programas na área de educação em instituições como a ONU e a Fundação Ford, no ano de 1986, Peggy fundou a Synergos²⁴⁴, organização não governamental internacional que articula redes de filantropia em 15 países para tratar dos impactos da pobreza, tendo uma filial no Rio de Janeiro. Conforme indica no texto biográfico desse instituto, sua experiência nas favelas foi reconhecidamente impactante em seu trabalho posterior, no que tange ao entendimento das causas da pobreza e à crítica à cultura da pobreza, tão difundida na década de 1960.

Drawing from her experience living and working in Rio de Janeiro as a young woman, she realized that the people most affected by adverse living conditions also have the greatest energy and motivation to solve their problems. The resources they lack are connections to the economic and political realms where necessary changes can affect whole communities (<https://www.synergos.org/network/bio/peggy-dulany> Acesso em 25 de abril de 2019).

Não menos importante, cabe dizer que, desde 1969, Peggy Rockefeller assina Peggy Dulany, sobrenome materno, como uma maneira de amenizar o peso do sobrenome do pai, algo perceptível nas suas notas de campo. Foi durante a sua estadia nas favelas enquanto fazia um estudo sobre migração urbana, após uma reportagem anunciar sua presença entre os moradores que tomou esta decisão²⁴⁵. Em suas palavras: *I wanted to be able to work, study, get a job because I was qualified, rather than because of my family*²⁴⁶.

Kenneth Paul Erickson, segundo E. Leeds, estudava o corporativismo, não exatamente as favelas. Sua chegada no Brasil se deu em agosto de 1966, junto com mais 32 estudantes universitários

241 http://www.terra.com.br/istoegente/143/reportagens/rockefeller_favela.htm Acesso em 22/4/2017.

242 <http://www.fiesp.com.br/noticias/peggy-rockefeller-da-palestra-na-fiesp-no-dia-1711/> acesso em 22/4/2017; Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

<https://www.forbes.com/forbes/1999/0503/6309086a.html#450691334001> Acesso em 25/4/2019.

243 *Departamento de estudos sociais*, Radcliff College, março de 1969. (Valladares, 2005; Perlman, 1976).

244 <https://www.synergos.org/about> Acesso em 22 de abril de 2019.

245 <https://www.forbes.com/forbes/1999/0503/6309086a.html#450691334001> Acesso em 25/4/2019

246 <https://www.forbes.com/forbes/1999/0503/6309086a.html#450691334001> Acesso em 25/4/2019

estadunidenses, a convite da Universidade Cândido Mendes com a finalidade de escrever tese sobre o trabalho no processo político do Brasil²⁴⁷. Sendo atualmente professor do Departamento de Ciência Política da Hunter College, da Columbia University, tem como trabalhos publicados mais conhecidos *The brazilian corporative state and working class politics*, publicado em 1978, e *Sindicalismo no processo político do Brasil*, publicado em 1979. Nestas obras, é possível verificar a referência ao estudo sobre as carreiras brasileiras feito por Leeds.

No ano de 1969 esta rede contou com a presença da cientista política Janice Perlman pesquisando nas favelas, verificada através de notas de campo assinadas em colaboração com Peggy Rockefeller, no Jacarezinho, e a freira e assistente social Cristina Schroeder, em Vigário Geral e Nova Brasília. Janice já tinha vínculos com o Brasil desde 1962, quando aqui esteve pela primeira vez como integrante de um grupo de teatro da Universidade de Cornell (PERLMAN, 1976: 17). No ano seguinte, retornou ao país para fazer suas pesquisas em antropologia em vilas de pescadores e lavradores no litoral baiano (PERLMAN, 1976: 18). Em 1966, lecionou na UFMG e em 1968, na Universidade de Brasília. Com a sua entrada nos quadros do IBAM, em 68, como professora de metodologia de pesquisa, um dos requisitos para a sua bolsa de doutorado no MIT, Janice dá início às pesquisas nas favelas do Rio de Janeiro. No seu livro *O mito da marginalidade*, detalha as pesquisas realizadas nas favelas da Catacumba, Nova Brasília e em pequenas localidades de Duque de Caxias (PERLMAN, 1976). Segundo Perlman, o trabalho de campo para sua pesquisa foi feito entre setembro de 1968 e novembro de 1969 (PERLMAN, 1976: 20, 311, 312, 320, 322).

Ainda que não tenha suas notas de campo analisadas nesta tese, a apresentação de Luiz Antônio Machado da Silva nesta rede se torna importante pelo fato de ter sido um interlocutor constante de A. Leeds, por ter havido uma influência mútua entre eles e, principalmente, pelo fato de seus estudos serem referências importantes para os estudos urbanos no Brasil. Por outro lado, encontram-se menções ao sociólogo feitas pelos moradores do Jacarezinho e em alguns registros de campo no qual esteve presente junto com outros pesquisadores desta rede na favela Nova Brasília.

Formador de várias gerações de pesquisadores do fenômeno urbano, Luiz Antônio Machado da Silva conheceu Anthony Leeds por intermédio de seu colega de classe no Museu Nacional e ex-voluntário do PC, Paul Silberstein²⁴⁸ (MACHADO da SILVA, 2015: 20; MACHADO da SILVA, 2018), provavelmente em 1966²⁴⁹. De 1965 a 1966, Machado da Silva integrava o quadro técnico do

247 “Americanos vêm estudar o Brasil”. O Globo, 1/8/66. Matutina, Geral, pg3.

248 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro, agosto de 2017.

249 No arquivo Anthony Leeds, no dossiê referente a Nova Brasília, há nota de campo de Machado datada de 10/6/66 em parceria com outro pesquisador não identificado, mais três outras notas com data de 19 de agosto, provavelmente no

BEMDOC, sendo chefe do Departamento de Pesquisa da agência²⁵⁰, atuando nas favelas Nova Brasília, Borel, Liberdade e Turano. Paralelamente à esta atuação profissional, era monitor da disciplina sociologia urbana em colaboração com Otávio Velho para a graduação em ciências sociais da PUC, cujo titular da cadeira era José Arthur Rios, outro importante interlocutor de Leeds no Brasil na década de 1960. Em 1967 atuou como pesquisador do Centro Latino Americano de Pesquisa em Ciências Sociais – CLAPCS e em 1968, participou da Companhia de Desenvolvimento de Comunidade – CODESCO, fazendo levantamento sócio econômico das favelas Vigário Geral, Cordovil e Brás de Pina.

Apesar de sua formação acadêmica posterior²⁵¹ ter sido em temas diversificados como estudos em sociologia rural e os mercados informais, a atuação paralela nas favelas e a observação direta da vida de seus interlocutores moradores destas localidades perpassaram todo esse período, concluído no final da década de 1970 com o seu doutoramento. É possível afirmar que estabeleceu pontos para comparação e análise para seus outros objetos de estudo. No que tange à influência de Anthony Leeds em seu trabalho, Machado da Silva reconhece o seu *impacto intelectual e moral* (MACHADO da SILVA, 2015: 36) em sua formação tanto no que diz respeito ao método dos seminários informais para troca de experiências entre pesquisadores²⁵² (MACHADO da SILVA, 2018; MACHADO da SILVA, 2015: 20, 21) quanto no rigor e no ethos científico, prezando pela horizontalidade nas relações entre os interlocutores. Quanto ao aspecto teórico, destaca-se na abordagem de Leeds e Machado da Silva a opção crítica e politizada pelo marxismo, a ênfase na efetividade causal da ação de indivíduos e grupos e a intenção de mostrar empiricamente o protagonismo político dos moradores (MACHADO da SILVA, 2015: 30, 31, 33, 35, 37). Por outro lado, Machado reconhece a divergência entre eles em relação à orientação etnográfica uma vez que a visão holística do mundo material empreendida por Leeds não dava a mesma centralidade da ação de indivíduos e grupos, tal como Machado da Silva o fizera (MACHADO da SILVA, 2015: 31).

Importa ressaltar que o escopo de nossa reflexão sobre as favelas era muito diferente, de modo que as respectivas orientações na análise etnográfica não coincidiam inteiramente. (...). Numa palavra, de forma não tão clara quanto me parece hoje, eu queria demonstrar

ano de 1966, uma delas de autoria solo e as outras em parceria com Peggy Rockefeller, Ina Dutra, Flávio Romano e Paul Silberstein.

250 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro, agosto de 2017.

251 Entre 1962 e 1963, ainda na graduação, fez curso de especialização em ciências sociais na UFBA sob orientação de Maria de Azevedo Brandão. Entre 1969 e 1971 Machado conclui seu mestrado em antropologia social no Museu Nacional com a dissertação “Mercados informais metropolitanos de trabalho manual”, sob orientação de Roger B. Walker. Entre 1972 e 1979 conclui seu doutorado na Rutgers – State University of New Jersey com a tese “Lower class life strategies: a case study of working families in Recife”, orientado por Irving L. Horowitz.

252 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro, agosto de 2017.

empiricamente que a ação dos moradores de favelas, individualmente e/ou em grupo, não era simples reação à condição de subalternidade a que eram submetidos. (...). Assim, meu trabalho de campo voltava-se para uma afirmação da prevalência da ação sobre os contextos em que ela se efetivava. Eu tomava a organização da vida local nas favelas como um bom exemplo empírico para refletir a respeito dessa questão; mas parece-me claro que essa ênfase não era compartilhada por Tony. (MACHADO da SILVA, 2015: 30).

Dada a intenção totalizadora, ele se propunha a relacionar a ordem local à institucionalidade como um todo. Ou seja, a *lógica* dessa relação apesar de se fundar substantivamente em uma contundente crítica do *mainstream* das interpretações dominantes na época, encaixava o “local” no “supralocal”, tomando o primeiro como escala específica de uma cadeia causal associada a uma teoria urbana unificada “por cima”, isto é, por um centro que se espraia em hierarquias de diferenciação e distanciamento. Nesse sentido, a agência deixava de ser mera correia de transmissão de uma estrutura genérica não mediada (Lévi-Strauss, Althusser, Foucault, Bourdieu), e nisso estava, para mim, a importância da inovação contida na teoria urbana do Tony. Mas, por outro lado, a efetividade da agência de atores não assujeitados, embora já aparecesse com clareza na interpretação dele, permanecia minimizada na lógica explicativa adotada, a qual se apoiava, como já comentei, em uma concepção substantiva (“materialista”, na terminologia dele) dos recursos de poder. Justiça seja feita: esse “substantivismo” - ou o “objetivismo” - era tão dominante na época que chegava a ser quase consensual, como também já comentei.

Portanto, ambos tratávamos, em distintas perspectivas, dos debates em torno do lugar das favelas na cidade como um todo, de modo que compartilhávamos um tema amplo, bem definido e claramente crítico. (MACHADO da SILVA, 2015: 34).

Certamente, a rede de pesquisadores que se formou em torno das pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds na década de 1960 era maior do que essa apresentada na tese. Porém, devemos considerar que a guarda de registros feita por um antropólogo requer um processo de seleção e descarte, no qual operam processos como análise de material, os interesses de pesquisa, o cruzamento de informações, entre outros que envolvem a subjetividade do produtor do arquivo. Assim, é possível concluir que esses registros analisados e as observações e análises seus produtores, cujos espaços de manifestação e troca intelectual eram os seminários informais e os encontros etnográficos nas favelas, tiveram papel importante na construção da base empírica para Anthony e Elizabeth Leeds.

2.2 - Anthony Leeds e suas notas de campo: o lugar das interlocuções e interações na construção do saber científico

Anthony Leeds, em sua atuação dentro e fora do campo, conseguia articular seu lado docente e científico. Entre seus pares, é reconhecido pela capacidade de aglutinar pessoas em torno das pesquisas e dos cientistas. Um dos meios usados para isto foram os grupos de discussão, cuja iniciativa sempre tomava onde fixava residência. Eram encontros informais entre os diversos pesquisadores que eram também seus interlocutores ou mesmo alunos (SIEBER, 1994; VALLADARES, 2005; MACHADO da SILVA, 2015, 2018; LEEDS, 2018; LIMA e VIANA, 2018; VIANA, 2014; DONAHUE, 2018).

Certamente um dos aportes que Anthony Leeds trouxera para a metodologia científica e docente, estes grupos funcionavam como um espaço para trocas de experiências do campo, troca de impressões de leituras e de resultados de pesquisas. Segundo Machado²⁵³ (MACHADO da SILVA, 2018), eram sugeridas poucas leituras para os participantes e valorizadas as suas vivências e seus objetos de estudo. A diversidade de pesquisadores e interlocutores correspondia à diversidade de seus respectivos objetos de estudo. Logo, para esse conjunto de pesquisadores estadunidenses que estudavam as favelas em seus mais variados aspectos, este grupo viria a suprir o pouco material produzido pelas ciências sociais sobre estas localidades no período.

Em seu texto autobiográfico, Leeds afirma que em sua tenra juventude, no período da *High School*, havia participado de um grupo de estudos informal proposto por sua professora de História, Mrs. Bartan, o *Bartan's International Forum* ou *BIF Club*²⁵⁴. Uma vez que o grupo tinha como objetivo discutir os eventos que ocorriam em plena Segunda Guerra, é possível aventar a possibilidade desta experiência ter sido a base para a sua iniciativa em realizar grupos de estudos e seminários informais ao longo de toda a sua vida.

Para os pesquisadores brasileiros, o grupo de estudos supriria outras demandas: a discussão acadêmica sobre a experiência no campo e sobre a prática de pesquisa de campo, até então mais visível nos trabalhos indigenistas e nos estudos de comunidade realizados na década de 1950. Entre as diversas formas de tratar o objeto de estudo, ou de compor uma metodologia para a atuação no campo, Leeds propunha a formulação de questionários intensos e extensos com o objetivo de registrar as possibilidades de perguntas a serem feitas, ou de aspectos a serem observados no campo, e não para serem aplicados²⁵⁵. Diante de uma valorização de questionários fechados com questões que, por vezes, mostravam-se inaplicáveis ou mesmo contraproducentes à condução de uma entrevista²⁵⁶, este procedimento, por mais informal que fosse, mostrava-se uma alternativa que tornava fluida a diversidade de informações a serem solicitadas ao interlocutor. Tornava a metodologia uma construção coletiva na medida em que mobilizava o conjunto de pesquisadores para a sua elaboração, refletindo, portanto, a diversidade de objetos de estudo desenvolvidos no momento e as possibilidades de pesquisas futuras. Mesmo não registrado em nenhum manual de pesquisa antropológica ou etnográfica,

253 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro – RJ, agosto de 2017.

254 Leeds, 1984: 32. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.*

Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

255 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro, agosto de 2017.

256 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro, agosto de 2017.

e enfocando mais a vivência no campo do que a elaboração teórica, o procedimento se consolidou como mais uma técnica ou modo de sistematização e análise de dados alternativo ao que se tinha disponível na época. Ao menos entre os interlocutores mais próximos de Anthony Leeds (MACHADO da SILVA, 2015, 2018; VALLADARES, 2005; SIEBER, 1994; DONAHUE, 2018), estes grupos de estudos foram recordados como importantes ferramentas para a aproximação e troca intelectual entre os pesquisadores e destes com os moradores, na medida em que alguns participavam destes encontros.

Apesar de ter produzido trabalhos mais voltados para o aspecto econômico das favelas, suas notas de campo abarcam diversos outros aspectos da vida na favela que não foram desenvolvidos em sua obra. A linguagem, as gírias, o comportamento sexual e a expressão facial de seus interlocutores em determinadas questões ou assuntos abordados durante a interlocução, são apenas alguns de seus múltiplos interesses na interação com os moradores²⁵⁷. Para usar uma expressão de Elizabeth Leeds a respeito de seu colaborador, *Era um esponja!*, no sentido de que suas interações no campo não se restringiam aos interesses específicos de seus objetos de estudo, de modo que qualquer assunto levantado por seus interlocutores, dentro e fora do campo, despertava o interesse do antropólogo.

A própria multiplicidade de situações e eventos dos quais participara já poderia indicar o grau de inserção deste antropólogo nas redes do campo. O grande volume de notas de campo não sistematizadas, em contraposição à pouca evidência do uso de gravador²⁵⁸, à pouca presença de questionários quantitativos preenchidos e de instrumentos de controle de aplicação de questionários, fechados ou abertos, indica a sua preferência metodológica por uma conversa fluida e espontânea, em vez de uma entrevista dirigida. É justamente essa fluidez e diversidade de assuntos registrados na nota de campo, bem como a atenção e esforço em registrar a fala dos interlocutores, de modo a não aparecer as impressões do observador, sobretudo nas notas não sistematizadas, as características marcantes da narrativa construída nas suas notas de campo.

Anthony Leeds chegou ao Brasil para pesquisar sistematicamente as favelas em agosto de 1965, estabelecendo residência na favela do Tuiuti. A entrada de Anthony e Elizabeth Leeds no Jacarezinho se dera através da intermediação de David Morocco, voluntário do PC, que já morava lá²⁵⁹. Em outubro deste mesmo ano, Leeds é apresentado oficialmente aos moradores do Jacarezinho ao participar de

257 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro, agosto de 2017. Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

258 Somente em uma nota de campo sem data verifica-se a inscrição *see recording* (BR RJ COC LE DP PP 03 V4). Em um planejamento manuscrito de curso, indica fazer uso de entrevistas gravadas (*Brazil Course*, sem data. NAA/ Anthony Leeds Papers/series 4/subseries teaching materials/box 25/Brazil and Latin American courses). Até o momento, não há registros de entrevistas gravadas, fitas ou transcrições nos inventários de seu acervo guardado na COC e no NAA.

259 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

duas reuniões de representantes de rua, nos dias 1 de setembro e 13 de outubro de 1965, acompanhado pela voluntária do PC Elizabeth Plotkin²⁶⁰. Nesta, o antropólogo se apresenta como pesquisador da Universidade do Texas, e não como consultor do PC (VIANA, 2014: 161). Nesse ano de 1965, ambos moravam no Tuiuti e iam a outras favelas, tais como Jacarezinho e Nova Brasília, fazer seus trabalhos de campo. Apesar de morarem em outra localidade, isso não impediu que Leeds pudesse travar contatos com alguns moradores. É o caso de Orestes e Maria, casal que alugava quartos para estrangeiros no Jacarezinho, incluindo Anthony e Elizabeth Leeds que ali moraram no ano seguinte²⁶¹.

Conforme as datas de suas notas de campo, em novembro de 1965 já fazia suas observações de campo nesta favela, de modo que estes documentos apresentam uma escrita mais desordenada, caracterizando-se como inscrições. Apesar de se observar uma diversidade de assuntos abordados, percebe-se a frequência ou preponderância de determinados assuntos, tais como política dentro e fora da favela, redes de água e luz, história do Jacarezinho, quem estava presente no momento, que expressões usou, entre outros. Há de se considerar também que as notas deste ano foram escritas quando a pesquisa ainda estava em seu início e que outras questões ainda se descortinavam ao olhar do pesquisador. Outra observação importante é que, concomitantemente, Leeds estava fazendo trabalho de campo intenso no Tuiuti, como indica o dossiê desta localidade em seu arquivo custodiado na COC.

Do conjunto das quatro notas do ano de 1965²⁶² no Jacarezinho, todas estas são inscrições. Nesse ano de 1965, a maior parte das notas de campo estão concentradas no Tuiuti, onde ele e Elizabeth Leeds então residiam. Tudo indica que os assuntos apresentados e registrados foram aqueles surgidos espontaneamente numa conversa ou encontro casual entre o antropólogo e os moradores do Jacarezinho. Como inscrições, ou ainda *scratch notes* (SANJEK, 1990a; CLIFFORD, 1990), não dão muitas informações sobre a abordagem ou o contexto de produção das notas, sendo, portanto, mais objetivas. No entanto, em algumas notas de Anthony Leeds, apresentando a narrativa de transcrição, temos algumas pistas de como se deu sua inserção no campo.

O registro da história de vida de um morador evocada pelo relato de Maria e Orestes – *Maria and Orestes told in great detail*²⁶³ – somente em um mês após sua entrada e sem ser ainda morador, demonstra a conquista de confiança deste casal, a construção de uma interlocução e de uma estratégia de

260 Elizabeth Rachel Plotkin é o nome de solteira de Elizabeth R. Leeds.

261 Rua das Palmeiras, 9. Nesse mesmo endereço moraram alguns voluntários do Peace Corps, incluindo David Morocco, James Wygand, além de Peggy Rockefeller, que não era voluntária. Nota datilografada de Peggy Rockefeller, 30/6/67; recibo de pagamento da associação de moradores em nome de Anthony Leeds. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

262 10/11/65, 17/11/65, 9/12/65, 15/12/65.

263 Nota de campo, AL, 17/11/65 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

coleta de informações. Uma vez que a história de vida não parte do próprio morador em questão – David Queirós– mas de outros, o que se vê é a utilização, para fins científicos, do mais utilizado mecanismo de circulação de informações: a fofoca. Mais adiante, nos deteremos no seu uso etnográfico por esta rede de pesquisadores.

Se compararmos as notas de campo de 1966, quando vão morar no Jacarezinho, até 1968, vemos poucos registros em que o antropólogo se coloca em primeira pessoa²⁶⁴. Também há poucos registros no qual ele é o principal assunto da conversa entre os moradores²⁶⁵. Nestas ocasiões, a figura do pesquisador estrangeiro ora é diluída na figura do vizinho, pois o jogo de perguntas e respostas sendo iniciativas do morador horizontaliza a interação²⁶⁶, ora é reforçada, ainda que o antropólogo esteja fazendo uma atividade cotidiana e corriqueira com os moradores²⁶⁷.

A interação no campo é representada por Leeds como experiências de vida de cunho pessoal, cujas percepções estão associadas às suas experiências anteriores. Em seu texto autobiográfico, Leeds interpreta dessa maneira a sua prática científica. Assim, ressalta o quanto as manifestações artísticas foram determinantes na sua formação de antropólogo e nas suas experiências de campo, onde buscava as manifestações artísticas de seus interlocutores²⁶⁸. No trabalho de campo no Jacarezinho, há um registro curioso no meio de um pedaço de papel contendo quatro anotações de campo, com interlocutores diferentes. *5 na bossa; Elisete sobe o Morro; Opinião; Moara near Copa Palace Hotel; Guitars Rua Carioca*²⁶⁹.

Mais do que o registro da vida cultural da cidade naquele momento ou da vida social do pesquisador fora do campo ou do trabalho, esta anotação apresenta, indiretamente, parte daquilo que o antropólogo pesquisava. Em seu entendimento, descrito em seu texto autobiográfico, a música fora uma influência importante na sua percepção de mundo e do pensamento, fazendo-o coletar músicas em todos os trabalhos de campo que empreendeu²⁷⁰. Não por acaso, encontra-se entre os arquivos do campo letras de sambas enredo de diversas agremiações carnavalescas. Ao mesmo tempo em que seu

264 Nota de campo, AL, 16/12/1966 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

265 Notas de campo, AL, 17/8/66, 16/12/1966, 12/6/68 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

266 Nota de campo, AL, 16/12/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

267 Nota de campo, AL, 12/6/68. BR RJ COC LE DP PP 03 V4. Ver fotos em anexo.

268 Leeds, 1984. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.*

Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

269 Nota de campo, AL, 17/11/65, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

270 Leeds, 1984: 12 e 13. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.* Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

conhecimento em música alargou seu entendimento sobre teoria antropológica²⁷¹, a experiência de campo no Brasil trouxe novos aportes para esse entendimento.

Se a música, o teatro, as artes plásticas e a poesia eram vistas como fontes para o entendimento e ensino antropológicos²⁷², igualmente a linguagem era um horizonte de interesses, cuja herança identifica na mãe e cuja presença reconhece como parte integrante de sua antropologia²⁷³. Em seu relato, o contato com a poesia e com o aprendizado de outros idiomas na infância o impulsionou a dar atenção ao jogo com a linguagem e o idioma²⁷⁴. Nesse sentido, atribui a seus trabalhos de campo o alargamento de seu relativismo linguístico e cultural, bem como o reforço a questões básicas sobre epistemologia e natureza humana²⁷⁵. Tendo aprendido alemão na infância e iniciado seus estudos em língua portuguesa com Carolina M. Bori em 1950²⁷⁶, o interesse pelo idioma e seus jogos de linguagem são elementos constantes em seu trabalho de campo. Como ele mesmo reconhece, esse domínio da língua portuguesa, refinado no período passado em Portugal, trouxe também um maior refinamento de sua escrita poética. Embora essa sua reflexão a respeito da influência das artes e da linguagem no seu trabalho etnográfico e antropológico seja posterior à pesquisa realizada nas favelas, há grande possibilidade de ter de fato ocorrido. Afinal, o registro sobre shows de bossa nova numa anotação de campo significa um interesse real, bem como se verifica nas notas de campo um esforço em captar as variações linguísticas ou formas de usar o idioma. Também é relevante a dedicação à escrita poética em outras línguas, incluindo o português, muitas vezes refletindo a experiência vivida em campo. Em suma, essa atenção às expressões e à linguagem aparecem em suas notas de campo, mesmo não tendo feito nenhum trabalho acadêmico sobre o tema.

271 Leeds, 1984: 41. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.* Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

272 Leeds, 1984: 21, 41. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.* Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

273 Leeds, 1984: 11,13. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.* Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

274 Leeds, 1984: 19, 20. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.* Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

275 Leeds, 1984: 47. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.* Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

276 Leeds, 1984: 24, 52. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.* Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

Dentre os exemplos de registro de expressões e frases corriqueiras da língua portuguesa, estão: *vai com deus, hã hã*²⁷⁷; *Oh rapaz, tá dando duro, tóu, tá, filho da puta, ele está entrando pelo cano*²⁷⁸; *quebrou a cara*²⁷⁹; *use of 'não repara'*²⁸⁰; *Jaime furou, cachaça (to prevent sweat)*²⁸¹; *Inteligencia and astucia, got a lot \$ sem pagar um tostão*²⁸². Estes exemplos também apresentam algo recorrente em suas notas: a mesclagem de termos em inglês e português para articular sua ideia, podendo mostrar uma correlação idiomática ou um relativismo linguístico como ele mesmo elabora, bem como expressa a correspondência, no momento, de nenhuma tradução em inglês para determinados termos, tais como *astúcia, inteligência e tostão*. Este último exemplo também registra uma linha de pensamento, ou de uma racionalidade de seus interlocutores. Em nota específica que trata do comportamento sexual de seus interlocutores, aparece a inscrição *piroca-penis "screwed on a spindle"*²⁸³ na tentativa de registrar termos correlatos ao comportamento sexual e de fazer uma associação a uma gíria da língua inglesa.

Essas racionalidades expressadas pelos usos linguísticos de seus interlocutores se relacionam ao tema principal da anotação de campo, ao contexto de produção desses discursos, aos eventos discursivos, ou ainda, ao que Sanjek identificou como “discurso em ação” na análise das notas de campo de Mead e Malinowski. Os “discursos em ação” constituem as conversas informais e despreziosas realizadas no campo e dentro de seu contexto de produção discursiva (SANJEK, 1990b: 222). Mais importante do que expressar a racionalidade, estes registros trazem também a preocupação com aquilo que Leeds considerava fundamental na reconstituição da antropologia como disciplina – a expressão dos sentimentos humanos, ou ainda, a inserção das emoções, sentimentos e sentidos na reelaboração epistemológica da disciplina²⁸⁴.

Ainda que não tenha elaborado nada específico a respeito das expressões faciais, gestos e atitudes como manifestações da linguagem ou dos sentimentos humanos, este também era um detalhe cuja atenção o antropólogo dava, a ponto de ter em seus registros frases como *thumbs down expression on face*²⁸⁵; *sitting at night on Elaine doorstep the police M jeep passed – they asked if we hired there.*

277 Nota de campo, AL, 23/2/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

278 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

279 Nota de campo, AL, 5/7/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

280 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

281 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

282 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

283 Nota de campo, AL, 17/8/66 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

284 Leeds, 1984: 49, 73. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

285 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

*Eliane in no friendly tone said yes, his face all cut up from fights*²⁸⁶; ou ainda a observação da atitude de um morador no contexto do mutirão na casa de Orestes: *Otacilio stood looking around, disappeared, came back in short and [] his back.*²⁸⁷.

A única frase no verso de uma nota de campo *sentido de menosprezo do morador*²⁸⁸; a presença de toda uma seção dedicada ao tema *sexual behavior*, grifado pelo próprio antropólogo, junto aos termos *fazer saliência, besteirinha e tirar água no poço*²⁸⁹; o registro do pensamento de Marionete, anfitriã de uma festa, ao observar um casal dançando: *you can eat toothpicks w cheese, sausage, olives on) mas não fazer sacanagem*²⁹⁰, são mais exemplos de sua atenção dada às diversas expressões dos sentimentos humanos em sua antropologia, uma outra característica peculiar de suas notas de campo.

Nesse sentido, seu texto autobiográfico, escrito na década de 1980 nos traz algumas reflexões suas que ligam a vida pessoal à antropologia. Tanto os dramas pessoais vividos desde a primeira infância são colocados como partes constitutivas da construção do antropólogo, quanto a presença da psicanálise na sua história familiar e na própria constituição da antropologia no início da década de 1930²⁹¹ são igualmente destacados por Anthony Leeds em sua construção narrativa acerca de sua atuação profissional e do seu entendimento sobre a própria antropologia naquele momento. Suas críticas feitas à disciplina se direcionam a uma nova proposta epistemológica, na qual a linguagem poética, como expressão por excelência dos sentimentos humanos, e as outras formas de manifestação artística seriam fontes de verdades epistemológicas²⁹². Por outro lado, constata-se nos registros deixados em seu acervo e no conjunto de sua obra uma sistematização, com direito a esquemas, tabelas, controles de questionários quantitativos, entre outros instrumentos que comprovam a busca pela precisão, pressuposto da abordagem científica da antropologia. Embora não fosse o seu ponto forte²⁹³, essa abordagem teve o seu devido lugar em sua prática científica.

Se o holismo de Anthony Leeds pode ser verificado também pela variação de temas e questões

286 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

287 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

288 Nota de campo, AL, 17/11/65, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

289 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

290 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

291 Leeds, 1984: 8, 24, 28, 21, 23. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

292 Leeds, 1984: 47. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

293 Entrevista de Elizabeth Leeds concedida a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

presentes em suas notas de campo, ou variáveis, para usar uma expressão sua, a presença das manifestações dos sentimentos humanos torna-se um aspecto fundamental nesse holismo. A forma como situa, já na década de 1980, sua prática de pesquisa no debate entre adeptos da abordagem científica e da abordagem humanista destaca e reivindica justamente a valorização destes aspectos na construção epistemológica da antropologia como disciplina. Embora essa reflexão não estivesse colocada ou registrada na década de 1960, é possível verificar indícios dessa proposta em algumas de suas observações de campo. Desse modo, numa reunião de moradores para tratar de urbanização, fez poucos registros do tema central e priorizou temas como a vida social e íntima dos moradores, as perguntas feitas pelos moradores que estavam fora do escopo da reunião, ressaltando os jogos retóricos, discursivos e políticos²⁹⁴. No registro sobre o contexto de uma festa²⁹⁵ abrangeu as colocações em relação às redes de água, de luz e a vida religiosa, além da descrição dos alimentos, bebidas, vestuário, dança, música e, claro, a fofoca, aspecto abordado adiante nesta tese.

Em sua crítica epistemológica à antropologia elaborada na década de 1980, Leeds afirmava haver, no paradigma científico ocidental, uma perda nesse objetivismo analítico justamente porque obliterava a subjetividade, os sentimentos humanos, as qualidades, sinestésias e estéticas do cientista e do interlocutor. Em seu ponto de vista, havia um falso dualismo e oposição entre subjetivo e objetivo, pois reconhecia as sensações e emoções como fontes de conhecimento²⁹⁶. Na década de 1960, podemos observar que, mais do que a construção de um desenho de pesquisa que combinava as abordagens quantitativa e qualitativa em suas pesquisas, a perspectiva holística de Anthony Leeds encontrava-se no conjunto de suas notas de campo, cujos registros refletem sua interação no campo, revelando um interesse diversificado, não restrito a questões limitadas. Para ele, o debate entre uma perspectiva científica e outra humanista não se restringia somente à abordagem do desenho da pesquisa, mas abrangia a incorporação de outras formas de cognição que trouxesse a subjetividade de seus interlocutores em sua totalidade, incluindo suas emoções e sensações.

O fato de haver nessas notas de campo pouco ou nenhum registro de sua própria subjetividade na sua experiência vivida no Jacarezinho, não necessariamente contradiz sua crítica epistemológica à disciplina, que fora elaborada décadas depois de sua vivência nas favelas do Rio de Janeiro. É preciso considerar que nessa época, a orientação teórico-metodológica vigente na antropologia correspondia ao

294 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

295 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

296 Leeds, 1984: 49. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.*

Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

que colocara na introdução de seu texto *Quanto vale uma favela* (LEEDS, 2018; CAVALCANTI, 2018), na qual o antropólogo afirma ser desejável não haver nenhum tipo de interferência no sistema a ser analisado. Nesse sentido, concentrar sua escrita na própria interação ou imersão dentro do sistema, captando as falas, racionalidades, pensamentos e sentimentos de seus interlocutores pode ser considerado um novo aporte dado pelo antropólogo ao trabalho de campo. Mesmo não tendo escrito um manual prático dedicado ao trabalho de campo, cabe considerar seus esforços em consolidar um conjunto documental etnográfico, em trazer novas perspectivas à escrita das notas de campo inserindo a emotividade humana, a construção de desenhos de pesquisa de cunho holístico, que incluía o olhar de outros pesquisadores e a troca de experiências, além do treinamento de novos pesquisadores.

Não menos importante, cabe destacar que as notas de campo e os diversos registros da experiência do campo tinham outro uso além do científico. Eram também instrumentos didáticos usados em sua prática docente, em cursos sobre Brasil e América Latina. Em um planejamento de curso manuscrito, indica fazer uso de entrevistas gravadas nas suas aulas, junto com as suas notas de campo de 1965 e 1966 e os relatórios de pesquisa da Zona do Cacau²⁹⁷.

Além destas características apresentadas, cabe reforçar uma observação de Machado em relação à atuação no campo de Anthony Leeds: a sua desenvoltura em estabelecer contatos e conquistar a confiança de seus interlocutores.

Não resisto a uma anedota para sublinhar a facilidade de relacionamento dele. Uma vez Tony me disse que estava reconstruindo a vida sexual de uma mulher – não disse por que, nem eu perguntei, certo de que seria incapaz de acompanhar os meandros da síntese onde esse aspecto ganharia seu lugar em uma análise de favelas. Mas, curioso e bisbilhoteiro, perguntei quem era. Quase caí pra trás de espanto com a resposta dele: eu a conhecia, era uma recatada senhora de cerca de 50 anos de idade, casada havia muito tempo, cheia de netos e muito respeitada na favela onde morava. (MACHADO da SILVA, 2015: 23).

2.3 - A elaboração das notas de campo: atando os nós de uma rede científica e cruzando as redes do campo.

A colaboração de Elizabeth Leeds

Durante o processo de identificação das notas de campo, constatou-se que diversas notas estavam sem identificação. Isto demandou uma breve consulta a Elizabeth Leeds que, do conjunto de

297 Manuscrito intitulado *Brazil Course*, sem data. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4/ subseries teaching materials/ box 25/ Brazil and Latin American courses. O documento é dividido nos seguintes itens: 1- aim of “area course” a) practical ends b) establish law fullnesses – regulatories c) establish theory of unique case d) aesthetic ends e) practice in anthro conceptualizing. 2- course requirements a) final exam b) paper (...) 3- Procedures – work as much from case material as [] - 1951 relatories; [] from books, newspapers, maps; 1965-1966 materials – Dave's picnic stuff, the floods letter. Elicit analysis Miguel Cesários Festa; foto and music analysis, recordings of interviews (...).

notas não identificadas, indicou como sendo de sua autoria apenas uma delas. Devidamente datilografada e com texto organizado, a nota de campo apresenta Gutemberg, morador do Jacarezinho. Apesar de não ter data registrada na nota de campo, é possível que tenha sido produzida entre 1966 e 1967, já que indica ter sido a primeira data aquela em que havia mudado a loja para o local onde fazia a observação de campo. Por outro lado, o período coincide com a data em que Elizabeth Leeds teria ido para o Jacarezinho, já que em 1965, a cientista morava no Tuiuti.

Como primeira observação de sua nota de campo, cujo tipo de escrita é a descrição, devidamente datilografada, vale destacar suas considerações acerca do trabalho de campo em si, contida logo nas primeiras páginas. Nestas, a antropóloga descreve o tempo entre a sua chegada ao Brasil e sua inserção e apresentação ao morador. É possível deduzir que com um mês e meio vivendo no Jacarezinho, a antropóloga conheceu o morador. Nesse trecho da nota, descreve a sua primeira percepção sobre a receptividade do morador em conversar com ela .

I first met Gutemberg on July 12th. He was sitting alone in the tailor shop, playing a guitar and singing. I introduced myself. He was quite willing to talk, and seemed to like the idea of an american coming to study the favelas. He had less trouble understanding my portuguese than many other brazilians, and I found him quite articulate. He had little reticence in discussing himself and his family. (Nota de campo, E. Leeds, sem data, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

Desse trecho é possível deduzir pela simplicidade da abordagem da pesquisadora e pela receptividade do morador. No entanto, essa facilidade relatada não significa que não houvesse desconfiança do morador. A experiência de Valladares (2018) na Rocinha em 1967 demonstra que nem sempre a sensação de simpatia do pesquisador é correspondida pelo seu interlocutor. Valladares nos conta a desconfiança por parte de sua interlocutora, em plena ditadura militar, de que talvez fosse agente do DOPS. Somente anos mais tarde, o texto a ela enviado por sua interlocutora, intitulado *Uma agente que era um drops*, teria desvelado a não reciprocidade dessa sensação de simpatia (VALLADARES, 2018: 306, 307). No caso da experiência de Elizabeth Leeds, é importante observar que seu interlocutor, embora não pudesse ser considerado subversivo para os padrões do regime militar na época, talvez pudesse temer uma fiscalização à atividades ilegais na favela. A descrição da comunicação fluida pela comparação com a dificuldade de entendimento do português falado pela pesquisadora denuncia um provável contratempo vivido por ela no trabalho de campo. Tanto que a qualidade da comunicação estabelecida com seu interlocutor é a primeira percepção registrada e é o parâmetro para julgar pela boa articulação do morador.

Diferentemente do conjunto de todas as outras notas de campo datilografadas, ou de outras

descrições, aqui a pesquisadora apresenta concretamente as suas técnicas no trabalho de campo: visitas diárias de meia a duas horas, poucas entrevistas formais; a memorização dos temas a serem abordados em vez de usar anotações escritas, tais como genealogia, pagamento de taxas e divisão do trabalho; a tentativa de conduzir a conversa em direção a esses temas em vez de questioná-lo diretamente; e a tentativa de não deixar que a pesquisa sobre as favelas fosse o ponto central da relação entre eles²⁹⁸. O passeio fora da favela com o interlocutor para visitar parentes próximos ou para comprar roupas apresenta-se como uma estratégia para observar e identificar quais os horários de grande movimento na loja, ter informações sobre os parentes do morador, bem como o ciclo semanal do trabalho do morador²⁹⁹. Ainda que não apareça declaradamente na nota de Elizabeth Leeds, suas estratégias de inserção no cotidiano do morador permitiram a ela identificar uma rede de relações em torno da loja, bem como obter informações sobre seus temas norteadores através da comunicação com outros atores, que não Gutemberg e seus parentes próximos.

A autocrítica apresentada na nota, em que a pesquisadora assume a necessidade de conferir uma informação³⁰⁰, ao mesmo tempo em que expõe um traço de sua subjetividade pelo fato de ser um momento auto reflexivo, também expõe uma reavaliação de seus procedimentos na condução da pesquisa. Nesse momento, em que afirma ser necessário dirigir pergunta direta ao morador³⁰¹ em vez de retomar a opção metodológica anterior, a conversa fluida, reforça aquilo que evidencia ser o maior esforço dela: deter o maior controle possível da condução da conversa, da interação com o morador. Nesse sentido, aplica-se a análise de Sanjek (1990b: 243 a 247) sobre as situações em que o controle da interação se dá ora pelo interlocutor, ora pelo pesquisador. O ponto que Sanjek destaca é a negociação desse controle entre as partes. No entanto, essa descrição de E. Leeds indica o seu esforço de deter esse controle, não de negociá-lo. Por outro lado, sugere que a sua descrição passa necessariamente por diversas reelaborações até que as ditas omissões e inconsistências sejam sanadas. Mas, o mais importante é que, em seu raciocínio, quem poderia sanar estas omissões seria o próprio interlocutor, e não ela mesma através de outra visita ou outra observação no espaço. Logo, quem controlaria a interação, no final das contas, é o interlocutor, por maior que seja o esforço da pesquisadora em deter esse controle total da interlocução, tanto no sentido de conduzir esta interlocução, introduzindo os assuntos, quanto no sentido de controlar e verificar as possíveis inconsistências. Seu cuidado em

298 Nota de campo, EL, sd, pg 2, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

299 Nota de campo, EL, sd, pg 2, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

300 Nota de campo, EL, sd, pg 2, e 3 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

301 Nota de campo, EL, sd, pg 2 e 3, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

demarcar o seu olhar como referência e ponto de partida para a observação³⁰² relativiza o seu registro, ao invés de marcá-lo como uma verdade absoluta, inquestionável ou não reinterpretável. Mas também evidencia uma outra forma de controle, tomado na escrita da descrição, não mais no campo. Nesse momento, em que o pesquisador está completamente fora do terreno do interlocutor, o controle pela observação deixa de ser um objeto em disputa ou em negociação.

A extensão de sua inserção na vida cotidiana de seu interlocutor pode ser avaliada pela presença da pesquisadora em momentos decisivos para os negócios do morador. Coloca-se como testemunha ocular em dois momentos de decisão do morador: na decisão pela compra de uma máquina de botões³⁰³ e pelo contrabando como atividade complementar³⁰⁴. Na compra da máquina de botões, E. Leeds registra: *I told him that the price of the machine was the same as the cost of coverting about 400 buttons. The idea of a precise cost analysis had never occurred to him, though he had something along those lines in mind*³⁰⁵.

Muito além de se inserir na rede de relações do morador, a ponto de influenciar sua tomada de decisão nos rumos dos negócios, e do seu esforço em captar a racionalidade do morador em relação às suas condições de vida e trabalho, o trecho traz a quebra da dualidade, criticamente vista como falsa por Anthony Leeds, entre a subjetividade e a objetividade³⁰⁶. Afinal, nesse momento, é a subjetividade de ambos os interlocutores que está interagindo fora do escopo da pesquisa, ainda que dentro do campo e dentro do evento discursivo. Elizabeth Leeds, ao demarcar bem seus pontos de partida e de vista, permite ao leitor e a ela mesma visualizar as suas observações, diferenciando-a do modo como o morador pensa. Há de se considerar que as discussões sobre o esforço em entender sob o ponto de vista do nativo, só tivessem aparecido após a década de 1960, cabe reconhecer nas notas de campo da cientista política um esforço nesse sentido. As duas subjetividades, devidamente demarcadas na descrição, apontam duas tendências: a de manter o controle da observação do campo e a construção de uma possível comparação posterior entre essas duas subjetividades em interação. Se as subjetividades são demarcadas, perde-se, por outro lado, a perspectiva de fusão das subjetividades proposta por Oliveira (2000). Não menos importante, o uso de alguns termos registrados em português, tais como *jeitinho* e *movimento*, não traduzidos para o inglês, reforça a ideia de que sua intenção não se restringia

302 Nota de campo, EL, sd, pg 9, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

303 Nota de campo, EL, sd, pg 14, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

304 Nota de campo, EL, sd, pg 15, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

305 Nota de campo, EL, sd, pg 14, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

306 Leeds, 1984. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.*

Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

a entender a dinâmica do comércio em si, mas do modo de pensamento de seus interlocutores.

Cabe observar que sua inserção na tomada de decisão do morador fere aquilo que Anthony Leeds teria afirmado em seu texto *Quanto vale uma favela*, em 1968, qual seja, a prerrogativa de que o cientista não deve intervir no sistema, devendo este ser observado *in natura* (LEEDS, 2018; CAVALCANTI, 2018). Esse episódio, somado à própria atuação e inserção de Anthony Leeds no campo, ao se contrapor a esta prerrogativa traz duas dúvidas: ou esta proposição foi colocada visando à adesão de uma audiência específica, já que o texto foi escrito para uma comunicação no Museu de Arte Moderna e em pleno 1968; ou esta proposição foi oficialmente reformulada, pois a própria crítica epistemológica feita à antropologia em seu texto autobiográfico não condiz com tal proposição. Ao contrário, suas notas de campo são mais coerentes com a crítica epistemológica do que com a presunção de não intervenção no sistema por parte do cientista.

No que tange ao aspecto holístico, é possível verificar nesta descrição de E. Leeds uma atenção dada a outros aspectos que ultrapassam a objetividade de sua observação, imprimindo, portanto, as nuances de sua subjetividade. Ainda que o tema principal desta nota fosse de cunho econômico, cumprindo o objetivo de explicar a dinâmica do comércio na favela, a identificação de redes entrelaçadas apontado para as relações e interações políticas e sociais entre os atores com quem interagiu ganhou um peso tão importante quanto o comércio em si. E. Leeds consegue identificar os modos como a fofoca, a interação entre os grupos, a autoajuda, a autoproteção, a troca de favores e pequenos serviços entre os atores alimentam o comércio e vice versa, como se verificará no próximo capítulo desta tese.

Nesse sentido, é possível verificar uma influência mútua entre os colaboradores Anthony e Elizabeth Leeds. Se, em sua própria avaliação, foi Anthony Leeds quem a levou a tornar sua vivência nas favelas inteligível, a direcionar questões às favelas, transformando-as em campo (LEEDS, 1972: iii), e a observar o campo conforme as variáveis tomadas da teoria geral dos sistemas³⁰⁷, também ela teve influência nos trabalhos de Anthony Leeds ao dar mais peso aos aspectos políticos nas relações econômicas. Somente nesta descrição, verificamos que o enfoque nos negócios se conforma pelas suas observações sobre as diversas redes de moradores que se mostram inter-relacionadas e que fazem funcionar a política dos negócios. Por outro lado, se a análise da vida política levada a cabo em sua tese de mestrado foi gestada na observação da vida econômica e dos negócios nas favelas, também é igualmente visível o peso das relações econômicas na vida política em sua análise, denunciado pelo uso

307 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

de categorias como “retorno marginal” e “poder de escolha”. Cabe também observar em sua descrição que ao mesmo tempo em que sua observação tinha um foco específico, também deixava outras questões aparecerem na interlocução com o morador. Logo, o fato de ter uma questão específica a ser observada não excluía a possibilidade de deixar outras questões emergirem da interlocução, combinando as duas abordagens, americana e inglesa, na condução da observação participante.

Esta nota de campo, com data provável de 1966 a 1967, foi elaborada num momento em que é considerado pela pesquisadora como o início de sua vida profissional e acadêmica, tendo em vista o que expressou nos agradecimentos de sua tese de mestrado. Em sua percepção, trata-se de um período de sua vida em que estava saindo da condição de uma ingênua integrante do PC - *exposed to the machinations of favela political life with a minimum of understanding about my surroundings* (LEEDS, E., 1972: iii) - para a condição de uma pesquisadora. Talvez por este motivo que a política, tema norteador de suas pesquisas futuras, não esteja tão demarcada nesta nota, mas diluída nas observações registradas.

Conforme seu relato³⁰⁸, não tinha conhecimento de uma produção acadêmica das ciências sociais sobre as favelas especificamente. Isto fez com que suas reais referências fossem os próprios moradores, além de seus colaboradores naquele momento, isto é, a rede de pesquisadores que estudavam as favelas naquele momento para a construção de sua tese de mestrado, defendida em 1972. Segundo Elizabeth Leeds, ela não tinha como referência teórica nenhum cientista social brasileiro, pelo fato de ainda estarem descobrindo o urbano como objeto de pesquisa e o trabalho de campo, tampouco nenhum cientista social estadunidense. A produção existente nos EUA voltava-se para a pobreza e afirmava a apatia e imaturidade política das populações empobrecidas, algo que ela desconstruiu em sua tese de mestrado em 1972. No Brasil, a literatura existente no âmbito das ciências sociais sobre habitações de baixa renda, levantados pelo próprio Anthony Leeds eram, além do estudo da SAGMACS, os estudos de Medina (1964), Andrew Pearse (1958) e Agamenon Magalhães (1939). Também menciona o censo realizado pelo médico Vitor Tavares de Moura na década de 1940 (LEEDS e LEEDS, 2015: 183, 136 a 138, 190, 191, 251, 252).

Em sua narrativa, sua preocupação maior em relação à construção da pesquisa era menos a discussão teórica, característica mais marcante em seu colaborador, Anthony Leeds, e mais o que ela denominou de *Pesquisa no chão*³⁰⁹. Ou ainda, o saber científico voltado para a elaboração de políticas públicas, para a prática. Isso fica mais visível ao observar a carreira de Elizabeth Leeds após a

308 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

309 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017, pg 43.

conclusão de seu mestrado, quando vai a Portugal pesquisar as políticas do estado em relação aos imigrantes e suas condições de trabalho, bem como quando retorna ao Brasil na década de 1980 para pesquisar os impactos da redemocratização e a partir daí, verificando a centralidade dos direitos humanos e da segurança pública, passa a se dedicar à formação do que hoje é o Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Segundo ela, a entidade, ainda que não tenha contribuído para diminuir a violência no Brasil, ao menos desvendou a caixa preta dos números da violência no país.

Apesar de E. Leeds não se considerar influenciada pela teoria geral dos sistemas, tal como Leeds se considerava, admite que a identificação de variáveis dentro de um sistema a influenciou de algum modo, fazendo-se presente em suas pesquisas. Isso fica visível nas suas colocações durante a entrevista quando trata das suas pesquisas, independentes de seu colaborador. Por exemplo, quando diz que a polícia era uma variável importante na retomada de sua pesquisa em 1987, fica evidente a influência mútua entre estes pesquisadores. Se a perspectiva econômica adotada por Anthony Leeds foi um impulso intelectual para ela iniciar suas pesquisas - *Tony foi uma atração para nós* -, a perspectiva política dada por Elizabeth Leeds também foi importante para as análises de seu colaborador. Não por acaso, nos artigos assinados pelos dois³¹⁰, destaca-se a perspectiva política sobre a econômica, ou ainda, a natureza política ganha maior destaque na discussão sobre a infraestrutura e a vida material das favelas e seus moradores. Ainda que tivessem pesquisas independentes, estas eram complementares, desde a metade da década de 1960 até o final da década de 1980, quando retomaram seus objetos de pesquisa no Brasil, perdurando até o falecimento de Anthony Leeds, em 1989.

A colaboração de Peggy Dulany Rockefeller e David Morocco

Por ocasião desta pesquisa nas favelas, Peggy e David se conheceram e, ao longo do tempo, tornaram-se um casal durante a realização da pesquisa nas favelas. Talvez a proximidade entre os pesquisadores explique o fato de terem notas assinadas em conjunto, bem como o fato de fazerem referência a presença um do outro nas notas assinadas em separado. Isto indica que, muito provavelmente, estavam juntos no Jacarezinho na maior parte das vezes, ainda que assinassem suas notas separadamente. Outra vezes, percebe-se a continuidade nas anotações de campo das notas assinadas em separado. Este foi o caso, por exemplo, de um convite feito pelos moradores a Peggy para participar de um evento. Porém, David quem foi ao evento em si, realizado no dia seguinte ao convite.

310 Trata-se dos artigos: O Brasil e o mito da ruralidade urbana: experiência urbana, trabalho e valores nas áreas invadidas do Rio de Janeiro e de Lima; Favelas e comunidade política: a continuidade da estrutura de controle social; Considerações sobre diferenças comportamentais: três sistemas políticos e as respostas das áreas invadidas por posseiros no Brasil, no Peru e no Chile (Leeds e Leeds, 2015).

O conjunto de notas de campo de Peggy e David são datilografadas e apresentam uma sistematização, elaboração e seleção de temas por parte de seus produtores, caracterizando-se como transcrições. Estes pesquisadores foram, senão centrais no acúmulo e na análise dos dados, ao menos as pessoas mais presentes nas favelas junto com os Leeds. Além do Jacarezinho, Peggy e David fizeram trabalhos de campo no Tuiuti, Nova Brasília e Praia do Pinto, acumulando farto material que foram sem dúvida indispensáveis para os Leeds. Afinal, estas notas foram guardadas, bem como foram usadas nas atividades docentes de Anthony Leeds, como mostra o plano de aula de Leeds, na qual aponta, entre outros materiais colhidos em campo, uma anotação de campo de David³¹¹ como fonte de análise para seus alunos³¹².

Tendo em vista a colaboração desses pesquisadores no campo, verifica-se uma complementariedade de suas notas, ora por estarem vivenciando juntos a mesma situação de campo, mesmo assinando separadamente, ora por assinarem juntos, ora por um dar continuidade à observação do outro em alguns momentos. Exceto a nota de campo datada de 1 de maio de 1966, de autoria de David Morocco, as notas abrangem o mesmo período em que estiveram pesquisando juntos no Jacarezinho, que vai de 20 de junho a 8 de agosto de 1967³¹³. Nas duas notas que assinam juntos (20 e 24/6/67), quem escreve em primeira pessoa é Peggy. Além disso, há notas de mesma data, mas com autorias diferentes, bem como há notas de uma só autoria, mas com alguma referência ao outro no texto. Embora a autoria seja conjunta nas duas notas, fica claro que quem escreve a nota é Peggy, pois em alguns trechos se refere a David. Em um determinado trecho, Peggy sinaliza o que seria a observação somente de David. Nesse ponto, uma questão se coloca: além da ambiguidade em relação a autoria e a observação, aparece inclusa a interação das subjetividades nestas notas de campo, apesar de estarem demarcadas, e a questão do controle do que foi ou não transcrito nos documentos. Afinal, quem decidiu o que seria ou não transcrito? Quais fatos observados ou eventos discursivos seriam registrados?

As temáticas indicadas ao lado das datas das notas nos oferecem pistas de qual observação

311 *Pic Nic Não Tem Mosquito*. Nota de campo de David Morocco, 1/5/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 v4.

312 Manuscrito intitulado *Brazil Course*, sem data. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 4/ subseries teaching materials/ box 25/ Brazil and Latin American courses. O documento é dividido nos seguintes itens: 1- aim of "area course" a) practical ends b) establish law fullnesses – regulatories c) establish theory of unique case d) aesthetic ends e) practice in anthro conceptualizing. 2- course requirements a) final exam b) paper (...) 3- Procedures – work as much from case material as [] - 1951 relatories; [] from books, newspapers, maps; 1965-1966 materials – Dave's picnic stuff, the floods letter. Elicit analysis Miguel Cesários Festa; foto and music analysis, recordings of interviews (...).

313 No ano de 1966, Peggy realizou trabalho de campo, produzindo suas notas, na favela Nova Brasília. Boa parte destas notas de campo foram feitas em colaboração com Ina Dutra, Flávio Romano, Luiz Antônio Machado da Silva e Paul Silberstein. Em 1967, também realizou trabalho de campo no Tuiuti, além do Jacarezinho. BR RJ COC LE DP PP 03 v.6 (Nova Brasília) e v.10(Tuiuti).

aquela transcrição refletia, se de Peggy ou de David, uma vez que cada um destes tinha seus próprios interesses de pesquisa, devidamente indicados nas notas de campo em que cada um assina sozinho. Ela, a criminalidade. Ele, as agremiações carnavalescas e festividades em geral. Porém, junto à ambiguidade em relação à autoria, há uma outra possibilidade de entender esta peculiaridade das notas de Peggy e David. Se as transcrições pareciam servir como instrumentos mnemônicos daquilo que vivenciaram, talvez não tenha havido disputa na seleção e sistematização do registro, não esvaziando, portanto, a ideia de colaboração e compartilhamento destes registros. De todo modo, a julgar pelo fato destas notas comporem boa parte do material de campo depositado no acervo de Anthony Leeds e pelo fato dele usar este material em suas aulas sobre o Brasil, fica evidente a importância destes registros na construção dos trabalhos de Anthony e Elizabeth Leeds sobre as favelas.

O primeiro ponto a se considerar no trabalho de campo de David Morocco consiste nas táticas e estratégias do pesquisador para a inserção no campo. Mesmo tendo se inserido no Jacarezinho anteriormente através do PC, é preciso considerar que a inserção como pesquisador é de outra natureza. A partir do momento em que sua presença ali tem outro sentido, implicando uma nova atuação, novas perguntas aos moradores, novos modos de estar presente no cotidiano dos moradores, isto também implica duas mudanças para o pesquisador: a mudança de voluntário para pesquisador, tanto do ponto de vista do próprio David quanto de seus interlocutores; e a mudança da favela, passando de local de intervenção institucional da agência para local de produção de conhecimento, ou campo.

Conforme indica três de suas notas de campo, a estratégia do passeio a pé e das conversas casuais foram adotadas por David, imprimindo em suas notas questões surgidas espontaneamente nas conversas com os moradores, em vez de direcionar a interação para um foco específico. Sua participação no *Pic Nic* do bloco carnavalesco Não Tem Mosquito, por exemplo, se deu porque tinha ido na noite anterior a um botequim tomar água tônica e percebeu a expectativa dos moradores em relação ao passeio³¹⁴. O próprio título de outra nota, *David walk through J.*³¹⁵, também indica a adoção desta estratégia, cujas conversas foram registradas posteriormente ao percurso, caracterizando uma transcrição. Desse passeio, registra: *Jairo seemed happy to see me – we immediately began talking about the upcoming elections*³¹⁶. A pergunta introduzida pelo pesquisador sobre o estatuto da associação se torna motivação para que o morador o convidasse para uma reunião no dia seguinte a noite, relacionada à assembleia geral responsável pelo estatuto. De modo semelhante, a participação em uma

314 Pic Nic – NTM. Nota de campo, DM, 1/5/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

315 Nota de campo, DM, 22/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

316 Nota de campo, DM, 22/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

reunião, seguida de uma festa em homenagem ao Padre Nelson traz o mesmo resultado: *All in all it was pretty much a waste of time except that Ramos saw me there and since he's just invited me to attend his meeting on Tuesday night it was a necessary move*³¹⁷.

Mais do que indicar a estratégia do passeio a pé, a disponibilidade em participar das atividades cotidianas dos moradores torna-se também algo a ser evidenciado em campo e também uma estratégia de inserção em outras redes do campo. Não menos importante, estas transcrições mostram a importância das *headnotes* na elaboração deste tipo de escrita. Considerando a formação de David Morocco, fora da área das ciências sociais, o despreparo anterior à sua chegada no Brasil para trabalhar no PC, além do pouco treinamento em métodos e técnicas de campo entre os estudantes de antropologia do período, é possível concluir pela boa desenvoltura de Morocco em sua inserção no campo. De passeios a pé, a princípio despreziosos, o pesquisador conseguiu se inserir em reuniões políticas dos moradores, mesmo sendo estadunidense e carregando toda a reputação que se fazia de seu país natal em tempos de Ditadura Militar e Guerra Fria. Muito provavelmente os seminários informais tenham sido a ferramenta mais utilizada para a sua boa desenvoltura na interação com as redes do campo. Afinal, nesse espaço interagiu com profissionais das ciências sociais, além dos moradores.

O segundo ponto a ser iluminado nas notas de David Morocco é esforço de seus interlocutores em ter o controle da observação do antropólogo, de modo a inverter o protagonismo da ação cognitiva. Isto se evidencia em duas notas de campo. Na primeira³¹⁸, os moradores apontam ao pesquisador, no percurso do passeio ao *Pic Nic* do NTM, o que ele deveria observar, o que os moradores julgavam ser digno da observação do pesquisador: os barracos com lama. Apesar de não registrar exatamente o que fora apontado por seus interlocutores, o pesquisador dá atenção ao comentário “*miseria que nós temos aqui no Brasil*”. Na segunda nota, escrita de observação resultante do passeio a pé, o interesse do morador em relação ao antropólogo faz com que venha do campo, e das vozes dos moradores, as questões dirigidas ao pesquisador. A iniciativa do questionamento se dá pelo morador, não pelo antropólogo: *Barber – called me into his shop – wanted to know how I felt about the war – so I told him he said poor people everywhere were the same – introduced me to the açougueiro who is going to work for Joaquim – we agreed to talk at some other time*. Em trecho anterior, nessa mesma nota de campo, uma moradora questiona: *asked me how I liked married life – I said that it was Jim who had gotten married*³¹⁹.

317 Nota de campo, DM, 7/7/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

318 Nota de campo, DM, 1/5/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

319 Nota de campo, DM, 22/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

O ponto a ser destacado é justamente a inversão do controle da ação cognitiva. Neste caso, é o campo e seus interlocutores que impõem questões ao pesquisador. Essa inversão torna-se um elemento importante na medida em que é também uma contrapartida imediata a ser dada pelo pesquisador a seus interlocutores. Afinal, se o conhecimento antropológico é uma troca entre interlocutores e uma troca de subjetividades, o atendimento à essa contrapartida é fundamental para que a troca prossiga, para que o pesquisador continue se inserindo em outras redes do campo e para que ele seja situado como mais um integrante daquela rede. Logo, essas contrapartidas cobradas pelos moradores constituem também elementos de negociação para a inserção do antropólogo em suas redes.

Um outro exemplo da tentativa de controle sobre a observação do antropólogo, somado ao jogo da inserção negociada, é visível nesta outra nota de campo³²⁰, escrita na semana seguinte após um incidente ocorrido entre a dupla de pesquisadores Peggy e David e uma parte dos moradores numa reunião sobre as eleições para a associação dos moradores, na qual a presença da dupla e suas anotações foram questionadas³²¹. Segundo o relato de David: (...) *the only thing he was worried about was that I was going to 'levar uma má impressão daqui. Foi uma falta de educação'. I told him I would like sometime to talk to Antonio Brandini and see if we couldn't enter into some sort of dialogue*³²².

Nesse trecho, a preocupação do morador volta-se para o controle da observação do antropólogo em relação à localidade e aos seus moradores, uma preocupação mais voltada para a má impressão do que exatamente com o cerne da discussão, no caso, a aceitação da presença dos pesquisadores norte-americanos, durante o período da ditadura, numa reunião política dos moradores. Essa preocupação em relação à má impressão, muito provavelmente, também se articula com os estigmas associados aos moradores de favela no período. Por outro lado, a vontade do pesquisador em restabelecer o diálogo com aquele que teria questionado a sua presença naquela reunião mostra sua estratégia de driblar o conflito em vez reavivá-lo, e de permanecer inserido de modo mais harmonioso possível nas redes de relações dos moradores. O morador, por sua vez, reforça a condição de visitante do pesquisador, e não de morador inserido na rede.

Em outro trecho da nota, ao perguntar se poderiam participar de outra reunião, a ser realizada três dias depois: *se vocês não podem entrar toda nossa chapa vai sair - aliás eu não quero dizer só vocês mas qualquer pessoa aqui no morro*³²³. Nos dois casos, evidencia-se a tentativa de controle do

320 Nota de campo, DM, 4/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

321 Nota de campo, PR, 30/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4. O incidente será analisado no capítulo 3 desta tese. Ver também Viana, 2014.

322 Nota de campo, DM, 4/7/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

323 Nota de campo datilografada, DM, 4 de julho de 1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

morador em relação à observação e participação do pesquisador. O controle em disputa não é somente o da escrita do campo, mas o da observação e da participação. Significa também o controle da inserção do pesquisador nessas redes do campo, ou a permissão dada pelo morador para que o pesquisador participe e os observe, assim como os moradores os observam simultaneamente.

Nesse jogo de controle da observação e participação do pesquisador nas redes do campo, uma das contrapartidas acionadas por David Morocco foi a abertura para um outro tipo de inserção do morador em sua pesquisa, através da qual se aprofundaria o nível de troca de informações. Ao mostrar a ele seu trabalho sobre o Tuiuti e ao solicitar a participar deste³²⁴, o pesquisador enseja um equilíbrio nesse jogo. No momento em que o antropólogo se reporta ao morador para repensar o seu próprio trabalho, trava uma reciprocidade em termos de contato social, mas acima de tudo em termos intelectuais. Se a disputa pelo controle da observação e participação mostra-se como um jogo de contrapartidas, essa iniciativa do antropólogo, em que o morador também é chamado a pensar intelectualmente o mesmo objeto de estudo do antropólogo, torna-se mais um novo aporte na condução da pesquisa de campo. Verifica-se neste momento o que Oliveira (2000) e Agier (2005) nomeiam de encontro etnográfico, em que ambos os sujeitos se tornam mútua e simultaneamente cognoscentes e cognoscíveis, havendo uma tentativa real de construir uma relação em que a assimetria pode ser minimizada.

As notas de campo de Peggy, transcrições datilografadas, são notas dedicadas a assuntos específicos, como o crime e o processo eleitoral para a associação de moradores do Jacarezinho. Um traço bem característico de suas notas de campo é o registro da dramaticidade e da reação dos moradores, principalmente naquelas situações em que o contexto de produção dos eventos discursivos se dá nas reuniões de moradores³²⁵. (...). *Applause and yelling of 'me too'.* (...). *During all this there was clapping and yelling, etc.*³²⁶.

É justamente nessas ocasiões em que se verificam alguns contratemplos vividos por ela no campo. Na primeira ocasião, a atuação dos pesquisadores, que faziam anotações em inglês, é questionada por um dos moradores. Ao ver seu nome na anotação sem entender o que se dizia dele, solicitou que trouxessem um gravador em vez de anotar por não saber o que eles de fato estavam anotando a seu respeito³²⁷. O cerne da discussão girava em torno da desconfiança nos pesquisadores por serem estadunidenses e, no entendimento do morador, a veracidade do que estava sendo registrado

324 Nota de campo, DM, 4 de julho de 1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

325 Notas de campo, PR, 30/6/67 e 7/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

326 Nota de campo, PR, 30/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

327 Nota de campo, PR, 30/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

seria garantida pelo gravador em vez da anotação. Em alguns casos, ocorre a desaprovação das notas de campo pelos interlocutores e o gravador pode ser visto como algo suspeito (SANJEK, 1990: 190, 114). Na representação deste morador, é a escrita em outro idioma e o contexto político do período a motivação para a desconfiança nestes pesquisadores, para o rechaço à participação deles por parte de outros moradores e para a preferência pelo registro sonoro como garantia de veracidade e confiabilidade.

David explained that he had lived in Rua das Palmeiras 9 for two years, had been a PCV and had gone back to the states to study but returned – interested in Brazil and the evolution of the favela, the `modo de viver no morro`. Said that his interest is purely academic. Then said he would answer any questions. Told everyone that Pontes had invited us to this meeting and Jairo had originally invited him the week before. Francisco asked David to explain specifically what he was doing and he told about the study in Tuiuti. During all this there was clapping and yelling, etc. (Nota de campo, PR, 30/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

A necessidade de ter de prestar explicações sobre a presença e atuação deles ali naquele espaço e naquele momento envolve, além do contexto político e histórico, a reafirmação de suas identidades de pesquisadores, e não como espião ou voluntário de uma agência internacional. Nesse sentido, o trecho reforça que a inserção no campo implicava a mudança da condição de David, que passara de voluntário para pesquisador e que evidenciar isso para seus interlocutores não era, necessariamente, uma tarefa simples. Mesmo que já tivesse alguma inserção no campo, esta havia sido construída por outra identificação, diferente da identidade de pesquisador.

Zenobi (2010) considera que as relações com os interlocutores podem ser construídas com base na desconfiança, dúvida e suspeição, embora seja possível, em contrapartida, transformar a suspeição em instâncias de conhecimento (ZENOBI, 2010: 474). A acusação funciona como mecanismo de controle sobre algum suspeito e o torna visível, podendo tornar o suspeito em alvo do interesse dos interlocutores (ZENOBI, 2010: 479, 481) No que tange aos moradores, a acusação da suspeição tornou-se uma oportunidade para os antropólogos dizerem num espaço público quem eram e o que faziam. A julgar pela interação e solidariedade dos outros interlocutores presentes na reunião e pela preocupação do interlocutor de David³²⁸ preocupar-se com a má impressão que poderiam levar dos moradores, o episódio mostra o quanto essa suspeição pôde se reverter a seu favor.

O mal-estar gerado por este episódio não se desfez entre os acusadores: *Zinho barely said hello and looked at me very coldly throughout the meeting – no wonder, he was kicked off the presidency of União (or lost the vote anyway) because he had objected to my taking notes last week*³²⁹. O relato de

328 Nota de campo, DM, 4 de julho de 1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

329 Nota de campo, PR, 7/7/1967 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Peggy reafirma a solidariedade construída em torno da dupla de colaboradores. Afinal, o episódio desencadeou uma série de convites a participarem de outras reuniões de chapas concorrentes à associação de moradores, sem descartar as intenções políticas destes interlocutores solidários.

Um membro de uma das chapas em disputa, Lionel, abordou Peggy e David, provavelmente, no sentido de travar uma aproximação pessoal e de angariar o apoio político deles. Peggy registra o comentário, aparentemente desprezioso de Lionel, sobre a notícia veiculada num programa de programa de TV sobre um casal estadunidense que vivia na favela, cuja mulher seria filha de David Rockefeller. A pesquisadora, sem registrar se havia confirmado ou não a notícia, apenas descreve a reação dela e de Flávio Romano, que a acompanhava, de despistar a abordagem de Lionel: *he [Lionel] said how nice that would be and what an honor, prazer for them if it were me. Flávio said how there were a lot of casals americanos in different favelas and that if they did not say the name of the favela, there was no way of knowing*³³⁰. Num segundo momento, percebe-se a mudança, ou talvez a confirmação de intenções dessa tentativa de aproximação de Lionel em relação a Peggy e David. Após chamar a atenção dos antropólogos para a fala ovacionada de um dos componentes de sua chapa na reunião, Lionel convida-os a participarem da reunião de sua chapa no dia 10 de julho na igreja de Padre Nelson³³¹. Independentemente dos interesses do morador, também para os pesquisadores essa aproximação permitiu a entrada em outras redes do campo.

Em relação à inserção destes atores, é possível verificar que embora possa parecer ter sido relativamente fácil e natural a entrada de ambos, seja pela atuação no PC, seja pela inserção na rede de pesquisadores próximos a Anthony Leeds, a construção da identidade de pesquisador ou cientista entre os moradores não foi algo dado ou fácil, mesmo atuando há algum tempo. Considerando o peso da nacionalidade de ambos, somada à filiação e notoriedade familiar de Peggy, percebe-se que a necessidade de estar constantemente dizendo quem é e o que faz, ou mesmo de ter de esconder a origem familiar, são atitudes que por vezes se impõem para tornar possível a condução da pesquisa. Como última observação, cabe reforçar o que já fora dito anteriormente: a colaboração do olhar destes pesquisadores construiu o holismo e o aspecto comparativo da prática científica de Anthony e Elizabeth Leeds.

As contribuições de Ken Erickson, Paul Silberstein e Janice Perlman

Datada de 12 de dezembro de 1966, a nota de Ken Erickson é fruto de um encontro com

330 Nota de campo, PR, 7/7/1967, pg1, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

331 Nota de campo, PR, 7/7/1967, pg3, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Machado e Flávio Romano no apartamento do primeiro. Não chega a ser exatamente uma nota de campo propriamente dita, mas trata-se de informações sistematizadas sobre o campo, elaboradas a partir da conversa com Romano, morador do Jacarezinho, realizada fora do campo. A nota de campo que traz as observações de Paul Silberstein não é exatamente uma nota de sua autoria, mas uma edição de mais de uma nota de campo de Paul, sem data e sem a identificação do editor das notas. Sendo assim, não traz a descrição da vivência no campo do pesquisador, nem suas impressões necessariamente, mas uma conclusão ou mesmo análise do editor da nota, baseado nas notas originais do pesquisador. No arquivo de Leeds, há notas de campo de Paul Silberstein referentes às localidades Tuiuti e Nova Brasília.

Conforme Perlman aponta em seu livro, em janeiro de 69 ela ainda não tinha começado a elaborar seus questionários, nem iniciado a sua coleta de dados quantitativos. Nesse período, estaria fazendo uma observação participante de cunho exploratório e preparatório para a etapa seguinte de sua pesquisa, cuja ênfase metodológica foi quantitativa (PERLMAN, 1976: 311, 312, 320, 322). Nesse sentido, cabe lembrar que este desenho de pesquisa era uma tendência nos anos 1970 entre os cientistas sociais norte-americanos (SANJEK, 1990b).

Em seu livro, Perlman detalha a sua metodologia de pesquisa quantitativa que empreendera nas três localidades escolhidas. Percebe-se a elaboração para a coleta de dados quantitativos, mas pouca menção é feita ao tratamento das entrevistas informais, ou mesmo de sua abordagem anterior ao início desta coleta de informações. Aparentemente, uma tendência diversa dos outros pesquisadores desta rede científica. No entanto, na nota de campo em que a autoria é compartilhada com Peggy, referente ao Jacarezinho, indica ter dado tratamento qualitativo à sua pesquisa antes da coleta de dados quantitativos, cujo objeto de estudo foi Vigário Geral. Referente à esta localidade, há uma nota de campo de sua autoria em colaboração com Cristina Schroeder.

Há ainda notas de pesquisadores não identificados sobre o Jacarezinho. Ainda que este conjunto seja significativo do ponto de vista de como os Leeds construíram seus objetos de pesquisas e análises sobre as favelas, estes documentos não serão analisados.

2.4 - A fofoca no campo

Não é demais pontuar que os registros do campo não dão conta do real significado, para estes moradores, desse novo tipo de interlocução (entre pesquisadores e pesquisados) e de interlocutores

(estrangeiros). A vivência diuturna com aqueles novos vizinhos na década de 1960 certamente trouxera, senão estranhamentos, ao menos a curiosidade em relação àqueles estrangeiros e, conseqüentemente, a veiculação de informação ou fofoca dos mais diversos tipos a respeito destas pessoas e dessa nova interlocução.

Sendo parte integrante da vida humana, presente em todos os ambientes e situações dos quais fazemos parte, a fofoca opera de diversas formas. Desse modo, na literatura das ciências sociais, a fofoca assumiu diversas perspectivas e análises. Igualmente, a fofoca se apresenta como uma constante no trabalho de campo dos Leeds e de seus colaboradores naquela ocasião. Mais do que elemento social da vida cotidiana dos moradores, as formas como a fofoca pôde ser apropriada por ambas as partes serão analisadas neste momento.

Simmel (2009)³³², ainda que não tenha refletido diretamente sobre a prática de mexericos, tampouco dado nome à fofoca propriamente dita, fez análise do segredo na vida social. Uma vez que a fofoca é também uma informação que se dá de modo velado a outrem, independentemente de ser elogiosa ou destruidora, pode também habitar a esfera do segredo. Com uma análise voltada para a subjetividade humana, Simmel destaca o quanto a vida moderna depende da confiabilidade, uma vez que é mais difícil de ser averiguada. Nesse sentido, cabe destacar o papel da confiança para se pensar o conhecimento recíproco entre as pessoas, a manutenção do segredo de cada um e, para os fins dessa tese, para se pensar a fofoca. Outro fator importante analisado por Simmel e que é útil para se pensar a fofoca, é o que ele denomina como “conhecimento”, isto é, saber da existência do outro, saber aquilo que o outro deixa ser mostrado ao social, saber a forma como a pessoa se apresenta ao mundo, e não necessariamente a sua intimidade. Por outro lado, o conhecer se restringe a saber somente o que é necessário para se estabelecer uma relação mínima.

Nesse sentido, Simmel afirma haver uma fronteira entre o que se pode e o que não se pode saber, cuja ultrapassagem constituiria uma indiscrição, em suas palavras e a revelação do segredo, uma traição a este. No nosso caso, fofoca seria a palavra mais apropriada para ambas as situações, pois nos diversos momentos em que a vida alheia é versada entre os moradores e captada pelos antropólogos, opera-se essa ultrapassagem da fronteira da discrição e da lealdade aquilo que se diz em segredo, ou ainda, “na boca miúda”, longe do alcance dos alvos da boataria.

Se aquele que guarda o segredo possui um status diferenciado, também aquele que veicula o

332 Fonte: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/13961/12792>. Acesso em: maio de 2018.

Tradução de Simone Carneiro Maldonado. Revista de Ciências humanas, Florianópolis, EDUFSC, volume 43, numero 1, abril de 2009, pg 219 a 242.

segredo se apropria desse capital informativo e comunicativo. Nesse sentido, podemos pensar a prática da fofoca entre moradores de favela e pesquisadores como uma troca de capitais inseridos dentro de um jogo etnográfico, em que as partes pretendem alcançar determinados fins, seja a informação propriamente dita, seja a inserção nas redes.

Assumindo a perspectiva de uma relação de poder, Elias e Scotson (2000) analisam a fofoca como um mecanismo através do qual se criam relações de superioridade e inferioridade. A fofoca, seja elogiosa ou destruidora, operaria de modo a afirmar a superioridade daqueles que agem conforme as normas estabelecidas, conferindo a estes um status diferenciado e um poder maior em relação ao grupo alvo da fofoca destruidora. Adotando esta perspectiva relacional, a fofoca para estes autores seria mais uma maneira de se manter o poder do grupo dominante, alimentado pela coesão do grupo, pelo cumprimento das normas de conduta do grupo e pelo reforço dos valores do grupo, veiculado pela fofoca. No caso analisado por eles, em uma comunidade específica, a fofoca assume o sentido de conferir status e poder, de reforçar a coesão do grupo e garantir a dominação de um grupo sobre o outro.

Assim como Simmel, Elias e Scotson também veem a fofoca como o oposto da atitude reservada (ELIAS e SCOTSON, 2000: 128). Para eles, manter a reserva seria um obstáculo à circulação de fofocas. Porém, se a fofoca pode ser o oposto da manutenção do segredo, isto é, ser a revelação, ela também pode ser mais uma forma de segredo, uma vez que circula como se fosse assunto secreto, muitas vezes acompanhada da recomendação de que ninguém pode saber.

Para os fins desta tese, cabe observar que apesar da fofoca apresentar outros objetivos e funções além desta perspectiva apresentada por Elias e Scotson, a relação de poder e outras relações são também alvos da fofoca. Isto toma maiores proporções quando se pensa no trabalho de campo analisado na tese. Isto é, na interação entre pesquisadores estrangeiros e moradores que, até então, não tiveram contato com este tipo de interlocução e de interlocutores. Desse modo, o foco não será exatamente relação de poder, mas a apropriação da fofoca, a posse da fofoca, os usos da fofoca no momento da interação entre pesquisadores e pesquisados, ou ainda, no momento da produção do conhecimento. Por outro lado, é possível pensar em relações de poder entre pesquisadores e pesquisados no momento em que a fofoca é veiculada no trabalho de campo. Neste caso, quem detém o poder da informação não é o pesquisador, mas o morador. No instante em que a fofoca se dá entre os moradores de uma mesma localidade, cabe ao pesquisador escolher se capta a informação veiculada pela fofoca ou se capta a prática da fofoca em si, tal como o fez Elias e Scotson. Nesse sentido, cabe

destacar que o interesse pela prática da fofoca foi manifestado por Anthony Leeds ora em seu estudo sobre carreiras brasileiras, como uma categoria a ser analisada no campo (LEEDS e LEEDS, 2015 [1978]: 114, 115), ora em cartas trocadas seus interlocutores mais próximos, como Larry Salmen. Em uma delas, despede-se da seguinte forma: *Write soon, full of gossip, news, and information. Love, Tony*³³³. Nessa frase, mostra entender haver uma diferença entre fofoca, notícias e informação e que ambas formas de comunicação seriam válidas, dignas de serem veiculadas por seus interlocutores e recebidas por ele.

Estudos mais recentes sobre o tema apontam outras visões sobre a fofoca de modo a inseri-la como elemento importante em outras práticas sociais, inclusive na pesquisa científica. Esta nova perspectiva se dá a partir do entendimento da fofoca como narrativas sociais com peculiaridades sociológicas próprias, bem como seu entendimento fora do senso comum (OLIVEIRA, 2010; SILVEIRA, 2014). Ainda que a perspectiva de veículo moralizador, acionada por Elias, seja uma linha preponderante ao se analisar a fofoca, somam-se outras igualmente importantes e que mostram o quão variado pode ser o uso e a prática de versar sobre a vida alheia. Conforme aponta Silveira (2014), pode assumir a função de entreter, de veicular informações necessárias para se conhecer o ambiente ao qual se pretende inserir e de criar e manter vínculos. Entre os cientistas, a boataria também assume seus significados específicos.

No trabalho de campo, a fofoca pode operar destas outras maneiras, conforme a sensibilidade do pesquisador em fazer uso desta e/ou analisá-la como prática social. Esta atenção aos usos dados à fofoca na prática científica pelos pesquisadores mostram mais uma forma de compreensão da fofoca como narrativa social, diferente daquela dada pelo senso comum, bem como os significados que podem ter a boataria tanto para os alvos desta quanto para aqueles que a escutam, no caso, os antropólogos. Para os fins dessa tese importa os usos possíveis da boataria na prática científica para ambas as partes da interação. Na medida em que a fofoca, para os pesquisadores, é mais um instrumento de pesquisa, a coleta de informações é a finalidade de dar ouvidos à fofoca. Quem veicula a fofoca, o morador, tem por trás outro objetivo: fazer o jogo etnográfico, isto é, mostrar e ou manipular a informação, capital dos moradores em relação aos pesquisadores, do qual se pode fazer uso para alcançar objetivos determinados. Ou seja, a fofoca opera como mais um elemento do jogo etnográfico para ambas os participantes. Além disso, opera como mecanismo de inserção mútua nas redes, tanto do pesquisador nas redes do campo, quanto dos moradores na rede científica. A fofoca é mais um ponto de conexão

333 Carta de A. Leeds para L. Salmen, 8/10/1968, pg 2. BR RJ COC LE DP IC 01.

entre as redes do campo e a rede científica, e sua veiculação envolve a confiança mútua, do receptor para o transmissor e vice versa. Receber a fofoca significa também a conquista da confiança daquele que dá a informação. Poder fazer a fofoca significa ter conquistado a simpatia e confiança daquele que quer ouvir.

Em que pese a necessidade de verificação das informações, regra geral para toda área científica, a prática etnográfica envolve o acolhimento da informação veiculada pela fofoca. Uma vez que esta narrativa social se encontra em todos os tempos e lugares, a presença desta torna-se, senão natural, ao menos bastante frequente na produção de qualquer conhecimento científico. Logo, em diversos momentos, o pesquisador pode não só acolher, como também fazer uso destas informações. É o que se verifica na etnografia dos Leeds e dos outros pesquisadores da mesma rede científica. Especificamente tratando-se de Anthony Leeds, cujos interesses no campo eram muito mais amplos do que as formas de habitação e a economia das favelas, é possível verificar a conformação do seu entendimento sobre a fofoca. Nas suas notas de campo e dos outros pesquisadores, esta forma narrativa se encontra em sua diversidade. A ocorrência da fofoca se dá no seu uso como recurso para captação de informações sobre interlocutores indiretos; na sua captação entre os moradores; e no envolvimento do antropólogo, sendo alvo da fofoca dos moradores.

Embora as observações de Leeds acerca da fofoca tenham se concentrado em seu estudo sobre carreiras brasileiras (LEEDS e LEEDS, 2015: 113, 114 e 115), a fofoca revela diversos usos nas notas de campo desta rede de pesquisadores. No estudo sobre carreiras, a fofoca e o *footing*, junto com as deixas, operam como mecanismos de fluxo e transmissão de informação. No caso específico das deixas, estas seriam mecanismo de transmissão de informação sobre o estado da carreira de alguém, das posições que ocupa, de suas conexões, da influência que exerce (LEEDS e LEEDS, 2015:113). Uma vez pensada para as elites, as deixas seriam exclusivas delas, não estando acessíveis, portanto, aos mais pobres (LEEDS e LEEDS, 2015: 115). No entanto, a fofoca e o passeio a pé operariam de modo conjunto, sobretudo nas favelas, como mostram as notas de campo abaixo analisadas.

O registro da fofoca – entre a descrição e a indiscrição

Nos registros de campo dos antropólogos, a descrição e a informação se obtêm pela sua veiculação de maneira indireta. Isto é, a informação não se trata do interlocutor direto, mas de outro ausente. Veremos adiante o acionamento da fofoca como mecanismo de captação de informações por parte dos pesquisadores. Na realização da descrição, usa-se a indiscrição de seus interlocutores diretos,

devidamente captada nas notas de campo.

Em 9/3/66, A. Leeds tem informações sobre a vida de um morador pela fala, não do próprio, mas de terceiros. O antropólogo, portanto, se apropria daquilo que entende como o mecanismo de circulação de informações: a fofoca (LEEDS e LEEDS, 2015: 114, 115). Por outro lado, chega aos meandros das relações de produção local através de um relato que, mesmo podendo ser visto como “fofoca”, ao trazer outras informações sociológicas – as relações de trabalho – passa a ser informação circulante. Através da vida de um morador, narrada por outras pessoas que não o próprio, o pesquisador consegue ter informações analisáveis cientificamente. Este trecho de sua obra elucida bem o entendimento de Leeds sobre esta categoria – a fofoca. Diz:

Hoje, a televisão e o rádio constituem também canais para a transmissão de deixas para aquela pequena parcela da população da sociedade que a eles tem acesso.

A fofoca é outro mecanismo vital. Os brasileiros prestam atenção à fofoca e a armazenam, ao contrário dos americanos, cujo objetivo principal é aumentá-la, passá-la adiante e então esquecê-la. (...).

A principal função da transmissão e manipulação de deixas é a manutenção das fronteiras entre grupos informais mutuamente exclusivos de pessoas ou a apropriação das prerrogativas e concessões por algum desses grupos, negando-se aos demais. Pode-se entender o conjunto do sistema de comunicações como um meio de difusão de determinados tipos de informação em determinados códigos para apenas determinadas categorias de pessoas. O conhecimento dos códigos e dos tipos relevantes de informação é ensinado, por aqueles que os sabem, a seus congêneres e sucessores. A aprendizagem ocorre primordialmente no círculo familiar, mas também nos “legítimos” contatos entre famílias não apresentadas, mas de mentalidade semelhante, como em clubes sociais, cliques e grupos de amigos. O acesso a informação transmitida nos jornais e revistas, no rádio e na televisão, na fofoca de lanchonete requer um mínimo de recursos por parte dos participantes. Eles tem que ter tido acesso à educação. (...). Devem poder comprar jornais (...), possuir um rádio ou televisão, (...). Devem poder frequentar lanchonetes e assim por diante.” (LEEDS e LEEDS, 2015: 114, 115).

Em outra nota de A. Leeds³³⁴, mostra-se o que alguém não identificado diz sobre outra pessoa, cujo nome também não fica registrado. É possível entender o uso da fofoca entre os moradores como um instrumento de pesquisa. Aqui, o investigador se vale desse mecanismo para obter informações caras a sua pesquisa, ainda que não saiba ao certo a identidade do narrador, e expresse uma desconfiança na pergunta (*Tião?*), ao lado da frase *it was reported*³³⁵. Ou seja, alguém relatou. O sujeito é duplamente oculto – tanto quem falou, como quem passou esta fala para Leeds que, por sua vez, coerente com seu entendimento dos mecanismos de circulação de informação, aceita como válida e digna de nota a fofoca. Verifica-se, portanto, a prioridade dada à informação em si, e não necessariamente a forma como chegou a informação.

334 Nota de campo, AL, 29/8/67 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

335 Nota de campo, AL, 29/8/67 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Na nota de campo elaborada por Elizabeth Leeds, na qual observa a atividade empreendedora do alfaiate Gutenberg, a fofoca aparece como um tema e como uma técnica de obtenção de informações para o antropólogo, mesmo não sendo declarada como categoria analítica, nem como objetivo das observações de campo da antropóloga. Associada à rede de relações em torno da loja e dos lojistas da favela, a fofoca é identificada a princípio como um elemento importante da vida daqueles atores, no sentido de operar na dinâmica dos negócios. Tendo em vista a sua posição de pesquisadora, o fato de ganhar a confiança de diversos moradores, a ponto de declarar *several shopkeepers on the same street happened to give me information about him*³³⁶, e a ponto de ser digna de receber estas informações, demonstra a conquista da confiança do próprio morador e de toda a sua rede de relações.

Em ambos os casos, evoca-se a análise de Simmel a respeito da necessidade da confiança para as relações sociais, uma vez que se situa entre conhecer e não conhecer o outro. Se você confia, mostra-se ao outro aquilo que convém mostrar. No caso da nota de Elizabeth Leeds, a confiança dos outros moradores que lhe trouxeram informações foi alcançada através da conquista da confiança de um só morador. Essa inserção na rede de lojistas também rendeu inserções em outra rede, a de informações dos lojistas e sobre os lojistas.

A fofoca entre os moradores – redes em interação

Para que a informação seja veiculada para o antropólogo, e que a fofoca chegue aos ouvidos dos pesquisadores, é necessário que a fofoca seja anterior a isto. Ou seja, a fofoca entre os moradores antecede a fofoca para os pesquisadores. Inevitavelmente, a fofoca entre os moradores torna-se igualmente informação tão importante e útil quanto aquela endereçada diretamente aos pesquisadores. Logo, esse registro assume forma diversa, ainda que seja fofoca do mesmo jeito.

Elizabeth Leeds, atenta a esta circulação de informações entre os moradores, observa e registra o seu uso como mecanismo de propaganda da loja, dos serviços e das atividades de Gutenberg; como elemento importante para a função de circulação de informação, levado a cabo pelo grupo; e como meio de estabelecer confiabilidade individual ou coletiva para os lojistas. Por outro lado, essa forma narrativa de veiculação de informação é tratada como um mecanismo de autoajuda e proteção mútua, uma vez que a fofoca opera para favorecer as vendas, isto é, para convencer outros moradores ou grupos de moradores a comprar e vender produtos e serviços; para espalhar notícias sobre disponibilidade de empregos ao grupo de homens desempregados que frequentavam a loja; para

336 Nota de campo, EL, sd, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

“espalhar a palavra” sobre máquinas baratas ou aluguel de quartos; bem como para avisar a chegada da polícia, dando tempo para se prevenirem contra fiscalizações.

Especificamente nas observações sobre a fofoca, E. Leeds identifica, somente na observação do dia a dia desta loja, a rede de informação não só para o benefício dos negócios, mas sobretudo para a inter-relação entre diversos grupos. Vê a ligação entre os grupos de lojistas e os diversos grupos de frequentadores além da clientela: desempregados, lotéricos, entre outros. Na verdade, consegue visualizar além da rede de grupos, as redes de informações que circulam entre estes. Por outro lado, não se identifica como uma participante efetiva e ativa de uma dessas redes, ainda que seja, mesmo pontualmente, uma frequentadora daquele espaço e uma receptora destas narrativas.

Na ocasião do passeio organizado pelo bloco *Não Tem Mosquito*, em 1/5/66, David Morocco presenciou uma briga violenta e os disparos da arma de um dos participantes da briga durante a festa. Ainda que Morocco não acione diretamente a palavra fofoca, destaca a rapidez com que a notícia se espalhou, a ponto de ter chegado a pessoas que não estavam no passeio antes mesmo de terem voltado ao Jacarezinho: *We couldn't have been back more than 5 minutes but his family [de Eduardo] already knew about the incident*³³⁷. Ainda que em sua nota não dê importância, tal como Anthony Leeds, a esta categoria, constata a eficácia de toda uma rede de comunicação entre os moradores, sobretudo num período em que poucas pessoas tinham acesso a telefone. Em que pese a dramaticidade do episódio, ou justamente por isto, não passou despercebida a capacidade comunicativa dos moradores que o pesquisador observava.

Interessada especialmente na criminalidade, Peggy Rockefeller, ao colher relatos sobre assassinatos e roubos, se vale desta forma de circulação de informações para suas observações, bem como observa a forma como os moradores se apropriam da fofoca. O primeiro episódio de assassinato é relatado por uma outra interlocutora, sem nenhuma evidência de sua efetiva presença na ocorrência³³⁸. Ou seja, a informação sobre os detalhes do episódio narrado e registrado veio pela rede de informações do local, isto é, a fofoca. Segundo esta interlocutora, ela obtém as informações pelo rádio antes de todos, mais outro elemento na rede de informações, além da fofoca.

Em outra nota, Peggy registra como assunto de sua nota o morador Ernani, porém, através da sua interlocução direta com Flávio Romano. No desenrolar da nota, percebe-se que o assunto inicial com Flávio não fora Ernani, mas o crime. Foi no desenrolar da conversa sobre o crime que Flávio diz: *if you want to study crime, study Ernani*. Logo depois, Flávio explana o histórico de crimes na família

337 Nota de campo, DM, 1/5/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

338 Nota de campo, PR, 20/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

de Ernani e, segundo Peggy: *Flavio didnt seem to know anything about Ernani in particular but gave the impression that he is also involved in some form of crime*³³⁹. Ao que tudo indica, Flávio não acusa diretamente Ernani, mas confirma a impressão de Peggy ao contar a ela que Ernani havia pego em sua casa os cartões postais que a pesquisadora havia prometido ao seu interlocutor. Para completar, Peggy registra o medo de D. Maria que Ernani entre em sua casa. Mais uma vez, se vê articulada a rede de informações, ou ainda, a operação da fofoca entre moradores, bem como algum tipo de tática usada por Romano para não acusar diretamente Ernani, mas sua visão de Ernani como um possível criminoso. Ernani é um dos moradores que se corresponde com Anthony Leeds em inglês em carta de 23 de outubro de 1966 e se identifica como *Ernani (o crioulo do David)*³⁴⁰.

Nas notas conjuntas de Peggy e David, ambas de mesma data, a fofoca entre os moradores é devidamente registrada. No primeiro momento, quando ocorria uma festa, Peggy registra a lembrança de um comentário feito por outro morador, Tião, sobre Gilson antes de relatar a interação entre Gilson e David. A adesão de Gilson ao comunismo, segundo relato de Tião, ganha a atenção de Peggy antes de registrar a interação entre Gilson e David, construída em torno do questionamento sobre o que o antropólogo estaria fazendo ali. No relato de Peggy, o mais importante não foi exatamente a resposta dada por David, que não fora registrada, mas o que Gilson pensava sobre os brasileiros. *He talked about how it is difficult to study brazilians, because the always present a front and they are different than they appear – they show the part they like to be like*³⁴¹.

O fato de Peggy ter lembrado de um comentário de outro morador, feito em outra ocasião já evidencia o peso dado à fofoca na prática etnográfica. Independentemente da veracidade ou falsidade da informação veiculada no comentário, é importante o fato disto ter sido um recurso acionado pela pesquisadora, mas no sentido de uma memória coletiva, na qual ela mesma se insere. Isto é, ela faz parte dessa rede, ainda que não completamente consciente disso. No que tange a outra parte do registro de campo, chama atenção o fato do morador ser consciente da construção e auto representação que as pessoas fazem, de modo que as pessoas se mostram de uma forma conveniente, sem apresentar a sua essência. Isto remete à discussão sobre o segredo, elaborado por Simmel. No entanto, se o morador pode fazer essa abstração e generalização, pois se refere genericamente aos brasileiros, ele de alguma forma inclui, nessa sua representação, ele mesmo além dos outros moradores com quem convive.

Nessa mesma linha, Peggy e David também registram o pensamento de David Queirós sobre os

339 Nota de campo, PR, 21/6/67 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

340 Carta de Ernani a A. Leeds, 23/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

341 Notas de campo, PR e DM, 24/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

moradores.

We talked about the decreto of the meeting the night before and everyone laughed at the mention of it. David mentioned how trying to prevent to stop people from improving their houses was like trying to prevent them from drinking cachaça and Gilson explained that that was merely a jogo – (...). Mariano said that he didn't think the gov't could be really trying to help them if it was trying to stop them from improving their houses. (Nota de campo, PR e DM, 24/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Vê-se nessa teia de comentários o modo como cada morador interpreta o pensamento de outro. Ou ainda, a curiosidade de um morador sobre o que se pensa do outro, sem que seja evidenciado o pensamento de quem observa os interlocutores – o antropólogo. A forma como os moradores se auto representam envolve algumas escolhas: o que dizer, mostrar e ocultar sobre si, bem como o destinatário da informação e em que ocasião veicular informação. Da mesma maneira, falar sobre outrem também envolve estas escolhas, que constroem a representação sobre o outro para um interlocutor. Seria uma espécie de fofoca de si mesmo, através da qual se constrói um personagem para ser apresentado aos pesquisadores, preocupados em apreender todas as informações possíveis, independentes de sua veracidade e probabilidade. Logo, a fofoca de si, sendo uma ilusão autobiográfica, ou o *Lebenslugen*, nas palavras de Simmel, também constitui uma tentativa de construir uma auto representação individual através da representação coletiva.

A relação entre a auto representação coletiva e a fofoca também é uma perspectiva elaborada por Elias e Scotson. A fofoca destruidora sobre os outros e a fofoca elogiosa aos membros do grupo eram elementos centrais no reforço da auto representação. Somado a isto, observaram a introjeção, por parte do grupo difamado, dos estigmas negativos veiculados por meio destas fofocas. O paralelo que podemos fazer no caso específico dos moradores das favelas é que as fofocas que aparecem nas notas e que mostram a auto representação deles não tem necessariamente como referência os moradores do asfalto ou de fora da favela. Referem-se ao próprio grupo, mesmo estendendo-se a todos os brasileiros, e de maneira nem tão elogiosa. De uma forma ou de outra, a fofoca auto representativa acionada pelos moradores é elemento importante para se pensar o que seria esse pensamento social que se constrói em relação a eles mesmos e que também constitui um pensamento social sobre o Brasil, mas pela ótica dos moradores das favelas. Ainda que não tenha sido alvo de uma elaboração posterior destes pesquisadores em suas carreiras e produções acadêmicas, a fofoca torna-se importante na medida em que se configura em outro elemento que desconstrói os mitos de marginalidade e cultura da pobreza. Estes, por sua vez, foram usados como aparatos sociais pelos moradores de fora da favela para reforçar os estigmas dos moradores, uso semelhante ao da fofoca no caso pesquisado por Elias e Scotson.

O antropólogo como alvo da fofoca – criação e manutenção de vínculos ou interação entre as redes

No outro fluxo da via, e como consequência de uma interação intensa, naturalmente a figura do pesquisador também é narrável pelos moradores. Nos dois casos abaixo, a interação entre antropólogos e moradores girou em torno de uma inversão: eram os moradores quem queriam ter informações dos pesquisadores, que encaminhavam perguntas aos seus interlocutores. A iniciativa pela ultrapassagem da fronteira entre o que se pode e o que não se pode conhecer fora tomada pelos moradores. A indiscrição, até então realizada somente pelos cientistas, fora acionada pelos moradores e devidamente mostrada aos pesquisadores. Não só se percebe a mensagem, clara e objetiva, de que os antropólogos também são observados e alvo de conversas ocultas. Mas a de que, ao ser alvo das fofocas dos moradores, estes estavam inseridos e vinculados às redes do campo.

Em nota datada de 17/8/66, A. Leeds apresenta como assuntos principais a repercussão entre os moradores sobre um artigo que Leeds teria escrito no jornal *O Globo* e o relato de Davi Queiroz sobre a perseguição de um fiscal atrás dele, que se estende até a página seguinte³⁴². Em relação à fofoca sobre o antropólogo, não é possível saber o teor do artigo de Leeds, pois não se encontra no arquivo Anthony Leeds custodiado na COC, nem nos arquivos do jornal *O Globo*. Logo, é bastante provável que Leeds não o tenha escrito. No entanto, é curiosa a atenção dada pelos moradores ao suposto artigo, não só porque revela o interesse deles pela pesquisa e provavelmente pelo que o antropólogo dizia sobre eles. Isto constituiu um momento em que a interação foi motivada por algo que o antropólogo produziu, por uma ideia ou palavra dita pelo pesquisador, ainda que não esteja registrado em que tom se deu essa atenção por parte dos moradores, se em tom fiscalizador, de comprovar a veracidade ou não do que o antropólogo dizia sobre eles, ou se era meramente a importância dada à publicidade feita por um jornal de grande circulação, ao qual nem todos os moradores tinham acesso.

Esta restrição de acesso a jornais de grande circulação foi devidamente apontada por Leeds ao entender a fofoca como técnica de circulação de informação nas favelas, como algo que requer recursos mínimos, tais como educação e acesso a jornais e revistas (LEEDS e LEEDS, 2015: 114, 115). Segundo o registro de Leeds: *Davi said anyone [] knew the story of my supposed O Globo article (...) David Q pulled Diana out of [] to tell Diana same story as me. Somebody wouldn't talk to her Diana because of article I had written. Olivia said someone had studied w her, [] [] to write article saying doesn't believe in spiritism*³⁴³.

342 Nota de campo, AL, 17/8/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

343 Nota de campo, AL, 17/8/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Nesse caso específico não se trata apenas de cobrarem uma espécie de prestação de contas sobre o que era dito sobre eles, mas de deixarem claro ao antropólogo que eles sabiam que o antropólogo escrevia sobre eles e que eles também tinham seus mecanismos, não exatamente de controle das ações do pesquisador, ainda que com menos poder de controle, mas o poder de saber o que se fazia com as informações colhidas. Outro aspecto interessante é a quantidade de pessoas acionadas por essa informação e a força da circulação da informação no trabalho de campo, de modo que chegou ao ouvido do próprio alvo da fofoca.

David Morocco, em 22/6/67, registra sua interlocução com a esposa de Geraldo, centrada na pergunta pessoal dela encaminhada a ele, mas, declaradamente por engano: *asked me how I liked married life – I said that it was Jim who had gotten married*³⁴⁴. O registro do interesse pelo antropólogo partindo do morador também se encontra no relato seguinte, referente a outro morador, identificado não pelo nome, mas pela profissão. *Barber – called me into his shop – wanted to know how I felt about the war – so I told him he said poor people everywhere were the same – introduced me to the açougueiro who is going to work for Joaquim – we agreed to talk at some other time*³⁴⁵.

Ainda que não tenha registrado o que pensava sobre a guerra, mas que concordaram em conversar outra hora, este trecho desvela o que suscitava a presença de estadunidenses nas favelas, qual a curiosidade dos moradores em torno daqueles jovens estudantes estrangeiros e interessados justamente nas favelas. De alguma forma, a relação se inverte – é o morador quem quer saber sobre o outro, encarnado na figura do pesquisador. É ele quem quer aprender e quem se torna o protagonista da ação cognitiva. É ele quem quer saber quem é o outro. De alguma forma, essa ação se dá porque existia algum grau de confiança mútua. Afinal, uma pergunta de cunho pessoal foi feita, mesmo motivada por um suposto engano. Ainda que a moradora tenha realmente se enganado, o que pode não ter de fato acontecido, mostra uma tática da moradora para obter uma informação íntima de seu interlocutor.

Em todos os casos apresentados, vemos a fofoca operando no jogo etnográfico das seguintes maneiras: através da manipulação da informação para revertê-la em capital; para tornar o pesquisador em alvo de fofoca; para veicular uma auto representação para os interlocutores de fora. De todo modo, é possível verificar a fofoca operando no sentido de inserir os pesquisadores nas redes dos moradores, independentemente de serem os ouvidos receptores das informações ou de serem alvos de fofoca.

Se para Elias e Scotson (2000) as áreas de convivência servem como pontos de formação de canais de fofocas, as favelas seriam localidades perfeitas para isto, pois são espacialmente propícias à

344 Nota de campo, DM, 22/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

345 Nota de campo, DM, 22/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

convivência comum. Dentro dessa lógica, seriam focos de formação de fofocas. Se Elias e Scotson (2000) viram nas áreas marginalizadas de seus estudos uma falta dessas áreas de formação de fofocas, afetando o uso da fofoca como instrumento de poder contra o outro grupo, na favela, mesmo sendo área marginalizada, não faltariam fofocas. A diferença é que nas favelas as fofocas não tem sempre e necessariamente esse sentido de e usos como instrumento de poder contra os grupos dominadores, que a rigor estariam no asfalto. Ao menos nas notas apresentadas, não foi registrada a fofoca para estigmatizar aqueles que moram fora da favela, ainda que os de fora estigmatizassem os moradores das favelas. Por uma via inversa, poderíamos pensar nos mitos e estigmas construídos contra as favelas como fofocas, na medida em que não correspondem a realidade, sobretudo a que se desvela ao olhar destes antropólogos, e que são narrativas sociais usadas como instrumentos de poder e dominação.

O ponto em que se cruzam as observações de Elias e Scotson (2000) e a fofoca nas favelas é o fato de os moradores de favelas, assim como os moradores da zona 3, introjetarem para si os estigmas atribuídos por aqueles que moram fora da favela, reforçados pelas fofocas. No entanto, ao menos nas falas registradas por estes pesquisadores, não se percebe a força destes estigmas quando se auto representam. Neste caso, a fofoca seria, na verdade, as teorias da marginalidade, da cultura da pobreza, entre outras mistificações e ideias falsas e estigmatizantes construídas sobre as favelas e que ainda persistem.

Como indica o conjunto das notas apresentadas, a fofoca constitui um instrumento de pesquisa. Este tipo de oralidade, além de refletir a subjetividade de seus interlocutores, pode ser considerada, ao menos na linha de raciocínio expressa por Leeds, uma fonte epistemológica. Em seu argumento, as emoções e sentimentos humanos devem constituir as fontes de conhecimento, uma vez que critica a falsa dualidade e oposição no paradigma científico ocidental entre subjetivo e objetivo. Para ele, o objetivismo analítico subtrai conhecimento justamente por retirar do horizonte analítico os sentimentos e emoções humanas³⁴⁶. Como foi visto neste capítulo, os elementos da subjetividade humana também caracterizam o holismo da antropologia de Anthony Leeds.

346 Leeds, 1984: 49. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity.*
Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 6/subseries biographical materials/box 33/Draft autobiography.

Capítulo 3 – A etnografia, suas redes e campos: notas sobre encontro e interlocução com os moradores do Jacarezinho.

Localizando-se na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, o Jacarezinho apresenta hoje dimensões bem maiores do que tinha na década de 1960. Nesta década, a população do Jacarezinho era algo em torno de 36 a 50 mil habitantes³⁴⁷, não existindo, até então, nenhum estudo sobre a localidade³⁴⁸. Conformando hoje um complexo no qual se adicionam pequenas favelas mais recentes surgidas no seu entorno³⁴⁹, a ocupação mais antiga desta localidade contava com as seguintes áreas: Beira-Rio, Fundão, Azul, Cajueiro, Cruzeiro, Fazenda Velha e Vieira Fazenda (IGNACIO, 2011: 85). As vias principais de acesso continuam sendo as ruas Comendador Gracindo de Sá, Amaro Rangel, Darcy Vargas, Beira Rio e Esperança.

Na narrativa apresentada pelo sítio eletrônico dos moradores³⁵⁰, a história da ocupação do território remonta ao ano de 1720 com a construção de uma capela onde hoje se encontra a Praça Imaculada Conceição, no terreno da fazenda Engenho Novo dos Jesuítas. Há ainda outra versão que afirma serem a Concórdia Sociedade Imobiliária Ltda e a Fábrica Unidas de Tecidos, Rendas e Bordados SA as proprietárias do território desta localidade. De todo modo, o ponto comum das narrativas dos moradores sobre a ocupação deste espaço enfatiza as fábricas Cisper, GE e Cruzeiro além das já citadas, mais a estação de trem Vieira Fazenda, e datam a ocupação efetiva do território a partir da década de 1920. Também consideram como marcos de sua história a criação do Complexo Industrial do Jacaré na década de 1960 como uma iniciativa de Carlos Lacerda, bem como a criação do mal afamado Buraco do Lacerda, passagem viária construída durante a sua gestão ligando o Bairro do Jacaré à Avenida Suburbana, atual Dom Hélder Câmara.

Entre os anos de 1945 e 1948, em que a ameaça de despejo pairava sobre a favela, o Jacarezinho contou com o envolvimento de políticos em busca de bases eleitorais e de militantes do partido comunista na reversão desse processo. Somente em maio de 1949, que a desapropriação do terreno onde se situa a favela foi decretada (PESTANA, 2013: 70, 111, 155). Esse decreto não impediu que a

347 *Favela-Jacarezinho*. Relatório de James Wygand – PCV/GB. 8/6/1965. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

348 Além das publicações resultantes da etnografia realizada por essa rede de pesquisadores, apresentada na tese, atualmente são poucos os estudos disponíveis sobre a localidade, destacando-se, além do sítio eletrônico mantido pelos moradores, os estudos de Ignacio (2011) e Santos (2015), o livro *Lu Petersen: militância, favela e urbanismo*, de Mariana Cavalcanti, Americo Freire e Bianca Freire-Medeiros, publicado pela Editora FGV, 2008, além do filme *Favela que me viu crescer*, de 2015.

349 Pica Pau Amarelo, Carlos Drumond de Andrade, Vila Jandira ou Favela da Xuxa, Morrinho, Dois de Maio e Malvinas (Ignacio, 2011: 87).

350 <https://jacarezinhorj.blogspot.com/> Acesso em 26 de abril de 2019.

favela voltasse a entrar na lista das favelas ameaçadas de despejo em 1956³⁵¹, quando a Lei das Favelas congelou por dois anos os despejos de seus moradores (PESTANA, 2013: 73).

No que tange à sua vida associativa, o Jacarezinho fundou em 1955 o Centro dos Trabalhadores Favelados, núcleo de base filiado à União dos Trabalhadores Favelados³⁵², cuja sede situava-se no Borel (PESTANA, 2013: 55). No entanto, os registros de campo de Anthony Leeds evidenciam, em relação à associação de moradores, a existência em 1966 da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho. Antes disso, há registros de conselhos de representantes de rua e não de uma associação de moradores propriamente dita³⁵³. Numa carta da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho para a CRF, datada de 13 de abril de 1966, a comissão afirma ter havido uma associação de moradores fundada em março de 1961, mas que não estava se reunindo, manifestando ao órgão a intenção de reativá-la³⁵⁴. No ano de 1967 houve acirrada disputa nas eleições para a Associação de Moradores do Jacarezinho, contando com a inscrição de 4 chapas – Azul, Verde, Rosa e Amarela. Neste mesmo ano, houve a fusão do Bloco Não Tem Mosquito com a Unidos do Morro Azul e a Unidos do Jacaré, originando o Grêmio Recreativo de Escola de Samba Unidos do Jacarezinho³⁵⁵.

Durante a década de 1960, o estado da Guanabara foi gerido pelos governadores Carlos Lacerda (5/12/60 a 11/10/65), Rafael de Almeida Magalhães, que era vice de Lacerda e assumiu após o afastamento deste³⁵⁶ (11/10/65 a 4/12/65) e, por fim, Negrão de Lima (5/12/65 a 15/3/71). Em todas estas gestões, a política habitacional destinada às favelas foi marcada pelas remoções, iniciadas em 1962. Segundo Valladares, foram removidas nessas duas gestões cerca de 60 favelas (VALLADARES, 1978: 39). Durante a gestão de Lacerda, o órgão responsável pelas políticas endereçadas às favelas era a Secretaria de Serviços Sociais, cujas gestões mais expressivas foram assumidas por José Arthur Rios, então Coordenador de Serviços Sociais, e Sandra Cavalcante que assumiu a Secretaria de Serviços

351 Na pesquisa de Pestana (2013), não há maiores esclarecimentos das causas pelas quais o Jacarezinho estaria nessa lista, divulgada pelo Senador Moura Brasil no jornal imprensa popular do dia 4/1/56.

352 Sobre a UTF, ver Lima, 1989; Pestana, 2013.

353 BR RJ COC LE DP PP 03. Esta evidência aparece no relatório de James Wygand, de 8/6/65 e foi confirmada pelo atual presidente da associação de moradores do Jacarezinho em visita realizada no dia 13 de maio de 2019. Na ocasião, foram mostrados os documentos mais antigos da entidade, qual seja, os registros de compra e venda datados da década de 1940. Em relato informal, o presidente da associação afirmou que devido às ameaças de despejo e ao fato da favela ser uma ocupação ilegal na década de 1940, não era possível ter uma associação de moradores ou mesmo registrar reuniões. Afinal, qualquer envolvimento desta natureza poderia resultar em retaliações legais.

354 Carta da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho para a CRF. 13 de abril de 1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

355 <https://jacarezinhorj.blogspot.com/> Acesso em 26 de abril de 2019.

356 Conforme o DHBB do CPDOC, o afastamento de Lacerda teria sido motivado por sua frustração diante da suspensão das eleições diretas para a presidência da república, para o qual lacerda pretendia concorrer. Acesso em 3 de maio de 2019. <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/carlos-frederico-werneck-de-lacerda>

Sociais criada por Lacerda após a extinção do SERFHA (PEREZ, 2005; LEEDS e LEEDS, 2015; VALLADARES, 1978). Na gestão Negrão de Lima, quem assumiu esta secretaria foi Hortênsia Dunshee de Abranches³⁵⁷, ligada ao PTB de Yara Vargas (LEEDS e LEEDS, 2015: 282). O primeiro secretário foi reconhecido por ter aberto canal de comunicação direto com os moradores das favelas através do SERFHA e incentivado a criação de associações de moradores (LEEDS e LEEDS, 2015: 162, 182, 234, 267, 303; PESTANA, 2013: 175). A segunda, pela promoção das remoções em maior escala (LEEDS e LEEDS, 2015; VALLADARES, 1978). Também faziam parte deste conjunto de órgãos do governo estadual que atuavam nas favelas, aqueles da administração descentralizada com personalidade jurídica, tais como a Superintendência de Urbanização e Saneamento – SURSAN, uma autarquia; a Companhia pelo Progresso da Guanabara – COPEG, empresa instituída pelo estado sob a forma de sociedade por ações e que abrigou em sua estrutura a CODESCO, já na gestão Negrão de Lima, criada em 1968; a Companhia de Habitação Popular – COHAB; e entre as fundações, a Fundação Leão XIII (PEREZ, 2005: 170; LEEDS e LEEDS, 2015; VALLADARES, 1978). Ainda em 1963, é instituída a Comissão Estadual de Energia – CEE que vai atuar nas favelas para organizar a distribuição de energia, criando comissões de luz nas localidades cujos componentes não poderiam exercer cargos nas associações de moradores. Estas comissões não foram um consenso entre os moradores das favelas, encontrando fortes críticas entre estes (PESTANA 2013: 200, LEEDS e LEEDS, 2015: 282, 283).

Havia neste período diversos políticos com base eleitoral no Jacarezinho, entre estes o general Salvador Mandim, que ocupava cargo na CETEL – Companhia Estadual de Telefones; Armando Hinds que fora presidente da Comissão Estadual de Energia; Geraldo Moreira (PTB), deputado estadual eleito; Wilmar Palis (ARENA, PDS, PFL) era administrador regional do Méier, posteriormente assumindo o cargo de deputado estadual durante toda a década de 1970; Edson Khair (MDB), ex-procurador geral da justiça do governo João Goulart, fundador do partido, elegendando-se deputado da Guanabara em 1971; Lutero Vargas (PTB), filho mais velho de Getúlio e Darcy Vargas, era médico cirurgião, exerceu diversos cargos políticos e a presidência do PTB antes do Golpe Militar de 1964; Rubem Medina (MDB) foi deputado federal da Guanabara entre 67 e 75; Breno da Silveira (UDN) foi deputado federal pelo DF entre 1951 e 1960 e deputado federal pela Guanabara entre 1960 e 1969; José Bonifácio (PSD) foi deputado estadual; Marechal Amaury Kruehl (MDB) após deixar o governo Jango no qual ocupou o Ministério da Guerra, foi eleito deputado federal da Guanabara entre 1967-

³⁵⁷ *Mãe de seis filhos comanda a secretaria de serviços sociais. Correio da manhã, 12 de dezembro de 1965. Crise pode levar Negrão a demitir Dona Hortênsia. Correio da manhã, 25 de maio de 1966.*

1971.

Entre os moradores mais próximos aos Leeds e à rede de pesquisadores daquele período estão Orestes e Maria Schmidt Paiva, pais de Lucy Schmidt Paiva, que alugavam casas para os voluntários do PC no Jacarezinho, situada na Rua das Palmeiras, número 9. Flávio Romano era aposentado e morava na Rua Monsenhor Távora, número 1. Sofrera um acidente de trabalho cujos danos o levaram a fazer uma cirurgia de recomposição de todo o corpo, realizada por Lutero Vargas³⁵⁸. Também participava ativamente da vida política do Jacarezinho, tendo se candidatado ao cargo de vice presidente da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho em 1966³⁵⁹. Mané era passista e compositor da escola de samba Unidos do Jacaré e do bloco Não Tem Mosquito, respectivamente. Ernani, era um jovem negro que vivia de pequenos biscates e chegou a tomar aulas de inglês no período em que os Voluntários do Peace Corps ali moraram³⁶⁰.

Há interlocutores mais frequentes e mais citados nas notas de campo. Geralmente, os mais citados são aqueles com maior influência política dentro da favela. Jonas Ramos era comerciante e controlava quatro redes de distribuição de luz. Segundo relato de Romano, pleiteou candidatura pelo MDB mas em face da possível disputa com o correligionário Sargento Sampaio e da necessidade de desembolsar uma grande soma de dinheiro para apresentar candidatura ao partido, mas não deixou registros se de fato o fez³⁶¹. Conforme relato de Ken Erickson, que o identifica como o morador de maior relevância política no Jacarezinho, Ramos foi filiado ao PSD e ao ARENA, partido pelo qual se candidataria em 1966. Seria base de apoio de Salvador Mandim e Rafael de Almeida Magalhães. Hermes dos Santos era sargento aposentado da Força expedicionária e fora eleito duas vezes para a comissão de luz da CEE. Era ligado ao DOPS, à UDN, ao terreiro fora da favela – provavelmente de Anacleto - além de ter sido o primeiro presidente da associação de moradores do Jacarezinho. Também apoiava Mandim e Rafael Magalhães³⁶².

Padre Nelson Carlos Del Mônico era o pároco da principal igreja católica da localidade, a paróquia de Santa Rita, bem como atuava na escola salesiana que ainda hoje existe no Jacarezinho – Colégio Alberto Monteiro de Carvalho. Sendo ainda hoje um personagem bastante lembrado no Jacarezinho³⁶³, Padre Nelson cedia o espaço da igreja para as reuniões de moradores e, no período das

358 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

359 Anexo a carta da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho à CRF. 13 de abril de 1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

360 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

361 Carta de Flavio Romano para A. Leeds, sem data, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

362 Nota de campo. KE, 12/12/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

363 A creche municipal do Jacarezinho recebe seu nome. Há, ainda, toda uma seção dedicada a sua memória no sítio

eleições para a associação de moradores, também para as reuniões de chapa.

Sargento Sampaio era delegado e atuava na delegacia próxima ao Jacarezinho³⁶⁴, contando com o apoio de Antônio e Vicente de Paula. Pai Antônio e Pai Vicente eram sacerdotes de religiões de matriz afro³⁶⁵, que viviam de suas atividades religiosas, sobretudo o segundo, que cobrava por sessões de cura. Também fazia parte de sua rede de apoio Leonel, cabineiro³⁶⁶ que tinha duas famílias, uma fora e outra na favela; Nabor, cabineiro, presidente do clube nacional de futebol e proprietário de uma tendinha e de um alto falante; e Maria Baiana, dona de uma tendinha³⁶⁷.

Anacleto era funcionário da CEDAG e sacerdote do candomblé, ocupando o cargo de Ogã num terreiro situado fora da favela. Era amigo de Gilson, jovem estudante e comerciário, reconhecido como um “esquerdista”. David e Osvaldo Queiroz eram irmãos, sendo o primeiro comerciante e o segundo, funcionário da Bolsa de Valores. Ambos apoiavam Flores da Cunha e José Bonifácio³⁶⁸.

Irineu e Manoel Genoio eram militantes da associação de moradores. O primeiro militava também na UTF, tendo sido um dos interlocutores mais assíduos de Boaventura de Souza Santos (2015) em sua pesquisa realizada na década seguinte. Manoel Genoio era relojoeiro e foi presidente da Associação de Moradores do Jacarezinho, eleito em 1967 com a chapa União do Povo – Verde, além de apoiar Lutero Vargas. Dona Olívia era amiga de Manoel Genoio, professora de uma escola pública e que morava fora do Jacarezinho. Olívia não era identificada como base de apoio de nenhum político³⁶⁹. Orlando Munhoz, chefe de contabilidade da Bolsa de Valores do Rio, apesar de figurar em *Sociologia do Brasil Urbano* (LEEDS e LEEDS, 2015: 155, 156) não está entre os personagens mais citados nas notas de campo aqui analisadas.

Na direção da Comissão Estadual de Eletricidade no ano de 1966, estavam Samuel e Azael. Samuel era vendedor da IBM, diretor da CEE e não era identificado como base de apoio de nenhum político. Azael era funcionário da SURSAN e ocupava o cargo de vice presidente da CEE. Apoiava Khair³⁷⁰.

É através da interlocução com estes e outros moradores que essa rede de pesquisadores vai se

eletrônico dos moradores. <https://jacarezinhorj.blogspot.com/> Acesso em 26 de abril de 2019. Atualmente, os arredores da sua igreja e da escola salesiana, situadas na Rua Darci Vargas, são locais chamados de Padre Nelson.

364 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

365 Não foi possível discernir qual deles era umbandista ou candomblecista, tendo em vista que estas religiões estão identificadas nas notas sob o termo genérico “macumba”.

366 Cabineiro, como indicam as notas de campo, era um termo que designava os “donos” ou controladores de cabines de redes privadas de luz nas favelas.

367 Nota de campo. KE, 12/12/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

368 Nota de campo. KE, 12/12/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

369 Nota de campo, KE, 12/12/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

370 Nota de campo, KE, 12/12/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

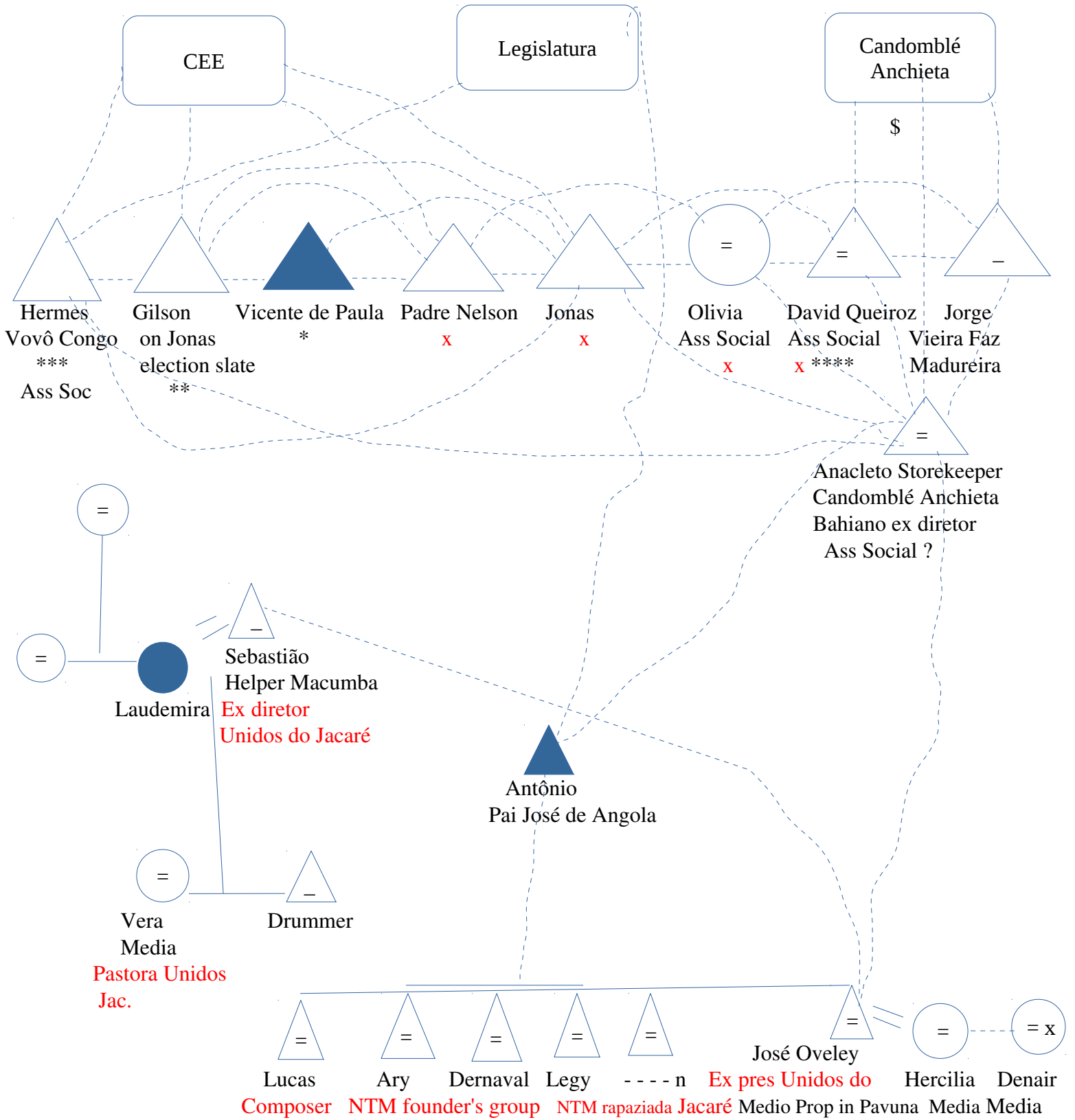
inserir nas redes do campo na década de 1960, isto é, nas redes formadas pelos diversos grupos de moradores em torno de determinados interesses, seja políticos, recreativos, religiosos, etc. Na década seguinte, o Jacarezinho foi estudado por Boaventura de Souza Santos, jurista e sociólogo português que se debruçou sobre o acesso ao direito pelas populações de baixa renda. Tendo como metodologia a observação participante, Santos entrevistou diversos moradores desta localidade, incluindo destacados militantes que atuavam na FAFEG, como o Sr. Irineu, seu principal interlocutor (SANTOS, 2010, 2015).

O mapa de relações de autoria de Anthony Leeds, reproduzido a seguir, elucida melhor a forma como essas redes se entrecruzam na vida cotidiana dos moradores do Jacarezinho. Foi feita uma adaptação do documento tendo em vista a ilegibilidade do original, disponível no anexo. Neste³⁷¹, é possível visualizar as conexões entre as organizações dos moradores, sobretudo as religiosas, recreativas e de distribuição de água e luz com os políticos do cenário nacional.

Na próxima página, segue o mapa de relações, adaptado do original:

371 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

- in samba; = in macumba or candomblé; ■ pres de samba; = espiritism ; ■ Ass. Soc.



No original, há a seguinte inscrição abaixo do desenho do mapa:

* did propaganda for Ramos' light system in terreiros

** offered vice pres [] on other CEE chapa!!!

*** Flávio says tied up together but hide

**** bro Oswaldo was of old ass soc

NB Anacleto used to be tied to David – now chuming w Hermes

As notas não dão conta de todo o esforço empreendedor e político acionado para iniciar esta urbanização, pois a observação desta rede de pesquisadores inseriu-se no Jacarezinho quando já era uma favela consolidada, considerada a maior do estado da Guanabara. No entanto, a manutenção de toda essa infra estrutura também requeria trabalho e organização, além das diversas disputas políticas entre os seus moradores e destes com os órgãos da administração pública. É justamente esse o ponto que as notas e as observações dos pesquisadores apresentarão.

Nesse período de trabalho de campo, 1965 a 1969, as políticas de remoção estavam em curso, contrastando com a demanda pela urbanização, por parte dos moradores. Logo, estão interligados o debate sobre a urbanização versus remoção, as tentativas de controle das favelas por parte dos órgãos oficiais, além das preocupações constantes para a subsistência dos moradores, as redes de água, luz e esgoto. Logo, trata-se da operação de todo um jogo político para que a vida material fosse possível. Jogo cujas partes oponentes variavam entre os próprios moradores internamente, os políticos de fora e os órgãos da administração pública.

A análise das notas de campo de Anthony e Elizabeth Leeds e de outros pesquisadores estadunidenses que compunham a rede científica à sua volta e se enveredaram pelas favelas na década de 1960 mostra o caminho pelo qual se forjou o diálogo destes com os adeptos da teoria da marginalidade e da teoria da cultura da pobreza, ambas em plena discussão no período. Mesmo não estando este objetivo declaradamente impresso nas notas de campo, mas nos textos finais oriundos destas notas, este diálogo é perceptível nas falas dos moradores e naquilo que estes cientistas consideravam ser digno de observação, registro e análise. Se os teóricos da marginalidade frisaram a condição de apatia e desorganização social e política entre os moradores das favelas, esta rede científica viu exatamente o contrário. Em vez de verem um conjunto de trabalhadores informais, fadados à ilegalidade e à precariedade das condições de vida, esta rede constatou a dinâmica de integração da favela, supostamente marginal, ao sistema e à vida econômica da cidade.

A seguir, veremos o que o olhar do etnógrafo em campo viu e que embasou empiricamente todo o seu diálogo com as teorias da marginalidade, do desenvolvimento e da cultura da pobreza. Embora os diversos aspectos observados pelos antropólogos estejam separados em seções, cabe notar que estão em

articulação constante, isto é, são todos observados ao mesmo tempo, às vezes numa mesma nota de campo. Afinal, na vida cotidiana, a política, o empreendedorismo, as festividades, a religiosidade, entre outros aspectos, estão em constante interação, complementaridade e interdependência. Nas seções seguintes, as observações dos pesquisadores sobre o que os moradores diziam destacam a forma como pensavam a respeito de si mesmos, como lidavam com seus conflitos e como se organizavam.

3.1- Empreendimento e trabalho

Constituindo parte importante de suas observações de campo, e como um dos elementos centrais no contraponto às teorias da marginalidade e da cultura da pobreza, o empreendedorismo em suas diversas formas assume centralidade nas observações de campo. Nos relatos registrados por Anthony e Elizabeth Leeds e pelos pesquisadores integrantes de sua rede científica aparecem as escolhas empreendedoras e a forma como se constituem essas atividades para os moradores. Muitas vezes atrelado à ilegalidade, o empreendedorismo levado a cabo pelos moradores mostra-se como o extremo oposto daquilo tudo que se representava a respeito das populações marginalizadas ou reprodutoras da cultura da pobreza. A própria existência de atividades empreendedoras, por si só, já desbaratava o mito da apatia, da falta de iniciativa e de valores da sociedade voltada para o mercado (CORTÉS, 2012; KATZ, 1989; MACHADO da SILVA, 1983).

Mais do que simples estratégias de sobrevivência num contexto de severas restrições, a atividade empreendedora entre os moradores mostra toda a sua complexidade econômica, social e política, de modo que é possível inferir que toda e qualquer atividade dentro da favela, fosse ela voltada para o benefício de uma família ou para todos os moradores, tomava a forma de um grande empreendimento devido à dificuldade de acesso a bens materiais, aos bens de capital, bem como aos obstáculos a serem driblados, qual seja, a ilegalidade dessas diversas atividades e do próprio risco de remoção. Apesar dos empecilhos, havia em abundância um capital específico cuja centralidade era evidente: o capital humano encarnado no trabalho dos moradores, na rede de contatos e autoajuda, ou mesmo nas táticas de circulação de informação, mais conhecida como fofoca.

Entre as observações levadas para seus trabalhos futuros, Leeds considera um conjunto de aspectos ou variáveis que conformam o seu entendimento acerca do empreendedorismo ou do ímpeto empreendedor dos moradores de favelas. Na maioria das vezes, é apontado de modo a desmistificar nuances da teoria da cultura da pobreza como a apatia, a falta de previsão para o futuro, o comodismo, entre outros. É este o objetivo declarado, por exemplo, no texto *Entrepreneur in Rio's Favelas*,

apresentado em 1967, no *Entrepreneurship Symposium* do encontro anual da AAAS. Neste, o contraponto à cultura da pobreza é justamente a variedade de investimentos de riscos que o morador da favela faz.

In summary, here, a very large percentage of the favela population (...) are engaged in entrepreneurial activity which involves balancing a series of goals and factors affecting investment. (...) Hence, in principle, any investment done in favelas is of high risk which the favela entrepreneur includes in his calculus before investing. (...).

Favela residents have involved a wide range of ways of mobilizing resources, making use of their own incomes, of the resources of the extended family, of neighbors, of work groups, of politicians, of crime, of associations (such as the carnival groups, sports clubs, favela associations, social clubs, private schools, etc.). The resources may feed activities which themselves produce more resources, eg housebuilding provides renting units; purchase of a refrigerator permits making ices to sell; graft from an association permits establishing a store, and so on. (Leeds, A. *The Entrepreneur in Rio's Favelas*. 29/12/1967. AAAS Annual Meeting. *Entrepreneurship Symposium*. BR RJ COC LE DP DR 01).

O primeiro aspecto destacado em seus trabalhos é o caráter empreendedor da própria mudança para a favela e a construção de casas, significando para o morador, não só uma escolha consciente, mas calculada. Esta escolha pode resultar numa poupança, devido ou ao baixo custo do aluguel, sobretudo para aqueles com emprego fixo, ou a possibilidade de construir a casa, livrando-se deste encargo (LEEDS, 2018; CAVALCANTI, 2018; LEEDS e LEEDS, 2015: 153, 154, 155). Em alguns casos, a economia permite a compra de outro imóvel ou ainda a alocar seus recursos em outra atividade ou empreendimento (LEEDS e LEEDS, 2015: 153, 154, 156; LEEDS, 2018).

A este empreendimento se somam outros dois – a oferta de água e luz, atividade altamente lucrativa e gerenciada de forma privada nas favelas (LEEDS e LEEDS, 2015: 160; MACHADO da SILVA, 2011 [1967]: 708). Tanto na construção de casas como na obtenção dos serviços de água e luz, Leeds considera a diversidade de capital mobilizado nem sempre contabilizado no cálculo do volume de capital que circula nas favelas (LEEDS, 2018; CAVALCANTI, 2018; VIANA, 2014).

Na obra, a ilegalidade do fornecimento de luz e água são vistas como fatores importantes para a realização deste empreendimento (LEEDS e LEEDS, 2015: 160, 161). Por outro lado, a ilegalidade da favela é vista como uma das variáveis cujo controle pelas elites, operando junto com a criminalidade e a marginalidade, criaria uma identidade local, e não uma identidade de classe (LEEDS e LEEDS, 2015: 217). Se a ilegalidade pode ter duas funções ou duas maneiras de operar dentro das favelas, a busca pela legalidade também poderia se consolidar como mais um empreendimento, a exemplo da cooperativa da favela Guararapes, criada com a finalidade de comprar as terras ocupadas (LEEDS e LEEDS, 2015: 161).

A diversidade de atividades econômicas vistas nas favelas, como lavar roupas para fora, o aluguel de bicas para lavar roupas, o aluguel de casas, a atividade agrícola, a criação de porcos e galinhas, estas últimas também reduzindo os custos de alimentação (LEEDS e LEEDS, 2015: 155, 184, 185, 210), por vezes era exercidas como renda alternativa, são mostradas como exemplos para superar o mito da ruralidade, pois trazem consigo valores urbanos, tais como a orientação voltada para o lucro e a projeção de futuro. A respeito da orientação para o lucro, é importante lembrar que este aspecto da vida econômica das pessoas é uma variável privilegiada em suas análises do urbano, vinda desde sua pesquisa na Zona do Cacau baiana, realizada na década de 1950 (LIMA e VIANA, 2018). Nessa mesma linha de análise, Machado da Silva também destaca a variedade de recursos internos, que inclui essas atividades econômicas, visando a acumulação de capital (MACHADO da SILVA, 2011 [1967]: 701).

Com especial atenção às casas de bebidas, entre as quais se incluem as birosucas, Machado observa dentro deste tipo de empreendimento determinadas variáveis, ou outras dinâmicas, que afetam o seu rendimento, tais como a concessão de crédito para determinados fregueses como meio de forçar um elo com o freguês, bem como a prática de agiotagem (MACHADO da SILVA, 2011 [1967]: 161, 166, 169). Paul Silberstein (1969), tendo como base o estudo de Hoenack para o 37 ICA (1966), também aponta o crédito como estratégia do empreendedor e do morador, que cria uma relação de dependência mútua, potencializando a perspectiva de lucro do primeiro (SILBERSTEIN, 1969: 190). Nesse sentido, é importante recuperar a discussão levantada por Leeds com seu interlocutor Patrick Crooke, das Nações Unidas, a respeito dos programas voltados à população residente nas favelas. O antropólogo chama atenção para a prática de novas formas de crédito, ou acesso mais democrático, para os moradores, de modo diferenciado dos grandes sistemas bancários³⁷². Logo, a prática do crédito alimenta o empreendimento entre os moradores bem como por si só se consolida como uma prática empreendedora entre eles.

Tendo em seu horizonte as pessoas como o recurso mais importante de uma favela (LEEDS e LEEDS, 2015: 85), Leeds coloca o trabalho perpassando toda a sua obra de modo direto e indireto, pois evidencia o volume de trabalho envolvido na concretização física, política, social e econômica da favela. Coerente com a ênfase nas relações econômicas, a valorização do trabalho ou, mais especificamente, do mercado de trabalho e das oportunidades, bem como a valorização dos sindicatos trabalhistas, são apresentados de modo a enfatizar o ethos urbano dos moradores das favelas. Com a

372 Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/1968, BR RJ COC LE DP IC 01.

mesma intenção, a valorização do trabalho em seu sentido simbólico, tendo como significado “fazer alguma coisa” e sendo usado como critério para avaliar são outros elementos presentes na análise do trabalho feita por Leeds (LEEDS e LEEDS, 2015: 164, 167, 168). Essa valorização do trabalho em si também é observada por Machado da Silva, sobretudo o trabalho fixo, como símbolo de status (MACHADO da SILVA, 1969: 164)³⁷³.

Este aspecto simbólico apontado em ambos os cientistas sociais os leva a perceber e analisar uma diferença na identidade destes trabalhadores. Ora se apresentam desejosos de proximidade com a *Burguesia Favelada* (LEEDS e LEEDS, 2015: 121), que por sua vez se identifica com a burguesia comum e vê os estratos inferiores tal como esta o faz, destacando a sua apatia (MACHADO da SILVA, 2011 [1967]: 707). Ora valorizam as organizações sindicais como mais uma fonte de recurso para obtenção de melhores condições de trabalho (LEEDS e LEEDS, 2015: 167), identificando-se portanto como trabalhadores comuns. No entanto, é Machado da Silva quem verá nos sindicatos um papel mais amplo do que a obtenção de melhores condições laborais. Para o autor, o elo entre as organizações das favelas e as organizações sindicais poderia descompartmentalizar a prática política da burguesia favelada ³⁷⁴. As dificuldades impostas à conformação deste elo estaria na oposição entre a horizontalização e base geográfica das organizações das favelas em contraposição à verticalização e base funcional das organizações sindicais (MACHADO da SILVA, 2011 [1967]: 712). Aponta portanto uma complexidade na conformação de uma identidade de trabalhadores de modo que fragmenta os moradores das favelas. Nesse sentido, os biscates assumem um papel relevante na manutenção de uma identidade não fragmentada entre os moradores.

Esta forma de trabalho aparece nas análises de Leeds em suas variedades, no qual destaca o quão importante é para este tipo de trabalhador a permanência na favela em áreas próximas às da classe média, uma vez que amplia o acesso às oportunidades de trabalho, mais ofertadas nestas áreas residenciais. De igual relevância, o biscate apresenta-se também como fonte complementar de renda, não excluindo o exercício de um trabalho fixo (LEEDS e LEEDS, 2015: 276, 184, 210, 388). Desse modo, sua análise viria a tirar os estigmas do biscate e situá-lo como mais outra forma de trabalho, em vez de expressão de marginalidade ou completa exclusão no sistema econômico. Machado da Silva,

373 Um bom contraponto à valorização do trabalho está na pesquisa de Zaluar (2000 [1985]), realizada na década de 1980. Nesta obra, a significação negativa do trabalho entre os jovens da cidade de Deus o atrela à escravidão. Logo, trabalhador seria escravo ou “otpario”, no sentido de se submeter à humilhações e desmando de seus patrões. Esta representação envolveria também o ethos masculino e o autoritarismo operando para esvaziar o sentido positivo do trabalho entre os jovens (Zaluar, 2000 [1985]: 120, 121, 145)

374 A pesquisa de Lima (1989) mostra que em alguns casos, como na Mangueira, houve articulação entre o sindicato e a escola de samba (Lima, 1989: 92).

num primeiro momento, delimita, na pouca capacidade de poupança do biscateiro e na sua pouca participação política, as fronteiras entre este estrato social nas favelas e a burguesia favelada (MACHADO da SILVA, 1967: 707). Anos mais tarde, com especial atenção para o mercado de trabalho informal, Machado da Silva (1971) faz uma análise mais densa deste tipo de trabalho – a concorrência entre biscateiros, as redes de contato tecidas entre estes trabalhadores e sua dependência em relação a estas redes para garantirem seus trabalhos, a complexidade e a variedade de cálculos envolvidos neste tipo de trabalho, as estratégias usadas por estes trabalhadores para ganhar clientela e as variações nos preços do trabalho (MACHADO da SILVA, 1971: 62, 63, 70 a 72, 78, 80). No que tange a este último aspecto, destaca-se na análise do sociólogo o relevo dado à barganha pelo preço num processo que envolve a concorrência entre trabalhadores, dada pelo preço, ou ainda, a livre concorrência da força de trabalho (MACHADO da SILVA, 1971: 70 a 72), de modo a concretizar o ideal liberal. Logo, o trabalho informal ou biscate torna-se também um empreendimento de si próprio. Portanto, biscateiros e empreendedores guardam determinados elos ainda a serem melhor elucidados.

Como primeira observação das notas de campo, é importante verificar o modo como se imbricam a questão da legalidade, a atuação dos órgãos e autoridades oficiais e a decisão empreendedora, incluindo aí a diversidade dos empreendimentos realizados pelos mesmos atores. Desse modo, como principais atividades empreendedoras observadas nas notas de campo de Anthony Leeds, Elizabeth Leeds, David Morocco e Ken Erickson estão o comércio, a construção de casas para alugar, a agiotagem e a concessão de crédito entre os moradores. Todas estas atividades, de alguma maneira, são perpassadas pela questão da legalidade.

Ainda que a legalidade dos negócios e das diversas atividades realizadas pelos moradores não seja algo tratado com profundidade nas notas de Anthony Leeds e Ken Erickson, isto é, que não tenha sido mais abordada com seus interlocutores de forma mais objetiva, o simples fato de aparecerem nas notas, e de modo correlato às outras atividades, seja políticas ou empreendedoras, enseja ser algo acionado pelos próprios moradores, mostrando-se uma questão central na representação deles. Os casos registrados tratam-se do questionamento de um morador sobre uma atividade supostamente ilegal na padaria da Rua Amaro Rangel³⁷⁵ e sobre a venda ilegal de ferro velho e de mercadorias roubadas³⁷⁶. No caso da nota de Erickson sobre a venda ilegal de ferro velho e de mercadoria roubada, a ilegalidade é acionada para explicar o apoio político ao candidato Sargento Sampaio pelo morador. Trocava-se o apoio pelo desvencilhamento de qualquer tipo de fiscalização em torno dos empreendimentos ilegais.

375 Nota de campo, AL, 17/11/65, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

376 Nota de campo, KE, 12/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

No registro de A. Leeds, o destaque não é exatamente pela legalidade ou ilegalidade da atividade questionada, mas o fato do morador levantar a questão, mostrando o quanto a legalidade é importante, a ponto de ser acionada mesmo em uma reunião para tratar de outro assunto.

O caso do alfaiate Gutemberg, registrado por Elizabeth Leeds, ilustra a correlação entre a ilegalidade e os empreendimentos nas favelas. Costureiro, Gutemberg veio do estado da Bahia e fixou-se na favela após sua segunda vinda à cidade. No Jacarezinho pôde estabelecer-se, montar sua loja de roupas e investir em outras atividades paralelas. No argumento registrado na nota de campo da pesquisadora, estar na favela contribuiria para abrir negócios lucrativos, justamente por causa da ilegalidade, que permite o custo menor na manutenção de uma loja³⁷⁷. Além disso, os estereótipos sobre as favelas ou a associação entre favela e pobreza extrema operaria para protegê-los da fiscalização dos representantes da lei. A crença na incipiência de comércio desencorajaria a fiscalização das atividades ilegais, dentre estas o contrabando e a falta de licença para o comércio³⁷⁸. Logo, a ilegalidade contribuía para a decisão pela atividade empreendedora dentro das favelas. O caso de Gutemberg articula diversos aspectos sobre a atividade empreendedora dentro da favela, perpassados pela questão da ilegalidade.

Gutemberg, o alfaiate e comerciante, costumava abrir crédito a seus clientes como forma de aumentar suas vendas³⁷⁹. Para este, o baixo risco de perder dinheiro abrindo crédito, a possibilidade de fazer um dinheiro extra através de atividades ilegais eram fatores que o levavam a manter seu empreendimento nas favelas. Logo, estes dois exemplos mostram a prática de crédito entre os moradores como mais um mecanismo de manter empreendimentos ou ainda de fazer do crédito o próprio empreendimento, na medida em que se transformava num capital de troca entre os moradores, seja de ressarcimento do valor em dinheiro, seja através de favores. Aponta também a criatividade dos moradores em reinventar novas fontes de recursos e de capital.

Este caso exemplar, relatado por Elizabeth Leeds, tinha o objetivo de mostrar as razões que levavam a decisão pela atividade empreendedora na favela e trabalhar lá. Segundo a interpretação da pesquisadora, as vantagens encontradas dentro da favela e que contribuem para a decisão pela iniciativa empreendedora são: baixo custo no aluguel da loja, pagar um salário mais baixo por um ajudante, a existência de um grande mercado, a certeza de clientes e um maior poder de decisão e controle de sua vida em relação a quem está fora da favela³⁸⁰. Somente no caso dele é possível verificar o quanto a

377 Nota de campo, EL, sem data, pg. 13, 15 e 16, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

378 Nota de campo, EL, sem data, pg. 13, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

379 Nota de campo, EL, sem data, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

380 Nota de campo, EL, sem data, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

atividade empreendedora articula aspectos como a diversidade e complexidade de empreendimentos, as relações com a ilegalidade, a forma como o empreendedor se vê como trabalhador e, ao mesmo tempo, fazendo parte de uma camada diferenciada dentro da favela.

Tendo como principais atividades a confecção de roupas e a venda destas em sua loja, Gutemberg também buscava outras atividades, como a venda de mercadorias contrabandeadas e a venda de botões revestidos, esta última, sugerida pela própria pesquisadora. *I told him that the price of the machine was the same as the cost of covering about 400 buttons. The idea of a precise cost analysis had never occurred to him, though he had something along those lines in mind.*³⁸¹. Em outro trecho, atenta à jornada semanal de trabalho, às poucas horas de folga e aos dias de falta devido a problemas de saúde, a pesquisadora destaca: *He does not think he works very hard*³⁸². Tendo como tema principal os negócios levados a cabo pelo morador, a pesquisadora vê como principal motivação para Gutemberg realizar seu trabalho e investimentos na loja, a clientela e a sua rede de relações com outros lojistas. Nesse sentido, a observação de Elizabeth Leeds enfatiza o quanto a dinâmica dos negócios estão diretamente atrelados a essas redes de relações que dão suporte a ele, sobretudo a rede de lojistas, na forma de circulação de informação (fofoca), autoajuda ou troca de pequenos serviços e proteção mútua entre os lojistas³⁸³.

Outro ponto destacado é a organização sindical e o modo como o morador percebe este tipo de associação de trabalhadores. Vale a pena transcrever o registro:

He is similarly free not to join a union. He feels that his future is determined partly by his own efforts and partly by competition from clothing factories, but that a union would be able to do very little for him. The workers are decentralized and autonomous. Many of them have other jobs, and use tailoring as a way to make a little more money; it would be extremely difficult to organize them. He says that if he worked outside the favela, he would have to join a union; since he is self-employed, his dues would be high. In fact, he is mistaken. He would not have to join one of the labor sindicatos, but he might have to join an associação de classe. (Nota de campo, EL, sd, pg 12, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

Apesar de sua análise sobre a organização sindical não se estender muito, nesse pequeno trecho percebe-se a sua atenção ao modo como se organiza politicamente esta rede de relações – alfaiates, costureiros – e à forma como se contrapõe à percepção de Gutemberg, ao afirmar que não se inseriria num sindicato, mas em uma associação de classe. Outra representação do morador é a visão liberal de que seu sucesso profissional depende somente de seus esforços, e da livre competição entre os

381 Nota de campo, EL, sem data, pg. 14, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

382 Nota de campo, EL, sem data, pg. 4, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

383 Nota de campo, EL, sem data, pg. 10, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

profissionais, descartando a força de uma associação profissional. Tal colocação mostra o modo como o morador pensa politicamente o seu ofício, a manutenção de seus empreendimentos e a defesa da livre iniciativa, dos valores e princípios liberais, ainda que não os nomeie literalmente na sua fala com a pesquisadora.

A atuação das diversas redes de relações entrelaçadas também é demonstrada como um fator importante na atividade empreendedora. A articulação entre o grupo dos lotéricos, dos desempregados, da família do morador e dos diversos grupos de frequentadores operam para a dinâmica dos negócios e para a interação entre os diversos atores. Ainda que a ênfase dessa observação de campo estivesse voltada para o aspecto econômico, cumprindo o objetivo de explicar a dinâmica do comércio na favela, a identificação de redes entrelaçadas, apontando para as relações e interações políticas e sociais entre os atores com quem Gutemberg interagia, ganhou um peso tão importante quanto o comércio em si. Assim, os modos como a fofoca, a interação entre os grupos, a autoajuda, a autoproteção, a troca de favores e pequenos serviços entre os atores estão identificados como elementos que alimentam o comércio e vice versa.

Tal como Gutemberg, outros comerciantes também se auto representavam de modo a formarem uma rede que buscava diferenciar-se do conjunto de moradores não empreendedores. David Morocco registra a política entre comerciantes e seu círculo social através da fala de Ramos, seu interlocutor³⁸⁴. Ainda que sejam poucas linhas, é possível constatar a dinâmica política da associação de comerciantes e sua articulação com a igreja. Em primeiro lugar, chama atenção a motivação, declarada por Ramos, para a criação da associação de comerciantes.

The idea is so that they will have more power in dealing with people in the outside, because often people dont want to deal with favelados. There are merchants from all parts of favela. He explained that there was no place where his kids and the kids of the other merchants could meet, and that what they were actually doing is creating a club for the elite of the favela. (Nota de campo, DM, 20/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Ramos, personagem frequente na vida política do Jacarezinho, sobretudo no fornecimento de luz e na representação da favela junto a região administrativa, ao final da conversa com David, diz estar fora da disputa política da associação de moradores. Porém, como a nota revela, estaria engajado em uma outra esfera política – a associação de comerciantes e a criação de seu clube – identificando-se não mais com os “favelados”, mas com o que representa como “elite” da favela.

Nas entrelinhas desse registro, é possível ver que estes comerciantes, ao menos no que Ramos

384 Nota de campo, DM, 20/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

diz, não se veem como favelados, a ponto de se articularem para fazerem essa ponte entre os de fora e os de dentro da favela, bem como a falta de disposição destes de fora lidarem diretamente com os de dentro. Além disso, há claramente o desejo de distinção social destes comerciantes na criação de um clube para a elite da favela – os próprios comerciantes, no caso. Nesses casos, tanto de Gutemberg quanto de Ramos, o desejo de ascensão e distinção social, além da própria iniciativa empreendedora, em nada se assemelha ao mito da cultura da pobreza, tampouco os enquadra na visão de população marginal. Ao contrário, todos os moradores estavam estreitamente integrados aos valores e a dinâmica de mercado, isto é, estavam econômica e socialmente integrados.

No contexto de uma favela, a própria concepção de empreendedorismo assume um caráter mais complexo quando se considera o acesso a determinados recursos, como financeiros, materiais e legais, embora haja abundância de recursos humanos e políticos. Desse modo, assume um caráter de grande empreendimento toda e qualquer atividade que se demande acionar tais recursos, sobretudo para aquela atividade que é vital para um morador: a construção de casas. Se a questão da posse e uso da terra é algo central na vida de quem mora nestas localidades, a construção de uma casa, do ponto de vista de um empreendimento que requer a mobilização de diversos recursos, humanos, materiais, financeiros, além do tempo, também se mostra uma atividade que agrega diversos capitais. Em contrapartida, o uso e posse de uma casa, legal ou ilegal, traz como retorno uma nova fonte de renda, sobretudo para aqueles que não tem outro empreendimento. No entanto, nos registros dos pesquisadores não é rara a combinação deste empreendimento com mais um outro.

O caso de Marienete, registrado por Anthony Leeds, por exemplo, mostra a manutenção simultânea destas duas atividades empreendedoras – o botequim e a casa fora da favela³⁸⁵. Além desta diversificação da atividade empreendedora numa única pessoa, ressalta nessa nota de campo o fato de estar incluída nas suas atividades a escolha em residir na favela, mesmo tendo uma casa fora. Ou seja, a escolha do modo de vida sendo influenciada pela atividade empreendedora e a valorização da casa como fonte de renda e de capital.

Outro caso registrado por Leeds³⁸⁶ é o de Romano que, tal como Marienete, investiu na construção de sua casa. O que se destaca nesse registro, não é exatamente a escolha empreendedora, mas a quantidade de recursos mobilizados pelo morador para o empreendimento. O que, à primeira vista, pode parecer simples, descortina-se complexo ao ressaltar as condições de vida do morador, sua renda e, sobretudo, outros recursos que podem estar disponíveis se o morador souber como e quando

385 Nota de campo, AL 23/2/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

386 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

acionar. Não por acaso, o pesquisador registra os custos da casa junto com a condição de trabalho do morador e da sua renda flutuante – *faz biscatinho here and there to this of that. Has to arrange job (...)*³⁸⁷. Diante de tais condições, para que seja possível a realização deste empreendimento, o morador relata, junto com os custos, os meios acionados para levantar capital. Apresenta-se não só a conta do custo, como também a participação da Fundação Leão XIII no processo: *LXIII giving 200+sacos de cement – what good is that*³⁸⁸. Ainda que nem todos os itens arrolados na anotação de Leeds sejam legíveis, o conjunto da anotação deixa clara a conta de uma casa, bem como os custos a cargo da Fundação Leão XIII, da COHAB e as contribuições de outros moradores. *Terra de [] 6.000; 4 sacos de cimento – 14.000; 500 [] 25.000; 635 [] 5150 – COHAB – 4 canteiros de areia. Jonas gave door - \$10.000*³⁸⁹.

Esta passagem remonta à política de construção de casas populares a cargo da COHAB e da Fundação Leão XIII, impulsionadas pela USAID e o Acordo do Fundo do Trigo, assinado em 1962 (GONÇALVES, 2013; BRUM, 2011; LEEDS e LEEDS, 2015). Segundo Brum (2011), uma das características desse acordo, que destinava recursos financeiros para o melhoramento das favelas, através da intermediação da USAID e da Aliança Para o Progresso, a Fundação Leão XIII seria responsável pelo planejamento urbano, reconstrução de habitações, entre outros. Conforme afirma Brum (2011), esta fundação foi incorporada pela COHAB ainda em 1962, passando a administrar os recursos do Fundo do Trigo e a Fundação transformou-se em um departamento de bem-estar social da COHAB (BRUM, 2011: 77).

O trecho também ilustra o apoio e a contribuição de pessoas próximas ao morador na construção de sua casa. Leeds em artigo sobre o mito da ruralidade urbana, destaca a “rapaziada”, categoria acionada para designar um dos *grupos de apoio na crise*, presentes nas favelas. No argumento de Leeds, estes grupos seriam um dos traços estruturais, cuja falta resultaria na marginalização dos moradores. Para Leeds, estes grupos de apoio na crise seriam fornecedores de mecanismos de segurança em tempos de crise (LEEDS e LEEDS, 2015: 158). Talvez este tenha sido um dos episódios vividos em campo que fundamentou a elaboração desta categoria, bem como a análise da autoajuda, um dos aspectos privilegiados por Leeds em suas pesquisas nas favelas. A autoajuda foi um importante aspecto abordado na consultoria feita para o *Projeto BEMDOC* em 1966, e para a pesquisa feita para o *Projeto Cenpha-Columbia* em 1968. Nesta, o antropólogo pretendia estudar estes mecanismos para,

387 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

388 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

389 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

posteriormente, sugerir políticas governamentais que incentivassem a autoajuda entre os moradores das favelas (VIANA, 2014: 118 a 120; 135). Ledds, em sua avaliação do projeto BEMDOC, frisa que a autoajuda não era uma novidade, já estando presente nas propostas de mutirão de José Arthur Rios quando era Coordenador de Serviços Sociais do Estado da Guanabara na gestão de Carlos Lacerda³⁹⁰.

A construção das casas como empreendimento não é claramente destacada nos registros imediatos de A. Leeds. No entanto, esta inferência se faz importante quando se consideram os riscos e a diversidade de capital acionados para a construção de uma casa. Por outro lado, quando se considera que diante do contexto de uma favela, onde a maioria não tem título de propriedade dos imóveis, do terreno, e onde a questão fundiária nunca se resolveu, ter uma casa significa deter um capital econômico a curto e médio prazo, além de algum capital social e político. Logo, é perfeitamente compreensível identificar esta atividade como um empreendimento da maior complexidade³⁹¹.

Naturalmente, este empreendimento envolve outros igualmente complexos, sobretudo no contexto de uma favela na década de 1960. A construção de uma casa para seus possíveis usos como fonte alternativa de renda e de capital, requer uma outra atividade altamente empreendedora e atrelada à valoração da casa enquanto capital: o fornecimento de serviços básicos como água e luz. Muito além das disputas políticas, da qual trataremos adiante, o fornecimento destes serviços também envolve o trabalho de moradores para organizar e para realizar as instalações necessárias. Também demanda um volume de capital para cobrir todos os gastos, incluindo aqueles destinados ao gerenciamento dos serviços, tais como carimbos, recibos, contabilidade, etc. *Luz has 6 million in Hermes part – all diretoria ([] Jim) put in 10 US of 200,000 in caixa. Indemnity or surance pay to all future workers [] [] - Jonas leaving about 400,000 +/- for new diretoria – used of 10,000,000 cruzeiros [] 3,600,000 (...)*³⁹².

Somente por este pequeno cálculo, referente a um só serviço, é possível ter uma ideia das diversas fontes de recursos e do volume de capital envolvido. Muito provavelmente, esta conta tenha sido inserida no cálculo apresentado por Leeds no texto *Quanto Vale uma Favela*, no qual mostra que o capital circulante em cada favela era maior que todo o orçamento do estado da Guanabara, mesmo sem contar no cálculo o valor do trabalho humano envolvido (VIANA, 2014: 149 a 151; LEEDS, 2018; CAVALCANTI, 2018). Não por acaso, o controle destes serviços, sobretudo a luz, fora alvo de diversas disputas políticas, como veremos adiante. Tal como ilustra o caso da distribuição ilegal de água para

390 Avaliação BEMDOC. Abril/maio de 1966. BR RJ COC LE RI 02.

391 Licia Valladares analisa mais detalhadamente o mercado de casas na Rocinha no contexto das remoções iniciadas na década de 1960 em sua obra *Passa-se uma casa. Análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Ver VALLADARES, 1978.

392 Nota de campo, AL, 17/8/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

20 casas, viabilizado por Geraldo Moreira, político do PTB no período³⁹³, o controle destes serviços, seja legal ou ilegal, significava também a obtenção e/ou acionamento de outros capitais, sobretudo o político, dentro e fora da favela.

Em conformidade com o atendimento às demandas e iniciativas empreendedoras dos moradores das favelas, o crédito entre os moradores aparece também como mais um empreendimento. Diante da impossibilidade de se obter crédito por meios legais e oficiais, o empréstimo de dinheiro é acionado como mais uma fonte de recurso financeiro. O caso de Romano, mencionado acima³⁹⁴, é um exemplo. Além de acionar a Fundação Leão XIII e a COHAB para a construção de sua casa, também aciona o 'cumpadre' Ramos uma vez que sua fonte de renda era variável e flutuante. Ou seja, a construção das casas fomenta a prática de empréstimo de dinheiro entre os moradores e vice versa. Logo, esta prática se mostra como mais um elemento para a dinâmica econômica das favelas, sobretudo nestes empreendimentos em que se requer um investimento a curto prazo. Torna-se, portanto, uma outra prática empreendedora que fomenta outros empreendimentos, seja legal, ilegal ou informalmente, pois atua de modo a intensificar a circulação de capital dentro das favelas. Por outro lado, o acionamento de crédito depende do capital social de cada morador, das redes nas quais o morador se insere e que disponibilizam mais este recurso. Mais uma vez, se percebe a imbricação das esferas social e econômica na dinâmica empreendedora e do desenvolvimento dentro da favela.

Em outro caso relatado por David Morocco³⁹⁵, entra outro elemento na viabilização dos empreendimentos dos moradores, a atuação dos órgãos públicos na melhoria da urbanização. O interlocutor de Morocco, por exemplo, além de ter um botequim e uma mercearia, tinham um imóvel, localizado perto do rio, e que pretendiam alugar. O proprietário do imóvel desejava consertar a casa e já havia comprado todo o material, mas ao ouvir sobre a possibilidade de canalizar o rio, aguardaria a decisão da COHAB – se canalizar, demole a casa por não saber o que o órgão faria com as casas ao longo do rio, se não, consertaria. Este impasse de ordem econômica e individual do morador aparece diretamente atrelado às decisões políticas tomadas pelos órgãos públicos, sobre os quais o morador não tinha nenhuma ingerência. Isso, em parte, explica a dinâmica e o reforço das relações políticas dos moradores, que podem ser vistas como resultados de situações desse tipo, em que as atividades de natureza econômica se encontravam emperradas. Além disso, vê-se a importância da urbanização para estes moradores, no sentido de melhorar suas condições de vida e de renda, uma vez que suas casas são

393 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

394 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

395 Nota de campo, DM, 22/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

resultado e fontes de diversos recursos e capitais.

Há ainda outros relatos sobre atividades empreendedoras nas favelas que levantam outra questão importante. A necessária integração entre os empreendedores da favela com os de fora. O caso do açougueiro e abatedor que, além de ter duas casas, compra seu gado de fazendeiros de MG, traz o gado para o RJ e fornece carne para açougues de fora da favela é um exemplo³⁹⁶. O seu trabalho, por se voltar também para o abastecimento fora da favela, interliga o capital que circula fora da favela com o que circula dentro, através do seu trabalho de transporte do gado e da venda. Outro exemplo é o acesso ao serviço de contabilidade legalizada dentro da favela, oferecida por uma empresa de fora³⁹⁷. Por mais ilegal que fossem seus empreendimentos, os moradores conheciam e tinham acesso a esse serviço de contabilidade. Logo, constitui-se mais um exemplo que problematiza a ideia de que as favelas seriam isoladas da cidade. Se havia um limite no espaço físico e na imagem estética das casas, este se tornava fluido em se tratando de capital financeiro e troca de bens e serviços, para não mencionar o trabalho humano.

Com toda esta variedade de iniciativas empreendedoras dos moradores, as formas como tocavam em frente seus negócios mesmo na ilegalidade, requerendo uma destreza social e política, dá a estas práticas toda uma complexidade, sobretudo se considerarmos a restrição de acesso a determinados bens e recursos para poderem realizar suas atividades. Logo, este conjunto de práticas empreendedoras, cuja realização requer o acionamento de um arsenal de capital político, social, financeiro e humano, mostra uma variedade de sentidos possíveis para o entendimento do que venha a ser empreendedorismo.

Outro aspecto importante impresso nessas práticas de empreendedorismo entre os moradores, a autoajuda também pode ser considerada como mais um elemento da esfera social, nas suas mais diversas formas, que viabilizaram os empreendimentos no período. Se a casa deveria ser melhorada, o mutirão era uma forma de realizar o empreendimento. Se a loja deveria vender mais, a fofoca e a comunicação era outra forma de popularizar o empreendimento. Dessa maneira, também é possível verificar como os empreendimentos se retroalimentam, seja através da fofoca, como no caso de Gutenberg, seja na formação de uma rede de empreendedores, mesmo com a clara intenção de traçar uma distinção com os outros moradores. O estabelecimento de serviços essenciais à moradia numa favela é um empreendimento coletivo e que movimenta capitais e outros empreendimentos. A melhoria das casas ou sua construção é outro empreendimento que retroalimenta o comércio de construção, o empréstimo de dinheiro, o mercado imobiliário, independentemente da legalidade ou ilegalidade.

396 Nota de campo, DM, 7/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

397 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Muito além de ser visto pelo viés da materialidade e da geração e circulação de capital, o trabalho também foi descrito nas notas de A. Leeds como espaço de sociabilidade, sobretudo quando tomava a forma de mutirão³⁹⁸. Somente na nota de 5/6/66, na qual relata o mutirão na casa de Orestes, é possível verificar outras nuances deste trabalho coletivo que extrapolam essa perspectiva econômica.

Num encontro de 9 pessoas, incluindo o pesquisador, percebe-se pelas falas registradas que a realização do mutirão envolvia a confiança entre os moradores; a expectativa de uns em relação aos outros, de modo a ressaltarem que *Jaime furou* e que *Even Jair helped out a little bit*; o comportamento dos participantes, *Otacilio stood looking around, disappeared, came back in short and [] his back* – e de Baptista – *singing samba*; e a divisão do trabalho *D. Maria and Denair in kitch making special meal. Started at 7 at 9 sandwiches 2 coffee []*³⁹⁹.

Logo, o que se mostra relevante nesta atividade coletiva não é exatamente o que será construído, mas a mobilização social envolvida nesta atividade. Mesmo quando vemos a divisão do trabalho, a incumbência das mulheres pelas tarefas domésticas, percebemos que este trabalho não se realiza de modo separado do mutirão, inserindo-se de modo igualmente coletivo. O que está por trás dos sentidos do mutirão seria a autoajuda no seio do próprio convívio social dos moradores e a valorização do trabalho como forma de sociabilidade.

Essa valorização e representação do trabalho como convívio social e produção coletiva também é mostrada por um morador numa reunião na associação dos moradores para tratar de um mutirão com os comerciantes para pavimentar as ruas principais do Jacarezinho⁴⁰⁰. No trecho “*sentir o calor do nosso trabalho*” *w govt, sociologist of Tex – all juntos*⁴⁰¹, percebe-se que a prática do mutirão também assumia formas maiores, envolvendo diversos grupos dentro da favela, incluindo pessoas ligadas ao governo. Logo, também era uma prática passível de ser utilizada como capital político pelos moradores e pelos políticos de fora da favela. Não menos importante, aparece nesse pequeno trecho o destaque ao trabalho em si e à presença de um sociólogo da Universidade do Texas entre eles, valorizado no mesmo patamar que os representantes do governo. Mais um dos poucos registros em que a presença do antropólogo é percebida como alguém de fora do campo, ou ainda, da favela, bem como é registrada na nota de campo.

Por outro lado, alguns poucos registros dão conta das situações de trabalho, tanto formal quanto

398 Vide foto em anexo: Anthony Leeds e Orestes colocando escada. Há no acervo de Anthony Leeds, custodiado na COC, imagem de mutirão realizado na favela Macedo Sobrinho para instalar encanamento de água.

399 Nota de campo, AL, 5/6/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

400 Nota de campo, AL, 12/6/68, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

401 Nota de campo, AL, 12/6/68, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

informal, vivido por estes moradores. Além do caso do trabalho informal, ou biscates, exemplificado por Romano⁴⁰² – *faz biscatinho here and there to this of that. Has to arrange job (...)*, há também o registro de Ken Erickson⁴⁰³, no qual é possível verificar que a oferta de trabalhos informais, bicos ou biscates (*odd-jobbings* na nota de campo), constitui um importante capital político para o morador que controla esta oferta – no caso, Ramos – bem como para os políticos de fora da favela apoiados por este. Não por acaso, Paul Silberstein deu atenção a este tipo de trabalho, desenvolvendo estudo apresentado na disciplina Antropologia Urbana na forma de seminário⁴⁰⁴. Ainda que não tenhamos no acervo de Leeds este estudo de Paul Silberstein, é possível verificar, somente nesta nota de Ken Erickson, o quanto estes bicos ou biscates extrapolavam as demandas econômicas e sociais dos moradores que exerciam estes trabalhos. Ou seja, atendia também às demandas políticas de atores de dentro e de fora da favela como um meio de troca de favores e de votos.

3.2 - Vida Social

Dada a própria natureza do trabalho etnográfico, a inserção do pesquisador nos diversos âmbitos da vida social dos seus interlocutores é algo inescapável e, ainda que se afirme a necessidade de manter o sistema *in natura* (LEEDS, 2018 [1968]), o mergulho na vivência com os interlocutores requer a atenção e o registro dos diversos aspectos mínimos que se apresentam nessa convivência. Ainda que o objeto de pesquisa não esteja diretamente relacionado ao evento no qual o pesquisador se insere, toda e qualquer experiência cotidiana se torna necessária, bem como o seu registro. Nesse sentido, a inserção dos pesquisadores desta rede que estamos analisando mostra-se profícua, dada a diversidade de ocasiões em que puderam vivenciar junto aos moradores das favelas, dando aos seus registros uma diversidade de temas tão extensa, que seus trabalhos futuros não puderam abranger.

Ainda que não tenha sido alvo sistemático de suas análises, tampouco tenha dedicado algum artigo ou texto dedicado à vida social nas favelas, este tema, mais especificamente os costumes, a linguagem, a vida cotidiana, são elementos destacados nas anotações de campo de Anthony Leeds, David Morocco, Peggy Rockefeller e Paul Silberstein. Estes últimos, cujos trabalhos voltavam-se para

402 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

403 Nota de campo, KE, 12/12/66 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

404 Trata-se do texto *Social aspects of Odd-Jobbing in Rio de Janeiro*. 1970. Rio: Museu Nacional, Programa de Pós Graduação em Antropologia Social – Antropologia Urbana, trabalho de seminário. Esta referência encontra-se em Leeds e Leeds, 2015: 315. Anthony Leeds era o regente desta disciplina no Museu Nacional em 1969. Naturalmente, o estudo teria sido encaminhado a ele e devolvido ao Silberstein. Provavelmente por este motivo, este documento não se encontra no Fundo Anthony Leeds custodiado na Casa de Oswaldo Cruz. Esta obra também não está disponível no Museu Nacional, nem na UFRJ.

o samba, o crime e a educação e a vida religiosa respectivamente, imprimem um destaque maior a estes aspectos em suas notas.

O peso da vida social nestas notas de campo se mostra articulada àquilo que teriam concentrado suas atenções, qual seja a vida material, econômica e política. Coerente com a sua colocação de que a interdependência entre as esferas econômica e social não deveriam ser ignoradas nas metodologias das ciências sociais ao analisar a estrutura de classes, a mobilidade social e a ordem social (LEEDS, 1967), é possível verificar esta articulação nas anotações que tratam dos diversos aspectos da vida social. Mesmo quando a anotação de campo não é de sua autoria, o próprio fato de guardar as notas cujos assuntos não tratam diretamente de seus objetos de estudo sugere ao menos a consideração destes variados âmbitos da vida social na compreensão da vida econômica, material e política.

Em sua análise, entre os aspectos valorizados pelos moradores na sua vida social estão as organizações voluntárias de futebol e samba, as possibilidades culturais tais como as festas e o treinamento em outros idiomas, o crime e, sobretudo, a liberdade (LEEDS e LEEDS, 2015: 171 a 175). Cabe observar a menção, mesmo breve, às organizações de futebol no rol destas variáveis, bem como o treinamento em outras línguas uma vez que, se não aparecem nas notas, também não foram alvo de análise mais detalhada. Neste trecho de sua obra, todos estes aspectos aparecem como valores urbanos, mais precisamente a preocupação com a liberdade, considerada por ele essência da vida urbana (LEEDS e LEEDS, 2015: 176). A atenção aos símbolos externos da pobreza como a vestimenta, o modo de se expressar e as maneiras são descritas como formas de distinção que levaria ao tratamento diferenciado em locais públicos (LEEDS e LEEDS, 2015: 115, 116). Esta atenção mostra os aspectos simbólicos e da vida cotidiana de modo entrelaçado com a condição de classe, ou mesmo com a conformação e identidade de classe, tema caro ao antropólogo em toda a sua obra. Em outras palavras, estes aspectos simbólicos e corriqueiros da vida social espelhariam a situação de classe, ou ainda seriam meios para analisar as classes sociais.

Desse modo, a forma como analisa o uso das gírias e o exercício da liberdade, em contraposição à classe média, nos indica esse entrelaçamento:

A linguagem da gíria da favela é uma impropriedade para maçante e apática classe média que define aqueles que a utilizam como brutos, assassinos, ladrões, maconheiros, malandros. No morro, eles são livres para usar essa linguagem rica, engraçada, irônica, alusiva e totalmente incompreensível para estranhos. Com ela, eles podem gozar o sistema que traz tantas encrencas e privações. (LEEDS e LEEDS, 2015: 175).

Entre estes aspectos valorizados pelos moradores, há pelo menos dois que concretizam melhor esse entrelaçamento com as classes sociais e com a vida política: o crime e o carnaval. O primeiro, em

seu entendimento, constitui um conjunto de atividades envolvendo especialização, treinamento, organização e hierarquia (LEEDS e LEEDS, 2015: 174). Logo, é possível deduzir que seus praticantes demonstram não só habilidade técnica mas pensamento estratégico e cálculo em alguma medida. O carnaval constitui o exemplo mais emblemático desse entrelaçamento, pois traz consigo um peso político e econômico para a favela. É o que se evidencia em sua análise quando menciona a lista de políticos frequentadores das escolas de samba nas favelas. Se o carnaval é uma fonte de recursos econômicos e políticos para a favela, também o é para as elites quando buscam uma coalizão com o proletariado, bem como para os políticos não moradores da favela, que podem oferecer recursos ao mesmo tempo em que usam as agremiações para buscar apoio político. Entre as benesses para as elites e governo, resultantes dessa coalizão, estão a comercialização do carnaval, a cooperação com o departamento de turismo, com as grandes indústrias, a promoção dos negócios das elites e do governo (LEEDS e LEEDS, 2015: 171, 172, 225, 226).

A escolha pela favela como um refúgio, onde a liberdade de se viver a seu modo é garantida (LEEDS e LEEDS, 2015: 174, 175), traz consigo suas redes de relações, algumas concretizadas nos grupos de futebol e de carnaval (LEEDS e LEEDS, 2015: 214). Estas redes interproletárias constituem redes de sentimentos, autoidentificação e interesse, que apresentam variedade, mobilização e utilidade. Seriam grupos solidários cujo entendimento se daria através do parentesco, compadrio, amizade, troca de favores, etc (LEEDS e LEEDS, 2015: 214, 15). Nesse sentido, é possível deduzir que estas redes interproletárias abrangeriam os chamados grupos de apoio na crise, categoria analítica de Leeds. A relevância desta categoria se evidencia tanto em sua obra, quanto em suas notas de campo nas quais são inúmeras as referências às rapaziadas, exemplo típico desta categoria.

Esta mesma categoria encontra-se na análise de Silberstein sobre a contraexploração (SILBERSTEIN, 1969: 194, 195). Ao mesmo tempo em que ilustra os casos em que ocorre uma contraexploração, também ilustra outros tipos de relações de interdependência não necessariamente pautadas pela relação exploração-contraexploração (SILBERSTEIN, 1969: 195). Inclui dois exemplos que vale a pena colocar. O primeiro exemplo é o dos botequins como espaços de proteção para dramas modernos (SILBERSTEIN, 1969: 194), contido no estudo de Machado da Silva (1969). Neste, o botequim pode ser entendido como lócus de *grupos de apoio na crise* tendo em vista que para ele, esse local é uma alternativa aos não adaptados à competitividade da sociedade urbana (MACHADO da SILVA 1969: 179). O outro exemplo de grupo de apoio na crise é o grupo de mulheres que lavam roupa juntas e que trocam entre si presentes de comunicação como a fofoca, autoproteção e ajuda mútua nos

cuidados com a casa diante dos poucos recursos (SILBERSTEIN, 1969: 189). Segue abaixo a forma como os diversos aspectos da vida social foram abordados nas notas de campo, tais como a vida religiosa, a vida íntima, as comemorações, o estigma e os crimes.

Nas notas de campo de Anthony Leeds que tratam especificamente da vida religiosa⁴⁰⁵ e na nota editada a partir das observações de Paul Silberstein⁴⁰⁶, apenas uma se refere ao candomblé. As outras tratam das religiões católica e das igrejas neo pentecostais. Os aspectos mais enfatizados não tratam do funcionamento ou princípios religiosos dos credos em si mesmo, mas da interação dos moradores com estes credos, além da constatação do crescimento de novas igrejas neo pentecostais na favela.

Em nota sobre a igreja católica, Anthony Leeds apreende a representação de um morador sobre o que seria um bom trabalho religioso. *Irmãs não fizeram bastante visita nem trabalho. [] com comida pra os necessitados. Tork 50% of []. Didnt do cathecism enough. Pe. Nelson cut their []. The people [] w. irmãs dont merecem confiança*⁴⁰⁷. O que está sendo enfatizado não é necessariamente o trabalho religioso em si, mas o que o morador espera ser, concretamente, um bom trabalho religioso. Trata-se portanto dos modos como se dá a interação estabelecida entre moradores e a religião, de modo que a confiança aparece como algo a ser conquistado, ou ainda, como um elemento central nessa interação. Por outro lado, o critério acionado pelo morador, e registrado pelo pesquisador, para qualificar o trabalho religiosa passa pelo atendimento a demandas materiais.

A interação dos moradores com as igrejas neo pentecostais se dá em outras duas observações registradas⁴⁰⁸. Na nota editada a partir das observações de Paul Silberstein, o aspecto dessa interação religiosa dos moradores recai sobre o atrelamento entre a prática religiosa e o atendimento às necessidades materiais dos moradores. Ainda que a análise se inicie com as diferenças entre as igrejas evangélicas neopentecostais: assembleia de deus e igreja batista, e as *revival churches*, nas palavras do editor da nota:

(...) The real difference is that these churches [assembleia de deus e batista] have taken various significant steps to improve the welfare of their members in terms of physical concrete help, often being without any religious connections or overtones. To do this they have been willing to dispense with spiritual precept that the revival churches, in contrast, regard as untouchably sacred. The solving of real social needs by medicine, funding loaning to the poor, educating children to the most expected norms of society and modes of normal social conduct are considered anti-christian behavior by the revival churches. (*Jac. From notes of Paul's edited*. Nota de campo, sd, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

405 Notas de campo, AL, 10/11/65; 17/8/66; 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

406 Nota de campo, *Jac. From notes of Paul's edited*, sd, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

407 Nota de campo, AL, 10/11/65, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

408 Notas de campo, AL, 16/12/66; *Jac. From notes of Paul's edited*, sd, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Seguindo essa linha, sua última conclusão é: *For the lack of better terminology, these churches, in opposition to revival groups, and those in transformation, have been given the title of “churches in transition”*⁴⁰⁹.

Ou seja, percebe a diferença entre as igrejas em termos de oferta de melhorias da vida material, e não necessariamente em preceitos religiosos. Ao considerar os serviços adicionais prestados pelas igrejas como elementos que explicam a sua crescente respeitabilidade entre os moradores, a preocupação com o atendimento às necessidades materiais é o que dá centralidade da sua observação. O fato do melhoramento das condições de vida estar presente e ter centralidade na interação entre os moradores e as religiões, em contraste com os preceitos religiosos, é bastante revelador da articulação entre as esferas social e econômica da vida e, no caso, incluindo o aspecto simbólico como algo a ser visto de maneira concreta e material, sem qualquer desprendimento ou abstração.

Na listagem em que observa o crescimento das igrejas neo pentecostais⁴¹⁰, o contraste apresentado pela observação do antropólogo não é exatamente a materialidade versus os preceitos religiosos, mas dois tipos de contraste na representação dos moradores: o primeiro, entre as igrejas pentecostais – adventista, testemunhas de Jeová, metodista, batista, assembleia de deus, congregacional – e as religiões espíritas – agora diferencia o espiritismo Kardecista. De modo implícito aparece o segundo contraste, qual seja, entre espíritas, identificados como *kardecistas* e *macumba*, termo acompanhado da observação *many*. Percebe-se nessa observação de campo, por parte do antropólogo, um maior entendimento sobre as religiões locais, se comparados às suas observações anteriores em que não ficam claras estas diferenciações e, por parte dos moradores, o modo como se referem às religiões de matriz afro, criando um outro conjunto, superficialmente homogêneo e não especificado para o antropólogo. Mal ou bem, esta forma de representar de maneira homogênea um conjunto de religiões que eles sabiam ser diversificado também indica um tipo de interação dos moradores com estes credos. Ou ainda, como algo a não ser dito, ou desejável não demonstrar conhecimento sobre.

Em relação ao candomblé, a visita de Anthony Leeds e outros moradores ao terreiro de Pai Antônio em Anchieta é registrada para além da descrição dos aspectos físicos do terreiro⁴¹¹. O enfoque de sua observação gira em torno das relações dos moradores com o anfitrião e do comportamento de seus interlocutores durante o evento. O terreiro de candomblé, em sua observação, é identificado como um espaço de sociabilidade, conformando-se numa rede e num ponto de conexão de redes. Nesse

409 *Jac. From notes of Paul's edited.* Nota de campo, sem data, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

410 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

411 Nota de campo, AL, 17/8/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

sentido, é importante lembrar que o terreiro aparece em outras notas de campo, sobretudo quando trata das relações políticas na favela e dos moradores com os políticos de fora da favela.

Anacleto talks to Ramos and to one-legged samba man. Anacleto, ogun, [] fit to hill. Pae de santo Jorge homos, head of RR [] also homo – always go to Anacleto together. Terreiro supported by busmen. DQ and Anacleto disappear for hour; embrace [], but not participate. Flavio says he thinks Anacleto a [] – one of most frighters [] here – screw out of anything. DQ came back went to sleep – seems he's there for other reasons. Jim says He went out once, too, some kind of putterer. (...). (Nota de campo, AL, 17/8/1966, pg5, BR RJ COC LE DP PP 03 V4. Grifos no original)

Além das relações entre os visitantes do terreiro, é interessante notar nesse trecho não só o comportamento social e sexual dos participantes, mas a veiculação das informações sobre os moradores entre os próprios. Isto é, o registro da fofoca que corre entre os moradores, mas claramente exposto para o antropólogo. Além da inserção do antropólogo nesta rede do campo, a ponto de ser o receptor do que um diz do outro como se fosse mais outro morador fazendo parte da mesma trama, a observação do candomblé em termos de rede é feita quando o pesquisador se preocupa em conectar os personagens, bem como se preocupa em registrar quem mantém o terreiro. Cabe a atenção na frase originalmente sublinhada da anotação de campo – *he's there for other reasons*⁴¹² – pelo próprio Leeds. Ao sentir ou apreender no comportamento do morador outra intenção na ação, diferente daquela declarada, capta na verdade um outro tipo de inserção daquele morador naquela rede, cujo motivo ultrapassa a crença religiosa.

As religiões, portanto, são captadas como espaços de conexão entre as diversas redes do campo e como meios de se alcançar outros objetivos não necessariamente religiosos ou sagrados. Em todo caso, o elemento central destas observações parecem ser as formas de interação e os diversos usos que os moradores fazem das religiões, mais do que o seu caráter simbólico, os significados sagrados atribuídos a estas, ou a religiosidade em si.

A inserção destes pesquisadores levou-os a ocasiões em que os detalhes das relações íntimas dos moradores foram evidenciados, tendo sido alguns observados em situações em que não cabia levar qualquer tipo de instrumento de registro. Independente do contexto ou do momento do registro, importa saber quais detalhes foram evidenciados e captados pelos pesquisadores desta rede científica. Cabe lembrar a relevância dada por Leeds aos grupos de apoio na crise nas favelas, tais como a rapaziada, a meninada e a garotada. Estes grupos seriam fontes segurança em tempos de crise, atuando sob bases de solidariedade e compartilhamento de recursos disponíveis (LEEDS e LEEDS, 2015: 158, 163).

412 Nota de campo, AL, 17/8/1966, pg5, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Em um único registro de observação, A. Leeds⁴¹³ capta uma briga e separação de casal, a partida de uma mulher com as crianças, as expressões de emotividade, incluindo frases e gestos, a não aceitação da separação por parte do marido e a forma violenta com que uma criança era tratada. O que torna essa cena emotiva mais intrigante é vê-la, na representação dos moradores, associada às representações sobre as condições materiais de vida, quando se registra a preocupação dos atores com a sobrevivência um do outro, ou ainda, o fato de ser solteiro como algo determinante para a subsistência. *She left w clothes or her back []. She's "meia hã hã". She took brow and beat him, broke []. Vai com deus. (how you going to live now ?) You're a solteiro – how do you live – you live well*⁴¹⁴.

Ainda que a nota traga assuntos que não foram abordados em profundidade em seus trabalhos publicados no Brasil – a vida doméstica, a vida conjugal, a educação familiar das crianças e o âmbito emotivo da vida social, é interessante notar o modo como situa estes elementos dentro daquilo que era, a princípio, o seu interesse de pesquisa central – a vida material dos moradores e as suas estratégias para solucionar os problemas severos impostos a eles. As conexões entre o que se observa e o objeto de pesquisa não ficam claras nas notas de campo, mas certamente trazem elementos que robustecem as análises posteriores, independente dos objetos de pesquisa pré-determinados antes da entrada em campo.

A dificuldade de acesso à justiça e a legalidade nas relações íntimas constituem alvo de atenção para o antropólogo. A existência de uma igreja onde casais pudessem se casar mesmo depois da separação, registrada como uma fala de David, Orestes, Deli e Maria, a dificuldade de Deli em ter a separação legal, tendo sido o seu julgamento transferido três vezes, são elementos narrados em meio a uma reunião sobre a urbanização da favela⁴¹⁵. Esse tema à parte e aparentemente descolado do foco inicial da reunião, mostra-se ao antropólogo como mais uma estratégia de vida – a possibilidade de casamento numa situação de proibição e a dificuldade em obter a separação legal. Mostra o mecanismo do qual lançavam mão para driblar a proibição imposta pela própria religião – a realização do casamento numa determinada igreja, a *igreja verde*⁴¹⁶. Ou seja, vê a face política, no sentido do jogo de interesses e dos mecanismos de se burlar regras e imposições, até no que diz respeito à vida familiar. Em relação ao casamento na igreja verde, isto é, o casamento consuetudinário, Leeds o enquadra como uma das experiências que retratam o valor dado à liberdade na vida social das favelas. Segundo Leeds:

Finalmente, um valor que permeia a favela é a liberdade – liberdade tanto de como para.

413 Nota de campo, AL, 23/2/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

414 Nota de campo, AL, 23/2/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

415 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

416 Categoria nativa, isto é, termo usado pelos moradores.

Os moradores da favela estão bastante conscientes das restrições sociais da sociedade burguesa e burocrática exterior à favela (...). A favela propicia um refúgio contra a retórica e o vazio, as formalidades e coações das pouco compreendidas “classe média” e “elites”, *lá de baixo*. (...).

No morro, há também liberdade muito maior para escolher e manter relações com muito menos atenção para as formalidades. Para muitos, o ato legal do casamento não é tão terrivelmente importante, especialmente se a pessoa experimentou um casamento e o achou desejável. A liberdade para se casar na “igreja verde” (ou seja, estabelecer um casamento consuetudinário), ter a lua de mel no “hotel das estrelas” (isto é, na rua), estabelecer ou ao menos tentar uma vida decente sem os cuidados e requintes – custos e dificuldades – das bodas e casamentos formais é definitivamente valorizada. (...). (LEEDS e LEEDS, 2015: 174, 175).

Na esteira dos detalhes da vida íntima de seus interlocutores, A. Leeds e David Morocco observam o comportamento sexual em ocasiões festivas. O primeiro em duas festas, nas casas de duas interlocutoras diferentes⁴¹⁷ e Morocco num passeio organizado pela “rapaziada” do bloco Não Tem Mosquito, cujo registro Leeds usava como instrumento didático em suas aulas⁴¹⁸. Da atenção prestada ao comentário de Marionete, a anfitriã, e seu tio, Leeds registra: *Marionete “você pode comer sacanagem (toothpick w cheese, sausage, olives on) mas não fazer sacanagem”. Occasional boy or girl would sneak out around parked cars, etc, to go off and neck⁴¹⁹*. Em outro trecho referente a mesma festa, Leeds se refere em primeira pessoa, na preocupação do pai de Cecília em relação a ele. (...) *He was worried when we went out. Ist time that “houve alguma coisa”. Cecilia and mother assured him not. Also when I went out alone⁴²⁰*.

Aqui se desvela, além da questão do comportamento da vida afetiva, social, a percepção moral dos participantes da festa e como se representava a vida sexual, de modo a estabelecer limites a esta. É interessante também o registro, em bom português, da frase que expressa essa concepção moral acerca do que seria a sacanagem em seu duplo sentido – tanto um petisco de festa, explicado em inglês, quanto comportamento sexual, na língua portuguesa. A presença do termo *neck*, uma gíria usada para designar o “dar uns amassos”, revela o modo como o pesquisador traduziu este comportamento sexual para a sua língua, que pode constatar como algo comum entre a sua cultura e a de seus interlocutores. Por outro lado, a preocupação e vigilância do pai com as relações entre a filha e outro homem, no caso, o próprio pesquisador. As duas faces do comportamento sexual – liberdade e limites – aqui aparecem numa mesma ocasião festiva e, embora não se apresente de modo destacado na anotação de campo, constitui um elemento importante para o antropólogo sobretudo quando se vê suas considerações a respeito da

417 Notas de campo, AL, 5/6/66 e 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

418 Nota de campo, DM, 1/5/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

419 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

420 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

liberdade na favela, sobretudo a liberdade de expressão, o uso de gírias e a linguagem.

No registro de outra festa⁴²¹ em que estavam alguns dos mesmos participantes da festa anterior⁴²², este aspecto se apresenta de modo destacado em seu registro.

Sexual Behaviour. Cecilia, in house, carefully avoided any demonstration of physical interest in me. It wasn't till we were hanging around in the street that the forms of young love begun to appear – poking, [], name calling. Eliane was sort of rubbing up with Paulo – at same time encouraging [] me and Cecilia to be at each other. (...) E. said an incomplete sentence – I said “what?” she said (referring to C) “na cama” and that she'd teach you something. So good you'd be “loco para não sair do Brazil” and all waked up (...). (Nota de campo, AL, 16/12/1966, pgs 2 e 3, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Nesta passagem não interessa o que de fato ocorreu em campo, mas a observação do antropólogo sobre o que é identificado como comportamento sexual. Mesmo que a questão sobre o envolvimento do antropólogo com algum interlocutor do campo possa gerar discussões em torno da ética ou conduta da pesquisa, ou ainda sobre a naturalidade e frequência com que essas interações ocorrem, não é este o foco da tese.

Em primeiro lugar, cabe destacar a qualidade da interação do antropólogo a ponto de ser ele mesmo, ou sua presença, o mote principal de sua observação em campo. É o fato de sua presença ter motivado uma vivência no campo que trazia um tema que lhe parecia caro: a forma como se manifesta o interesse de uma mulher por um homem, cuja relevância para o pesquisador o fez destacar o ocorrido na anotação, além de nomear e sublinhar o local onde registrava esta experiência vivida no campo. Note-se que ele observa e registra o comportamento sexual de Cecília em relação a ele, mas também de Eliane em relação a Paulo, bem como o incentivo de Eliane em relação ao envolvimento de Cecília com o antropólogo. Além disso, a colocação de Eliane sobre a possibilidade dele aceitar o que Cecília teria a ensiná-lo, presume a ingenuidade do pesquisador em relação às intenções demonstradas pelas interlocutoras. Ao final da folha, escrito de cabeça para baixo, num quadro destacado, o registro dos termos: *Fazer saliência. Tirar água no poço. Besteirinha*⁴²³ pelo antropólogo mostra o quanto a linguagem está envolvida no comportamento sexual e ressalta esta atenção na sua descrição.

No passeio organizado pelo bloco NTM, o registro de David Morocco⁴²⁴ aparece o seu estranhamento na forma como rapazes dançam e no divertimento das crianças ao vê-los. *Some of the guys began dancing with each other then they began to do solo dirty boogies (we consider dirty). The*

421 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

422 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

423 Nota de campo, AL, 16/12/1966, pg3, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

424 Nota de campo, DM, 1/5/66, *Pic Nic N.T.M.*, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

*bus was loaded with little kids who seemed to get a real kick out of this. The mothers made no effort to prevent the children from seeing this and rather seemed to encouraging them (...)*⁴²⁵.

A despeito do estranhamento, é importante o cuidado de sua observação ao marcar o que ele, como estadunidense, considera obsceno (*dirty*), deixando claro que poderia não o ser para os seus interlocutores. O que reforça a relativização de seu olhar sobre essa obscenidade registrada é o fato de tomar como parâmetro o divertimento das crianças ao verem a cena, a não ocultação da cena pelas mães.

Não por acaso, a observação seguinte tem a ver com o comportamento dos casais ao chegarem na praia e no local da festa. “*Some people stayed at the hall, others went to the beach and some couples took off immediately for the 'mato'*”⁴²⁶. O fato de registrar o termo *mato* em português deixa claro que sabia o real sentido da expressão, em se tratando de um casal. Talvez se fosse um pesquisador de outro lugar não tivesse prestado atenção em algo que parece tão corriqueiro entre nós em um passeio. De tão corriqueiro, talvez um antropólogo brasileiro não tivesse registrado o fato, tampouco visto nisso algo revelador de uma peculiaridade do comportamento sexual de seu grupo. Por outro lado, cabe observar que, mesmo não tendo sido algo aprofundado nos estudos sobre as favelas, o comportamento sexual era algo que despertava o interesse de Leeds. De tal modo que esta nota de campo era usada por Leeds em seus cursos de antropologia, bem como Machado faz referência a uma entrevista que Leeds teria feito a uma senhora do Tuiuti sobre a vida sexual desta⁴²⁷ (MACHADO da SILVA, 2015).

Ainda que este tema não tenha sido devidamente analisado em sua obra, é interessante notar a frequência com que aparece em suas notas, bem como a possibilidade de tê-lo feito caso o pesquisador fizesse outra análise de suas notas de campo. Ou ainda, como diria Weber (2009), caso o antropólogo tivesse reanalisado aspectos não explorados de suas notas.

Independentemente de ser ou não objeto privilegiado de análises, o comportamento sexual contrasta com outro aspecto observado em campo e elaborado em suas obras: a vigilância dos órgãos oficiais e o controle, não só das casas, mas dos costumes, no caso, realizada pela Fundação Leão XIII. Nesse sentido, o controle, sim, assume um papel relevante em sua obra posterior (LEEDS e LEEDS, 2015), e não exatamente o contraste com a liberdade cotidiana vivida na favela. Este é o caso da nota de campo assinada por Peggy e David⁴²⁸, na ocasião em que participavam de duas festas juninas – uma realizada pela fundação e outra pelos moradores. Nos encontros para a organização da festa, houve

425 Nota de campo, DM, 1/5/66, *Pic Nic N.T.M.*, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

426 Nota de campo, DM, 1/5/66, *Pic Nic N.T.M.*, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

427 Entrevista de Luiz Antônio Machado da Silva concedida a Rachel Viana. Rio de Janeiro, agosto de 2017.

428 Nota de campo, PR e DM, 24/6/67, *Jacarezinho; Festa de São João. Peggy and David*. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

discordância entre a Fundação e os moradores sobre o nome sugerido a festa pelos moradores – festa do capo bode – e sobre os convites diante da omissão, imposta pela fundação, dos nomes dos apoiadores da festa. Concluindo parcialmente sobre as duas festas e contrastando-as, Peggy e David registram:

The festa at fundação was a flop and all they had were drinks and a casamento and a little show, but the altofalante didn't work very well. One of the futebol teams from Mosquito did a lot of work on it. The money was handled completely by the fundação social workers. The fundação party ended at 11:30 while the one below went until 3:30; at one point they had a dance going on the bridge. (Nota de campo, PR e DM, 24/6/1967, *Jacarezinho; Festa de São João. Peggy and David*. Pg 1. BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

Nesta conclusão parcial, inserem mais um grupo, pouco mencionado, mas não menos importante – os assistentes sociais da fundação no manuseio do dinheiro adquirido pela festa. Haja visto que não foram mencionados no momento da organização da festa, nem na escolha do nome da festa, mas somente ao final do registro, na visão dos antropólogos é atribuído um papel pontual a estes profissionais dentro da fundação. Por outro lado, o contraste entre o fracasso da festa da fundação e o sucesso da festa da Praça XV, realizada pelos outros grupos, se dá, segundo os antropólogos, não pelos rendimentos financeiros, mas pela extensão da festa - a dança e o horário de seu término. Fica evidente que, a despeito da tentativa de controle da fundação sobre a realização da festa (vide suas restrições em relação ao nome da festa, por exemplo), seu alcance não foi capaz de conter a outra festa, promovida pelos outros grupos de moradores – os comerciantes e os participantes do NTM. Outra questão é a tentativa de controle em si, desde o vocabulário para nomear a festa, a omissão do apoio dos moradores para a realização da festa da fundação e o seu controle financeiro. Um vez observado, torna-se claro que este controle extensivo a outros âmbitos da vida na favela além da construção das casas deveria ser bem maior, ainda que não apareça em outras notas de campo. Mostrava-se aos pesquisadores, senão um outro possível objeto de pesquisa, ao menos um aspecto importante este contraste entre o usufruto da liberdade e a tentativa de controle da Fundação Leão XIII, bem como a inconformidade dos moradores e sua contrariedade às imposições da fundação.

Sob outra ótica, a realização das festas em si, a mobilização dos moradores para realizá-las também constitui um contraste em relação à centralização imposta pela Fundação Leão XIII. Afinal, não fosse o acionamento de articulações entre os moradores, sobretudo os comerciantes e a rapaziada do NTM, e dos moradores com as fábricas do entorno, que cederam as decorações das duas festas, ambas não teriam acontecido. Isto obviamente desconstrói a imagem de que somente a fundação seria

responsável pela realização das festas ou tiraria os moradores deste lugar de pessoas que precisavam ser tuteladas pela fundação e outros órgãos do governo. Nesse sentido, os grupos de apoio na crise, categoria nomeada por Leeds como *Rapaziada*, mostram ter um papel fundamental na vida social dos moradores e na articulação entre os diversos espaços políticos e de sociabilidade na favela.

Há diversas referências às várias rapaziadas no Jacarezinho. Uma destas, está na nota de 5/6/66⁴²⁹, na ocasião da festa de Marionete, na qual o antropólogo as identifica e capta alguns elementos para defini-las como a faixa etária

Several rapaziadas wich overlap there – more or less ÷ by age – Jussara crowd; NTM; Jair Claudio (Marlene's boyfriend) from outside – hard [] w Ricardo, Danilo, Qerino [] []. Vanda – Marionete – Kreuzali – Marienete – Marlene – Marli; Jussara – Nadir – Vera – Sônia – Gracinha (mais levada “wilder”) - Jacimar – Olga – Ivette; Carlos – Antonio []: [] Ala compositores is made up of a rapaziada – Sarabanda, Lucas, (Anã), Espedito, Francelino, (Geraldo). (Nota de campo, AL, 5/6/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

Apesar de Leeds constatar, a princípio, a faixa etária como elemento que define as rapaziadas, também considera o pertencimento a determinados grupos, como as agremiações carnavalescas e, dentro destas, a identificação da *Rapaziada* da ala dos compositores que, conforme o relato de Mané sobre as agremiações carnavalescas, desfruta de prestígio e status no local. Curiosamente, não está listado nesta rapaziada de compositores o nome de Mané, o passista. Também se vê que a rapaziada não é necessariamente um grupo masculino. Posteriormente, a rapaziada assume a forma de uma categoria de análise na obra de Leeds, definidos como grupos de apoio na crise, junto da rapaziada, a garotada e a meninada (LEEDS e LEEDS, 2015: 163).

Outro detalhe merece comentário: a identificação de Gracinha, uma das moças integrantes de uma rapaziada, como “*a mais levada*” ou ainda, “*wilder*”. Terá sido observação do antropólogo ou de seus interlocutores? O aspecto da personalidade e da subjetividade da moradora apresenta-se como algo relevante, ainda que não apresentasse nesse registro os significados atribuídos pela sua subjetividade aos termos “levada” e “wilder”, bem como porquê fazia a equivalência entre os termos. De todo modo, além da ligação das pessoas pela afinidade e confiança, a consideração do perfil da personalidade parece estar associado a formação da chamada rapaziada, garotada ou meninada.

Não menos importante, cabe lembrar que esta categoria, assim como a panelinha, não foram exatamente elaboradas nas favelas. Segundo relato de Leeds sobre a influência de Thales de Azevedo em sua produção intelectual, a formação de grupos de apoio foi uma perspectiva trazida por este intelectual enquanto fazia sua pesquisa sobre carreiras brasileiras, da qual seu antigo orientador

429 Nota de campo, AL, 5/6/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4

participou como interlocutor (LEEDS, 1970). A categoria panelinha, muito acionada em seu estudo sobre carreiras, pode ter sido um paralelo encontrado para formular o que definiu como grupos de apoio na crise e nomeou conforme a categoria nativa usada pelos moradores – rapaziada, garotada ou meninada.

Mesmo que suas pesquisas não fossem orientadas exatamente para o caráter simbólico ou identitário dos moradores das favelas, estas representações feitas pelos moradores estavam presentes nas observações de Leeds e de outros pesquisadores de sua rede. Há ao menos três registros em que se verifica o estigma e os impactos sociais da identificação do indivíduo como morador da favela em relação àqueles de fora. Esses registros, mesmo sendo de situações diferentes, tratam dos impactos decorrentes da identidade de morador de uma favela e dos estigmas atribuídos a estes em relação a quem é de fora da favela.

A primeira situação descrita, trata da ocultação da origem. Neste, Leeds registra, na festa de Marlene e através da fala de outro morador, a identificação de um dos convidados como alguém que cresceu no Jacarezinho “*but doesnt like to talk about it*”⁴³⁰. A segunda, registrada por Peggy e David na ocasião da festa junina⁴³¹, descreve o fato de um participante de festa, funcionário de uma das fábricas e que não era morador do Jacarezinho, ter se negado a tirar fotos junto com os moradores, restringindo-se a ser fotografado somente com os antropólogos, e ter se negado a apertar a mão de Orestes, morador, enquanto este se despedia. A terceira trata da reação hostil de uma moradora com a abordagem policial e a valorização dada pelos moradores ao porte de documento⁴³². Ao que parece, esta valorização é justificada pela ocorrência das abordagens policiais. Cabe transcrever o trecho.

Sitting at night on Elianes doorstep the police M jeep passed – they asked if we hired there. Eliane in no friendly tone said yes – they passed. [] in back (1 of 4 in jeep) had machine gun on his lap. Girls refered several times to documentos – obving a concern. The male cousin from Olaria went [] the house gate. Use of “não repara”. (Nota de campo, AL, 16 de dezembro de 1966, pg 1, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Os dois primeiros casos retratam a vontade da pessoa de fora da favela evitar proximidade, e não querer ser identificado como morador, como é descrito no segundo caso. Provavelmente, é acionada a atribuição de estigma ao morador, ainda que não seja relatado nas notas de campo. O que cabe discutir é o que isso acarreta na relação com as pessoas de fora da favela e o contexto em que se deram os episódios. Em ambos, os atores que se revelaram hostis ao grupo de moradores estavam

430 Nota de campo, AL, 23/4/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

431 Nota de campo, PR e DM, 24/6/67, Jacarezinho; Festa de São João. Peggy and David. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

432 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

inseridos numa festa, em que se presume alguma interação com os participantes. Em ambos os casos, os atores agiram de modo a quererem estabelecer uma fronteira ou uma diferenciação com aquele grupo com o qual interagiam. Se ainda hoje essa tentativa de diferenciação entre quem reside na favela e quem não reside ainda persiste, cabe questionar quais outras situações não teriam ocorrido naquele período em que os estigmas sobre as favelas e seus moradores eram aceitos e reproduzidos pelo senso comum. Apesar do mito da marginalidade e da cultura da pobreza também ter adeptos entre cientistas sociais do período, estes não eram consensuais, como ilustra os trabalhos feitos por esta rede de pesquisadores.

O terceiro registro tem mais a ver com os impactos desses estigmas entre os agentes dos órgãos oficiais do estado, mais especificamente a polícia. A reação da moradora e a preocupação das outras em relação ao porte do documento de identificação, algo muito atual, demonstram o cerne da atuação destes órgãos – a aceitação do estigma que criminaliza e presume a culpabilização dos moradores das favelas.

A ocorrência de casos de crimes e violência foram mais registrados por Peggy Rockefeller e David Morocco. Uma vez fazendo observações conjuntas, a maior parte das anotações destes pesquisadores parecem ter um ponto em comum: a forma como os moradores vêm e lidam com os crimes e a violência, bem como o senso de justiça forjado no cotidiano da favela. Estes temas não foram objeto de estudo de nenhum dos dois, que se dedicaram à educação e ao samba, respectivamente, após a vivência no campo. Tampouco fora objeto de estudo de A. Leeds, ainda que, indiretamente e posteriormente, o fosse de Elizabeth Leeds. Afinal, nesse período a favela não se destacava pela violência, uma vez que a produção acadêmica e as políticas públicas as associava à pobreza e à marginalidade.

No passeio da rapaziada do NTM, no qual David Morocco estava presente, um dos três disparos dados atingiram um outro morador⁴³³. Além da identificação do autor dos disparos e da sua detenção por policiais, coube observar o sumiço da arma sem que ninguém soubesse ou dissesse aos policiais onde estava. Morocco, então, faz o registro da forma como tentaram resolver o caso na hora com a frase, dita por diversos moradores: *“tudo está em casa. Nós vamos resolver o caso”*. No desabafo de outro morador, surge algumas conclusões sobre o episódio: *“Some of the guys told me why there had to be prejudices. 'Estes creoles sempre estragam tudo'. A number of arguments broke out no actual fighting. (...) Though they began to sing on the buses it was obvious that there was plenty of tension. (...). We had two fights on our bus and there were three on Jim`s bus. (...).”* A nota fecha com as

433 Nota de campo, DM, 1/5/66, *Pic Nic N.T.M.*, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

conclusões tiradas no dia seguinte: (...) *Since nobody got killed and Eduardo isn't too badly hurt it appears that everybody is going to forget it. (...). Salgueiro had a pic nic the same day but they weren't so lucky and someone was killed*⁴³⁴.

Se, de algum modo, o pesquisador destaca a normalidade de incidentes como este e, comparando com o desfecho de outro passeio de moradores de outra favela, considera bom o desfecho do passeio que participou, também destaca a quantidade de argumentos acionados para justificar o episódio. No entanto, o que parece ser mais importante é a forma como lidaram com a violência e a tentativa dos moradores de amenizar a tensão. Nesse sentido, cabe verificar que a tensão seria amenizada pelo fato de tudo poder ser resolvido entre eles, sem a mediação de qualquer outra instância de fora, tampouco pela polícia. Aliás, o próprio sumiço da arma indica a mobilização dos moradores nesse sentido de solucionar o caso entre eles, e não necessariamente de encobrir o autor dos disparos.

Ainda que a nota assinada por Peggy e David seja meramente descritiva de três assassinatos⁴³⁵, os registros de David⁴³⁶ e de Peggy⁴³⁷ algumas de suas observações também se encaminham nesse sentido. Na nota de Peggy, temos o primeiro caso - *They dont know who did it and D. Maria says that 'eles não vão saber'* - e o segundo - *Last year, D. Maria's niece was killed by her husband, and although the police knew who did it, the trial was put off and put off until the relatives raised 250 mille to pay for a lawyer. Two months ago he was finally put in jail, but no one knows for how long*⁴³⁸. Se no episódio do NTM os moradores se mobilizam para resolverem o caso entre eles, nesses casos relatados por Peggy, os moradores se mobilizam para não resolver, não identificar quem praticou o crime e, por outro lado, acionam a ineficácia da justiça oficial. Estes relatos evocam os meios dos moradores lidarem com os crimes dentro das favelas e adicionam um outro elemento que é a falta de acesso a justiça oficial. A ênfase na frase, escrita em português, “eles não vão saber” sugere haver o pacto do silêncio em relação a atividades ilícitas como instrumento de autopreservação e proteção.

Destes dois episódios de assassinato, é curioso reparar que ambos envolvem a violência contra a mulher. Ainda que este tema não apareça nos trabalho de Leeds, é importante constatar que estes já estavam ali presentes nos registros, senão seus, pelo menos de alguém da equipe. Logo, apresentava-se como mais uma possibilidade de pesquisa colocada pelas notas de campo.

Nos relatos sobre os roubos, o que está em jogo não é a ocorrência do roubo em si, mas a forma

434 Nota de campo, DM, 1/5/66, *Pic Nic N.T.M.*, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

435 Nota de campo, PR e DM, 20/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

436 Nota de campo, DM, 1/5/66, *Pic Nic N.T.M.*, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

437 Nota de campo, PR, 20/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

438 Nota de campo, PR, 20/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

de solucionar o roubo, elaborada pelo morador.

He says that in Estado do Rio 'a polícia está agindo bem – pega, mata e joga no rio'. He thinks that the way to stop crime is to cut off both hands of any robber that is caught, and that after that, no one will steal. He keeps a gun and large knife next to his bed, and says that he could kill anyone who comes into his house at night because 'ou ele ou eu'. (Nota de campo, PR, 20/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.)

Nesta solução apresentada, vemos o senso de justiça do morador, feita no ato, bem como a expectativa de que a justiça oficial não funcione e que, para isso, seria preciso portar uma arma, ou ainda, o acionamento da lógica do “olho por olho, dente por dente”, elaboração frequente do senso comum, foi devidamente captada e registrada pela pesquisadora.

Somente a nota de 21/6/67, de Peggy, traz uma outra perspectiva, a do roubo como fonte de renda, ou como uma estratégia para responder a contingências impostas, igualmente elaborada pelo morador com quem interagiu.

Conversation with Flavio: (...). After much hedging, he finally told me that two years ago, Ernani's brother, 'que era ladrão', was killed by some person he was trying to rob. Flavio seemed to think that the brother was supporting the family, since the mother only washes clothes. Ernani tried to raise money for the burial of his brother and apparently had some trouble. His cousin, who now lives with him, smokes maconha and the police are often at his house to look for him. He is ladrão now too, according to Flávio. (Nota de campo, PR, 21/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

A despeito da informação ser veiculada através de outra pessoa que não aquela da qual se fala, o relato diz mais da condição de vida do morador e dos meios que o levavam a práticas criminosas do que exatamente as práticas em si. Este relato poderia ter servido de respaldo àqueles que sustentavam os mitos da cultura da pobreza e da marginalidade, sobretudo se considerarmos o peso que ganhou os estudos sobre as famílias negras corroborando essas teorias (KATZ, 1989). No entanto, a linha que o morador traça não vai por esse caminho, tampouco a pesquisadora direciona a conversa nesse sentido. O narrador entende a situação de vida de Ernani, ainda que não justifique seus atos. Enfim, este relato é o que apresenta uma outra forma de representar e lidar com a prática criminosa, isto é, como um meio de obter pequenos ganhos para sanar problemas contingentes.

Se em seus estudos sobre a favela, Leeds direcionava-se não no sentido de associá-las à pobreza, mas ao volume e variedade de capital que se produzia, mesmo nas condições mais adversas; e se em sua obra a estrutura de classes tomou lugar privilegiado antes da pesquisa nas favelas, não causa surpresa ver suas observações sobre as classes sociais nas situações mais diversificadas. É o que se vê no registro da festa de Marionete. *The whole group there were more lower class than at Jussaras or*

*Marionetes parties – reflect in dress, more drinks be [], “[]” manners, less refinement of the party in general. Eliane critical of “pessoal” and of the music (boleros, country {farmer type} music) but there as friend of Cecílias. (...)*⁴³⁹.

Leeds aponta aqui os critérios que caracterizariam, a seu ver, uma classe mais baixa, acionados no momento de sua observação, bem como acrescenta a seu raciocínio a representação de Eliane sobre o tipo de música, dando a entender que esta fosse complementar a sua observação. Mais uma vez, Leeds capta no campo outro exemplo para fundamentar empiricamente sua análise multiclasse, dentro do que considera como classe baixa. Isto é, percebe as nuances e diferenciações de classe dentro de um mesmo estrato.

Curiosamente, a percepção das classes sociais se dá no contexto de uma comemoração festiva, e não na observação do empreendimento ou de qualquer outro aspecto econômico ou da vida material dos moradores. O que pode parecer uma ideia fora do lugar, na verdade não o é se considerarmos sua defesa em analisar as classes sociais sob a perspectiva de articulação entre as esferas social e econômica (LEEDS, 1967). Logo, situar e identificar as diferenças de classes sociais através do comportamento, maneiras de vestir e gestual numa festa indica na verdade outros critérios que o cientista julga importante para traçar as classes sociais, algo caro na crítica que faz ao dualismo marxista e na sua proposta de fazer uma análise de poder multiclasse (LEEDS e LEEDS, 2015). Ou seja, a categoria classes sociais assume outra complexidade, sobretudo nesta nota de campo. Torna-se não exatamente um fenômeno puramente econômico, mas que se expressa na vida social de maneira sutil e, para muitos olhares, de maneira inimaginável. Naquele período em que o debate sobre classes era fechado ao aspecto econômico, correlacionar as diferenças de classe à manifestações ou expressões tão corriqueiras, como o gestual e a vestimenta, apresentava-se no mínimo como uma nova perspectiva para a abordagem do tema.

Todos estes aspectos apresentados na observação da vida social consubstanciam a experiência de liberdade dos moradores das favelas nos mais diversos aspectos da vida social, que foi tema trabalhado por Leeds - Liberdade de expressão, de costumes, de vida sexual, religiosa, etc. Isto toma uma proporção maior quando se considera que estes moradores, naquele contexto de ditadura militar, estavam em constante vigilância por parte dos governos e seus órgãos, sobretudo a Fundação Leão XIII que, como vimos, atuava não só no controle das casas, mas dos costumes dos moradores.

439 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

3.3- Atuação política e Ditadura Militar no Jacarezinho.

Politic slogans:

Todo apoio aos sargentos nacionalistas

Abaixo os gorilas

Todo apoio a greve geral para reforma agrária e pelo salário família

Reforma Agrária já

Pelas reformas de base

Abaixo FMI

Abaixo APP

Fora ditadura

Fora Castelo Branco

Chega de fome

Viva Cuba

Abaixo os golpistas de Abril

Brizola tinha razão (Nota manuscrita de Anthony Leeds. Sem data. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.)

Esta nota de Anthony Leeds nos traz frases que o antropólogo viu, provavelmente, escritas em variados espaços do Jacarezinho. Embora o período em que os pesquisadores norte-americanos estiveram nas favelas não fosse o mais pesado da ditadura militar no Brasil, o registro mostra a presença da ditadura na elaboração das pesquisas destes americanos, não só pelo que lhes diziam os moradores, mas também por outras formas de manifestação contra a Ditadura Militar e a Guerra Fria nas favelas. Mostra também a insatisfação com o regime e a presença de militantes de esquerda.

Conforme o relato de Elizabeth Leeds, a percepção da presença comunista nas favelas só se tornou mais nítida para ela ao iniciar a sua pesquisa sobre as relações entre a favela e o estado para a sua tese de mestrado⁴⁴⁰. No entanto, sabe-se que a presença comunista nas favelas vinha ocorrendo desde a década de 1950, quando se formara a UTF e a CTF (LIMA, 1989: 86, 87). Mesmo partindo do princípio de que estes pesquisadores não sentiram a influência direta da ditadura militar em suas pesquisas inicialmente, cabe observar que esta se fazia concretamente presente nas favelas. Note-se que, no registro, os slogans contra a ditadura aparecem junto aos slogans contra os órgãos internacionais. Isto é, os moradores vivenciaram estes eventos, relacionavam a ditadura brasileira à política internacional.

Posteriormente à observação participante no Jacarezinho, Leeds desenvolve a reflexão sobre a ditadura e o período anterior ao golpe de 1964. Pontuando a tentativa de controle anticomunista desde a criação da Fundação Leão XIII, isto é, desde 1946 (LEEDS e LEEDS, 2015: 255), percebe que a ação da ditadura de 1964 nas favelas é maior do que o anticomunismo. Na análise de Leeds, o próprio Acordo do Fundo do Trigo seria uma espécie de preparação para o Golpe Militar e a implantação da

440 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

ditadura no país, cujo resultado seria o reforço ao discurso de erradicação das favelas conforme a lógica monetarista seguida pelo governo e, conseqüentemente, pelo BNH (LEEDS e LEEDS, 2015: 271, 272). Em seu entendimento, se a ditadura levou à extinção o BEMDOC, tendo em vista a oposição feita por Negrão de Lima ao regime (LEEDS e LEEDS, 2015: 282), também levou os moradores das favelas à oposição ao governo instituído após o golpe, motivada pela defesa da erradicação. Essa oposição explicava, para Leeds, a rejeição ao candidato indicado por Lacerda, Flexa Ribeiro, ao governo da Guanabara e a conseqüente eleição de Negrão de Lima (LEEDS e LEEDS, 2015: 272, 275), apesar deste ter removido mais favelas do que Lacerda. Segundo Valladares, enquanto Lacerda removeu 27 favelas, Negrão removeu 33 (VALLADARES, 1978: 39).

Em sua obra, Leeds não registra as manifestações dos moradores abertamente contrárias ao regime. Porém, esta pode ser deduzida pelas outras formas de manifestação de contrariedade, além do voto. As organizações dos moradores, por exemplo, em seus embates com as entidades do estado, cujo objetivo controlador impunha diversos limites aos moradores, pode ser considerado como outras formas de contrariedade ao regime. De fato, Leeds dá peso ao papel das organizações dos moradores, bem como ao jogo de cooperação conveniente e utilitário com o estado, seguido do embate (LEEDS e LEEDS, 2015: 79/80). As organizações de moradores não são colocadas por Leeds como mecanismos ou manifestações de contrariedade ao regime, mas como fontes de recursos de poder. Porém, no jogo com Estado, sobretudo nos episódios de resistência às remoções, é possível entendê-las como manifestações de contrariedade ao regime, sobretudo se considerarmos a diversidade dos modos de vigilância típicos de uma ditadura e as brechas administrativas para que sofressem intervenções dos vários órgãos do Estado, dificultando o seu funcionamento.

Boaventura de Souza Santos (2015; 2010), que realizou suas pesquisas no Jacarezinho no início da década de 1970, período reconhecidamente mais intenso da ditadura militar, sobretudo nas favelas, tece algumas considerações a respeito do regime e dos antropólogos estadunidenses que lá estiveram antes de sua chegada. De um modo geral, Santos (2010; 2015) menciona a ocultação de informações referentes às atividades políticas de líderes comunitários aos antropólogos dos EUA. Segundo o autor, o contexto da ditadura militar e da Guerra Fria ocasionava uma desconfiança dos moradores em relação a estes pesquisadores. Em suas reflexões sobre o contexto histórico e político do período, sobretudo da dominação dos EUA sobre o Brasil, os moradores associavam os antropólogos americanos a espiões ou a agentes da remoção (SANTOS, 2015: 159, 245). Por outro lado, Santos afirma que as favelas eram difíceis de serem vasculhadas pelo DOPS, e seriam, portanto, um refúgio para aqueles que queriam

desviar-se dos olhares e olheiros do órgão (SANTOS, 2015: 177). Janice Perlman, por sua vez, ao relembrar em entrevista o período em que pesquisou nas favelas, afirma que o medo dos moradores levava-os a não externarem discurso contra a ditadura (PERLMAN, 2004: 4).

O ponto comum entre os dois autores está na afirmação de que havia um silenciamento sobre a Ditadura e a oposição a esta por parte dos moradores nas suas interações com os antropólogos estadunidenses. Seja pelo medo, seja pela desconfiança, os moradores filtravam as informações que podiam ou não serem dadas aos pesquisadores dos EUA. Esta informação, somada àquela dada por Elizabeth Leeds sobre o despreparo e o desconhecimento dos voluntários do PC em relação à existência de um estado de exceção no Brasil⁴⁴¹, pode induzir à conclusão pela ausência do contexto da Ditadura Militar e da Guerra Fria nas pesquisas realizadas pelos antropólogos estadunidenses, como se em nenhum momento e de forma alguma estes eventos pudessem ser externados ou pudesse influenciar o trabalho destes pesquisadores. No entanto, como mostram as notas de campo, apesar de haver essa intenção de ocultar qualquer contrariedade ao regime, ou a atuação da esquerda e da oposição ao regime dentro da favela por parte dos moradores mais politicamente atuantes, a Ditadura Militar e a Guerra Fria foram assuntos frequentes. Quando não eram diretamente mencionados pelos moradores, apareciam de outras formas, como os slogans políticos registrados por Anthony Leeds. Logo, o contexto geral e suas nuances estavam visíveis para os pesquisadores, senão por uma fala mais explícita e direta dos moradores do Jacarezinho, ao menos nas menções indiretas ou mesmo escrita nas paredes.

Em sua pesquisa, Santos (2015:177) afirmava que a favela era um espaço privilegiado para a luta clandestina porque ali havia base de apoio das organizações dos moradores e porque era um espaço de improvável vigilância do DOPS. No entanto, as anotações de campo de Anthony Leeds mostram senão a atuação direta do DOPS na favela, pelo menos a articulação entre alguns moradores e os órgãos de repressão. Há, por exemplo, o registro de uma lista de supostos comunistas, moradores da favela, e suas atividades. Na nota de 17/8/66, se vê acionada toda uma rede, envolvendo políticos de fora da favela, em torno dessa lista. Apesar deste registro ser motivado pela desconfiança de quem seria ou não realmente comunista, também enfatiza a desconfiança sobre quem seria o autor da lista. Nessa rede de relações registrada por Leeds em torno da lista de comunistas, na qual acusadores e acusados interagem, o foco recai mais nos primeiros do que nos comunistas. Prioriza quem tem a lista ou quem acusa, ou quem, no jogo das relações de poder conformadas pela ditadura militar, teria esse poder dentro da favela.

441 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

Sam is say in army, and secret agent in navy – taking pictures at election. (...) Sam and David both deny that Sam is any of these. (...) Armando Hinds has list. Azael w FNM – accused as agitator (...). He's 1st on list of Sam's to be hinted down (...). General Mandim (and a candidate for fed dept on ARENA) – H. told Azael Sam gave list to Mandim (...). (Nota de campo, AL, 17/8/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.).

Na sequência do relato, chegando a quarta página da anotação de campo, o pesquisador registra a preocupação de Flávio e Ramos sobre a tal lista. *Flavio asked for files – He (R) worried about his name in list. Ramos knew more than DQ – talk about written orders to appear. Luiz Alberto may be involved*⁴⁴². A mobilização por parte dos moradores em torno da listagem pode indicar algumas posturas possíveis: a solidariedade em relação a quem figura na lista, a preocupação em não ter seus nomes arrolados na lista, ou mesmo um jogo político, no qual a acusação, independentemente da veracidade ou falsidade, poderia servir para neutralizar pessoas que atuavam politicamente dentro da favela, como era o caso de Flávio e de Ramos. De todo modo, ainda que não esteja escrito explicitamente o nome do DOPS, a simples acusação e a existência de uma listagem desta natureza já indica que as favelas não eram completos refúgios para os críticos do regime, como afirma Santos (2015: 177).

Por outro lado, há outro registro que sugere a articulação entre os moradores e os militares. A nota de 5/6/66 registra a presença de militares na escola de samba Unidos do Jacaré, demonstrando o uso e apropriação destes espaços festivos pelos poderes oficiais e pelos militares.

Miguel Cesario. Own of [] de Jac at bar. Waltir, Mané, UJ bateria played NTM 1966 samba enredo. Considerable [] vs Mané – half-[] [] called “filho da puta”. His girlfriend's mo said “ele está entrando pelo cano” Gb state man there; some militares. New pres UJ is banqueiro, a PM ([] [] in PM) – lives outside favela. (...)Dav – Hinds meeting – prob not dops – Hinds in dops. (Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

A articulação com o DOPS aparece indiretamente, visto que a pessoa ligada ao órgão, Armando Hinds, não era morador do Jacarezinho, mas um engenheiro bastante influente nas comissões de luz das favelas, pois ocupara a presidência da comissão estadual de luz na década de 1960⁴⁴³. No entanto, indica alguma presença da ação repressora do estado na favela, ainda que indiretamente, contrapondo a avaliação de Santos (2015) e Perlman (2004) de que era pouca ou ausente a presença dos órgãos de repressão nas favelas, ou ainda de que os moradores nada diziam sobre a ditadura para pessoas suspeitas e desconfiáveis, sobretudo a norte americanos.

No que concerne à suspeição e à desconfiança por parte dos moradores em relação aos

442 Nota de campo, AL, 17/8/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

443 Correio da Manhã, 2 de dezembro de 1964, pg 10. Primeiro Caderno. “Nova ciclagem faz energia mais cara”. Edição 21983. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=58141&url=http://memoria.bn.br/docreader. Acesso em 23 de agosto de 2018.

pesquisadores americanos, elas de fato se manifestaram em algumas situações vividas no campo. Ainda nos primeiros anos (1965 e 1966), nos quais os voluntários do Peace Corps estavam buscando seus objetos de pesquisa, a presença destes jovens associava-se à agência na representação destes moradores. Desse modo, na mesma nota citada acima⁴⁴⁴, vemos a desconfiança, por parte de um morador, de que James Wygand (Jim), um dos voluntários do PC, fosse um agente secreto, ao mesmo tempo em que associava a figura de Armando Hinds ao DOPS. Vejamos agora a interlocução de Tião com Anthony Leeds em dezembro deste mesmo ano.

[Ramos] used to be [], esquerdista, tied up with communists on hill, oriented, (cleverly) by them untill he tied up w Nelson – CEE – UDN crowd. He has playing around w DOPS putting DOPS into PCVs in meeting with Luiz Alberto where they were being observed. Ramos has been giving out that boys are US spys. Ramos or at least Pe. Nelson is now w Negrão. (Nota de campo, AL, 16/12/1966, pg 4, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Apresenta-se nesta nota de campo a articulação entre a política interna e externa na favela através do que diz o morador, e principalmente como alguns moradores se utilizam disto para obter controle sobre um dos aspectos mais importantes da vida material – a luz elétrica. Articulada ao jogo feito por Ramos de mudar sua orientação política, supostamente comunista segundo a observação de Tião, o interlocutor de Leeds nesse registro, para se associar ao campo extremo oposto, isto é, ao grupo da UDN na favela – Padre Nelson e a comissão estadual de luz, destaca-se a ligação entre o PC e o DOPS. Segundo Tião, o DOPS estaria agindo através das atividades da agência, de modo a se infiltrar para observá-los. Leeds também se atém a outra percepção de Tião sobre Ramos, pois ao mesmo tempo em que teria o poder de favorecer a infiltração de agentes do DOPS nos PC, espalharia o boato de que os voluntários seriam espiões. A despeito da veracidade e/ou falsidade desta informação, a fala revela a desconfiança em torno de alguns moradores que pudessem estar ligados à repressão e em torno da atuação do PC. Diante da associação PC-DOPS, é curioso o fato do morador levar isso para o antropólogo, sendo este alguém notoriamente conectado aos voluntários da agência, além de estadunidense.

No ano seguinte, na interlocução dos moradores com David Morocco, que havia sido anteriormente voluntário do PC, e Peggy Rockefeller, percebe-se uma intensificação deste clima de desconfiança por parte de alguns moradores, ao mesmo tempo em que outros manifestavam confiança nestes pesquisadores. O ponto que mais se evidencia nessa interlocução é o questionamento dos moradores sobre a postura política dos EUA em relação ao Brasil e aos outros países.

444 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Na interação com um dos moradores em 22 de junho de 1967, David Morocco registra a seguinte indagação de um morador: *Barber – called me into his shop – wanted to know how I felt about the war – so I told him he said poor people everywhere were the same – introduced me to the açougueiro who is going to work for Joaquim – we agreed to talk at some other time*⁴⁴⁵. Se nesse primeiro momento, David Morocco não responde a indagação de seu interlocutor, dois dias depois, na ocasião de uma festa junina, o pesquisador é novamente indagado, junto com Peggy Rockefeller. Na nota de Peggy e David, a interlocução se desenrola da seguinte maneira:

Tião says that Gilson was taken by the communism which was popular in the bad times – a lot of meetings in one of the futebol clubs (Nabo) to wich Tião was invited. Apparently Gilson liked this and started writing propaganda all over the walls etc. He wanted to know what David was doing here.(pg1) (...) [Tião] Talked about the economic situation in Brazil and its dependence on the US. Said he was bringing up his kids to be aware, and that he knew it would take a long time but he was going to see Brazil free of foreign domination. Didin't want to see Brazil in anyone's hands, including China and Russia. Said that Brazil had the greatest potential in the world. When David said wouldn't it be just as bad for the other countries if Brazil had power, said he wasn't concerned with that just now. Talked about the federal deputado, Dutra, who was cassado. He was the one who has the closest connection with mosquito. (Nota de campo, PR e DM, 24/6/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Note-se que nesse segundo momento, a indagação vem após Tião relatar a ligação de Gilson com a militância comunista na favela, ou seja, após revelar uma informação que poderia ser perigosa caso caísse em ouvidos suspeitos. Logo, após o voto de confiança dado pelo morador, veio a pergunta sobre o que David estava ali fazendo e, na sequência, a exposição do morador sobre a relação entre o Brasil e os EUA, bem como suas expectativas com os países comunistas. Dessa vez, no entanto, muda a postura do pesquisador, que não mais se esquivava e assume, ainda que timidamente, uma posição política para o seu interlocutor.

Numa primeira visada, poderíamos pensar ser procedente as observações do morador identificado como I. R., personagem do livro de Santos (2015), no qual afirma a seu interlocutor que os estadunidenses eram distantes e não expressavam suas opiniões, em contraposição à aceitação da imparcialidade de Santos (2015: 211). No entanto, é preciso tecer algumas considerações. A primeira delas é o fato de que os pesquisadores estadunidenses foram chamados a se posicionar politicamente em situações pontuais, completamente diferente das situações vividas em campo por Santos. E, nesse sentido, a segunda consideração é o período da ditadura em que ambos estavam pesquisando, pois o fato de Santos ter entrado em campo quando a ditadura havia se intensificado, modifica completamente o campo no qual o conhecimento está sendo construído, bem como a qualidade das relações

445 Nota de campo, DM, 22/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

estabelecidas entre pesquisadores e moradores. Apesar destes estadunidenses, que entraram em campo no período pré-AI5, não terem passado pelo mesmo “teste de confiança” pelo qual Santos passara (2015: 209, 211, 213), isto não significa que não foram sabatinados ou testados de alguma forma. A terceira consideração é que, mesmo que alguns moradores que foram interlocutores de Santos tenham ocultado informações a Leeds no campo, cabe considerar que esta interação com outros interlocutores e com outros pesquisadores que estavam no campo ao mesmo tempo que ele. Sua forma de captar os dados eram diferentes e incluía a interação destes pesquisadores com mais outros interlocutores diferentes daqueles com quem Santos interagiu. Logo, se a ditadura impôs a desconfiança a alguns moradores em relação aos pesquisadores americanos, também impôs a discussão sobre o regime em situações nas quais estes estavam presentes, muitas das vezes a convite dos próprios moradores, como se vê no período das eleições para a associação de moradores.

O contraponto entre a desconfiança, acirrada pela Ditadura e a Guerra Fria, e a confiança em relação aos estadunidenses pode ser vista no episódio em que Peggy é questionada numa assembleia de moradores por estar fazendo anotações. Na ocasião, dois moradores pediram para que os pesquisadores trouxessem gravadores em vez de tomar notas uma vez que não sabiam o que estavam anotando, mas tinham visto seus nomes nas anotações. (...) *Wanted to know what right foreigners had to come to their private community meeting. (...)*⁴⁴⁶.

O mal estar teve como um dos argumentos o fato de que brasileiros nos EUA, em situação parecida, seriam suspeitos. No entanto, esta reação não foi homogênea, pois houve moradores que defenderam a presença do casal e o direito de anotar falas e acontecimentos. Entre os argumentos de defesa do casal, muitos destes considerando o estado de exceção pelo qual o país passava, estava a defesa da democracia e do direito de tomar notas independentemente de serem críticas; o fato do casal ter sido convidado por dois moradores; o fato de serem estudantes contrários à política externa de seu país de origem.

Também foi dada ao casal a oportunidade de prestar explicações sobre a sua presença naquela reunião de moradores, cuja acirrada disputa política interna também estava em jogo nesse momento.

David explained that he had lived in Rua das Palmeiras 9 for two years, had been a PCV and had gone back to the states to study but returned – interested in Brasil and the evolution of the favela, the ‘modo de viver no morro’. Said that his interest is purely academic. Then said he would answer any questions. Told everyone that Pontes had invited us to this meeting and Jairo had originally invited him the week before. Francisco asked David to explain specifically what he was doing and he told about the study in Tuiuti. During all this there was clapping and yelling, etc. (Nota de campo, PR e

446 Nota de campo, PR e DM, 30/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Partindo do argumento acionado por aqueles que questionaram a presença do casal, Peggy faz um registro emblemático do clima da Guerra Fria e da Ditadura Militar na vida social e cotidiana das favelas e a percepção dos moradores acerca da desigualdade geopolítica do período:

[Ruy] Said he knows if 2 brazilians went to the US, americans would be suspicious. Finally Irineu grabbed the floor and said how we are talking about democracy but we all know that here in Brazil we have a 'situação irregular' – that no one can talk freely in the streets etc. Said we cant associate the imperilistic policies of the US with this couple here, 'one of whom I have known personally for a long time'. Difference between relationships between governments and between people. 'I know for a fact that he is against the war in Viet Nam'. Said the others have gotten confused. 'You think he is a spy but he is nothing more than a student and his interests are intellectual'. (Nota de campo, PR, 30/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Num mesmo trecho, vemos: as percepções sobre a geopolítica, mesclando a Guerra Fria e a Ditadura Militar no Brasil, sem necessariamente relacionar diretamente à atuação dos EUA na implantação do regime no Brasil; a atenção do morador em apontar a confusão feita pela maior parte dos outros moradores em não separar as políticas dos EUA dos cidadãos e, especificamente, dos pesquisadores estadunidenses, mostrando assim o entendimento sobre a inofensividade da presença deles naquela reunião política. Por outro lado, e mais uma vez, se vê o reforço de um voto de confiança nas intenções acadêmicas do casal de pesquisadores, mas colocadas na mesma frase que evidencia a representação dos pesquisadores como espiões por parte de outros moradores. O reforço da confiança é expressado justamente pelo contraste. É Irineu Guimarães, identificado no estudo de Santos como I.R. (2015), quem toma a palavra para afirmar a confiança no casal de pesquisadores. É este mesmo morador quem, no estudo de Santos (2015), afirma ter ocultado informações a este grupo de pesquisadores pelo fato de não se posicionarem politicamente e por serem suspeitos devido a sua nacionalidade.

Não menos importante, esse registro também reforça o que posteriormente Elizabeth e Anthony Leeds iriam desmistificar – o mito da imaturidade política ou mesmo despolitização dos moradores das favelas. Nota-se nesse trecho que estes moradores estavam informados do que se passava na política internacional, bem como estavam conscientes da importância daquela reunião deles num momento em que a vida política daqueles moradores era extremamente vigiada, controlada e passível de punições. Mostra-se também que alguns moradores sabiam das posições políticas do casal americano em relação à Guerra Fria e à política externa dos EUA. Logo, é possível inferir que foram travadas discussões políticas em que os pesquisadores puderam se posicionar abertamente na interação com os moradores,

contrapondo, portanto, a visão de que estes pesquisadores americanos não se pronunciavam ou não assumiam nenhuma postura política com os moradores.

Além das representações dos moradores que foram registradas nas notas acerca da Guerra Fria e da ditadura militar, nas quais se vê o entendimento destes sobre a desigualdade na correlação de forças entre EUA e os outros países, também aparecem atrelados a este contexto o rechaço à aliança do Brasil com o bloco comunista, bem como a adesão de alguns moradores ao comunismo e a representação do nacionalismo. Na nota de 24/6/67 registrada por Peggy e David, Tião enfatiza defender a independência econômica do Brasil e sua confiança no potencial do país. Porém, um ano antes, Leeds registra a elaboração de Romano sobre a conversão de um comunista em um nacionalista.

This is the [] for turning communist a nationalist. “Or [] to people who talk about Fidel Castro. It is a life of fantasy”. Nacionalist levanta onde existe pobreza, necessidade, tristeza. [] fome, indoctrinate. If analfabeto cant be nacionalista – has to read. I have follow the [] whatever it is demo; whatever it is dictatorship; alone I cant go against it. I have to use my intelligence. I am 100% brazilian. I have read a lot of nacionalista []. (Nota de campo, AL, 9/3/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Interessante nesta passagem da anotação de campo é que na articulação entre o comunismo e o nacionalismo, este aparece atrelado a uma postura individual diante da *pobreza, necessidade, tristeza*, sendo estas as prerrogativas que parecem estar identificadas com o contexto da vida na favela. Uma vez que este trecho é uma sequência de seu comentário sobre a sua revolta ao priorizar pagar moradia em vez de alimentação para a família, é possível entender a desilusão em relação ao comunismo, evidenciado pelo comentário sobre Fidel Castro, e a visão do nacionalismo como uma maneira de ser e estar em qualquer regime político, seja ele democrático ou autoritário. É interessante que a ideia de nacionalismo acionada pelo morador não se atrela ao orgulho de pertencer a um local ou povo, ou a qualquer ideia abstrata de nação, mas a vida concreta. Aqui esse nacionalismo se associa mais a uma reação do que a uma subordinação a um regime ou aceitação de uma condição de vida. Não menos importante, a afirmação de nacionalista se associa a uma autoafirmação como um sujeito pensante e sujeito histórico, e não a adesão a este ou aquele regime.

O fato de Leeds, Morocco ou Peggy Rockefeller não terem se inserido nas redes de relações dos militantes mais atuantes dos opositores da Ditadura no Brasil e da Guerra Fria, tal como Santos conseguira, não significa que estes eventos históricos não estivessem presentes no trabalho de campo destes pesquisadores, tampouco que não tenham tido influências dentro e fora do campo. Também não significa pouca qualidade do trabalho de campo, tendo em vista a intensidade das relações traçadas com

os moradores, a ponto de vê-los tomando a defesa dos pesquisadores em momentos cruciais do trabalho de campo destes. Se por um lado, alguns moradores estavam mentindo para os americanos (SANTOS, 2010: 15/16), por outro, a naturalidade das relações travadas em campo trazia outras informações além daquelas pertinentes ao que os pesquisadores queriam coletar.

Realmente, as representações que os moradores faziam sobre, e vivências que estes tinham desse contexto histórico específico eram trazidos pelo que diziam cotidianamente, além da própria observação dos pesquisadores. Podem não expressar exatamente a atuação de grupos políticos chave nas interações com o regime, mas expressam a vida dos moradores dentro do regime. Por outro lado, não é demais frisar que o campo vivido pelos pesquisadores americanos no período pré- AI5 não era o mesmo campo vivido por Santos e Perlman depois do AI5. Ainda que Santos fizesse uso da mesma abordagem metodológica que os americanos – a observação participante – o endurecimento do regime fazia toda a diferença na configuração social e política da favela do Jacarezinho durante a ditadura. A mesma observação feita em relação à pesquisa feita por Santos vale para Perlman, cuja opção metodológica priorizou a abordagem quantitativa, traçando caminhos diferentes para reforçar as mesmas conclusões feitas pelos Leeds anos antes da publicação de sua pesquisa.

3.4 – A política da vida material e a materialidade da vida política

O conjunto das notas analisadas abaixo tratam da materialidade da favela atrelada às disputas políticas, no sentido de mostrar todos os capitais acionados para a existência da favela como local de moradia e de interação social, política e econômica; e como espaço produtor de capitais. Se a própria existência da favela requer a mobilização dos mais variados capitais e recursos, ela é, talvez, o primeiro e o maior empreendimento realizado pelos moradores, cujos maiores capitais acionados são o trabalho, a organização no local de moradia e a disputa de interesses com a administração oficial. Afinal, a existência física da favela implica uma urbanização mínima para a sua viabilidade, tais como a implementação de redes de água, luz, esgoto, calçamento, etc. Logo, esse arranjo para a urbanização mínima torna-se um empreendimento à parte da própria construção da casa e que envolve tanto ou mais capitais e disputas políticas. Nesse sentido, política e vida material constituem um mesmo campo de atuação para estes moradores, uma vez que o controle de serviços essenciais tornava-se naquele contexto uma importante peça no jogo político dentro da favela, ou ainda, espaços onde se disputava a influência sobre os moradores.

As panelinhas e suas dinâmicas

Em 1962, após participar do seminário *Social Structure, Stratification and Mobility*, realizado entre 6 e 15 de junho no Rio de Janeiro em parceria com o CLPACS, Anthony Leeds, então quadro da União Pan Americana, iniciou sua pesquisa sobre as carreiras brasileiras, cujos interlocutores de trabalho de campo eram membros da elite. Nessa pesquisa, e graças a conversas com Anísio Teixeira e Thales de Azevedo, Leeds iniciou sua observação acerca do fenômeno da *Panelinha*. Se no estudo sobre carreiras, as panelinhas eram definidas como grupos informais reunidos por laços de amizade, contato pessoal ou interesse comum, agindo para fins comuns (LEEDS, 2015: 110-128; LIMA e VIANA, 2018: 780), nas favelas a percepção desse fenômeno ganhou novos e mais amplos sentidos, sendo portanto observado na vida cotidiana destes trabalhadores urbanos de baixa renda. Nesse momento, seu objetivo não era exatamente a tentativa de definir ele próprio o que seria esse fenômeno. Nestas notas de campo observa-se o esforço do investigador em captar o que os moradores definiam como panelinha, os usos que fazia do termo e quais sentidos davam ao fenômeno.

Em conformidade com a visão de Leeds de que a panelinha e o cabide criam divisão de classe ao obter o controle dos bens econômicos dentro de uma unidade política na qual opera (LEEDS e LEEDS, 2015: 121), Machado da Silva (1967: 702) aponta a divisão interna na favela através da burguesia favelada, que opera de modo análogo à panelinha. Enfatizando a atuação da burguesia favelada, define-os como grupo que monopoliza as mais altas posições políticas e econômicas nas favelas. Isto é, monopolizam o controle, manipulação e o acesso aos recursos internos da favela, seja econômicos ou políticos. A criação de redes de obrigações mútuas também é um aspecto relevante nas duas análises, tendo em vista a relação de dependência criada entre as panelinhas das elites e a burguesia favelada, bem como entre a burguesia favelada e os outros moradores da favela (LEEDS e LEEDS, 2015: 120; MACHADO da SILVA, 1967: 708). A possibilidade a qual Leeds se refere em relação às panelinhas nas massas em seu estudo sobre carreiras brasileiras (LEEDS e LEEDS, 2015: 125), pode ser exemplificada pela burguesia favelada analisada por Machado da Silva (1967). A esta burguesia se aplicaria a observação de Leeds (LEEDS e LEEDS, 2015: 170) de que seus desejos de ter mais mobilidade para posições de poder pessoal e influência não significa, necessariamente, uma ascensão para outra classe social. Nesse sentido, poderíamos incluir dentro dessa categoria os grandes comerciantes das favelas e os controladores das redes de água e de luz.

O mecanismo pelo qual operam políticos locais das favelas, isto é, integrando-se nas panelinhas supra locais para conseguir seus interesses privados ou pressionar os governos (MACHADO da SILVA,

2011 [1967]: 704), acaba por tornar as panelinhas supra locais mais uma fonte de recurso disponível para os moradores. Logo, o uso da panelinha supra local pela burguesia favelada se dá na medida em que conseguem levar recursos externos para a favela, tornando estes em recursos internos (MACHADO da SILVA, 2011 [1967]: 707, 708). Desse modo Machado constata que a política na favela segue os mesmos moldes da política tradicional, com as negociações de cúpula e participação em panelinhas. O político morador da favela seria, portanto, dependente das panelinhas, principalmente aquelas atuantes no âmbito partidário (MACHADO da SILVA, 2011 [1967]: 713 a 715). Por outro lado, há que se considerar a contraexploração que os moradores fazem da panelinha. Um exemplo disso está na própria análise de Machado, em que narra a interlocução de um morador com um diretor de uma agência supra local. O diretor queria avisar ao morador que estava sendo usado pelo deputado. O morador responde que era ele quem usava o deputado e omitiu que o deputado usava o diretor (MACHADO da SILVA, 2011 [1967]: 713, 714).

Em duas notas de mesma data podemos ver os moradores acionando o termo numa de suas reuniões, tendo sido o termo originalmente sublinhado pelo próprio antropólogo⁴⁴⁷.

Olivia suggests 4 man council circulating [] [] Oswaldo avoid a diretoria – panelinha muito democrática. “Eu conheço meu povo, gente!”. Ou ainda: Argument about subst not voting or big vote – Oswaldo and comissão – trying to keep out politicaly or someone trying to take over or use plenario for his own ends (Tião-Oswaldo) 2/3 vote to avoid “his panelinha” or grupinho take control or have quasi-secret meeting. (Nota de campo, AL, 15/12/65, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

Mais do que a identificação das panelinhas, percebe-se no registro a ação destes grupos no sentido da disputa interna entre elas e dos mecanismos que operam nesta disputa. Logo, acrescentava-se à noção anterior do fenômeno, até então observado entre as elites, uma nova perspectiva: a atuação das panelinhas em interação com outras. Nesta nova perspectiva, os objetivos das panelinhas não estavam atrelados à construção de uma carreira, mas ao estabelecimento de mecanismos de dominação e controle entre os moradores; de mecanismos de um jogo político operado dentro e fora da favela, como veremos adiante. Somente nesse registro apresentado, percebe-se a política interna da favela, destacando-se a observação sobre a tentativa de uso ou controle da plenária para os próprios fins, bem como a organização de alguns moradores para frear uma panelinha.

No conjunto das notas de campo, percebe-se o esforço em identificar os grupos, panelas e rapaziadas, ainda que nem sempre o termo apareça. Junto a esta identificação, está também a ação do grupo, bem como a mudança da denominação dos grupos conforme a natureza da reunião ou ação

447 Nota de campo, AL, 15/12/65 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

empreendida pelo grupo. Se no ambiente das escolas de samba e eventos festivos, encontramos os grupos denominados como rapaziadas, nas reuniões políticas vemos as panelinhas ou grupinhos. Considerando que cada grupo/panelinha estabelecia contatos com outros de dentro e de fora da favela, é possível imprimir uma perspectiva relacional a este fenômeno. No contexto da arena política da favela, estes grupos/panelinhas tomam a forma de redes que se entrelaçam através de alianças e disputas.

Muito longe da falta de iniciativa ou maturidade política propagada pela cultura da pobreza, apresentam-se nas notas de campo diversas estratégias de dominação e controle entre estes grupos, panelas ou mesmo redes interconectadas em prol de um fim específico. Por outro lado, também se vê os contornos dados por alguns moradores para escaparem destas manobras políticas. Padre Nelson e Ramos, por exemplo, personagens frequentes nas notas por terem atuação política destacada no Jacarezinho daquele período, são moradores que agregam diversos outros em seu entorno. Somente na nota de 10/11/65 podemos ter uma noção de suas estratégias para o controle político dos moradores. *Padre Nelson meeting tues 9 nov – threw out news; shot down a [] who asked why; turned off light; walked out after [] that his church. Ramos gradually dissuading street reps from going - (...) - directing meeting too much*⁴⁴⁸.

Em contraste com a atitude de dissuadir pessoas a desistirem de uma reunião, ou de encerrar uma reunião apagando as luzes do recinto, outra moradora, Sylvia, desconsidera uma reunião por não haver quórum para a sua realização⁴⁴⁹. Também há, em nota feita por David Morocco, a explicitação crítica de um morador acerca de uma prática política desenvolvida nas reuniões e ou assembleias – a condução delas através de uma mesa coordenadora. O morador tece o seguinte comentário sobre Pontes, o condutor da mesa e presidente eleito da comissão provisória das eleições, que organizara a reunião do dia 30 de junho de 1967: *nossa chapa e outros quiseram tirar a mesa. Pontes é uma boa pessoa mas ele não tem capacidade para controlar as reuniões*⁴⁵⁰. Além de demonstrar a separação entre a pessoa pública e a privada, há a demonstração de que ele, na condição de expectador de uma reunião, tinha um papel bastante ativo, pois tentou, com outros componentes da chapa, “tirar a mesa”, isto é, tomar o controle da reunião da mão de um grupo.

Nesse cenário emerge, de modo imbricado, as disputas e alianças internas, mesmo antes do período de eleições para a associação de moradores, processo que as intensificou. Um exemplo deste

448 Nota de campo, AL, 10/11/65, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

449 Nota de campo, AL, 17/11/65, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

450 Nota de campo, DM, 4/7/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

jogo de alianças e disputas, é o registro sobre a conversa entre Leeds e Tião cujo tema inicial era o abastecimento ilegal de água⁴⁵¹. Para este morador, o mais intrigante era a aliança entre dois moradores a princípio oponentes: Hermes e Ramos. O que ganha maior destaque no registro da narrativa de Tião Dias, e que vai desencadear seu questionamento sobre a aliança entre Ramos e Hermes, é o esquecimento da comissão dos representantes de rua por parte dos moradores e a maneira como atuava Ramos, mesmo depois das eleições, *in which there were obvious frauds*. Segundo o registro de Leeds, *Tião doesn't understand wholly alliance between Hermes e Ramos. R and P. Nelson always attacked Hermes*⁴⁵².

Na sequência do registro, Leeds anota a visão de Tião sobre os dois. Sobre Hermes, o morador avalia sua técnica de tirar o interesse dos diretores na participação das reuniões, bem como de não dar recibos de pagamento para a conta de luz. No entanto, o que parece distinguir Hermes de Ramos, no relato de Tião, é sua postura em relação à política nacional. No registro de Leeds: *[Hermes] Used to pretend to receive calls from "Carlos" (Lacerda) in the middle of meeting, resolvendo problemas. He would go around saying why. Should I steal money them light – I am a sargento reformado w retirement pay of 956,000/month (impossible)*⁴⁵³. Nesta fala sobre Hermes, destacam-se a técnica deste de se fazer próximo de alguém eminente e influente na política nacional do período, a justificativa acionada para convencer os outros da sua boa-fé e sua tentativa de controle do processo decisório, realizado numa reunião de diretores, como a anotação de campo dá a entender. Note-se o acionamento à figura de Lacerda e o peso de sua influência na favela, mesmo fora da gestão estadual, no momento a cargo de Negão de Lima.

Apesar desse jogo de alianças e disputas, envolvendo políticos de fora da favela, ter sido melhor evidenciado durante o processo de remontagem da associação de moradores, em 1967, cabe lembrar que esse jogo se fazia antes e em outros espaços de disputa, tais como as redes de água e de luz, as eleições para representantes de rua e para representar a favela junto aos órgãos da administração pública. Na observação de Leeds, feita em 5/7/66, o assunto principal é o morador Ramos, cujo nome vem acompanhado da frase *"quebrou a cara"*. Referia-se à sua derrota para a eleição de presidente e vice-presidente que representaria o Jacarezinho no DRF. No mapa de relações desenhado nessa nota, o nome de Lutero Vargas e sua esposa aparecem como referência, bem como as pessoas ligadas a eles – *Nelson Moreira, Jordano* – representante de rua, *Antonio Ab.*, e *Luiz Alb. Costa*, todos acompanhados

451 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

452 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

453 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

do registro *here on sunday* logo abaixo de seus nomes, dando a entender que estavam presentes nos dois dias anteriores a data do registro, na ocasião da eleição⁴⁵⁴. Logo abaixo destes nomes, figuram os nomes de Justino, Samuel, Azael e Rubinho. O dia 5 de julho de 1966 caiu numa terça-feira, sendo possível presumir que esta eleição teria sido realizada no dia 3 de julho, domingo anterior.

No que tange à conexão com os políticos externos, e fora do âmbito da associação de moradores, uma pequena noção do funcionamento dessa rede de contatos entre os políticos de dentro com os de fora é bem ilustrado pela nota de Ken Erickson, de 12/12/1966. Basicamente, a nota apresenta as principais funções durante as eleições, tais como puleiros e cabos eleitorais. Ao longo da nota, são identificados os moradores conforme estas funções, suas coligações com os políticos de fora da favela e seus respectivos partidos. Sem dúvida, uma nota esclarecedora destes personagens com uma atuação política mais forte dentro e fora da favela, informação crucial para aqueles que estavam atentos às dinâmicas e jogos políticos nas favelas naquele momento, mais especificamente, Machado da Silva e Elizabeth Leeds. Conforme indica a anotação de Erickson sobre as informações dadas por Romano, *The following is a list of names with their activities and bands of friendship, debt, or obligation*⁴⁵⁵. Interessante a questão da dívida como algo importante nessa relação entre os moradores, assumindo seus papéis de puleiros e cabos, na qual os segundos dependem dos primeiros, conforme indica a nota.

A listagem apresentada refaz essa trama de dependências, que inclui distribuição de empregos, a manutenção da rede de luz, a eleição e busca pelo controle das comissões de distribuição de energia elétrica, a obtenção de favores diversos em troca do apoio político. Segundo a listagem, o fato de dever um favor a um morador conectado a algum político de fora o obrigava a apoiar este último. Ramos, por exemplo, foi um personagem que, através de sua atuação no controle da rede de luz, oferecia bicos de eletricitista a alguns moradores para depois captar apoio político a seu candidato, Coronel Salvador Mandim. Sua influência na COHAB também favoreceu a obtenção de uma licença para um pastor construir sua igreja no Jacarezinho, fora os casos em que houvera emprestado dinheiro, entre outros favores usados como capital político de apoio a estes candidatos.

Há também o caso de outro pastor evangélico que conseguiu globo de luz através de Ramos e deu, em troca, votos para Mandim num primeiro momento. Mas mudou seu apoio quando recebeu visita de outro pastor que apoiava Rubem Medina. Logo, na nota, a atividade econômica, legal ou ilegal, ou ainda as condições de vida material se mostram como uma motivação para dar o apoio político a algum candidato.

454 Nota de campo, AL, 5/7/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

455 Nota de campo, KE, 12/12/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Ao constatar relações que não seriam de amizade, nem de inimizade, nos seus comentários acerca de dois moradores diferentes, Leonel e Miguel, Erickson adiciona a mesma questão – *my note: does this comment means that most people are friends in overt manner with Ramos and that miguel's case is thus excepcional?* Outra questão levantada pelo pesquisador ao constatar que um morador teria deixado de alugar sua loja para uma empresa de reparos de TV para alugar para dois candidatos montarem seus comitês na favela: *My note: did he have any prior compromises or activities with candidates before this past election, or is his activity this time due solely to this having rented his shop to electoral committee?*⁴⁵⁶.

Neste jogo de disputas e alianças entre as painéis formadas dentro e as oriundas de fora da favela, estas conexões com políticos de fora podem ser entendidas como peças e também movimentos de um mesmo jogo. Tal como Elizabeth Leeds analisara após seu trabalho de campo (LEEDS, 1972), esse jogo de exploração e clientelismo era uma via de mão dupla, pois os moradores também obtinham ganhos nessa relação⁴⁵⁷. Por outro lado, as notas mostram que essa articulação não se restringia apenas ao espaço da associação de moradores, uma vez que havia outros espaços onde estes políticos de fora penetravam, ainda que algumas leis tentassem frear esse clientelismo, sobretudo no período em que Rios esteve à frente da Secretaria de Serviço Social (GONÇALVES, 2013).

Uma visada desatenta ao conjunto dos documentos do campo poderia nos levar ao equívoco de concluir pela não existência das mulheres em espaços importantes de tomadas de decisão dentro da favela. De fato, é possível constatar nesse período que os espaços de poder nas favelas era majoritariamente masculinos. Podemos citar o estudo de Lima sobre a UTF (1989), na qual as mulheres pouco aparecem. Em seu estudo, a autora menciona uma reunião realizada em 1964 na Liga Feminina do Estado da Guanabara na qual estariam presentes líderes de favelas, todos homens (LIMA, 1989: 123).

Mesmo sendo um elemento presente nas suas notas de campo, as relações de gênero e as mulheres não tiveram análise aprofundada na obra de Leeds. De modo muito pontual as mulheres aparecem como trabalhadoras (LEEDS e LEEDS, 2015: 141, 276), donas de casa (LEEDS e LEEDS, 2015: 276, 212), motivo de dívidas contraídas por homens (LEEDS e LEEDS, 2015: 117), esposas e amantes (LEEDS e LEEDS, 2015: 118, 141, 151, 276), moradoras removidas que ficaram sozinhas e isoladas sem trabalho, sem marido e com filhos (LEEDS e LEEDS, 2015: 274, 276).

Em uma passagem específica, mas sem uma análise aprofundada, Leeds descreve alguns mitos

456 Nota de campo, KE, 12/12/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

457 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

em relação às mulheres das favelas, contidas num documento da Fundação Leão XIII (LEEDS e LEEDS, 2015: 302). Em resumo, neste documento da Fundação, datada de 1969, as mulheres das favelas são enquadradas nas seguintes categorias: as seduzidas que engravidam e não têm vergonha; as honestas que têm marido; as suspeitas porque não tem homem e ficam livres para ter muitos. Já os rapazes se apresentam como menos corruptíveis por começarem a trabalhar cedo (LEEDS e LEEDS, 2015: 302). Nesse sentido, é importante destacar a contrariedade exposta por Leeds a mais estes mitos acerca das mulheres e da vida íntima dos moradores.

O segundo episódio que envolve relações de gênero mas sem muito aprofundamento é o caso da demissão, decidida por Lacerda, de uma funcionária da Coordenação de Serviços Sociais e esposa de um deputado que foi a seu mando fazer politicagem numa vila proletária (LEEDS e LEEDS, 2015: 305). O terceiro, apontando para a discussão acerca do mito da ruralidade entre os moradores, aparece o contraste, não intencional na obra de Leeds, entre a preferência dos homens pela cidade, pois associam o campo ao marasmo (LEEDS e LEEDS, 2015: 164), com o desejo das mulheres de poderem voltar de onde vieram, uma vez que suas tarefas diárias com a casa não permitia experimentar das benesses da cidade (LEEDS e LEEDS, 2015: 141). Apesar disso, em seu conjunto de registros visuais, verifica-se a imagem de ao menos uma líder comunitária, Carmem, residente da favela Macedo Sobrinho.

No entanto, uma examinada atenta ao conjunto de documentos coletados em campo pelo antropólogo nos revela que, apesar de poucas, havia mulheres ocupando espaços importantes de decisão política no Jacarezinho. No mapa de relações feito por A. Leeds, percebe-se a pouca presença de mulheres, contrastando com a numerosa presença masculina nos espaços e relações de poder dentro do Jacarezinho. Em três notas de Peggy Rockefeller⁴⁵⁸, por exemplo, a pesquisadora registra a presença de mulheres em reuniões políticas. Em duas destas notas de campo, as mulheres aparecem como acompanhantes de um dos líderes de uma das chapas concorrentes, sem serem sequer identificadas⁴⁵⁹. Em outra anotação, refere-se à eleição de uma mulher para a presidência da comissão de luz do Jacarezinho, porém identificando-a não pelo nome, mas pela condição de “ a esposa de Pontes”. David Morocco⁴⁶⁰ refere-se à Dona Nilsa, dona de botequim, além de Marlene e Zezé, identificadas pelo trabalho e pelo estado de saúde. A presença das mulheres em espaços importantes de decisão é registrada na nota de campo de Ken Erickson, ao listar entre os cabos eleitorais do Jacarezinho, Dona

458 Notas de campo, PR, 30/6/1967, 7/7/67, 8/8/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

459 Notas de campo, PR, 30/6/1967, 7/7/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

460 Nota de campo, DM, 22/6/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Olívia, professora de uma escola do estado, e Maria Baiana, dona de uma tendinha⁴⁶¹. Também é possível verificar a participação das mulheres na vida política do Jacarezinho em atas de reunião de moradores e de duas mulheres – Maria Ester e Palmira – como candidatas a vice presidentes do conselho fiscal das chapas verde e azul, respectivamente. Não menos importante, cabe mencionar que, na memória dos moradores, há o nome de Dona Andressa Moreira da Silva, fundadora da escola de samba Unidos do Morro Azul em 1946 e uma das primeiras mulheres a assumir a presidência de uma agremiação carnavalesca⁴⁶²

É importante considerar esse perfil predominantemente masculino dos espaços de poder no Jacarezinho, bem como o fato de ser uma favela de origem proletária e de haver mulheres operárias. As favelas onde a UTF atuava também tinham esse perfil proletário (LIMA, 1989). O que podemos inferir é que, a pouca referência a elas pode indicar tanto uma atuação secundária, quanto o resultado de obstáculos impostos pelo machismo, ou mesmo a falta de interesse dos pesquisadores em relação a estas mulheres. Mesmo assim, cabe frisar que em seu texto “Quanto vale uma favela”, a análise de Leeds atrela o desenvolvimento das favelas ao mercado de trabalho para as mulheres. Em sua análise, nas localidades onde as mulheres tem mais acesso ao mercado de trabalho, as casas são melhores e há maiores investimentos (VIANA, 2014: 166, 168; LEEDS, 2018) O tema certamente merece uma pesquisa aprofundada, pelo fato destas mulheres existirem nas favelas e suas atuações políticas no período terem sido pouco estudadas.

A atenção dada por esses pesquisadores aos espaços de disputa política torna-se, portanto, um novo aporte para os estudos urbanos daquele período. Além de darem uma base empírica para desconstruir a literatura vigente que afirmava a imaturidade política destes moradores, também souberam identificar a diversidade de espaços de disputa política, incluindo as associações recreativas. Logo, mostram que a habilidade com que os moradores lidavam com os políticos não residentes na favela se explicava também pelo fato deles praticarem intensiva e cotidianamente entre eles mesmos os mesmos mecanismos praticados por estes, a ponto de conseguirem reverter a seu favor estes mecanismos de controle e exploração.

461 Nota de campo, KE, 12/12/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

462 Fontes: <https://jacarezinhorj.blogspot.com/p/escola-de-samba.html> ;
[https://www.wikirio.com.br/Unidos do Jacarezinho](https://www.wikirio.com.br/Unidos_do_Jacarezinho). Acesso: 15/6/2019.

Água e Luz

Uma vez que para a própria existência da favela a distribuição de água e luz eram serviços essenciais para a vida urbana, estas se apresentam como elementos centrais na infra estrutura da localidade, e, justamente por isso, tornam-se alvo de disputa e mecanismo de controle e dominação. Em outras palavras, tornava-se um capital político na medida em que a sua disputa envolvia, além dos próprios moradores, os órgãos da administração pública.

Como já fora vista anteriormente, o controle destes recursos tornam-se recursos de poder e criam estratificação dentro da favela (MACHADO da SILVA, 2011 [1967]). Tanto na perspectiva de Leeds, quanto na de Machado da Silva a ligação entre a vida material e política de forma que uma alimenta a outra se dá na medida em que o monopólio da distribuição de recursos internos como a água e a luz favorece contatos com a administração externa e conforma a divisão de classe dentro da favela, materializado na burguesia favelada (LEEDS, 2015: 160, 224; 702, 707, 708). Se para Machado e Leeds os recursos internos eram bases fundamentais para a formação de um estrato diferenciado dentro da favela e para o divisionismo (MACHADO da SILVA, 2011 [1967]: 702, LEEDS e LEEDS, 2015: 224), para Leeds os recursos internos também causavam divisão entre as elites uma vez que competiam por recursos internos advindos das favelas, sobretudo o controle de suas organizações (LEEDS e LEEDS, 2015: 227, 224). Esta observação se aplica às redes de água e luz, uma vez que políticos favoreciam estas redes, bem como se favoreciam da influência exercida pelos controladores dessas mesmas redes.

No estudo de Leeds, a substituição da oferta privada da distribuição de luz pela pública, através da criação da Comissão Estadual de Energia – CEE, foi entendida pelos moradores como um meio de enfraquecer as associações e criar dissidências. No entendimento do antropólogo, considerando o esquema de pagamento desde a instalação de todo o equipamento até o pagamento mensal da luz pelos moradores, significou a criação de mais um mecanismo de controle vinda do governo sobre as favelas (LEEDS e LEEDS, 2015: 282 a 284). Junto com a Secretaria de Serviços Sociais e as administrações regionais, a CEE assumia o papel de ser mais um órgão a disputar a adesão dos moradores com a associação de moradores, já que impunha aos componentes das comissões de luz a condição de não serem diretores da associação de moradores.

Por outro lado, Leeds também atenta para o jogo de cooperação e recusa dos moradores em relação aos órgãos públicos conforme a conveniência (LEEDS e LEEDS, 2015: 79, 80). Afinal, a criação de uma comissão de luz também criaria mais um espaço de influência dentro dos órgãos

governamentais, sendo, portanto, mais uma fonte de recurso de poder disponível para o morador. Conforme frisa, o acesso ao poder de decisão é um recuso de poder (LEEDS e LEEDS, 2015: 80). Nesse sentido, é possível verificar essa alternância de cooperação e antagonismo com o estado em diversas ocasiões. Esse jogo também mantém viva a rede de obrigações mútuas entre moradores e representantes do estado.

Em relação à FAFEG – Federação das Associações de Favelas do Estado da Guanabara, criada em 1964, Leeds a vê como um fenômeno urbano e como um meio de comunicação entre a favela e o estado, destacando-a como um exemplo de solidariedade proletária, sobretudo depois das enchentes de 1966. Se antes restringia-se à discussão de temas em torno da urbanização, com as enchentes, com o apelo das elites pela remoção e a repressão sistemática, a entidade muda o tom para uma pauta mais voltada para a identificação de classe. Tal mudança, na visão de Leeds, se concretiza nos relatórios de seu segundo congresso, realizado em 1968, no qual se colocavam mais contundentemente contra as remoções e contra a imagem do morador de favela como um “coitado” sustentado pelo governo (LEEDS e LEEDS, 2015: 167, 217, 296, 285, 298). Nesse contexto, em que a entidade conseguia articular mais de 100 favelas, destaca também o rechaço da FAFEG à CEE e ao Decreto 870, além da política da CHISAM. Também viam o caráter divisionista das comissões de luz da CEE, resultando na criação de conflitos e facções nas favelas (LEEDS e LEEDS, 2015: 296 e 297).

Se para a entidade, as remoções resultavam não só em desperdício de dinheiro como também em desperdício humano (LEEDS e LEEDS, 2015: 297), também para Leeds as remoções eram mais caras do que a urbanização das favelas (LEEDS e LEEDS, 2015: 288). Os dados de Machado e Santos (VALLADARES, 1978: 112) também corroboram esta constatação. Além disso, Leeds destaca as consequências devastadoras da remoção, tais como a desintegração familiar, a desvinculação de redes, o aprofundamento do divisionismo entre os proletários (LEEDS e LEEDS, 2015: 219, 274).

Os elementos trazidos pelas notas de Anthony Leeds datadas de 1965 tratam da configuração da rede de água naquele momento, e não ao seu processo de criação. Naquele ano, havia, ao menos, uma associação informal para a rede de água com 220 sócios⁴⁶³, que contava com uma estrutura de organização, incluindo um presidente. Na visão deste mesmo interlocutor, *Ramos says that w 1 of 2 bil Cr\$ cohab had for Jac he could have already put in the water over all Jac w 500 people [] valas etc.*⁴⁶⁴. Posteriormente, a distribuição ilegal de água para o abastecimento de somente 20 casas mostra-se como um arranjo que só fora possível através da intervenção de um político de fora da favela, Geraldo

463 Nota de campo, AL, 17/11/65, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

464 Nota de campo, AL, 9/12/65, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Moreira⁴⁶⁵. Essa informação também é dada por outro morador a Peggy e Janice⁴⁶⁶.

Contendo um maior número de registros, o tema da distribuição de luz aparece como aquilo que mais mobilizava os moradores. Assim, há mais elementos sobre a distribuição deste serviço do que da água e do esgoto, entre estes, o custo, as disputas, a organização e as redes formadas em torno do fornecimento de luz. Os questionamentos em torno da luz eram tais que poderiam levar a desmontar reuniões, como mostra a insistência de Flávio Romano, numa reunião para tratar da urbanização do Jacarezinho, em discutir os custos da luz. Segundo Leeds, após essa colocação, fora do foco original da reunião, *Ok light. Meeting never get under control again*⁴⁶⁷.

Apesar do custo ser algo questionado pelos moradores, outros aspectos se mostravam mais destacados nas notas dos pesquisadores. Um dos registros diz respeito à relação entre a luz elétrica e a possibilidade de votar na favela, observada numa reunião que tratava de uma das diversas eleições realizadas no Jacarezinho. Já no meio do documento, Leeds escreve: *Luz – meio comunicativo com o povo*. E antes de registrar a desorganização da mesa eleitoral, diz: *[] that not [] were light cards requested but also título eleitoral, others documents irrelevant to elections*⁴⁶⁸.

Esta anotação, antes da descrição da acusação de desorganização da mesa eleitoral, presume que esta fora motivada justamente pelos documentos requeridos para a eleição. Dada a ilegibilidade de palavras importantes nesse trecho do documento, tudo o que se pode presumir é que aceitaram os cartões de luz para poder votar, bem como outros documentos considerados irrelevantes, e não necessariamente o título eleitoral. Logo, nota-se não só o uso da luz como instrumento de poder, ou como algo que confere maior poder àquele que a controla, uma vez que se apresenta nesse caso como condição para o exercício do direito ao voto na favela.

Esses usos como instrumento de poder motivam o acirramento das disputas para o controle da sua organização e distribuição. Nesse sentido, cabe observar os registros de Anthony Leeds sobre este aspecto⁴⁶⁹. A compra de uma máquina de carimbo para os recibos e para a contabilidade da rede de luz leva o antropólogo a registrar o que entendeu como *Internal luta in light group*. No bojo desta luta, identifica a oposição entre a presidência e o conselho fiscal, bem como o menor poder de decisão do segundo em relação ao primeiro – *Sam pres conselho fiscal so pode votar em caso de empate. Pe*

465 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

466 Nota de campo, PR e JP, 15/1/69, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

467 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

468 Nota de campo, AL, 5/7/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

469 Notas de campo, AL, 17/8/66 e 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

*Nelson not accepted*⁴⁷⁰.

Ao mesmo tempo, registra a movimentação de capital em torno da luz e da indenização de trabalhadores: *Luz has 6 million in Hermes part – all diretoria ([] Jim) put in 10 US of 200,000 in caixa. Indemnity or surance pay to all future workers [] [] - Jonas leaving about 400,000 +/- for new diretoria – used of 10,000,000 cruzeiros [] 3,600,000 (...)*⁴⁷¹. Muito provavelmente, esta conta tenha sido inserida em seu cálculo apresentado no texto *Quanto Vale uma Favela*, no qual mostra que o capital circulante em cada favela era maior que todo o orçamento do estado da Guanabara, mesmo sem contar no cálculo o valor do trabalho humano envolvido (VIANA, 2014: 149 a 151).

No outro registro⁴⁷², capta a fala de um morador sobre a forma como mudou a organização da cobrança da luz, anteriormente a cargo dos representantes de rua.

Tião Dias [] commentaries on Ramos, Hermes, DOPS, Armando Hinds, João Gomes Filho, Flávio, Simão, etc. Original system of CEE [] in was João Gomes who has analytic head and likes to work quietly not in lime light. Armando invited in a proposed [whole] org. inc. street reps for light who would be a council [] as cobradores. (other sources – appeared at about 200 weekly meetings over 2 yrs). They felt that a responsible agent in the favela would be Padre – so asked padre to rep the CEE. Once the org estabd everyone forget about the street reps and whole operation disappeared into Ramos' hands – actual manner of cobrando, accounty, etc (...). (Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Essa passagem nos traz a mudança na organização da cobrança da luz, em que o controle sai dos representantes de rua para uma pessoa, no caso, o Padre Nelson e Ramos. De todo modo, o fato do morador apresentar seu entendimento desse processo, demonstrando sua atenção a este bem como a sua complexidade, desmonta a ideia de que estes moradores não tinham capacidade organizativa e maturidade política. Mais ainda, traz também outro aspecto acerca dessa organização e da política em torno do fornecimento de luz, a formação de redes, destacada em duas notas de campo⁴⁷³.

A nota de Anthony Leeds⁴⁷⁴ que esboça a rede de atores em torno do fornecimento da luz, identifica Armando Hinds como alguém que esteve numa reunião na COHAB em fevereiro de 1965. Cabe lembrar que nesta data, o antropólogo ainda não estava no Brasil pesquisando. No entanto, já estavam presentes nas favelas os voluntários do PC, seus futuros interlocutores e colaboradores de pesquisa. O encontro destes moradores com a COHAB apontava para a formação de uma rede interna que acionava e se conectava com outra rede externa. Na tentativa de traçar estas conexões entre os

470 Nota de campo, AL, 17/8/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

471 Nota de campo, AL, 17/8/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

472 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

473 Notas de campo, AL, 17/8/66; PR e JP, 15/1/1969, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

474 Nota de campo, AL, 17/8/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

diversos atores dessas redes, Leeds registra a conexão de quatro distribuidores de luz – *Albert, Nabor, Jonas, Nelson* – e a tentativa de Samuel formar outra rede, com mais outros dois, não identificados na nota⁴⁷⁵. No breve histórico sobre a instalação das redes de luz, Peggy e Janice⁴⁷⁶ esclarecem as relações entre os moradores, especificamente Padre Nelson e Ramos, com Armando Hinds, o então presidente da Comissão Estadual de Energia, e o General Salvador Mandim, ambos muito citados nas notas de campo de Anthony Leeds no período de 1965 e 1966.

Mais do que dizer como se estabeleceram as redes de água e luz, as anotações trazem como principal informação o fato dos moradores levarem estes serviços à favela e o de criarem e manterem várias organizações para a distribuição destes serviços. Por mais que se discuta a interferência dos políticos de fora para tornar possível a instalação das redes de água e luz, o ponto importante é que sem a iniciativa e ação dos moradores, nem os serviços, nem as suas organizações que controlam os serviços seriam possíveis.

Da mesma maneira como os moradores jogavam politicamente com os políticos de fora, a mesma destreza se verifica na relação com outras panelinhas externas: os órgãos da administração pública. Ora eram peças que eles movimentavam no jogo da política interna e externa, ora eram oponentes no jogo, dependendo do contexto, sobretudo no debate urbanização versus remoção.

Em 9 de março de 1966 Leeds registra a reunião dos moradores com um integrante da Secretaria de Serviço Social, identificado como Gil, cujo assunto motivador seria a urbanização da favela. Apesar de não ter registrada nenhuma colocação do membro da SSS, Leeds descreve o plano para criar prefeitos de favelas, com a atribuição de supervisionar leis, impostos, entre outros. Entre os tópicos registrados, está o que registrou David Morocco sobre a ligação entre Mauro da DRF e Dr. Fernando no Jacarezinho, como se houvesse uma escala hierárquica em que o primeiro estaria abaixo do segundo, confirmada no registro de que Dr Fernando seria *former head of cohab in Jacarezinho*⁴⁷⁷; e a explicação de Flávio sobre os recursos dados pela USAID - \$1.000,000 – para a moradia nas favelas através da COHAB⁴⁷⁸. O que aparece de forma clara e direta não é a urbanização, mas a criação mais um nicho de poder, ou ainda, para usar as palavras do próprio Anthony Leeds, mais outra fonte de poder ou recursos de poder (LEEDS e LEEDS, 2015: 52, 53) dentro das favelas.

A criação de prefeitos de favelas, ainda que não tenha merecido atenção específica dos estudiosos das favelas desse período, mostrava-se parte integrante da política de controle das favelas

475 Nota de campo, AL, 17/8/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

476 Nota de campo, PR e JP, 15/1/1969, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

477 Nota de campo, DM, 11/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

478 Nota de campo, AL, 9/3/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

por parte dos órgãos da administração pública. Também é possível entender essa política como uma forma da administração pública ter mais braços para alcançar aquilo que até então tinha se mostrado ineficiente - exercer um papel incisivo sobre o controle da fiscalização. Uma vez recrutando prefeitos que atuavam em prol da eficácia da administração, estes poderiam fazer aquilo que os administradores não eram capazes de fazer diante da quantidade de favelas existentes. Por outro lado, a cooptação destes prefeitos seria mais fácil pelo fato de criar mais um nível de hierarquia nas, já tão complexas e acirradas, disputas e nas relações de poder dentro das localidades.

Num segundo momento do registro, o mote principal é a relação entre a remoção e a urbanização e suas consequências para os moradores. Conforme o registro de Leeds, Romano entende que *can't have urbanização without remoção*⁴⁷⁹. Pela escrita, é possível entender que o ponto chave para Romano seria ter ou não ter condições de permanecer na área, mesmo sob perigo ou risco. E destaca ser uma questão de escolha permanecer “favelado”, termo que Leeds reproduz em português, ou ir para algum conjunto habitacional, referindo-se à Vila Kennedy. Na escrita de Leeds *havent means a house in VK if he blds his own house here sacrificing a K of carne for his fam*⁴⁸⁰.

Dando sequência ao raciocínio, Romano trata das seguintes categorias, igualmente escritas em português: *aumento (valorização) de capital – valores – negócios – tubarões da favela interested in urbanização*. No relato de Romano para Leeds: *Make offers (proveitadores) to little guys who cant afford impostos, taxas, etc. - Say “look you cant afford this – I'll buy your []”*. Para ele, a urbanização pressiona essas pessoas tanto quanto o capital. Ao lado esquerdo da folha, a observação de Leeds “*more costs area high taxes*”⁴⁸¹. É interessante notar a figura dos *tubarões das favelas*, conhecida na literatura sobre as favelas como os grileiros que reivindicavam uma suposta posse dos terrenos das favelas cujas propriedades eram desconhecidas (GONÇALVES, 2013: 180). O elemento novo trazido por essa representação do morador é a associação com a urbanização, incluindo na categoria de tubarões não só os grileiros, mas também as empresas imobiliárias, os proprietários reais dos terrenos das favelas, além do conjunto de atores do mercado da construção civil, incluindo o próprio poder público.

Na continuação de seu raciocínio sobre a urbanização, há dois pontos do relato de Romano que aparecem novamente no texto. O primeiro é sobre a sua associação com a remoção: *All urb works remoção – whether by pub officials or not – one process or another push out people*⁴⁸². O outro é o

479 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

480 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

481 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

482 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

aumento do custo de vida devido à urbanização, tornando mais difícil ter recursos para alimentação: *Flavio w. urb + costs haven't enuf to eat*. Ou ainda: “*Fico revoltado comigo mesmo*” for paying for house and faking food from fam⁴⁸³. Nessa linha de raciocínio do morador registrada pelo antropólogo, a urbanização aumenta o custo de vida e, por este motivo, força as pessoas a saírem da favela, uma vez que se torna uma *zona not avaiable to favelado*. Isto é, se a remoção não ocorresse por determinação oficial, ocorreria pela impossibilidade econômica de viver no local.

Nesse contexto da eleição para o representante da favela junto ao Departamento de Recuperação de Favelas – DRF, vimos que a disputa se dera também com alguma interferência dos políticos de fora da favela, como mostrou o registro de 5/7/66 feito por Leeds, no qual constata a derrota de Ramos nessa eleição. Em nota de 18/4/66, Leeds registra a ida de um grupo de moradores à Secretaria de Serviço Social. *The group to SSS was Rubinho + Mamede the barber in front of COHAB, Severino (tendinha near Ramos), Paulo Dutra (alfaiate) near Ramos – and others. Case of Hilton, Jordano's sec, here w Urubu flagelados*⁴⁸⁴. Conforme a nota, cada um destes moradores tinham alguma proximidade com Ramos e estavam, ao que parece, buscando uma conexão maior com estes órgãos da administração pública. Provavelmente havia já alguma articulação entre esse grupo de dentro da favela no órgão. É interessante notar que Ramos, como veremos adiante, dá como uma das explicações de sua derrota, o conflito de interesses, não exatamente com estes órgãos, mas com a própria DRF.

Num primeiro momento, Ramos assim explica a sua derrota: *R says these were because electors who showed intended in voting for him (see phrase above) not instructed but simply able to put paper in box*⁴⁸⁵. Nota-se aí que na justificativa do candidato derrotado está presente um ponto que Leeds critica nos cientistas sociais da classe média sobre a atribuição, de modo etnocêntrico, da imaturidade política aos moradores de favela (LEEDS e LEEDS, 2015: 57). Ainda segundo o derrotado, o objetivo seria *derrubar Ramos – arrazar R – were the order – because candidate to dept*. Logo, segundo a narrativa de Ramos, além da “imaturidade” ou inabilidade dos eleitores, moradores da favela, haveria ainda um plano orquestrado para garantir sua derrota. Além disso, Leeds registra *Ramos [] the cédulas for the election (48,000). He could have impugnado this elec. but chose not to do w to avoid [] press accusations*⁴⁸⁶. Mais adiante, registra também os argumentos para pedir impugnação da eleição. *Accusations of “desorganização na mesa eleitoral”. Request for new election. Couldn't vote for “impugnação da mesa eleitoral”*. (Nota AL 18/4/66). No verso da folha, surge a derradeira explicação:

483 Nota de campo, AL, 9/3/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

484 Nota de campo, AL, 18/4/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

485 Nota de campo, AL, 18/4/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

486 Nota de campo, AL, 18/4/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

*DRF vs him because of Urubu incident. [] of wat politicos not work. Hilton was the man – Commit w Lutero and Hortensia – invadir predio of COHAB - [] order – telling [] where to get off. Opp from Ramos. Campanha administrativa (R) vs Camp Politica*⁴⁸⁷.

Mais uma vez, aparece no registro o nome de Lutero Vargas, agora relacionado a um fato curioso: a invasão da COHAB, para o qual se presume pela contrariedade de Ramos. Outro registro igualmente interessante é a oposição entre campanha administrativa e campanha política figurando no rol de justificativas do morador para explicar o resultado das eleições. Ainda que o documento não registre quem ganhou a disputa, chama atenção o enfoque naquele que teria “quebrado a cara” e suas justificativas para isso. Deste enfoque, destaca-se a percepção de Ramos sobre o perfil eleitoral dos moradores da favela, bem como sua percepção das disputas internas voltadas para aqueles que o queriam “arrazar”, e a relação dessa disputa interna com a tragédia que flagelou diversos moradores do Morro do Urubu. O conjunto da interlocução com o morador evidencia toda uma articulação dos órgãos com os políticos e dos políticos com os moradores, levando a concluir pela interconexão entre estas *panelas* ou grupos. Por vezes os moradores são usados pelos políticos de fora para manobrem os órgãos, ou para nele se inserirem, bem como os políticos são usados pelos moradores para driblar os órgãos públicos.

Em relação ao DRF, poucos trabalhos nas ciências sociais se atentaram ao seu papel nas favelas. Criado pelo Decreto Estadual 535 de 10/1/1960, o DRF era um órgão integrante da Secretaria Estadual de Serviço Social, cujas funções teriam sido do antigo SERFHA, extinto em 1962 (SANTOS, 2009; CARVALHO, 2006). Segundo Carvalho (2006), esse rearranjo administrativo deu às regiões administrativas um peso maior nas relações com as favelas, imprimindo uma perspectiva técnico administrativa, em substituição ao caráter mais humanístico do antigo SERFHA (CARVALHO, 2006: 45). Em que pesem as diversas interpretações em relação ao antigo SERFHA (GONÇALVES, 2013), há que se considerar que a mudança administrativa proporcionou maiores mecanismos de controle da administração pública em relação às favelas a partir de 1963, intensificando-se conforme as demandas do regime militar. Como mostra Mello (2014), o DRF desempenhou papel político inserindo-se na atuação da FAFEG ora atrapalhando a eleição de sua mesa diretora em 1965, ora financiando com recursos do próprio órgão a candidatura mais conveniente a seus propósitos no ano de 1967 (MELLO, 2014: 77 e 91), mas também atuou politicamente ao eleger representantes que seriam 'prefeitos' das favelas, como mostram as notas de campo. O papel desempenhado pelas RAs na intervenção e controle

487 Nota de campo, AL, 18/4/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

político nas favelas é melhor explicitado durante o processo de preparação da eleição para a associação dos moradores, ocorrida em outubro de 1967.

As manobras dos poderes públicos para controlar as favelas, também são plenamente conhecidas e veiculadas nas conversas diárias entre os moradores desse período. Peggy e David em 24/6/67 registram a seguinte conversa entre os moradores:

We talked about the decreto of the meeting the night before and everyone laughed at the mention of it. David mentioned how trying to prevent to stop people from improving their houses was like trying to prevent them from drinking cachaça and Gilson explained that that was merely a jogo – (...). Mariano said that he didn't think the gov't could be really trying to help them if it was trying to stop them from improving their houses. (Nota de campo, PR e DM, 24/6/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

Além do tom jocoso com que David constata a inadequação do decreto 870/1967, Gilson evidencia aquilo que se sabe veladamente – o jogo feito entre moradores e o poder público, no qual o morador sabe exatamente as reais intenções do governo por trás do discurso da melhoria da favela. Se o decreto, em seu artigo segundo, proibia novas construções e o melhoramento ou reparo das antigas⁴⁸⁸ (GONÇALVES, 2013: 238-239), os moradores prontamente saberiam quais peças moverem, como moverem e para onde mover, com a intenção de driblar o decreto. O jogo tinha oponentes cuja destreza parecia ser do mesmo nível de astúcia, ainda que legalmente tinham poderes extremamente desiguais.

No contexto da eleição para a associação de moradores, deflagrou-se outro conflito de interesses entre os moradores e a RA, que queria tomar o controle do processo eleitoral e passar por cima das decisões tomadas anteriormente pelos moradores. Em 7/7/67, Peggy Rockefeller registra o desconforto dos moradores com a falta ou pouca autonomia deles em agendar a data para eleição e inscrição de chapas, bem como para validar o processo eleitoral de modo que o estado não impusesse obstáculos. Isto é, a comprovação de que os eleitores eram de fato moradores do Jacarezinho. Diversas vezes, vê-se grande importância dada em decidir as formas de se comprovar e/ou identificar o eleitor como morador para que o estado não emperrasse o processo. Para se ter uma ideia do peso dessa discussão, cabe transcrever alguns trechos da nota de Peggy:

Dr. Francisco then brought up the problem which has been delaying things thus far. The state, at this point only accepts a document of identification called an 'atestado' which takes 90 days to get. You must turn in your credentials, and they must be sent around to all the police department to see that you do not have a criminal record. A 'protocolo', on the other hand, 'pode tirar na hora' but is not accepted as good enough for elections. Pontes was arguing that 'qualquer documento com endereço de Jacarezinho' would be good enough, but obviously this is not sufficient for the state." (Nota de campo, PR, 7/7/67, pg 2 e 3, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

488 Nota de campo, DM, pg2, 28/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Ainda que não esteja claramente explícito na nota, é possível relacionar tais obstáculos impostos à população da favela em realizar seus processos eleitorais tanto com o contexto da ditadura, sem eleições formais, quanto com o estigma da marginalização destes moradores, já que a comprovação de não ser criminoso seria uma das etapas para se conseguir um documento que legitimasse o voto do morador da favela.

Mais adiante, na terceira página da nota de campo, vemos novamente a reação a essa associação, feita pelo estado, entre morador da favela e marginalidade, o papel dos documentos comprobatórios nessa associação, bem como a reação à limitação de sua autonomia em decidir datas e procedimentos para as eleições, isto é, contra a atuação da Junta e do Estado nestas decisões. *Pontes then made another speech saying that documents were necessary to reinforce the dignity of the Associação. Clapping of hands (dramatic scene)*⁴⁸⁹.

Para se ter uma ideia de como estas representações estão imbricadas na visão dos moradores, cabe analisar a sequência desse mesmo trecho:

Elso Rangel then humbly said he was of the Chapa da Providencia and that he didn't have the 'capacidade intelectual' but 'tenho a capacidade moral e de trabalho'. Said that 'Jacarezinho é doente' because it is the favela 'um dos mais populosas do Rio'. Suggested that everyone should 'se unir' and go to the Instituto to find out how long it would take the elections to go through with the 'atestados' etc. (...). (Nota de campo, PR, 7/7/67, pag 3, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Mais adiante, *"He [Gilson] criticized the idea that the decision be made by the instituto 'que digam todo mundo que o favelado é marginal'; but he then said that 'o que é justo e o que eu defendo é que o favelado é marginal'. I think he meant whithin the society. (...) .Thinks that the decision should be made by 'os próprios moradores' "*⁴⁹⁰. Percebe-se o conflito entre os moradores e o estado em se tratando do controle deste último no processo eleitoral interno, sobretudo num clima de ditadura militar e de direitos políticos restritos. Pesa mais ainda nos discursos a marginalização para além do estado de exceção. A identidade de favelado e de marginal é acionada ora para afirmar uma postura política de contrariedade e conflito com o controle do estado, uma contrariedade à marginalização feita pelo estado ao condicionar a legitimidade do voto à comprovação da não marginalidade, ao mesmo tempo em que se afirma outra noção de marginalidade – como aquele que enfrenta os órgãos do estado.

O peso da atuação dos órgãos da administração pública se faz sentir por duas vias principais, o processo eleitoral para a associação dos moradores, no qual a administração regional joga com todos os

489 Nota de campo, PR, 7/7/67, pag 3, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

490 Nota de campo, PR, 7/7/67, pag 3, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

meios para obter o controle do processo, bem como a repercussão do decreto 870/67, como se pode verificar na nota de David Morocco de 28 de julho de 1967. Nessa reunião da comissão provisória das eleições, conduzida pelo convidado de honra, Vicente Mariano, então presidente da FAFEG, discute-se todo o decreto, artigo por artigo. Pela riqueza de detalhes expostos por Mariano aos moradores e a qualidade de questionamentos levantados, percebe-se que, antes de sua prisão em 1968 após o congresso da entidade, no qual se posicionou contra as remoções e outros pontos do decreto (GONÇALVES, 2013: 242 e 243), essa crítica vinha sendo gestada nas favelas, junto aos moradores, a exemplo dessa reunião registrada por Morocco.

Além das controvérsias em torno do Decreto 870/67, nesta nota é possível verificar os pontos que causaram maior desacordo entre os moradores e entre estes e a própria FAFEG, nos dando uma noção do que estava sendo levado às favelas pela entidade naquele contexto preparatório de seu congresso de 1968, bem como a interação entre a FAFEG e a administração pública naquele momento da ditadura. Dentre os pontos, destaca-se:

1- a contrariedade da FAFEG em relação às comissões de luz criadas nas favelas.

(...)'65 surgiu DO de luzes. FAFEG didn't like these commissions because FAFEG feels that every thing should be for the community. There are 3 communities that only have C de luz for associações. 'We preach unidade; we didn't wanto to creat an atrito'. Apparently in several places there have been conflicts between light and associations.; (Nota de campo, DM, 28/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

2- as manobras de procrastinação do governo em atender às demandas dos moradores e da entidade.

End of last year, FAFEG went to the gov't and a general meeting was held with heads of several administrations and several sects. 'o assunto foi bem debatido' both nothing was resolved. The governor created a comittee to study the problem. The sec't of serviços social (D. Vita-?) met with Leitão and Leitão defended the CEE because the old cabineiros were ladrões; (Nota de campo, DM, 28/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

3- o impasse nas negociações com a Secretaria de Serviço Social, sempre mediadas por seus órgãos, ora as RAs, ora o DRF.

During the last 2 years they [FAFEG] knew about the decree 870 and sent several suggestions which were accepted but not one of the suggestions was included in the decreto. But 'qualquer maneira mal ou bem, o decreto está aqui'. [Vicente Mariano] He's already met with the XI RA which held a general meeting of association within the região, and has discussed the implications of the decreto. The XI adm. has called in the heads of association of the XV adm, and they are discussing the decreto".(Nota de campo, DM, 28/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

No que tange especificamente ao debate em torno do decreto, as principais reivindicações dos moradores foram: o caráter antidemocrático da exigência de ter a aprovação da Secretaria de Serviços Sociais para validar os estatutos das associações; a proibição de construir novas casas e fazer melhorias

nas antigas; o preenchimento de cadastro como nova tarefa das associações para que a SSS tivesse controle da população residente; as intervenções da secretaria nas associações previstas pelo decreto. Em que pese a riqueza da nota, cujos argumentos são detalhadamente descritos, cabe aqui nos reter nas contradições entre os moradores e a entidade, em que é perceptível o esforço de Mariano em amenizá-las.

Sobre a antidemocrática exigência da aprovação dos estatutos pela Secretaria de Serviços Sociais, Mariano responde: *Vicente feels that this is only going to apply to new estatutos, not old one.* Sobre a proibição de novas moradias e a regulação dos reparos nas antigas casas, Mariano coloca:

Vicente feels they must have a program of ação even if it's not accomplished, and that a cadastro is importante as it will at least tell them how many people are living in the place. Says it's only for them, not the gov't. Vicente says he thinks that there is already a law which says they have to ask permission to repair houses and also one which prohibits new construction. He said the gov't and the association have to get together on the problem of repairs and reconstruction of houses. Vicente says the association isn't going to tell the gov't how many people live there, etc., so that the gov't will throw the people out. He says that they (FAFEG) approve the article which prohibits new constructions. (Nota de campo, DM, 28/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

Em relação à intervenção da Secretaria de Serviços Sociais nas associações previstas pelo decreto: *the cases in which the sect de serviços sociais would interven in the assoc.: where the assoc is unable to continue to function, Vicente feels it's ok for 'poder publico' to intervene to maintain the association and 'defender coletividade'⁴⁹¹.* A reação dos moradores frente a estes posicionamentos e ponderações de Vicente Mariano, cujos argumentos reforçavam a contrariedade destes nos pontos mais sensíveis, principalmente a proibição de se construir novas casas, pode ser constatada nas novas questões colocadas pelos moradores ao representante da entidade. Além desse reforço à contrariedade ao decreto, é interessante notar as insinuações a respeito da FAFEG, levantada pelos moradores mais resistentes ao decreto. *Anuncio (?) asks vicente if FAFEG gets part of the 3% and Vicente says no. Anuncio asks if FAFEG gets a subvenção from the state and vicente says yes but just to maintain FAFEG, nothing for association. Adenuncio says if he is elected he won't defend articles that will 'prejudicar o povo'⁴⁹².*

Por outro lado, alguns percebem que a conjuntura política requeria uma postura de apoio dos moradores à entidade:

Irineu wanted them to call a general congress of favelados in order to debate this new decreto because FAFEG is weak right now and is needing the support of the favelados. Luiz Antonio feels that FAFEG is opening up new horizons for the favelado and might be a way

491 Nota de campo, DM, 28/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

492 Nota de campo, DM, 28/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

to pressure the gov't.(...) Gilson then spoke, cutting and ripping through FAFEG, pointing out that they'd better stop planning but not depend on other organizations which may or may not be able to help (mentioning Ação) and organize themselves into a viable political force. (Nota de campo, DM, 28/7/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

Apesar da contrariedade entre moradores e o então dirigente da entidade mais significativa para representá-los naquele momento, cabe ressaltar o papel desta federação no esclarecimento aos moradores sobre o papel destes órgãos na aplicação dos diversos recursos financeiros que deveriam chegar às favelas e promover alguma urbanização.

Gave history of FAFEG;he was part of a commission that helped set up a state plan to put money in the favelas. They asked for 1090 but only 390 was approved. The gov't promised to create an órgão to apply the money. The órgão created was COHAB; 'tem dinheiro do governo, tem dinheiro particular; os particulares não querem investir dinheiro em favelas porque eles querem lucro... o órgão que deve ser com este dinheiro é o Departamento de Recuperação de Favelas...'. (Nota de campo, DM, 28/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

No entanto, mesmo com os esclarecimentos, o contraste observado na falta de urbanização diante da conhecida aplicação de recursos financeiros com esta finalidade também ressaltava-se entre os moradores que de alguma maneira não deixavam de, senão cobrar da entidade, ao menos deixar evidente o sentimento de revolta.

Asael's turn to speak. He was really pissed off – jumped up and started blasting away at the sect of serviços sociais and their whole operation of the assistentes sociais, the incredible amount of money wasted in the dept, money that, according to Asael, should be turned over to the favelas. The assistenciais' lack of knowledge of the problems in the favela, the fact that they don't get out and 'tomar conhecimento dos problemas aqui' that they spent much too much times in their offices. He was angry about the way the sect of serviços sociais had announced to the newspapers last year that they had given so much material to such and a such favelas – among them, jacarezinho – he had a list with him of what was supposed to have been given and how much had actually arrived. (Nota de campo, DM, 28/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4)

As pressões da administração pública atingiam até os moradores mais articulados com os administradores. É o caso de Ramos, que teria suas articulações com a COHAB e a SSS, conforme o registro de Leeds⁴⁹³, destacando a influência da Região Administrativa na condução do processo eleitoral, uma vez que desconfiavam do caráter democrático da eleição. Na reunião dos representantes das chapas com o administrador regional, (...). *There was a long discussion as to whether the electorate know anything about the election, the chapas, the persons, about which opinion seems to be no – RAs feeling that this was not being democratically handled.* Ao fim e ao cabo, decidem adiar as eleições para 24 de setembro. No mesmo registro, mas na fala de interlocutor identificado apenas como

493 Nota de campo, AL, 29/8/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

anti-Azael, da chapa rosa, e como *doubt-worthy*, algo como um indeciso valioso, Leeds registra: *It was reported (Tião?) that a counter proposal was made a few days later by Azael and his group who went over the RAs head to the gov to get the elections moved back to the 10th*⁴⁹⁴. Outra manobra política existente na relação entre os moradores e os administradores, ou ainda, as interferências, pelas instituições governamentais, sobre as decisões tomadas pelos moradores.

No ano seguinte, as observações de campo desses pesquisadores acompanham os impactos dos decretos na vida dos moradores e no andamento da urbanização da favela. Anthony Leeds, em 11 de junho de 1968, registra de modo menos ordenado a interlocução com Manoel Genuino, tendo como assunto principal as mudanças administrativas da CRF e seus impactos nas favelas, tema que se intercala com outros, mas que se repete ao longo da extensa nota. Partindo do Decreto 1059 de maio de 65, que extinguiu a CRF e colocou a Fundação Leão XIII na Secretaria de Serviço Social, o registro de Leeds sobre o que disse Genuino tem como foco as implicações das mudanças na estrutura administrativa do CRF, da Fundação Leão XIII e da Secretaria de Serviço Social em relação à urbanização das favelas e, principalmente, aos limites impostos para a construção de casas.

Leeds fazia nesse período uma pesquisa sobre formação de capital, na qual os custos para habitação foram computados para analisar o volume de capital circulante nas favelas. Por outro lado, ainda que Leeds não faça referência a esse decreto específico na sua obra, mas às manobras de Lacerda para dar à fundação o estatuto de órgão do estado (LEEDS e LEEDS, 2015: 243 a 326), a referência feita pelo morador mostra seu conhecimento sobre as leis e sobre os mecanismos legais que impediriam a construção e melhoria das casas. Embora os moradores tivessem acesso reduzido a estes órgãos, como Leeds apontou em sua obra, o morador sabia como esses órgãos operavam, quais leis regulamentavam suas atribuições, competências e as implicações diretas disso na sua vida.

Cruzando este assunto principal, está o entendimento sobre demagogia – *falsewords eg said mutirão calçading ruas – not true waiting to do w govt*⁴⁹⁵. Em outro trecho, o morador cita o Decreto 870 de 1967, registrado como algo que permitia uma intervenção na favela. Segundo Leeds (LEEDS e LEEDS, 2015: 284), este decreto regulamentava algo como uma colaboração entre a Secretaria de Serviços Sociais e as associações de moradores, em que a SSS dava apoio às atividades das associações e, em contrapartida, estas deveriam fazer levantamentos cadastrais, controlar as modificações nas casas e impedir novas construções.

Já no final da década, a urbanização continuou sendo objeto de intenso debate entre os

494 Nota de campo, AL, 29/8/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

495 Nota de campo, AL, 11/6/68, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

moradores, mesmo numa conversa corriqueira, como registra a nota de Leeds de 28/8/69. Para o morador, a urbanização aparece relacionada à criação de um Decreto Lei datado de 15 de dezembro de 1951. Sem mencionar o número do tal decreto, o morador refere-se apenas ao que seria o cerne deste, o pagamento de imposto, mas sem resultar na urbanização. Desse ponto, o morador avalia a atuação da Fundação Leão XIII em melhorias materiais. *He says that FL13 paying a huge sum of \$ - like 20 milion to repair the center there – could spent the same \$ and build a multistorey bldg. They spent another huge sum on quadra – also wasted. (...)*⁴⁹⁶. Muito além de destacar o que sabia sobre a lei e a sua aplicação, o morador mostrava ter uma noção do volume dos recursos envolvidos e para onde estaria sendo destinado. Se considerarmos que esta avaliação se deu após falar de um decreto e da urbanização, percebe-se que para o morador a urbanização era algo perfeitamente viável se os recursos fossem utilizados conforme as demandas de seus moradores, e não conforme os critérios da Fundação.

Em relação à lei propriamente dita, não há documentação que comprove a sua existência e nessa data. Na pesquisa de Gonçalves (2013), o estudo mais recente e mais completo sobre a história jurídica das favelas, contendo o conjunto mais relevante de leis que versavam sobre as favelas nos três níveis administrativos, não há menção a nenhum decreto lei nessa data específica. O Diário Oficial da União desta data não traz nenhuma lei dessa natureza. Os sítios eletrônicos dos níveis municipal e estadual não dão a opção de busca por essa data. Mesmo sem referências ao citado Decreto Lei, a pesquisa de Gonçalves (2013) nos oferece dados importantes para entender o debate geral que se fazia no âmbito jurídico em relação às favelas, destacando a diversidade de projetos de lei na câmara municipal sobre as favelas que tramitaram durante a década de 1950, uma vez que no mesmo período eclodiram muitos conflitos fundiários (GONÇALVES, 2013: 174, 179).

No Jacarezinho, entre 1949 e 1951, houve uma contenda jurídica envolvendo a empresa imobiliária Concórdia e os moradores, no qual a primeira reivindicava a reintegração de posse e a expulsão dos residentes⁴⁹⁷. As leis das quais se tem conhecimento e que se mostram mais relevantes versam sobre a regularização das construções (Lei Municipal 660 de 19/11/1951) e o Projeto de Lei que regularizava as bicas de água nas favelas (Projeto de Lei Municipal 665 de 1951). Posteriormente, os Projetos de Lei da câmara de vereadores versaram sobre melhoramentos na favela (PL 1 de 1955) e sobre a realização de um estudo da situação fundiária das favelas (PL 2 de 1955), enquanto no senado, havia o Projeto de Lei 749/55, aprovado em 56, que instituía dotações financeiras para urbanizar as favelas. No nível estadual, na década de 1960 a favela seria contemplada pela constituição de estado da

496 Nota de campo, AL, 28/8/69, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

497 Sobre essa disputa judicial, ver Gonçalves, 2013: 182-184.

Guanabara, no art. 64, paragrafo 2, cuja redação garantia a dotação de 3% dos recursos fiscais para a assistência e higienização das localidades. Três anos depois, o mesmo Decreto 1668/63, que proibia a venda de bebidas alcoólicas e taxava em 20% as biroschas, previa que a arrecadação se destinaria a urbanização de determinadas favelas (GONÇALVES, 2013: 163, 171, 183, 184, 190, 210, 235).

Do segundo interlocutor, Manoel Genoio, Leeds inicia o registro sobre a rede de esgoto, mas este mote leva a atuação de figuras políticas na favela. *Story of the esgoto under the central – stepping up periodically, esp in rains. Deputados and candidates making continuous promises to have it fixed, year after year – palavras – nothing done*⁴⁹⁸. Dentre as figuras acionadas no discurso do morador anotado por Leeds, aparece a figura de Breno da Silveira como alguém que realmente começou a fazer algo, mas que fora dissuadido por outros políticos que não tinham nada para prometer. Também cita o caso de um administrador que atuava no Jacarezinho e teria enviado engenheiros para ajudar os moradores a fazer um túnel subterrâneo, cuja obra teria demorado 8 meses. Ao final, o morador diz sua conclusão: *In general, candidates did nothing - [] G. M. did considerable and helped people extend water systems. He was PTB. Genuino went then a series of meeting w Negrão, Pinheiro, Délio - [] their [], fine words, promises and nothing done*⁴⁹⁹. Aqui, o morador reconhece apenas uma figura como alguém que fazia algo – Geraldo Moreira – e estende o reconhecimento ao partido político, como se a filiação partidária explicasse o fato de ter feito algo. No geral, repete-se aqui a representação da política partidária para os moradores.

A tensão política na eleição para a Associação dos Moradores em 1967

Segundo Lícia Valladares, as associações de moradores das favelas foram criadas a partir de 1961 pela administração estadual, incentivados por José Arthur Rios, tendo como finalidade intermediar a interlocução entre os moradores e os órgãos estaduais. À época, estes órgãos eram o Serfha, a Coordenação de Serviços Sociais e as Regiões Administrativas (VALLADARES, 1978: 27). Anteriormente, as favelas contavam com outras formas de organização dos moradores, tais como a UTF (LIMA, 1989) e os conselhos de representantes de rua. Na favela do Jacarezinho houve estes tipos de organizações – uma unidade da UTF (LIMA, 1989; PESTANA, 2013), Conselhos de Representantes de Rua e uma Associação de Moradores criada em 1961 que, ao se tornar inativa, deu lugar à Associação Pró Melhoramentos. Esta, por sua vez, operou concomitantemente aos Conselhos de Representantes de Rua e, a partir de 1966, mobilizou-se para reativar a Associação de Moradores.

498 Nota de campo, AL, 28/8/69, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

499 Nota de campo, AL, 28/8/69, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Na micropolítica dos moradores, os pesquisadores observaram de perto as diversas táticas utilizadas para garantir apoio político numa correlação de forças cujas partes não eram constituídas somente por residentes da favela. Justamente por isso, a busca por essa base de apoio dentro da localidade envolvia uma série de estratégias e táticas. Somente numa nota de campo⁵⁰⁰, é possível verificar esse arcabouço político dos moradores. Na disputa pela associação inscreveram-se 4 chapas: Azul – Liberdade; Amarela – União do Povo; Verde – Providência; Rosa – Independentes⁵⁰¹.

A análise dos Leeds a respeito da micropolítica dos moradores de favelas pode ser resumida na seguinte citação:

Juntamente com os políticos profissionais e administradores da política brasileira, os moradores da favela são os mais argutos e coniventes políticos que já encontramos, muito mais políticos, em todos os sentidos do que toda a população americana, e dificilmente comparáveis a quaisquer categorias de pessoas equivalentes nela encontrada. A política é um jogo, uma recreação, um sistema de recompensas, um gozo de poder, uma estrada para mobilidade econômica, um caminho para a mobilidade social e um compromisso com alguns conjuntos de interesses. O jogo da política é extremamente complexo, movendo-se em muitos níveis, por múltiplos modos de expressão (...), por múltiplos caminhos de relação interpessoal. (LEEDS e LEEDS, 2015: 168).

Tendo em vista o potencial disruptivo que Leeds via nas organizações dos moradores, concretizado na forma de greves, falta de cooperação ou eleição (LEEDS e LEEDS, 2015: 86), Leeds considera o caráter ameaçador das associações ou órgãos que visem a independência política dos moradores, na visão daqueles que usam eleitoreiramente a favela (LEEDS e LEEDS, 2015: 268). Por esta perspectiva entende a busca pelo controle das organizações dos moradores por parte do estado. Isso explicaria a supervisão das eleições nas favelas e a permissão condicionada à cooperação com o estado para que as associações funcionassem (LEEDS e LEEDS, 2015: 263, 285). De modo semelhante, Machado da Silva (2011[1967]) também constata o controle do estado em relação às associações de moradores, com o agravante desta não ter, como contrapartida, o controle sobre os recursos financeiros destinados às favelas (MACHADO da SILVA, 2011[1967]: 709, 10). Por outro lado, também ressalta que, apesar do estado ser bem sucedido na canalização das atividades das associações para a política administrativa e para as relações com os órgãos, ainda assim estas assumiam papel central no processo político interno. Mesmo não sendo necessariamente um ponto de contato entre políticos moradores e políticos não moradores, ao manter relações com as agências supra locais, também mantinham sua influência na política interna (MACHADO da SILVA, 2011[1967]: 711).

Não só administradores, mas também as coalizões da elite, em busca de recursos disponíveis

500 Nota de campo, PR, 30/6/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

501 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

entre os moradores, tais como apoio político, seriam mais outros grupos interessados no controle das associações. Segundo Leeds, a politicagem feita pelas elites nas favelas para controlar suas associações reflete a disputa dentro da própria elite (LEEDS e LEEDS, 2015: 225, 227, 228). Logo, trata-se de um processo divisionista que cria outro dentro das favelas.

Se as elites exploram recursos das favelas além de controlar suas associações, não havia ingenuidade por parte dos moradores. O estudo de Paul Silberstein (1969) aprofunda os processos de exploração e contraexploração levados a cabo pelos moradores das favelas. Numa contraposição à teoria da cultura da pobreza, de O. Lewis, Silberstein considera que a pouca adesão dos moradores numa organização formal não significa que o seu modo de organização seja marginal (SILBERSTEIN, 1969: 187). Os exemplos de contraexploração dados por Silberstein buscam mostrar a astúcia dos pobres em reverter a exploração a favor deles, sem precisar esperar pela oportunidade (SILBERSTEIN, 1969: 191). No caso das relações de trabalho, os custos da exploração são reduzidas pelo que os patrões podem oferecer em contrapartida, algumas vezes um objeto que pode ser trocado na favela, outras vezes um canal de contato com alguém influente (SILBERSTEIN, 1969: 191, 192, 193). Essa mesma contraexploração também é verificada por Leeds, incluindo entre os contraexplorados, as instituições de serviço social, a igreja, os voluntários do Peace Corps e os próprios antropólogos estadunidenses, além dos patrões (LEEDS e LEEDS, 2015: 141).

No ano de 1967, quando se desenrola o processo eleitoral para a associação de moradores e a disputa entre as chapas, vemos o acirramento destas disputas e do jogo de alianças. Na nota de 31/8/67, cujo tema central era o processo eleitoral e da disputa entre as chapas candidatas à direção da Associação de Moradores, Leeds registra da fala de seu primeiro interlocutor a sua percepção acerca da estratégia política de haver duas chapas, mas com um mesmo grupo. Na visão do morador, registrada pelo investigador, a intenção seria controlar uma parte cada vez maior do eleitorado. Segundo o registro: *raher than splitting their vote as we would conceive it, their total [] vote would be greater [], because the followings of more leaders and shades of opinion are involved*⁵⁰².

O morador também identifica políticos de fora da favela que estariam se aliando às chapas. Segundo o morador, o político Edson Khair estaria agindo por meio das chapas Rosa e Amarela (União do Povo), enquanto Lutero Vargas estaria associado à chapa de Zinho (Azul) e outro político identificado apenas como Salomão estaria por trás de outra terceira chapa, também não identificada, na dedução do antropólogo. Em sua descrição: (...) *Khair-Azael, Lutero-Zinho, and Salomão behind a*

502 Nota de campo, AL, 31/8/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

third ([/? I guess)]⁵⁰³.

David Morocco e Peggy Rockefeller também acompanharam este mesmo processo de montagem e desmontagem de chapas, de alianças e rupturas⁵⁰⁴. David Morocco registra a informação dada por Ramos, membro da chapa verde, sobre a eleição para a montagem de outra chapa – a União do Povo, cujo resultado elegeu como presidente Ruy Guerra, e não Zinho, que havia liderado o movimento para a montagem da chapa. Tal resultado aparece como tema central para tratar da reunião da comissão provisória das eleições. *Later on at the meeting of the comissão provisório das eleições, Ruy Guerra came over to me. I had never talked to him except when he accused us of invading their meeting. He said 'isso é democracia' in reference to the fact that at that point They'd spent nearly one hour trying to come to a vote over a minor question*⁵⁰⁵. Na mesma data, Peggy registra em sua nota sobre a reunião da comissão provisória das eleições a mesma divisão da chapa União do Povo (amarela), da qual Zinho saiu após a derrota para Ruy Guerra, formando uma nova chapa (Azul).

Entre as táticas observadas com maior atenção, está o tempo e oportunidade de argumentar na reunião. Ou ainda, quais atores favorecem ou dificultam quais falas. *Pontes seems to be supporting Francisco – that is, he lets him talk more. (...). Argument over who had the right to talk and who had the right to give some one else the right... was finally decided that you could concede your 'palavra' to a second person, but the second person could not give his 'palavra' to anyone else*⁵⁰⁶. Notoriamente, percebe-se o uso da palavra como um capital político com o qual se joga. De fato, num contexto de disputa por um eleitorado e por apoios políticos dentro da favela, controlar o direito à voz ou conceder este direito torna-se um trunfo importante.

A postergação da eleição seria outra tática, uma vez que daria mais vantagens a um grupo do que a outro. Esta hipótese, registrada por Peggy, fora levantada por um morador, segundo o qual, haveria um interesse por trás da proposta de aguardar mais tempo para realizar as eleições. Em outros momentos, Peggy enfatiza em sua narrativa o gesto das palmas de modo a sugerir uma teatralização, no sentido de haver uma platéia referendando apoio político. *Manoel Genuino spoke about chapa providência, of which he is president – clapping of hands, and 'parabéns' from some. Spoke intentions – says he's not going to make a campaign or attack anyone. Says he is here to work for whoever wins. More clapping of hands*⁵⁰⁷. O que se poderia inferir de atitudes como esta descrita acima, ou ainda

503 Nota de campo, AL, 31/8/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4

504 Notas de campo, DM, 7/7/67; PR 7/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

505 Nota de campo, DM, 7/7/1967BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

506 Nota de campo, PR, 7/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

507 Nota de campo, PR, 7/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

como a do morador que declara lealdade ao povo do Jacarezinho, é que a disputa não seria somente pelo comando do processo eleitoral como um todo, mas pela platéia que ali estava, possíveis apoios ou votos futuros, como se aquele momento já fosse em si um momento de campanha eleitoral.

David Morocco em 4/7/67 registra a elaboração de um morador a respeito da atuação do partido comunista na disputa pelo apoio político dentro da favela. Segundo o morador, a tática usada pelo partido dentro da favela foi conseguir um maior número de cadeiras na comissão provisória da eleição para a associação de moradores. Seguindo essa linha, explica o êxito do partido através da condução da assembléia que os elegeu, mostrando ser esta uma outra tática na micropolítica local. O morador tece o seguinte comentário sobre Pontes, o condutor da mesa e presidente eleito da comissão provisória das eleições, que organizara a reunião do dia 30 de junho: *nossa chapa e outros quiseram tirar a mesa. Pontes é uma boa pessoa mas ele não tem capacidade para controlar as reuniões*⁵⁰⁸. Há a demonstração de que o morador não se restringiu ao papel de mero expectador de uma reunião, tendo um papel bastante ativo, pois tentou, com outros componente da chapa, “tirar a mesa”, isto é, tomar o controle da reunião conforme os interesses da sua panela, e não a do partido comunista.

Outra tática utilizada, ao menos nesse período da eleição para a associação de moradores, foi a tentativa de alguns membros das chapas em captar o apoio político dos pesquisadores. Nesse sentido, é possível verificar um duplo jogo: o etnográfico por conta dos pesquisadores, uma vez que era interessante a eles serem convidados a participarem da reunião, e o jogo político dos moradores, uma vez que poderiam usar a presença destes convidados como capital político para suas chapas. Por outro lado, há que se considerar a visão do morador a respeito do que seria uma postura democrática desejável. Se no dia 30 de junho a presença dos pesquisadores norte americanos numa reunião para tratar das eleições fora duramente questionada, também houve quem defendesse a presença destes argumentando a falta de democracia no Brasil daquele período. O apoio à presença deles é captada pelo seguinte registro: *se vocês não podem entrar toda nossa chapa vai sair - alias eu não quero dizer só vocês mas qualquer pessoa aqui no morro. Eu vou nas reuniões porque eu gosto de ver uma associação que vai ser um intermediário entre o povo e o governo e vai trabalhar para o melhoramento do Jacarezinho*⁵⁰⁹. A posição tomada pelo morador revela a forma como vê o papel da associação de moradores – intermediário entre o governo e o povo; a retorica política acionada pelo morador; a visão de que nenhuma reunião deveria ser restrita ou ainda impedir a entrada de qualquer pessoa, sendo ou não sendo morador. Três dias depois, o mesmo pesquisador, David Morocco, participa

508 Nota de campo, DM, 4/7/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

509 Nota de campo, DM, 4/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

de uma reunião, na qual registra: *Later on at the meeting of the comissão provisório das eleições, Ruy Guerra came over to me. I had never talked to him except when he accused us of invading their meeting. He said 'isso é democracia' in reference to the fact that at that point They'd spent nearly one hour trying to come to a vote over a minor question*⁵¹⁰. Nesse mesmo dia, outro morador, Lionel os convida a participar da reunião de sua chapa⁵¹¹.

Entre as observações feitas por Leeds sobre o processo eleitoral e as táticas de busca por apoio político e votos⁵¹², atenta para as propagandas das chapas na favela e os recursos acionados de um modo geral – faixas – e os não acionados. Neste caso, chama a atenção do antropólogo o não uso do alto-falante para veiculação de informação política. Um detalhe, porém, chama mais sua atenção: a apresentação das plataformas das chapas que, a seu ver, eram idênticas, mas sem menção aos nomes das pessoas componentes das chapas. É a partir dessa lacuna dos nomes nas faixas e cartazes de chapas que Leeds desenvolve o que nomeia como *Some tentative conclusions*⁵¹³.

Nesta tentativa de conclusões acerca desse processo e, coerente com o conjunto das informações registradas nesta anotação de campo, feita em diferentes datas e com diferentes interlocutores, Leeds apresenta duas idéias chave. A primeira, mais próxima da questão do poder, afirma: *(...) most of the political ends of an assoc and the administration ends can be achieved by the candidates, chapas, representantion of the political favela power. Formalization of an asoc might concentrate power (...)*. Quanto a segunda conclusão, afirma: *A degree of personalism seems to be involved, altho the evidence is contradictory*. E o que traz essa contradição, segundo seu raciocínio, é justamente a lacuna de nomes de pessoas específicas nas faixas, placas, entre outros meios de propaganda das chapas. No entanto, o que o levou a perceber um grau de personalismo foi a divisão das chapas. Segundo ele, *the chapa splitty to control more votes suggests following of candidates – circules, rapaziadas, turmas, igrejainhas, panelinha – all to be called on for votes (...)*⁵¹⁴. Esta é uma das poucas notas em que o antropólogo arrisca fazer as suas próprias conclusões e observações, de maneira sistematizada e organizada, logo após o registro dos relatos de seus interlocutores. Nesta, aparece a troca por parte do antropólogo, não mais como receptor, mas como aquele que fala, que registra o seu próprio relato a partir das elaborações de seus interlocutores.

De todas estas tentativas de conclusões apresentadas por Leeds nesta nota de campo, a

510 Nota de campo, DM, 7/7/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

511 Nota de campo, PR, 7/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

512 Nota de campo, AL, 29/8/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

513 Nota de campo, AL, 29/8/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

514 Nota de campo, AL, 29/8/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

primeira é a que mais se aproxima do conjunto de análises presentes em *Sociologia do Brasil Urbano*. Mais precisamente, a ideia de que toda organização é uma fonte de recurso de poder (LEEDS e LEEDS, 2015: 52, 77, 78); a ideia de que a favela é organizada pelos grupos, seja de parentesco, amizade, clique, vizinhança ou vínculos associativos. Nesse sentido, o destaque feito à vida associativa e ao interrelação entre estes grupos (LEEDS e LEEDS, 2015: 83) pode ser também identificada nesta primeira conclusão.

O que pensam, o que dizem: a política nas representações dos moradores.

Em contraste com o que a teoria da cultura da pobreza e a teoria da marginalidade afirmavam naquele período sobre a consciência política dos moradores das favelas, a política era algo abertamente dito e vivido entre os moradores. O pensamento sobre a política veiculado pelas falas registradas nas notas de campo nos dão uma dimensão mais concreta de como estes moradores vivenciavam a política cotidiana e a forma como a representavam. Em alguns registros desses pesquisadores, é possível apreender determinadas concepções políticas dos moradores.

O voto por exemplo é representado tanto como algo que confere poder e legitimidade, bem como a própria ideia de poder também se mostra a trelada ao voto, no sentido de que pode dar o poder legítimo, bem como pode trazer o perigo de concentrar o poder numa pessoa só.

(...) Tião vs too much power of pres. (...) Flavio discussing w silvia – a coisa começou mal by having no fixed pres – but can be repaired. Flavio argues to vote for permanent pres(...) Oswaldo vs because this would be old plenario naming new pres você fixed pres. very dangerous to elect a pres and wont have [] care – já chega dos donos do morro - [] lucros vão a cidade, agem em nome dos moradores. Acts of pres must to be limited; conselho fiscal. [] for him to make cargo para ele, pessoal, not for moradores – real represented – este conselho e o mais representativo que já teve aqui – votados pelos vizinhos. Voto é poder. (Nota de campo, AL, 15/12/1965 BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Vemos, somente nessa elaboração em torno da escolha entre um presidente fixo ou temporário, diversas visões da representatividade e da forma como concebem a legitimidade, de modo que tem plena noção do poder do voto naquele contexto de escolha de um representante deles, como também o quanto o empoderamento a uma só pessoa, ainda que dado pelo voto, poderia se tornar algo arriscado. Nesse sentido, é interessante ver a figura do conselho fiscal como algo a dar limites ao poder do presidente. Também se percebe o quanto apreendem a relevância daquele espaço de representatividade justamente pelo fato de ter sido construído pelo voto dos próprios moradores.

Em tempos de ditadura militar e de questionamentos, dados pela RA, ao caráter democrático do processo eleitoral da associação de moradores, a visão de democracia entre os moradores pode ser ilustrado no que disse um morador para David Morocco, cuja presença em uma das reuniões para tratar

do processo eleitoral fora rechaçada por outro morador⁵¹⁵. Na reunião seguinte a este incidente, David, ao perguntar ao morador se ele e Peggy poderiam ir a próxima reunião, recebe a seguinte resposta do morador: *se vocês não podem entrar toda nossa chapa vai sair - alias eu não quero dizer só vocês mas qualquer pessoa aqui no morro*⁵¹⁶. A despeito de toda a desconfiança em relação a estrangeiros vindos dos Estados Unidos em tempos de Ditadura Militar e Guerra Fria, houve quem defendesse a presença destes pesquisadores nas reuniões acionando o argumento da luta pela democracia, pelo direito à voz, à manifestação e à transparência da atuação política dos moradores.

Ao mesmo tempo em que representações como *Ladrão por ladrão deixa os que estão*⁵¹⁷, ditas em conversas corriqueiras, podem passar a ideia de alguma comodidade em relação aos políticos de fora da favela, há outras com caráter inverso e que, se considerarmos a situação em que foram proferidas, ganham peso maior. É o caso da frase *You do me no favors – its your govt duty*⁵¹⁸, proferida para um político não residente, presente numa reunião de moradores. Ou ainda: *“o povo aqui e o do mais politicizado do Rio – não confia nas promessas vazias” They are politically astute. Since the beginning Jac has been political*⁵¹⁹.

Em que pese o intervalo temporal entre uma e outra fala, e ainda o contexto político diferenciado, pois no segundo momento, os moradores já haviam passado por diversos processos políticos e reconsolidado a sua Associação de Moradores numa correlação de forças com a administração pública e os políticos de fora, as duas representações não necessariamente revelam um contraste. Afinal, não está embutida somente a ideia de comodidade na primeira frase. Há também um sentido de justificar o jogo das trocas de favores. Ou seja, se há algum tipo de benesse a ser ganha com a manutenção de quem já está, por que mudar?

Destaca-se também a forma como eles interpretam a capacidade política deles mesmos nesse período. Se Ramos, para justificar sua derrota, afirmava que *electors who showed intended in voting for him (see phrase above) not instructed but simply able to put paper in box*⁵²⁰, outros moradores também acionam ideia semelhante, que remetem a passividade dos moradores, ainda que aplicado a outras situações, sobretudo em relação a atuação da Associação de Moradores. *Zinho answered – people aposado in Jac.; people who don't want to work are the reason that things are being held up.*

515 Notas de campo, PR, 30/6/67 e DM, 4/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

516 Nota de campo, DM, 4/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

517 Nota de campo, AL, 5/7/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

518 Nota de campo, AL, 12/6/68, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

519 Nota de campo, PR e JP, 15/1/1969, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

520 Nota de campo, AL, 5/7/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

*Said last rainy day he was going around the favela trying to inform people about the associação – people who had never heard of it*⁵²¹.

Ao mesmo tempo em que a Associação de Moradores é representada positivamente como uma entidade *que vai ser um intermediário entre o povo e o governo e vai trabalhar para o melhoramento do Jacarezinho*⁵²², esta também é vista como *“An ass of moradores in Jac could never unite the favela” – the people have had too much done for them by outside politicians to feel that they need or should trust the ass. “favelado -home que vive de favores’ – they go to the sindicato for favors, though, not the ass*⁵²³.

Mesmo sendo perceptível alguns contrastes na forma como o morador vê a representação política do outro morador, ou como veicula o seu próprio pensamento político, o conjunto das observações de campo aqui analisadas demonstram o equívoco da literatura dominante, cuja desconstrução, iniciada anteriormente, estes pesquisadores continuaram através de demonstrações empíricas. Se no período o que diziam os moradores não aparecia literalmente nos trabalhos finais desses cientistas, isto estava devidamente ativo nas notas de campo. O conjunto de observações sobre a dinâmica política colaborava para a superação de visões comuns sobre o “uso político dos moradores” ou mesmo a ideia de clientela da máquina política.

O Bloco e a Escola de Samba

Constituindo-se como grupos de rapaziadas, além de espaços de lazer e de vida social importantes na favela do Jacarezinho, o bloco Não Tem Mosquito e a escola de samba Unidos do Jacaré⁵²⁴ aparecem nas notas de campo de A. Leeds, Peggy Rockefeller e David Morocco em diversas ocasiões e abordagens. Mais do que espaços de sociabilidade da vida social, as agremiações são vistas pelas suas relações de poder, que ganham peso nas descrições dos pesquisadores.

Se num primeiro momento, a emotividade e os sentimentos são o foco da atenção de Anthony Leeds⁵²⁵ e se o excesso de formalidade é visto como sintoma do desânimo entre os moradores, posteriormente a observação dá lugar aos impasses e considerações dos moradores em relação a união

521 Nota de campo, PR, 30/6/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

522 Nota de campo, DM, 4/7/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

523 Nota de campo, PR e JP, 15/1/1969, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

524 O GRES Unidos do Jacarezinho nasceu da fusão das agremiações Unidos do Morro Azul, Unidos do Jacaré e o Bloco Não Tem Mosquito, em 1967. Veja: <https://jacarezinhorj.blogspot.com/p/escola-de-samba.html>. Acesso em 18 de maio de 2019.

525 Nota de campo, AL, 23/2/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

do bloco com a escola de samba⁵²⁶. É dos impactos trazidos por este impasse entre os moradores que Anthony Leeds percebe e registra as outras relações de poder dentro das agremiações e entre elas. Na sua interlocução com Mané, o passista com quem estabeleceu uma interação mais intensa (vide foto em anexo), o fato de ser da ala dos compositores, e não o de ser sócio diretor da Unidos do Jacaré, é o que daria a ele algumas vantagens: *prestige; subvention; being comps of E de S; joint finances*⁵²⁷.

Apesar de Mané se posicionar a favor da fusão, a maioria dos membros do bloco era contra e, ao que parece, exercia pressão entre os indecisos. A postura de Mané em relação ao impasse era favorável à união, mas se não juntasse, voltaria ao NTM. Embora fosse contrária à fusão, outra moradora também ficaria no NTM caso a fusão não acontecesse⁵²⁸. Na avaliação de Vanda, a escolha se daria pelo ganho ou perda de status na visão dos outros⁵²⁹. Ou seja, se permanecesse no bloco, caso a união não ocorresse, ganharia status. Na representação da moradora, a ida para a escola de samba levaria ao enfraquecimento de seu status na visão dos outros moradores. A não captação, por parte do antropólogo, sobre as razões da contrariedade da maioria dos moradores em relação à união das agremiações é compensada pela captação de outras nuances, como a representação de perda ou ganho de status da moradora, o fato dela saber que esse status dependeria da aprovação dos outros e o fato dela dar centralidade à isso na sua posição para o impasse e na sua política em relação às agremiações. Assim como Mané, ambos pensam o impasse sob a ótica das relações de poder, de ganho de vantagens e status. Em relação a outros moradores, registra: *Bateria, diretoria. Boys lined up against wall at UJ thumbs down expression on face*⁵³⁰. Conclui pela contrariedade à união lendo a expressão facial de seus interlocutores.

A sequência de relatos de Mané também revela a interação entre as duas agremiações, uma vez que evidencia a frequência dos membros em ambos os espaços e a interação dos integrantes da organização das agremiações, a ponto dos membros da bateria da Unidos do Jacaré tocarem o samba enredo do NTM. Mesmo que alguns setores se posicionassem contra a união, as duas agremiações conservavam algum grau de parceria, visto haver componentes participantes de ambas, bem como uma tocava o samba da outra. Ou seja, não se refere exatamente à rivalidade entre as agremiações, mas a uma interação na qual a ocupação de funções e o ganho de status tinha centralidade para os moradores.

A atenção à sobrevivência material das agremiações é algo destacado no registro, uma vez que

526 Notas de campo, AL, 5/6/66, 16/12/66 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

527 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

528 Nota de campo, AL, 16/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

529 Nota de campo, AL 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

530 Nota de campo, AL 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

capta de onde a escola retira parte de seus recursos – vendendo cerveja –, bem como as condições materiais da escola consideradas importantes no olhar do antropólogo: possuir quadra própria e alto falante. Nesse ponto, o fato de possuir o espaço e o principal meio de comunicação naquele momento, o alto falante, constitui na verdade importante fonte de recurso de poder no contexto de uma favela naquele período. E isso, certamente, fazia com que as agremiações gozassem de capital político entre os moradores e entre os políticos de fora da favela, pois detinham estes e outros recursos de poder menos visíveis, mas igualmente importantes, como o alcance a grande número de moradores que frequentavam o espaço.

Em relação ao bloco, a informação sobre a sua condição material diz mais sobre a fatalidade da enchente de 1966 do que exatamente sobre o bloco. No momento da observação, a quadra do bloco abrigava os flagelados do Morro do Urubu e, por este motivo, não estava tendo ensaios⁵³¹. Logo, é possível inferir que a manutenção financeira poderia estar prejudicada, uma vez que os ensaios também eram ocasiões em que as agremiações arrecadavam recursos através da venda de bebidas. Outra informação importante é o perfil das pessoas de fora da favela que frequentavam e também mantinham as agremiações. *GB state man there; some militares. New pres UJ is banqueiro, a PM ([] [] in PM) – lives outside favela*⁵³².

Peggy e David observaram a situação financeira e a influência das relações políticas dentro e fora da favela. Num momento inicial, Peggy tece a sua própria interpretação para explicar a situação financeira. *David asked how they had handled finances before, and he did not understand – obviously it was being handled in a very informal way and no one knew where the money was going. Started talking about the samba enredo.* Apesar do rodeio do morador, chegam novamente na crise financeira das agremiações. *Talked about the federal deputado, Dutra, who was cassado. He was the one who has the closest connection with mosquito*⁵³³. E em seguida desvela as relações entre a situação financeira do bloco e da escola de samba e a participação de personagens da política nacional, tais como um “Dr” vinculado a Cohab que teria dado sacos de cimento para o bloco; e de um outro deputado que perdera as eleições mas que dera dinheiro para a melhoria da quadra da escola de samba do Jacarezinho. Apesar dos moradores identificarem as trocas de favores com políticos de fora, nenhum destes são identificados pelos moradores como detentores de poderes sobre as agremiações, mas um banqueiro de jogo do bicho. Na visão dos moradores, a explicação para a crise seria a prisão deste banqueiro e

531 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

532 Nota de campo, AL, 5/6/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

533 Nota de campo, PR e DM, 24/6/67, Jacarezinho; Festa de São João. Peggy and David. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

acrescentam mais um dado: *Paolo* [o deputado derrotado] *hoping that if he got elected he would dissolve the charges against Ne* [o banqueiro]⁵³⁴. Isto é, até a prisão do banqueiro era usada como elemento na troca de favores para facilitar a apropriação e uso do espaço do bloco e da escola de samba para os mais diversos fins, sobretudo políticos dentro da favela.

Em todos estes registros verifica-se a identificação daqueles que detêm algum poder dentro das organizações dos moradores, no caso, seja o PM, o presidente da escola de samba, o banqueiro do jogo do bicho ou o deputado. A articulação das diferentes esferas de poder se manifestam nesses espaços recreativos e reproduzem também a lógica acionada pelos moradores, qual seja o ganho de status, ou ainda os usos desses espaços para a captação de status e de capital social e político. Por outro lado, o registro da presença de militares em agremiações recreativas no contexto histórico da ditadura militar, ainda que não seja algo que o pesquisador se aprofunde na sua anotação de campo, por si só evidencia o alcance da atuação deste grupo nas favelas e o fato de se articularem dentro destes espaços festivos. Da mesma maneira, a apropriação e o uso destes espaços por políticos de fora da favela também são evidenciados nos registros. Ou seja, o espaço recreativo guarda usos e apropriações muito maiores do que as anotações puderam registrar.

As favelas na teoria de classes sociais

No conjunto de trabalhos resultantes de suas pesquisas, os *squatter settlement* são entendidos como um fenômeno resultante das relações entre as variáveis geradoras e as variáveis resultantes das relações de classe sociais. Estas relações são empiricamente descortinadas nos seus trabalhos de campo. Aí apresentam-se os símbolos de classe no cotidiano (LEEDS e LEEDS, 2015: 115); a relação funcional entre as classes e que perpetua o sistema (LEEDS e LEEDS, 2015: 117); a criação de divisão de classe pelas panelinhas e cabides (LEEDS e LEEDS, 2015: 121); a relação dialética entre as classes onde a riqueza é produzida pela pobreza, ou ainda, a complementariedade entre proletários e elites (LEEDS e LEEDS, 2015: 126, 222); o sistema de estratificação ocupacional (LEEDS e LEEDS, 2015: 149/50) recuperado mais tarde em sua proposta metodológica sobre as classes (LEEDS, 1994); a falta de consciência de classe do morador da favela ao ignorar os modos de vida da classe oposta, somada a falta de ciência sobre os canais de mobilidade (LEEDS e LEEDS, 2015: 170); a gama de estratificação vista nas favelas, compartilhada por seu colaborador Machado da Silva (1967); a ação divisionista das elites sobre as favelas, bem como o divisionismo e competição no seio das elites que resulta nas

534 Nota de campo, PR e DM, 24/6/67, *Jacarezinho; Festa de São João. Peggy and David*. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

coalizões com os proletários (LEEDS e LEEDS, 2015: 218, 215, 223, 225, 230, 260); e por fim, e mais importante, o anseio pela manutenção do status quo por parte das elites de fora da favela e da burguesia favelada (LEEDS e LEEDS, 2015: 230), em acordo com Machado da Silva (1967).

Percebe-se que mesmo buscando uma teoria de classes que saísse do dualismo marxista, de modo a aplicar a teoria geral do poder multiclasse, esse dualismo começa a ser superado ao buscar e constatar empiricamente as relações de cooperação, alternada com a exploração e contraexploração. O antagonismo, não saindo completamente de sua perspectiva, assume outras formas como a não cooperação, as trocas de favores, ou mesmo a contraexploração. Ainda que em seu esquema de coalizões de classe vislumbre um atravessamento da fronteira elite-proletariado, isto não configura uma permeabilidade entre as fronteiras, visto que as coalizões são pontuais, utilitárias e pecuniárias – para usar uma expressão sua, dos tempos da zona do cacau – para ambas as partes.

No conjunto de trabalhos publicados em 1994, escritos entre as décadas de 1970 e 1980, o controle, manipulação e troca de recursos são apresentados como características basilares para a discussão sobre a análise de classes. Curiosamente, o que o leva à sua proposta de análise transnodal em vez da análise de classes é justamente a confrontação do que seria classe média, e não o antagonismo proletariado versus elite. Considera como elementos, ou variáveis, constituintes de classe a troca de recursos, as transações com fontes estratégicas da sociedade, o processo de informação, isto é, atividades funcionais, cuja função é ligar redes, posições e organizações que estruturam o proletariado com as que estruturam as elites, de modo que as funções societárias interdependentes destes dois agregados operem previsivelmente (LEEDS, 1994: 151, 152). O bloqueio do acesso aos recursos e associações, redes informais e contatos constituem mecanismos de fronteiras entre as classes (LEEDS, 1994: 153), características igualmente presentes na análise feita nas pesquisas nas favelas e que remonta ao estudo sobre carreiras brasileiras e à análise das coalizões entre elite e proletariado.

Na busca de uma análise qualitativa de variáveis para a definição empírica do conceito de classe (LEEDS, 1994: 168), propõe como modelo de análise os nós/nódulos, ou ainda, a análise nodal para definir classe (LEEDS, 1994: 170, 171). Nó/nódulo seria um subconjunto de referentes do termo “organização” (LEEDS, 1994: 171), com um conjunto de regras e nomas para conformar as relações entre os nós/nódulos. Como exemplos desses nós, teríamos grupos de parentesco, associações voluntárias, cliques, amizades, agências de estado, entre outros (LEEDS, 1994: 170). Em sua proposta, a análise nodal seria uma alternativa à análise de classe pois apresenta uma solução para o dualismo e permite visualizar as complexidades e nuances presentes nas relações entre estes nós/nódulos e suas

redes que se atravessam ou se entrecruzam (LEEDS, 1994: 185). Tal perspectiva é coerente com tudo o que vinha propondo como modelo teórico metodológico desde a sua pesquisa na Zona do Cacau , no qual a interrelação entre diversas variáveis assumem centralidade na análise e na qual as classes sociais, em seus aspectos econômicos sociais e culturais, assumem papel fundamental como variáveis (LIMA e VIANA, 2018).

No que tange às pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds, é possível concluir que o conjunto de documentos produzidos e coletados na realização do trabalho de campo tendem a valorizar a perspectiva política e econômica de modo imbricado. Principalmente, observa-se a ênfase sobre os lugares de poder que, ao fim e ao cabo, podem estar nos menores espaços. Ou ainda, que todos os espaços são lugares de poder e que a conformação das classes sociais abrange nuances mais complexas do que a teoria clássica e a abordagem estritamente econômica.

Capítulo 4 – Flávio Romano: um interlocutor e observador privilegiado na colaboração científica.

Tendo em vista que na década de 1960 a única produção literária reconhecida feita por um morador de favela foi *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, torna-se importante destacar as situações em que este torna-se sujeito ativo de sua história e passa a construir a sua narrativa sobre a sua realidade (SILVA, 2013). Leeds e Leeds (2015) indicam em sua bibliografia o livro de Benedito Guilherme, morador de Parque Alegria e presidente de sua associação de moradores, cuja autobiografia tentaram publicar nos EUA durante o período e cuja obra é referência em um de seus estudos (LEEDS e LEEDS, 2015: 58, 189). No intuito de destacar a elaboração de uma narrativa como instrumento da construção de uma identidade (SILVA, 2013), este capítulo trata das reflexões, atividades e produção intelectual de um morador do Jacarezinho, Flávio Romano. Neste capítulo será melhor elucidada a sua contribuição para as pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds nas favelas, bem como a sua atividade intelectual expressa em sua atividade como agente comunitário da ACB, em suas cartas encaminhadas à Anthony Leeds e em seus textos sobre as favelas.

Na história da antropologia, a relação de proximidade e colaboração entre o pesquisador e seus interlocutores passou a ser melhor explicitada na década de 1940. Nesse sentido, ganha relevo a obra de Foote Whyte (1943), *Sociedade de esquina*, na qual o antropólogo destaca a colaboração de Doc, seu principal interlocutor, até então tratado pela literatura como “informante”. Nesta, reconhece a contribuição de Doc em sua pesquisa.

Minha relação com Doc mudou rapidamente nesse primeiro período em Cornerville. No início, ele era apenas um informante-chave – e também meu padrinho. À medida que passávamos o tempo juntos, parei de tratá-lo como um informante passivo. Discutia bastante francamente com ele o que eu tentava fazer, que problemas me intrigavam, e assim por diante. Muito de nosso tempo era gasto nessa discussão de idéias e observações, de modo que Doc se tornou, num sentido muito real, um colaborador da pesquisa. (...)

(...). Na verdade, sem ter qualquer treinamento, ele era um observador tão perceptivo que bastava um pequeno estímulo para ajudá-lo a tornar explícitas muitas das dinâmicas da organização social de Cornerville. Algumas das interpretações que fiz são mais dele que minhas, embora seja impossível desemaranhá-las agora. (FOOTE-WHYTE, W., 2005 [1943]: 302)

Podendo ser comparado ao Doc de Foote-Whyte (1943), a convivência de Flávio Romano com a rede de pesquisadores resultou em uma colaboração ativa nesta pesquisa e em um estímulo para que pudesse também produzir suas próprias reflexões, colocando-se como sujeito ativo na construção de uma narrativa acerca de sua vivência como morador de uma favela. É possível considerar que a inserção nessa rede e o acúmulo de capital intelectual de Romano tenha se dado pela sua atuação na

vida política do Jacarezinho, uma vez que era membro do conselho de representantes de rua, participava das reuniões de moradores da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho e que se mostrava atuante nessas ocasiões, intervindo frequentemente e levantando questões a seus interlocutores na disputa política cotidiana da localidade.

A análise da interação de Flávio Romano com Anthony Leeds e a rede de pesquisadores no Jacarezinho será feita da perspectiva dos documentos produzidos pelo morador. Ainda que nesta época a literatura da antropologia, e das ciências sociais em geral, tratasse os interlocutores como *nativos* ou ainda os denominasse de *informantes*, vemos nesta interação um exemplo da mudança no tratamento da relação entre antropólogos e interlocutores pela antropologia. Considerando que a desconstrução desse antigo entendimento já vinha se dando pelo menos desde a década de 1940, veremos nessa interação não só os laços e relações que extrapolam a simples coleta de dados dos cientistas. Será visto também o pendor intelectual impulsionado por esta interação, de modo a destacar a contribuição desse morador para as pesquisas dessa rede científica.

Como será visto neste capítulo, foi estabelecida uma relação dialógica durante a pesquisa de Leeds e de seus colaboradores no trabalho de campo, permitindo que ambas as partes, tanto o pesquisador quanto seus interlocutores, construíssem seus conhecimentos e reformulassem a realidade na qual estavam inseridos. Mais ainda, essa relação dialógica insere ambas as partes nas suas respectivas redes – as do campo na científica e vice versa. Nos termos de Agier (2005) e Oliveira (2000), é possível afirmar que nesses anos de pesquisa e de contínua interação desses pesquisadores estadunidenses com os moradores das favelas houve um encontro etnográfico, de modo a, senão contrariar o tratamento até então dado aos interlocutores como informantes, pelo menos construir laços mais profundos entre ambas as partes.

Essa interação entre Romano e essa rede de pesquisadores é pensada em termos de Jogo Etnográfico. A escolha do termo para analisar a interação resultou de uma apropriação. Este era usado pelo próprio Romano em uma de suas cartas, encaminhada a Peggy Rockefeller. No conjunto das outras cartas e textos, é possível verificar este termo como uma categoria analítica dele, ainda que não esteja devidamente sistematizada. O sentido que estou dando ao termo Jogo Etnográfico resulta de uma tentativa de sistematizar algo que Romano concretamente praticou na sua relação com os pesquisadores. É possível inferir que a categoria constitui as estratégias de revelação e omissão de informações conforme a conveniência, o uso da “gozação” para sugerir ideias ou para ironizar, ou as trocas de benesses feitas durante a interação. Este jogo, como tal, envolvia todas as partes e se estendia

para outras redes além da científica. Logo, os antropólogos também eram praticantes deste jogo, bem como políticos, administradores, controladores de redes de luz, de água, entre outros controladores de fontes de recursos de poder na favela.

Para ter uma dimensão do grau de acirramento destas disputas e dos jogos políticos praticados pelos moradores, basta verificar nestes documentos as intervenções dos moradores, seja para afirmar os interesses dos administradores, seja para contrariá-los. Ainda que os moradores sofressem influência direta de diversos personagens mais influentes, politicamente, não se vê passividade total e completa nos registros de reuniões e assembleias. Nesse sentido, cabe destacar o poder dos líderes religiosos, sobretudo o Padre Nelson, evidenciado pelos documentos, e de controladores da luz, como Jonas Ramos. O padre, por exemplo, controlava o disputado espaço do salão da igreja, principal local das reuniões e assembleias, tinha alto falante, condições de confeccionar prospectos e cartazes e, o mais importante, a adesão de seus fiéis. Assim como ele, os outros líderes religiosos detinham esse capital político, e, o mais importante, a capacidade de influenciar diretamente os seus fiéis. Logo, as redes formadas em torno da vida religiosa do Jacarezinho eram fundamentais para alimentar as outras redes, sobretudo as redes políticas nas quais se inseriam pessoas influentes que moravam na favela e também as que não moravam, incluindo personagens conhecidos do cenário político nacional. Ramos, por sua vez, era comerciante, muito bem relacionado com políticos de fora da favela e com a rede de comerciantes da favela. Também detinha, junto com Padre Nelson, o controle das cabines de luz, como evidenciam os recibos de pagamento de energia elétrica.

A astúcia política ao lidar com as autoridades oficiais também se destaca nas cartas dos moradores encaminhadas aos órgãos. Um documento específico chama atenção para este aspecto. Trata-se de uma carta encaminhada a general Mandim, então ocupante da Secretaria de Serviços Públicos, na qual o interlocutor intenta agradecer a iluminação colocada no bairro de maneira elogiosa à figura do destinatário. Apesar do esmero laudatório, o autor da carta deixa entender que ainda faltava algo mais a ser feito: a iluminação de outra parte da favela que não fora contemplada. Ainda que deixe registrado a despreziosidade daquelas palavras de gratidão, diz: *temos certeza de que ainda mandará iluminar também as ruas de acesso de trânsito do nosso humilde bairro*⁵³⁵.

Mas mais curioso que o modo demasiado elogioso que o morador se dirige ao general Mandim, é o fato de ter escrito à caneta, por cima do nome de Mandim, o nome de Hélio Beltrão. Ou seja, os elogios foram feitos para o ocupante do cargo, não importando quem fosse. As qualidades descritas na

535 Carta de um morador para o diretor da Secretaria de Serviços Públicos. Sem autoria. Sem data. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

carta - “*dinâmico, lutador, corajoso*”, “*já habituado desde os campos gloriosos de batalha e luta por uma causa justa e santa*” - poderiam ser endereçadas a qualquer ocupante, e não necessariamente a Mandim. Por outro lado, se o autor da carta expressa a vontade de *trabalhar em comum acordo com o atual governo da Guanabara, porque reconhecemos nele a honestidade e o valor de um governo amigo*⁵³⁶, de fato, a mensagem poderia ser mandada a quem quer que fosse, desde que fizesse parte do governo. Este caso ilustra mais uma tática política dos moradores em ganhar, se não o que pedia indiretamente nas entrelinhas, ao menos a atenção do destinatário e o estabelecimento de um canal de comunicação.

O episódio da eleição para a comissão de representantes do Jacarezinho para atuar junto a COHAB é outro exemplo da fervilhante vida política e social construída pelos moradores⁵³⁷. Ainda que a formação da comissão fosse uma ordem expressa da Região Administrativa, todo o processo de escolha, feito em uma reunião com 18 representantes de rua e depois em uma assembleia com 600 pessoas, envolveu ampla discussão dos moradores e, posteriormente, ampla participação. Segundo palavras do próprio Flávio Romano, membro eleito dessa comissão, “*o órgão mandou braza*”⁵³⁸, isto é, funcionou a contento, realizando diversas reuniões.

Cabe lembrar que antes mesmo da formação dessa comissão, havia outras organizações construídas pelos moradores, sem a interferência ou mediação externa, e que detinham um capital político importante: a Comissão de Representantes de Rua e a Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho, ao que tudo indica, construída diante da inoperância da antiga associação que existira em 1961⁵³⁹. Ainda que não haja elementos concretos para averiguar as razões da inoperância da antiga associação, o que chama atenção aqui é a capacidade mobilizadora dos moradores independente dos órgãos e o quanto eles conseguem mostrar isso às diversas autoridades e políticos de fora da favela. Assim como Romano jogava com a sua condição de observador privilegiado, os outros moradores também jogavam com sua condição de moradores organizados de diversas formas, ora mostrando às autoridades o que conseguiam fazer sem a colaboração destas (cimentar ruas, levar iluminação, entre outros), ora disputando os espaços de decisão política junto a estas. Apesar da formação dessa comissão ser uma ordem expressa da RA e de não poder ser feita na primeira reunião com os

536 Carta de um morador para o diretor da Secretaria de Serviços Públicos. Sem autoria. Sem data. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

537 Relatórios de reunião de moradores 6/4/66 e de 9/4/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

538 *Histórico Jac*, texto de Flávio Romano, 17/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

539 Carta da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho para a CRF. 13 de abril de 1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

representantes de rua, é bem significativo o número de pessoas que vão à assembléia seguinte fazer a eleição, bem como o fato de os próprios moradores terem estabelecido os critérios para assumir a comissão – deveriam representar as diversas partes da favela.

Os recibos de pagamentos de taxas de luz ou mesmo da associação de moradores demonstram que, apesar das precariedades, havia uma organização com alto nível de controle. Basta ver os inúmeros boletos de luz escritos a mão, em pequenos pedaços de papel, mas registrando a contento os valores e as datas nas quais as taxas foram pagas. Naturalmente, a forma física desses registros também é variável. No lugar de papéis precários escritos a mão, são vistos papéis timbrados, datilografados, contendo a quantidade de Kilowatt consumida, o valor da unidade e mensagens para o contribuinte. Em um dos recibos de luz que Romano envia a Anthony Leeds e a David Morocco, o morador chama atenção de seus interlocutores para a frase: *o gato é uma invenção do sabido que o 'tolo' paga rindo e paga no vencimento sob pena de corte no dia*⁵⁴⁰.

As diversas atas de reuniões de moradores, seja da comissão de representantes, seja da associação pro melhoramentos, registram a qualidade da participação política daqueles moradores, as disputas políticas internas identificando grupos diversos e ativamente atuantes, além das demandas colocadas por eles. Estes espaços de decisão política também eram disputados por políticos de fora, que frequentemente se faziam presentes nestas ocasiões, além dos eventos festivos e confraternizadores.

Logo, a vida política destes moradores já era bastante intensa quando aquele grupo de pesquisadores e de profissionais de agências internacionais adentraram naquelas localidades. Mostrava-se evidente o contraste entre as representações corriqueiras sobre as favelas naquele momento e o que de fato se apresentava para esses atores que estavam começando a conhecer as favelas. Estas mostravam-se muito mais complexas do que as informações vindas pelo relato de Carolina Maria de Jesus e pelos discursos estigmatizantes veiculados pela imprensa da época. A ingenuidade das informações daqueles voluntários, somada à falta de clareza acerca das finalidades da atuação das agências internacionais e do que estas chamavam de Desenvolvimento e Organização de Comunidade – DOC, mostrava-se incompatível com aquele nível de complexidade que se apresentava. Aos moradores, por sua vez, a presença de estrangeiros morando nas favelas, estudando-as, encaminhando-os perguntas trouxe também novas disputas, novos jogos, novas redes para se inserirem e novos atores para inserir nas suas redes. E esta interação trouxe novos olhares sobre as favelas.

Flávio Romano, além de morador e atuante na política interna do Jacarezinho, também se

540 Recibo de luz em nome de Flávio Romano, 22/3/65, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

mostrou um colaborador das pesquisas feitas pelos Leeds e por outros pesquisadores estadunidenses nas favelas, bem como atuou como agente comunitário para a agência internacional Ação Comunitária do Brasil, filial da *Acción En Venezuela* e da *Action International* para a qual produziu relatórios de visita a diversas favelas do Rio de Janeiro (VIANA, 2014). Nesse período em que prestou serviços a esta agência, Flávio Romano passou por um treinamento na Venezuela, como mostra a xerocópia de seu caderno de anotações e algumas cartas enviadas a Anthony Leeds⁵⁴¹. Como esta atuação foi, muito provavelmente, fruto de sua interação com estes pesquisadores estadunidenses, serão analisadas nesta seção, num primeiro momento, a construção desses laços, através das cartas enviadas pelo morador aos pesquisadores e dos textos de sua autoria. Também veremos o olhar de Romano sobre as favelas e as agências internacionais e seus profissionais. É possível constatar que Flávio Romano foi uma referência importante para este grupo de pesquisadores. Afinal, transitava em diversas favelas, conhecia muito bem o Jacarezinho e todas as suas redes de moradores, além de ser um arguto observador da vida social nas favelas, bem como da política interna e externa a favela. Além das informações do campo, suas representações tratavam dos mais variados temas, tanto de âmbito pessoal quanto social, político ou profissional. Isto é, sua subjetividade era elemento importante para a construção da pesquisa.

Considerando a concepção do que seria o encontro etnográfico, a produção de conhecimento através das trocas intelectuais entre os interlocutores no campo, é possível reconhecer uma outra qualidade nessa interação forjada no campo entre os Leeds e os moradores. Não necessariamente assumindo a condição de observadores e colaboradores privilegiados para a pesquisa, tal como o fez Romano, a interação com estes moradores não se desqualifica. Ao contrário, dá outra qualidade e caráter não só à interação em si, como também aos sentidos atribuídos à pesquisa, passando esta a ser algo muito além do encontro etnográfico. Não se produz o conhecimento científico num sentido estrito, mas num sentido holístico, ou relacional, para usar a perspectiva do próprio Leeds. As diversidades de relações que o antropólogo é capaz de tecer e de incorporar na pesquisa e na sua vida, nas suas relações fora da rede científica, passa a ser algo tão central quanto a produção do conhecimento, uma vez que agrega-se ao conhecimento em si e à vida do antropólogo na condição de pessoa, fora do campo. No caso da antropologia e da prática etnográfica, esse processo de incorporação das diversas relações tecidas em campo seria um passo além do que foi chamado de encontro etnográfico e da relação dialógica, pois atribui ao interlocutor um sentido maior, ao incorporá-lo na sua rede de relações mesmo estando fora do campo.

541 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Ainda que essa perspectiva do trabalho etnográfico possa parecer um tanto ingênua ou superficial, veremos nessa interação elementos que ilustram o impacto do encontro etnográfico ao menos nas vidas das pessoas de quem os antropólogos são seus interlocutores. O que representa para eles essa interlocução? No caso de Romano, veremos esse impacto nos aspectos mais pragmáticos da vida desse morador, o quanto ele se utilizava do conhecimento, de modo a agregá-lo ao que já tinha e de 'jogar' com ele nos diversos espaços de intervenção possíveis. Para estes outros interlocutores, a interação tinha outros sentidos, talvez não o mesmo para o antropólogo. No entanto, a centralidade deste tipo de interação mais pessoal dava à pesquisa a carga pessoal, afetiva, isto é, humanizada da prática científica. Muito além da coleta de dados, as subjetividades e emotividades expressas dão elementos mais complexos para a compreensão do campo como um todo, mesmo que o pesquisador não o evidencie nos produtos finais desse processo.

Há, além de Romano, três outros interlocutores do Jacarezinho, Ernani, Lucy Schmidt Paiva e Maria Schmidt que mantiveram contato mais estreito com os Leeds no campo, como evidenciam as notas de campo deles, dos outros pesquisadores e as cartas. Ernani era amigo próximo de Flávio Romano. Maria era esposa de Orestes, casal que alugava casas para os voluntários do PC no Jacarezinho. Conheceram-se por intermédio de David Morocco⁵⁴², que estabelecera moradia antes do casal e enquanto estes residiam no Tuiuti. Lucy é filha de Maria e Orestes e tinha, na época, cerca de 12 ou 14 anos⁵⁴³.

Mesmo não tendo mais elementos concretos para saber as reais condições de vida destes três interlocutores, podemos inferir que o simples ato de escrever uma carta a um amigo distante, que falava outra língua, não deveria ser algo insignificante. Isso demandava não só tempo para escrever, como uma dedicação maior à própria escrita, nem sempre algo natural e fácil, sobretudo num período em que a alfabetização não era acessível a todos⁵⁴⁴. Ernani, por exemplo, escreve sua carta em inglês e frisa estar dedicado ao estudo da língua. Em destaque uma mensagem nada irrelevante: *PS.: Please do not notice the mistakes in english written here ok? As you know I am studing by myself at home because I cannot pay a course yet. Thank you for your kind attention. Your friend: Ernani. (o criolão do David)*⁵⁴⁵. Essa frase comunica ao interlocutor não só o duplo esforço em se comunicar – a iniciativa do

542 Depoimento oral de Elizabeth Leeds a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017. Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro – RJ, agosto de 2017.

543 Depoimento oral de James Wygand a Rachel Viana. São Paulo – SP, abril de 2019.

544 Segundo dados do IBGE, entre 1960 e 1970, a porcentagem média de analfabetos com mais de 15 anos correspondia a 36,6% da população. Fonte: Ferraro, 2002. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos?

545 Carta de Ernani para A. Leeds, 23/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

ato de escrever a carta e escrever em inglês – mas as suas próprias condições de vida, em que precisa estudar sozinho outra língua por não poder custear aulas com um professor. Mesmo sem a intenção, a carta traz dados sobre as condições materiais e sociais de vida destes interlocutores para o pesquisador.

O esforço de Lucy para a escrita não se dá pela dificuldade com as letras - *eu não escrevo uma carta mais longa porque não tenho tempo suficiente*⁵⁴⁶. A falta de tempo para sequer escrever uma carta revela seu ritmo de vida e de trabalho. Quanto a Maria, é evidente o grandioso esforço em escrever: *professor Antonio me desculpa porque eu não sei escrever bem*⁵⁴⁷. Assim, a carga emotiva da carta ganha um tom maior, bem como a expressão de seu desejo de se manter conectada com seus interlocutores, a ponto de driblar as dificuldades com a escrita. É preciso considerar que, para estes moradores, o ato de escrever não era pouca coisa, seja por não dominar a escrita, seja pelas próprias condições de vida. Também não era pouco o desejo de manterem esse elo estabelecido em campo. Mais uma vez, sem ter a intenção, mostram outros dados ao pesquisador, ao mesmo tempo em que mostram afetividade e carga emotiva na comunicação.

Outro aspecto nada irrelevante nessas cartas, além da expressão de amizade, saudades e esperanças de se reunirem com os Leeds novamente, é o valor que atribuem às relações familiares. Em todas, os remetentes se referenciam aos filhos do antropólogo – John, Ann e Madeleine - de modo carinhoso, como também a Elizabeth Leeds e ao casal Peggy e David. Lucy, por exemplo, após mencionar os filhos de Leeds, diz: *um grande abraço no meu irmão David e em Peggy (minha querida irmã americana)*⁵⁴⁸. Indica que a proximidade é representada como uma relação familiar. Esse sentido de irmandade se vê diversas vezes nas cartas de Romano em que expressa sentimentos por David Morocco, para ele, *um irmão*. Essa valorização dos laços familiares e a identificação disso na relação com os Leeds se vê também na carta de Maria ao referenciar o Natal, festa relacionada à família. *No dia di Natal voseis membra de mim ai e pedi a Deus por mim porque eu vou passar muinto tristi longi de quem eu tanto amo eu estou pensando como eu vou passar esti dia meu prazer seria si nos podecemos pasar juntos vose i Davi si diverti bem por noz ai sim*⁵⁴⁹. Estes relatos, além de evidenciarem um traço da subjetividade destes interlocutores, também mostra os pesquisadores incorporados a estas redes de relações familiares de alguma forma.

Essa intimidade quase familiar estabelecida e expressada nas cartas desses moradores aos Leeds permite a eles mostrar outras nuances de suas subjetividades que talvez não ficassem tão claras no dia a

546 Carta de Lucy Schmidt, 9/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

547 Carta de Maria Schmidt Paiva, 23/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

548 Carta de Lucy Schmidt, 9/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

549 Carta de Maria Schmidt Paiva, 23/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

dia da pesquisa de campo. Ernani, Maria e Lucy mostram o quanto valorizam o fato de Anthony Leeds ser um professor, estimam que esteja estudando bastante, que seus estudantes também o estejam e falam, de alguma maneira, sobre a valorização do ato de estudar. Se Ernani destaca estar estudando inglês, e sozinho, a única notícia que Lucy dá sobre sua vida é “ *Eu estou indo bem nos mesmos estudos*” “*Não estou de férias mas ainda vou ficar de férias em dezembro*”⁵⁵⁰.

Outro aspecto de subjetividade mostrado por Ernani, e que não é nada irrelevante, é a sua representação como um homem negro. “*Can you tell me when will you come back to Brasil? I am asking because I have a request to make to you. Say to David my hair is short as he like. Ask him if he has good hair. He will not answer about it, because his hair is not as good as he is thinking. What a pity! He has hair of black person!*”⁵⁵¹. Ainda que o trecho pareça mais uma expressão de jocosidade e intimidade em relação a David, também diz sobre as conversas informais e, à princípio, despreziosas travadas entre os dois. O que talvez pudesse parecer irrelevante no dia a dia da pesquisa de campo para o pesquisador, talvez não o fosse para o morador e vice versa. O que se vê é, ao contrário, a valorização do tema a ponto de fazê-lo chegar ao destinatário final através da carta encaminhada a um destinatário intermediário.

Assim como o diário de campo, estas cartas, além de expressarem a relação afetuosa construída em campo, também traz outros aspectos das subjetividades de seus interlocutores do campo que nem sempre se mostra evidente. Por outro lado, a veiculação dessa subjetividade e a sua incorporação pelo pesquisador dá à sua pesquisa uma outra qualidade, no sentido de agregar ao seu conhecimento um aspecto mais humanizado daqueles com quem o pesquisador constrói o seu conhecimento. Dito de outro modo, o que pode parecer somente uma simples expressão de afeto, pode ter outros sentidos e significados para aquele que o veicula, seja para demonstrar algo de sua subjetividade que não foi evidenciado no campo, seja para fortalecer uma outra relação, cuja construção começara na realização da pesquisa. O campo, para o antropólogo, para aquele que vive no local onde se produz o conhecimento, é algo muito maior e mais complexo. O que pode ser um encontro etnográfico para o pesquisador, para o interlocutor, que colabora na construção de conhecimento, significa a construção de outras relações mais diversificadas com este pesquisador e a inserção deste nas redes do campo. Por outro lado, as trocas de afeto, sendo evidentemente recíprocas, fazem parte do encontro etnográfico.

No entanto, dentre todos os correspondentes moradores do Jacarezinho, o principal interlocutor foi Flávio Romano. Nas seções a seguir, as cartas e textos de autoria de Romano serão analisados

550 Carta de Lucy Schmidt, 9/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

551 Carta de Ernani para A. Leeds, 23/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

tematicamente.

4.1 – Colaboração com os pesquisadores e a condição de observador privilegiado

O ponto central na troca de cartas entre Flávio Romano e os pesquisadores estadunidenses está no fato de Romano ser um observador privilegiado e dele ter plena consciência disso. É através dessa condição que Romano também percebe o jogo etnográfico que faz com estes pesquisadores, bem como o jogo destes com ele. Dá informações e colabora com os pesquisadores em diversos aspectos em troca de sua inserção nessa rede de atores de fora da favela, nessa rede de cientistas estrangeiros que, de alguma maneira, poderia lhe conferir algum status diferenciado entre os seus. Nesta seção veremos como se dera essa colaboração de Romano com os pesquisadores e a sua condição de observador privilegiado.

Além do fato de enviar documentos produzidos no campo e usá-los como o papel da carta enviada, tais como panfletos e recibos de luz, contendo, portanto, informações diretas do campo, Romano faz questão de frisar em diversos momentos a preferência dele em enviar as informações para este grupo de pesquisadores em detrimento de outros. Estes trechos são exemplares:

(...) o deputado me convidou para eu ir ao escritório dele para conversar, acho que está interessado nos meus trabalhos, mais eu prefiro manda a Tony e a você se quiser⁵⁵².

(...) Na despedida das autoridades o Sr. Luiz Alberto travou um diálogo comigo que foi o seguinte: O que faz você? Trabalha em que? - Eu! Sou aposentado e estudo inglez, escrevo alguma coisa sobre a favela. - Desde já esta convidado a ir no meu escritório, aonde lhe mostrarei tudo sobre a (S. E. E.)⁵⁵³.

Esse destaque encaminha uma outra mensagem subliminar para este grupo destinatário: o valor das informações dele teriam despertado o interesse de terceiros. Logo, preferir enviar para eles, e não para outros, tinha grande significado, além da demonstração de confiança e amizade: a colaboração direta, leal e valiosa. O conjunto de informações abarcadas nas cartas de Romano aos pesquisadores vão desde a percepção dele sobre a política na favela, até o trabalho dele na ACB, bem como atualiza sobre a própria colaboração dele com os pesquisadores. Exemplo disso é a intenção de demonstrar sempre o que está fazendo pelos pesquisadores: arrumando casas para alugarem, levando e buscando no aeroporto, ajudando na mudança para a favela, ou de uma casa para outra. *Tony recebi sua carta hoje (...), esperava o Paulo para irmos procurar acomodações para vocês, (...), acho que vai gostar muito, é quarto e sala, tem 2 banheiros, as janelas tem uma 'vista panorâmica' para Estrada de Ferro,*

552 Carta de Flávio Romano para Peggy Rockefeller. 20/9/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

553 Trecho de *Eleição realizada dia 26-6-1966*, texto de Flávio Romano, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

*e da pra ver até a Favela Varginha*⁵⁵⁴.

As informações do campo vão além de enviar recortes de jornais, fofocas e informações frescas. Na busca por essa inserção na rede de pesquisadores, Romano esforça-se em participar das reuniões fora da favela, tais como as reuniões com o PC, com a ACB, as palestras para as quais era convidado, além das reuniões dos pesquisadores que eram organizadas por Anthony Leeds, mas que, na sua ausência, eram realizadas pelos outros participantes do grupo de pesquisadores. Em algumas cartas, diz ter feito relatório desses encontros com a intenção de enviar para Leeds: (...) *guardo para quando voltares, lêr e dar o seu 'veredict'*⁵⁵⁵; *Tony, tenho acompanhado as reuniões e tenho tomado nota de todo assunto, faço isso para quando vieres ao Brasil leres tudo, quanto ao meu trabalho é um prazer faze-lo*⁵⁵⁶.

Romano também enviava as informações para outros pesquisadores através das cartas encaminhadas para Leeds, bem como dava a estas informações sobre o trabalho dos outros pesquisadores nas favelas. Sua preocupação parece ser mostrar o atendimento às demandas de todo o grupo para aquele que identifica como uma pessoa-chave, ou porta de entrada neste grupo de pesquisadores – Anthony Leeds. Assim como ele sabe que é, para estes pesquisadores, uma porta de entrada para as favelas, uma vez que sua atuação política, profissional e social não se restringia ao Jacarezinho, ele também sabia identificar as pessoas com quem os laços poderiam abrir outras portas para outros grupos, como a ACB, por exemplo.

Ainda que essa auto representação de Flávio Romano como um observador e colaborador privilegiado dê o tom preponderante de suas cartas com os pesquisadores, outras auto representações são igualmente demonstradas. A primeira delas é a demonstração de amizade e de carinho com os pesquisadores, expressados por perguntas sobre as pessoas que fazem parte do grupo propriamente dito, isto é, os pesquisadores, como também da família, sobretudo João (John), um dos filhos de Anthony Leeds do seu primeiro casamento e que foi a campo com o pai (ver anexo). Muitas vezes, na saudação ou na despedida, refere-se como amigo de “Tony”: *Tony vai uma das lembranças do seu amigo Flávio*.⁵⁵⁷

Também são constantes as palavras carinhosas, sobretudo na carta enviada a Peggy, na qual não faltam elogios a pesquisadora e a Diana, outra integrante do grupo. Nesta carta, cheia de informações sobre a política na favela e sua própria atuação, a demonstração de carinho vem acompanhada de outra

554 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 27/5/1967, BR RJ COC LE VP RS 05.

555 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 3/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

556 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 2/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

557 Carta de Flávio Romano para Anthony Leeds, julho de 1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

auto representação que se desdobra em outras formas de se auto representar. (...) *o que pude dar a ela foi um pouco de carinho e tratando-a bem, sou tão pobre que a única lembrança que posso dar aos amigos é tratando-os bem*⁵⁵⁸. Aqui, refere-se a si como alguém pobre, sem nada a oferecer além do carinho aos amigos. Essa auto representação também é reforçada por e reforça outras, de naturezas semelhantes, mas não idênticas – a do favelado e a do aspirante a classe média.

Muito além de assinar como “*Flávio Favelado*”⁵⁵⁹ ou “*Favelado amigo*”⁵⁶⁰, o sentido dado ao termo ultrapassa aquele de morador da favela. Constata-se os diversos sentidos no uso desse termo ao ver o que representa para ele ser favelado, uma reflexão apresentada em algumas cartas. Ao receber a sugestão de se mudar do Jacarezinho por causa da atuação na agência, responde:

(...) outra novidade é que marcos me falou que terei que me mudar de Jacarezinho, e eu lhe respondi, Não tenciono sair da favela, posso ganhar muito dinheiro que não sairei do Jac, e disse mais, o meu valor e muito maior se continuar na favela, não tenho vontade de morar numa casa com todo conforto, porque a minha na favela tem mais valor, cada tijolo, cada saco de cimento, custou o meu sacrificio. Você não acha, Tony? (Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 10/1/1967, pg 1 e 2, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Em outros momentos, ao falar de seu trabalho na agência, a identidade de favelado reforça aquela anterior de observador privilegiado e, portanto, de alguém que poderia ser muito útil ao trabalho desempenhado pelas agências. Romano sabe que é justamente a sua condição de morador da favela o que agrega valor ao seu trabalho na agência, o que o torna útil à agência e aos pesquisadores. Ou seja, muito além de uma afirmação política, ele também vê a favela e sua identidade de morador como um capital para si mesmo do qual lança mão em diversos momentos

Por outro lado, também destaca que essa sua condição de favelado o faz perceber nas pessoas um olhar diferenciado em relação a ele, de modo ora a desconfiar de seu trabalho, ora a discriminá-lo.

(...) Jaime e Silvia duvidaram eu trabalhar para accion, pois bem amigo eu farei o maximo, e mostrarei a nossa querida assistente social o quanto aprendi sem ter ido estudar na rua voluntario da patria n 70 EAS e mostrarei o quanto serei útil o quanto o bemdoc também terá a sua parte. (...) eu disse a Liz, se notar que o pessoal me olha como 'intruso' eu seria capaz de renucia-los, mais agora é diferente, eu estou quase colocado e eles quererão ouvir-me, Tony. (Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 14/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Este trecho, além de afirmar sua condição de morador de favela, de mostrar as implicações disso no ambiente de trabalho da agência, também revela a diferença entre a postura destes integrantes das agências, alguns dos quais também eram dos EUA, e a postura dos outros pesquisadores com quem

558 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 20/09/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

559 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 10/1/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

560 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 24/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

teve contato no Jacarezinho, isto é, os Leeds e os outros pesquisadores. Mais adiante, estes mesmos documentos serão novamente abordados para discutir a atuação da agência e de seus profissionais.

Curiosamente, ao lado dessa afirmação política da identidade de favelado, que não necessariamente associa-se à de pobre, aparece a sua aspiração de ascender socialmente à classe média por mérito próprio. Num primeiro momento, pergunta a um profissional da ACB: *eu quero saber como se chega a classe média com honestidade, e poderei saber como pessoas inteligentes se deixam vender a ponto de se tornar desonestos, e ele me respondeu: isso será muito difícil*⁵⁶¹. Posteriormente, diz que o salário adquirido pelo trabalho na ACB *vai fortalecer a tese que quero escrever, que terá como nome: 'o favelado que prosperou honestamente' gostou meu chapa...*⁵⁶². Além do próprio desejo de ascensão social, nas entrelinhas dessas frases está a sua percepção de dificuldade para esta mobilidade social, pois identifica esta mobilidade com a desonestidade, ao mesmo tempo em que acredita ser possível prosperar honestamente, isto é, deixa implícita sua crença numa meritocracia, no qual através do trabalho seria possível ter a prosperidade, não restritamente identificada com a renda, mas com a aquisição de conhecimento. Afinal, para ele, seria o salário de seu trabalho que o permitiria escrever a tese sobre a sua própria ascensão social. Por outro lado, aqui o termo 'favelado' se opõe à ideia de prosperidade, indicando uma contradição em sua postura até então tomada, associando pobreza à favela.

Não por acaso, ainda que em tom de brincadeira, ou “gozação”, para usar as palavras dele e de Leeds, a aquisição de conhecimento é apresentado nas cartas como um valor e como uma auto-referência. Diversas vezes identifica-se como *“Flávio Romano Graduate Student of Anthropology Jacarezinho University. Gozação”*⁵⁶³; *“Um abraço do seu amigo Flávio Romano. Graduate Student Department of Anthropology Jacarezinho University. Um abraço em João.”*⁵⁶⁴. A valorização da aquisição de conhecimento aparece ora como veículo de ascensão ao que imagina ser a classe média, como vimos acima, ora como veículo de inserção na rede de pesquisadores, adicionado à condição de observador privilegiado por ser morador da favela. Nesse sentido observa-se o destaque à sua identidade de morador da favela, ou ainda, de favelado, como ele mesmo afirmou. Seria justamente essa condição que traria o seu saber e, a reboque, coloca a favela como o local onde ele aprende a antropologia. A favela, colocada nesses termos, seria o universo de saber para ele, uma vez que esta também o era para os pesquisadores estrangeiros com quem ali convivia.

561 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 21/10/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

562 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 10/1/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

563 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 2/10/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

564 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 3/10/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Desse capital advindo de sua condição de morador do Jacarezinho, percebe-se o quanto deste capital os pesquisadores puderam também se utilizar. O trecho abaixo sinaliza essa outra face do jogo etnográfico, como também a desenvoltura de Romano no trabalho de campo junto aos pesquisadores.

(...). Flávio começou a falar do Bitinha que era um bandido famoso. (Flávio tem cisma de que a morte de Bitinha foi por motivos políticos, sondou seu Apolônio mas acabou fazendo pergunta direta e o Apolônio achou que não havia nenhuma implicação política, não deixando eu com a impressão de que aquele estava evadindo a pergunta, e sim, de que ele realmente não tinha um interesse profundo nem maiores conhecimentos do assunto). Falaram então de um indivíduo alcunhado de Preto Rio, que agora tem uma loja de móveis no Parque União e parece ter os mais variados antecedentes criminosos: assalto, jogo de bicho, mortes. As conversas cruzadas fizeram muita confusão e tornou-se extremamente difícil continuar a tomar notas. Apolônio soltou a língua totalmente com o Flávio. Contou de como veio para o Rio e a essas alturas um senhor embriagado insistiu em conversar comigo, de maneira que eu estava prestando atenção a duas conversas ao mesmo tempo. Apolônio contou para Flávio que uma tia tinha uma (...). Flávio voltou a falar sobre crime e fez pergunta direta novamente a respeito de Nova Brasília. Os comentários foram vagos e negativos, mas como a pergunta foi direta, não se pôde saber se foi por evasão ou porque realmente não há nada de extraordinário em Nova Brasília. (Nota de campo, Nova Brasília. Interlocutor: Seu Apolônio. 19/8/?. Presentes: Peggy, Ina, Flávio, Machado e Paul. BR RJ COC LE DP PP 03 V6)

Percebe-se que sua presença entre estes pesquisadores era conveniente justamente por facilitar a conversa, a entrada e a confiança entre os moradores de outra localidade. Logo, essa era mais uma contraparte do jogo etnográfico, da qual os pesquisadores se beneficiavam. O (A) autor(a) da nota e observador(a) que compartilha a interação com Flávio observa que, apesar de sua presença com aquele morador facilitar o compartilhamento da informação, também constata uma estratégia não muito boa: fazer perguntas diretas. No entanto, nos relatórios elaborados por Romano para a ACB, percebe-se uma maturação na sua performance ou habilidade ao conduzir suas questões para os moradores nas outras localidades que visitara.

Alguns aspectos se assemelham ao analisar o conjunto desses relatórios, em que Romano é o pesquisador. Em que pese o caráter institucional de tais documentos, tornando-os padronizados e de natureza mais descritiva, destacam-se as partes em que o agente de comunidade relata as entrevistas e a última parte na qual emite uma opinião a respeito da possibilidade de se realizar o programa naquela localidade. O primeiro aspecto a ser evidenciado nesta performance no campo de Romano é o uso da tendinha como local privilegiado de circulação de pessoas e de informação⁵⁶⁵. É possível verificar nos relatórios uma espécie de ritual ou metodismo na visita. Na maior parte das vezes, entram na localidade, conversam com uma pessoa e na sequência vão à tendinha. Nestas, sempre encontram pessoas e conseguem entrevistas com mais de um morador. Há casos em que fazem as conversas em

565 Relatórios de visita ACB, de Flávio Romano. Localidades: Fernão Cardim, 20/12/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V3; Morro dos Urubus, 3/12/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V6; Parque União, 30/12/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V7.

mais de uma tendinha numa mesma visita⁵⁶⁶. Esta prática também se fez quando foi a campo com os pesquisadores. Como não há precisão do ano em que a nota foi escrita, não há como saber se os relatórios antecedem a nota de campo ou o contrário.

Outro ponto importante na performance de Romano no campo é o tipo de pergunta conduzida ao interlocutor. Se na nota de campo o autor da nota destaca o direcionamento de perguntas diretas por parte de Flavio Romano, identificando tal prática como indesejável na condução da pesquisa, em um dos relatórios comenta:

Geralmente em todas favelas do Estado da Guanabara que tenho visitado encontra-se na maior parte dos moradores favelados, a desconfiança, pessoas que vem sofrendo, outras desfrutando boas rendas, com birosacas e tendinhas, e quando são visitados por alguém de fora eles não dão as precisas informações, obrigando-nos a usar de diversos jogos de palavras e facilitando nossas pesquisas” (Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Fernão Cardim, 28/12/66, p3. BR RJ COC LE DP PP 03 V3).

Mais adiante, registra a pré-desconfiança dele em relação ao que escuta de seus interlocutores: (...) *pela quarta vez que visito esta favela, vou descobrindo algo de novo, e não sabendo tudo, acreditando na existencia de muitas coisas*⁵⁶⁷. Sabe por experiência própria, o jogo da escolha que é dito e silenciado pelos moradores, algo que ele mesmo muito provavelmente deve ter feito na sua interlocução com pesquisadores, políticos, outros moradores, administradores públicos e outros representantes do estado. Colocando-se agora no outro lado do jogo, no qual não era ele quem dava as cartas, e conhecendo o jogo do lado do morador, sabia também no que podia e não podia acreditar. Há ainda outros elementos na observação de Romano que remonta a um olhar antropológico, tais como a observação dos gestos faciais de seus interlocutores⁵⁶⁸, as crianças brincando na lama⁵⁶⁹, o nome de uma rua – Rua da Linha – que confirmava a versão dos moradores sobre a propriedade do terreno ser da Estrada de Ferro⁵⁷⁰, os conflitos entre os próprios moradores e com moradores de favelas vizinhas⁵⁷¹.

Não menos importante, e que tomará forma mais adiante, o segundo ponto a ser destacado nas suas observações de campo é a simultaneidade entre a sua adequação institucional, ao mesmo tempo em que expunha à ACB o quanto era prescindível a sua atuação diante da agência dos moradores em sanar seus problemas. No que tange à sua adequação institucional, nota-se em seus relatórios o atendimento a todos os itens necessários à pesquisa da agência e seu propósito maior, escolher em qual

566 Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Morro dos Urubus, 31/12/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

567 Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Fernão Cardim, 28/12/1966, p3. BR RJ COC LE DP PP 03 V3.

568 Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Morro dos Urubus, 31/12/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

569 Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Parque União, 30/12/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V7

570 Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Fernão Cardim, 28/12/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V3.

571 Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Guararapes, 4/1/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V3 e Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Vila Candido, 4/1/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

localidade atuar. Essa adequação, mostrada pelas perguntas sobre a infra estrutura da favela, a associação demoradores, a situação da propriedade do terreno, a relação com políticos não moradores, a presença de outras organizações, parece confluir com seus próprios interesses. Afinal, Romano atuava na vida política de sua localidade, bem como fora candidato a composição da comissão de luz da CEE, junto com Jonas Ramos e Padre Nelson. A avaliação para a escolha da favela era dado ao final do relatório e muitas vezes confirmava a narrativa construída na descrição da entrevista, presente no documento. Nesse sentido, é interessante que a favela recomendada para a atuação da agência seja justamente o Parque União, cuja variedade do comércio, vida associativa e boa infra estrutura o levou a recomendar esta localidade. Também é interessante que outras não tenham sido recomendadas ora por serem íngremes e não cumprirem estes requisitos, ora por cumprirem justamente todos os requisitos, como no caso do Pavão-Pavãozinho.

Não tem organização de fora, o que pode se notar é que os moradores são organizados e a muitos anos vem lutando com esforços próprios, despendendo a ajuda de fora. (...). Na minha opinião, acho SUPER DESENVOLVIDA e bem ORGANIZADA não oferecendo a mínima oportunidade para AÇÃO COMUNITARIA aplicar qualquer tipo de programa. Sem mais atentiosamente, FLAVIO ROMANO” (Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Pavão-Pavãozinho, 3/1/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V7).

A relação com o estado e com as agências e os profissionais do serviço social é também um de seus temas de interesse e que serão evidenciados nos relatórios de visitas. Sua visão acerca do desenvolvimento e organização de comunidade o faz destacar a atuação de assistentes sociais em contraposição aos voluntários da paz. Se em Guararapes destaca a inutilidade das profissionais do serviço social, no Morro do Sossego denuncia sua simpatia pelo programa estadunidense de cooperação técnica, juízo muito provavelmente enviesado pelo seu convívio com estes jovens no Jacarezinho. Vale a pena citar o destaque dado às assistentes sociais em seu relatório de visitas, concretizado na transcrição da interlocução com uma moradora e reforçado na parte final do documento:

Não temos ajuda de fora, assistente social da administração regional vem aqui as vezes, mas limita-se a escutar o que estamos discutindo, nos não aceitamos suas opiniões, temos ideias próprias, atualmente queremos resolver o problema do terreno e negociar com BNH o terreno tem 33 mil metros quadrados, e a proprietária quer 50 milhoes de cruzeiros. Temos projetos de fazer conjunto residencial ,e algumas casas baixas, o nosso grande problema e o dinheiro. (...).

(...) Esta moça que nos deu informações, foi muito franca, soube se expressar dizendo que eles não precisam das ideias das assistentes sociais, a diretoria da associação de moradores tem objetivos próprios, as assistentes sociais para eles não tem grande valor. (Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Guararapes, 4/1/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V3).

Outras observações de Romano acerca dos profissionais do serviço social serão melhor

explicitadas mais adiante neste capítulo.

Percebe-se a diferença de juízo em relação à voluntária da paz que trabalhava no Morro do Sossego pelo interesse manifestado por Romano no trabalho desta e pelo tipo de pergunta destinado a sua interlocutora. Não estava completamente fora do objetivo de sua visita, as questões relacionadas ao trabalho dos voluntários, no entanto, também não havia necessidade de perguntar o que exatamente ela estava fazendo ali. Afinal, a ACB queria atuar onde não havia outra agência ou programa atuando. Isto não impediu que Romano aceitasse a possibilidade de trabalho nessa localidade justamente por considerar a iminente saída da voluntária⁵⁷². Curiosamente, seu juízo em relação às assistentes sociais tem como justificativa a agência dos moradores. No entanto, isso não ocorre em relação aos moradores do Morro do Sossego, no qual destaca o trabalho da voluntária em vez da agência dos moradores⁵⁷³.

A relação com o estado também está no escopo de seus interesses e não necessariamente no da agência. Nesse caso, denuncia a ação de Osmar Resende, administrador da XII Região Administrativa que, além de ter dado material de construção para os moradores construírem a sede de sua associação, também daria “proteção” à localidade, segundo um morador. Tal como na comparação acima entre assistentes sociais e voluntários da paz, a relação dos moradores com o estado é contraposta em outros relatórios⁵⁷⁴ justamente à agência dos moradores.

Não por acaso, dessa observação para a ACB e com os pesquisadores, resultou uma pequena análise intitulada “*Realidades brasileira do problema favela*”⁵⁷⁵ na qual pretendia comparar o Jacarezinho e o Parque União. De fato, não chega à comparação porque se detém nos aspectos positivos de Parque União, sobretudo as suas infraestrutura e urbanização, para argumentar que não considera a localidade uma favela. O cerne de seu argumento é que a complexidade do comércio nas favelas, bem como o caráter lucrativo deste são os principais fatores para que as favelas se “desenvolvam”. Após a enumeração de negócios lucrativos nas favelas, subentendendo-se que se refere a Parque União e Jacarezinho, conclui: *Como vemos, tudo contribui para o desenvolvimento das favelas, na qual chamamos de o “grande problema”, Favelas da Guanabara*⁵⁷⁶.

A condição de observador e colaborador privilegiado, fortemente destacado nas cartas, constrói os laços de afetividade e amizade entre os interlocutores e também se torna o âmago do que poderia ser

572 Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Morro do Sossego, 3/1/1967. BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

573 Relatório de visita ACB, de Flávio Romano. Morro do Sossego, 3/1/1967. BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

574 Relatórios de visita ACB, de Flávio Romano: Fernão Cardim, 20/12/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V3; Morro do Sossego, 3/1/1967. BR RJ COC LE DP PP 03 V6 ; Pavão Pavãozinho, 3/1/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V7.

575 Apesar de não ter seu nome assinado, muito provavelmente o texto é de sua autoria tendo em vista a visita feita ao Parque União da qual recupera elementos observados na ocasião para compor o documento.

576 Texto *Realidades brasileira do problema favela*. Sem data. Sem autoria. BR RJ COC LE DP PP 03 v4.

chamado de jogo etnográfico, em que a interlocução forja, para ambas as partes, a construção de conhecimento e as trocas de informações, de favores, de reconhecimento e valorização entre os pares, seja os moradores, seja outros pesquisadores. Este jogo, naturalmente, é jogado pelas duas partes e será abordado na seção seguinte.

4.2 – O jogo etnográfico e outros jogos

Muito além das trocas, da interlocução e da construção de conhecimento, o que chamamos aqui de jogo etnográfico comporta, como veremos adiante, outros jogos. Essa lógica de colaborações e contrapartidas, de dádivas e trocas, de dar e receber, se estende não só às relações etnográficas, mas às relações entre os moradores da favela, ao menos no caso específico das relações tecidas por Flávio Romano com os pesquisadores e com os moradores. A perspectiva do jogo etnográfico, pautado nas trocas, somada à ideia de encontro etnográfico, pautado no diálogo constitutivo do conhecimento, se destaca numa das cartas do morador encaminhada a Peggy Rockefeller⁵⁷⁷. Nesta, não só o uso do termo *jogo* aparece mais de uma vez, mas a prática do jogo como tal é relatada com destaque. Foi partindo desta perspectiva apresentada pelo próprio morador que se elucidou melhor a análise das cartas e da interlocução constituída dentro e fora do campo entre Romano e os pesquisadores. A lógica do jogo da troca, do jogo de interesses de ambas as partes se apresenta posteriormente nas cartas do morador ao relatar outras interlocuções suas com os moradores, sobretudo com aqueles que conduziam a política dentro das favelas e que igualmente agiam conforme um jogo, não etnográfico, mas político, com atores de fora das favelas.

O jogo desvelado por Romano, somente na carta para Peggy, mostra-se no jogo sentimental para ganhar a atenção da pesquisadora, como se percebe nesse trecho:

Lembro-me de você, quando jogo com as pessoas, quantas vezes você me falou 'eu tenho ciúme', era interessante não é, tinha muito valor no seu 'jogo', talvez fosse por causa destas palavras é que tomei muita amizade a você e as vezes eu penso: será que vou escutar estas palavras tão doce e meiga dos seus labios? Não sei, o que sei é que você sendo feliz eu sou também (...) (Carta de Flávio Romano a Peggy Rockefeller, 20/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

O destaque dado por Romano à categoria “jogo”, destacado pelas aspas, evidenciado nessa carta a Peggy, presume que todos estavam jogando, tanto ele quanto os seus interlocutores, Peggy especialmente. Este jogo apresenta-se com várias facetas, envolvendo inclusive a manifestação mais contundente de sentimentos que extrapolam a relação de interlocutores numa construção de

577 Carta de Flávio Romano a Peggy Rockefeller, 20/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

conhecimento. A carta também era uma tentativa de acionar outra pesquisadora, através de Peggy, para que pudesse convencer uma autoridade do PC a permitir que uma outra voluntária morasse no Jacarezinho. Afinal, se ele não dispunha de meios de contatar diretamente autoridades da agência, a mediação destes atores poderia ser útil em seu propósito – que a voluntária pudesse morar no Jacarezinho. De outro modo, qual seria a razão de expor a situação na carta a Peggy Rockefeller? Provavelmente, sabendo da influência familiar da interlocutora, pôde, tal como ela mesma mostrara a ele, e ele se mostrava ciente, fazer o “Jogo” com ela também. Se ele era fonte de informação e porta de entrada para as favelas, e sabia disso, também sabia que ela poderia ser outra porta de entrada para ele em outras redes, via de regra inacessíveis para os moradores.

Assim como aciona Peggy para fazer chegar sua demanda a outra pessoa, Anthony Leeds também é acionado da mesma maneira, como os mesmos fins – convencer a outros com quem não teria contato direto, nem entrada para negociar seus interesses. *Tony fale com Mark Rogers, vê se convence de continuar na 'Ação', eu gosto muito dele, bom rapaz, se ele sair quem vai ficar no lugar dele, não sei!!*⁵⁷⁸. Nesta mesma missiva, mostra ao antropólogo a sua proposta de organograma para a ACB, em que aparece ocupando o cargo de assessor de ligação, num nível acima das equipes de favelas e no mesmo nível do coordenador e do supervisor das equipes de favelas. A este organograma, acrescenta a mensagem: *Esta é a minha sugestão fale com Mark Rogers. Flávio Romano*⁵⁷⁹.

A carta se mostra, nesta interlocução de Romano com os pesquisadores, como meio de se fazer o jogo etnográfico. Afinal, é o modo como torna o seu esforço em ser um observador e colaborador privilegiado em um elemento importante neste jogo. Assim, é possível entender a própria colaboração dele em troca de laços, e a tentativa de inserção na rede participando de encontros, palestras, ocasiões em que tinha oportunidades de ver especialistas dos estudos urbanos falarem sobre as favelas, isto é, de adquirir o conhecimento almejado. (...) *aprendi muito com vocês e todo sacrificio que faço é pensando que um dia vocês voltem, tenho feito pesquisa nas favelas com Machado e Ina, eles não me pagam, mais não faz mal tudo que faço eu anoto, e a prática? Para o futuro talvez va me servir, Tony, (...)*⁵⁸⁰. A vontade de ser remunerado pelo trabalho que realizava junto aos pesquisadores, de adquirir este conhecimento e de inserção nesta rede também se mostra nas vezes em que trata das reuniões de pesquisadores, iniciativa tomada por Anthony Leeds e continuada pelos atores na sua ausência. Reforça nas cartas a sua presença nas reuniões, as anotações que faz no intuito de mostrar a Leeds, registra as

578 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 27/5/67, BR RJ COC LE VP RS 05.

579 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 27/5/67, BR RJ COC LE VP RS 05.

580 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 3/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

ausências e, sobretudo, aponta diferença no grupo sem a presença de Leeds. (...). *Tony, estou notando isso do grupo, com a sua ausencia falta o dinamismo e a autoridade, hoje vejo a falta que nos faz, aprendi muito com vocês (...)*⁵⁸¹. Nesse sentido, essa percepção de diferença do grupo na ausência de Leeds também é compartilhada por Virginia Lamp, com quem Romano trabalhava na ACB: *Haven't been to meetings of the group for months – in all frankness they became extremely boring, (...). Without Tony, the movement fall apart at the seams*⁵⁸².

Outro elemento acionado nesse jogo, presente nas cartas, é o modo e a frequência com que frisa a sua admiração pelo povo estadunidense e o seu esforço em aprofundar a comunicação com eles aprendendo inglês. Não é raro o uso de expressões em inglês inseridas nas frases, as repetidas vezes em que avisa que está estudando inglês, ou mesmo a indicação de data feita neste idioma. Curiosamente, as expressões de admiração muitas vezes vem acompanhada da ressalva de que “*não estou puxando saco*”, ou ainda, “*não é gozação*”⁵⁸³. Outras expressões dessa admiração e afeto também se veem, como quando diz ao ouvir a cantora estadunidense Odetta: “*esse disco faz lembrar todos, Tony*”, além de montar uma árvore de natal só com os cartões que recebera dos EUA⁵⁸⁴. Não somente uma demonstração de afetividade, mas o esforço em fortalecer laços, no qual a aprendizagem do idioma constitui um elemento importante, leva aos seus interlocutores a mensagem de que ele faz parte dessa rede e de que busca uma qualidade melhor de inserção nesta rede.

E como todo jogo requer duas partes interagindo e, neste caso, uma contrapartida a esta colaboração privilegiada, há evidências de que o trabalho de Romano era de alguma forma reconhecido, incluindo, muito provavelmente, alguma remuneração. Como indica sua “deixa” (para usar uma expressão de Leeds) na carta de 3/10/1966 - (...). *tenho feito pesquisa nas favelas com Machado e Ina, eles não me pagam* (...), se essa não era uma prática recorrente, era ao menos esperada por Romano. Ao menos em duas cartas, Romano acusa o recebimento de cheques enviados por Anthony Leeds a ele⁵⁸⁵. Obviamente, isto também revela a outra parte deste jogo etnográfico no qual os beneficiados pela colaboração de Romano traduzem seu reconhecimento e reafirmam mais concretamente a inserção deste interlocutor na rede de pesquisadores.

Desse modo, se recebia um cheque em troca de seu trabalho seu lugar nessa rede era de colaborador, além de interlocutor privilegiado. De fato, ao menos uma das notas de campo de Nova

581 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 3/10/66 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

582 Carta de Virginia Lampe para os Leeds, 16/01/67, BR RJ COC LE VP RS 05.

583 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 3/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

584 Cartas de Flávio Romano para A. Leeds, 14/10/66 e 10/1/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

585 Cartas de Flávio Romano para A. Leeds: 1/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4 e 27/5/67 BR RJ COC LE VP RS 05.

Brasília atesta a sua presença no campo junto com esta rede⁵⁸⁶. Logo, o jogo etnográfico jogado por ambas as partes envolvia outros elementos mais concretos nessa interação. A colaboração, portanto, não se dava a troco de informação, amizade e afeto apenas. Ao envolver pagamento pelo trabalho do colaborador, criava-se aí também um outro nível de troca, na qual o colaborador assumia um papel mais destacado bem como uma responsabilidade e comprometimento maior com essa atividade. A meu ver, o recebimento de pagamento por um trabalho significa o reconhecimento da relevância desse trabalho, bem como mais um elemento colocado no jogo etnográfico. Neste, ambas as partes se beneficiam e de formas variadas, seja na maior facilidade de acesso aos moradores, seja na variedade de detalhe de informações, seja na captação de capital social e político nas favelas. Com este elemento a mais, o pagamento ao interlocutor privilegiado, a interlocução alcançava uma inserção maior do morador na pesquisa, pois assumia-se o morador como um colaborador efetivo na pesquisa, tal como estudantes que são auxiliares ou assistentes de pesquisa. Afinal, esta colaboração já era feita tendo em vista não ser Romano um interlocutor qualquer nessa rede. A assunção de seu trabalho como colaborador, efetivada no pagamento, consolidava melhor essa colaboração.

Esta lógica de jogo também se aplica a outros âmbitos da vida social de Romano, tal como se percebe ao mostrar nas cartas sua interação com a ACB e com os moradores do Jacarezinho. Quanto ao primeiro grupo, sua condição de observador e colaborador privilegiado, reforçado por sua identidade de favelado, e reificada politicamente, se mostra nos momentos em que veicula suas demandas para a agência acompanhado de críticas à atuação desta. Percebendo a desconfiança constante dos profissionais da agência em relação ao trabalho feito por ele, mostra um dos jogos feitos por ele em relação a estes: *Cinseramente, o que da para notar e o seguinte: Marcos me observa, eu observo a Maria e a Virginia cole as informações de todos*⁵⁸⁷. Além da observação mútua, e do jogo praticado na dinâmica de trabalho dentro da agência, situação da qual se mostra plenamente consciente, também sabe que sua condição de morador da favela o coloca em alguma vantagem em relação a estes estrangeiros da agência. Por outro lado, esta dinâmica reforça a comparação do seu trabalho com o de outros profissionais da ACB e a identificação de outras vantagens e desvantagens em relação à agência. *Marcos (...), a vantagem que levo sobre Marcos, e que o português dele ainda e fraco, ele fala mais espanhol dificultando nas pesquisa*⁵⁸⁸.

Dentro de sua percepção de desconfiança em relação ao trabalho dele, tal jogo se mostra como

586 Nota de campo, 19/8/?, Flávio, Machado, Peggy e Ina. Nova Brasília. BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

587 Carta de Flávio Romano a A. Leeds, 10/01/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

588 Carta de Flávio Romano a A. Leeds, 10/01/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

um mecanismo de sobrevivência dentro de um ambiente no qual provavelmente era um dos poucos, senão o único, morador de uma favela com trânsito livre entre os pesquisadores estadunidenses e entre as chamadas lideranças políticas de dentro e de fora da favela. Assim como se mostrava profundo conhecedor destes jogos políticos de dentro da favela para os pesquisadores, provavelmente o fazia entre os profissionais da agência. Afinal, se sabia que isto era um capital para ele, por que não lançaria mão neste espaço? Por outro lado, o fato de ser alguém com esta inserção profissional poderia também trazer um capital a mais entre os moradores do Jacarezinho.

O fato de jogar com sua identidade de favelado e de observador privilegiado, transformando esta condição em capital para si, fica evidente em seu relato sobre o seu desejo de conquistar o posto de assessor de ligação e ter aumento de salário. Na ocasião em que discutia a possibilidade de aumento de salário e de posto na agência com autoridades desta, expõe:

Tony, então, eu lhe disse que o aumento para mim não significava nada, com este dinheiro como poderia me igualar com o grupo de 'accessores comunitarios', e disse mais, não tenho dinheiro para comprar 'mala' e 'roupas', e que precisava de um adiantamento, foi então que para confirmar pedi 200 cruzeiros novos, e ele me disse que na Venezuela teríamos 'festas' e que precisava boas roupas. (Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 27/5/1967,pg1, BR RJ COC LE VP RS 05).

Por outro lado, é possível inferir que os profissionais da agência também faziam algum jogo com ele. O jogo de atrair recursos humanos úteis aos propósitos da agência e, em troca, em vez de condições justas de trabalho, o deslumbamento com festas e eventos.

É possível inferir que o jogo praticado com os antropólogos não era o mesmo com a ACB. A seguir, a frase de Romano sugere esta reflexão. (...) *eu disse a Liz, se notar que o pessoal me olha como 'intruso' eu seria capaz de renuncia-los, mais agora é diferente, eu estou quase colocado e eles quererão ouvir-me, Tony*⁵⁸⁹. Junto ao reforço da desconfiança que percebia naquele ambiente em relação ao trabalho dele, revela a diferença entre a postura destes profissionais das agências e os outros pesquisadores com quem teve contato. Não só demonstra confiança de Romano em relação aos pesquisadores e desconfiança dele em relação ao pessoal da ACB, como também mostra um jogo diferente.

Romano, uma vez consciente de deter um capital que a ACB não dispunha, senão através dele, estava em condições de jogar com esse capital, negando-se a colocá-lo à disposição da agência. Essa lógica é igualmente perceptível neste pequeno trecho: *Tony, vou mostrar as assistentes sociais e os sociólogos e os voluntários da Paz como se faz DOC*⁵⁹⁰. Sabe do valor de seu capital sendo morador

589 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 14/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

590 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 14/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

de uma favela e, conseqüentemente, observador privilegiado, conhecedor da vida social e política das favelas, da qual participava ativamente. Não se vê fala semelhante, de não dispor este capital para os pesquisadores, em nenhum momento da interlocução com estes atores. Ao contrário, sempre reforça a preferência em colocar este capital a disposição dos pesquisadores do que a quaisquer outros atores interessados. Além disso, em nenhuma carta menciona qualquer tipo de desconfiança de algum pesquisador em relação a capacidade de trabalho dele. Sabe que os pesquisadores também precisam deste capital, e percebe a valorização de sua pessoa, reforçada por um convívio diário, além das informações e da capacidade colaborativa de que dispõe.

No espaço do Jacarezinho e entre os seus pares, igualmente experientes, Romano explica para Peggy como operava seu jogo:

“(...) estou fazendo um 'jogo' duplo com o Padre Nelson e Jonas, dia 14-9 fui a reunião na igreja e foi um deputado, Nelson José Salim, e ele discursou, e falou-nos que devíamos fazer uma 'associação de moradores' e que ele sendo jornalista do maior jornal matutino vendido na america latina depois do NYTimes, e que poderia através do seu 'jornal' divulgar todos os problemas do jacarezinho, me parece que vou tomar parte na diretoria, o deputado me convidou para eu ir ao escritório dele para conversar, acho que está interessado nos meus trabalhos” (Carta de Flávio Romano a A. Leeds, 20/09/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Na sequência, conta como conseguiu pedir uma máquina de escrever ao Padre Nelson através de seu jogo.

Além do que já foi exposto, isto é, a sua demonstração de que outros estariam interessados em seus trabalhos, além dos pesquisadores, Romano explica a destreza com que lida com o jogo político, ao ponto de numa mesma situação articular com atores diferentes, de dentro e de fora da favela, e de grupos opostos. Não esconde seu interesse neste jogo – tomar parte na diretoria da associação de moradores, estabelecer contatos com pessoas influentes de fora da favela, tal como Padre Nelson e Jonas o faziam. Sabia qual era o jogo praticado por estes atores de dentro e fora da favela. Estava inserido nesse mesmo jogo e mostrava-se habilidoso, a ponto de conseguir, além dos contatos, uma máquina de escrever de alguém com quem nem sempre jogava no mesmo time.

Ainda que os outros jogos praticados por Romano em sua vida social e política possam ser vistos como essencialmente pragmáticos, pois visavam alcançar determinados objetivos concretos, nem tudo no jogo etnográfico feito com os pesquisadores estadunidenses se reduz a trocas de caráter pecuniário ou pragmático. Afinal, a busca por inserção nesta rede, a qual tanto admirava, demandava também uma inserção de outra natureza, como veremos na próxima seção.

4.3 – Muito além do jogo etnográfico: laços e gestos na interação com os pesquisadores.

Obviamente, a inserção neste grupo não era a única contrapartida envolvida na colaboração de Romano com Leeds e os outros pesquisadores. Muito além de mais um elemento no jogo etnográfico, a demanda por reciprocidade e respostas às cartas e informações enviadas assumem destaque, como um gesto de confiança e proximidade, na interação de Flávio Romano com os pesquisadores.

A primeira e mais frequente demanda de Romano em relação aos pesquisadores é a resposta deles, o envio de notícias, a acusação de recebimento de textos e recortes de jornais que Romano fazia e enviava para eles, em alguns casos, a pedido dos próprios pesquisadores.

Caro amigo Anthony Leeds. Não recebi carta sua, mais sei que todos vão bem, tenho tido notícias de todos por intermédio de Liz, não sei quando terei o prazer de ler algumas linhas escritas por você, (...). (...)Tony vou terminar, e pensando que já esta bem perto de Liz embarcar, e posso dizer-lhe que de todos é ainda a pessoa que eu posso confiar, de todos meus amigos estrangeiros. Até breve. Flávio. O record pequeno é para David diz a esse puto para me escrever. O.K. (Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 1/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Neste mesmo documento vê-se a demanda por resposta na saudação e na despedida da carta, reforçando o pedido encaminhado não só aos destinatários, Anthony e Elizabeth Leeds, mas sobretudo a David Morocco, por quem sempre perguntava em quase todas as cartas encaminhadas ao casal. Também se vê a parceria e colaboração de Romano com David Morocco, a quem, diversas vezes, referia-se “*como um irmão*”⁵⁹¹.

Romano também faz outras solicitações a seus interlocutores. Não só respostas às cartas, notícias das pessoas do grupo, mas também conselhos em relação a sua atuação profissional. Em carta de 1 de novembro de 1966, Romano diz ter feito questionário para ACB e que, por terem gostado, falaram da possibilidade deste questionário ser aplicado para a COHAB. Diante dessa possibilidade, Romano questiona a Leeds: “*você acha que devo aceitar?*”⁵⁹². A solicitação de aconselhamento numa situação como essa demonstra algo além de uma simples busca por inserção em outra rede. Não só reforça a sua utilidade como um colaborador, cujas informações são valiosas para o tipo de trabalho desempenhado pelas agências internacionais que atuavam nas favelas, e para pesquisadores estadunidenses, como também demonstra confiança em seu interlocutor. Ou seja, a busca também era por uma relação de amizade sincera.

Essa busca por gestos de reciprocidade por parte dos pesquisadores para com ele se mostra

591 Carta de Flávio Romano para A. Leeds, 21/10/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

592 Carta de F. Romano a A. Leeds, 1/11/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

também no pedido feito, em letras garrafais, de modo destacado do restante da carta, para que o casal Leeds fosse buscá-lo no aeroporto⁵⁹³. Não por acaso, na mesma carta menciona, anteriormente ao pedido, que também fazia esse gesto quando o casal chegava no Brasil. Logo, grifar o pedido em letras garrafais logo após dizer que ia frequentemente esperá-los é, além da demanda por uma reciprocidade, também uma expressão de intimidade.

De modo semelhante ao jogo etnográfico, a intimidade era mostrada de diversas maneiras. Primeiro pela preocupação com os pesquisadores, como a preocupação ao perceber um ar de tristeza em Ina Dutra⁵⁹⁴; as recomendações, perguntas pelo bem estar e envio de abraços a João [John], filho de Leeds⁵⁹⁵; a preocupação com Diana⁵⁹⁶ a ponto de querer acionar via Elizabeth Leeds alguma autoridade do PC para que ela pudesse morar no Jacarezinho; frisar que guarda a caneta dada por Peggy só para escrever a carta para ela⁵⁹⁷.

De outro modo, a intimidade permitia que se referisse a alguns, como David, por palavras de baixo calão - *“diz a esse puto para me escrever”*, e que pudesse chamar atenção de Peggy indiretamente, através de carta encaminhada a Leeds. *Tony dê um abraço em David eu o considero como um irmão, diga a ele que quando tiver um tempinho me escrever, e quando encontrar Peggy não fazer como fez aqui no Brasil que chamou atenção de todos no bar do Arruda.*⁵⁹⁸. A intimidade com Peggy é bastante ressaltada na carta enviada à pesquisadora em 20/9/66: *Quanto a você merece o máximo, penso até em puxar-saco, sendo você a princesa de tudo quanto a bom no mundo (...)*⁵⁹⁹. Somente esse trecho, entre tantos outros do mesmo documento, dá a ideia do grau de intimidade entre estes interlocutores. Logo, era perfeitamente cabível e permissível chamar a atenção dela em carta encaminhada a outro pesquisador.

Nesse rol de demandas por reciprocidade, o reforço de laços e expressão de afeto através de gestos de preocupação e atenção para com o grupo de pesquisadores, também inclui a esperança de ver novamente estes interlocutores. Não menos importante, a demonstração de ansiedade em reencontrar e ter novamente o convívio diário na favela, reforça a busca pela renovação dos laços, elemento constante na interlocução com este grupo. Mais ainda, todos estes elementos reforçam algo valioso para o grupo de antropólogos: a demonstração de confiança por parte do morador, a ponto de extrapolar

593 Carta de F. Romano a A. Leeds, 27/5/67, BR RJ COC LE VP RS 05.

594 Carta de F. Romano a A. Leeds, 20/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

595 Cartas de F. Romano a A. Leeds, 2/10/66; 3/10/66; 10/1/67; 14/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4

596 Carta de F. Romano a A. Leeds, 20/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

597 Carta de F. Romano a A. Leeds, 20/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

598 Carta de F. Romano para A. Leeds, 14/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

599 Carta de F Romano para Peggy Rockefeller, 20/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

o próprio jogo etnográfico, do qual ambas as partes estavam cientes. Não por acaso, Flávio Romano recebera o convite para o casamento dos Leeds, como se vê nesta carta de Lamp para o casal: *Flavio was very pleased to receive his invitation too – we miss you (...)*⁶⁰⁰. Talvez para o casal, numa primeira visada, o envio do convite possa ter significado um gesto simbólico, uma vez que muito provavelmente o convidado não teria condições de custear a viagem. No entanto, o gesto, visto em conjunto com toda a interlocução e reforço de laços, para o morador e para o casal igualmente, concretizava uma relação muito maior do que a simples troca de informações e favores a distância.

Uma vez reafirmada sua condição de observador privilegiado, que o permitiu inserir-se nessa rede de interlocução, e conseqüentemente reforçar laços de amizade e confiança com estes atores, a concretização disto se dava pela sua visão e percepção da vida na favela em seus mais diversos âmbitos. O olhar arguto de Romano era o mote principal da interlocução com os pesquisadores e, assim sendo, cabe verificar os modos como este colaborador e morador via as outras redes nas quais se inseria, qual seja, as agências internacionais, seus profissionais e os espaços políticos da favela do Jacarezinho.

4.4 – As observações de Romano sobre as agências internacionais e seus profissionais.

A argúcia demonstrada ao observar e questionar a política no Jacarezinho também se verifica ao observar e questionar a atuação das agências internacionais e seus profissionais dentro da favela. Afinal, o jogo destes com as favelas também era político. Mudavam os atores, porém as formas como faziam seu jogo com os moradores, os discursos acionados para justificar suas atuações e o tratamento dado a estes não mudavam tanto. Quanto à relação de Romano com a ACB, que se auto representava como alguém extremamente útil aos objetivos da agência na qual atuava, o morador percebia algum menosprezo por seu trabalho por parte dos profissionais desta.

É possível inferir que a inserção de Romano no âmbito das agências internacionais atuantes na favela se dera antes mesmo de seu ingresso na ACB. Em uma de suas cartas encaminhadas a Leeds, mostra o entendimento de que transitava pelos arredores do PC, que tinha contato com Firmino Spencer e Joseph Blatchford, ambos diretores da agência no Rio de Janeiro, tendo o primeiro sucedido o segundo no PC após este sair para assumir a filial da Acción en Venezuela no Brasil, a Ação Comunitária do Brasil. Somente neste trecho a seguir podemos inferir informações importantes acerca da atuação das agências e alguns de seus limites.

600 Carta de V. Lampe para os Leeds, 16/1/67, BR RJ COC LE VP RS 05.

estou triste sabe Tony, porque continua a ser papo-furado, Tony eu tenho feito pesquisa em diversas favela com Ina e Machado, mas pagamento!!! neca, morou? Tony acho que eles estão passando mal também, o convenio ainda não foi assinado e eles estão 2 meses sem receber, Machado disse que assim que puder ele vai arranjar para mim trabalhar no Bemdoc”. (Carta de F. Romano a A. Leeds, 2/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Na sequência diz saber da intenção de “os homens da Ação” recrutarem ele, Machado e Ina após terem participado de uma reunião no Tuiuti.

A primeira conclusão que podemos chegar, e que é reforçada em outras cartas, é justamente a dificuldade das agências em cumprir pagamentos ao pessoal. Um dos obstáculos apontados seria a burocracia e a demora na tramitação dos papéis que viabilizariam a circulação dos recursos financeiros e humanos. Aliás, em um dos relatos, o próprio Spencer afirmaria a dificuldade de manejo de recursos financeiros a ponto de desejar a redução de voluntários no Peace Corps e a ponto de prever o fracasso de outros projetos e agências de seu país que quisessem atuar nas favelas⁶⁰¹. Sua observação em relação à falta de pagamento, se atingia Machado e Ina, também o atingia. Muito provavelmente, indicava que seu trabalho para essa rede de pesquisadores era devidamente remunerado, ensejando a sua inserção nessa rede como mais um colaborador, além de interlocutor privilegiado. Da mesma maneira, o pagamento feito por Leeds ao seu trabalho também o colocava nessa dupla posição.

Os relatos de Romano apontam também outra dificuldade enfrentada, particularmente pelo BEMDOC, que seria a entrada na favela. Neste caso específico, relata a necessidade dos executores do projeto de firmarem convênio com a CEE para que conseguissem entrar na favela Nova Brasília e a extinção do programa pouco tempo depois⁶⁰². Sobre esta dificuldade, Romano elucida melhor ao expor suas opiniões a respeito do trabalho das assistentes sociais, tema que analisaremos adiante nessa mesma seção.

Somada a estas dificuldades das agências de um modo geral, Romano percebia no ambiente da ACB alguma desconfiança ou descrença na qualidade de seu trabalho. Para alguém que acreditava no potencial de sucesso da agência justamente por captar recursos humanos nas próprias favelas⁶⁰³, a percepção desse tratamento diferenciado em relação a ele, ao longo do tempo, teve um duplo efeito. O primeiro efeito foi, naturalmente, o pessimismo tomar o lugar do otimismo inicial, quando acreditava piamente que o projeto não fracassaria como os outros. O segundo foi o reforço de sua autoconfiança como um ator duplamente qualificado para os objetivos da agência, pois além de saber ser um bom

601 Cartas de F. Romano a A. Leeds, 2/10/66 e 1/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

602 Cartas de F. Romano a A. Leeds, 21/10/66 e 10/1/67, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

603 Carta de F. Romano, 21/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

observador, era morador de favela, não sendo, portanto, um morador qualquer. Esta condição lhe permitia não só usar politicamente o espaço da agência para veicular o que pensava ser mais correto aplicar em termos de DOC, como também fazer com propriedade as devidas críticas e questionamentos em relação aos objetivos da agência. O longo trecho a seguir evidencia o cerne de suas críticas, feitas em outras ocasiões.

Tony, já visitei algumas favelas boa de trabalhar, mais não consigo entender é o seguinte accion, eles querem trabalhar na zona sul, e acha que devo visitar Rocinha, Praia do Pinto e o Morro da Catacumba, semana passada levei eles na favela de Del Castilho e Fernando Cardim, uma é a mais nova estão começando a construir os barracos e já tem 230 barracos e a outra tem 10 anos, e já e mais organizada, foi os despejados do Parque Alegria e a favela do sapo molhado no Leme, os faveladas arranjaram o terreiro e a Fundação Leão XIII deu o material, mais não organizou os moradores existe uma associação de moradores que controla, água, luz e todos os projetos de obras, o Klabin é o que mais ajuda, e o Sr Blatchford acha que essa não serve por motivo de já está bem organizada e a Del Castilho é muito pequena só tem 230 barracos, e não tem agua nem luz e o terreno esta em fase de construção, eles acharam longe, e querem fazer experiencia em 4 favelas mais perto do centro, que não seja morro muito alto, que não tenha órgão de fora trabalhando, e que não seja organizada, pergunto agora Tony você podera me escrever o que eles querem fazer? Porque até agora ainda não descobri. (Carta de F. Romano a A. Leeds, 1/11/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

O trecho transcrito nos traz a falta de clareza da agência em relação ao público alvo, cujo relato de Romano leva a crer que buscavam uma favela de acesso fácil e não uma favela que apresentasse uma real necessidade justificadora de sua atuação. Por outro lado, se o objetivo era levar o DOC, não teria sentido usar como critério de escolha a localização e a topografia da localidade. E se Romano não entendia os critérios de escolha, provavelmente, não os comunicaram, tampouco discutiram com aquele que seria um dos agentes comunitários com atuação direta no campo. Nessas condições, fica evidente a pouca clareza da agência em relação aos seus objetivos declarados, o DOC, bem como em relação ao alcance pretendido.

O trabalho desenvolvido junto a estas agências levava Romano a visitar as favelas imbuído de um olhar mais direcionado aos objetivos da agência, por mais imprecisos que fossem, e mais técnico. Consequentemente, também o permitia enxergar de outro modo as políticas de habitação da época, particularmente a COHAB, as remoções e o que seria uma política correta a seu ver – a urbanização sem remoção, algo que afirma ter esperado do governo Lacerda⁶⁰⁴. Nesse sentido, sua atuação dentro da agência extrapolava o trabalho técnico, de modo que fica clara a utilização política do espaço da agência, mais precisamente as reuniões, seja de equipe ou com toda a agência. Nestas ocasiões, podia

604 *Histórico do Jacarezinho*, texto de autoria de Flávio Romano, 17/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

falar o que realmente pensava a respeito da atuação das agências e de outros órgãos.

Não por acaso, afirma ter dito numa reunião o que realmente pensava da COHAB, não explicitado na carta⁶⁰⁵, mas exposto em um texto de sua autoria sobre a história do Jacarezinho, contada do ponto de vista da atuação institucional, dos órgãos que ali estiveram presentes. Sua referência em pensar sobre a COHAB se explica pela construção da Cidade de Deus, para ele “*lindas moradias, para criar coelhos*”⁶⁰⁶. Além de evidenciar a qualidade duvidosa das casas, seu ponto de crítica mais enfático é o valor das habitações, o que o levava a concluir: “*É um alto negócio, e sabem quem financia este alto negócio? É outro órgão que tem o nome de Aliança Para o Progresso*”⁶⁰⁷. Ou seja, o mesmo órgão que abrigava as agências nas quais trabalhava, também estava por trás do alto negócio, descoberto por ele no desenrolar de sua própria atuação, cujos benefícios sabia bem quem desfrutava – a classe média e os “*capitalistas*”⁶⁰⁸. É esse o ponto em que assemelha a atuação das agências internacionais e dos órgãos brasileiros destinados a realizar a política habitacional do período.

Ao pensar de modo conclusivo em quem realmente desfrutaria das benesses levadas às favelas pelos órgãos e agências que ali atuavam, sobretudo ao considerar os sentidos atribuídos à noção de DOC, Romano convergia para uma mesma crítica, endereçada a todas estas instituições:

o favelado sempre serve de ponto de partida para ser fundado mais um órgão (...). (...) tenho a impressão que chegará tempo que existirá mais órgão para fazer DOC em favelas do que favelas, então passara as favelas fazendo desenvolvimento dos órgão (*Histórico do Jacarezinho*, texto de autoria de Flávio Romano, 17/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4);

(...) eu perguntei: quem teve lucro com os voluntários? Qual a favela que os voluntários fizeram DOC? E ele não me respondeu, então eu pude dizer-lhe o que tanto tempo gostaria, quem teve lucro foi os voluntários, que aprenderam algo e puderam usar nas Universidades, mais o favelado não, e porque eles não podem fazer algo nas favelas? E ele me respondeu é porque falta dinheiro (...). (...) eu sei que nós é que somos culpados porque foram criados tantos 'órgão' e nada fazem, só quem é ajudado é a classe média, os favelados esses que se danem (...) Pois é Firmino eu acredito no projeto de Accion porque ela vai trabalhar com brasileiros e talvez favelados, eu talvez, e se tiver esta oportunidade de mostrar a alguns órgão como se faz DOC (...) (Carta de F. Romano a A. Leeds, 21/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Como é perceptível, o questionamento de Romano à concepção de DOC veiculado pelas agências para justificar suas entradas nas favelas direcionava-se nos seguintes sentidos: desvelar a imprecisão ou mesmo indefinição do que se entendia pelo termo; evidenciar a falta de ações concretas

605 Carta de F. Romano a A. Leeds, 1/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

606 *Histórico do Jacarezinho*, texto de autoria de Flávio Romano, 17/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

607 *Histórico do Jacarezinho*, texto de autoria de Flávio Romano, 17/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

608 *Histórico do Jacarezinho*, texto de autoria de Flávio Romano, 17/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

que traduzissem o que seria o DOC ou que justificasse a razão de ser das agências internacionais e demais órgãos criados; contrastar essa lacuna com o fato dele saber o que era esse conceito, ainda que não expusesse *ipsis litteris* o seu entendimento, e quais ações poderiam traduzir concretamente o DOC. E acima de tudo: o uso dos moradores das favelas e das favelas para servir aos interesses de quem ali não residia. Dito de outro modo, evidencia a exploração das favelas e de seus moradores sem lhes dar algum retorno concreto, seja em melhorias urbanas, seja em acesso a serviços sociais básicos. Nesse sentido, frisa muito bem uma inversão – de que as favelas servem de pretexto para sustentar órgãos, projetos e agências.

Em suma, a questão central para Romano é: “o que eles vem fazer aqui?”. Fica claro que, para ele, a razão de ser do DOC e dos órgãos que se abrigavam nesta noção não era exatamente o desenvolvimento das favelas, mas o desenvolvimento daqueles que estavam fora das favelas, isto é, da classe média e dos gestores e demais profissionais das agências. O atendimento às favelas e seus moradores funcionavam apenas como um pretexto para promover outros interesses externos às favelas. Logo, é possível inferir, do conjunto dessas declarações e relatos de Romano acerca das agências e da política habitacional, que a concretização desse DOC passaria pela urbanização das favelas, pela construção de casas de boa qualidade e com preço acessível a esta população de baixa renda.

Num sentido mais específico, Romano também direciona suas críticas à atuação dos profissionais do Serviço Social, sobretudo os integrantes dos quadros dessas agências. Em algumas cartas e textos de sua autoria, destaca suas ressalvas à postura adotada por estes profissionais nas favelas. Como primeira observação de Romano, não havia por parte delas um real entendimento sobre os sentidos do DOC, algo cujo entendimento ele reivindicava ser um detentor qualificado. Não foram poucas as vezes que destacava suas ressalvas a estas profissionais:

(...) mostrarei a nossa querida assistente social o quanto aprendi sem ter ido estudar na rua voluntario da patria n 70 EAS e mostrarei o quanto serei útil (...) (Carta de F. Romano a A. Leeds, 2/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Tony, vou mostrar as assistentes sociais e os sociólogos e os voluntários da Paz como se faz DOC (Carta de F. Romano a A. Leeds, 14/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

(...) eu tive pensando ou vai ser muito divertido ou muito triste, se eu continuar a prestar serviços a Accion e ter que trabalhar com assistente social, vai ser ótimo, você não acha Tony? (Carta de F. Romano a A. Leeds, 1/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

O desconforto diante destas profissionais se mostra em diversas declarações, cujo cerne parece ser justamente a sua percepção de desconfiança e descrença por parte das assistentes sociais em relação

a capacidade de trabalho do morador, bem como na postura de superioridade em relação aos moradores de um modo geral. Tal interpretação é possível diante de dois textos de sua autoria nos quais evidencia estes aspectos, ainda que mostre algum cuidado em não generalizar completamente a sua impressão sobre as assistentes sociais que atuavam nas favelas. No texto em que trata da história da atuação dos órgãos no Jacarezinho, dedica às assistentes sociais este pequeno trecho: *tem assistentes social que são eficientes demais não conhece a favela por que perto do Rio tem lama e quase sempre elas usam sapatos de salto alto, (...)*⁶⁰⁹.

No outro, detém-se de modo um pouco mais cuidadoso.

(...) Nas favelas encontramos pessoas inteligentes, e práticas, só não tem é grau de instrução, e quando uma assistente social procura estudar-lhe os problemas, o favelado limita-se a observar-lhe estudando-a ao jeito dêle.

Se a assistente social não é boa observadora, ela perde para o favelado, e se é intelectual, o favelado sente-se ofendido moralmente e revolta-se, fortalecendo o complexo de ser um favelado.

O que aconteceria se uma assistente social tivesse que morar numa favela, para fazer o desenvolvimento da mesma!

Teria que sujar os sapatos de lama quando chovesse, carregaria água na lata para lavar as mãos, escutaria brigas dos vizinhos que é um grande problema de vizinhanças, perderia muitas vezes o sono com o barulho dos tambores do centro de macumba, e mais, seriam chamadas de assistentes sociais faveladas, mais não perderia o valor perante a sociedade. Mesmo assim encontramos algumas heroínas, será mesmo sinceridade ou elas gostariam de escrever a mais completa 'tese' sobre os favelados e as favelas.” (“Favela”, texto de autoria de Flávio Romano, 23/11/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

A despeito do pouco cuidado em não generalizar as assistentes sociais, ressalta nesta parte do texto o sentimento de inferioridade do morador em relação a profissional, bem como a comparação, nas entrelinhas, entre a postura dessas profissionais, que não estabeleciam residência nas favelas, e a dos antropólogos. Por outro lado, o que valorizaria as assistentes sociais seria justamente “sujar os pés de lama”, ou, juntando com as outras entrelinhas do texto sobre a história do Jacarezinho, “descer do salto alto”. A alusão à construção de um estereótipo de assistente social parece aqui ser a base para que julgasse o perfil ideal deste profissional, que seria o oposto do estereótipo por ele mesmo descrito. Por outro lado, não deixa de revelar o jogo entre o morador, objeto a ser observado, mas que também observa e analisa o outro, bem como não deixa de mostrar suas dúvidas em relação ao que chama de sinceridade da atuação, ou seja, prestar serviço sem intenções de obter benefícios pessoais, de 'escrever a mais completa tese', sem colocar os moradores como meros objetos de observação, de construção de discurso e de fonte para se auto promover. Alude a uma postura oportunista tanto de assistentes sociais quanto de pesquisadores ou de agências internacionais, que se aproveitam das favelas sem dar o devido

609 *Histórico do Jacarezinho*, texto de autoria de Flávio Romano, 17/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

retorno aos seus moradores em termos de melhorias urbanísticas ou de acesso a serviços sociais básicos.

4.5 – As observações de Romano sobre a política na favela.

Concretamente sendo um elemento central, tanto no jogo etnográfico, na interlocução com os diversos atores, quanto nos outros jogos praticados por Romano, sua observação e análise das redes nas quais se inseria constituem pontos importantes a serem analisados. Se Romano se destacava do conjunto de moradores que interagiam com os pesquisadores pelos mais diversos motivos, seus relatos sobre a favela e sobre as agências internacionais nos dão elementos importantes para compreendermos a interação entre estas redes, e para vermos por outro ângulo as tramas políticas e econômicas vividas nas favelas no período.

Sua condição de morador do Jacarezinho que frequentava outras favelas, e ativamente atuante na vida social e política de seu local de moradia, constrói seu olhar e interpretação sobre a sua vivência histórica e sua inserção nas outras favelas e nas agências internacionais. Esta condição o constituiu como um ator ou sujeito histórico, capaz de interpretar autonomamente a sua vivência. É a partir do olhar desse observador, cujo trânsito em diversas redes lhe permitia ver uma complexidade maior naquilo à que se dedicava analisar, que poderemos ter outra visão sobre as favelas e sobre a atuação das agências internacionais nas favelas durante o período entre 1966 e 1967, quando se evidencia a sua inserção entre os pesquisadores e entre as agências internacionais.

Cabe notar que sua atuação política no Jacarezinho era anterior a interação com os pesquisadores. Afinal, os registros sobre sua presença nas assembleias e reuniões de moradores ou representantes de rua remontam a um ano anterior, 1965. No entanto, esse recorte temporal não significa que sua atuação tenha começado nesse ano, tampouco que tenha durado pouco tempo. Esse limite cronológico evidenciado pela documentação reflete o período da coleta de dados pelos pesquisadores, iniciado em 1965, mas que remete a um período anterior, mais precisamente, 1962. Portanto, há grande possibilidade de sua atuação política datar de um período anterior ao da coleta de dados dos antropólogos, bem como de ter continuado posteriormente e com uma intensidade maior.

Esforçando-se em mostrar as redes pelas quais atuavam os diversos atores das favelas, ou ainda, com quais atores da política nacional estes moradores estavam envolvidos, Romano evidencia a exploração das redes de luz como um ponto crucial para a dinâmica da vida política na favela. Não por acaso, uma das cartas encaminhadas a Leeds fora escrita no verso de um panfleto da comissão de luz do Jacarezinho, na qual se perguntava aos moradores sobre a concordância com o pagamento de uma

taxa extra para a iluminação das ruas. Essa curta carta, escrita no verso de um panfleto da rede de luz, apenas identificava os nomes de Flores da Cunha Junior⁶¹⁰, o General Salvador Mandim⁶¹¹ e Edson Khair⁶¹², identificado ainda como procurador da justiça, personagens frequentes na maior parte das notas de campo de Leeds e dos outros pesquisadores⁶¹³. Logo, ainda que fosse curta, a informação contida não era somente o que propunha a comissão de luz, mas os nomes de políticos que atuavam na favela e, no caso de Mandim, que eram ligados à exploração do serviço de luz no Jacarezinho. Mesmo sem maiores informações sobre as razões pelas quais figuravam aqueles nomes no verso, o simples registro já indica a presença concreta destes na vida política da favela e a percepção do morador sobre a atuação destes. Se ele julgou ser digno de nota esses nomes, provavelmente a influência destes personagens nos moradores com maior poder político não era pouca.

Essa ligação dos políticos de fora da favela com alguns moradores através das redes de luz, cujo controle conferia a estes um poder maior, evidencia-se como um padrão nas relações políticas, ao menos no Jacarezinho e nos relatos de Romano. Não por acaso, os personagens ligados às redes de luz estão também ligados a Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho e, posteriormente, disputaram a direção da associação de moradores. Ainda que não haja maiores informações sobre os personagens indicados na carta, ao menos podemos identificar três grupos políticos que atuavam na favela – Flores da Cunha Junior, provavelmente ligado a UDN; Khair, ligado a João Goulart; e Mandim, ligado a Lacerda, como sugere outra carta⁶¹⁴. É curioso o fato de Flores da Cunha Junior aparecer somente nesta fonte, diferente dos outros, cujos nomes aparecem em outros documentos. O fato de haver pouca informação a respeito de sua atuação, ao contrário de José Antônio Flores da Cunha, cujo falecimento

610 Não há informações precisas sobre. Afinal, esta família tradicional do RS teve algumas ramificações, de modo que há mais de um Flores da Cunha Junior. O membro mais eminente foi José Antônio Flores da Cunha, advogado e interventor federal do governo Vargas no RS no início da década de 1930. Posteriormente, já rompido com Vargas, fundou a UDN. Fonte: http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/biografias/flores_da_cunha. Acesso em 4 de abril de 2018.

611 Militar, atuou na Segunda Guerra Mundial com a Força Expedicionária Brasileira. Formou-se pelo IME em 1952, com a patente de major. No Governo Lacerda, atuou como secretário de serviços gerais a partir de 1963 e depois foi deputado federal pelo ARENA entre 1967 e 1971, tendo seu mandato e direitos políticos cassados em 1969. Fontes: <http://www.ime.eb.br/1950-a-1954.html> . <http://segundaguerra.net/cronicas-de-guerra-as-balas-tiveram-pena-de-mim/>. <http://www.mauxhomepage.net/geraldomota/feb018.htm> BR RJAPERJ AID.CL.SM.466 ; <http://200.222.27.136/index.php/secretaria-de-servicos-publicos-secretario-de-estado-posse-do-general-salvador-goncalves-mandim> http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_07&pagfis=37119&url=http://memoria.bn.br/docreader# Acesso em 4 de abril de 2018.

612 Foi procurador da justiça e deputado estadual do estado da Guanabara pelo MDB entre 1971 e 1975. Fontes: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/edson-correia-khair>. http://www.rafaelzuma.com.br/cliente/alerj/portal/prototipos/institucional_arquivos_alegprodutosparlamentares_aslegislaturaseosdeputados.htm. Acesso em 4 de abril de 2018.

613 Carta de F. Romano para A. Leeds, 07/1966; planilha Ken Erickson, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

614 Carta de F Romano a A. Leeds, 2/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

se dera cerca de 10 anos antes, leva a inferir pela pouca expressividade do dito personagem no cenário político nacional. No entanto, é possível deduzir que a apresentação de seu nome, bem como o dos outros, designa um grupo político, ainda que não fique evidente se seu nome estava ligado a UDN, partido fundado por J. A. Flores da Cunha. De todo modo, este documento resume brevemente os grupos políticos de fora que tinham atuação intensa na favela e nas redes de luz. Por outro lado, também revela que a favela era um caminho para se buscar um lugar no cenário político nacional, haja visto a pouca expressividade destes nomes na política nacional do período.

Além da astúcia política já demonstrada na carta encaminhada a Peggy⁶¹⁵, ao expor o jogo duplo com dois campos políticos opostos na favela – Padre Nelson e Ramos – Romano também evidencia a ligação de Padre Nelson com o deputado Nelson José Salim⁶¹⁶ e a tentativa deste último influenciar o que deveria ser uma decisão dos moradores, qual seja, a criação de sua associação. Verifica-se na carta de Romano que a estratégia de influência do deputado com seus interlocutores era acionar seu lugar como deputado e jornalista de um grande jornal, oferecendo-se como ponte para divulgar as demandas dos moradores. Romano percebe o jogo e demonstra a Peggy que pode jogar com o interesse do jornalista e deputado que, não por acaso, aparece numa outra reunião, na igreja, junto ao Padre Nelson, para fazer o mesmo papel: convencer os moradores a fazerem a associação de moradores a longo prazo, e a curto prazo: *hoje deveria ser feita pelo menos uma 'junta' de líderes escolhidos por chefes de famílias moradoras no Jacarezinho (...)*⁶¹⁷. Ainda que não esteja explícita na narrativa de Romano, nota-se a intenção do deputado de controlar toda e qualquer organização dos moradores, de modo que além de darem a orientação da atuação dos moradores, também usaria esse controle como capital político.

Em outro documento⁶¹⁸, um outro personagem, Armando de Abreu, candidato a deputado, aparece fazendo o mesmo jogo de convencimento, dentro de uma reunião dos moradores no salão da igreja de Padre Nelson. Além de todo o discurso condenatório dos 'falsos líderes' e também dos moradores, que negociava com estes 'falsos líderes' – no relato dele eram os donos das cabines de luz – garantia o atendimento aos moradores que o solicitasse caso se elegeisse. Na esteira de sua propaganda e do discurso da valorização do voto como gesto de confiança, Abreu chega ao ponto que queria: acionando o nome de Geraldo Moreira para ganhar adesão, convence os moradores a montarem uma

615 Carta de F. Romano para Peggy Rockefeller, 20/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

616 Vereador da Câmara do Distrito Federal - Guanabara entre 1958 e 1961 pelo PSP, Posteriormente, deputado da assembleia legislativa do estado da Guanabara entre 1963 a 1967 pelo PST, depois entre 67 e 71 pelo MDB.

617 Relatório da 2 reunião na igreja, feito por F. Romano, 21/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

618 *Reunião no salão social da Igreja Santa Rita de Cássia*, texto de Romano 10/10/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

comissão para atuar contra a proibição de venda de bebidas alcoólicas nas favelas. No entanto, seria ele quem encaminharia a comissão, que diria onde, como e quando a comissão deveria agir. O nome sugerido para liderar a comissão foi o de Ramos.

O ponto importante que mostra esse documento é justamente as táticas de convencimento e o pretexto usado para a manipulação dos moradores, devidamente percebido por Romano. Ainda que essa intenção ressalte aos olhos do leitor, no relato de Romano, tem mais peso o discurso sobre os falsos líderes, a dramaticidade acionada pelo candidato e a crítica que ele faz aos moradores – negociar votos com qualquer um e não formar uma unidade na hora de votar. Isto é, em seu entendimento, os moradores deveriam escolher apenas um em quem votar. No caso, ele, que estaria viabilizando para os moradores a derrubada de uma proibição anti popular no Jacarezinho⁶¹⁹.

A rede de ligações políticas apresentadas por Romano envolvendo estes personagens seria: Padre Nelson ligado a Negrão de Lima, tendo sido, inclusive, nomeado diretor do Serviço de Recuperação de Favelas por este, enquanto Ramos estaria ligado ao General Mandim e, conseqüentemente, a Carlos Lacerda. Curiosamente, Mandim usava o salão da igreja do Padre Nelson para a exibição de filmes sobre as obras de Lacerda. Além destes personagens, estariam também na disputa pelo apoio eleitoral no Jacarezinho o Marechal Amaury Krueel; Dalton Xavier, cujo apelo a figura de Vargas era a principal campanha; José Colagrossi, apoiado pelos novos administradores da rede de luz, sucessores da administração de Ramos; e Sargento Sampaio. Estes, quando não dispunham de um morador que lhes servisse como mediador e porta de entrada nas favelas, teriam como tática o apelo a propagandas, sobretudo em terreiros de religiões de matriz afro, a oferta de obras pontuais e a oferta de pequenos regalos, como comida e festa, em troca de votos. Na versão de Romano, os eventos ocorriam desta maneira:

(...) A política aqui no morro está fervendo, é tanto candidato, tem um que vai dar dinheiro pra rapaziada do bloco 'não tem mosquito' para acimentar toda a quadra (...). (...) fizeram o maior barulho, eu estava escrevendo e sai de minha casa para ver o que era, primeiro pensei que tinham caçado o mandato do Negrão de Lima, mas não o povo estava agitado e alguns gritavam: 'vamos votar no Krueel'. A cachaça já fazia efeito, Tony, como é divertido, (...) (Carta de F. Romano para A. Leeds, 2/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Somado a este conjunto de trocas de regalos por votos, Romano relata o que chama de “história de cabo eleitoral”, que ouvira de um morador diante da propaganda do candidato Sargento Sampaio:

É compadre, é igual na roça, vamos comer o boi do fazendeiro e depois de encher a barriga nós 'fiquemos' com ela enxada que é preciso passar cinza com sal perto do imbigó para não morrer, lá é que é bom da gente vota, se como tanto. (...) Tony, o que

619 *Reunião no salão social da Igreja Santa Rita de Cássia*, texto de Romano, 10/10/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

se pode notar é a tática diferente dos 'puleiros' e 'cabos eleitorais', (...) (Carta de F. Romano para A. Leeds, 21/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

Em conformidade com sua postura e tom narrativo de quem assiste a tudo divertindo-se de longe, mas atento aos detalhes, Romano também descreve as ambições políticas destes mediadores das favelas, mais especificamente seu 'compadre' Ramos, cujo controle da rede de luz num momento anterior provavelmente lhe rendera um capital político junto a estes personagens da política nacional. Romano sabia de seus planos de filiação no MDB, da pretensão de se candidatar, da quantia que ele deveria pagar pela filiação – um milhão de meio de cruzeiros na época – e, principalmente, o 'jogo duplo' praticado pelo seu 'compadre', de angariar votos tanto para Mandim quanto para Colagrossi, ao mesmo tempo em que pretendia também se candidatar e, obviamente, captar os votos dos moradores para si.

Mais ainda, questionava-se como era possível tal quadro uma vez que contava com o apoio do mesmo deputado federal que apoiava Sargento Sampaio. Nas palavras de Romano, a trama envolvendo Ramos tenderia a se reverter a seu favor: *(...) no morro do juramento o pessoal que ia votar no Mandim já falaram que se Ramos conseguir ser candidato que eles votaram no Ramos, inclusive se prontificaram a imprimir papéis e com retratos do meu 'compadre'*.⁶²⁰ Ao que tudo indica, Ramos provavelmente não conseguira a candidatura, embora tivesse mais chances de captar votos das favelas do que seus concorrentes. Concorrentes, e não necessariamente adversários. Afinal, nesta trama apresentada por Romano sobre os meandros de filiação e candidatura, não há perdedores. Todos tem algo a oferecer e a ganhar, ainda que alguns em proporções maiores em detrimento de outros que ficam com as menores. Só quem não ganha é o público da festa e, nesse sentido, cabe questionar o papel de Romano. Afinal, mesmo se colocando como quem está de fora observando de camarote o desenrolar da trama, apresentando um tom irônico e jocoso de quem se diverte, o fato de saber detalhes da trama o coloca numa posição de proximidade, como se fizesse parte do jogo. Em outros momentos, reafirma o distanciamento, tanto do 'jogo' político quanto do público, isto é, dos moradores. “ *(...) cada vez que aparece um 'besta' aqui no morro eu o acompanho e escuto a tática comprovando verdadeiro fracasso, mas o pessoal ainda é muito cego, (...)*”⁶²¹.

O resultado desta trama apresentada por Romano aparece em texto de sua autoria, sem data, sobre a divisão de votos. Apresentando uma síntese de suas observações expressas nas cartas, faz uma previsão de quem teria mais ou menos chances de ganhar a disputa, bem como apresenta melhor os

620 Carta de F. Romano para A. Leeds, 21/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

621 Carta de F. Romano para A. Leeds, 21/10/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

locais e as pessoas com as quais estes candidatos estariam se articulando dentro do Jacarezinho. Em tom sarcástico e irônico, não faltando expressões de risos, Romano traça melhor este mapa de relações entre os candidatos e alguns moradores mais influentes, bem como a ligação feita através de agremiações carnavalescas, grupos religiosos e com a própria Fundação Leão XII⁶²².

Apesar de demonstrar algum distanciamento na condição de observador das tramas entre políticos do Jacarezinho e políticos do cenário nacional, os documentos coletados do campo por Leeds, alguns enviados pelo próprio Romano, apontam a participação direta dele na política interna do Jacarezinho. Ele fizera parte da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho, antecessora da associação de moradores, da comissão dos moradores da rua na qual residia, da comissão de moradores solicitada pela COHAB e pela Administração Regional do Méier que representaria o Jacarezinho nas reuniões com os órgãos da prefeitura. Também fiscalizara uma das eleições realizadas no Jacarezinho, ao que tudo indica, para o serviço de energia elétrica, em junho de 1966, bem como escrevera alguns memoriais de reuniões e assembléias de moradores decisivas, como a que elegeu a comissão de representantes do Jacarezinho, e a reunião com a Administração Regional que invalidou a decisão dos moradores de realizar as eleições para a associação dos moradores para agosto de 1966, adiando-a para 8 de outubro. Não menos importante, cabe lembrar que a decisão sobre a data final dessas eleições se deu numa reunião entre representantes da Secretaria de Serviços Sociais, da Região Administrativa do Méier, da Fundação Leão XIII, da Junta Governativa das eleições e das chapas concorrentes. Posteriormente, a decisão foi comunicada através de uma circular para os moradores⁶²³.

Essa participação direta permitia a Romano tecer suas considerações a respeito da atuação política de moradores do Jacarezinho que integravam essa rede de relações com os políticos de fora, bem como fazer o 'jogo' com eles, como era o caso de Padre Nelson e Jonas Ramos, seu 'compadre'. Ao que tudo indica, ambos fizeram parte de algumas comissões de luz, além de outros espaços de poder dentro da favela. Na perspectiva de Romano, o exercício de algum poder por parte destes personagens era criticável não exatamente pela orientação política de ambos, mas pelo fato de não darem vez a outros moradores exercerem cargos importantes. (...). *Na minha opinião, foi bom que Ramos e Padre Nelson perderam nas eleições, devemos dar oportunidade a outros, para sentir a diferencia das coisas,*

622 *Divisão de votos no Jacarezinho*. Texto de autoria de Flávio Romano. Sem data. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

623 *Eleição realizada em 26/6/1966*, texto de F. Romano, 27/6/1966; Relatório da primeira reunião realizada em 6/4/66 na escola da Dona Olívia; Relatório da segunda reunião dia 9/4/66; Carta da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho para a CRF, 13 de abril de 66; Listagem com os nomes de representantes da Rua Monsenhor Távora, 23/3/67; Relatório da reunião com a XII região administrativa do Méier, em 18/8/67; Circular da Secretaria de Serviços Sociais do Estado da Guanabara, 6/9/67 – BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

*o povo ainda esta muito atrazado e cego, não sabe distinguir as obras recebidas. (...)*⁶²⁴.

Em relação ao perfil político de Padre Nelson, além da sua participação direta e grande influência em praticamente todos os espaços de decisão política dentro do Jacarezinho, cabe citar uma mensagem, a meu ver, emblemática e elucidadora de sua orientação política e da forma como encaminhava as ações e mobilizações realizadas pelo conjunto de moradores que eram seus adeptos. Em uma carta endereçada aos moradores para convocar uma reunião, os assuntos eram: *defesa das obras sociais santa rita de cássia contra os falsos lideres do Morro. Como se resolvem os problemas da LUZ sem agitação. Como deve agir o povo do Morro para merecer novos surtos de progresso*⁶²⁵.

Na reunião com a Região Administrativa ocorrida em 18 de agosto de 1967, na qual o órgão mostrara sua indignação ao fato dos moradores terem decidido a data das eleições para a associação de moradores, disse: *Nós devemos respeitar, existe um mentor, estão pré-maturo queremos sua ajuda e apoio, todos estão sendo enganado, não tem “UNIÃO”, é igual as crianças que precisam de “Palmadas”; sou favorável ao adiamento das Eleições. Depois não tem união, há muita luta, tem que fazer um denominador comum*⁶²⁶.

Os dois pontos em destaque, a oposição a 'falsos lideres' e o chamamento a uma mobilização ordeira e regrada pelas autoridades mostram a forma como resolvia sua disputa com outras pessoas influentes na política interna, por ele chamado de 'falsos lideres', bem como sua aliança com os órgãos constituídos, ainda que estes agissem de maneira arbitrária e contrária às decisões dos moradores, como aconteceu na invalidação da primeira data decidida pelos moradores para a eleição para a associação de moradores. Por outro lado, as melhorias, ou surtos de progresso, seriam apenas resultado de uma aliança com as autoridades oficiais, e não da mobilização direta dos moradores. Em outros documentos, como relatórios de reuniões, vê-se a grande eloquência de suas palavras, os aplausos recebidos, a interação deste personagem com estas autoridades, bem como sua predisposição em acatar as decisões destes órgãos e seus agentes. Não por acaso, alguns deles, como Wilmar Palis, iniciara sua trajetória política atuando na Região Administrativa do Méier. Quanto ao argumento acionado para sua aceitação da proposta da região administrativa em adiar as eleições, as “palmadas” reforçam sua aliança com os órgãos oficiais em detrimento das decisões dos moradores. Também mostra que, em sua percepção, a favela deveria ser tutelada por estes órgãos, não sendo capaz de decidir nada sozinha. Muito provavelmente, sua decisão de apoiar o adiamento das eleições atendia a interesses seus, embora não

624 *Eleição realizada em 26/6/1966*, texto de F. Romano, 27/6/1966.

625 Carta de Padre Nelson aos moradores, de 25/4/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

626 Relatório da reunião com a XII região administrativa do Méier, em 18/8/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

estivesse inscrito em nenhuma chapa e todos os representantes de chapas tivessem sido contrários ao adiamento.

Em relação a Ramos, 'cumpadre' de Romano, é possível verificar que sua influência política no Jacarezinho se dava por ser um comerciante próspero, proprietário de casas e que exercera diversas vezes o controle de uma das redes de luz. Não muito diferente de Padre Nelson, também atuava em conformidade com as autoridades, além de participar direta e ativamente de todos os espaços de decisão política, como se vê nos relatórios de reunião do Jacarezinho. Apesar disso, não há muitos registros de suas palavras nas reuniões e assembléias, tampouco de seu poder de persuasão, tal como se vê em relação a Padre Nelson. De todo modo, ao menos nos registros de Romano, estes eram os principais personagens que se articulavam e influenciavam melhor dentro e fora do Jacarezinho, bem como eram com quem Romano parecia fazer ora um contraponto, ora alianças pontuais e pragmáticas, como ilustra o caso da máquina de escrever pedida ao Padre Nelson e a própria relação de compadrio com Ramos.

Como outra parte importante da observação de Romano acerca da política no Jacarezinho, é igualmente interessante a captura das representações feitas pelos moradores acerca da disputa ideológica entre os partidos do período. Em seu relato sobre uma das reuniões realizadas no salão social da igreja, é interessante o fato de expressar abertamente o uso de uma tática e intenção de suscitar uma discussão política entre dois moradores. Mais interessante ainda é o registro do contraste entre Udenistas e Lacerdistas, na visão de seus interlocutores, mas narrado por Romano.

(...) iniciaram o seguinte dialogo, Hermes: eu não sou Lacerdista, eu sou 'udenista' porque o antigo PSD, PTB, nunca prestaram, você quer ver esses partido é uma casa, com quarto, cozinha sendo PSD a sala de visita, o partido melhorzinho ainda era o PTB que sempre em sua luta eles lutavam por uma ideia a quanto o PSD não se intendia, podem comprovar, o Sr Negrão Lima era do PSD, vocês talvez são jovem e não conheceram quando era prefeito, eu aprendi e decorei isso no partido, porisso sou 'udenista'. Depois falou o Gilson: essa politica atual tambem é desacreditada tanto a Arena como MDB, não tem um candidato que preste, o que eles poderão fazer, nada. (...) (*Relatório da 2 reunião na igreja*, de autoria de F. Romano, 21/9/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V4).

É interessante notar que apesar dessa descrença apresentada por estes interlocutores, o espaço da favela aparece profundamente politizado e imbricado com todos estes partidos e personagens citados somente nesta interlocução narrada por Romano. Ainda que neste diálogo não apareça outros campos em disputa, mostra a força e o alcance destes grupos, bem como o alto grau de disputa política travada por estes campos nas favelas. Afinal, alcançar a simpatia de uma parcela da população altamente politizada requeria muito mais do que simples negociações e trocas. Se considerarmos que os grupos

em disputa por aquele eleitorado não se resumia somente em udenistas e arenistas, vemos que, muito mais do que se fazer presente e travar elos com pessoas chave e com forte influência, era preciso diversificar nas táticas e discursos para se diferenciarem aos olhos destes moradores.

No que tange a Romano especificamente, é notável o fato de trazer a discussão política sob a perspectiva da disputa entre lacerdistas e udenistas, sem considerar outros atores que estavam presentes nas favelas, como o Partido Comunista. Por outro lado, fazendo jus à sua ironia e avidez pela observação, a demonstração de sua tática para incitar o debate político entre os outros moradores revela não só sua astúcia, como também a necessidade de um pretexto para se falar de política. Contraditoriamente, dá a entender que a política não se discutia de modo natural e espontâneo entre os demais moradores. Se considerarmos o período de ditadura, é possível entender os motivos pelos quais supostamente se evitava conversar sobre política nas favelas. No entanto, como os documentos mostram essa vivência política constante e intensa, também é possível inferir pela naturalidade da discussão, ao menos nos espaços de decisão, como nas reuniões e assembléias de moradores.

4.6 – Gozação e ironia: Romano e suas circunstâncias.

No final das contas, como ele mesmo apontou em cartas e textos, com uma linguagem plena de ironias e, para usar suas próprias palavras, de “gozação”, as favelas serviriam, ironicamente, para beneficiar economicamente ou ideologicamente as classes média e alta, tanto aqueles que atuavam nas agências, como aqueles que estavam fora das agências e das favelas. Ainda que afirmasse sempre a sua identidade de favelado, seja de forma política, irônica ou jocosa, sua pretensão maior era alcançar a condição de classe média, mas sem deixar de ser honesto, como se vê nos trechos seguintes. (...) *o salário que vou ganhar vai fortalecer a tese que quero escrever, que terá como nome: 'o favelado que prosperou honestamente' gostou meu chapa...*⁶²⁷. Em sua narrativa sobre uma conversa com Joseph Blatchford, que dirigira o PC e a ACB, diz: (...) *eu quero saber como se chega a classe media com honestidade, e poderei saber como pessoas inteligentes se deixam vender a ponto de se tornar desonestos (...)*⁶²⁸.

Ao lado deste objetivo, pretendia também escrever uma 'Tese' sobre a ascensão social, algo que pode ser verificado, por exemplo, em seu texto *Favela*⁶²⁹. Neste texto, traça a estratificação social dentro das favelas, desde aquele identificado por ele como o “favelado necessitado” até aquele

627 Carta de F. Romano a A. Leeds, 10/1/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

628 Carta de F. Romano a A. Leeds, 21/10/1966, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

629 *Favela*. Texto de autoria de F. Romano, 23/11/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

identificado como o “burguês”, grande comerciante, que obtinha lucros da e na favela e a quem não interessava mudar nada nas condições de vida de seus moradores. Identifica como meios de ascensão social não só a ligação com políticos de fora da favela, a exploração de seus moradores, como também outros caminhos, tais como o acesso à educação e a ascensão, sobretudo das mulheres jovens, via casamento com alguém de fora da favela.

É interessante verificar em Romano a sua percepção das classes sociais dentro e fora das favelas e a ação destas nas favelas, bem como as articulações políticas propiciadas por essa condição de classe. Nesse sentido, ressalte-se que ele sabia claramente distinguir quem poderia ser considerado líder político e quem nada mais era do que um “burguês” dentro da favela. Igualmente, também sabia da confusão entre essas duas figuras por parte dos moradores. Para ele, o cerne dessa distinção residia justamente nos acordos e negociações entre esses burgueses e os políticos de fora, cuja ação sempre se orientava para a continuidade das condições de vida das favelas, e não para a melhoria das favelas. Ou seja, sabia perfeitamente que a reprodução das condições propiciava a exploração das favelas em benefício dessas classes média e alta, tanto as de fora quanto as de dentro da favela.

No ano seguinte, Machado da Silva publicou artigo *A politica na favela* (1967), na qual trata da burguesia favelada. No intuito de mostrar o equívoco metodológico de tratar de forma homogênea a população residente nas favelas, apresenta a burguesia favelada. Refere-se justamente àquela parcela que controla os recursos internos da favela, tais como as redes de água, luz, o comércio, os contatos com os políticos, administradores e outros representantes do estado. No argumento do autor, o monopólio do acesso a esses recursos internos, incluindo aí os espaços de tomada de decisão, criaria essa estratificação dentro da favela (MACHADO da SILVA, 2011 [1967]: 702).

As observações de Romano, desde a política no Jacarezinho até a sua crítica às assistentes sociais, tem uma perspectiva de classe. Sua análise sobre a estratificação dentro da favela e a identificação desses estratos tinha como referência a sua própria condição, bem como a constatação de que qualquer um que tivesse origem nas favelas, ainda que saísse dela ou ascendesse a outro estrato, seria eternamente considerado um “favelado”. Ou seja, a construção desse olhar classista se dá justamente pela afirmação de sua identidade de favelado, ainda que permeado de sentidos e usos diversos dentro de seus jogos praticados nos variados ambientes que frequentava. Considerando esses seus objetivos, cabe questionar até que ponto ele também não se enquadraria naquilo que tanto criticara: o uso da favela e seus moradores para *escrever tese* e assim chegar à classe média. Independentemente da aparente contradição que possa se apresentar nessas suas circunstâncias, sua

ironia e a afirmação de seu lugar como “*professor of mockery*”⁶³⁰ reforçava aquilo que sempre quis mostrar: seu valor na condição de sujeito histórico e pensante. Mais ainda, a atribuição de sentidos mais amplos à sua identificação como “favelado”.

Na outra ponta da corda da ACB, mostra-se outra visão sobre a figura de Romano, veiculada por uma das profissionais desta agência, Virginia Lamp, a quem Romano estaria subordinado.

(...) Flávio of course has an inferiority complex a nule along but we are working on him. By the way Tony, hope you aren't encouraging him to take courses at Texas – he's got a 'professor' complex and what I (aham!) consider to be unrealistic ambitions. I think that if he can keep up with ACB, he will find a real [] for himself, do valuable work, and pull himself out of the 'favelado' role which he has over-embraced. Such a complex person – Jesus – but once gets on top of it all, he's going to blossom, I think. He's traying hard now, just needed a little []. Thank god he's an independent sort who says what he think (when he feels confident). Well, maybe you can give more hints on him! (Carta de Virginia Lamp para os Leeds, 16/1/67, BR RJ COC LE VP RS 05).

É possível retirar uma série de inferências desse trecho da carta que trata especificamente de Romano, tanto no sentido de reforçar aquilo já apontado por ele – a desconfiança e a descrença no trabalho dele – quanto no sentido da agência em si, isto é, no esforço missionário da agência, no caso, direcionado ao engrandecimento do morador. Nas palavras de Lamp, a agência teria esse papel de “lapidar” o lado bom daquele morador, ainda que considerasse improvável a possibilidade dele estudar. Mas para os propósitos desta tese, cabe nos retermos no que ela considera a identificação como favelado – um obstáculo ao crescimento profissional ou mesmo intelectual dele – e a percepção dela em relação a ele – a identificação de um complexo de inferioridade. De todo modo, essa parte do texto identifica que havia uma separação muito clara entre aqueles profissionais da agência que não eram da favela e aqueles que eram. Mais ainda, manifesta um certo desconforto com a postura de Romano, no caso, a expressão do que pensa e, diferente do que ela menciona no início do trecho, a auto confiança no seu trabalho concretizado pelas ambições dele em estudar e pela condição de conhecedor das favelas, a ponto de ter um “complexo de professor”, ao mesmo tempo em que identifica um 'complexo de inferioridade', nas palavras de Lamp. Embora indique um outro lado da moeda, o relato de Lamp em relação a Romano apenas reforça o que apontamos aqui: sua condição de observador privilegiado e os usos, para além da ironia e da jocosidade, de sua identidade como um favelado duplamente qualificado.

A habilidade de Romano na observação do campo é destacada por Luiz Antônio Machado da Silva. Sua análise sobre a política na favela, publicada em 1967, muito se deve à colaboração de Romano. Conforme o relato de Machado da Silva, em um encontro no Tuiuti, Romano teria feito para

630 Leeds, A. *Process, structure and differentiation in cities and society*. Mimeo, sd, pg 8. BR RJ COC LE DP DR 01.

Machado da Silva um desenho com todas as organizações políticas desta localidade num pedaço de papel de pão. Machado da Silva também identifica em Flávio Romano a seriedade concomitante ao espírito de bom humor, somado a um perfil de liderança com alto nível de articulação intelectual⁶³¹. Em suas palavras: *Era um sociólogo, antropólogo, etnólogo, e de mão cheia, impressionante*⁶³².

Essa sua condição de colaborador e observador privilegiado é reforçada pelo reconhecimento dado à sua contribuição por Anthony Leeds.

Esta massa de trabalhos não é meramente uma obra minha e de Elizabeth, mas um trabalho em conjunto com inúmeras outras pessoas que contribuíram com idéias, críticas e apoio. É impossível listá-las todas (...), mas gostaríamos de citar os seguintes: (...), o falecido Flávio Romano, que morreu demasiado jovem e cuja grande habilidade nunca foi utilizada devido à estrutura de classes no Brasil, (...). (Leeds e Leeds, 2015: 58, 59)

I have already indicated deep debts and thanks to several people who influenced a whole phase of my life and work: (...) Among the literally hundreds of people who had greater or lesser influence on my thinking about Brazil and wider matters were that fine intellect and deepest of friends and mentors, (...), the late and much lamented friend, Flávio Roman, ‘Professor of Mockery’ at the ‘University’ of Jacarezinho, the largest squatter settlement in Rio – and endless others. (Leeds, Anthony. *Process, Structure, and Differentiation in Cities and Society*. Mimeo, sd. Pg.8. BR RJ COC LE DP DR 01)

631 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Rachel Viana. Rio de Janeiro – RJ, agosto de 2017.

632 Depoimento oral de Luiz Antônio Machado da Silva a Nísia Trindade Lima e Rachel Viana. Rio de Janeiro – RJ, maio de 2018.

CONCLUSÕES

Nesta tese, pude mostrar a construção técnica, teórica e metodológica das pesquisas realizadas por Anthony e Elizabeth Leeds nas favelas na década de 1960. Com foco no Jacarezinho, localidade onde produziram e acumularam mais variados e volumosos registros de trabalho de campo etnográfico, usei o arquivo pessoal privado do casal para reconstruir a história dessa pesquisa realizada por estes e sua rede de colaboradores. O lugar dos arquivos pessoais na escrita da história e o arquivo de Leeds assumiram um papel relevante para a história das favelas, da antropologia, bem como para a historicidade da etnografia e suas formas de escrita. Nesse sentido, cabe observar o quanto os arquivos pessoais privados vem contribuindo para a historiografia das ciências no Brasil, a exemplo da produção intelectual da COC, na qual boa parte das pesquisas realizadas vêm se utilizando desse tipo de fonte.

A despeito da aura fetichizada com as quais as notas de campo costumam ser encaradas, o tratamento dado a estas mostra-se tão amplo quanto as possibilidades de sua reanálise. Se em alguns casos, os antropólogos costumam recorrer aos registros deixados por seus antecessores antes de irem a campo, aqui nessa tese o recurso a este registro foi lançado sob o ponto de vista histórico. A análise histórica das notas de campo de um antropólogo permite não só reconstruir o campo, no caso, a favela do Jacarezinho naquele determinado período e conjuntura históricos, como também reconstruir o contexto de produção dessa pesquisa. Isto é, os percalços, as situações vivenciadas, os ditos, os silêncios, os locais, as pessoas, os gestos, entre outros aspectos que, se não remontam a vivência no campo, ao menos reconstrói a memória dessa vivência. Apesar das notas de campo serem documentos fragmentados, cuja inteligibilidade só é possível através de todo o conjunto de registros do campo, através destas os sujeitos históricos que colaboram na produção do conhecimento antropológico se tornam mais realçadas. Iluminam a colaboração de pessoas que, por muitos anos na história da disciplina, permaneceram sem nome, nem reconhecimento na sua literatura canônica. De outra forma, as notas de campo trazem também a interação destes sujeitos históricos e a forma como ressignificam o campo, no caso a favela do Jacarezinho, durante o processo de construção de conhecimento com os pesquisadores.

O fato do conjunto documental encontrar-se custodiado em instituições distintas, permite-nos ver o Fundo Anthony Leeds, não como um acervo fragmentado, mas multissituado. Afinal, o que se fez foi ampliar os locais de acesso à sua memória, e não necessariamente fragmentar uma suposta totalidade. Sob essa mesma linha de raciocínio, a busca pelo arquivo força o pesquisador a assumir uma

postura multissituada, a seguir o arquivo nos locais onde ele está disponível. Desse modo, tal como na etnografia multissituada, o pesquisador se vê impelido a se inserir em novas redes institucionais e científicas. Assim sendo, é preciso reforçar o papel importante assumido por Elizabeth Leeds na escolha de qual parte do acervo de seu colaborador irá para qual instituição. Certamente, pesa nessa decisão os anos de trabalho conjunto e de discussões sobre interesses de pesquisa, projetos para o futuro, lembranças de trabalhos passados, circunstâncias da vida prática, entre outros aspectos subjetivos que não costumam estar nos inventários analíticos ou guias de acervo arquivístico, mas nas pesquisas históricas. Desse modo, é preciso ressaltar a necessidade de haver uma pesquisa voltada apenas para a constituição desse acervo e sobre as suas possibilidades de pesquisa.

Há outros aspectos mais visíveis nessa tese: a construção da rede científica em torno das pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds, a inserção dos jovens voluntários do Peace Corps nessa rede científica e a participação dos moradores, sobretudo Flávio Romano, na pesquisa. Sendo, muito provavelmente, a primeira etnografia em favelas no Rio de Janeiro e, certamente, a primeira realizada no Jacarezinho, a pesquisa dos Leeds ficou conhecida através da obra *A sociologia do Brasil urbano*. Sua reconstrução histórica mostrou de modo mais detalhado o perfil dos voluntários do Peace Corps que se integraram nessa pesquisa, bem como enfatizou o potencial intelectual de alguns destes jovens através de seus relatórios enviados à agência. Verificou-se que a atuação deles ultrapassava as expectativas da agência, mostrando o envolvimento com a população atendida pelo programa e suas propostas para a melhoria de vida dos moradores das favelas. Mesmo não havendo um ideal de desenvolvimento definido por parte da agência, é evidente o esforço desses jovens em buscar algum parâmetro, algo manifestado em seus relatórios, no qual reportam não somente as dificuldades do trabalho, mas as suas propostas visando o atendimento às necessidades demandadas pelos moradores, expressando, portanto, o que pensavam ser o ideal de desenvolvimento de comunidade.

Tendo em vista a apropriação das ciências sociais pelas agências internacionais naquele período, a atuação de Anthony Leeds nestas buscou dar um sentido mais amplo e maior influência desses saberes no embasamento do trabalho destas agências nas favelas. É o que se percebe, por exemplo, na recomendação apresentada na avaliação do BEMDOC pela combinação da pesquisa acadêmica com a aplicada, enfatizando a primeira. A atuação de Anthony Leeds na pesquisa aplicada se concretizava na prestação de consultoria às agências ou no treinamento desses profissionais técnicos. Porém, em ambos os casos, priorizava as discussões e temas levantados pela pesquisa acadêmica, tais como o entendimento da favela como solução, as assunções falsas veiculadas pelo senso comum, bem como os

métodos e técnicas de pesquisa. Nesse sentido, destaca-se o seu esforço em ampliar o departamento de pesquisa do BEMDOC de modo a torná-lo um centro de referência em estudos sobre favelas. Suas recomendações orientaram-se no sentido de incentivar o BEMDOC a coletar e acumular dados sobre as favelas conforme a metodologia científica das ciências sociais. Desse modo, além de dar a sustentação metodológica para o projeto, buscava ampliar o próprio sentido do projeto.

Nessa atuação, também se destacam as críticas em relação às visões equivocadas das agências, como se vê, por exemplo, em seu relatório final de avaliação do BEMDOC. A elaboração da avaliação envolveu um trabalho de campo e uma análise dos relatórios das equipes de trabalho do BEMDOC, entre outros documentos, como mostram os dossiês referentes às localidades onde essa agência atuou, depositados no Fundo Anthony Leeds da COC. No entanto, a colaboração com a agência não o impediu de afirmar ser esta mais um instrumento de controle usado pelas elites em relação aos moradores das favelas (LEEDS e LEEDS, 2015: 284), aplicando-se esta observação, por dedução lógica, à ACB.

A transformação dos voluntários dos Peace Corps em pesquisadores realça, além da valorização da aplicação das ciências sociais, a colaboração mútua como característica da prática científica das pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds nas favelas. Sem os voluntários não haveria tantas perspectivas e dados de diversas localidades para construir a sua pesquisa e dar mais corpo empírico às suas análises. Do mesmo modo, sem a presença e interlocução de Anthony Leeds no campo, talvez os voluntários não tivessem feito suas próprias pesquisas. Ainda que nem todos tenham seguido carreira acadêmica posteriormente, os voluntários produziram pesquisa enquanto vivenciaram o cotidiano das favelas. Deram um sentido mais condizente com suas expectativas pessoais para a atividade de voluntários de uma agência internacional de cooperação técnica, voltada para as demandas da Guerra Fria. Também para os outros jovens pesquisadores que não eram voluntários, a inserção nessa rede de pesquisa lhes trouxe novas perspectivas, as quais puderam se apropriar posteriormente, a exemplo de Peggy Rockefeller, Luiz Antônio Machado da Silva, Kenneth Paul Erickson e Janice Perlman, que seguiram suas carreiras acadêmicas.

Sob o ponto de vista teórico metodológico, a orientação dialógica e cooperativa impressa nas pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds nas favelas se deu com a inclusão das observações dos pesquisadores e através da interação deles nos seminários informais. Construídos e consolidados pela prática do trabalho de campo, os seminários constituíram num novo instrumento de pesquisa, porque permitia a troca intelectual fora das favelas e porque inseria alguns moradores. Os seminários informais foram um aporte metodológico de Anthony Leeds, operando de modo a ampliar o caráter coletivo da

construção da prática científica e da pesquisa. Mobilizava o conjunto de pesquisadores e interlocutores do campo para a elaboração das técnicas de pesquisa e das análises. Como exemplo, podemos citar a preparação, nos seminários, de questionários extensos com a finalidade de visualizar as possibilidades de questões e de variáveis a serem observadas e posteriormente analisadas. Sem o intuito de serem aplicados, os questionários também apontavam a diversidade de objetos de estudo desenvolvidos no momento e as possibilidades de pesquisas futuras.

A identificação e análise de variáveis significantes de um sistema, bem como as suas interações, consistiam em características da abordagem sistêmica da qual Anthony Leeds era adepto (LEEDS e LEEDS, 2015: 53, 54, 55), além de darem à sua antropologia o caráter holístico⁶³³. Para o antropólogo, também a comparação constituía um aspecto importante na sua opção teórica e metodológica, sendo, portanto, outro elemento importante desse holismo e não uma compensação para a falta de holismo, como afirmam Johnson e Johnson (1990: 168). Nas pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds nas favelas, holismo e comparação se davam através da observação de outros casos e da inclusão das observações de colaboradores, a exemplo dos voluntários e de outros pesquisadores que se tornaram seus interlocutores diretos na construção dessas pesquisas. Nesse caso, holismo e comparação não se excluem. Ao contrário, a comparação constitui outro aspecto do holismo.

O holismo da prática científica dos Leeds está na qualidade, quantidade e variedade dos dados apresentados, além da inclusão de diversos interlocutores, seja pesquisadores, seja moradores. De modo complementar à perspectiva holística, a sua perspectiva comparativa também se fez com outras localidades, com outros tipos de *squatter settlements* existentes na América Latina e EUA. De outro modo, esse aspecto holístico ou totalizador dessas pesquisas feitas nas favelas também pode ser considerado na combinação de pesquisa qualitativa e quantitativa, priorizando a primeira para que pudesse ser realizada a segunda. O enfoque na abordagem qualitativa é perceptível pela variedade de documentos acumulados, de notas de campo e de informações contidas nestes registros.

No percurso da pesquisa dessa rede, foi compartilhada a multiplicidade de variáveis e de percepções – incluindo as dos moradores –, muitas das quais não foram alvos de análise nem figuram como tema ou elemento constituinte entre os trabalhos publicados. Um dos resultados desse compartilhamento de vivência numa rede científica, se entrecruzando com as redes do campo, é o compartilhamento de interpretações e análises a respeito do campo, a exemplo dos trabalhos de Silberstein (1969) e Machado da Silva (1969, 1967), bem como a referência recíproca entre os

633 *Process, structure, and differentiation in cities and society*, pg 6, BR RJ COC LE DP DR 01. Data provável: 1970.

trabalhos de todos estes colaboradores.

Como já apontaram Cavalcanti (2018) e Machado da Silva (2018), há alguns traços presentes nas pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds e que se assemelham a alguns daqueles que conformaram posteriormente a etnografia multissituada. Um destes traços é o estudo de um objeto que se faz presente em diversas partes do globo, dando à pesquisa um caráter transnacional (OLIVEIRA e CAVEDON, 2017; MARCUS, 1995). Os estudos dos *squatter settlements* empreendidos por Anthony e Elizabeth Leeds através de uma perspectiva comparativa os levou a realizar trabalhos de campo no Peru, Chile, Colombia, Porto Rico e Venezuela. Outro traço da etnografia multissituada é o envolvimento de uma rede de colaboradores e interlocutores (MARCUS, 1995). Como vimos, boa parte desta rede de colaboradores e interlocutores de Anthony e Elizabeth Leeds atuando nas favelas do Rio de Janeiro. Assim, é possível deduzir que houve a montagem de outras redes nos países onde Anthony e Elizabeth Leeds realizaram seus trabalhos de campo sobre os *squatter settlements*. Há, inclusive, uma foto de um grupo de pesquisadores, entre estes, Elizabeth Leeds e Doug Uzzel, aluno de Anthony Leeds, em uma barriada no Peru.

Nesse conjunto de interlocutores com os quais se construíram as pesquisas de Anthony e Elizabeth Leeds no Jacarezinho durante a década de 1960, destaca-se a relação estabelecida entre pesquisadores e moradores, num momento em que a vivência cotidiana com cientistas sociais estrangeiros dentro da favela era uma novidade para esses interlocutores, bem como a inserção destes na pesquisa. Desse modo, é possível imaginar o estranhamento causado por essa experiência, nova para ambas as partes. Também é possível concluir que, nos anos 1960, essa rede está apontando na direção do que Agier (2015) vai chamar de Encontro Etnográfico. Destaca-se o esforço dessa rede em construir uma relação menos assimétrica com os interlocutores em diversos sentidos, tanto nas tarefas cotidianas que faziam junto aos moradores, quanto na inserção deles na atividade científica, em especial a de Flávio Romano, incluindo o reconhecimento de sua colaboração por parte dos pesquisadores.

Nesse sentido, cabe lembrar que uma das recomendações de A. Leeds ao BEMDOC era justamente estabelecer a participação direta dos moradores nas pesquisas realizadas pela agência. Outro exemplo é a participação de moradores, com quem tinham uma interlocução mais próxima, nos seminários informais. Tal fato é coerente com a sugestão dada por Anthony Leeds ao BEMDOC de que estes saberiam mais que os cientistas e que, por esta razão, deveriam participar mais ativamente das pesquisas da agência. O entendimento de que o morador fornece um modelo melhor de análise da favela do que observadores mais sofisticados também está registrado em sua obra (LEEDS e LEEDS,

2015: 167).

Por outro lado, a inserção dos pesquisadores nas diversas redes de moradores encontradas no Jacarezinho através dos registros de campo deixados por essa rede de pesquisadores. Tomando em consideração a ideia e uso do termo “jogo”, acionado por Flávio Romano em uma de suas cartas, percebemos as nuances daquilo que extrapola o encontro etnográfico – o jogo etnográfico, no qual se incluem como participantes moradores e antropólogos. Vimos o quanto este jogo é análogo àquilo que Paul Silberstein irá analisar em 1969: a exploração e a contra exploração dos moradores. No caso do jogo etnográfico, ambas as partes fazem o mesmo jogo da ocultação de determinadas informações, da veiculação de informações selecionadas, o encaminhamento indireto de questões, pedidos, sugestões, entre outros acionamentos de palavras, gestos e expressões. A veiculação da fofoca pelos moradores e seu uso, pelos pesquisadores, como meio de obtenção de determinadas informações também deflagra parte importante deste jogo. Essa prática, mesmo sendo frequentemente de cunho moral e valorativo, tornava-se tanto um instrumento de pesquisa para os cientistas, quanto um capital para os moradores no desenrolar desse jogo etnográfico. Trata-se de um jogo de contrapartidas que reduz, em alguma medida, a assimetria no processo de produção do conhecimento sobre as favelas.

De todo modo, a prática desse jogo etnográfico e a habilidade em realizá-lo não surgiu somente no momento da interlocução com os pesquisadores estadunidenses. Afinal, os moradores tinham outros interlocutores com os quais também tinham que “jogar”, negociar, informar e ocultar informações seletivamente, entre outras movimentações de natureza política, para as quais mostravam indubitável competência e habilidade, como registraram as notas de campo desses pesquisadores. Sem essa qualificação dos moradores para a atividade política, não haveria redes de luz, água, arruamento, casas, enfim, a consolidação da favela estaria comprometida.

A historicidade da consolidação da favela do Jacarezinho leva necessariamente à articulação entre infra estrutura e relações de poder nas favelas, tal como propõe Cavalcanti (2009). Na medida em que os relatos registrados por essa rede científica foram apoio empírico para a desmistificação de teorias construídas sob um viés etnocêntrico, também fizeram um contraponto aos argumentos usados para justificar as políticas de remoção do período. Mesmo não sendo possível mensurar, é possível deduzir que as pesquisas realizadas por essa rede de pesquisadores reforçou os argumentos contra a remoção, ainda que não tivesse mudado o curso desta política.

A intensidade da vida política dos moradores das favelas; as disputas políticas entre moradores de grande influência nas favelas; os diversos tipos de conexões e negociações com figuras

proeminentes na política nacional e o papel destacado das associações de moradores naquele momento específico eram, portanto, faces de uma mesma moeda: a luta pela sua existência material. Tudo isso reforça a ideia de que a maior de todas as chamadas *felt needs* – para usar uma expressão das agências internacionais – dos moradores era fazer política diuturnamente e em todos os espaços. Sem política, não haveria casas, luz, água, nem favela. Logo, não havia outra opção para esses moradores, senão desenvolver a habilidade política. Nesse sentido, é relevante o peso das associações de moradores e da FAFEG, apesar das suas contradições, e seu reconhecimento como instâncias de participação política pelos moradores nesse período. Destaca-se a intensa movimentação dos moradores em torno dessas associações, como ilustra a disputa acirrada nas primeiras eleições para a diretoria da associação de moradores do Jacarezinho, e as disputas por outros espaços de representação política dos moradores, como os conselhos de representantes de rua.

De fato, como foi possível observar nos relatórios das equipes do BEMDOC, nos informativos da ACB e nos relatórios dos voluntários do Peace Corps, sem a colaboração das associações de moradores, a atuação das agências internacionais nas favelas teria sido improvável. Quanto a este último ponto, é importante ressaltar a peculiaridade das formas de organização dos moradores, em contraste com o modelo burocrático de organização imposto pelas agências aos moradores e pelo qual elas próprias se organizavam. Incompatível com as formas de organização dos moradores, tais modelos eram também instrumentos da missão civilizatória das agências, movidos pela premissa de que todo e qualquer tipo de organização fora desse padrão não poderia ser considerado como tal. Conseqüentemente, a racionalidade que orientava as organizações dos moradores também não era considerada como tal, mas como desordem, confusão, irracionalidade, entre outros adjetivos que punham em descrédito a legitimidade das organizações dos moradores.

Além das mobilização em torno da associação, o intenso envolvimento dos moradores em diversos processos políticos que atravessavam as suas vidas direta e cotidianamente foram, senão empecilhos às autoridades oficiais do estado, ao menos uma pedra no sapato com a qual tiveram que aprender a lidar e a controlar. As escolhas para as comissões de luz, para o conselho de representantes de rua, para prefeito de favela, a formação das chapas para a disputa pela direção da associação de moradores, as eleições para a direção da associação de moradores, a fusão das agremiações carnavalescas, o nome da festa junina, entre outros processos, não poderiam ser facilmente manobrados ou controlados. Em todas as ocasiões que requeriam negociações, conflitos e decisões coletivas, por mais insignificante que pudesse parecer, foi registrada a mobilização e a habilidade política dos

moradores. Igualmente, as intensas atividades econômicas desses moradores também requeria a sua habilidade política, seja para lidar com os agentes da ordem e do Estado, fiscalizando a legalidade de seus negócios, seja para lidar com os moradores, habilidosos negociantes de créditos, prazos, favores, serviços, entre outros capitais disponíveis.

No que tange às preocupações teóricas de Anthony Leeds, é preciso observar o modo como as favelas serviram à análise de classes sociais. Diante da diversidade de variáveis apresentadas nas notas de campo e que mereceram análise posterior, a atenção dada à observação do proletariado urbano, tratada em termos de classe social, é coerente com suas declarações acerca da crítica à teoria marxista e à quantidade de textos dedicados à análise de classes. Em toda a sua obra e nas notas de campo, a observação tem como ênfase justamente as relações de classe, a identidade de classe, os símbolos de distinção de classe, as práticas cotidianas de uma classe social específica, etc. As classes sociais, por sua vez, aparecem nos registros dessas pesquisas, não exatamente como uma categoria analítica, mas como um elemento a ser observado empiricamente, nas suas mais diversas manifestações e ocasiões, operando como o ponto de conexão entre as perspectivas econômica e política. Percebe-se a ênfase econômica dividindo espaço com a análise política, sobretudo nos estudos realizados em colaboração com a cientista política Elizabeth Leeds. O tema das classes sociais, analisadas sob o ponto de vista político atrelado ao econômico, também é percebido nos estudos de Machado da Silva (1967) ao identificar e ver como opera a Burguesia Favelada, e de Paul Silberstein (1969) ao discutir o jogo de exploração e contraexploração dos moradores das favelas com seus patrões, políticos não residentes, entre outros atores.

Além disso, a perspectiva de classe é acionada por Anthony Leeds na sua argumentação contrária às teorias da cultura da pobreza e da marginalidade, bem como aos outros mitos estigmatizantes desse proletariado urbano em especial. Nesse sentido, são importantes as análises das coalizões entre proletariado e elites em suas nuances, mostrando que os recursos vindos das favelas servem não só aos moradores, mas às elites. Em outras palavras, as favelas eram lucrativas em seus mais variados capitais disponíveis, constituindo-se como fonte de recursos econômicos e políticos para ambas as classes sociais. A demonstração empírica desse fenômeno foi relevante, pois ao mesmo tempo em que expôs a fragilidade das fronteiras entre as classes sociais, mostrava também as disparidades que se reforçavam nesse entrecruzamento.

Em *A sociologia do Brasil urbano*, cujo objetivo de fazer uma análise de classe é declarado logo na introdução, todas as variáveis encontradas e analisadas remetem, direta ou indiretamente à esta

categoria. No conjunto de artigos componentes da obra organizada por Sanjek (LEEDS, 1994), a atenção ao urbano é compartilhada com o refinamento dado à análise de classes, de modo que tenham em comum uma variável constituinte, a especialização do trabalho. Se, em 1962, o antropólogo preocupava-se em pensar a metodologia mais adequada para delinear as classes sociais (LEEDS, 1967), no conjunto da obra publicada em 1994, e escrita ao longo das décadas de 1970 e 1980, traz uma proposta metodológica melhor delineada. Considerando que a sua pesquisa em favelas representou um refinamento de categorias de análises como a localidade e a comunidade (LIMA e VIANA, 2018), as classes sociais tomaram forma como proposta teórica e metodológica nos trabalhos posteriores a essa vivência, embora a intenção fosse anterior.

Diante da complexidade da vida pulsante que se exibia àqueles pesquisadores, é possível atribuir um sentido político às pesquisas realizadas por essa rede de pesquisadores, embora tivessem originalmente um objetivo científico e acadêmico. A própria escolha de uma parcela específica do proletariado urbano como ponto de observação para análise de classes, das elites, das relações econômicas e para a análise da vida política é um dado relevante. Pesavam como fatores contrários a essa perspectiva o contexto do anticomunismo, da Guerra Fria e das ditaduras militares que se espalhavam pela América Latina. Da parte de Anthony Leeds, é preciso considerar, no entendimento dessa escolha, o seu lastro familiar que o ligava a movimentos pautados por demandas mais progressistas num período de intensa turbulência política nos EUA. Afinal, sua família tinha elos com o partido socialista, o partido comunista e com a fundação da ACLU, o que rendera à sua irmã, Winifred, um interrogatório sobre suas atividades na universidade e à ele outro interrogatório ao ingressar na OEA em 1961⁶³⁴.

Outro aspecto importante nesse sentido é a prova empírica que sua vivência trouxe para que pudesse apresentar, junto à uma rede de pesquisadores, a contrariedade à teoria da cultura da pobreza e às narrativas estigmatizantes das favelas no período. A assunção dessa postura não era somente científica se considerarmos as políticas remocionistas escoradas justamente nestes estigmas. No âmbito acadêmico, o contraponto empírico à teoria da cultura da pobreza e à teoria da marginalidade tomava um sentido político na medida em que havia uma disputa narrativa entre os cientistas sociais, tendo alguns destes intelectuais corroborado os estigmas, mesmo na intenção de mostrar a utilidade prática deste conhecimento para as políticas públicas do período.

634 Leeds, 1984: 10, 13, 14, 15. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

Em suma, os resultados destas pesquisas, ao apresentarem uma controvérsia dentro da academia, também geravam uma disputa política quanto à narrativa que poderia fundamentar as políticas habitacionais para a população de baixa renda. Por outro lado, avalio como outra atuação política de Anthony Leeds o seu trabalho nas agências e o esforço em levar essa argumentação científica que desmistificava os estigmas atribuídos às favelas. A. Leeds tentou fazer isto através do departamento de estudos do BEMDOC e da avaliação final encaminhada à este, bem como na avaliação crítica ao projeto da UN em carta destinada à Patrick Crooke. Logo, a publicação dos resultados de pesquisa, atendendo a todos os critérios científicos e amplamente pautados em bases empíricas, tomava contornos políticos. Pois na dinâmica das relações profissionais, a discussão acadêmica sobre as fraquezas da teoria da cultura da pobreza e da marginalidade eram constantes, conformando um lugar ativo nessa disputa de narrativas. Não se tratava somente da superação de uma teoria contestável, mas também de dar um lugar e um sentido prático às ciências sociais sem necessariamente ferir a ética científica e/ou política na aplicação desses saberes, bem como de valorizar o potencial produtivo, criativo e político dos moradores das favelas, algo amplamente negado em diversos espaços, da academia ao senso comum.

Mais que refutar o mito da marginalidade ou a teoria da cultura da pobreza, as pesquisas realizadas por Anthony e Elizabeth Leeds nas favelas, bem como a de seus colaboradores integrantes de uma mesma rede científica, trouxeram o protagonismo dos seus moradores na vida econômica, política e social da cidade. Ao apresentar empiricamente as favelas como soluções criativas e adaptativas por parte de seus moradores, cuja própria existência requeria uma organização da maior complexidade e intensidade, era o mesmo que apresentar o quanto a cidade, as elites, o Estado, entre outros tantos atores dependiam das favelas. Mostrar o cálculo do valor das favelas, mesmo sem contar o valor da mão de obra, também significava mostrar não só o volume do capital financeiro circulante nessas localidades, mas sobretudo o capital político. Afinal, estava implícito nesse cálculo não só o valor real das casas e infra estrutura, como também o valor das diversas organizações dos moradores, seja as suas associações, seja as suas agremiações carnavalescas, esportivas, clubes de jovens, mães, entre outras fontes de recurso de poder que não eram completamente controlados nem pelo Estado, nem pelas agências internacionais. Cada uma dessas fontes de recurso de poder guardava outro poder: o de converter o capital político em outros capitais.

Num contexto de Guerra Fria e ditaduras militares, experiência política, o potencial econômico peculiar das favelas, somado ao protagonismo dos moradores em sua intensa atividade política eram,

tanto para o Estado, quanto para a política externa estadunidense, algo a ser senão controlado, ao menos observado bem de perto por especialistas competentes. Mais do que formas de moradia de baixa renda, ou preocupação primordial das agências internacionais, as favelas e os *squatter settlements* mostravam-se para a antropologia do período o campo perfeito ora para a aplicação do desenvolvimento em seu sentido hegemônico, ora para a contraposição à este.

Diante disso, é possível concluir que a antropologia praticada por Anthony Leeds e sua rede de colaboradores não se alinhava nem aos objetivos da política externa dos EUA, nem aos propósitos da noção hegemônica de desenvolvimento do período. Apesar de não declararem uma antropologia insurgente, ou libertadora, como quis Gunder Frank, também não compactuavam com a antropologia de viés conservador. Este conservadorismo pode ser entendido em dois sentidos. O primeiro deles tem a ver com o alinhamento político aos EUA, com a noção de desenvolvimento e a aplicação da antropologia a estes propósitos. Esses pesquisadores não se propunham a reproduzir a mesma noção etnocêntrica de desenvolvimento que impunha às populações empobrecidas um padrão de vida pautado pelos ideais de consumo e de comportamento da classe média estadunidense. Ao atentarem para as formas adaptativas dos moradores das favelas, ao realçarem a complexidade das organizações políticas destes moradores, bem como a circulação abundante de variados capitais, mostraram haver mais narrativas do desenvolvimento em disputa, incluindo a dos próprios moradores. Ainda que não tenha declarado uma proposta de antropologia voltada para a insurgência, essa rede de pesquisadores se não deram um passo nessa direção, ao menos frisaram, em seus registros e análises posteriores, o potencial político, não necessariamente insurgente ou disruptivo, destes moradores e trabalhadores urbanos.

O segundo sentido de conservadorismo na antropologia para a qual esses pesquisadores estavam construindo um contraponto, tem a ver com a metodologia utilizada e o entendimento da relação entre pesquisadores e interlocutores. Na medida em que essa relação já vinha sendo repensada desde a década de 1940 com a pesquisa de William Foote Whyte, na qual se revia o tratamento de informante em contraposição ao de interlocutor/colaborador, nessa pesquisa no Jacarezinho verifica-se o esforço em colocar o morador como colaborador ativo da pesquisa. Embora a discussão sobre a autoridade etnográfica só tenha ganhado corpo entre o final da década de 1970 e início da década de 1980 (CLIFFORD, 2011 [1994]: 17 a 58), é preciso observar a contribuição dessa pesquisa nas favelas no sentido de ser um passo importante nessa direção. Ou seja, se a antropologia pôde elaborar esta discussão posteriormente, foi graças a iniciativas como esta que, apesar de não terem sido frequentemente tomadas como exemplo, a disciplina pôde preparar o terreno para aprimorar-se teórica

e metodologicamente. Por este motivo, também é preciso reconhecer o esforço desses pesquisadores em buscar uma renovação na antropologia, coerente com as críticas e debates da época sobre desenvolvimento, *squatter settlements* e ética científica, cujas disputas narrativas foram mais políticas do que acadêmicas.

Por outro lado, a construção coletiva da pesquisa, envolvendo toda uma rede científica no Brasil e na América Latina, de tal modo que as análises posteriores ao trabalho de campo são igualmente compartilhadas, também reforçam essa busca por uma antropologia não conservadora ou por uma renovação da disciplina. Nesse sentido, é importante ressaltar o papel dos seminários informais como um instrumento de pesquisa com a qual se imprime um caráter coletivo e cooperativo à prática científica. Esses seminários, na medida em que eram formados em diversos locais onde os Leeds pesquisaram e em que havia um esforço para que fossem realizados continuamente, independentemente da presença do casal, podem ser também entendidos como nódulos para a construção de novas redes científicas autônomas. Ao mesmo tempo, são conectadas através das pesquisas desenvolvidas pelos seus atores. Portanto, esse duplo movimento de conexão e autonomia, construídos na dinâmica de um trabalho de natureza coletiva também pode ser entendido como mais um passo no sentido de fazer uma contraposição a uma prática científica conservadora, etnocêntrica. Na medida em que Anthony Leeds pôde elaborar suas críticas epistemológicas à antropologia na década de 1980, na qual advogava o reforço de um caráter mais humanista e a inclusão das emoções humanas como fontes epistemológicas, é possível concluir que esta já vinha sendo desenhada desde as pesquisas nas favelas. Afinal, muitos destes aspectos são devidamente registrados em suas notas de campo, bem como nas notas de seus colaboradores. Outro elemento importante é a troca afetiva com os interlocutores do campo, os moradores do Jacarezinho, manifestada pelas cartas enviadas ao casal.

Logo, apontar para o Encontro Etnográfico e para a antropologia em rede na década de 1960 foi certamente um contraponto importante para a reflexão crítica sobre as suas possibilidades teóricas e metodológicas. Realizar a construção empírica voltada para a discussão crítica sobre os *squatter settlement* sob o ponto de vista de seus moradores ganhou um peso político. Afinal, as formas de moradia de baixa renda estavam imersos numa antropologia cuja principal disputa narrativa girava em torno de usos estratégicos e noções de desenvolvimento, pautados por objetivos geopolíticos. Esse passo dado por essa rede científica mostrou que tais modelos não davam conta da complexidade da disciplina, tampouco das possibilidades de soluções e desafios políticos que eram colocados pelos *squatter settlements* e seus moradores. As contradições, problemas e soluções que se colocavam tanto

para antropólogos, quanto para executivos do desenvolvimento eram bem maiores do que qualquer elucubração teórica ou modelo gerencial e organizativo.

Em que pese a abrupta interrupção da produção intelectual de Anthony Leeds, imposta pelo seu falecimento, há ainda muito a ser discutido sobre a sua proposta teórica e metodológica a respeito das classes sociais ou dos nexos entre os nós/nódulos, como propôs posteriormente (LEEDS, 1994), bem como sobre o pensamento social brasileiro e estadunidense que foi se desenhando nas suas análises, sobretudo aquele tomado a partir das classes de baixa renda ou, para usar as palavras de Leeds, do proletariado urbano. Nesse sentido, não é irrelevante lembrar sua dificuldade de identificação com a cultura e o pensamento de seu país natal⁶³⁵, e sua empatia e identificação com a cultura dos interlocutores com quem manteve uma vivência mais aprofundada, tais como os moradores das favelas, os trabalhadores da zona do cacau, as elites brasileiras, os migrantes portugueses, entre outros interlocutores. De todo modo, há ainda muito a ser discutido à luz de sua obra, pensamento e arquivo pessoal, mesmo espalhado em diversos locais de acesso à sua memória.

⁶³⁵ Leeds, 1984: 27, 30, 31, 68. *Through selfethnography to human nature. Continuous diversity as escape from categories to unity*. Escrito para a série *Being an anthropologist*. NAA/Anthony Leeds papers/ series 6/subseries biographical materials/box33/Draft autobiography.

ANEXOS

RESUMOS 37 ICA

Water Networks: Their technology and sociology in Rio Favelas – James Wygand

Redes de água is a term used by favela residents to refer both to the technical objects – water piping systems – and to the social groupings which invest in, construct, and maintain them. The paper analyses various types of such networks, describes the investment process, planning, work arrangements, maintenance arrangements and a number of sociological consequences from all of these relationships including leadership, political implications, career and power relationships revolving about exploitations of networks, and so on. It is shown that these, mostly informal, groupings are highly adaptive mechanisms for achieving ends, in this case a water supply, under the juridical, administrative, and otherwise generally difficult conditions of favela existence.

Resources and sources: marketing, supply, and their social ties in Rio Favelas – Judith Hoenack

The paper deals with the marketing system in favelas as based on credit and the personalized ties through which credit is operated in a highly sophisticated system related to the larger urban markets. The individuals who develop commerce in the favelas are already aware of the intocracies of the business world and are, therefore able both to exploit the favela dwellers but also to do important things for the community of a material or political sort. Developing personal ties in business permits the development of thriving business in the favelas on the backs of so-called “marginal” persons in Rio society. Some career patterns of the development of such business are also described.

Future orientation – the investment climate in Rio Favelas – Anthony Leeds

Favelas are of a class of urban social phenomena to which also belong the *vecindades* of Mexico studied by Oscar Lewis and on the basis of work in which he developed his conception of the “culture of poverty”. Some of the characteristics of the culture poverty include present-mindedness, lack of thought about the future, little ability to defer gratification, absence of savings, resignation, and fatalism, etc. Not only do these “traits” not apply to any defined population in any given favela of Rio de Janeiro – and therefore cannot constitute a “culture” in any case – but the favela data suggest beyond doubt that almost the entire populations of almost all the favelas are motivated by concepts of gain and accumulation which, at minimum, constitute a form of penny capitalism with complex gaming principles

involved, and, at maximum, constitute large investments going into the loss of thousands of dollars based on long-term planning, careful assessment of risks, manipulation of credit systems, and strong future orientation: the Brazilian data do not confirm the usefulness of the conception of “culture of poverty” and raise doubts about its appropriateness elsewhere.

Eviction! - Land tenure, law, power and the Favela (Rio) – Nancy Smith

The eviction of the residents of a favela in Rio de Janeiro described in this case study devolves around the problem of law. The written law encompasses the entire society and yet represents only those who in reality are familiar with it. How does an illiterate, economically marginal citizen become aware of his rights? More important, once aware, how does he encounter public resources to defend and attain his rights?

The case study describes the internal power structure of the favela and its relationships to the external power structure, here represented by public agencies upon which the favela residents are dependent. Implications regarding the difficulties encountered in community development or in instituting any change in the status quo of the society at large are analyzed.

Problems of urbanization in Rio Favelas – Charles O'Neil

The paper deals with the so-called “urbanization” of favelas from the point of view of several increasingly inclusive institutional frameworks to which urbanization is tied—local (i.e. favela), state, and national. It is shown that “solutions” proposed to the “favela problem” under the rubric of “urbanization” are not solutions at all because of the nature of the forces which give rise to the existence of favelas. These forces are largely found at the national level in economic, juridical, administrative and political institutions.

Political complementary of favelas with the larger society of Rio de Janeiro – Elizabeth Plotkin

The paper will demonstrate that the favela entity is very much a part of the political system of the surrounding society at all levels of integration – city, state, and nation. The favela is affected politically by interests and pressures from the outside. The astute favelado politician counters the external political pressure by his own counter-exploitative strategy of taking advantage of what he feels or knows to be, in many cases, a direct, overt attempt to buy his support. In addition he may use such attempts to consolidate his own power inside the favela, often as a step towards power outside the favela.

Carnaval groups – maintainers and intensifiers of the Favela phenomenon in Rio de Janeiro – David Morocco

This paper argues that carnival groups serve as the focal point for the operation of a number of major social institutions, of numerous important agencies and associations, as well as of significant large-scale features of the informal social system, especially social stratification. The total combined effect of these institutions, organizations, and social structures through the carnival groups is the maintenance of the favelas as sub-systems of the total social system.

Orestes à esquerda e Anthony Leeds. BR RJ COC LE RV 12



Anthony Leeds e Mané. BR RJ COC LE RV 12

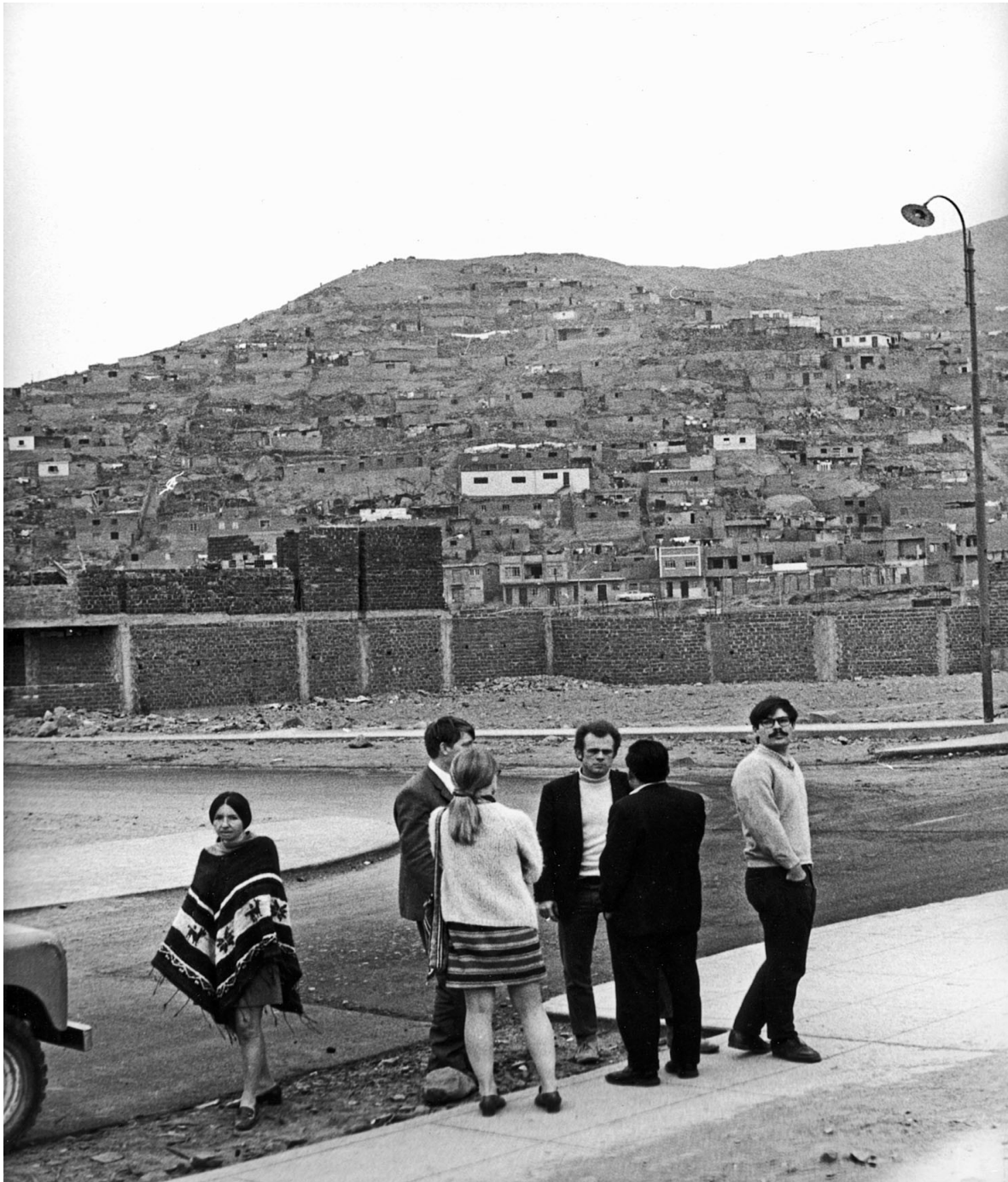




Flávio Romano. BR RJ COC LE RV 12

John, segundo filho do primeiro casamento de Anthony Leeds, com moradores do Borel
BR RJ COC LE RV 04





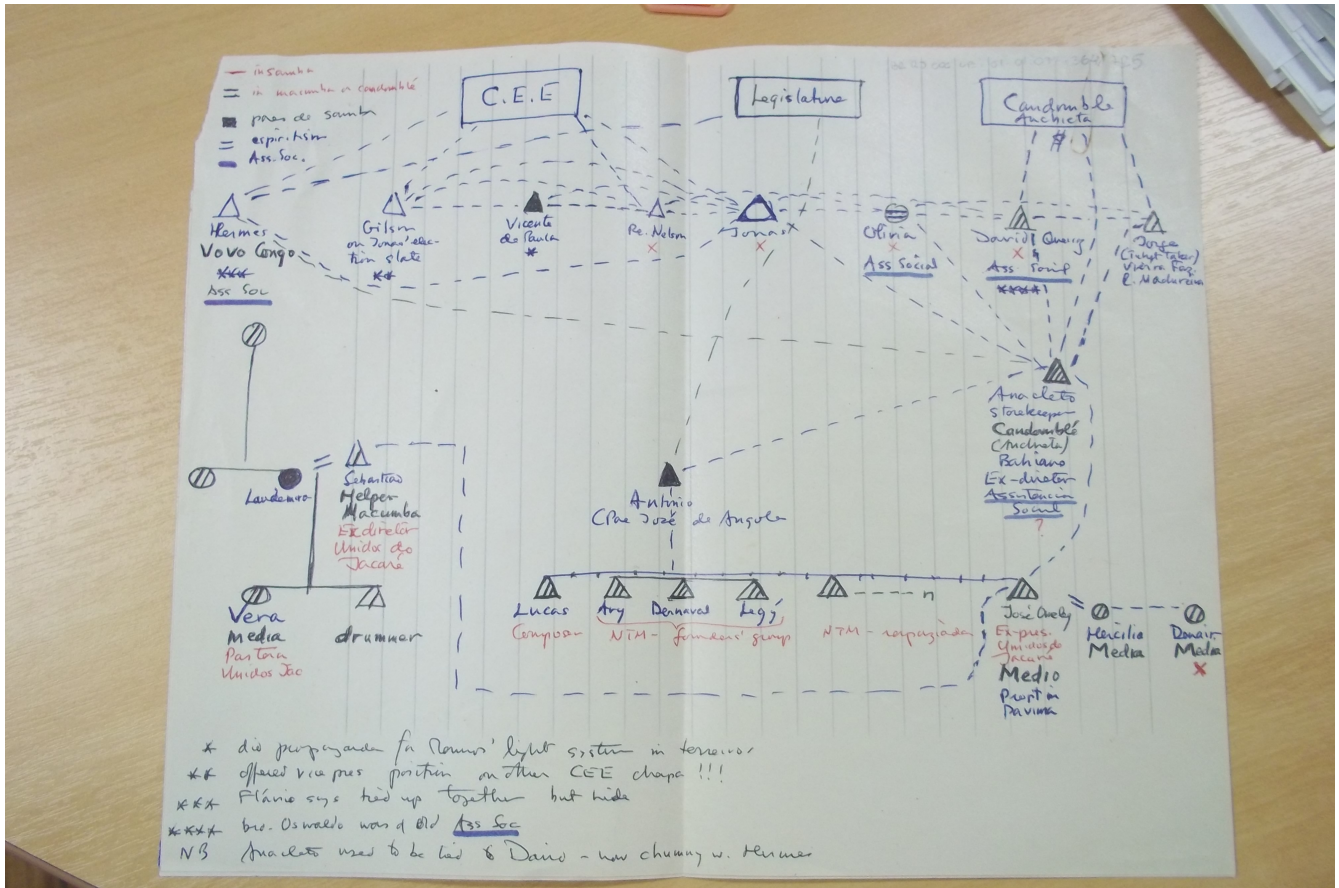
Elizabeth Leeds à esquerda, Junjkjing e Melanie, esposa de Doug Uzzel. Doug Uzzel ao centro, de camisa clara e paletó escuro, Sinésio e David Collier em frente a uma barriada no Peru. BR RJ COC LE RV 33

Mutirão para instalação de encanamento de água na favela Macedo Sobrinho. Foto: Cristina Schroeter
Data: 1964.

BR RJ COC LE DP RV 14



Mapa de relações elaborado por Anthony Leeds. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.



Conta de Luz de Flávio Romano enviada para David Morocco. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

David, leia esta frase do gato.

BR RJ COC LE 01.01.092-154/225

O "GATO" É UMA INVENÇÃO DO SABIDO QUE O "TOLO" PAGA RINDO E PAGA NO VENCIMENTO SOB PENA DE CORTE NO DIA			
NOME :	Flavio Romano	VENCIMENTO : DIA	/
END :	Rua Mons. Tavora 1	LEITURA PARTICULAR EM:	
Conta da Laigth	Cr\$	Mês Anterior	01,54
20% da S. S. S.	Cr\$	Mês Corrente	0170
TOTAL DA COBRANÇA	Cr\$	KWH mês anterior	16
Total de Consumo dos Medidores Individuais		KWH mês corrente	24
Valor do KWH e/ Q. C. C.	Cr\$ 58- p/ KWH	CONSUMO A PAGAR	
		VALOR Cr\$	1 392-
		CONTA N.º	
		RECEBIDO:	VALOR PAGO:
		Em: 22/3/65	Cr\$ 1 392-
		Ass. Cobrador	Em: 22/3/65
		Identidade N.º	Ass. do Recebedor
			Idt. N.º

Carta de Flávio Romano para Anthony Leeds, escrita no verso de um panfleto da comissão de luz. Adiante, a frente do documento. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Toni
Sai uma das lembranças
do seu amigo Flávio
Jacarezinho este
ficando uma "brasa"
Flávio

Flora da Cunha
funeiro
Salvador Gonçalves Wanderlin

EDSON KHAIR
PROCURADOR DA
JUSTIÇA

32 R3 COC L. 01. 01. 072 80/725

Vamos Iluminar Melhor

AS RUAS DE NOSSO BAIRRO ?

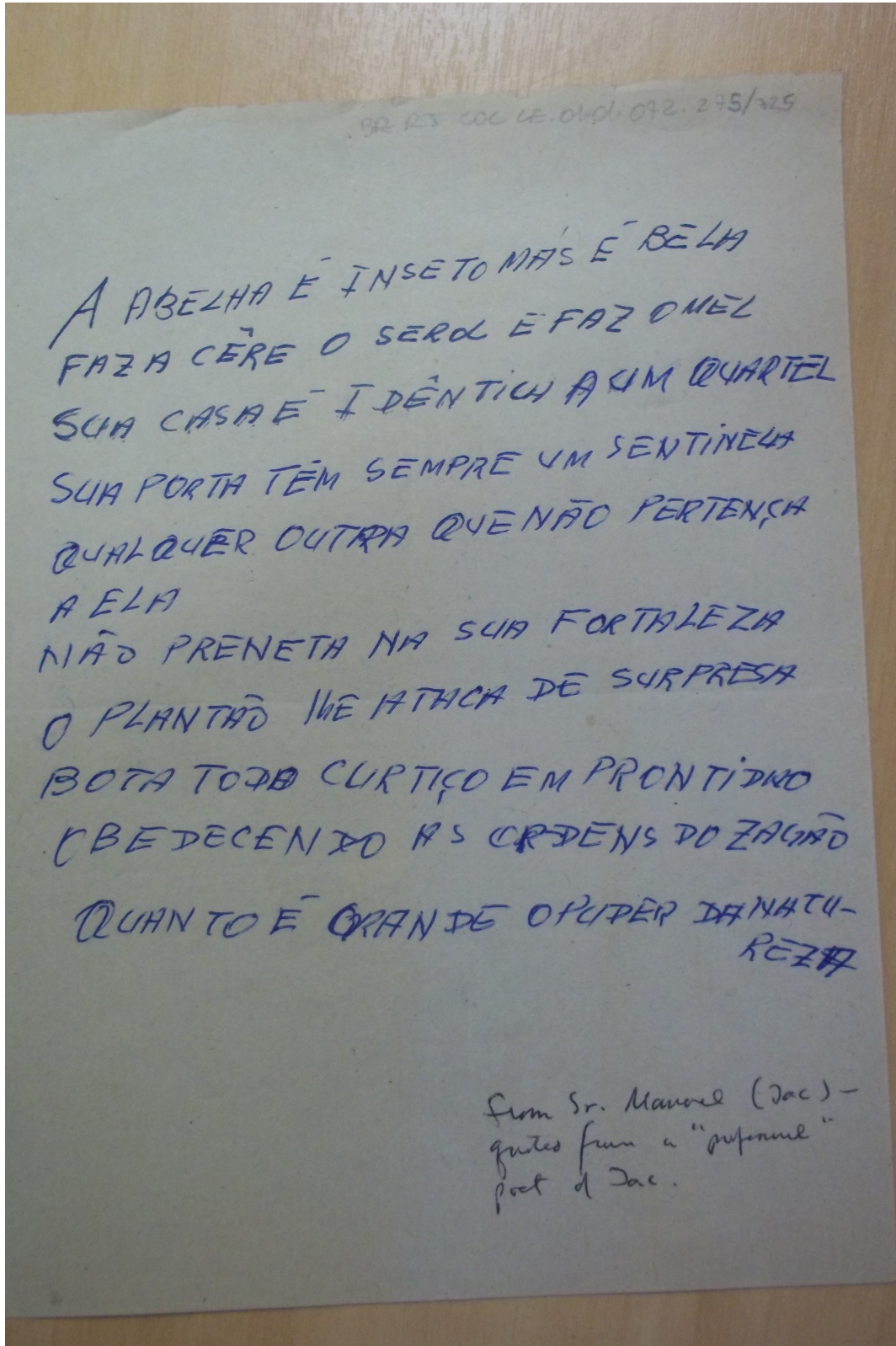
A Comissão Tem
interêsse em iluminar todas as Ruas, po-
rém com os constantes aumentos do Kwh
como pode ser provado pela CONTA
018101638 de JULHO 66 não tem sido
possível. Daí propormos aos USUÁRIOS
uma TAXA de 200 (duzentos cruzeiros)
mensais para alcançarmos nosso objetivo.

Você concorda
com a TAXA (marque com um X)

SIM	OU	NÃO
-----	----	-----

DEVOLVA ÊSTE PROSPECTO À COMISSÃO

Poema de Manoel, morador do Jacarezinho, coletado por Anthony Leeds. Na anotação feita pelo antropólogo, lê-se : *from Sr. Manoel (Jac) – quoted from a “professional” poet of Jac.* BR RJ COC LE DP PP 03 V4.



BIBLIOGRAFIA:

- AGIER, M. *Encontros etnográficos. Interação, contexto, comparação*. São Paulo, Editora UNEESP; Alagoas, EDUFAL, 2015.
- ALMEIDA, A. W. B. de “Cowboy anthropology”: nos limites da autoridade etnográfica. *Entre Rios*, Revista do PPGANT – UFPI 1ª edição. 2018
- AMMAN, S. B. *Ideologia do Desenvolvimento de Comunidade no Brasil*. São Paulo: Cortez editora, 2009. 11 edição.
- ANDRADE, R. de P. Contribuições para um debate: a antropologia do desenvolvimento e a valorização amazônica da Amazônia (1951-1955). *Cadernos do Desenvolvimento*, Rio de Janeiro, v10, n16, p53-72, jan-jun 2015.
- ALVES, H. ESCOREL, S. Massa marginal na América Latina: mudanças na conceituação e enfrentamento da pobreza 40 anos após uma teoria. *Physis. Revista de saúde coletiva*, Rio de Janeiro, 22[1]: 99-115, 2012.
- AROUCA, C. *Medicina e antropologia: atenção à saúde no Serviço de Proteção aos Índios (1942-1956)*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGHCS da Casa de Oswaldo Cruz. Orientadora: Nisia Trindade Lima. Rio de Janeiro, 2011.
- AZEVEDO, C. Regenerando a alma americana: os corpos da Paz na América Latina. *Anais eletrônicos do III Encontro da ANPHLAC*, São Paulo, 1998
- AZEVEDO, C. *Em nome da América. Os Corpos da Paz no Brasil*. SP, Alameda, 2007.
- BERREMAN, Gerald. “Por detrás de muitas máscaras”. In: ZALUAR, A. 1980. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1962, pp. 123-174.
- BARNETT, H. G. “Learning about culture: reconstruction, participation, administration, 1934-1954.” In: STOCKING JR, G. W. *Observers observed. Essays on ethnographic fieldwork*. Series: History of Anthropology v.1. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1983.
- BAINES, S. G. Primeiras impressões sobre etnologia indígena na Austrália. *Série Antropologia*, 139. Brasília, 1993
- BOHANNAN, P. “O progresso da antropologia”. In: ZALUAR, A. 1980. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1966, pp. 245-257.
- BOZZA, J. A. Las huellas de Camelot. Investigación social, cooperación internacional y contrainsurgencia em Chile em los 60. *Epocas – revista de história – USAL* – n9 1 semestre de 2014 p88 a 118.

BRASIL Jr, A. Linhas retas ou labirintos? A tradução da sociologia da modernização nos textos de Florestan Fernandes e Gino Germani (1960-1970). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 28, n 82, junho de 2013.

BRUM, M. S. I. *Cidade Alta: história, memórias e estigma de favela num conjunto habitacional do Rio de Janeiro*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Orientador: Paulo Knauss. Niterói, 2011.

BURNETT, A. O debate sobre dependência, marginalidade e informalidade: para uma perspectiva de abordagem do fenômeno 'Sulanca'. *Em debate: Rev. Dig*, Florianópolis, n9, p140-161, jan-jun, 2013.

CARDOSO, Ruth C. L. “Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método”. In: CARDOSO, R. C. L. (org) *A aventura antropológica. Teoria e pesquisa*. São Paulo, Paz e Terra, 1986.

CARVALHO, M. B. *Uma maré de lutas: memória e mobilização popular na favela Nova Holanda*. Dissertação de mestrado em Memória Social. UNIRIO. Orientador: Marco Aurélio Santana. 2006.

CASTRO, E. G. de ‘Estudos de Comunidade’: reflexividade e etnografia em Marvin Harris. *Revista da Universidade Rural. Série Ciências Humanas*. Rio de Janeiro, V.23, n.2, jul/dez. 2001, p195-210.

CAVALCANTI, M. Comentário “Quanto vale uma favela”: economia, trabalho e a cidade na vida cotidiana. *Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v08.03: 831-848, set-dez, 2018

CAVALCANTI, M. Do barraco à casa. Tempo, espaço e valor(es) em uma favela consolidada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 24, n 69, fevereiro, 2009.

CAVALCANTI, M. À espera, em ruínas: urbanismo, estética e política no Rio de Janeiro da 'PACificação'. *Dilemas: Revista de estudos de conflito e controle social* – vol 6, n2, abril/maio/junho, p191-228, 2013.

CESTARINO, L. Antropologia multissituada e a questão da escala: reflexões com base no estudo da cooperação Sul-Sul brasileira. *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 20, n41, p19-50, jan/jun. 2014.

CICOUREL, Aaron “Teoria e método em pesquisa de campo”. In: ZALUAR, A. 1980. (org.) *Desvendando máscaras sociais*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora, 1969, pp. 87-122.

CLIFFORD, James. *A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX*. Organização e revisão de José Reginaldo Santos Gonçalves. Rio de Janeiro, editora UFRJ, 4ª edição, 2011.

CLIFFORD, J. “Notes on (field)notes”. In: SANJEK, R. (ed.) *Fieldnotes. The making of anthropology*. Ithaca and London, Cornell University Press. 1990.

- COLE, D. “ 'The value of a person lies in his herzensbildung': Franz Boas' Baffin Island letter-diary, 1883-1884”. In: STOCKING JR, G. W. *Observers observed. Essays on ethnographic fieldwork*. Series: History of Anthropology v.1. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1983.
- COMAS, J. *Cien anos de congresos internacionales de americanistas. Ensayo historico, critico y bibliografico*. UNAM, México, 1974
- CONSORTE, Josildeth Gomes; PEREIRA, João Baptista Borges. Entrevista com Josildeth Gomes Consorte e João Batista Borges Pereira. TORRES, Lílian de Lucca. *Revista Ponto Urbe* 6. São Paulo, Núcleo de Antropologia Urbana/USP, Ano 4, 2010.
- CONSORTE, J. G. “Lembrando Costa Pinto: memória das ciências sociais no Brasil”. In: MAIO, M. C. e VILLAS-BÔAS, G. (org.) *Ideais de modernidade e sociologia no Brasil. Ensaio sobre Luiz de Aguiar Costa Pinto*. Porto Alegre, Editora Universidade/UFRGS, 1999, pp. 39-48.
- CORTÉS, A. Modernización, dependencia y marginalidad: itinerário conceptual de la sociologia latino-americana. *Sociologias*, Porto Alegre, ano 14, n.29, jan/abr 2012, p.214-238.
- CUNHA, Olívia M. G. Tempo imperfeito: uma etnografia do arquivo. *Mana*, vol. 10, n.2, Rio de Janeiro, 2004.
- CUNHA, J. B., VALLADARES, L. do P., MESQUITA, W. A. B. Encontros com Lícia do Prado Valladares: biografia, trajetória acadêmica e reflexões metodológicas sobre o seu trabalho de campo na Rocinha em 1967-1968. *Revista Antropolítica*, n44, Niterói, p282-313, 1 sem. 2018.
- DONAHUE, K. Anthony Leeds: beyond Brazil. *Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v.08.03: 807-830, set-dez, 2018.
- ELIAS, N. & SCOTSON, J. L. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar editor, 2000.
- FERES Jr., J. Evitando o debate público: os intelectuais universitários nos EUA do pós guerra. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, 16, 21-40, 2004
- FERRARO, A. R. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os censos? *Educ. Soc*, Campinas, vol23, n81, p21-47, dez. 2002.
- FIGUEIREDO, R. E. D. *Histórias de uma antropologia da “Boa Vizinhança”: um estudo sobre o papel dos antropólogos nos programas interamericanos de assistência técnica e saúde no Brasil e no México (1942-1960)*. Tese de doutorado apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP. Orientadora: Mariza Corrêa. 2009
- FOOTE-WHYTE, William “Treinando a observação participante”. In: Zaluar, A. (org.) *Desvendando*

máscaras sociais. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora. 2ª edição, 1943, 1980, pp. 77-86.

FOOTE-WHYTE, William. *Sociedade de esquina*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2005 [1943].

FRANK, A. G. Antropologia liberal versus antropologia da libertação, de André Gunder Frank. *Plural: antropologias desde America Latina y Caribe*. Ano 1, n2, julio-diciembre, 2018 [1969] 227-266.

FRÚGOLI, H. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, v.48, n1, p133-165. 2005.

GIL, J. G. Antropologia, espionaje y contrainsurgencia. Los debates sobre la etica en pesquisa en la antropologia norteamericana de la decada del sesenta. *Estudios en antropologia social – CAS/IDES*, vol 2, n1, 2012.

GOMES, A. de C. (org). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro, editora FGV, 2004.

GONÇALVES, R. S. *Favelas do Rio de Janeiro. História e direito*. Rio de Janeiro, Pallas, editora PUC-RJ, 2013.

HAGEN, Everett. 1957. “O processo de mudança”. In: DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1957, 1967, pp. 27-40.

HARRIS, Marvin. Entrevista concedida a Antonio Colaganni. Tradução: Juan Antônio Matesanz e Mario Merlino. *Nueva Sociedad*. Número 79, Setembro/Outubro, 1985. Disponível: http://prensahistorica.mcu.es/en/consulta/resultados_navegacion.cmd?posicion=2&forma=ficha&id=9. Acesso em: 3/6/2013. Também integra capítulo do livro: En: Leviatan: Revista de pensamiento socialista. - [Madrid: Fundación Pablo Iglesias, 1934-2001] = ISSN 0210-6337. - II Época, n. 20 (Verano 1985), p. 65-78

HEYMANN, L. Q. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Estudos Históricos*, 19, p41 – 65. 1997

HEYMANN, L. Q. Os fazimentos do arquivo Darcy Ribeiro: memória, acervo e legado. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n36, julho-dezembro, 2005, p 43-58.

HEYMANN, L. Q. *De arquivo pessoal a patrimônio nacional: reflexões sobre a construção social do legado de Darcy Ribeiro*. Tese apresentada ao Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro. Orientador: Ricardo Benzaquen de Araújo. Rio de Janeiro, 2009.

HILL, J. N. The committee on Ethics: past, present and future. In: Cassel, J. and Jacobs, S. (org) *Handbook of ethical issues in Anthropology*. American Anthropological Association, number 23, special issue. 1987. Disponível em: <http://www.americananthro.org/LearnAndTeach/Content.aspx?>

[ItemNumber=1942](#).

HOSELITZ, Bert “Os principais conceitos da análise das repercussões sociais da evolução técnica”. In: DURAND, J. C. G. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1963, 1967, pp. 41-64.

IGNACIO, J. de A. “Doutores”, mas “não cidadãos”? *Trajetórias de vida de egressos do ensino superior, moradores da favela do Jacarezinho. Rio de Janeiro de 2000 a 2009*. Tese de Doutorado. Programa de Pós graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social da PUC-Rio. Orientadora: Denise Pini Rosalem da Fonseca. Rio de Janeiro, maio de 2011.

JACKSON, J. “‘I am a fieldnote’ : Fieldnote as a symbol of professional identity” In: SANJEK, R. (ed.) *Fieldnotes. The making of anthropology*. Ithaca and London, Cornell University Press. 1990.

JACKSON, L. C. Divergências teóricas, divergências políticas: a crítica da USP aos estudos de comunidade. *Cadernos de campo*, São Paulo, n.18, pp.273-280. 2009.

JOFFILY, M. A política externa dos EUA, os golpes no Brasil, no Chile e na Argentina e os direitos humanos. *Topoi (Rio J.)*, Rio de Janeiro, v19, n38, p58-80, mai-ago, 2018

JOHNSON, A. & JOHNSON, O. R. “Quality into quantity: on the measurement potential of ethnographic fieldnotes” In: SANJEK, R. (ed.) *Fieldnotes. The making of anthropology*. Ithaca and London, Cornell University Press. 1990.

JORGENSEN, J. G. Sobre etica y antropologia. *Current Anthropology* 13(3) p 321-334. 1971 [1969].

JOSEPH, Isaac “A respeito do bom uso da Escola de Chicago”. In: VALLADARES, L. do P. (org.) *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, pp. 93-128. 1998, 2005.

JOSEPH, Isaac “A Escola de Chicago”. Entrevista concedida a Lícia do Prado Valladares e Roberto Kant de Lima. In: VALLADARES, L. do P. (org.) 2005. *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005, pp. 69-92.

KATZ, M. B. *The underserving poor. From the war on poverty to the war on welfare*. New York, Pantheon Books, 1989.

KEHÍRI, T. (Luiz Gomes Lana) e PĀRŌKUMU, U. (Firmiano Arantes Lana). Antes o mundo não existia. Mitologia dos antigos Desana-Kêhíripõrã. 2 edição. São João Batista do Rio Tiquié: UNIRT; São Gabriel da Cachoeira: FOIRN, 1995.

- LACERDA, A. L. e GIRÃO, A. L. Nota técnica – a trajetória do arquivo. *Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v08, n03: 1027-1058, set-dez 2018.
- LAMBERT, Jacques “Obstáculos ao desenvolvimento decorrentes da formação de uma sociedade dualista”. In: DURAND, J. C. G. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1960, 1967, pp. 65-72.
- LARCOM, J. Following Deacon: the problem of ethnographic reanalysis, 1926-1981. In: STOCKING JR, G. W. *Observers observed. Essays on ethnographic fieldwork*. Series: History of Anthropology v.1. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1983.
- LATOUR, B. ; WOOLGAR, S. *Vida de laboratório. A produção dos fatos científicos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1997.
- LATOUR, B. *Ciência em ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo, Editora UNESP, 2000.
- LEDERER, J. W., BURDICK, E. *The Ugly American*. New York, Fawcett Publications, inc. 1958.
- LEDERMAN, R. “Pretext for ethnography: on reading fieldnotes” In: SANJEK, R. (ed.) *Fieldnotes. The making of anthropology*. Ithaca and London, Cornell University Press. 1990.
- LEEDS, A.(org.). *Social structure, stratification, and mobility*. Washington, Department of Social Affairs-Pan American Union, 1967.
- LEEDS, Anthony & LEEDS, Elizabeth *A Sociologia do Brasil Urbano*. Rio de Janeiro, Zahar editora, 1978.
- LEEDS, A.; LEEDS, E. 2 edição. *A sociologia do Brasil urbano*. Org. Nísia Trindade Lima e Elizabeth Leeds. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2015.
- LEEDS, A. *Cities, classes and the social order*. Edited by Roger Sanjek. Ithaca and London, Cornell University Press, 1994.
- LEEDS, A. Quanto vale uma favela. *Sociologia e Antropologia*, Rio de Janeiro, v08.03: 831-848, set-dez, 2018.
- LEEDS, A. Ethics Report Criticized. *Newsletter*, vol 10, n6, june 1969.
- LEEDS, A. & VAYDA, A. (ed) *Man, culture, and animals. The role of animals in human ecological adjustment*. Washington, DC, American Association for the Advance of Science, publication number 78. 1967 [1965].
- LEEDS, E. Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira. In: ZALUAR, A. e ALVITO, M.

- (org.) *Um século de favela*. Rio de Janeiro, editora FGV, 1998.
- LEEDS, E. Anthony Leeds: antropologia das interações ecológicas e estudos urbanos. Entrevistas com Elizabeth Leeds e Luiz Antônio Machado. Entrevista concedida a Nísia Trindade Lima e Rachel de A. Viana. *Sociologia e Antropologia*, v08.03, set-dez 2018.
- LEWIS, O. *La vida, a puerto rican family in the culture of poverty*. San Juan and New York, Random House, 1965
- LIMA, Nísia V. T. *O movimento de favelados do Rio de Janeiro – políticas de estado e lutas sociais*. 233f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política). Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1989.
- LIMA, Nísia. V. T. *História das favelas e da sociologia do Brasil urbano: contribuições a seu estudo a partir da trajetória de Anthony Leeds*. Relatório final do projeto apresentado à FAPERJ na modalidade APQ1. Rio de Janeiro, RJ. 2011.
- LIMA, Nísia V. T. e MAIO, Marcos C. Tradutores, intérpretes ou promotores de mudança? Cientistas sociais, educação sanitária rural e resistências culturais (1940-1960). *Sociedade e Estado*. Brasília, v24, n2, p529-561, maio/ago. 2009.
- LIMA, Nísia V.T. e MAIO, Marcos C. Ciências sociais e educação sanitária: a perspectiva da Seção de Pesquisa Social do Serviço Especial de Saúde Pública na década de 1950. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v17, n2, abr/jun, p511-526. 2010.
- LIMA, N. T. e VIANA, R. de A. Entre latifúndios e favelas: o Brasil urbano no pensamento de Anthony Leeds. *Sociologia e Antropologia*. Rio de Janeiro, v.08.03, set-dez, 2018.
- LOPES, Juarez R. B. “A Escola de Chicago ontem e hoje. Um depoimento pessoal.” In: VALLADARES, L. do P. (org.) *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005, pp. 23-52.
- LOPES, T. da C. *Comunitarismo, sociologia rural e diplomacia cultural nas relações Brasil – EUA: ciência e reforma social em T. Lynn Smith e José Arthur Rios (1930-1950)*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História das Ciências e da Saúde. Orientador: Marcos Chor Maio. Rio de Janeiro, 2018.
- LOPEZ Y RIVAS, G. *Estudiando la contrainsurgencia de Estados Unidos: manuales, mentalidades y uso de la antropologia*. 2 edición ampliada. México, 2012. Disponível em: <http://www.rebelion.org/docs/157900.pdf>
- LOPEZ Y RIVAS, G. *Os Estados Unidos e a apropriação militar da antropologia*. Entrevista com

Gilberto López Y Rivas. <https://jornalgggn.com.br/blog/ricardo-cavalcanti-schiel/os-estados-unidos-e-a-apropriacao-militar-da-antropologia>. Acesso em 7/11/2018.

LUCIAK, I. A. Vision and reality. Axel Wenner-Gren, Paul Fejos and the origins of the Wenner-Gren Foundation for Anthropological research. *Current Anthropology*, vol 57, supplement 14, october, 2016.

MACHADO DA SILVA, L. A. A política na favela. *Dilemas: revista de estudos de conflito e controle social* – vol 4, n4, out-dez, 2011 [1967].

MACHADO DA SILVA, L. A. O significado do botequim. *América Latina*, Rio de Janeiro, v12, n3, p183-200, jul-set 1969.

MACHADO DA SILVA, L. A. Anthony Leeds: antropologia das interações ecológicas e estudos urbanos. Entrevistas com Elizabeth Leeds e Luiz Antônio Machado. Entrevista concedida a Nísia Trindade Lima e Rachel de A. Viana. *Sociologia e Antropologia*, v08.03, set-dez 2018.

MACHADO DA SILVA, L. A. *Mercados metropolitanos de trabalho manual e marginalidade*. Dissertação de mestrado apresentada no PPGAS da UFRJ. Rio de Janeiro, maio de 1971.

MACHADO DA SILVA, L. A. “Vida e morte da teoria da marginalidade” In: Konder, L., Cerqueira, G., Figueiredo, E. de L. *Por que Marx?* Rio de Janeiro, Graal, 1983.

MACHADO DA SILVA, L. A. “A partir do relatório da SAGMACS: as favelas, ontem e hoje”. In: MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012, pp. 51-64.

MACHADO DA SILVA, L. A. “Anthony Leeds visto por um filhote ligeiramente rebelde”. In: Leeds, A.; Leeds, E. 2 edição. *A sociologia do Brasil urbano*. Org. Nísia Trindade Lima e Elizabeth Leeds. Rio de Janeiro, Editora Fiocruz, 2015.

MAIO, Marcos Chor. *A história do projeto UNESCO: estudos raciais e ciências sociais no Brasil*. Tese (Doutorado em Ciência Política), Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 1997.

MAIO, M. C. E LIMA, N. T. Tradutores, intérpretes ou promotores de mudança? Cientistas sociais, educação sanitária rural e resistências culturais. *Sociedade e Estado*. Brasília, v24, n2, p529-561, maio/agosto, 2009.

MAIO, M. C. e OLIVEIRA, N. da S. Estudos de Comunidade e ciências sociais no Brasil. *Revista Sociedade e Estado*, vol.26, nº3, setembro/dezembro, 2011a, p.521 a 550.

_____. Ciências Sociais e saúde no ciclo de pesquisas no Vale do São Francisco (1950). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo, 2011b, pp. 1-

13.

MAGNANI, J. C. G. *A antropologia urbana e os desafios da metrópole*. Aula inaugural realizada em 10 de março de 2003 na FFLCH/USP. 2003.

MAGNANI, J. C. G. No meio da trama. A antropologia urbana e os desafios da cidade contemporânea. *Sociologia, problemas e práticas*, n60, p69-80. 2009.

MALINOWSKI, B. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro, Record, 1997.

MATTOS, A. B. de Antropologias em perspectiva: notas sobre as relações entre Estado e saber antropológico. *Campos*, 9(2): 43-67, 2008.

MELLO, J. O. B. de. “Urbanização sim, remoção não”. *A atuação da FAFEG nas décadas de 1960 e 1970*. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGH da UFF. Orientador: César Honorato. 2014.

MENDOZA, E. G. *Sociologia da antropologia no Brasil. A década de 1970*. 342f. Tese (Doutorado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2000.

MENDOZA, E. G. Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950). *Sociologias*, Porto Alegre, ano 7, n14, junho a dezembro, p440-470. 2005.

MITCHEL, R. C. Action Anthropology. *Lambda Alpha Journal of Man*, vol2, n2, p40-46, 1970.

NUNES, R. *Actas y memorias*. 37 Congreso Internacional de Americanistas. 1968.

OBERG, K. & RIOS, J. A. A community improvement project in Brazil. In: PAUL, B. D. *Health, culture and community*. New York, Russel Sage Foundation, 1955.

OLIVEIRA, R. C. de. *O trabalho do antropólogo*. 2 edição. Brasília: Paralelo 15; São Paulo, Editora UNESP, 2000.

OLIVEIRA, P. P. *Sociologia da fofoca: Notas sobre uma forma de narrativa do cotidiano*. 34 Encontro Anual da ANPOCS. ST Sociologia e Antropologia da Moral. 2010.

OTTENBERG, S. “Thirty years of fieldnotes: changing relationships to the text” In: SANJEK, R. (ed.) *Fieldnotes. The making of anthropology*. Ithaca and London, Cornell University Press. 1990.

PATTERSON, Thomas C. *A social history of anthropology in the United States*. Oxford, Berg/Oxford International Publishers Ltd, 2001.

PAUL, B. D. *Health, culture and community*. New York, Russel Sage Foundation, 1955

PAULA, L. R. de. Antropologia, desenvolvimento e EIA: a responsabilidade social do antropólogo revisitada. *Revista de Antropologia Social dos alunos do PPGAS – UFSCar*, vol 2, n2, jul-dez 2010,

p252 a 281.

PEIRANO, M. *A favor da etnografia*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1995.

PEREZ, M. D. *Estado da Guanabara: gestão e estrutura administrativa do Governo Carlos Lacerda*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História Social, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Orientadora: Marieta de Moraes Ferreira. Rio de Janeiro, 2005.

PERLMAN, J. *O mito da marginalidade. Favelas e política no Rio de Janeiro*. São Paulo, Paz e Terra, 2 edição, 1977.

PERROUX, F. 1962. “O desenvolvimento”. In: DURAND, J. C. G. 1967. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1962, pp. 17-26.

PESTANA, M. M. *A União dos Trabalhadores Favelados e a luta contra o controle negociado das favelas cariocas*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação em História da UFF. Orientador: Marcelo Badaró Mattos. Niterói, 2013.

PICHLER, W. A. Algumas observações sobre o conceito de marginalidade social. *Ensaio FEE*, v1-n1, Porto Alegre, 1980.

RIBEIRO, D. Por uma antropologia melhor e mais nossa. *Encontros com a Civilização Brasileira*, n15, p. 93 a 97, setembro de 1979.

RIBEIRO, D. *Diários Índios. Os Urubu-Kaapor*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

RIOS, José Arthur “Aspectos Humanos das Favelas Cariocas – 50 anos: uma avaliação”. In: MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012, pp. 35-50.

SAHLINS, M. Na ausência do campo metafísico: entrevista com Marshall Sahlins. Por Felipe Calvão e Kerry Chance. *Etnográfica*, vol X (2), 2006, p 385, 394.

SAHLINS, M. La destrucción de la conciencia em la academia nacional de las ciencias de ee uu.

Entrevista de Marshall Sahlins concedida a David H. Price. *Sin permiso*, março de 2013. Disponível em: <http://www.sinpermiso.info/textos/la-destruccion-de-la-conciencia-en-la-academia-nacional-de-las-ciencias-de-ee-uu-entrevista> 2013. Acesso em novembro de 2018.

SANJEK, R. (ed.) *Fieldnotes. The making of anthropology*. Ithaca and London, Cornell University Press. 1990.

SANJEK, R. “A vocabulary for fieldnotes” In: SANJEK, R. (ed.) *Fieldnotes. The making of*

anthropology. Ithaca and London, Cornell University Press. 1990b.

SANJEK, R. “The secret life of fieldnotes” In: SANJEK, R. (ed.) *Fieldnotes. The making of anthropology*. Ithaca and London, Cornell University Press. 1990c.

SANJEK, R. “The holistic anthropology of Anthony Leeds”. In: LEEDS, A. *Cities, classes and the social order*. Nova York: Cornell University Press. Edited by Roger Sanjek, 1994, pp. 27-45.

SANTA HELENA, A. K. V. *A construção da favela pela narrativa cinematográfica brasileira: uma análise de Rio, 40 graus e de Alemão*. Trabalho apresentado no GT História da Mídia Audiovisual e Visual integrante do 10 Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

SANTOS, B. de S. *O direito dos oprimidos: sociologia crítica do direito*. Parte 1. São Paulo, Cortez, 2014.

SANTOS, B. de S. *Boaventura de Souza Santos (depoimento, 2009)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV; LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL, 2010. 41p.

SANTOS, E. F. N. dos. *E por falar em FAFERJ... Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro (1963-1993). Memória e história oral*. Dissertação de mestrado em Memória Social. UNIRIO. Orientadora: Regina Marteleto. 2009.

SANTOS, T. dos. *A teoria da dependência. Balanço e perspectivas*. Mimeo. Niterói, novembro de 1998.

SCHROEDER, P. A antropologia do desenvolvimento: é possível falar de uma subdisciplina verdadeira? *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, 1997, v40, n2.

SCHROEDER, P. Orientações éticas para a antropologia prática: o caso de uma associação profissional na Alemanha. *Revista Antropológicas*, ano 11, volume 18(2): 271-292, 2007

SIEBER, R. T. “The life of Anthony Leeds: unity in diversity”. In: LEEDS, A. *Cities, classes and the social order*. Nova York: Cornell University Press. Edited by Roger Sanjek, 1994, pp. 3-26

SILBERSTEIN, P. Favela Living: personal solution to larger problems. *América Latina*, Rio de Janeiro, v12, n3, p183-200, jul-set 1969

SILVA, T. C. da O fazer antropológico e a responsabilidade social de seus praticantes: algumas considerações iniciais. *Sociedade e Cultura*, v6, n1, jan/jun 2003 p9-12.

SILVA, M. A. M. da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Orientadora: Elide Rugai Bastos. 2013.

SIMMEL, G. A sociologia do segredo e das sociedades secretas. *Revista de Ciências Humanas*,

- Florianópolis, EDUFSC, vol 43, n1, abril 2009 p 219-242. Tradução S. C. Maldonado.
- SOLOVEY, Project Camelot and the 60's epistemological revolution: rethinking the politics-patronage-social science nexus. *Social Studies of Science*, vol 31. n2, *Science in the Cold War*, abril 2001, p 171-206.
- SORÁ, G. Edición y política. Guerra Fría en la cultura Latinoamericana de os años '60. *Revista del Museo de Antropologia* 1(1): 97-114, 2008.
- STAVENHAGEN, R. Sete teses equivocadas sobre a América Latina. In: Durand, J. C. G. *Sociologia do Desenvolvimento*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967 [1965].
- STOCKING Jr., G. W. *Franz Boas. A formação da antropologia americana: 1883-1911*. Rio de Janeiro, Editora Contraponto; UFRJ, 2004.
- STOCKING JR, G. W. *Glimpses into my own black box. An exercise in self-deconstruction*. Series: History of Anthropology v.12. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 2010.
- STOCKING JR, G. W. *Observers observed. Essays on ethnographic fieldwork*. Series: History of Anthropology v.1. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1983.
- STOCKING JR, G. W. *The ethnographer's magic and other essays on the history of anthropology*. Wisconsin, The University of Wisconsin Press, 1992.
- TAX, S. Pride and puzzlement: a retro-introspective record of 60 years of anthropology. *Annual Review Anthropology*, 1988. 17: 1-22. 1988.
- VALLADARES, Lícia do Prado. *Passa-se uma casa. Análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. 2 edição. Rio de Janeiro, Zahar editores, 1978.
- VALLADARES, Lícia do Prado *A invenção da favela: do mito de origem à favela.com*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005a.
- VALLADARES, L. do P. (org.) *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005b.
- VALLADARES, Lícia do Prado “A descoberta do trabalho de campo em ‘Aspectos Humanos da Favela Carioca’”. IN: MELLO, M.A.S., MACHADO DA SILVA, L. A., FREIRE, L. de L. SIMÕES, S. S. (orgs.) *Favelas cariocas. Ontem e Hoje*. Rio de Janeiro, Garamond, 2012, pp. 65-100.
- VALLADARES, L. do P. “Anthony Leeds e as favelas do Rio de Janeiro”. Comunicação apresentada no seminário *O Rio que se queria negar: as favelas do Rio de Janeiro no acervo de Anthony Leeds*, realizado do Museu da República, no dia 22 de setembro de 2015.
- VALLADARES, L. do P. Anthony Leeds: o esquecimento e a memória. *Sociologia e Antropologia*,v8,

03: 1027-1058, set-dez. 2018

VALLADARES, L. do P. *Lícia do Prado Valladares (depoimento, 2013)*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, LAU/IFCS/UFRJ; ISCTE/IUL; IIAM, 2013. 37p.

VELHO, Gilberto “Reflexões sobre a Escola de Chicago”. In: VALLADARES, L. do P. (org.) *A Escola de Chicago. Impacto de uma tradição no Brasil e na França*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2005, pp. 53-68.

VELHO, Gilberto. Antropologia urbana. Encontro de tradições e novas perspectivas. *Sociologia, problemas e práticas*, n 59, 2009, p 11-18.

VELHO, Gilberto. Antropologia Urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento. *Mana* 17(1): 161-185, 2011.

VIANA, Rachel de A. *Antropologia, desenvolvimento e favelas: a atuação de Anthony Leeds na década de 1960*. 210 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências), Casa de Oswaldo Cruz – Fiocruz. Orientadora: Nísia Trindade Lima. Rio de Janeiro, RJ, 2014.

VILLAS BÔAS, G. Por que rever mais uma vez o conceito de marginalidade estrutural de L. A. Costa Pinto? *Perspectivas*, São Paulo, v28, jul-dez 2005, p 79-103. Também disponível em: http://www.nusc.ifcs.ufrj.br/costa_pinto.pdf

WAGLEY, C. AZEVEDO, T., COSTA PINTO, L. A. *Uma pesquisa sobre a vida social no estado da Bahia*. Museu do Estado da Bahia, Secretaria de Educação e Saúde do Estado da Bahia, 1950.

WAX, M. L. Some issues and sources on ethics in Anthropology. In: Cassel, J. and Jacobs, S. (org) *Handbook of ethical issues in Anthropology*. American Anthropological Association, number 23, special issue. 1987. Disponível em: <http://www.americananthro.org/LearnAndTeach/Content.aspx?ItemNumber=1942>.

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, ano 15, n 32, p157-170, jul/dez. 2009.

ZALUAR, A. *A máquina e a revolta. As organizações populares e o significado da pobreza*. São Paulo, editora brasiliense. 2000.

ZALUAR, A. e ALVITO, M.(org.) *Um século de favela*. Rio de Janeiro, editora FGV, 1998.

ZENOBI, D. O antropólogo como espião: das acusações públicas à construção das perspectivas nativas. *Mana* 16(2): 471-499, 2010.

FONTES PRIMÁRIAS

Capítulo 1

- Leeds, A. *The whippoorwill*. Sem data. NAA/Anthony Leeds Papers/ series 6/ subseries biographical materials/ box 33/ The whippoorwill.
- Leeds, A. Texto sem título, sem data. NAA/Anthony Leeds Papers/series 6/subseries biographical materials/box 33/miscellaneous with biographical content
- Leeds, A. 1984. *Draft autobiography*. NAA/Anthony Leeds Papers/series 6/subseries biographical materials/Box 33/ Draft Autobiography.
- Carta de Anthony Leeds para Dr Smith [NSF], 14/12/11964. NAA/Anthony Leeds Papers/ series 5 / subseries general/ Box 30/Grant Applications.
- Carta de Eric Wolf para Anthony Leeds. 10/9/65. NAA/Anthony Leeds Papers/ series 5 / subseries general/ Box 30/ Ethics.
- Carta de Anthony Leeds para Eric Wolf, 7/10/65. NAA/ /Series 5/Subseries General/Box 30/Ethics
- Anthony Leeds: Vita. Fall, 1983*. NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 6/Subseries biographical materials/ Box 33/Curriculum Vitae
- NAA/Anthony Leeds Papers/ Series 5/Subseries General/ Box 30/ Grant Applications
- Carta de Larry Salmen para Anthony Leeds, 10/6/68. BR RJ COC LE DP IC 01.
- Carta de Anthony Leeds para Larry Salmen, 8/10/68. BR RJ COC LE DP IC 01
- Carta de Anthony Leeds para Theo Crevenna, 2/10/68. BR RJ COC LE DP IC 01
- Carta de Anthony Leeds para Larry Salmen, 30/3/1969. BR RJ COC LE DP IC 01.
- Carta de Larry Salmen para Anthony Leeds. 16/2/68. BR RJ COC LE DP IC 01.
- Carta de Anthony Leeds para Larry Salmen, 27/6/68. BR RJ COC LE DP IC 01.
- Contract between the USA and Anthony Leeds*. 4/4/66. NAA/ Anthony Leeds Papers/ series 5 /subseries/General/Box 30/ AID.
- Carta de Robert Murphy para A. Leeds, 28/4/66. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5/Subseries General /Box 30/Ethics
- Correspondência A.Leeds/Eric Wolf, 10/9/65 e 7/10/65. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5/Subseries General /Box 30/Ethics
- Carta de Stephen Boggs para A. Leeds, 12/7/66. NAA/ Anthony Leeds Papers/ Series 5/Subseries General /Box 30/Ethics
- Suplemento JB, 19/6/1969. BR RJ COC LE DP PP 40.

Carta de Paulo Ayres Filho para Joseph Blatchford, presidente da Action International. 28/2/1966 [Anexo ao projeto ACB, de 25/3/1966]. BR RJ COC LE DP IC 01.

Projeto ACB, 25/3/1966. BR RJ COC LE DP IC 01.

Projeto Piloto BEMDOC, Nov 65. BR RJ COC LE RI 02.

Plano de Trabalho do Departamento de Estudos Científicos – fevereiro a dezembro de 1966. Sem data [data provável: dez/1965 a jan/1966]. BR RJ COC LE RI 02.

Aide Memoire [UN], 5/10/1967. BR RJ COC LE DP DR 01.

Boletins da ACB. BR RJ COC LE DP PP 39.

Trabalho da IV Equipe de Campo [BEMDOC] – *Morro do Borel*. Sem data [Data provável: 1966]. BR RJ COC LE DP PP 03 V1.

Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/1968. BR RJ COC LE DP IC 01.

Avaliação do Bemdoc feita por Anthony Leeds, abril/maio de 1966. BR RJ COC LE RI 02.

Carta de Leeds para R. J. Crooks, 27/11/1967. BR RJ COC LE DP IC 01.

Sumário do Projeto Piloto BEMDOC, maio de 1966. BR RJ COC LE DP RI 02.

Plano Piloto BEMDOC – Plano Geral de Ação, novembro de 1965. BR RJ COC LE RI 02.

Trabalho da III equipe de campo [BEMDOC] – *Turano/Liberdade*. Nov 65. BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

Fact Sheet [BEMDOC] – *Morro da Liberdade*, novembro de 1965. BR RJ COC LE DP PP V11.

Exposição sobre “Nova Brasília” [BEMDOC], sem data [data provável: 1966]. BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

Nota de campo de Peggy Rockefeller, Nova Brasília, 8/7/?, DP PP 03 V6.

Nota de campo de Peggy e Ina, Nova Brasília, de 5/8/66, BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

Carta de Patrick Crooke [UN] para A. Leeds, 7/8/68. BR RJ COC LE DP IC 01.

Pilot Programmes in Low Income Settlement, de julho de 1968 [Anexo à carta de Patrick Crooke encaminhada a A. Leeds em 7/8/1968]. BR RJ COC LE DP IC 01.

História de Nova Brasília, construção de uma escola no Alto da Alvorada, de autoria de Heloísa, moradora de Nova Brasília, 4 e 7/7/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

Establishment of a Center for training and research in urban community action [ACB], 27/3/67. BR RJ COC LE DP PP 35 V1

Curso Básico de Ação Comunal – Programa [ACB]. BR RJ COC LE DP RA 01.

Carta de A. Leeds para Sarah Allensworth, 29/10/68, 16/10/68, BR RJ COC LE DP IC 01.

Outros dossiês consultados para este capítulo:

BR RJ COC LE DP PP 16,

BR RJ COC LE DP PP 35V1.

BR RJ COC LE DP PP 39.

BR RJ COC LE DP PP 40.

Capítulo 2

Leeds, A. 1984. *Draft autobiography*. NAA/ Anthony Leeds Papers/series 6/subseries biographical materials/Box 33/ Draft Autobiography.

Draft of a research proposal. Social change through the acceptance of innovation in undeveloped countries, Janeiro de 1965. NAA/Anthony Leeds Papers/ series 5/ subseries general/ Box30/ Grant Applications.

Plano de Trabalho – Departamento de Estudos [BEMDOC] – fevereiro a dezembro de 1966. Sem data [data provável: dez/65 a jan/66]. BR RJ COC LE RI 02.

The favelas. Serfa and Roquete Pinto and reflections on their urbanization. David W. Jones, Peace Corps Volunteer. 18/11/65. BR RJ COC LE DP PP 03 V9.

Salgueiro, Robert Jones, PCV Guanabara, julho de 1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V9.

Cruzada São Sebastião. Favela de Parada de Lucas, sem data, Marianne Fedo, PCV. BR RJ COC LE DP PP 03 V7.

“Favelado” as community developer. Turano, 6/10/1965, Barry Nathan, PCV. BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

Favela – Jacarezinho. James Wygand, 8/6/1965. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Reflexões sobre urbanização das favelas e desenvolvimento de comunidade, agosto de 1965, Judy Williams. BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

Morro do Borel, 1/9/65, Judith Hoenack. BR RJ COC LE DP PP 03 V7.

Brazil Course, sem data. NAA/ Anthony Leeds Papers/Series 4/Subseries Teaching Materials/Box 25/Brazil and Latin American courses

Recibo de pagamento da associação de moradores em nome de Anthony Leeds. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Notas de campo de Anthony Leeds: 10/11/65, 17/11/65, 9/12/65, 15/12/65, 23/2/66, 9/3/66, 5/6/66, 5/7/66, 17/8/1966, 16/12/1966, 17/8/66, 29/8/67 e 12/6/68.

Nota de campo E. Leeds, sem data, Jacarezinho. BR RJ COC LE DP PP 03 V4

Notas de campo David Morocco: *Pic Nic Não Tem Mosquito* – 1/5/1966, 22/6/67, 4/7/67, 7/7/1967. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Notas de campo Peggy Rockefeller: 20/6/67, 21/6/67, 30/6/67, 7/7/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Nota de campo Peggy e David, 24/6/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Carta de Ernani a A. Leeds, 23/10/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Carta de Lucy Schmidt, 9/11/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Carta de Maria Schmidt Paiva, 23/11/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Capítulo 3

Carta de Flávio Romano para A. Leeds, sem data, BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Mapa de relações feito por Anthony Leeds, sem data. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Pessoas de importância política no Jacarezinho. Tabela feita por Ken Erickson, sem data. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Carta de A. Leeds para Patrick Crooke, 16/10/1968, BR RJ COC LE DP IC 01.

Carta da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho para a CRF. 13 de abril de 1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Panfletos das chapas verde e azul para a eleição da associação de moradores do Jacarezinho. BR RJ COC LE DP P 03 V4.

Notas de campo de Anthony Leeds: sem data, 10/11/65, 17/11/65, 9/12/65 e 15/12/65, 23/2/66, 9/3/1966, 18/4/66, 23/4/66, 5/6/66, 5/7/1966, 17/8/1966, 16/12/1966, 29/8/67, 31/8/67, 11/6/68, 12/6/68 e 28/8/69. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Notas de campo de E. Leeds: sem data – Jacarezinho – BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Notas de campo de David Morocco: 20/6/67, 22/6/67, 4/7/1967, 7/7/67, 11/7/67 e 28/7/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Notas de campo de Peggy Rockefeller: 20/6/67, 21/6/67, 30/6/67 e 7/7/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4

Notas de campo Peggy Rockefeller e David Morocco: 20/6/67; *Jacarezinho: Festa de São João. Peggy and David* – 24/6/1967. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Nota de campo de Paul Silberstein: *Jac. From notes of Paul's edited*, sd. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Nota de campo Peggy Rockefeller e Janice Perlman: 15/1/69. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Nota de campo Ken Erickson, 12/12/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Capítulo 4

Carta de morador para o diretor da Secretaria de Serviços Públicos. Sem autoria. Sem data. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Relatórios de reunião de moradores: 6/4/66 e de 9/4/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Recibo de luz em nome de Flávio Romano, 22/3/65. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Carta de Flávio Romano para Peggy Rockefeller, 20/9/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Nota de campo de Peggy, Ina, Flávio, Machado e Paul. Interlocutor: Seu Apolônio. Nova Brasília, 19/8/?. BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

Nota de campo de Flávio, Machado, Peggy e Ina. Nova Brasília, 19/8/?. BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

Carta de Virgina Lampe para os Leeds, 16/01/67. BR RJ COC LE VP RS 05.

Pessoas de importância política no Jacarezinho. Tabela feita por Ken Erickson, sem data. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Relatório da primeira reunião realizada em 6/4/66 na escola da Dona Olívia. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Relatório da segunda reunião dia 9/4/66 BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Carta da Associação Pró Melhoramentos do Jacarezinho para a CRF, 13 de abril de 66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Listagem com os nomes de representantes da Rua Monsenhor Távora, 23/3/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Relatório da reunião com a XII Região Administrativa do Méier, 18/8/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Circular da Secretaria de Serviços Sociais do Estado da Guanabara, 6/9/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Carta de Padre Nelson aos moradores, 25/4/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Cartas de Flávio Romano para A. Leeds - julho de 1966, 20/09/66, 2/10/66, 3/10/66, 14/10/66, 21/10/1966, 1/11/66, 24/11/66, 10/1/1967, BR RJ COC LE DP PP 03 V4. 27/5/1967, BR RJ COC LE VP RS 05.

Histórico do Jacarezinho, texto de Flávio Romano, 17/9/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Eleição realizada dia 26-6-1966, texto de Flávio Romano, 27/6/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Favela, texto de Flávio Romano, 23/11/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Realidades brasileira do problema favela. Sem data. Sem autoria [autoria provável: Flávio Romano]. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Relatório da 2 reunião na igreja, texto de F. Romano, 21/9/66. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Reunião no salão social da Igreja Santa Rita de Cássia, texto de Romano 10/10/1966. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Divisão de votos no Jacarezinho. Texto de Flávio Romano, sem data. BR RJ COC LE DP PP 03 V4.

Leeds, A. *Process, structure and differentiation in cities and society*. Mimeo, sd. BR RJ COC LE DP DR 01.

Relatórios de visita ACB, de Flávio Romano:

Fernão Cardim, 28/12/66 e Guararapes, 4/1/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V3.

Morro dos Urubus, 3/12/66 e Morro do Sossego, 3/1/1967. BR RJ COC LE DP PP 03 V6.

Parque União, 30/12/1966 e Pavão-Pavãozinho, 3/1/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V7.

Vila Cândido, 4/1/67. BR RJ COC LE DP PP 03 V11.

FONTES ORAIS

Entrevista de Elizabeth Leeds concedida a Nisia Lima, 2011.

Entrevista de Elizabeth Leeds concedida a Rachel Viana. Brookeline – MA, novembro de 2017.

Entrevista de Luiz Antônio Machado da Silva concedida a Rachel Viana. Rio de Janeiro, agosto de 2017.

Entrevista de Luiz Antônio Machado da Silva concedida a Nísia Lima e Rachel Viana. Rio de Janeiro, maio de 2018.

Entrevista de James Wygand concedida a Rachel Viana. São Paulo, abril de 2019.